

REVISTA DO MUSEU
DE
ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

As Práticas Mortuárias
na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C.

Camila Diogo de Souza



REVISTA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Comissão Editorial

Astolfo Gomes de Mello Araujo
Camilo de Mello Vasconcelos
Fabíola Andréa Silva
Maria Isabel D'Agostino Fleming

Editora Responsável

Maria Isabel D'Agostino Fleming

Conselho Editorial

Ana Mae Tavares Barbosa	Kabengele Munanga
Antonio Porro	Lux Vidal
Augusto Titarelli	Maria Luiza Corassin
Aziz N. Ab'Saber	Maria Manuela Carneiro da Cunha
Carlos Serrano	Maria Margareth Lopes
Fábio Leite	Niède Guidon
Felipe Tirado Segura	Noberto Luiz Guarinello
Gabriela Martin D'Ávila	Pedro Ignácio Schmitz
Igor Chmyz	Pedro Paulo Abreu Funari
Jacyntho Lins Brandão	Rudolf Winkes
José Antonio Dabdab Trabulsi	Solange Godoy

Pede-se permuta
We ask for exchange



Av. Prof. Almeida Prado, 1.466
Cidade Universitária – São Paulo, SP
CEP 05508-900 – Fax 3091-4977
<http://www.mae.usp.br> – revmae@edu.usp.br

Capa: Tirinto, T. 1971/1. Foto da sepultura aberta. GERCKE, P und HIESEL, G. *Tiryns VIII*. Taf. 31, 2.
(N 1971-014-14 – Cortesia do DAI)

REVISTA DO MUSEU
DE
ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

As Práticas Mortuárias
na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C.

Camila Diogo de Souza

Suplemento 13

2011

SÃO PAULO, BRASIL

Ao Prof. Dr. Robin Hägg.

Agradecimentos

A necessidade de concisão dos agradecimentos apresentados para a publicação não faz jus à gratidão às pessoas aqui mencionadas que desempenharam, por um lado, um papel fundamental na execução prática de um trabalho imenso, difícil e, à primeira vista, impossível; e, por outro lado, em diferentes momentos, proporcionaram formas diversificadas de apoio emocional, igualmente vitais para a realização de uma tese de doutorado. Meu profundo agradecimento à Profa. Dra. Haiganuch Sarian, minha orientadora, que me acompanhou, auxiliou e abriu portas para que eu conseguisse desenvolver tal pesquisa. Da mesma forma, agradeço imensamente a pessoa que considero meu co-orientador, responsável pela escolha do tema, que, desde o início, incentivou e colaborou intensamente para que sua própria pesquisa tivesse continuidade. Ao Prof. Dr. Robin Hägg meus sinceros agradecimentos repletos de admiração profissional e de carinho pessoal. À Profa. Dra. Elaine F. V. Hirata pela formação acadêmica, pela confiança e incentivo e pelas contribuições críticas ao trabalho, inclusive pelos comentários apresentados na defesa do doutorado, pelos quais agradeço também ao Prof. Dr. Álvaro H. Allegrette, Prof. Dr. Fábio V. Cerqueira e Prof. Dr. Norberto L. Guarinello.

Agradeço também à Dra. B. Wells (*in memoriam*), ao Prof. Dr. A. M. Snodgrass, E. Pappi, L. Hapiot, Dra. A. Papadimitriou, Prof. Dr. P. Gercke, Prof. Dr. Y. Garland, Prof. Dr. J.-F. Bommelaer, Profa. Dra. C. Morgan, Prof. Dr. J. Maran, Dra. A.-L. Schallin, Prof. Dra. E. French, Prof. Dr. J. Whitley, Dra. A. Pariente, A. Philippa-Touchais, Prof. Dr. J.-M. Luce, Prof. Dr. D. Mulliez, G. Panitskas, L. Trouki, E. Platanitou, Y. Logelin, Ph. Pistikidis, H. Clark, V. Tzvara, R. Pitt, A. Kakissis, Dra. M.-F. Billot, Prof. Dr. P. Carlier (*in memoriam*), Prof. Dr. F. DePolignac, Y. Khronis, Kh. Vlachos, V. Kosmopoulos, V. Giannopoulos, M. Palaiodimou e V. Mavroth pelo apoio e contribuições à pesquisa das formas mais variadas, de um lado, discussões acadêmicas, críticas, comentários e sugestões, fornecimento de artigos, troca de informações e análises inéditas e, de outro, todo auxílio e a viabilização burocrática prestados no estudo de material inédito nas reservas técnicas dos museus, arquivos manuscritos e bibliotecas e em questões práticas fundamentais na realização da pesquisa de doutorado durante os estágios no exterior, como hospedagem. Particularmente, sou grata à gentileza dos pesquisadores e seus respectivos centros de pesquisa que forneceram os negativos para a presente publicação, incluindo os responsáveis pelos arquivos dos respectivos centros: ao Prof. Dr. R. Hägg e ao Instituto Sueco de Atenas (Swedish Institute at Athens – SIA), ao Prof. Dr. Yvon Garland e ao Prof. Dr. J.-F. Bommelaer e à Escola Francesa de Atenas (École française d’Athènes – EfA), ao Prof. P. Gercke e ao Prof. Dr. J. Maran e ao Instituto Alemão de Atenas (DAI), à Profa. Dra. E. French e à Escola Britânica de Atenas (British School at Athens – BSA) e à E. Pappi e à Eforia de Náuplia (Δ’ΕΦΟΡΕΙΑ ΠΡΟΪΣΤ. & ΚΛΑΣ. ΑΡΧ/ΤΩΝ ΝΑΥΠΛΙΟ – Δ’ΕΠΚΑ Μουσείο Ναυπλίου).

Sou profundamente grata aos meus amigos e familiares que, também de diversas maneiras, ofereceram apoio e suporte intelectual e emocional em vários momentos cruciais da pesquisa. Para meu querido e eterno companheiro, Gabriel de C. G. Castanho, à Carolina K. B. Dias, eterna amiga e companheira de trabalho, por sua contribuição fundamental à tese, aos meus estimados pais, Vera A. L. de Sousa e Dalton D. Souza, meus avós, Jorge Liveraro (*in memoriam*) e Ilydia D. Liveraro, à Yara M. C. de Carvalho, ao amigo Gilberto S. Francisco pelos desenhos dos vasos, Suzana Melo, Ana Paula e Sandro Venturi, Maria Theodosi, Eleftheria Pinakoulaki, Olavo A. G. Castanho, Maria de Lourdes C. de Carvalho, Emiliano Lima, Paula F. Argôlo e Cíntia A. Gama. Agradeço também aos funcionários do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE / USP), em especial à Denise Dal Pino pela elaboração dos mapas e plantas e aos docentes e responsáveis pelo Programa de Pós-graduação que apoiam e incentivam a publicação das teses do MAE. Finalmente, à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), pelo imprescindível suporte financeiro durante os quatro anos de pesquisa de doutorado.

Índice

Agradecimentos	7
Prefácio.....	13
Abreviaturas.....	15
I) Periódicos.....	15
II) Obras específicas	15
III) Cronologia / Períodos e subperíodos abordados	15
Referências das Figuras.....	16
Referências das Tabelas	19
Referências dos Gráficos	22
Referências dos Mapas e Plantas.....	23
Fig. 1 – Quadro cronológico comparativo da Idade do Ferro para as regiões da Ática e da Argólida, segundo A. M. Snodgrass	24
Fig. 2 – Quadro cronológico comparativo do Período Geométrico na Argólida (cerâmica argiva), segundo P. Courbin e J. N.....	25
Introdução	27
Capítulo 1	
A Arqueologia das Práticas Mortuárias: fundamentos e perspectivas.....	39
I) O termo <i>Arqueologia das Práticas Mortuárias</i> e seus usos. Quando, onde, por quê?.....	39
II) A reprodução das relações sociais nos contextos funerários. Os pressupostos da Nova Arqueologia.....	41
III) A representação das relações sociais nos contextos funerários. Os fundamentos da Arqueologia Contextual.....	45
IV) A morte e as visões da Antropologia, da História e da Semiologia.....	47
V) Padrões de Representação? Os mortos, a ideologia e a estatística. Interações e perspectivas.....	51
VI) Conclusões: os mortos e a organização da sociedade. Mundos congruentes ou divergentes?	56
Capítulo 2	
Os contextos funerários da Argólida: metodologia de análise.....	61
I) A elaboração e a organização do <i>corpus documental</i>	61
II A classificação e os critérios de análise do <i>corpus documental</i>	65

- Informações Gerais	65
Idade / Gênero e as relações com os Tipos de Sepultura	66
Orientação e Posição do corpo	69
- O Mobiliário Funerário	74
- Localização. Pensando o espaço dos mortos.	82

Capítulo 3

Analizando os dados: a abordagem intrassítio	85
Argos.....	85
1) Informações Gerais.....	86
1.1) Campanhas da EfA.....	86
1.2) Campanhas do SGA.....	87
2) Idade / Gênero e as relações com os Tipos de Sepultura	88
2.1) Campanhas da EfA	88
2.2) Campanhas do SGA.....	90
2.3) Reunindo os dados das campanhas da EfA e do SGA	93
3) Orientação e Posição do corpo.....	97
3.1) Campanhas da EfA e do SGA	97
4) O Mobiliário Funerário.....	101
4.1) Características da produção cerâmica argiva.....	101
4.2) Características dos artefatos em metal.....	121
4.3) O mobiliário e as relações com idade e tipo de sepultura	126
5) Localização. Pensando o Espaço dos Mortos.....	135
Tirinto	146
1) Informações Gerais	146
2) Idade / Gênero e as relações com os Tipos de Sepultura.....	147
3) Orientação e Posição do corpo.	150
4) O Mobiliário Funerário.....	152
4.1) Características da produção cerâmica de Tirinto.	152
4.2) Características dos artefatos em metal.	155
4.3) O mobiliário e as relações com idade e tipo de sepultura.	156
5) Localização. Pensando o Espaço dos Mortos.....	160
Asine.	164
1) Informações Gerais	165
2) Idade / Gênero e as relações com o Tipo de Sepultura.	165
3) Orientação e Posição do corpo.	167
4) O Mobiliário Funerário.....	171
4.1) Características da produção cerâmica de Asine.....	171
4.2) Características dos artefatos em metal.	172
4.3) O mobiliário e as relações com idade e tipo de sepultura.	173
5) Localização. Pensando o Espaço dos Mortos.....	175

Micenas.....	177
1) Informações Gerais.....	177
2) Idade / Gênero e as relações com o Tipo de Sepultura.....	177
3) Orientação e Posição do corpo.....	181
4) O Mobiliário Funerário.....	182
4.1) Características da produção cerâmica de Micenas.....	182
4.2) Características dos artefatos em metal.....	184
4.3) O mobiliário e as relações com idade e tipo de sepultura.....	184
5) Localização. Pensando o Espaço dos Mortos.....	188
Náuplia.....	190
1) Informações Gerais.....	190
2) Idade / Gênero e as relações com o Tipo de Sepultura.....	191
3) Orientação e Posição do corpo.....	194
4) O Mobiliário Funerário.....	195
4.1) Características da produção cerâmica de Náuplia.....	195
4.2) Características dos artefatos em metal.....	196
4.3) O mobiliário e as relações com idade e tipo de sepultura.....	196
5) Localização. Pensando o Espaço dos Mortos.....	197
Lerna / Myloi.....	198
1) Informações Gerais.....	198
2) Idade / Gênero e as relações com o Tipo de Sepultura.....	198
3) Orientação e Posição do corpo.....	200
4) O Mobiliário Funerário.....	201
4.1) Características da produção cerâmica de Lerna.....	201
4.2) Características dos artefatos em metal.....	202
4.3) O mobiliário e as relações com idade e tipo de sepultura.....	202
5) Localização. Pensando o Espaço dos Mortos.....	203
Capítulo 4	205
Interpretando dos dados: a abordagem intersítio.....	205
I) O Submicênico. “Continuidades e rupturas”, elementos contraditórios ou complementares?.....	205
II) O Protogeométrico. Momento de experimentações.....	213
III) O início do Período Geométrico: o Geométrico Antigo e a consolidação de uma nova ordem social.....	218
IV) O Geométrico Médio. O processo de intensificação da ostentação.....	221
V) O Geométrico Recente. Renascimento ou reafirmação?.....	224
Considerações Finais.....	231
Mapa 1.....	234
Mapa 2.....	235
Mapa 3.....	236
Mapa 4.....	237

Mapa 5	238
Mapa 6	239
Mapa 7	240
Mapa 8	241
Mapa 9	242
Planta 1	243
Planta 2	244
Planta 3	245
Planta 4	246
Legendas dos Mapas e Plantas.....	247
Legenda do Mapa 3.	247
Legenda do Mapa 4.	249
Legenda Mapa 5.	249
Legenda Mapa 6.	250
Legenda Mapa 7.	251
Legenda Mapa 8.	252
Legenda Planta 1.	253
Legenda Planta 2.	254
Legenda Planta 3.	254
Legenda Planta 4.	254
Referências Bibliográficas.....	255
A) Fontes Antigas.....	255
B) Crônicas, Relatórios e Artigos em periódicos e Publicações sistemáticas sobre os túmulos da Idade do Ferro nos sítios da Argólida utilizados na elaboração do Catálogo.	255
B.1) Geral (para todos os sítios):	255
B.2) Argos.....	256
B.3) Tirinto.....	258
B.4) Asine.	260
B.5) Micenas.....	260
B.6) Náuplia.....	261
B.7) Lerna / Myloi.....	261
C) Bibliografia Geral.....	261
ANEXO – Listagem de contextos funerários catalogados.....	279
Argos. Campanhas da EfA.....	279
Argos. Campanhas do SGA.	286
Tirinto.....	301
Asine.	307
Micenas.	311
Náuplia.	313
Lerna / Myloi.....	314
Argos. Campanhas do SGA.	316

Prefácio

Este livro é o resultado da minha tese de doutoramento defendida em julho de 2010. A pesquisa teve como objetivos o levantamento, a reunião, a catalogação e a análise sistemática da cultura material proveniente dos contextos funerários dos principais sítios da região da Argólida, Grécia (Mapa 1), datados da Idade do Ferro, isto é, entre os séculos XI e VIII a.C. A região da Argólida apresenta um quadro particularmente rico e único no que diz respeito aos vestígios funerários que, por sua vez, constituem um material potencialmente fértil para diferentes leituras e interpretações. Seis sítios foram selecionados para análise: Argos, Tirinto, Asine, Micenas, Náuplia e Lerna / Myloi (Mapa 2) e um total de 826 sepulturas forma o *corpus documental* inédito elaborado durante a pesquisa. Tal *corpus* apresenta duas partes: um catálogo efetuado em Word, contendo uma descrição exaustiva das informações sobre os contextos funerários, e uma base de dados elaborada em Excel e outra em FileMaker, que possibilita a classificação e viabiliza diferentes abordagens teórico-metodológicas oferecidas pelo extenso material catalogado.

Nossa primeira proposta de leitura deste vasto material privilegia o exame dos diversos aspectos das práticas funerárias (como, por exemplo, a análise dos tipos de sepultura relacionados com os atributos idade e gênero, ou o exame das oferendas depositadas com o morto) por sítio e por subperíodos da Idade do Ferro. Em um segundo momento, a partir dessa análise mais específica do material, optamos por uma abordagem comparativa dos dados entre os sítios estudados. Tal abordagem permitiu definir padrões de enterramento e de comportamento sociocultural característicos de cada subperíodo da Idade do Ferro, visualizando similaridades, especificidades e transformações, e proporcionou também a reflexão sobre as características do processo de interação entre as comunidades da Argólida. Em última instância, tais considerações possibilitaram a compreensão de aspectos da organização social das comunidades estudadas inseridos no longo processo de mudanças políticas ocorridas ao longo de séculos e que têm como momento chave o período denominado de “Renascença Grega” ou “Alto Arcaísmo”, isto é, o século VIII a.C., e em particular sua segunda metade, entre 750 e 700 a.C., quando observamos a formação da pólis argiva.

Os dados, as reflexões e os resultados que o leitor encontrará nas páginas que seguem correspondem fundamentalmente às mesmas considerações apresentadas na tese. Isto não significa dizer que o texto entregue e avaliado na época da defesa da tese é idêntico ao apresentado neste livro. Algumas modificações pontuais e estruturais foram feitas durante o processo de revisão da tese para a publicação. Tais alterações são essencialmente de caráter formal, decorrentes das exigências, das normas e dos limites de publicação e, ainda, em função de algumas atualizações das referências bibliográficas. A inviabilidade de publicação do catálogo em sua forma textual e imagética fez com que suas recorrentes menções no texto de análise cedessem lugar a referências à tese. Dessa forma, caso o leitor queira acessar as informações específicas e detalhadas sobre cada contexto funerário estudado, terá que se remeter ao catálogo inédito, original e único da tese. O mesmo ocorre em relação ao banco de dados elaborado em Excel e em FileMaker.

O texto apresentado para a presente publicação corresponde, fundamentalmente, ao volume de análise de todo o material reunido durante a pesquisa de doutoramento, com ajustes, recortes e referências que não desintegram a originalidade do mesmo. Confesso que a revisão para a publicação constituiu um processo bastante árduo e conflituoso, equiparável ao longo, extenuante e sutil processo de redação da tese, no sentido de uma busca pessoal pela “perfeição” do conteúdo e do texto. Tal busca é, em grande medida, resultado do tempo decorrido entre a defesa e a publicação da tese que, apesar de ser um intervalo relativamente breve, foi suficiente para provocar um desconforto difícil de ser superado, principalmente em relação à atualização dos dados do *corpus documental*. Entretanto, a consciência de que o exercício da pesquisa acadêmica é caracterizada em sua essência por um processo incessante e infinito de produção de conhecimento felizmente me fez atentar para o fato de que tal busca pela pretendida “perfeição” por uma forma acabada do conteúdo e do texto é falsa, inútil e até mesmo prejudicial ao desenvolvimento e ao exercício da pesquisa.

Explícito, assim, que o objetivo deste livro não corresponde, de forma alguma, ao esgotamento do material, fato que acredito ser impossível de alcançar em qualquer tema de pesquisa e reforço que a “imperfeição” e as lacunas (inerentes a toda pesquisa) não devem restringir o exercício da pluralidade de interpretações. Pelo contrário, podem contribuir para o exercício da pesquisa enquanto produção de conhecimento, mediante a abertura para novas possibilidades de leituras.

Abreviaturas

I) Periódicos

As abreviaturas dos periódicos utilizadas na publicação são as mesmas classificadas pelo *American Journal of Archaeology* (AJA), The Journal of the American Institute of America. A listagem extensa e completa das abreviaturas pode ser encontrada no site:

<http://www.ajaonline.org/submissions/abbreviations>

II) Obras específicas

Coldstream, J. N. GGP, 1968.	COLDSTREAM, J. N. 1968. <i>Greek Geometric Pottery: A Survey of Ten Local Styles and Their Chronology</i> . London : Methuen.
Courbin, P. CGA. 1966.	COURBIN, 1966. <i>La Céramique Géométrique de l'Agolide</i> , E. De Boccard : Paris.
Courbin, P. TGA, 1974.	COURBIN, 1974. <i>Les Tombes Géométriques d'Argos, I (1952-1958). Études Péloponnésiennes VII</i> . École Française d'Athènes, Paris: Librairie J. Vrin, 1974.
Foley, A. SIMA 80 (1988).	FOLEY, A. 1988. <i>The Argolid 800-600 B.C.</i> SIMA, vol. LXXX, Göteborg.
Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.	Gercke, P. "Geometrische Keramik und Kleinfunde 1884 bis 1974. Mit submykenischen Vorläufern und subgeometrischen Ausläufern". Arquivo Pessoal Não Publicado, Cortesia do autor, 2007.
Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974.	HÄGG, R. 1974. <i>Die Gräber der Argolis in submykenischer, protogeometrischer und geometrischer Zeit. 1, Lage und Form der Gräber</i> . BOREAS 7:1. Uppsala.

Para outras abreviaturas de obras específicas utilizadas vide: SOUZA, C. D. 2010. *Práticas Mortuárias na Região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C.* Tese de Doutorado, 3 vols. Museu de Arqueologia e Etnologia / Universidade de São Paulo. São Paulo.

III) Cronologia / Períodos e subperíodos abordados

HA	Heládico Antigo
HM	Heládico Médio
HR	Heládico Recente
SM	Submicênico
PG	Protogeométrico
G	Período Geométrico
GA	Geométrico Antigo
GM	Geométrico Médio
GR	Geométrico Recente
SG	Subgeométrico

Referências das Figuras

Número	Descrição	Créditos e Referências	Pág.
--------	-----------	------------------------	------

Introdução

Fig. 1	Quadro cronológico comparativo da Idade do Ferro para as regiões da Ática e da Argólida, segundo A. M. Snodgrass.	Elaborado com base no quadro cronológico de A. M. Snodgrass 1971: 134-135.	24
Fig. 2	Quadro cronológico comparativo do Período Geométrico na Argólida (cerâmica argiva), segundo P. Courbin e J. N. Coldstream.	Elaborado com base no quadro cronológico de P. Courbin 1966: 177 e de J. N. Coldstream 1968: 330 ou Idem. 1976: 385, Fig. 166.	25
Fig. 3	T (695), correspondente ao T XXXIX. Micenas. Cista monolítica ou sarcófago.	Mycenae Archive. BSA. Cortesia E. French. BSA.	33
Fig. 4	T (128), correspondente ao T. 263. Argos. Fundo da cista com seixos.	Photothèque / Planothèque EfA. Neg. 56815. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	33
Fig. 5	Desenho esquemático da cista em <i>Orthostatenkiste</i> . Vista lateral e frontal. Exemplo de cista revestida e coberta com 3 placas de pedra.	Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974. Abb. 18, 109.	33
Fig. 6	T (816), correspondente ao T 6. A. Karantzi. Argos. Exemplo de <i>Orthostatenkiste</i> (cista em ortóstato) revestida com uma única grande e espessa placa de pedra em cada parede.	<i>ArchDelt</i> 54 (1999), <i>Εχέδ.</i> 12, p. 144	34
Fig. 7	Desenho esquemático da <i>Orthostatenmauerkiste</i> . Vista lateral e frontal.	Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974. Abb. 18, 109.	34
Fig. 8	T (703), correspondente ao T. G.607. Micenas. Exemplo de <i>Orthostatenmauerkiste</i> (cista em muro e ortóstato).	Mycenae Archive. BSA. Cortesia E. French. BSA. Desborough, V.R.d'A. BSA 68 (1973), Pl. 28a.	34
Fig. 9	Desenho esquemático da <i>Mauerkiste</i> . Vista lateral e frontal.	Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974. Abb. 18, 109.	35
Fig. 10	T (132), correspondente ao T. 278. Argos. <i>Mauerkiste</i> . Sepultura fechada, cobertura.	Photothèque / Planothèque EfA. Neg. 56815. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	35
Fig. 11	T (132), correspondente ao T. 278. Argos. <i>Mauerkiste</i> . Sepultura aberta.	Photothèque / Planothèque EfA. Neg. 56815. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	35
Fig. 12	T (559), correspondente ao T 1971/1. Tirinto. Exemplo de <i>Mauerkiste</i> (cista em muro).	Photothek DAI. Neg. Tiryns 1971-012-14. Tirinto. Cortesia P. Gercke e J. Maran. DAI. Gercke, P und W.; Hiesel, G. <i>Tiryns VIII</i> , 1975, Taf. 31, 2.	35
Fig. 13	Desenho esquemático do pito piriforme.	Francisco, G. da Silva	36
Fig. 14	Desenho esquemático do pito ovoide.	Francisco, G. da Silva	36
Fig. 15	Desenho esquemático do pito cilíndrico.	Francisco, G. da Silva	36
Fig. 16	C.3966, pito ovoide, T (109), correspondente ao T. 191 (esquerda) e C.3967, pito piriforme, T (108), correspondente ao T. 190 (direita). Argos.	Photothèque / Planothèque EfA. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA. Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 51.	36
Fig. 17	T (066), correspondente ao T. 124. Argos. Placas de cobertura da cova simples.	Photothèque / Planothèque EfA. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA. Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 37.	38
Fig. 18	T (066), correspondente ao T. 124. Argos. Enterramento em cova simples.	Photothèque / Planothèque EfA. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA. Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 37.	38

Capítulo 2

Fig. 19	Enócoa trilobada.	Francisco, G. S.	78
Fig. 20	Enócoa trilobada com base plana.	Francisco, G. S.	78
Fig. 21	Enócoa com borda circular.	Francisco, G. S.	78
Fig. 22	Jarro.	Francisco, G. S.	78
Fig. 23	Lécito.	Francisco, G. S.	78
Fig. 24	Jarro com estribo.	Francisco, G. S.	78
Fig. 25	Taça com base plana. Tipo A.	Francisco, G. S.	79
Fig. 26	Taça com base plana. Tipo B.	Francisco, G. S.	79
Fig. 27	Taça com pé em anel.	Francisco, G. S.	79
Fig. 28	Taça com pé alto.	Francisco, G. S.	79
Fig. 29	Esquifo com alças horizontais e base plana.	Francisco, G. S.	80
Fig. 30	Esquifo com alças horizontais e pé alto.	Francisco, G. S.	80
Fig. 31	Esquifo com alças horizontais e pé em anel.	Francisco, G. S.	80
Fig. 32	Esquifo com alças horizontais e pé alto.	Francisco, G. S.	80
Fig. 33	Cântaro.	Francisco, G. S.	80
Fig. 34	Píxide com alças de sustentação e base pontiaguda.	Francisco, G. S.	81
Fig. 35	Píxide bojuda com alças horizontais.	Francisco, G. S.	81
Fig. 36	Píxide bojuda com alças de sustentação.	Francisco, G. S.	81
Fig. 37	Anforisco.	Francisco, G. S.	81
Fig. 38	Asco.	Francisco, G. S.	81
Fig. 39	Suporte.	Francisco, G. S.	81
Fig. 40	Desenho esquemático representando uma sepultura em cista.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica / MAE / USP)	82
Fig. 41	Desenho esquemático representando uma sepultura em cova simples.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica / MAE / USP)	82
Fig. 42	Desenho esquemático representando uma sepultura em vaso funerário.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica / MAE / USP)	82

Capítulo 3

Argos

Fig. 43	Enócoa C.7739, T (130), Argos.	Photothèque / Planothèque EfA. Neg. 36487. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	107
Fig. 44	Píxide C.7766, T (128), Argos.	Photothèque / Planothèque EfA. Neg. 37625. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	107
Fig. 45	Desenho esquemático do ziguezague típico do SM.	Francisco, G. S.	110
Fig. 46	Desenho esquemático do ziguezague típico do PG.	Francisco, G. S.	110
Fig. 47	Desenho esquemático da composição <i>barras oblíquas e triângulos</i> típica do PG.	Francisco, G. S.	112
Fig. 48	Desenho esquemático do losango típico do GM.	Francisco, G. S.	113
Fig. 49	Desenho esquemático da composição <i>barras e X</i> típica do GM.	Francisco, G. S.	113
Fig. 50	Desenho esquemático da composição <i>barras e *</i> típica do GM.	Francisco, G. S.	113
Fig. 51	Píxide C.7380, T (123), Argos.	Foto : Souza, C. D. Arquivo Pessoal. Museu de Argos.	114

Fig. 52	Desenho esquemático da composição de folhas típica do GM.	Francisco, G. S.	114
Fig. 53	Fragmentos da borda da cratera C.14495, T (130), Argos.	Photothèque / Planothèque EfA. Neg. 38619. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	115
Fig. 54	Detalhe do suporte C.7919, T (134), Argos.	Photothèque / Planothèque EfA. Neg. 38571. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	116
Fig. 55	Detalhe do esquifo C.7924, T (134), Argos.	Photothèque / Planothèque EfA. Neg. 38567. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	116
Fig. 56	Detalhe da cratera C.7923, T (134), Argos.	Photothèque / Planothèque EfA. Neg. 38538. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	116
Fig. 57	Detalhe da cratera C.7927, T (134), Argos.	Photothèque / Planothèque EfA. Neg. 37612. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	117
Fig. 58	Detalhe da cratera C.7729, T (130), Argos.	Photothèque / Planothèque EfA. Neg. 38575. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	117
Fig. 59	Detalhe da cratera C.7843, T (132), Argos.	Photothèque / Planothèque EfA. Neg. 37624. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	117
Fig. 60	Detalhe da cratera C.26608, do T (143), Argos.	Foto : Souza, C. D. Arquivo Pessoal. Photothèque / Planothèque EfA. Neg. L.1458.32. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	117
Fig. 61	Detalhe da cratera MA 5661, T (314), Argos.	Krystalli-Votsi, K. "Études Argiennes" BCH Suppl. 6 (1980), Fig. 2, p. 86	118
Fig. 62	Desenho esquemático da composição <i>linha ondulada e *</i> típica do GR.	Francisco, G. S.	119
Fig. 63	Desenho esquemático da linha ondulada contínua, composição típica do GR.	Francisco, G. S.	119
Fig. 64	Detalhe da cratera C.7729, T (130), Argos.	Photothèque / Planothèque EfA. Neg. 38575. Argos. Cortesia Y. Garlan et J.-F. Bommelaer. EfA.	119
Fig. 65	Desenho esquemático das barras verticais onduladas, composição típica do GR.	Francisco, G. S.	120
Fig. 66	Armadura "hoplítica" do T (041), Argos.	Foto: Souza, C. D. Arquivo pessoal. Museu de Argos.	124

Tirinto

Fig. 67	Esquifo 10225, T (539). Tirinto.	Verdelis, N. AM 78 (1963), Beil. 17, 1	154
Fig. 68	Píxide 10213, T (239). Tirinto.	Foto: Souza, C. D. Arquivo pessoal. Museu de Náuplia.	154
Fig. 69	Anforisco 10113, T (521). Tirinto.	Foto: Souza, C. D. Arquivo pessoal. Museu de Náuplia.	154
Fig. 70	Escudo com ônfalo, T (544). Tirinto.	Foto: Souza, C. D. Arquivo pessoal. Museu de Náuplia.	156
Fig. 71	Elmo em bronze, T (544). Tirinto. Face A.	Foto: Souza, C. D. Arquivo pessoal. Museu de Náuplia.	156
Fig. 72	Elmo em bronze, T (544). Tirinto. Face B.	Foto: Souza, C. D. Arquivo pessoal. Museu de Náuplia.	156

Asine

Fig. 73	Desenho esquemático da cista orientada no sentido Sudoeste-Nordeste e Nordeste-Sudoeste, respectivamente.	Hägg 1980: 124.	170
---------	---	-----------------	-----

Náuplia

Fig. 74	Detalhe da píbide NM 10006, T (713). Cavalos. Náuplia.	Foto: Souza, C. D. Arquivo pessoal. Museu de Náuplia.	196
Fig. 75	Detalhe da píbide NM 10006, T (713). Aves. Náuplia	Foto: Souza, C. D. Arquivo pessoal. Museu de Náuplia.	196

Referências das Tabelas

Número	Descrição	Pág.
--------	-----------	------

Capítulo 2

1	Número total de enterramentos nos sítios da Argólida divididos por subperíodos da Idade do Ferro.	63
---	---	----

Capítulo 3

Argos

2	Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro (EfA).	88
3	Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro (EfA).	88
4	Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro (EfA).	89
5	Número de enterramentos em vasos funerários divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro (EfA).	90
6	Número de enterramentos em cova simples distribuídos nos subperíodos da Idade do Ferro (EfA).	90
7	Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro (SGA).	91
8	Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro (SGA).	91
9	Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro (SGA).	92
10	Número de enterramentos em vasos funerários divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro (SGA).	92
11	Número de enterramentos em cova simples distribuídos nos subperíodos da Idade do Ferro (SGA).	93
12	Número total de enterramentos (campanhas da EfA e do SGA) divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	93
13	Número de enterramentos em cistas (campanhas da EfA e do SGA) divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	95
14	Número de enterramentos em vasos funerários (campanhas da EfA e do SGA) divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	95
15	Número de enterramentos em cova simples (campanhas da EfA e do SGA) distribuídos nos subperíodos da Idade do Ferro.	95

16	Número dos enterramentos infantis em cistas (campanhas da EfA e do SGA) divididos por orientação e subperíodos da Idade do Ferro.	97
17	Número dos enterramentos adultos (campanhas da EfA e do SGA) divididos por orientação e subperíodos da Idade do Ferro.	98
18	Número dos enterramentos adultos em cistas (campanhas da EfA e do SGA) divididos por orientação e subperíodos da Idade do Ferro.	99
19	Número dos enterramentos adultos em pitos (campanhas da EfA e do SGA) divididos por orientação e subperíodos da Idade do Ferro.	100
20	Número dos enterramentos adultos em covas simples (campanhas da EfA e do SGA) divididos por orientação e subperíodos da Idade do Ferro.	101
21	Enterramentos infantis (campanhas do EfA) divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.	126
22	Enterramentos de adultos (campanhas da EfA) divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.	126
23	Enterramentos infantis (campanhas do SGA) divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.	127
24	Enterramentos de adultos (campanhas do SGA) divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.	128
25	Enterramentos infantis (campanhas da EfA e do SGA) divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.	128
26	Enterramentos de adultos (campanhas da EfA e do SGA) divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.	129
27	Enterramentos de infantis sem mobiliário funerário divididos por subperíodos e tipos de sepultura.	130
28	Enterramentos de adultos sem mobiliário funerário divididos por subperíodos e tipos de sepultura.	132
29	Enterramentos de adultos com mobiliário funerário variado divididos por subperíodos e tipos de sepultura.	133

Tirinto

30	Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	147
31	Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.	148
32	Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	149
33	Número de enterramentos em vasos funerários divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	149
34	Número de enterramentos em cova simples distribuídos nos subperíodos da Idade do Ferro.	149
35	Número dos enterramentos de adultos divididos por orientação e subperíodos.	150
36	Número dos enterramentos infantis divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.	156
37	Número dos enterramentos de adultos divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.	157

Asine

38	Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	165
39	Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.	166
40	Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	166
41	Número de enterramentos em cova simples divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	167

42	Número dos enterramentos divididos por orientação e subperíodos da Idade do Ferro.	168
43	Número dos enterramentos infantis divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.	173
44	Número dos enterramentos de adultos divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.	173

Micenas

45	Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	178
46	Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.	178
47	Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	180
48	Número de enterramentos em vasos funerários divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	180
49	Número de enterramentos em cova simples distribuídos nos subperíodos da Idade do Ferro.	180
50	Número total de enterramentos distribuídos por orientação e subperíodos da Idade do Ferro.	181
51	Número dos enterramentos infantis divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário	185
52	Número dos enterramentos de adultos divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.	186

Náuplia

53	Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	191
54	Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.	192
55	Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	193
56	Número de enterramentos em vaso funerário divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	193
57	Número de enterramentos de adultos em cova simples distribuídos nos subperíodos da Idade do Ferro.	193

Lerna / Myloi

58	Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	199
59	Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.	199
60	Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	200
61	Número de enterramentos em pitos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.	200
62	Enterramentos em cista e em pito divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.	203

Referências dos Gráficos

Número	Descrição	Pág.
--------	-----------	------

Capítulo 3

Argos

1	Número de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro (EfA).	89
2	Número de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro (SGA).	92
3	Número total de enterramentos (campanhas da EfA e do SGA) divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.	94
4	Número de enterramentos de adultos em cistas (campanhas da EfA e do SGA), segundo o sentido de orientação do corpo.	99
5	Porcentagem de enterramentos infantis sem mobiliário funerário.	129
6	Porcentagem de enterramentos infantis com mobiliário funerário variado.	130
7	Porcentagem de enterramentos de adultos sem mobiliário funerário.	132
8	Porcentagem de enterramentos de adultos com mobiliário funerário variado.	133

Tirinto

9	Número de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.	148
10	Número de enterramentos de adultos segundo o sentido de orientação da sepultura / corpo.	151

Asine

11	Número total de enterramentos segundo o sentido de orientação da sepultura / corpo.	168
12	Número total de enterramentos de adultos segundo o sentido de orientação da sepultura.	169
13	Número total de enterramentos infantis segundo o sentido de orientação / corpo.	169

Micenas

14	Número de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.	179
----	--	-----

Náuplia

15	Representação em gráfico do número total de enterramentos divididos por subperíodo e idade.	192
16	Número de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.	193

Referências dos Mapas e Plantas

Número	Descrição	Créditos e Referências	Pág.
Mapa 1	Mapa político da Grécia com suas regiões, em destaque para a região da Argólida e suas municipalidades.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica MAE / USP)	234
Mapa 2	Região da Argólida destacando os sítios analisados.	Piérart, M. et Gilles, T. Argos. 1996, p. 10. Tratamento da imagem: Dal Pino, D. (Produção Gráfica MAE / USP)	235
Mapa 3	Mapa de Argos com as áreas de concentração de enterramentos.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica MAE / USP)	236
Mapa 4	Mapa de Argos com a distribuição dos enterramentos do SM.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica MAE / USP)	237
Mapa 5	Mapa de Argos com a distribuição dos enterramentos do PG.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica MAE / USP)	238
Mapa 6	Mapa de Argos com a distribuição dos enterramentos do GA.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica MAE / USP)	239
Mapa 7	Mapa de Argos com a distribuição dos enterramentos do GM.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica MAE / USP)	240
Mapa 8	Mapa de Argos com a distribuição dos enterramentos do GR.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica MAE / USP)	241
Mapa 9	Mapa de Argos com a distribuição dos enterramentos do Período Geométrico.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica MAE / USP)	242
Planta 1	Planta de Tirinto com as áreas de concentração e a totalidade de enterramentos datados da Idade do Ferro.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica MAE / USP)	243
Planta 2	Planta de Asine com as áreas de concentração de enterramentos.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica MAE / USP)	244
Planta 3	Planta de Micenas com as áreas de concentração de enterramentos.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica MAE / USP)	245
Planta 4	Planta de Náuplia com a distribuição dos enterramentos do GR.	Dal Pino, D. (Produção Gráfica MAE / USP)	246

Fig. 1 – Quadro cronológico comparativo da Idade do Ferro para as regiões da Ática e da Argólida, segundo A. M. Snodgrass.

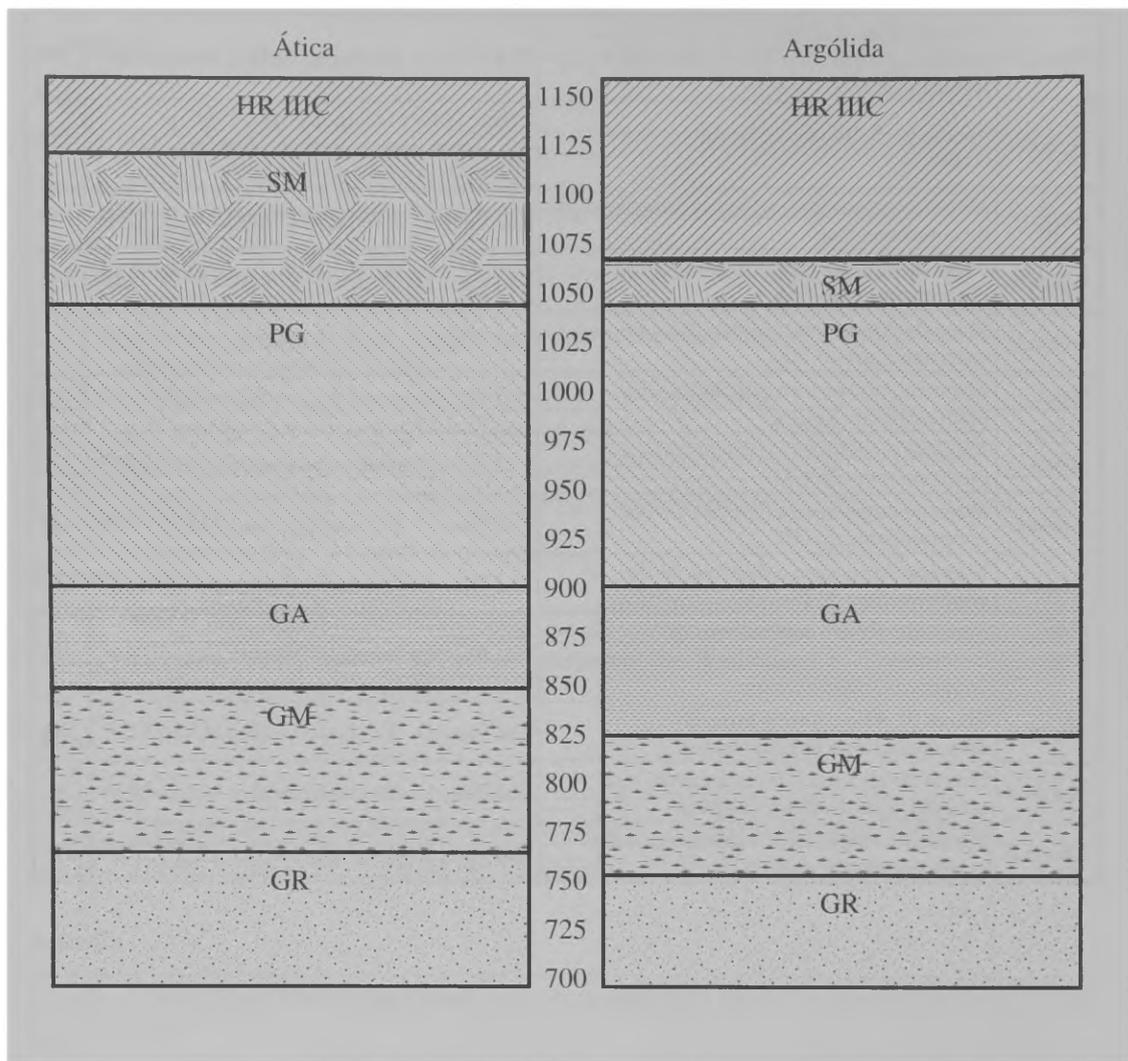
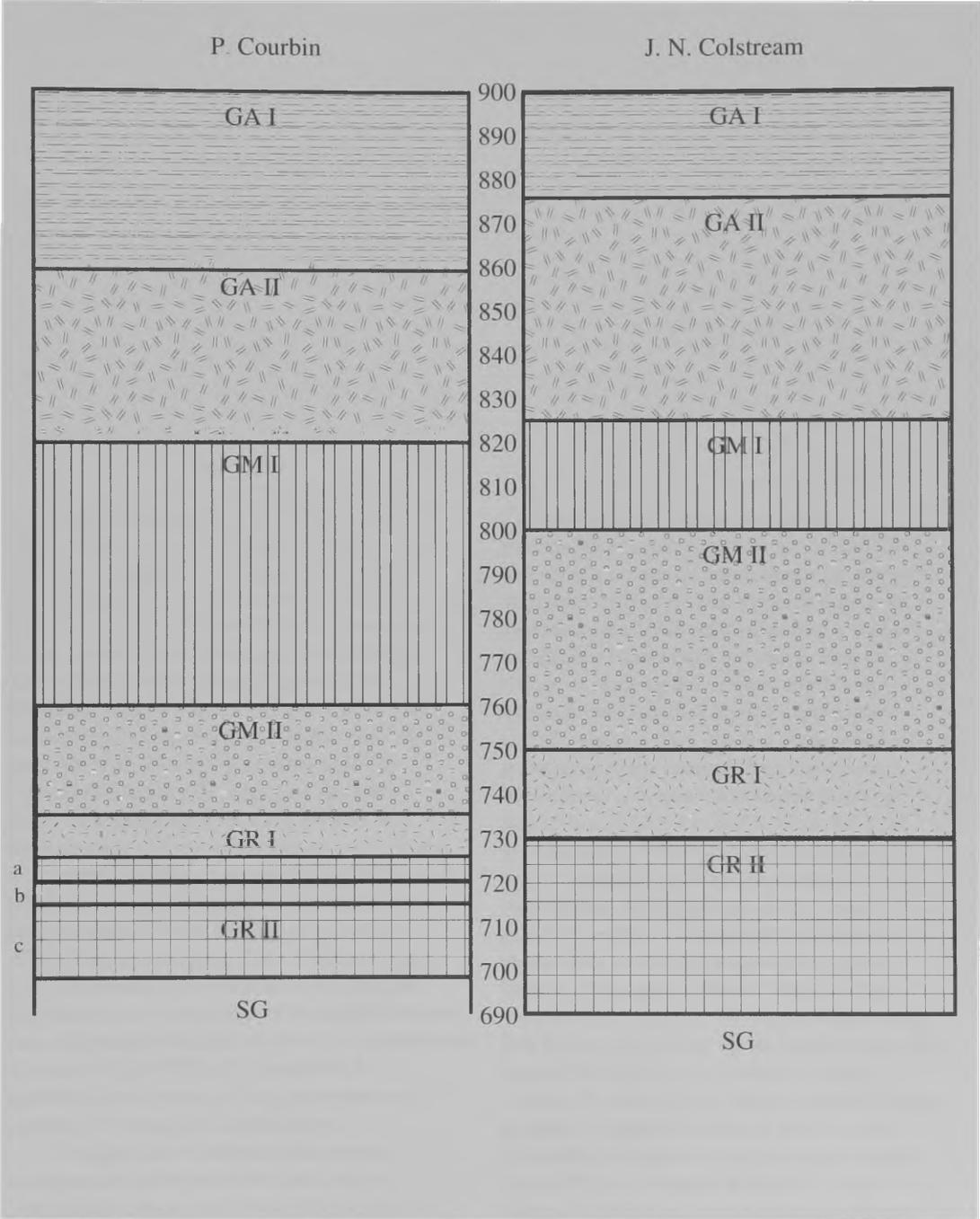


Fig. 2 – Quadro cronológico comparativo do Período Geométrico na Argólida (cerâmica argiva), segundo P. Courbin e J. N. Coldstream.



Introdução

Conforme expusemos no Prefácio, os objetivos desta pesquisa correspondem à reunião, catalogação e ao exame sistemático dos contextos funerários, datados entre o intervalo do século XI ao VIII a.C. (denominado Idade do Ferro), nos principais sítios da região da Argólida, Grécia: Argos, Tirinto, Asine, Micenas, Náuplia e Lerna (Mapas 1 e 2). Tal tratamento do material arqueológico possibilita uma compreensão mais pormenorizada dos costumes funerários da região, na tentativa de levantar considerações sobre padrões de enterramento e de comportamento sociocultural e de revelar semelhanças e particularidades em relação aos costumes praticados em cada uma das comunidades selecionadas para análise. Além disso, permite, em última instância, expor e entender mudanças em relação aos padrões funerários e ao comportamento sociocultural para cada subperíodo da Idade do Ferro, principalmente durante o século VIII a.C., momento de transformações e adaptações que expressam o processo de formação da pólis argiva.

As páginas introdutórias subsequentes correspondem a um panorama geral e uma avaliação do estado atual do objeto de estudo selecionado, os quais que têm como função contextualizar geográfica e cronologicamente

a região escolhida e apresentar algumas características gerais dos contextos funerários (em especial, o tipo de enterramento e os tipos de sepultura). Tais considerações devem servir, dessa maneira, como referências para a análise detalhada dos contextos funerários, através dos vários aspectos das práticas mortuárias, que será conduzida nos capítulos que seguem. Isto não significa dizer que essas características gerais constituem verdades fixas e absolutas. Inversamente, o exame do material proposto nesta pesquisa permite, muitas vezes, nuançar, pormenorizar e reconsiderar tais considerações.

A região da Argólida está localizada na península do Peloponeso, porção leste, e geograficamente é delimitada por cadeias de montanhas, a oeste pelos montes Parthenio, Ktenias, Artemisio, Lyrkeio e Trachi e a leste pelos montes Oligyrtos, Farmakas, Megalovouni, Psili Rachi e Trapezona. Ao norte, faz divisa com a região de Corinto e a oeste com a região da Arcádia. A partir de uma reforma governamental geopolítica datada do início de 2011, a região foi dividida em quatro grandes municipalidades: Argos-Micenas, Náuplia, Epidauro e Ermione (Mapa 1). Cada uma delas é composta por um conjunto de cidades relacionadas na listagem a seguir:

Municipalidades	Cidades / comunidades integradas
Argos-Micenas	Achladokamos (Κοινότητα Αχλαδοκάμπου) Aleas (Κοινότητα Αλέας) Argos (Δήμος Άργους) Koutsopodi (Δήμος Κουτσοποδίου) Lerna (Δήμος Λέρνας) Lirkeia (Δήμος Λυρκειάς) Micenas (Δήμος Μυκηναίων) Nova Kios (Δήμος Νέας Κίου)
Náuplia	Asine (Δήμος Ασίνης) Midéa (Δήμος Μιδέας) Náuplia (Δήμος Ναυπλίου) Nova Tirinto (Δήμος Νέας Τίρυνθας)
Epidauro	Asklipios (Δήμος Ασκληπιείου) Epidauro (Δήμος Επιδαύρου)
Ermione	Ermione (Δήμος Ερμιόνης) Kranidi (Δήμος Κρανιδίου)

As características geográficas da região indicam que ela pode ser dividida em duas áreas distintas. A primeira delas, e onde se encontram as cidades mais importantes da Argólida, é formada por uma extensa planície com um formato triangular que apresenta cerca de 200 km². A planície é constituída por solo aluvial, bastante fértil e, na área mais central, estão localizados dois grandes rios sazonais de fundamental importância na vida econômica da região, o Inachos e o Charandros (ou Xérias). A oeste, a planície é delimitada pelas cidades de Argos e Lerna, ao norte, por Micenas, pelo Heraion Argivo, Berbati, Midéa (Dendra), a leste, por Tirinto e Náuplia e a sudeste, por Asine. A segunda área da Argólida corresponde a uma região montanhosa, compreendendo os montes Oligyrtos, Lyrkeio e Ktenias a oeste e Aderes, Arachnaio e Didymo a leste.

A região da planície apresenta vestígios arqueológicos datados desde o Neolítico e, devido à continuidade e a intensidade de ocupação até o final do Período Helenístico, adquiriu uma importância baseada em elementos autóctones revelando certo grau de independência em relação às demais regiões da Grécia. O Neolítico nesta região abrange aproximadamente entre 6000 e 2800 a.C. A partir de então, adentramos na denominada Idade do Bronze, compreendendo três grandes períodos: o Heládico Antigo (HA), que abrange aproximadamente de 2800 a 2100, posteriormente o Heládico Médio (HM), entre 2100 e 1550, e, finalmente, o Heládico Recente

(HR), que se estende por volta de 1550 a 1100 e é também denominado de Período Micênico, pois se trata do período de florescimento, de maior desenvolvimento e de subsequente declínio da civilização micênica na Grécia continental.¹ O Heládico Antigo e o Heládico Recente possuem uma segmentação muito mais precisa, inicialmente, classificada em I, II e III. No Heládico Recente III, a cisão é ainda maior, fragmentando-se em IIIA, IIIB e IIIC. As datas limites para cada subperíodo do Heládico Recente III correspondem aproximadamente aos seguintes intervalos: HR IIIA (entre 1400 a 1300), HR IIIB (entre 1300 a 1200) e HR IIIC (entre 1200 a 1100/1060). O HR IIIC ainda pode ser compartimentado em IIIC1 (ou IIIC inicial – *early*), IIIC2 (ou IIIC médio – *middle*) e IIIC3 (ou IIIC recente – *late*). Tais precisões cronológicas para o HR são decorrentes, principalmente, dos estudos exaustivos e sistemáticos das características formais e estilísticas da cerâmica micênica conduzidos por A. Furumark (1941a; 1941b).

No final do Heládico Recente, especificamente durante o HR IIIB, nota-se um processo de colapso e dissolução do sistema político micênico e, a partir do HR IIIC, após

¹ Todas as datas mencionadas que se referem aos diferentes momentos da história da Grécia Antiga são a.C. e, quando indicam os limites cronológicos de um período, são sempre aproximadas.

1200, observa-se mudanças em todos os aspectos da vida nos sítios ocupados da região, inclusive (e principalmente) nas práticas mortuárias. Inicia-se, assim, por volta de 1100 a.C., a denominada “Idade do Ferro Inicial”, composta por três períodos principais, o Submicênico (SM), o Protogeométrico (PG) e o Período Geométrico (G). Durante muito tempo, esta época foi denominada de “Idade Obscura” e considerada como a verdadeira “Idade Média” da história da Grécia Antiga. As causas dessa denominação são de ordem filológica, pois encontra suas origens em um momento da história da Arqueologia em que a documentação material possuía uma função meramente ilustrativa e complementar às fontes textuais. Durante o século XIX, a busca frenética e incansável do referente material das obras homéricas, da sociedade homérica, resultará na descoberta, por H. Schilieman, de uma sociedade ainda muito pouco conhecida, centrada política, religiosa e economicamente em torno de um Palácio cercado por muralhas gigantescas que teve como uma de suas principais localizações o sítio de Micenas, na região da Argólida. Surge, dessa maneira, a denominação “civilização micênica” e micênios (ou micênicos) para se referir a uma cultura que, durante alguns séculos, dominou e se espalhou por todo o Peloponeso e pela ilha de Creta, principalmente.

A descoberta dos abastados enterramentos dos Círculos Tumulares A e B e dos túmulos em *thóloi* em Micenas levou Schilieman a acreditar que estava diante da comprovação material da existência da sociedade homérica. Contudo, a partir da década de 1950, M. Ventris e John Chadwick decifram grande parte do sistema de escrita encontrado nos contextos micênicos, a Linear B e, a partir daí, estabeleceram-se os primeiros registros cronológicos dessa cultura, que teria tido seu período de apogeu entre 1600 e 1200 a.C. No início do século XII, “povos bárbaros” supostamente vindos do norte da Europa, os dórios, teriam invadido a Grécia e destruído a “civilização micênica”, sendo responsáveis pelas profundas mudanças nos costumes e caracterizando o início de um período “obscuro”, marcado pela ausência da escrita, por uma brusca queda populacional e pela confecção dos artefatos em ferro considerados rústicos pelo pensamento colecionista do século XIX e, conseqüentemente, inferiores, em contraste com os ricos artefatos em ouro e bronze do Período

Micênico.² O termo “Idade Obscura” (consagrado pela língua inglesa como *The Dark Age of Greece* ou *The Greek Dark Ages*) é criado, dessa forma, para explicar o fosso temporal que iria do final do século XI até o início do Período Arcaico, quando teriam sido realizados os primeiros jogos olímpicos, em 776 a.C., marcando finalmente as origens do mundo “glorioso” e “civilizado” da pólis grega.

Esta situação só muda significativamente por volta da segunda metade do século XX, principalmente após a década de 1960. Neste momento, alguns arqueólogos começam a se dedicar sistematicamente ao estudo da cultura material desse período e às escavações de sítios que tiveram um processo de ocupação relativamente contínuo durante toda “Idade Obscura”, como Atenas, Argos, Lefkandi, Erétria, Tirinto, Micenas, Náuplia, Lerna, Zagoura, Nicória, Asine, entre outros.³ No final da década de 1980 e início dos anos 1990, a situação já era inversa, e a “Idade Obscura”, passa a ser preferencialmente denominada de “Idade do Ferro Inicial” (*Early Iron Age – EIA*) e considerada como um período fundamental para o entendimento do processo de formação e consolidação da pólis. Contudo, a expressão “Idade do Ferro Inicial” também levou a alguns problemas conceituais. Estudos mais recentes dos vestígios arqueológicos datados desse grande intervalo de tempo (do século XI ao VIII a.C.) proporcionaram seu detalhamento cronológico em subperíodos e de suas características, suscitando contradições inerentes a tal terminologia. A maioria dos autores entende a Idade do Ferro *Inicial* como o todo, correspondente aos quatro

2 Uma discussão bibliográfica detalhada sobre as supostas invasões dóricas e suas conseqüências encontra-se no Capítulo 4.

3 Podemos afirmar que o primeiro estudioso responsável por tal mudança na denominação e nos estudos sobre a cultura material da “Idade do Ferro Inicial” foi C. Starr, seguido por A. M. Snodgrass e sua extensa lista de obras dedicadas aos diversos aspectos da “Idade do Ferro Inicial”. Seus estudos, ao lado das obras de J. N. Coldstream, V. R. d’A. Desborough e P. Courbin, configuram um verdadeiro marco nos estudos sobre a “Idade do Ferro Inicial”, propondo uma cronologia comparativa e específica para cada região da Grécia durante este período. Até hoje, suas obras são consideradas como referências de metodologia de análise e de classificação principalmente do material cerâmico e dos aspectos funerários do Período Geométrico. Para uma listagem completa das obras de Snodgrass e dos demais autores citados, vide as referências bibliográficas.

séculos, isto é, do XI ao VIII a.C. Porém, alguns utilizam o termo para se referir apenas aos períodos, de fato, *iniciais* da “Idade Obscura” ou seja, abarcando apenas o Submicênico e o Protogeométrico e excluindo o Período Geométrico. Dessa forma, atualmente, a expressão mais genérica “Idade do Ferro” tornou-se um termo mais ampla e adequadamente utilizado para se referir ao intervalo entre os séculos XI e VIII a.C.

As denominações atribuídas aos subperíodos da Idade do Ferro também suscitam alguns problemas de caráter epistemológico e algumas divergências entre os especialistas. As primeiras delimitações cronológicas da Idade do Ferro são provenientes das intensas escavações realizadas no Cemitério Arsenal na ilha de Salamis ainda no final do século XIX, em 1893, por P. Kavvadias. A grande quantidade de material cerâmico proveniente dos contextos funerários foi estudada por S. Wide e publicada em 1910. Tal estudo foi responsável pela identificação de estilos decorativos bastante distintos em relação àqueles que caracterizavam as fases finais do Período Micênico. Esse “novo” estilo cerâmico foi denominado de “*Salamis style*” e seria caracterizado por motivos geométricos estilizados introduzidos por mudanças fundamentais na técnica de produção cerâmica, como, por exemplo, a utilização do compasso múltiplo para o desenho do semi-círculo e do círculo concêntricos. Na década de 1930, T. C. Skeat, a partir da análise da cerâmica proveniente de alguns contextos funerários do Cemitério do Cerâmico em Atenas, identificou um estilo particular que estaria delimitado cronologicamente entre o final da Idade do Bronze e o “*Salamis style*”. Skeat denomina este estilo peculiar ateniense de Submicênico e o “*Salamis style*” seria correspondente ao Protogeométrico (Skeat 1934: 28). Skeat, a princípio, cria e utiliza o termo Submicênico como uma denominação provisória, até que se compreendesse e classificasse sistematicamente os estilos da cerâmica do final da Idade do Bronze. Contudo, mesmo após o estudo exaustivo de A. Furumark sobre a cerâmica micênica, estabelecendo as características e cronologias detalhadas para a cerâmica do HR IIIC, o termo cristaliza-se como uma fase cronológica específica, delimitada entre 1100 e 1050.

Cerca de 30 anos após o primeiro uso do termo Submicênico, J. Deshayes (1966) e C.-G. Styrenius (1967) argumentam a favor de uma fase cronológica com características próprias que são verificadas em outras regiões

da Grécia Central durante o mesmo período, principalmente em algumas áreas do Peloponeso, em particular a Argólida, por meio do exame do desenvolvimento da produção cerâmica argiva, também proveniente dos contextos funerários. De outro lado, V. R. d’A. Desborough (1964: 17-20, 28), A. M. Snodgrass (1971: 31-40) e J. N. Coldstream (1968) defendem que as manifestações do Submicênico nas demais regiões da Grécia seriam uma variante geográfica do material encontrado em Atenas, em Salamis e em Lefkandi e, dessa forma, não configuraria uma fase cronológica distinta, com características específica e autonomamente estabelecidas. Portanto, o emprego genérico do termo para todas as regiões, com exceção da Ática, da Eubeia e das Cíclades, seria errôneo e inapropriado. Alguns anos mais tarde, J. Rutter (1978) publica um artigo bastante controverso questionando a existência de tal subperíodo e defendendo até mesmo o abandono do termo Submicênico. As manifestações do estilo cerâmico que teriam caracterizado tal termo seriam, na verdade, um estilo cerâmico ateniense tipicamente funerário correspondente ao HR IIIC3 (ou HR IIIC recente – *late*) na classificação de A. Furumark.

Atualmente, apesar da expressão “Submicênico” ainda ser utilizada de forma genérica para designar um curto período inicial da Idade do Ferro, a maioria dos pesquisadores reconhecem que tal estilo encontra expressão em poucas regiões da Grécia no mesmo período e provém exclusivamente da cerâmica de contextos funerários. O uso do termo deve levar em consideração, dessa forma, os problemas conceituais da caracterização do estilo Submicênico enquanto uma fase histórico-cronológica distinta, abrindo a possibilidade para explicar tais manifestações e diferenças estilísticas como resultados de mudanças diacrônicas e não como uma simples variação sincrônica (Papadopoulos *et alii* 2011: 199).

No caso da região da Argólida, o estudo exaustivo e sistemático da produção cerâmica argiva realizado por P. Courbin demonstra que durante toda a Idade do Ferro a região, centrada na comunidade argiva, possui características e manifestações estilísticas próprias que proporcionam especificidades cronológicas, distinguindo-se da cronologia dos subperíodos

estabelecida para a Ática.⁴ Além de P. Courbin, J. Deshayes, a partir do estudo dos vasos cerâmicos dos enterramentos encontrados na área da Deiras em Argos, comprovou que as características estilísticas e formais da cerâmica do Submicênico também se manifestavam na região da Argólida (Deshayes 1966). Dessa forma, apesar dos problemas epistemológicos da utilização genérica da expressão “Submicênico”, a maioria dos pesquisadores, como o próprio J. Rutter, J. Papadopoulos e ainda os grandes especialistas em Idade do Ferro e em cerâmica geométrica, A. Snodgrass e J. N. Coldstream, concorda com P. Courbin e J. Deshayes, afirmando que tal subperíodo possui, de fato, expressões culturais próprias na Argólida, porém propõem uma cronologia diferenciada em relação àquela indicada para a Ática. Na Argólida, o SM corresponde a um intervalo relativamente mais curto do que na região da Ática, ou seja, aproximadamente entre 1060 e 1050 (vide Fig. 1 – Quadro cronológico comparativo da Idade do Ferro para as regiões da Ática e da Argólida, segundo A. M. Snodgrass, p. 24).

O subperíodo da Idade do Ferro subsequente ao Submicênico, o Protogeométrico (PG), tanto na Argólida quanto na Ática, corresponde a um longo período que compreende desde a metade do século X até o final do século IX, isto é, entre 1050 e 900. Neste momento, inicia-se o Período Geométrico, que pode ser dividido em outros três grandes subperíodos: o Geométrico Antigo (GA), o Geométrico Médio (GM) e o Geométrico Recente (GR). Os limites cronológicos estabelecidos para o Período Geométrico na Argólida modificam-se radicalmente em relação à Ática e constituem uma questão complexa e controversa entre os autores. Segundo P. Courbin, o GA corresponde a um longo período entre 900 e 820, o GM é identificado entre 820 a 735 e o GR abrange entre 735 a 700/690. O autor divide cada subperíodo em duas fases distintas I e II. Assim, de acordo com Courbin, teríamos: GA I (900 a 860), GA II (860 a 820); GM I (820 a 760), GM II (760 a 735); GR I (735 a 725) e GR II (725 a 700/690). As classificações detalhadas e precisas de Courbin ainda permitem compartimentar o GR II em três subfases distintas: GR IIa (compreendendo de 725 a 720), GR IIb (de 720 a 715) e GR IIc (de 715 a 700/690).

J. N. Coldstream propõe recortes cronológicos distintos àqueles estabelecidos por P. Courbin para o Período Geométrico: GA (entre 900 e 830/820), GM (de 830/820 a 750) e GR (de 750 a 690). Coldstream também divide cada subperíodo em I e II, porém o GR II não apresenta as cisões mais precisas a, b, c: GA I (900 a 880/870), GA II (880/870 a 830/820); GM I (830/820 a 800), GM II (800 a 750); GR I (750 a 730) e GR II (730 a 690) (vide Fig. 2 – Quadro cronológico comparativo do Período Geométrico na Argólida (cerâmica argiva), segundo P. Courbin e J. N. Coldstream, p. 25). As diferenças mais marcantes entre os limites cronológicos propostos pelos dois autores correspondem ao GM e ao GR. No geral, os limites estabelecidos por Courbin são um pouco posteriores comparados àqueles estabelecidos por Coldstream. A cronologia indicada para a Argólida por J. N. Coldstream não está fundamentada no estudo detalhado do material cerâmico produzido na região. O autor estabelece a classificação cronológica, primordialmente, a partir do exame sistemático do material ático e, posteriormente, compara e analisa alguns exemplos da produção cerâmica geométrica argiva. As especificidades cronológicas do Período Geométrico propostas por P. Courbin levam em consideração precisões resultantes da análise estilística, formal e técnica do material cerâmico argivo. Trata-se, assim, de um método de abordagem e classificação mais adequado no caso do estudo dos contextos funerários da Argólida, pois se baseia no estudo exaustivo e sistemático do material cerâmico proveniente dos contextos funerários e dos contextos habitacionais da região. As referências cronológicas utilizadas em nossa pesquisa correspondem, portanto, àquelas classificadas por P. Courbin.

As mudanças que marcam a Idade do Ferro como um todo, ocorridas após o colapso e a dissolução do sistema político micênico, podem ser resumidas através de transformações na matéria-prima utilizada na confecção dos objetos em metal, na técnica de produção cerâmica, nas dimensões e formas arquitetônicas e, significativamente, nos costumes funerários. O uso do ferro para a produção de artefatos generaliza-se, principalmente para armamentos, como espadas, pontas de lança, punhais, escudos, elmos e armaduras, mas também de outros objetos, como aqueles relacionados ao vestuário, por exemplo, fíbulas, anéis, brincos e alfinetes. A produção cerâmica apresenta modificações

4 Trata-se da obra *La Céramique Géométrique de l'Argolide*. E. De Boccard : Paris, 1966.

no processo técnico e estilístico de fabricação dos vasos. Surgem novas formas e a confecção dos vasos passa a ser feita em etapas. No caso da ornamentação, as etapas se caracterizam através de faixas / bandas onde aparecem os motivos geométricos configurados por formas inteiramente estilizadas e abstratas que vão preenchendo cada vez mais o espaço do vaso conforme adentramos no Período Geométrico. A rigidez, a simetria e o *horror vacui* marcam o desenvolvimento estilístico da cerâmica geométrica.⁵ A arquitetura monumental dos palácios micênicos cede espaço para residências de pequeno porte com formato absidal e quadrado. Finalmente, as transformações verificadas nos costumes funerários alcançam todos os aspectos das práticas mortuárias, como, por exemplo, o tipo de enterramento dado ao corpo, o tipo de sepultura utilizada e as oferendas depositadas com o morto.

Quando comparada às demais regiões, a Argólida, durante toda a Idade do Ferro, apresenta padrões de práticas funerárias bastante peculiares.⁶ Os estudos dos contextos

funerários consagrados às comunidades dessa região identificam alguns padrões mortuários bem estabelecidos e característicos que, em relação ao tipo de enterramento dado ao corpo, são manifestados pela inumação individual em posição contraída.⁷ No que diz respeito ao tipo de sepultura, nota-se que fundamentalmente três formas distintas são utilizadas: a cista, a cova simples e o vaso funerário. Para os dois primeiros tipos de sepultura, a cista e a cova simples, a posição contraída é caracterizada pelo indivíduo deitado de costas e as pernas flexionadas para um dos lados, esquerda ou direita do indivíduo.

Existem duas modalidades de cistas. A primeira corresponde a uma cavidade escavada diretamente em uma grande e única rocha, sendo utilizadas placas e pedras menores apenas para a cobertura da mesma (Fig. 3). Este tipo de cista é denominado “cista monolítica” ou “cista sarcófago” e configura um exemplo de túmulo raramente utilizado na Argólida, concentrando-se no início da Idade do Ferro, principalmente no SM.⁸ O segundo tipo de cista corresponde a uma fossa feita diretamente na terra e é totalmente revestida, nas laterais e na cobertura, com rochas (placas maiores ou pedras menores), geralmente, ricas em calcário. O fundo da cista é habitualmente deixado sem revestimento rochoso, porém a disposição de uma camada de pequenos seixos brancos sobre a qual o corpo do morto é depositado

5 Os motivos geométricos de ornamentação são alvos de interpretações distintas e controversas. A abstração e a estilização oferecem formas variadas de leituras, tanto para aqueles motivos constituídos por formas geométricas puras, como, por exemplo, os triângulos, losangos, meandros, etc., quanto (e principalmente) para aqueles motivos vegetais e aqueles que representam figuras animais e humanas. Para um estudo mais recente e considerações mais detalhadas sobre tais questões, incluindo referências bibliográficas atualizadas vide: Halm-Tisserant, M. 2010. *Styles géométriques et production céramique du Géométrique grec*. *KTEMA* 35: 123-162.

6 A obra de R. Hägg (*Die Gräber der Argolis in submykenischer, protogeometrischer und geometrischer Zeit. 1. Lage und Form der Gräber*. *BOREAS* 7:1. Uppsala. 1974) e de P. Courbin (*Les Tombes Géométriques d'Argos, I* (1952-1958). *Études Péloponnésiennes VII*. École Française d'Athènes, Paris: Librairie J. Vrin. 1974) constituem os únicos estudos sistemáticos sobre os contextos funerários da Argólida (argivos no caso da obra de P. Courbin) datados da Idade do Ferro. R. Hägg analisa exaustivamente apenas duas características dos contextos: os tipos e as dimensões das sepulturas. Nossa pesquisa tem como objetivo atualizar o levantamento desses contextos e levantar questões relacionadas com outros aspectos das práticas funerárias, principalmente, o exame do mobiliário funerário e da distribuição espacial dos enterramentos nos principais sítios da região em cada subperíodo. Tais objetivos comporiam o segundo volume da obra de R. Hägg. Entretanto, o autor nunca terminou a pesquisa sobre tais atributos e, gentilmente, nos cedeu as informações recolhidas para a redação do volume II, atualizadas até a década de 1980.

Nessa Introdução, nos restringiremos a relacionar algumas características e resultados gerais alcançados por Hägg e Courbin que ainda hoje permanecem válidos para os estudos dos padrões de enterramento da Argólida como um todo. A análise detalhada dos tipos de sepultura relacionada às demais variáveis das práticas mortuárias, como, por exemplo, idade, gênero e a configuração do mobiliário funerário é apresentada nos Capítulos 3 e 4. Tais capítulos incluem ainda reflexões sobre aspectos da organização social e das mudanças de caráter cultural, social e político ocorridas durante os subperíodos da Idade do Ferro.

7 Veremos que, com a análise detalhada dos enterramentos por sítios, Asine constitui uma exceção em praticamente todos os aspectos das práticas mortuárias, principalmente no que diz respeito à posição do corpo, pois a maioria dos indivíduos encontra-se em posição estendida, ou seja, deitada de costas com as pernas alongadas (Hägg 1974). As possíveis razões pelas quais a comunidade possui costumes tão distintos em comparação aos demais sítios são abordadas nos Capítulos 2 e 3.

8 Snodgrass denomina este tipo de cista de *monolith-cist*. (Snodgrass 1971: 142; 152). Hägg prefere chamá-la de *Steinsarkophag*. (Hägg 1974: 150-151).



Fig. 3 – T (695), correspondente ao T XXXIX. Micenas. Cista monolítica ou sarcófago.



Fig. 4 – T (128), correspondente ao T. 263. Argos. Fundo da cista com seixos.

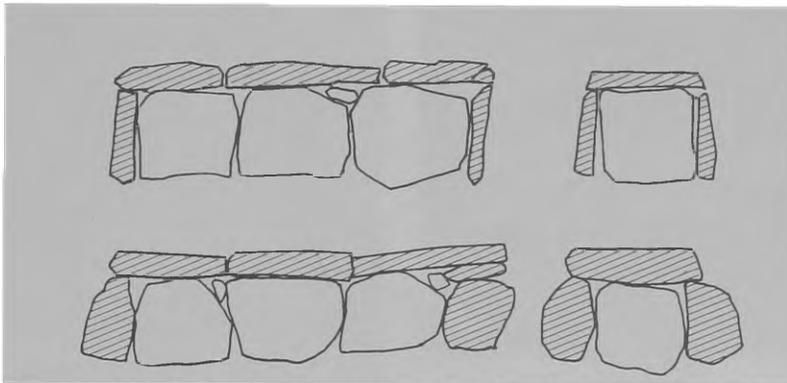


Fig. 5 – Desenho esquemático da cista em *Orthostatenkiste*. Vista lateral e frontal. Exemplo de cista revestida e coberta com três placas de pedra.

também é bastante recorrente nos contextos funerários da Argólida (Fig. 4). O formato da cista predominantemente usado é o retangular, mesmo para abrigar os corpos em posição contraída. Contudo, o formato quadrado também é utilizado em algumas sepulturas. Em raros casos, as cistas possuem contornos mais arredondados ou ovalados. As dimensões das cistas variam bastante, principalmente em decorrência do fenômeno de reutilização das sepulturas no final da Idade do Ferro, quando tendem a ser maiores.⁹

⁹ Para a análise detalhada dos tipos das cistas e suas dimensões: Hägg 1974: 108-136. Em especial sobre o exame das dimensões das cistas durante os subperíodos da Idade do Ferro, vide Abb. 33, p. 125.

Esta segunda modalidade de cista escavada diretamente na terra ainda pode ser dividida em três tipos, de acordo com a classificação proposta por R. Hägg (1974: 109). O primeiro tipo e o mais característico é denominado *Orthostatenkiste* (cista em ortóstato - *orthóstato*).¹⁰ Trata-se de uma fossa totalmente revestida com placas de calcário que podem variar de tamanho, espessura

¹⁰ Do grego, o termo “ορθόστατο” significa, literalmente, uma pedra reta, com ângulos retos, isto é, uma placa de pedra, uma laje. Em português, o termo transliterado corresponde à forma *osthóstato*, porém, já é consagrado como ortóstato. Houaiss. Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa. Versão 1.0. Dezembro de 2001. Editora Objetiva Ltda. Vide verbete “ortóstato”

e forma, mas, em geral, são retangulares, grandes e espessas. As sepulturas podem possuir três, duas ou apenas uma única grande e espessa placa de pedra dispostas em cada das paredes da cista, bem como em sua cobertura (Figs. 5 e 6).



Fig. 6 – T (816), correspondente ao T 6. A. Karantzi. Argos. Exemplo de *Orthostatenkiste* (cista em ortóstato) revestida com uma única grande e espessa placa de pedra em cada parede.

Os outros dois tipos de túmulo em cista são denominados por Hägg de *Orthostatenmauerkiste* (cista em muro e ortóstato) e *Mauerkiste* (cista em muro) (Hägg 1974: 109). O primeiro é constituído pela associação de grandes lajes e pedras menores de calcário utilizadas principalmente na construção das paredes da cista, mas também da

cobertura (Figs. 7 e 8). As placas utilizadas neste tipo de cista são, em geral, mais finas e menores quando comparadas às cistas em ortóstato. O segundo tipo, *Mauerkiste* (cista em muro), é construído quase totalmente com lajes mais finas e menores ou com pequenas pedras de calcário, assemelhando-se a um muro edificado com tijolos. A cobertura pode apresentar apenas pedras ou algumas placas associadas (Figs. 9, 10, 11 e 12). Verificamos, assim, que as denominações destes dois tipos de cista estão intimamente relacionadas com o aspecto visual resultante da utilização de placas de pedra e pedras menores na construção da sepultura.

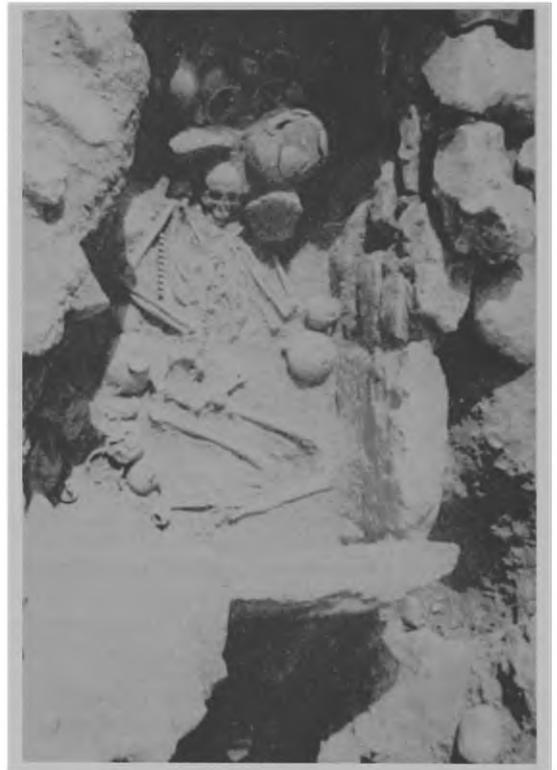


Fig. 8 – T (703), correspondente ao T. G.607. Micenas. Exemplo de *Orthostatenmauerkiste* (cista em muro e ortóstato).

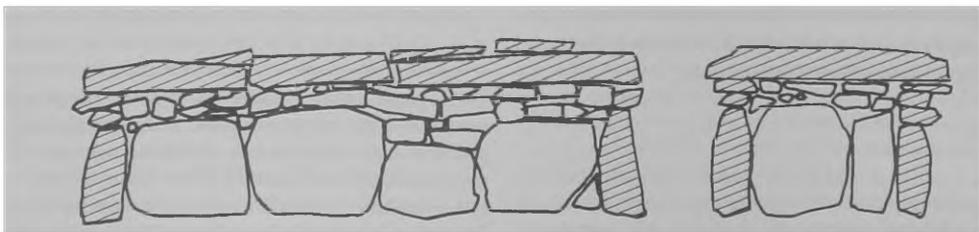


Fig. 7 – Desenho esquemático da *Orthostatenmauerkiste*. Vista lateral e frontal.

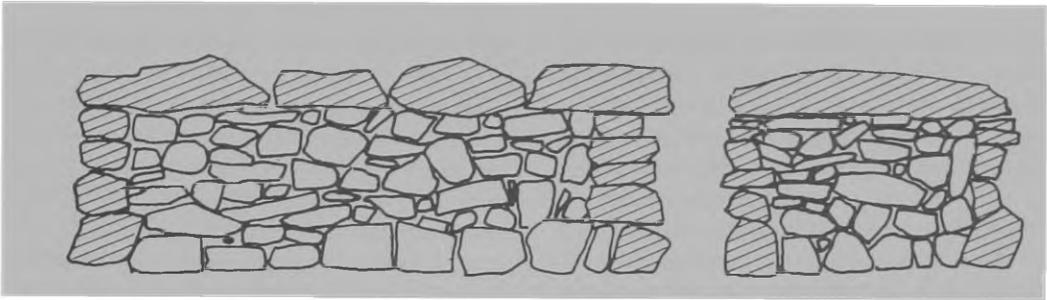


Fig. 9 – Desenho esquemático da *Mauerkiste*. Vista lateral e frontal.



Fig. 10 – T (132), correspondente ao T. 278. Argos. *Mauerkiste*. Sepultura fechada, cobertura.



Fig. 11 – T (132), correspondente ao T. 278. Argos. *Mauerkiste*. Sepultura aberta



Fig. 12 – T (559), correspondente ao T 1971/1. Tirinto. Exemplo de *Mauerkiste* (cista em muro).

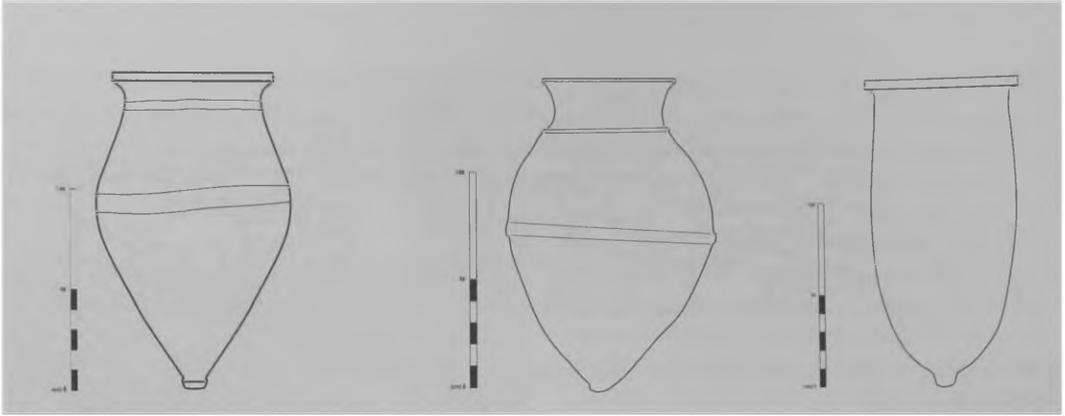


Fig. 13 – Desenho esquemático do pito piriforme.

Fig. 14 – Desenho esquemático do pito ovoide.

Fig. 15 – Desenho esquemático do pito cilíndrico.



Fig. 16 – C.3966, pito ovoide, T (109), correspondente ao T. 191 (esquerda) e C.3967, pito piriforme, T (108), correspondente ao T. 190 (direita). Argos.

Os três tipos de cistas (a *Orthostatenkiste*, a *Orthostatenmauerkiste* e a *Mauerkiste*) são utilizados durante toda a Idade do Ferro; contudo, é possível verificar uma preferência específica pelo uso das diferentes modalidades de cista em cada subperíodo da Idade do Ferro. No geral, a quantidade de cistas em ortóstato (*Orthostatenkiste*) e de cistas em muro (*Mauerkiste*) é muito superior comparada à quantidade de cistas em ortóstato e muro (*Orthostatenmauerkiste*) quando analisamos o total de enterramentos da Argólida durante toda a Idade do Ferro. Durante o SM, a cista

em ortóstato e a cista em muro caracterizam a maioria dos enterramentos. No PG, a cista em ortóstato corresponde quase à totalidade das sepulturas. Conforme adentramos no Período Geométrico, a situação torna-se um pouco mais complexa. No GA, nota-se uma permanência do padrão do PG, caracterizado pelo uso da cista em ortóstato, porém o número de cistas em ortóstato e muro apresenta um crescimento acentuado. Durante o GM, percebemos que a cista em ortóstato e muro corresponde à maioria dos enterramentos. Já no GR, os três tipos de cista são frequentemente utilizados, porém a

quantidade de cistas em ortóstato e de cistas em muro cresce de forma acentuada, enquanto o número de cistas em ortóstato e muro diminui significativamente. Contudo, a porcentagem de cistas em ortóstato e muro ainda é maior em relação aos demais tipos de cistas.¹¹

O outro tipo de sepultura recorrentemente utilizado nos enterramentos da Idade do Ferro na Argólida é o vaso funerário. Em geral, os vasos cerâmicos utilizados possuem grandes dimensões e, em relação à forma, correspondem ao pito, à cratera e à ânfora para a maioria dos enterramentos, mas também à píxide. Usualmente, os vasos funerários são depositados na posição horizontal em uma fossa cavada diretamente na terra e podem apresentar uma única placa de pedra, várias pedras pequenas, ou outro vaso também de grande porte colocados sobre a abertura, tampando-o. A forma do pito constitui um elemento fundamental no processo de datação dos contextos funerários. Os pitos utilizados durante o Período Geométrico são exclusivamente de formato ovoide ou piriforme (Figs. 13, 14, 15 e 16). Os pitos de formato cilíndrico aparecem apenas no século VII a.C. e, portanto, são característicos do Período Arcaico.¹²

Os padrões de utilização dos vasos durante a Idade do Ferro na Argólida também possuem uma ordenação cronológica nítida. Durante o SM, não há exemplos de enterramentos em vasos funerários em nenhum sítio da região. Os vasos começam a ser utilizados para sepultar os mortos apenas no final do PG e a partir do Período Geométrico, apresentam um crescimento linear abrupto e acentuado em direção ao final da Idade do Ferro, ultrapassando o número de cistas no GR II.¹³

11 Para o exame exaustivo da frequência de uso dos tipos de cista em cada subperíodo da Idade do Ferro: Hägg 1974: 129-136. Em destaque, Abb. 35, p. 130.

12 Para o exame detalhado das formas dos vasos funerários e suas dimensões: Hägg 1974: 136-149. Em especial as tabelas de distribuição dos enterramentos em vasos funerários nos subperíodos da Idade do Ferro, Tab. 35 e Tab. 36, p. 148. As considerações conceituais sobre as formas dos vasos são apresentadas no Capítulo 2 desta obra e a análise pormenorizada das formas dos vasos funerários em relação aos demais atributos das práticas mortuárias, como idade e mobiliário funerário encontram-se nos Capítulos 3 e 4.

13 Reflexões sobre as razões pelas quais tais mudanças nas práticas funerárias ocorrem durante o GR são relacionadas e analisadas no Capítulo 3 e, principalmente, no Capítulo 4.

Finalmente, o terceiro tipo de sepultura utilizado nas comunidades da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C. corresponde à cova simples. Trata-se de uma fossa escavada diretamente na terra que não possui qualquer tipo revestimento nas paredes, porém, às vezes, pode apresentar algum tipo de cobertura, principalmente, placas de pedra, ou então, um conjunto de pedras pequenas (Figs. 17 e 18). O fundo, normalmente, é forrado com pequenos seixos brancos.¹⁴ Os padrões e a frequência de uso da cova simples também apresentam ordenações cronológicas. Nota-se que a distribuição dos enterramentos em cova simples durante a Idade do Ferro é totalmente distinta em comparação com os enterramentos em cistas e, principalmente, em vasos funerários. As covas simples tendem a aparecer em maior quantidade nos dois primeiros subperíodos da Idade do Ferro, sobretudo durante o SM. Apesar da quantidade de covas simples ser praticamente constante durante todo o Período Geométrico, observa-se certo declínio do número de covas simples em direção ao GM e GR. Durante o GR as covas simples correspondem a uma porcentagem bastante pequena em relação ao total de enterramentos.¹⁵

Visando ao cruzamento da tipologia dos túmulos, aqui apresentada de maneira sintética, com a análise detalhada dos demais aspectos das práticas mortuárias, como, por exemplo, a idade, o gênero, a posição e a orientação do corpo, a configuração do mobiliário funerário e a distribuição dos enterramentos em relação às áreas de habitação nos principais sítios da Argólida durante a Idade do Ferro, o presente estudo organiza-se da seguinte forma. O primeiro capítulo consiste em uma discussão teórico-metodológica sobre a Arqueologia das Práticas Mortuárias, apontando e

14 Para uma análise um pouco mais detalhada sobre as formas das covas simples e suas dimensões: Hägg 1974: 100-108. Em especial, as Tab. 23 e Tab. 24, p. 101, com a distribuição das covas simples por sítios da Argólida e por períodos da Idade do Ferro. Para algumas conclusões oriundas de uma análise comparativa do uso dos três tipos de sepultura durante a Idade do Ferro: Hägg 1974: 159-161. Em destaque as Tab. 39 e Tab. 40, p. 160.

15 As reflexões sobre as prováveis causas desse fenômeno e suas relações com os demais aspectos das práticas mortuárias, como por exemplo, idade, gênero e mobiliário funerário são apresentadas no Capítulo 3 e, principalmente, no Capítulo 4.



Fig. 17 – T (066), correspondente ao T. 124. Argos. Placas de cobertura da cova simples.



Fig. 18 – T (066), correspondente ao T. 124. Argos. Enterramento em cova simples.

debatendo as principais linhas de abordagem interpretativas dos contextos funerários e visando a instrumentalizar os recursos teóricos necessários, disponíveis e adequados para a análise do material selecionado. No Capítulo 2, expomos a metodologia utilizada para a elaboração do *corpus documental*, discutindo os atributos e critérios utilizados para a classificação e o exame dos contextos funerários e propondo novas abordagens e leituras do material inédito.

A partir desse momento, entramos na segunda parte da pesquisa que diz respeito à análise propriamente dita do extenso material catalogado. O terceiro capítulo corresponde,

assim, a um longo capítulo de análise intrassítio, através do qual as categorias metodológicas de análise explicitadas no Capítulo 2 são detalhadamente examinadas sítio por sítio e subperíodo por subperíodo da Idade do Ferro. Finalmente, o Capítulo 4 apresenta uma comparação dos dados intersítios, levantando reflexões e propondo um novo olhar sobre os padrões verificados nas práticas mortuárias que caracterizam cada subperíodo da Idade do Ferro. Trata-se, dessa forma, de um capítulo conclusivo que busca entender e alcançar aspectos da organização social das comunidades estudadas e a relação entre elas nos diferentes subperíodos.

Capítulo 1

A Arqueologia das Práticas Mortuárias: fundamentos e perspectivas

1) O termo *Arqueologia das Práticas Mortuárias* e seus usos. Quando, onde, por quê?

A morte se constitui como um fato universal marcado pela certeza, pela ausência e por mistérios que proporcionam às pessoas e aos mais diferentes agrupamentos humanos formas de representações e atitudes variadas, desde os tempos mais remotos até nossos dias. Médicos legistas, etnógrafos, antropólogos, etnólogos, arqueólogos, teólogos, religiosos e cientistas em geral, entre outros, criam teorias distintas e elaboram um conjunto de ações padronizadas a fim de entendê-la, decifrá-la, retardá-la, ou, então, para tentar confortar os vivos da natureza de sua inevitabilidade e da incerteza do porvir. Enquanto fenômeno físico e biológico, a morte pode ser estudada pelo legista e pelo antropólogo físico, concentrando seu objeto na *causa mortis* e nas circunstâncias através das quais ela teria ocorrido; como, de que forma, há quanto tempo, se teria sido instantânea ou não, etc. Enquanto fenômeno social e humano, a morte possui duas características culturais fundamentais. De um lado, ela envolve uma série de práticas rituais que produzem um conjunto de vestígios materiais remanescentes, como, por exemplo, o túmulo, por definição, o local específico do indivíduo que, apesar de, a partir de então, apresentar um novo estatuto caracterizado pela

ausência na dinâmica da sociedade vivente, encontra-se em sua nova morada e adquire um novo papel social. O túmulo é a tentativa de superar a ausência, de fixar a presença do morto, o lugar onde se dá o enterramento, seja na forma da inumação ou dos restos de uma cremação, onde o morto é visitado e lembrado pelos amigos e familiares.¹

De outro lado, a morte abrange aquelas práticas rituais que não proporcionam resquícios, como, por exemplo, o conjunto de cerimônias simbólicas de lamentação executadas junto ao morto antes do enterramento ou, ainda, outros tipos de rituais executados pelos vivos durante a preparação e o

1 Conforme propõe Pierre-Yves Balut, o túmulo configura o *sêma* (σῆμα, τό) que, literalmente em grego antigo, quer dizer marca, sinal, monumento, tumba e indica o reconhecimento da sociedade do lugar do morto quando este teria deixado de existir enquanto ser humano, enquanto pessoa social. O túmulo, como uma marca física e material (como *sêma*), corresponde, dessa forma, ao hábitat do morto e enquanto marca simbólica, possui a função de guardar a memória do morto, com outras atividades que integram o conjunto das práticas funerárias. Estas demais atividades constituem a outra face dos rituais funerários, denominada pelo autor de *mnêma* (μνήμα, τό) que, literalmente, quer dizer monumento, túmulo, memorial, mas exerce, neste sentido, a função simbólica de preservar a memória do morto na sociedade (Balut 1986: 328).

tratamento do corpo do morto; danças, músicas, discursos, mutilações, queima de ervas, uso de vestimentas próprias, etc.²

Estudar a morte, então, significaria abordá-la a partir de algum de seus aspectos, sejam físicos e biológicos ou sociais e humanos. Porém, seria extremamente difícil analisá-la segundo suas próprias definições abstratas, tentando materializá-la. Se pensarmos, portanto, nos pressupostos da arqueologia, principalmente centrados no seu objeto de estudo, a cultura material, entendemos que um estudo sobre a morte neste campo não se dê enquanto a própria morte como objeto ou como fim último, mas enquanto fenômeno humano que proporciona vestígios materiais passíveis de análise das práticas rituais exercidas por uma determinada sociedade. No caso das práticas que não produzem resquícios materiais, poder-se-ia recorrer, quando possível, à documentação textual.

Por volta da década de 1970, nos Estados Unidos e na Inglaterra, cunhou-se o termo “Arqueologia da Morte” (*Archaeology of Death*) para designar todos aqueles estudos que tratavam dos diversos aspectos relacionados à morte e tinham como objeto central de análise os enterramentos das mais variadas sociedades da Antiguidade. O uso do termo generalizou-se, entretanto; muitas vezes, os autores não faziam nenhuma consideração mais cautelosa a respeito do conceito em si e de seus usos.³ Na França, já na década de 1980, observamos o uso de termos um pouco diferenciados. O mais importante deles é “Ideologia Funerária” (*Idéologie Funéraire*), definido por Jean-Pierre Vernant (1982b). Contudo, também encontramos presentes nos

artigos da RAMAGE o termo “Arqueologia Funerária” (*Archéologie Funéraire*), ou ainda, “Arqueologia dos Cemitérios” (*Archéologie des Cimetières*).⁴ Dentre toda essa multiplicidade de termos existente atualmente, preferimos utilizar a denominação Arqueologia das Práticas Mortuárias (Ribeiro 2002)⁵, pois, conforme indicamos acima, acreditamos que este termo ressalta a questão das práticas e nos remete fundamentalmente, dessa forma, ao objeto de estudo do arqueólogo: os vestígios da cultura material produzidos pelos vivos. Dessa maneira, consideramos que a cultura material possui dois aspectos fundamentais: 1) a relação humana com o mundo material, dos objetos e 2) a relação dos homens entre si, uns com os outros (Matthew 2004: 123). Ambos os aspectos fazem com que a cultura material, portanto, seja caracterizada por significação; quer dizer, ela é, ao mesmo tempo, produto e vetor das relações sociais, passível de leitura a partir de um processo de abstração e de amostragem, seriação e repetição, tanto quantitativa quanto qualitativamente (Meneses 1983a).

Os contextos funerários, dessa forma, correspondem à cultura material produzida pelas práticas funerárias, não somente através do túmulo em si, mas também do material utilizado para confeccionar e elaborar o túmulo como um todo (por exemplo, um vaso, uma construção

4 RAMAGE 1 (1982), p. 111. Já no vol. 2, de 1983, observamos o uso do termo “Arqueologia da Morte” (*Archéologie de la Mort*) também pelos franceses da RAMAGE.

5 O termo práticas mortuárias havia sido utilizado por Lewis Binford já na década de 1970 com a Nova Arqueologia, referindo-se às dimensões incorporadas nos rituais funerários (Binford 1971). Atualmente, muitos autores utilizam o termo práticas mortuárias ou funerárias nos estudos arqueológicos, como, por exemplo, Feldore McHugh (1999). Todavia, o termo Arqueologia das Práticas Mortuárias foi formalmente cunhado e definido na dissertação de mestrado defendida por Marily. S. Ribeiro na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Concordamos com a autora sobre as especificações e os usos do termo, e acreditamos que se trata de um termo mais apropriado em relação aos estudos sobre a morte no campo arqueológico devido à ênfase atribuída às práticas rituais e ao produto material resultante dessas práticas, portanto, a cultura material, objeto de estudo do arqueólogo. O termo Arqueologia da Morte, a princípio, não denota tais preocupações e pode indicar uma abordagem genérica da morte, a partir de seus aspectos abstratos, contraditoriamente aos pressupostos arqueológicos (Ribeiro 2002: 6-8).

2 Segundo Jean-Pierre Vernant, as cerimônias simbólicas que não produzem registro material fazem parte de um conjunto maior de símbolos utilizados pelos grupos humanos (as crenças, os rituais, as religiões) para mediar o mundo presente, visível, palpável e o mundo dos mortos, invisível, desconhecido. É esse conjunto que estabelece as relações entre os dois mundos, definindo suas regras e instituindo o equilíbrio e a ordem no mundo dos vivos (Vernant 1982b: 5-16).

3 Por exemplo, na coletânea de artigos da obra de R. Chapman, I. Kinnes e K. Randsborg não encontramos qualquer capítulo introdutório, ou sequer uma preocupação em discorrer ou discutir os pressupostos e as bases de tal denominação. Há apenas a utilização recorrente do termo, aceitando seus princípios e fundamentos (Chapman, Kinnes and Randsborg 1981).

em pedra, o uso de uma lápide etc.), do tipo de enterramento dado ao morto (inumação, cremação, exposição etc.), da maneira como o morto é depositado na sepultura (deitado de costas com as pernas estendidas ou dobradas, deitado de lado com as pernas dobradas, de bruços, de cócoras etc.) e através dos objetos que são colocados com o morto. Todos esses elementos materiais são produtos dos rituais funerários executados por uma determinada sociedade e são caracterizados por representação e não por reificação. Assim, seus significados sociais são configurados através da relação entre os contextos funerários (em última instância, a cultura material) e o sistema cultural que os produziu. As características dessa relação têm sido alvo de interpretações variadas e disputas há mais de 30 anos, indicando diferentes abordagens teórico-metodológicas na análise do material proveniente dos contextos funerários. É exatamente sobre os pressupostos, fundamentos e perspectivas dessas correntes teórico-metodológicas que iremos nos debruçar nas próximas páginas, visando a entendê-las a fim de indicar os recursos de análise e os pontos de vista utilizados no estudo do nosso objeto de pesquisa, os contextos funerários na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C.

II) A reprodução das relações sociais nos contextos funerários. Os pressupostos da Nova Arqueologia.

Os contextos funerários desde muito tempo constituem alvo de pesquisas científicas no campo da Antropologia, da Sociologia, da História, da Etnologia e da Arqueologia. No que diz respeito à Arqueologia, apesar da sistematização de métodos arqueológicos de escavações, datações, estratigrafia e análises laboratoriais e de sua consolidação enquanto disciplina terem ocorrido ainda no final do século XIX, até por volta de meados do século XX a disciplina se encontrou profundamente arraigada aos princípios teóricos da Antropologia e, da mesma forma, os estudos dos vestígios funerários encontraram suas bases teórico-metodológicas nas análises antropológicas e etnológicas. Podemos afirmar que durante o século XIX os contextos funerários ainda não recebiam um estudo sistemático, mas constituíam objeto de curiosidades e coleções, verdadeiros produtos de caça ao tesouro.

Essa situação é transformada definitivamente quando, na década de 1960, os contextos funerários passam a ser entendidos como objetos empíricos expressamente arqueológicos, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Nova Arqueologia (ou também denominada Arqueologia Processual), que encontra em L. R. Binford, um de seus principais fundadores e líderes (Binford 1962, 1983). A Arqueologia passa a ser vista como uma disciplina científica que utilizava os recursos metodológicos das ciências exatas para alcançar análises precisas e rigorosas que levassem às generalizações, regras e padrões capazes de explicar os diferentes comportamentos das sociedades. Tais generalizações ultrapassam as especificidades culturais e são testadas a partir da comparação com uma exaustiva quantidade de casos etnográficos, utilizando método hipotético-dedutivo. O recurso analógico possibilitou a observação e a ênfase no reconhecimento de pontos semelhantes nas diferentes culturas, a análise transcultural (denominada de *Cross-Cultural Analysis*) e, dessa forma, a proposição das leis gerais que caracterizam as mais variadas formas do comportamento humano. É interessante notar que o arqueólogo formulava previamente as questões e as hipóteses, provenientes do corpo teórico da Antropologia, e recorria à documentação material como uma forma de testá-las.

Um dos primeiros autores que se preocuparam com as definições da relação entre contextos funerários e organização social é W. Goodenough (1965), seguido de uma das poucas teses de doutorado mais lidas, utilizadas e também criticadas (Morris 1991a: 147-48), que tiveram um profundo e, poderíamos dizer até mesmo, único impacto no estudo das práticas mortuárias: o estudo de Arthur A. Saxe (1970). Goodenough sintetiza os conceitos de *identidade social*, *relações sociais* e *persona social* que serão fundamentais nas definições das relações entre os contextos funerários e a organização social. A *identidade social* corresponde ao que usualmente se denomina status social que, na verdade, indica a função desempenhada pelo indivíduo na sociedade; *relações sociais* são entendidas como os diversos papéis assumidos pelo indivíduo ao longo de sua vida; e *persona social* como o conjunto das várias *identidades sociais* do indivíduo, porém aquele conjunto selecionado em uma determinada situação e, conseqüentemente, considerado apropriado para uma dada interação social.

Tais conceitos são apropriados e reelaborados por A. Saxe (1970), combinando arqueologia e etnografia na análise dos contextos funerários e levando em consideração determinadas dimensões das práticas mortuárias que se caracterizam por dois status diferentes do morto, o *status atribuído* (referente ao status social do morto, diretamente relacionado à riqueza e às relações de poder) e o *status adquirido* (como sexo, idade e etnia). Isto quer dizer que, para o autor, a partir dos contextos funerários, é possível reconstruir a organização e a estrutura sociais. Os registros mortuários contêm informações dos vários subsistemas das sociedades; econômico, tecnológico, biológico e religioso e são analisados a partir do *grau de redundância* (correlação diversificada entre os atributos dos contextos funerários) e de *entropia* (correlação paradigmática entre os atributos das práticas mortuárias). Tais análises resultam em esquemas classificatórios e na formulação de oito hipóteses gerais do comportamento humano que são testadas por Saxe através do registro etnográfico em três sociedades; os Kapauku-Papuans, da Nova Guiné, os Ashanti, do oeste da África e os Bontoc Igorot de Luzon, nas Filipinas.

As hipóteses formuladas por Saxe dividem-se em dois grandes grupos. As Hipóteses 1 a 4 referem-se ao modo como as *personae sociais* estão diferentemente representadas em um mesmo tipo de tratamento (domínio) dado ao morto.⁶ Já as Hipóteses 5 a 8 concernem à maneira como as diferentes estruturas sociais são representadas de formas diferenciadas entre os diversos tipos de tratamento (domínios) dispensados ao morto. A Hipótese 1 indica que diferentes *personae sociais* são representadas em um domínio mortuário (tipos de tratamento dado ao morto) através da combinação de vários atributos presentes no domínio. A Hipótese 2 estabelece a relação diretamente proporcional entre os princípios que definem as *personae sociais* e a organização das *relações sociais* em uma sociedade como um todo. Isto significa dizer que a estrutura social (seja ela igualitária ou hierárquica) determina a natureza da *persona social* exteriorizada nas práticas mortuárias. A Hipótese 3 aponta a existência de uma relação diretamente proporcional entre as *personae sociais* e a quantidade de

objetos depositados nos enterramentos. Em um determinado domínio mortuário, *personae sociais* de status mais baixo são evidenciados por uma quantidade menor de elementos positivos (componentes presentes no enterramento, o mobiliário funerário) e vice-versa.

Tais hipóteses foram testadas e comprovadas nos três casos etnográficos analisados e, segundo Saxe, as três são passíveis de constatação arqueológica, uma vez que os enterramentos apresentam elementos distintivos coerentes com diferenciações de *status atribuído*, de um lado, e de *status adquirido*, de outro.

A última hipótese que trata especificamente do domínio mortuário, a Hipótese 4, na realidade é uma complementação à Hipótese 3, pois estabelece uma relação diretamente proporcional entre as *personae sociais* do morto representadas em um determinado domínio e seu status social. Quanto maior o status social do morto, maior a quantidade de *identidades sociais* representadas no domínio mortuário e vice-versa. Tal hipótese foi testada nos casos selecionados, porém confirmada apenas entre os Kapauku-Papuans, que são classificados pelo autor como uma sociedade igualitária.

A Hipótese 5 indica a relação direta entre o *grau de redundância* e *entropia* com os tipos de sociedade. Quanto mais paradigmáticos os atributos evidenciados na Estrutura Chave⁷ do domínio de tratamento do morto, menos complexa e mais igualitária será a organização social. Inversamente, quanto maior a variabilidade dos atributos da Estrutura Chave do domínio, assemelhando-se a uma árvore, mais complexa e menos igualitária será a organização da sociedade. A Hipótese 6 define uma relação inversamente proporcional entre os componentes simbólicos do domínio de tratamento do morto com os

7 A Estrutura Chave (*Key Structure*) do domínio do tratamento do morto consiste na organização de elementos básicos formados pelo conjunto de práticas mortuárias que são comparados por Saxe à estrutura de uma árvore: quanto menos elementos, mais simples, mais próximos à figura de uma raiz; quanto mais complexos, maior a quantidade de elementos presentes nos contextos funerários, o domínio assemelha-se a uma árvore, com vários galhos e ramos. Dessa forma, compreendemos a Hipótese 5 – Quanto maior o grau de entropia do domínio (como uma raiz), mais igualitária a sociedade e vice-versa; isto é, quanto maior o grau de redundância (como uma árvore), mais complexa e hierárquica a organização da sociedade (Saxe 1970: 75).

6 Domínio (*domain*) é entendido como os tipos de tratamento dados ao morto (Saxe 1970: 17, 42).

tipos de sociedade. Quanto mais igualitária e simples a organização da sociedade, menor será a quantidade de elementos simbólicos presentes nos contextos funerários. A Hipótese 7 refere-se à relação inversamente proporcional entre as *personae sociales* desviantes da sociedade com os tipos de sociedade. Quanto menor a variabilidade no domínio do tratamento do morto desviante, mais simples e igualitária será a organização da sociedade e vice-versa.

As Hipóteses 5, 6 e 7 foram testadas nos casos etnográficos analisados e não foram comprovadas em nenhum deles, apresentando resultados ambíguos. Porém, o autor chama a atenção para o fato de que elas devem ser testadas em outras culturas, e indica a deficiência de dados como elemento responsável pelos resultados negativos.

Finalmente, a Hipótese 8 indica que a emergência dos cemitérios formais é causada pela competição crescente por recursos naturais e a formação de grupos descendentes agnáticos, que tentam monopolizar esses recursos, justificando suas reivindicações como direitos através da descendência linear com os mortos.

Na medida em que os direitos de um grupo corporativo, para usar e, ou, controlar recursos cruciais, porém restritos, são alcançados e, ou, legitimados por meios de descendência linear com os mortos (por exemplo, laços lineares com ancestrais), tais grupos irão manter áreas formais de deposição exclusiva para exclusiva deposição de seus mortos e vice-versa (Saxe 1970: 119).⁸

As hipóteses de Saxe tiveram uma enorme repercussão para a Arqueologia das Práticas Mortuárias nas décadas seguintes do século XX, principalmente a Hipótese 8 e a Hipótese 5. Uma das primeiras grandes reações ocorreu ainda na década de 1970, com a obra de Lynne Goldstein (1976). A autora reanalisou os dados etnográficos utilizados por Saxe e testou as hipóteses em 30 outras sociedades. A principal crítica da autora recai exatamente sobre a Hipótese 8, reformulando-a e separando-a em três sub-hipóteses correlacionadas:

1) Na medida em que os direitos de um grupo corporativo, para usar e, ou, controlar recursos cruciais, porém restritos, são alcançados e, ou, legitimados por meios de descendência linear com os mortos (por exemplo, laços lineares com ancestrais), tais grupos irão, através da religião popular e sua ritualização, reafirmar regularmente os seus direitos. Ritualização significa a manutenção de uma área permanente, especializada e cercada para a exclusiva deposição dos mortos.

2) Se existe uma área permanente, especializada e cercada para exclusiva deposição dos mortos, então é provável que esta represente um grupo corporativo que tem direitos sobre o uso e, ou, controle de recursos cruciais, porém restritos. Esse controle corporativo é mais provável ser alcançado e, ou, legitimado através de descendência linear com os mortos, tanto em termos de uma linhagem real ou por uma tradição fortemente estabelecida de transmissão dos recursos restritos de geração para geração, de pai para filho.

3) Quanto mais formal e estruturada a área de deposição, menor a quantidade de explicações alternativas da organização social que se aplicam e vice-versa.

Para Goldstein, mesmo quando comparamos culturas com aspectos econômicos e condições ambientais similares, é improvável que tais sociedades simbolizem e ritualizem elementos de suas organizações sociais da mesma maneira. Binford apropria-se das ideias de Saxe e Goldstein e sistematiza também algumas conclusões em relação às práticas mortuárias e à organização da sociedade (Binford 1971). Segundo o autor, as práticas mortuárias podem ser divididas em três grandes categorias que, por sua vez, dividem-se cada uma delas em três outros aspectos variáveis. A primeira corresponde ao tratamento diferencial do corpo, a segunda é identificada aos distintos aspectos que compõem a constituição da sepultura do cadáver e a terceira corresponde aos objetos diferenciais que são depositados com o defunto, denominado de mobiliário funerário, conforme podemos resumir no esquema abaixo (*ibid.*, 1971: 21):

1) Tratamento do corpo – Pode ser dividido em a) preparação do corpo – rituais que incluem lavagem, higienização e exposição; b) tipo de tratamento do corpo – rituais que variam entre cremação, inumação, mumificação, mutilação e c)

⁸ “Áreas formais de deposição” são entendida por Saxe como um “local permanente e especializado, uma área territorialmente delimitada como um cemitério” (1970: 119).

tipos de deposição do corpo – rituais que incluem o local onde o cadáver é depositado, como um túmulo, um rio etc.

2) Local de deposição do morto – Pode ser dividido em a) forma, incluindo variáveis como tamanho, material utilizado na construção do túmulo, detalhes arquitetônicos etc.; b) orientação, variáveis associadas a pontos de referências como pontos cardinais, ângulos do solstício etc. e c) localização do contexto funerário, incluindo referências em relação a local de assentamento, se nas próprias residências ou em áreas exclusiva e espacialmente delimitadas para a deposição dos mortos, como cemitérios.

3) Mobiliário funerário – Pode ser dividido em a) forma dos objetos depositados; b) quantidade dos artefatos depositados e c) forma e quantidade associadas, verificando se há diferenciação quanto ao tipo de objeto e sua quantidade.

O autor sustenta que a *persona social* representada simbolicamente nos contextos funerários varia diretamente de acordo com dois fatores interdependentes: 1) a participação corporativa nessas cerimônias e 2) a hierarquia relativa da posição social ocupada pelo morto em vida. Binford não rejeita a premissa a partir da qual os contextos funerários são representações simbólicas, entretanto argumenta a favor da natureza arbitrária dos signos, indicando que eles variam independentemente em relação aos seus referentes e, dessa forma, defende não ser possível reconstituir um mundo simbólico, mental, empático a partir dos restos arqueológicos (Hodder, Binford and Stone 1988: 373-76). Trata-se, portanto, de um campo que a arqueologia não consegue alcançar.

Dessa forma, o reconhecimento das *identidades sociais* do morto se dá de forma direta e automática através das práticas mortuárias e as intenções e interesses dos participantes dos rituais não podem ser alcançados, uma vez que constituem algo simbolicamente arbitrário, variável e específico. Percebemos que a *persona social*, as práticas mortuárias e a organização social estão imbricadas formando uma relação direta, resumida pelas seguintes proposições (Binford 1971: 23):

1) As dimensões específicas da *persona social* são comumente reconhecidas a partir dos rituais mortuários diferenciados e variam de acordo com a complexidade organizacional da sociedade,

mensurada pelas diferentes formas de práticas de subsistência.

2) O número de dimensões da *persona social* também é comumente reconhecido a partir dos rituais mortuários diferenciados e variam significativamente de acordo com a complexidade organizacional da sociedade, mensurada pelas diferentes formas de práticas de subsistência.

3) As formas que definem as diferenciações nos rituais mortuários variam significativamente de acordo com as dimensões da *persona social* simbolizada.

O autor estabelece uma relação direta em termos quantitativos entre padrões mortuários e tipos sociais para explicar a variabilidade estrutural nos rituais mortuários.

(...) deve haver um alto grau de isomorfismo entre a) a complexidade estrutural em um sistema sociocultural e b) a complexidade do cerimonial mortuário concernente ao tratamento diferencial dado às pessoas ocupando diferentes posições de status (Binford 1971: 18).

O autor, da mesma forma que Saxe e Goldstein, utiliza duas classificações sociais básicas, dividindo as culturas em igualitárias e complexas (hierarquizadas). Tais classificações, entretanto, não são claramente definidas e são marcadas por generalizações, sendo medidas e relacionadas, de um lado, diretamente às dimensões atribuídas do cerimonial funerário, como sexo, idade, etnia, e às dimensões adquiridas, de outro, o status social do indivíduo em vida. Dessa forma, para se medir e entender as relações entre as dimensões das práticas mortuárias e a sociedade que as produziu, deve-se recorrer à aplicação de métodos quantitativos rigorosos que possam levar a formulação de padrões.

J. A. Tainter, ícone da Antropologia Cultural Americana, complementa a ideia da relação direta entre os enterramentos como reflexo da estrutura social de Binford a partir de fórmulas matemáticas e utilizando recursos informáticos que meçam a complexidade social através da classificação dos contextos funerários (Tainter 1975, 1978, 1981). Tainter parte de duas premissas diretas; a partir da primeira, propõe que quanto mais complexa a sociedade, mais complexo será o tratamento dado ao morto e, com a segunda,

indica que quanto maior o status do morto, mais complexo será o tratamento dado ao morto. Os objetos presentes nos enterramentos, o tipo de enterramento (inumação ou cremação), a duração dos rituais e as sepulturas construídas para o morto são classificados e medidos de acordo com o grau de energia despendida para a realização dos enterramentos. Quanto maior a quantidade de energia despendida, maior o status social e econômico do morto e vice-versa. Dessa forma, o status do morto está totalmente vinculado à quantidade diretamente proporcional de energia investida nas práticas mortuárias. Esta se torna um indicador infalível do status social.

(...) a distribuição espacial dos restos mortuários, uma variável que contém informação relativa à diferenciação de grupo corporativo e dispêndio de energia, um indicador de marca hierárquica (Tainter 1978: 136).

É interessante notar que uma das afirmações de Tainter também teve grande repercussão na Arqueologia das Práticas Mortuárias, seja na Nova Arqueologia ou na Arqueologia Pós-Processual. O autor argumenta que os casos de cremação, mesmo quando esses não apresentam mobiliário funerário, correspondem ao tipo de enterramento em que há a maior quantidade de energia despendida e, dessa forma, são sempre indicativos padrões de um elevado status social, inclusive maior em relação às inumações. Quando pensamos na Idade do Ferro na Grécia, concordamos com o fato de que o ato da cremação como um todo exige maior quantidade de energia, de concentração do trabalho dos participantes, como a própria elaboração da pira. Além disso, é interessante considerarmos que se trata de uma prática que pode envolver não só os participantes mais próximos das exéquias, o grupo familiar ou social, mas o restante da comunidade, que também sentiria os odores exalados da ação, uma vez que era executada ao ar livre. Contudo, não necessariamente a sua prática pura e simples denota o status social elevado do morto (McKinley 2006). Principalmente na Ática, durante este período, as cremações difundem-se e generalizam-se como método de enterramento predominante, apresentando uma grande diversidade de mobiliário funerário, algumas com grande quantidade e variedade de objetos e outras sem oferendas. O mesmo acontece com as inumações

que aparecem nessa região (Morris 1987). Na Argólida, contudo, a situação é inversa, a inumação permanece como prática dominante e, na maioria dos casos, com um mobiliário funerário bastante variado (Snodgrass 1971, Coubin 1974, Hägg 1974 e Foley 1988). Os casos de cremação são caracterizados por cremações incompletas e são bastante isolados (Hägg 1987). Dessa forma, estabelecer uma relação direta entre os enterramentos e a estrutura social é problemático, da mesma maneira que é insustentável arqueologicamente a assertiva que indica que quanto maior a quantidade de mobiliário nos túmulos, maior o grau de riqueza do morto e seu grupo e maior seu status social ou quanto maior a energia despendida nas exéquias, maior será o status do morto.

Os métodos quantitativos de análise não constituem o problema na interpretação dos contextos funerários pela Nova Arqueologia, mas sim as fórmulas alcançadas a partir da relação entre os dados dos enterramentos com a estrutura social. Aí está um dos principais problemas desses estudos que procuram estabelecer hipóteses e leis gerais para testá-las e aplicá-las em várias sociedades, sem considerar as especificidades de cada uma delas. Tais modelos acabam por serem arbitrários, além de não denotarem o que está representado em cada caso, sendo facilmente criticados.

III) A representação das relações sociais nos contextos funerários. Os fundamentos da Arqueologia Contextual.

As críticas à Arqueologia Processual e a proposição de novos preceitos para o estudo dos contextos arqueológicos surgem alguns anos depois, na década de 1980, na Inglaterra com I. Hodder, com a Arqueologia Pós-Processual ou também chamada de Arqueologia Contextual (Hodder 1981a, 1982a, 1982b). A questão central dessa nova linha teórica da arqueologia é tentar entender o papel do indivíduo na sociedade e ressaltá-lo no *contexto arqueológico*, entendido aqui como as diversas dimensões do registro material que o arqueólogo pode estudar (os enterramentos de um lado e os assentamentos de outro, por exemplo), sem isolar qualquer um deles, mas ao contrário, considerando-os em conjunto, comparativamente. O Estruturalismo e as abordagens marxistas contribuíram para

os fundamentos teóricos da Arqueologia Pós-Processual, que buscou entender os conflitos entre os grupos sociais alcançando as ideologias e as representações simbólicas como formas de legitimação do poder. É o homem que dá sentido, representa e simboliza os objetos, os fenômenos e as relações sociais que o cercam e não as adaptações ao meio-ambiente, como pretendia a Nova Arqueologia. Isto leva a conclusão de que as leis gerais estabelecidas pela Nova Arqueologia são referenciais inúteis para a compreensão da diversidade do comportamento humano nas culturas. A ênfase para a arqueologia contextual está nas particularidades e no caráter profundamente ideológico que caracterizam os vestígios materiais.

P. Ucko, ainda na década de 1960, aponta para os riscos de uma leitura distorcida dos contextos funerários quando uma relação direta entre as práticas mortuárias e a *persona social* é estabelecida (Ucko 1969). É exatamente neste ponto que se encontram as divergências fundamentais entre as interpretações dos contextos mortuários para a Arqueologia Processual e a Contextual. Os conceitos de Goodenough e Saxe de *persona social*, *identidade social* e relações sociais são retomados a partir de uma abordagem estruturalista e neomarxista.

J. A. Brown (1971, 1981, 1995) também aponta algumas críticas à ênfase excessiva nas relações de poder presente nas teorias de Saxe e Binford. Brown indica que não necessariamente há liderança centralizada em sociedades hierarquizadas. Entretanto, o autor sustenta que se devem levar em consideração três elementos que são sim distintivos de estratificação a partir dos contextos funerários: 1) o investimento de energia nas práticas funerárias como um todo, 2) a presença de símbolos de autoridade nos enterramentos e 3) a análise de estruturas demográficas dos contextos funerários. Para Brown, portanto, os métodos quantitativos da Arqueologia Processual e as teorias ideológicas da Arqueologia Contextual não dão conta isoladamente de todas as dimensões que os contextos funerários comportam. Faz-se necessária a utilização de ambos, e é praticamente impossível identificar diferenças econômicas e sociais sem considerar o modelo de gasto e investimento de energia de Tainter e os métodos quantitativos de análise estatística da Nova Arqueologia (Brown 1981).

E.-J. Pader (1982: 31) estabelece uma distinção entre a estrutura social e a organização social, diferenciação está que também é

marcante nas obras de I. Morris (1987) e no estudo de F. McHugh (1999: 2). Segundo os fundamentos da Arqueologia Pós-Processual, a estrutura social seria um modelo ideal da posição dos indivíduos no mundo, em sociedade, enquanto a organização social corresponderia à distribuição empírica das experiências cotidianas. As *personae sociais* não são predefinidas, como indica a Nova arqueologia, mas são resultantes das práticas sociais, que podem manipular e criar os papéis sociais. Os rituais mortuários são entendidos, dessa forma, como uma ocasião em que as relações entre as pessoas são mutáveis e as *identidades sociais* simbolizadas nesse momento são frutos de forças que atuam sobre os vivos e sobre os mortos, como ideologias de dominação. Essas ideologias podem resultar na completa reorganização da sociedade para consolidar a nova configuração dos grupos dominantes.

A classificação dos contextos funerários é dada através de seus aspectos simbólicos e esses aspectos são compreendidos como uma forma através da qual os indivíduos representam-se idealmente através dos rituais. Estes constituem um mecanismo que “legitima a desigualdade e a mascara como natural e inevitável” (Pader 1982: 41-42). Daí Pader dividir as atividades rituais funerárias em sete elementos essenciais: 1) formalização; 2) intencionalidade; 3) experiência sagrada ou santificada; 4) natureza conservativa, ou aparente imutabilidade; 5) estilização; 6) comportamento especial e repetitivo e 7) formas extraordinárias de comunicação.

M. Parker-Pearson também afirma que as práticas mortuárias são produtos de decisões políticas através das quais os mortos são manipulados pelos vivos (Parker-Pearson 1982, 1993, 1995, 1999). Parker-Pearson considera que a morte pode ser um momento em que ocorre a legitimação da ordem social, porém os vivos podem esconder, embelezar ou justificar as relações sociais através dos rituais mortuários. Para o autor, os rituais têm sido descritos como um conjunto de performances prescritas e proscrias que seguem uma série de rotinas ou fórmulas similares às peças teatrais, com a exceção de que não há espaço para improvisações. Parker-Pearson fundamenta a sua análise dos contextos funerários utilizando três tipos de recursos metodológicos.

1) *Análises de relações espaciais e topográficas entre as habitações dos vivos e dos mortos*. Estes tipos de estudos remetem imediatamente à Hipótese 8 de Saxe e sua repercussão na obra de Goldstein

e indicam que tais generalizações só podem ser utilizadas dentro de circunstâncias históricas específicas e com referências a grupos particulares. Somente quando detectamos sequências de mudanças na localização da habitação dos mortos (isto é, nos enterramentos, estejam eles agrupados ou não em cemitérios) é que podemos tentar atribuir sentido às relações dos mortos com os vivos. De acordo com o autor, quanto maior a proximidade física dos enterramentos das áreas de habitação, mais eles estão integrados à sociedade e maior o papel dos mortos ou sua influência sobre os vivos. Dessa forma, eles podem formar um elemento poderoso dentro da ordem social, como o papel dos ancestrais na legitimação do poder.

2) *Análises da organização intrassítio dentro das habitações dos vivos e dos mortos.* Há três tipos de comparações nesses casos: a) entre unidades básicas como casas e túmulos – variações nas residências podem ser comparadas às variações nos enterramentos; b) o assentamento pode ser organizado segundo princípios como gênero, parentesco, status etc., que podem ser comparados aos cemitérios do mesmo período. Deste modo, entendem-se os mortos dentro de uma paisagem em que haja ou não conformidade com o mapa simbólico da ordem social; c) a comparação entre o desenvolvimento do assentamento e do cemitério, que pode demonstrar inconsistências de leitura de representação do mundo dos mortos como, por exemplo, quando um modelo de sociedade passada é simbolizado como ideal para o presente para justificar interesses dos vivos.

3) *Análises da distribuição dos artefatos nos assentamentos, nos contextos funerários e ainda em outros contextos arqueológicos.* Estudos desse porte consideram o valor simbólico dos artefatos para uma determinada sociedade, assim como seu processo de seleção, e não se preocupam apenas com a quantidade de objetos nos enterramentos ou com o cálculo de energia investida no processo de confecção do artefato e do sepultamento. Segundo o autor, os artefatos depositados nos enterramentos formam uma categoria bastante especial de objetos que nos leva a uma categoria mais ampla da experiência social, formada pela cosmologia básica a partir da qual a vida está ordenada. Entretanto, para Parker-Pearson, não necessariamente a presença de artefatos nos túmulos indica a crença na vida após a morte. Tal prática deve estar associada à execução de rituais como, por exemplo,

banquetes, libações e deposição de alimentos nas sepulturas, que podem implicar a necessidade que os vivos teriam em fazer provisões aos mortos e, dessa forma sim, a crença em uma vida sobrenatural.

A partir de tais recursos analíticos, concluímos que estudos sobre as práticas mortuárias, para os pressupostos da Arqueologia Contextual, não podem estar limitados pelas análises exclusivas dos cemitérios, porém devem incluir análises de um contexto mais amplo, mapeando o sagrado e o profano na paisagem e identificando as relações físicas entre as habitações dos vivos e dos mortos, comparando os processos de fundações e abandonos, a organização e morfologia dos assentamentos e dos cemitérios e o exame da variabilidade intercontextual dos artefatos entre os depósitos sagrados e não sagrados. Uma das faces da análise que propomos para os enterramentos da Argólida durante a Idade do Ferro insere-se nesta perspectiva, pois buscamos refletir sobre o espaço dedicado aos mortos (quer dizer, entender a distribuição dos enterramentos, sua localização em relação às áreas de habitação), principalmente durante o século VIII a.C., com a formação da pólis e o domínio de Argos na região, verificando a existência de um possível processo de formação de cemitérios, de um espaço exclusivo para enterramentos.

IV) A morte e as visões da Antropologia, da História e da Semiologia.

Um dos estudos sobre os fundamentos e os conceitos que definem os rituais que teve profundas repercussões no campo teórico da Arqueologia das Práticas Mortuárias é a obra de A. Van Gennep (1908), na qual a morte é entendida como um *ritual de passagem*. As mudanças essenciais que ocorrem na vida dos seres humanos como o nascimento, a puberdade, o casamento e a morte são acompanhadas, segundo Van Gennep, de mudanças na estrutura social do mundo dos vivos, que afetam não somente aqueles que estão passando diretamente por elas, mas também aqueles que participam delas direta ou indiretamente, como os parentes mais próximos e amigos. Os rituais que cercam essas mudanças reafirmam a estrutura social, a ordem estabelecida em uma determinada sociedade e, dessa forma, estão relacionados com o status, a idade e o tipo de morte que o falecido teve. Van Gennep divide os ritos de passagem

em três estágios fundamentais que também são compostos por cerimônias.

O primeiro corresponde aos ritos de separação, os quais são caracterizados pelo momento em que há toda a alteração do estado de equilíbrio, de normalidade, um estado limítrofe em que os agentes sociais abandonam seu papel social original. O segundo estágio corresponde aos ritos de marginalidade ou transitoriedade, expressos por uma situação em que há uma inversão dos papéis sociais, de liminaridade e poluição em que os agentes sociais estão expostos à desordem, ao perigo e aos desvios, inclusive de comportamento. O terceiro momento dos ritos de passagem corresponde aos ritos de reintegração, incorporação ou agregação e são aqueles responsáveis pelo restabelecimento do equilíbrio e da ordem social; contudo, os agentes sociais envolvidos retornam a um status e a uma situação nova, diferente do inicial, do original. Segundo Van Gennep, no caso dos rituais funerários, este momento é caracterizado pela execução dos banquetes e pelas festividades e é quando se dá a incorporação da alma no mundo dos mortos e os vivos retornam às suas atividades dentro da normalidade.

Uma linha diversificada em relação à classificação da morte como ritual de passagem na Antropologia é proposta por M. Bloch (1989). O autor afirma que os rituais que cercam a morte configuram-se, na verdade, como situações de crise em que os membros do grupo necessitam integrar outros membros, mas sempre preservando e reafirmando a ordem social estabelecida, imutável e dominante. Percebe-se uma visão neomarxista, na qual as relações nos rituais funerários são permeadas por relações de dominação, de poder. Para Bloch, enquanto uma situação de crise, os rituais mortuários são definidos como práticas ideológicas que podem ser resumidas em três etapas:

- 1) A representação simbólica de certos fenômenos biológicos por parte dos indivíduos em grupo.
- 2) A legitimação e a aparente homogeneidade do fenômeno biológico são alcançadas pela representação.
- 3) A legitimação e reafirmação da autoridade, pois, de um lado, ela se torna naturalmente representada nos rituais e, de outro, ela é identificada às emoções presentes nos rituais.

Dessa forma, a função dos rituais mortuários, para Bloch, é formalizar e simbolizar as posições dos grupos na sociedade, legitimando-as e criando uma estrutura social idealizada. Assim, torna-se muito difícil para o pesquisador alcançar as nuances da organização social a partir do registro material.

Na História, P. Ariès (1977, 1981, 1985) procura entender a morte no mundo ocidental a partir de quatro parâmetros fundamentais:

Parâmetro 1 – A morte, assim como a vida, não constitui um ato apenas individual. Dessa forma, é celebrada por um conjunto de cerimônias que possuem três grandes momentos: a aceitação, pelo moribundo, do seu papel ativo, a cena do adeus e a cena do luto.

A morte não é, portanto, um drama pessoal, mas a prova da comunidade encarregada de manter a continuidade da espécie (Ariès 1977: 659).

Parâmetro 2 – A ritualização da morte tem como função controlar a força impiedosa da natureza, que o homem não consegue controlar. Trata-se de uma estratégia humana, feita de interdições e concessões, a fim de prolongar culturalmente o que a natureza dá descontinuidade evidente. Para Ariès, aí está a razão pela qual o ser humano não abandona a morte em nenhuma sociedade e a torna um espetáculo, aprisionado pelas cerimônias mortuárias, e aí está também o motivo pelo qual não há possibilidades de a morte constituir um evento solitário, mas sim um fenômeno de comprometimento público.

Parâmetro 3 – A morte é marcada pela característica intrínseca da tentativa humana de prolongamento da vida. Isto explica, segundo o autor, a tenacidade e a longa duração das concepções da vida após a morte, das crenças na sobrevivência da alma e em um mundo sobrenatural em que os mortos vivem uma vida atenuada, de paz e repouso eternos nas mais variadas sociedades.

Parâmetro 4 – A morte, apesar de controlada pelos rituais, é sempre um mal inseparável do homem e resignação não significa submissão, mas sim reconhecimento desse mal.

Esses parâmetros caracterizam os cinco modelos ou mentalidades históricas propostos por Ariès para explicar as atitudes em relação à morte. Nem todos os parâmetros aparecem em um modelo e, muitas vezes, há uma alteração nos pressupostos dos parâmetros de acordo com as próprias transformações históricas nas sociedades ocidentais:

1) A Morte Domada ou Subjugada – Neste modelo, a morte é tratada com familiaridade, como uma verdade universal, um fato da natureza e é, portanto, aceita como tal, apesar de ser temida. Segundo o autor, neste tipo de mentalidade inserem-se as sociedades da Antiguidade e os quatro parâmetros estão presentes.

2) A Morte de Si Mesmo – Neste modelo a morte é encarada como um mal, um grande sofrimento. Há uma ênfase na individualidade e também no fato de que ela não corresponde à morte física, ao final da vida, mas sim como o final da vida corporal somente. De acordo com Ariès, este tipo de mentalidade é característico das sociedades dos séculos XI e XII e apresentam, principalmente, os parâmetros 1 e 4.

3) A Morte Longa e Próxima – Este modelo apresenta a morte como algo distante da vida cotidiana e corresponde a um momento em que há o surgimento do ideal familiar ocidental moderno, no final do século XVI. Ao mesmo tempo, ela também fascinava e provocava curiosidades e imaginações, daí o nome. Este tipo de mentalidade caracteriza-se principalmente pelo parâmetro 4.

4) A Morte do Outro – Este modelo apresenta uma crise dramática e uma revolução dos sentimentos, segundo o autor, pois há uma mudança essencial no primeiro parâmetro que a caracteriza, centrando-se na figura do indivíduo. A morte é vista como um ideal de beleza, inserido nos aspectos do ideal romântico do morrer e de morte. Tal mentalidade define, então, o século XVIII e também encontra suas raízes no crescimento da importância da família nuclear e do conceito de privacidade.

5) A Morte Invertida ou Invisível – A partir do século XIX, a Medicina ganha um papel fundamental no prolongamento da vida, na cura das doenças e, assim, na eliminação do sofrimento, inclusive em relação à morte, que agora passa a ser encarada como algo sujo, extremamente perigoso, foco de doenças, e ainda como obscenidade. Dessa maneira, deve ser higienizada, ficar restrita aos hospitais, velórios; o morto deve ser enterrado

o mais rápido possível e não se deve discutir o assunto, principalmente entre as crianças. Neste tipo de mentalidade, os parâmetros 2, 3 e 4 encontram-se bem desenvolvidos.

É interessante notar que as considerações de P. Ariès são fundamentadas em uma cultura de elite essencialmente ocidental e são proposições genéricas sobre as sociedades do ocidente envolvendo uma grande quantidade de locais e um recorte temporal extremamente vasto. Além disso, está profundamente presente nos modelos propostos pelo autor a ideia de progresso cronológico das sociedades em relação às atitudes para com a morte e o morrer.

Entretanto, é interessante ressaltar que o exemplo histórico analisado por Ariès, segundo seus parâmetros (Paris durante os séculos XVIII e XIX), demonstra que as mudanças nas práticas funerárias estão diretamente associadas com transformações na organização da sociedade. Dessa forma, segundo uma visão mais otimista do que aquela defendida por M. Bloch, percebemos que é possível alcançar determinados aspectos da organização social, partindo do princípio que os enterramentos jamais caracterizem essa organização social em termos relativos de complexidade, como sustenta Binford.

As aproximações entre a História e a Arqueologia por parte dos arqueólogos clássicos se tornaram mais intensas a partir do final da década de 1980. Na França, encontramos duas linhas fundamentadas no aspecto simbólico dos contextos funerários, uma desenvolvida por J.-P. Vernant (1965, 1981, 1982a, 1982b, 1985, 1989, 1990, 1991) e outra pelos autores da *Revue d'Archéologie Moderne et d'Archéologie Generale* (RAMAGE), em que P.-Y. Balut (1982a, 1982b, 1984/1985, 1986, 1987, 1988, 1990, 1991) e P. Bruneau (1983, 1984/1985, 1987, 1991, 1992) propõem um modelo e perspectivas interpretativas dos contextos funerários a partir dos pressupostos e da terminologia semiológica e procuram unir História e Arqueologia (Bruneau et Balut, 1982).

Vernant fundamenta um conceito essencial no estudo das relações entre os contextos mortuários e as sociedades, o de Ideologia Funerária (*Idéologie Funéraire*), como o conjunto de elementos significativos das práticas e dos discursos relativos aos mortos que remete às formas de organização social, às estruturas de grupo, traduz as diferenças, as tensões, o equilíbrio, a ordem social e é testemunha das mudanças sofridas na dinâmica vivenciada por

uma sociedade (Vernant 1982: 5-15). Vernant trabalha com níveis do imaginário social, não se deve buscar no universo dos mortos traços do universo dos vivos. Os contextos funerários integram uma sociedade global, que apresenta um conjunto de práticas, instituições e crenças as quais nos esforçamos para recuperar. Eles fazem parte de um imaginário através do qual a sociedade forja seu passado e projeta seu futuro, como uma estratégia adaptada às exigências da vida coletiva. Daí Vernant falar em uma “política” da morte, como o sistema formado pelos rituais que envolvem a morte e que teria por função a afirmação dos traços específicos de um grupo social, perdurando suas tradições e estruturas, conduzindo-os continuamente segundo regras e sanções que lhe são próprias (*ibid.*, 1982: 7).

Para Vernant, a morte constitui um fato universal e é marcada pela ausência, pelo não ser, contrário à individualidade que caracteriza a vida. Dessa forma, o ser humano enfrenta a morte buscando formas de integrá-la ao universo mental e às práticas institucionais da sociedade dos vivos, isto é, elaborando uma memória coletiva para um grupo de indivíduos que tenha um passado em comum. Essas práticas conferem a certos personagens mortos da sociedade, através de rituais mortuários apropriados, um status social que permanece mesmo após sua condição de morto que, na verdade, se inscreve nas forças sociais dos vivos, das quais dependem o equilíbrio e a ordem da sociedade. Além disso, tais práticas também se tornam uma forma de immortalizar o indivíduo que agora está ausente fisicamente na sociedade, mas cuja memória estará presente tanto pela sua definição nos rituais funerários, quanto pela existência de um monumento, o túmulo.

A partir dessas premissas, Vernant tenta entender a Ideologia Funerária na Grécia Antiga, principalmente em relação à morte relatada nas epopeias, em especial nas obras atribuídas a Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia* (Vernant 1982a, 1991). Dois fatores são fundamentais para a Ideologia Funerária nas obras homéricas: o papel da memória e o lugar do indivíduo. O primeiro é caracterizado, segundo o autor, pelo fato de que alguns guerreiros se sobressaem em relação aos demais, aos indivíduos comuns e, assim, são cremados, recebendo as honras funerárias dignas de um herói. A morte para esses heróis não configura um fim, mas sim uma forma gloriosa através da qual eles ganham sua imortalidade, a lembrança eterna no mundo dos vivos através do

canto, indefinidamente repetido e do monumento funerário, para sempre visível e visitado. Esses heróis formam os “homens de outrora”, os antepassados da sociedade que configuram sua tradição cultural e servem de cimento para a existência social e para a forma civilizada entre os vivos. O indivíduo heroico adquire uma nova existência social, rompe e vence as barreiras do esquecimento e do anonimato, intrínsecas da morte e transforma sua desapareição material (física, do corpo) em um estado positivo invariável, inscrevendo sua presença política na sociedade dos vivos. Esse é o lugar do indivíduo.

A morte heroica, portanto, assume uma forma idealizada da vida, como uma maneira através da qual é possível burlar e ultrapassar o caos e o horror do esquecimento, os quais a vida, pela sua natureza, está fadada a enfrentar. A morte heroica é o que Vernant denomina de “bela morte” – *kalós thánatos* – e é responsável pela permanência dos heróis na comunidade dos vivos. Ela é caracterizada pelo morrer jovem em combate, quando o ato é individualizado em relação às demais mortes no campo de batalha e eleva o herói acima das condições humanas, o diviniza. Do ponto de vista heroico, portanto, viver não tem tanto significado quanto ter uma “bela morte”. Os rituais funerários tornam possível a transformação do corpo; a cremação faz com que a *psyché* atinja o Hades para não integrar mais o mundo dos vivos. O indivíduo, então, desaparece da fábrica das relações sociais da qual fazia parte, mas continua a existir num outro plano, o da memória, perpetuada através das canções épicas e celebrada através do *sêma*, do túmulo. Negar as honras fúnebres é, portanto, o oposto da “bela morte”, e entende-se melhor o papel desses rituais numa cultura agnóstica como esta, em que um único indivíduo prova seu valor em detrimento do outro e busca sempre ser superior a ele.

Vernant lembra, contudo, que tais leituras são totalmente distintas daquelas representadas pelo hoplita na falange, onde não há espaço para a individualidade e a tarefa do guerreiro é manter sua posição em conjunto durante o combate. Os soldados são capazes de se manterem na linha de batalha e permanecerem sãos e salvos e quando retornam para casa recebem o mesmo prestígio, glória e honra em relação àqueles que pereceram lutando. Da mesma forma, quando envelhecem, merecem tanto respeito quanto os demais cidadãos da pólis. Há uma modificação, portanto, do sentido da “bela morte”. Todavia, a glorificação

dos heróis homéricos e de suas memórias nas *póies* durante o Período Clássico demonstra que a Ideologia Funerária da “bela morte” épica manteve sua importância e seu efeito no comportamento cultural e político das comunidades, mesmo em contextos históricos tão diferentes e tão remotos em relação ao mundo homérico.

Balut, na abordagem da RAMAGE, insere-se nas perspectivas que consideram a morte como uma representação simbólica. Entretanto, apesar de utilizar os termos e fundamentar suas proposições na Semiologia, o autor deixa claro que é totalmente contra o mito semiológico de que “tudo é linguagem” e “tudo é signo” (Bruneau et Balut 1982). A morte é entendida como uma indústria esquemática através da qual o indivíduo ainda é um ser, e a técnica presente nesta indústria diz respeito ao tratamento que esse ser recebe, à preparação do corpo, à exposição, ao transporte e aos rituais em sua homenagem. É essa indústria esquemática que dá forma ao ser, definido tanto como sujeito animal, mas, principalmente, quanto pessoa social. Essa indústria faz parte do que Balut define como *dormitoire* (cultura humana) e, dessa forma, afirma que ela existe de longa data e constitui um fato universal, que tende a estar presente nas mais distintas sociedades. O autor é extremamente crítico em relação àqueles arqueólogos cujas interferências nas interpretações dos registros materiais do passado são definidas como naturais, sendo que, na verdade, aplicam sua própria visão de mundo, típica das sociedades burguesas.

O mobiliário funerário tão abundante das tumbas pré-históricas ou antigas que supõe a boa conservação de algo, uma vez que há sua provisão, mesmo que ela não seja acompanhada de uma indústria esquemática sofisticada para alojar ou tratar os corpos; as múltiplas técnicas do tratamento dos corpos desde que o mundo é mundo – enquanto se puder observá-lo –; a tendência de que diversas civilizações dão aos mortos um habitat decente, confortável: tudo isso, dentro dos mecanismos, tão próximo etnicamente, senão tecnicamente, de nosso comportamento funerário, não pode seguramente se reduzir a esta pseudo análise política da sociedade burguesa, mercantil, possessiva, conservadora e outros horrores reacionários (Balut 1986: 321-22).

O aparelho semiológico é apenas uma maneira sutil e retórica, um efeito de estilo para a interpretação. Os conceitos significante (palavra) e significado (sentido), quando transpostos para a técnica dos contextos funerários, temos a parte visível do túmulo (o jazigo, a lápide, o epitáfio, a cruz etc.) como a face significante do objeto e o significado enquanto a parte escondida, enterrada (o sarcófago, o caixão, a sepultura, o mobiliário funerário etc.). Para Balut, é temerário estudar os contextos funerários sem que haja uma análise dos mecanismos da imagem e do conjunto da técnica em geral (do material, dos instrumentos, das áreas disponíveis, da estética etc.) relacionadas à sua sociologia, quer dizer, aos seus usos. Não se deve reduzir a arqueologia à amostragem. Nestes contextos, tudo depende da questão colocada e deve-se mudar de acordo com cada caso. Há um aspecto intrínseco que caracteriza os enterramentos, que é a representação. A *persona social* sobrevive à desapareição material do sujeito e é representada nos rituais mortuários. A representação dentro do domínio funerário parte da conservação da memória do indivíduo, que se dá através de um conjunto de indústrias dêiticas (simbólicas, representadas nas práticas mortuárias, como a escolha do caixão, as vestimentas, os objetos que serão enterrados com o morto etc.), designadas por Balut pelo termo *conservatoire*. Em termos de representação, o *conservatoire* possui três modalidades: a) a representação natural para fabricar uma imagem; b) a relação simbólica para produzir um indicador, um sinal e c) o signo linguístico, ao qual se dá a forma técnica na escritura. De um lado, o *conservatoire* pode representar o morto ele mesmo (claro que em sua ausência física), o que ele foi, o que ainda é e o que se tornou, proporcionando a lembrança para os vivos, a memória dos mortos, denominado por Balut de *mnêma*, ou literalmente do grego, “memorial”. Por outro lado, *conservatoire* também proporciona o habitat do morto (a sepultura), seu lugar, sua insígnia, designado pelo autor como *sêma*, ou literalmente, “sinal” (Balut 1986: 328).

V) Padrões de Representação? Os mortos, a ideologia e a estatística. Interações e perspectivas.

Na Arqueologia Clássica, principalmente no que diz respeito à Idade do Ferro na Grécia, cujos enterramentos constituem a fonte material

primordial de conhecimento das sociedades, nos últimos 30 anos os estudos sobre os contextos funerários têm se voltado para tentativas de integração entre os pressupostos teórico-metodológicos da Arqueologia Processual e da Contextual, integrando Arqueologia, História, Antropologia e Etnologia. Na Inglaterra, Anthony M. Snodgrass apresenta uma nova abordagem sobre a Idade do Ferro na Grécia Antiga, realizando um estudo dos objetos provenientes dos enterramentos deste período em vários sítios (Snodgrass 1971). Snodgrass foi responsável pela transformação do conceito “Idade Obscura”, e demonstrou que um estudo exaustivo do mobiliário funerário dos contextos funerários, associado às análises processuais metódicas sobre o sexo, a idade e outros elementos, se possível, do morto e, ainda, relacionado também com uma análise dos assentamentos, poderia alcançar interpretações sobre a complexidade e a diversidade das sociedades nos diferentes períodos da “Idade Obscura” (agora denominada preferencialmente de Idade do Ferro). Inseridos nesta ótica, um significativo grupo de pesquisadores seguiu e avançou os estudos de Snodgrass sobre a Idade do Ferro e, muitos deles, focados na Arqueologia das Práticas Mortuárias.

I. Morris (1992: 9), a partir da análise dos enterramentos em Atenas durante a Idade do Ferro, assume a ideia da representação ideológica nos contextos funerários, considerando a morte como um rito de passagem nos termos definidos por Van Gennep, a partir de uma estrutura tripartite. Para o autor, a estrutura social que é caracterizada na *performance* dos rituais não corresponde necessariamente à organização social em termos da ação social prática, empírica, do cotidiano. As *relações sociais* de autoridade podem ser, por exemplo, negadas, refletidas, exageradas (enfim, alvo de manipulação) na realização das cerimônias. A estrutura social é, portanto, uma representação e, através de uma visão um tanto pessimista, Morris argumenta que o estudo dos contextos funerários jamais alcança aspectos da organização social, somente questões concernentes à estrutura social, a partir da comparação dos contextos de deposição funerária, principalmente quando o arqueólogo está amparado por registro escrito. Somente dessa forma é possível entender ideologias, alcançar e compreender a sociedade, em termos da estrutura social, não enquanto níveis de organização e complexidade sociais (Morris 1987).

O autor critica veementemente os modelos transculturais generalizantes propostos por Binford; contudo, afirma que as atividades de subsistência podem sim influenciar nos elementos definidores da *persona social*. Em relação às hipóteses de Saxe, Morris procura discutir as bases conceituais e as implicações em específico da Hipótese 8 e sua repercussão em Goldstein (Morris 1991a). Em primeiro lugar, o autor estabelece uma diferença entre “culto ao ancestral” (*ancestor cult*) e “rituais mortuários” (*mortuary rituals*). O culto ao ancestral é definido como aquele conjunto de rituais que proporcionam acesso contínuo dos vivos ao morto no mundo dos mortos, e os rituais mortuários correspondem àquelas cerimônias do ritual de passagem que separam o morto do mundo dos vivos, produzindo os restos arqueológicos do enterramento, os quais são escavados. De acordo com o autor, pode-se construir um modelo etnológico que relaciona culto ao ancestral com transmissão de propriedade, entretanto não é possível estabelecer uma relação direta entre o surgimento dos cemitérios formais (que configuram parte da esfera dos rituais mortuários) com as mudanças de transmissão de propriedade.

Morris (1991a) discute os dois modelos antagônicos de sociedades (igualitárias e complexas, hierárquicas) fundamentados por Saxe, Goldstein e Binford e utilizados como modelos econômicos por J. Woodburn (1980, 1982). O primeiro modelo corresponde ao tipo de sistema econômico identificado como retorno imediato (*immediate return*), em que as pessoas obtêm retorno imediato e direto pelo seu trabalho. Em geral, são sociedades igualitárias, caçadoras e coletoras, que consomem os alimentos imediatamente no dia que caçam e coletam ou nos dias que se seguem, sem estocagem. As obrigações, cooperação e conflitos são minimizados, a noção de território não é um fator tão importante e as relações de parentesco são metáforas para as relações sociais. Assim, as atividades rituais no momento da morte são informais e o culto ao ancestral é pouco desenvolvido.

O segundo modelo constitui um tipo de sistema econômico identificado como retorno não imediato (*delayed return*), em que o trabalho e os materiais são investimentos para o futuro. Em geral, são sociedades mais desiguais, pastoris e agrícolas, que estabelecem relações mais fixas, ordenadas e juramentadas entre as pessoas, através das quais os bens cruciais e os serviços são transmitidos. Além disso, há uma transferência de direitos, deveres e bens na morte.

Para Morris, tais modelos configuram generalizações insuficientes para a análise do comportamento do cerimonial funerário em termos da transmissão de propriedade. Devem-se considerar questões *pre-mortem versus post-mortem*, pois as cerimônias funerárias dependem dos interesses e valores daqueles indivíduos que detêm a posse dos recursos cruciais nas relações de herança. Entretanto, não necessariamente a legitimação através da descendência linear com os mortos (por exemplo, o estabelecimento de laços lineares com os ancestrais) irá resultar na configuração de um cemitério (áreas formais de deposição exclusiva para os mortos).

Morris utiliza o caso ateniense para demonstrar que o culto aos ancestrais não resulta necessariamente no estabelecimento de uma área de deposição formal exclusiva para os mortos. Durante os séculos VI e V a.C., principalmente, o estado ateniense constituía-se como um corpo político fundamentado em um grande grupo de cidadãos descendentes entre si que controlava a maioria dos recursos essenciais. O enterramento em um cemitério era a garantia de reconhecimento de pertença a este corpo de cidadãos. Dessa forma, os enterramentos nos cemitérios e não o culto aos ancestrais constituíam o elemento central nos rituais mortuários da comunidade ateniense em sua autodefinição e o estado que configurava o grupo corporativo detentor dos recursos essenciais. Neste caso específico, portanto, Morris indica que a Hipótese 8 de Saxe / Goldstein pode ser útil; entretanto, apresenta algumas modificações. O autor diverge no que diz respeito à dicotomia parentesco / família para os grupos de enterramentos do Período Clássico. Segundo Morris, as *ankhisteiai* proporcionaram lotes individuais de enterramentos nos cemitérios e não teriam formado linhagens corporativas.⁹ Utilizando-se também das fontes literárias, o autor defende que tais sepulturas apresentam um significado simbólico como indicadores que o indivíduo pertencia ao corpo político de cidadãos como um todo. Aqueles que tinham acesso aos cemitérios eram, *a priori*, membros desse grupo. Essa conexão entre enterramentos nos cemitérios e cidadania está clara nos discursos das orações em funerais públicos para os mortos em guerra (Morris 1991a: 158).

⁹ As *ankhisteiai* seriam as relações entre parentes próximos reconhecidos pela família; aqueles que teriam direito à herança.

Apesar das críticas às generalizações da Arqueologia Processual, Morris procura encontrar um meio-termo entre as proposições teórico-metodológicas das duas linhas, a Processual e a Pós-Processual, para a análise das práticas mortuárias. Utiliza métodos estatísticos da Nova Arqueologia, como o sistema *Zeitstufen* do método desenvolvido por G. Krause (1975), um sistema que agrupa sepulturas similares cronologicamente, combinando fatores estratigráficos, estilísticos e rituais a partir de uma seriação rigorosa, comparando contextos de deposição para tentar entender ideologias observando as estruturas sociais e suas mudanças em uma perspectiva de longa duração, proposições da Arqueologia Contextual. A partir desse quadro teórico e metodológico, Morris concluiu que durante a Idade do Ferro em Atenas (do final do século XI ao século VIII a.C.) houve o domínio de um grupo de elite aristocrático que controlava os enterramentos e os rituais funerários durante todo este período. Este grupo entra em colapso por volta de 750 a.C., momento em que todo o sistema das práticas mortuárias sofre uma revolução social; o corpo de indivíduos como um todo reivindica a participação nas exéquias e, dessa forma, surge a pólis ateniense, como uma associação de cidadãos iguais (indivíduos do sexo masculino). É a partir deste momento que o enterramento nos cemitérios passa a ser símbolo de cidadania.

S. Humphreys (1980, 1981, 1983) define a morte como um fenômeno social, através do qual há a remoção da *persona social* da sociedade. As cerimônias funerárias servem, portanto, como uma forma de reorganização dos direitos dos papéis dos parentes e dos indivíduos próximos do morto que participam das exéquias. A autora não aceita nem a ideia de que a morte está intrinsecamente relacionada com a dicotomia corpo / alma nem a perspectiva da poesia épica grega de Vernant. Para Humphreys, tais visões da morte são muito restritas e não se encaixam em muitas religiões ou crenças nas diferentes sociedades. O cerimonial funerário pode exercer três funções em relação à *persona social* do morto:

- 1) A total representação do morto em seu próprio corpo, isto é, o cadáver é identificado a um objeto material estável.
- 2) A reincorporação do morto na sociedade, seja através da ancestralidade ou da reencarnação.
- 3) O reinício de uma nova vida no mundo dos mortos.

Humphreys considera que esses três aspectos podem estar associados ou não, coexistindo ou não. A morte, para a autora, é marcada pela atemporalidade, pela imortalidade. A autora ainda afirma que é fundamental para os estudos dos contextos funerários a interdisciplinaridade, não aplicada a partir da criação de modelos etnográficos genéricos testados arqueologicamente, mas como um recurso analítico a ser apreciado e comparado caso a caso.

Fundamentada em tais perspectivas, Humphreys afirma que as hipóteses de Saxe e Goldstein são irrelevantes para o entendimento dos costumes funerários em Atenas durante os séculos VI, V e IV a.C. (Humphreys 1980). A autora acredita que os grupos de enterramentos clássicos tendiam a ser do tipo bilateral de relações de parentes / familiares. Com o crescimento do ideal de pólis enquanto uma instituição que protege os direitos dos cidadãos sem que haja uma grande disparidade social entre os mais ricos e os mais pobres, o estado começa a interferir no campo dos rituais funerários. A legislação de Sólon limita a quantidade e a qualidade dos objetos depositados nos túmulos, principalmente em relação àqueles visíveis.¹⁰ Durante o século V, o ideal coletivo é promovido e, na época de Tucídides, as maiores honras nos funerais eram oferecidas àqueles que morriam em batalha, defendendo a integridade do território ateniense. Um novo conceito da “bela morte” tinha se formado e, dessa forma, esta nova forma pública de honrar os mortos que pereceram durante uma guerra afeta profundamente a forma pela qual os cidadãos atenienses passam a enterrar seus mortos no final do século V e, principalmente, durante o século IV a.C.

J. Whitley (1991b) também se enquadra nesse conjunto de autores que buscam uma forma intermediária entre os pressupostos da Nova Arqueologia e da Arqueologia Contextual. Os contextos funerários são entendidos como formas de autorrepresentações simbólicas das

sociedades e, portanto, devem ser analisados, não de maneira universal, mas culturalmente específica, levando em consideração o papel e os interesses dos vivos nos rituais mortuários nos mais variados sistemas culturais (Whitley 1991b, 1996, 2002). Os enterramentos representam o produto da escolha humana e funcionam como respostas às necessidades da cultura e da sociedade em questão. Os participantes dos rituais mortuários atuam sobre um repertório do passado, modificando o que foi transmitido e transformando também as *identidades sociais* do morto de acordo com suas próprias necessidades e interesses. As práticas mortuárias são, dessa forma, moldadas pelas ideias e pelas instituições comuns a uma sociedade, e os enterramentos jamais representam as formas sociais de uma maneira previsível e direta. Quanto mais complexa a sociedade, mais as instituições mortuárias serão distintas do corpo social como um todo e menores serão as chances das sepulturas e dos cemitérios representarem um quadro exato, fiel da estrutura social definido pelos modelos de Binford e Saxe. Entretanto, para Whitley, não é possível trabalhar com os contextos funerários apenas em termos abstratos e teóricos. É necessário que os dados levantados nas escavações sejam transformados em elementos comparativos e bases de análises, possíveis através dos recursos estatísticos matemáticos e da analogia etnográfica, enquanto instrumentos úteis para caracterizar um padrão mortuário ou simbólico distinto, desde que a interpretação não incorra em generalizações e modelos a serem testados.

É importante observar que os usos da analogia etnográfica formam mais um dos pontos cruciais de divergência entre as duas linhas teórico-metodológicas interpretativas dos contextos funerários. Enquanto a Arqueologia Processual a utilizava como um recurso para formular leis gerais que pudessem ser testadas contra os dados arqueológicos, a Arqueologia Pós-Processual procura empregá-la como recurso comparativo centrado nas especificidades de cada sociedade, ressaltando as diferenças. O próprio pesquisador J. Whitley (1991a) faz uso de dois modelos antropológicos, estabelecidos por Schuyler Jones (1974) e Lewis Binford (1983), para analisar as comunidades da Idade do Ferro a partir de um estudo dos períodos de utilização de suas necrópoles. O autor divide os assentamentos desse período em dois tipos: os assentamentos

¹⁰ A legislação de Sólon foi promulgada no século VI a.C. e visava restringir os exageros nas práticas funerárias: “*Não lhes permitiu mais que se ferissem no rosto, nos enterros, se entregassem a lamentos fingidos, afastassem gemidos e gritos, acompanhado um funeral, quando o cidadão falecido não fosse seu parente. Não consentiu que se sacrificasse um boi no túmulo do defunto, que com ele se entregassem mais de três fatos e se visitassem as sepulturas de estranhos, após dia do enterro*” (Plutarco, *Sólon*, 29).

“estáveis” (por exemplo, as comunidades de Atenas, Argos e Cnossos) e “instáveis” (Lefkandi, Dhonoussa, Zagora, Nicória, Empório e Kavousi). Esta divisão baseia-se no tamanho, na densidade populacional e duração dos assentamentos, mas, principalmente, no que diz respeito à continuidade do uso das necrópoles, sendo utilizadas continuamente e com pequenas interrupções de um lado e, de outro, com grandes intervalos em que os enterramentos naquelas comunidades teriam praticamente cessado.

Para as comunidades estáveis, Whitley propõe o modelo antropológico de Nuristan, sugerido por S. Jones. Tanto em Nuristan, quanto nas comunidades gregas de tipo “estáveis”, configuram-se exemplos de sociedades patrilineares, patriarcais e, predominantemente, agrícolas. O status social e o poder político são, em parte, conquistados mas, na maior parte dos casos, hereditários. São sociedades em que há intensa competição interna, em que a honra e o orgulho são condições para a posição social e possessões dos “destacados”. O trabalho manual é admirado e valorizado, porém é inferiorizado em relação aos demais. A cultura material produzida reflete os valores dominantes da comunidade, como a competição, a honra e a manutenção de um determinado status social e político. Isto faz com que características da decoração de artefatos manufaturados valorizem a reprodução de símbolos que representam determinada ordem social. É desta maneira que o autor interpreta muitos dos motivos geométricos da cerâmica ateniense e indica certa estabilidade política expressada pela existência de uma “elite” ateniense no controle social e político. Whitley afirma que o modelo é aplicável, principalmente para Atenas. Já para as demais comunidades “estáveis”, o modelo funciona apenas em parte.

Os povoamentos “instáveis” são estudados por Whitley, segundo o modelo antropológico do “big man”, descrito por Binford. Há três comunidades da Idade do Ferro que possuem maior quantidade de pontos convergentes com tal modelo: Lefkandi, Kavousi e Nicória. Zagora e Dhonoussa, entretanto, apesar de serem classificadas como “instáveis” não correspondem ao modelo do “big man”. Sociedades do tipo do sistema do “big man” possuem característica instabilidade política. Um grupo de pessoas reúne-se sob o domínio de uma figura centralizadora, um chefe, líder, o “big man” capaz de, a partir de uma rede de alianças, oferecer

segurança econômica, política e manutenção do status social. A competitividade nestes grupos constitui algo presente e fundamental para a sustentação da figura do “big man”. Da mesma forma que este atrai seguidores, formando suas alianças, ele atrai também rivais, instigando a competição e a troca de linhagens no poder político.

Não há, portanto, necessariamente, hereditariedade na constituição do poder. Há, sim, uma extrema valorização das qualidades e conquistas individuais, associadas de forma geral às qualificações guerreiras, possíveis oferecedoras de estabilidade. Cabe ao mais destacado guerreiro do grupo aristocrático se esforçar e conquistar seus seguidores, apoiando-se numa grande e poderosa rede de alianças. Contudo, quando este “big man” morre, suas alianças perecem com ele e suas prerrogativas de poder não são transferidas para seus filhos. Isto proporciona uma nova disputa por um novo “big man” de uma nova linhagem, mas sempre pertencente à “elite” da comunidade. Trata-se, portanto, de comunidades bastante hierarquizadas.

As comunidades da Idade do Ferro mencionadas para as quais se aplica este modelo antropológico do “big man” são regiões que, geralmente, começaram a se formar a partir da reunião de grupos dispersos das áreas mais atingidas pelos movimentos migratórios e pela desintegração do Sistema Palacial Micênico. A densidade demográfica nestes povoamentos varia muito durante o início da Idade do Ferro (Snodgrass 1971: 327-29). Assim, conforme aponta Whitley, a figura de um homem destacado e forte por suas relações de parentesco e alianças de fidelidade pode ter tido grande peso e importância para o desenvolvimento e consolidação política, econômica e social da comunidade no início da Idade do Ferro.

As atividades econômicas características deste modelo do “big man” ajustam-se no quadro geral de mobilidade: são sociedades predominantemente pastoris e comerciais. As atividades comerciais são fundamentadas num sistema de reciprocidade e troca de presentes que auxiliam a perpetuar a competitividade e, simultaneamente, a aumentar as alianças do “big man”. Devido à mobilidade e à instabilidade populacional, não há uma produção de excedentes destinada exclusivamente ao

comércio. Dessa forma, é a troca imediata que satisfaz as necessidades ulteriores.

Não fazem parte dos objetivos desta pesquisa testar nem verificar a aplicação ou o alcance dos modelos propostos por Whitley para as comunidades da região da Argólida. Tal metodologia de análise nos leva a uma problemática dos pressupostos da Arqueologia Processual que incide no perigo de o pesquisador analisar seu objeto com interpretações e respostas previamente elaboradas, ignorando a leitura específica das informações que os dados permitem-lhe alcançar. Teoria e método de análise devem caminhar juntos na elaboração de questões que devem ser colocadas ao objeto de estudo. Os resultados e as interpretações dependem de inúmeros fatores condicionados não só às particularidades dos aspectos da sociedade em questão (a configuração da estrutura social), mas até mesmo aos dados especificamente levantados dos contextos funerários como, por exemplo, a própria limitação de informações nos relatórios e crônicas de escavações, a ausência de publicações sistemáticas dos enterramentos e seus conteúdos, de estudos osteológicos, entre outros fatores. Entretanto, uma análise comparativa com tais modelos etnográficos pode ser produtiva no que diz respeito ao entendimento das particularidades das comunidades dessa região da Argólida, na tentativa de alcançar algumas nuances e especificidades da estrutura social.

VI) Conclusões: os mortos e a organização da sociedade. Mundos congruentes ou divergentes?

As duas correntes arqueológicas, a Nova Arqueologia e a Arqueologia Contextual, configuram os dois grandes paradigmas teórico-metodológicos de interpretação dos contextos funerários. Ambas reconhecem que existe uma relação intrínseca entre sociedade e enterramentos e partem sempre do pressuposto de que as sociedades em geral acreditam em um mundo sobrenatural, extracorpóreo, pois entendem as exéquias como uma forma através da qual a sociedade se reorganiza, encontra seu equilíbrio novamente, para retornar ou modificar um estado que havia sido alterado com o fato universal e inevitável da morte. Não há um questionamento sobre qual seria o tratamento

dado ao morto, quais seriam os rituais funerários e, ainda, como estaria organizada uma sociedade caso o conjunto de suas crenças não incluísse esse mundo dos mortos. Haveria o simples abandono do corpo do defunto?

Dessa forma, ambas também acabam por considerar a morte a partir da visão tripartite de Van Gennep, caracterizando-a como um rito de passagem, através do qual é necessário o cumprimento de etapas que configuram as cerimônias fúnebres, definidas como normas, padrões e sanções de comportamento humano repetitivo (ritos). Esses rituais possuem funções não só biológicas, como a higiene dos participantes, mas também são sanções e normas necessárias para que, de um lado, o morto encontre sua nova ordem, sua nova morada, entre no mundo dos mortos e, de outro, para que a sociedade também re-encontre sua ordem normal. Os participantes exercem um controle social sobre a morte. É a partir dessa perspectiva que ambas também utilizam os conceitos *persona social*, *identidade social* e *relações sociais* para mediar as relações entre os enterramentos e a estrutura e a organização da sociedade.

As diferenças fundamentais entre as duas vertentes encontram-se exatamente nas definições dos parâmetros da relação entre os contextos funerários com a organização e a estrutura social. Fundamentalmente, para a Nova Arqueologia, os mortos refletem e reproduzem de forma real a estrutura social quantitativa e qualitativamente, como se os contextos funerários fossem um espelho para alcançar a organização da sociedade. Dessa maneira, a preocupação com os significados sociais das práticas funerárias é minoritária em relação aos métodos quantitativos de análise, pois estes são essenciais no processo de identificação dos padrões de comportamento. A *persona social* do morto é resultante da escolha das *identidades sociais* que os participantes dos rituais funerários querem enfatizar. As práticas mortuárias configuram um momento em que as *relações sociais* são definidas e podem, portanto, refletir e reproduzir a complexidade da estrutura social, a qual é, dessa forma, entendida como igual à organização social. A *persona social* do morto é caracterizada, portanto, pelos sentidos inerentes da reflexão e da reprodução, como imitação, cópia, re-exibição de uma forma existente, sem alterações.

Os enterramentos constituem uma pequena parte do conjunto de atividades cerimoniais que envolvem a morte (Leach 1954, 1976; Morris

1987; Petersen 2007) e, se os entendermos como espelho da sociedade, estaremos recusando a ideia de que as práticas funerárias envolvem criação de significados e representações simbólicas de valor. A riqueza dos objetos presentes nos contextos funerários e os níveis de energia despendidos nas práticas mortuárias não podem ser realisticamente medidos através de recursos matemáticos. Está claro que, de acordo com as leis da física, há alguns aspectos de distorção e atraso na ação de reflexão e a imagem simétrica do objeto refletido em um espelho aparece em outro ponto caracterizado pela inversão da sua posição. Contudo, um espelho reflete praticamente a forma exata do objeto que está sendo colocado na sua frente. Isto não acontece com os enterramentos. Eles não refletem uma imagem exata da estrutura da sociedade.

Para a Arqueologia Pós-Processual, de outro lado, os contextos funerários são entendidos como representações simbólicas marcadas de forma constante e intrínseca por ideologias. Nesse sentido, a ênfase nos rituais funerários encontra-se na intencionalidade, na escolha e na manipulação e nas possibilidades de representação dos vivos (dos participantes) para com os mortos. A estrutura social é compreendida como a parte ativa da manipulação das crenças e das ações dos vivos e, portanto, os contextos funerários não podem ser o “reflexo” da organização social, uma vez que esta é distorcida e idealizada através das práticas rituais executadas pelos participantes. Dessa maneira, os significados sociais das práticas funerárias ocupam o lugar de destaque da análise e são relativizados pela diversidade de representações nos variados sistemas culturais, marcados de forma intrínseca por questões ideológicas. Justamente pelo fato da *persona social* do morto ser fruto de uma escolha de um grupo, ela é transformada, manipulada, idealizada, ou até mesmo criada, e não pode refletir a organização social “real” empírica. Assim, organização social e estrutura social são distintas, e as práticas funerárias caracterizam a estrutural social que é, na verdade, pretendida, ideal. A *persona social* está representada nos enterramentos, caracterizada pela própria definição de representação, como algo que é apresentado em uma nova forma, com novas características, qualidades e significados. Daí, para alguns autores, jamais ser possível alcançar a organização social através dos contextos funerários, mas apenas a estrutura social.

A ideia a partir da qual todo registro arqueológico é fruto de representações ideológicas acaba por gerar uma conceitualização ideal da sociedade que jamais será totalmente alcançada. Há inúmeros aspectos ideológicos nas práticas mortuárias que não são aparentes ao arqueólogo, não estão presentes nos vestígios materiais e, portanto, não são representados através da cultura material. Além disso, um grande problema deste tipo de abordagem é a identificação dos elementos que estão ideologicamente representados nos contextos funerários (McHugh 1999: 16-17). Como reconhecê-los? Quais os traços e os vestígios que proporcionam tal leitura e por quê?

À primeira vista, as duas correntes teórico-metodológicas parecem se contrapor e contradizer em muitos sentidos. Todavia, acreditamos que devem ser entendidas como complementares e não devem ser utilizadas de forma independente, pois, devido ao caráter diversificado dos significados dos vestígios materiais presentes nos contextos arqueológicos, sejam eles padronizados ou idealizados, a aplicação de uma única teoria torna-se insuficiente e problemática, ocorrendo em anacronismos e incoerências. Conforme foi discutido, muitos autores (como, por exemplo, I. Morris, S. Humphreys e J. Whitley) já chamaram a atenção para tais fatos, buscando uma certa integração das duas vertentes como uma questão de estabelecer e situar os recursos de uma forma mais apropriada (Brown 1995: 10; McHugh 1999: 2-3, 16, 18). Os problemas de se assumir uma posição dogmática em relação às linhas teórico-metodológicas recaem sobre uma abordagem tendenciosa e enviesada do material proveniente dos contextos funerários, pois o arqueólogo preocupa-se em primeiro lugar com o corpo teórico-metodológico em detrimento das informações disponíveis do material arqueológico que está analisando. É exatamente a partir do material reunido que se aplicam e definem os métodos e o corpo teórico coerentes com a análise do mesmo. As questões colocadas ao *corpus documental* que devem estabelecer quais são a metodologia de análise e a abordagem teórica mais adequadas. A ênfase extremada dos métodos quantitativos em relação aos significados sociais pode levar a interpretações equivocadas dos contextos funerários da mesma forma que a exacerbada preocupação teórica sobre o método.

As duas linhas interpretativas reconhecem que os contextos funerários possuem dimensões

simbólicas. Desse modo, independentemente das diferenças entre elas, se refletirmos sobre essa característica podemos afirmar que os enterramentos (entendidos sempre como uma parte das práticas mortuárias) denotam dois aspectos fundamentais dos mortos: 1) concernente às escolhas pessoais do defunto e suas próprias conquistas em vida e 2) no que diz respeito aos papéis e às relações sociais estabelecidas com um grupo na vida e na morte. Conforme indica Ucko (1969: 273), o primeiro aspecto é considerado como o “pesadelo do arqueólogo” sendo muito difícil de ser identificado apenas através da cultura material. Além disso, as conclusões levantadas para os aspectos pessoais das práticas funerárias são sempre bastante incertas e temerárias, objetos facilmente suscetíveis a relativizações, críticas e questionamentos.

O segundo aspecto das práticas mortuárias (o estabelecimento da *persona social* do morto) também não constitui um ofício simples. Entretanto, acreditamos que a partir da sistematização dos dados fornecidos pelos contextos funerários, nos termos da Arqueologia Processual, proporcionando análises quantitativas e estatísticas sobre as informações de gênero e idade, sobre os tipos de sepultura, a orientação e o posicionamento do corpo do morto e também sobre o mobiliário funerário, associando uma classificação qualitativa, evitando classificações que definam os objetos como pessoais, coletivos, utilitários ou funerários e, ainda, jamais identificando tais categorizações como reflexo da complexidade social, seria possível alcançar não só a estrutura social ideal e manipulada (nos termos da Arqueologia Contextual), mas também aspectos da organização social. É necessário ressaltar a necessidade do uso de métodos quantitativos na análise das dimensões dos contextos funerários, pois somente assim o arqueólogo consegue reconhecer padrões, sejam eles ideologicamente construídos ou não, alcançando seus significados sociais (Torralvo 2000, Aldrovandi 2006, Andrews and Bello 2006, Gowland and Knusel 2006). Somente a partir do estabelecimento de padrões que conseguimos entender a sociedade, atingindo sempre alguns aspectos da organização e da estrutura social, porém jamais sua totalidade.

Está claro que as análises quantitativas e qualitativas não bastam, é necessário correlacioná-las com outros contextos, como a

localização dos sepultamentos nos assentamentos, entendendo o espaço dos mortos em relação ao dos vivos, e comparar os dados com outras comunidades que definam uma região. O uso da analogia etnográfica também é necessário, na medida em que não gere fórmulas e modelos gerais de interpretação, mas para entender as especificidades das sociedades estudadas. A dificuldade de lidar com classificações e modelos gerais pré-estabelecidos como, por exemplo, a dicotomia sociedade igualitária e hierarquizada, nos remete não apenas a uma ausência das definições claras dos termos segundo as especificações dos sistemas culturais, mas também às próprias incongruências dos termos em relação a períodos de transição. Tais momentos são necessariamente acompanhados por mudanças ideológicas (Torralvo 2000: 80).

A morte é um fato universal e é sempre caracterizada pela ausência. Entretanto, ela não é tratada da mesma maneira pelas diferentes sociedades, pelo contrário, é simbolicamente representada de acordo com cada contexto cultural. Esta é uma característica básica dos elementos que são simbolicamente representados. Apesar de reincidirem mundialmente, apresentam especificidades regionais, localizadas e, em muitos casos, raros aspectos (Metcalf and Huntington 1995). Dessa forma, a aplicação da analogia etnográfica deve ser percebida como uma forma de reconhecer e examinar as especificidades de cada cultura e não como paralelos através dos quais leis gerais do comportamento humano possam ser levantadas e testadas arqueologicamente.

Apesar dos problemas que surgem a partir dos princípios estabelecidos pela Nova Arqueologia para as definições da relação entre os enterramentos e a sociedade, é necessário reconhecer que os avanços nos estudos dos contextos funerários foram inúmeros. Pela primeira vez, houve uma preocupação formal em sistematizar uma metodologia própria para o estudo dos enterramentos. Obras anteriores, como as de Durkheim (1912; Durkheim e Mauss 1901-1902) e Frazer (1913-1922, 1933), estavam preocupadas com aspectos filosóficos e religiosos, com as definições da crença na vida após a morte e de um mundo sobrenatural nas diferentes culturas. Nesse sentido, a Arqueologia Processual definiu as bases classificatórias e as etapas de interpretação dos enterramentos, relacionando formalmente as variações nos enterramentos com

a organização social. Tais etapas de análise são utilizadas em nossa pesquisa para a confecção do *corpus documental*, formado pelo catálogo e pela base de dados. O primeiro passo seria realizar um inventário completo do material arqueológico para que se possam aplicar recursos estatísticos de análise. O segundo passo seria a classificação dos dados dos enterramentos a partir das diversas dimensões que eles podem abranger como, por exemplo, idade, gênero, tipo de enterramento, posicionamento do corpo, orientação da sepultura e as oferendas depositadas com o morto. A partir do estudo das variações dessas dimensões nos enterramentos, o arqueólogo seria capaz de identificar e compreender processos de especialização do espaço como, por exemplo, a formação de necrópoles e a relação entre o espaço dos vivos com o espaço dos mortos. As necrópoles são produtos do tempo. As análises arqueológicas, distintamente das etnográficas, são realizadas a partir de uma perspectiva de longa duração, fato que possibilita o entendimento das transformações sociais. Finalmente, seria necessário que o arqueólogo recorresse à interdisciplinaridade, como estudos de caráter osteológico, da paleonutrição, possibilitando alcançar dados sobre doenças, variabilidade genética associada a grupos sanguíneos etc. (Willmens 1978).

Todavia, é essencial lembrarmos que muitas vezes o arqueólogo não consegue trabalhar conjuntamente com os dados da Bioarqueologia. Por exemplo, há muito poucos estudos desse caráter realizados para o nosso objeto de estudo, os enterramentos da Idade do Ferro na Argólia. Dessa forma, identificar grupos étnicos ou grupos sociais através das referências alimentares ou das doenças torna-se inviável neste caso. Até mesmo as análises por gênero e idade são restritas, pois tais informações são dadas para apenas uma parte dos enterramentos catalogados. Diante dessa dificuldade, seria possível uma tentativa de identificação idade/gênero através do mobiliário funerário, como o estudo de A. Strömberg, em que a autora, através da comparação com os enterramentos cujas atribuições de idade e gênero são asseguradas por estudos osteológicos, procura definir oferendas prováveis determinantes de enterramentos femininos de um lado e, de outro, sepultamentos masculinos (Strömberg 1993).

As classificações do mobiliário funerário são sempre arbitrárias, porém se deve tomar cuidado com atribuições anacrônicas em relação a símbolos de riqueza e valor social e étnico. J-M

Luce (2007) propõe uma distinção para a análise das práticas mortuárias que também parece problemática e, em si mesma, contraditória. O autor divide, de um lado, os tipos de sepultura e os rituais funerários e, de outro, o mobiliário funerário. Os tipos de sepultura e os rituais funerários formam um tipo de registro material que, segundo Luce, seria possível alcançar o nível da sociedade. Já o mobiliário funerário reflete informações como sexo e idade que são mediadas, portanto, por escolhas individuais no momento em que os objetos pessoais do morto são depositados na sepultura. Apesar do autor concordar que as informações sobre gênero e idade podem indicar também a posição social, o status do indivíduo na sociedade, em sua opinião, a distinção fundamental entre essas duas categorias se dá pelo fato de que somente a primeira (os tipos de túmulo e os rituais funerários) podem definir padrões étnicos e escolhas coletivas. Acreditamos que estudos sobre as práticas funerárias fundamentados neste tipo de análise teórico-metodológica apresentam inúmeros problemas.

Em primeiro lugar, definir identidades de gênero e idade pelo mobiliário funerário é uma questão bastante delicada. Possível, porém deve ser auxiliada por estudos osteológicos. Segundo, que classificações dos objetos depositados com o morto como *personalia*, parte do universo pessoal, individual do morto, são classificações arbitrárias sem definições claras e solidamente estabelecidas. Poderíamos perguntar quais critérios são utilizados para distinguir os objetos classificados como *personalia* daqueles que seriam, por exemplo, propriamente funerários, quer dizer, confeccionados exclusivamente para serem depositados com o morto, ou, ainda, daqueles que são classificados como utilitários, vale dizer, artefatos utilizados no dia-a-dia.

Terceiro, indicadores de gênero e idade podem levar ao segundo aspecto simbólico que elencamos, isto é, aos papéis e às funções do morto na sociedade e, conseqüentemente, às relações sociais, às escolhas coletivas, uma vez que a distinção da cultura material entre homem / mulher e adulto / criança em muitas sociedades não é mediada apenas por escolhas individuais, mas sim por determinações sociais como laços familiares, de solidariedade, ancestralidade, status social etc. Tal distinção de gênero e idade pode ser influenciada por uma gama de fatores que integram o indivíduo na sociedade e definem

seus papéis na vida e na morte, quando os participantes das cerimônias fúnebres, também através de uma atuação marcante, modificam e interferem nas posições do morto. Poderíamos mencionar como um exemplo desse tipo de estudo, do mobiliário funerário como indicador de gênero e idade, mas, na verdade, como uma forma de representação coletiva, a obra de A. Strömberg (1993) sobre a análise dos enterramentos em Atenas do início da Idade do Ferro. Os determinantes de gênero e idade são interpretados como um elemento de poder e riqueza das famílias a que o morto pertencia e não como fruto de uma escolha pessoal (Strömberg 1993: 109).

Dessa forma, nos parece uma tarefa extremamente árdua o alcance do primeiro aspecto simbólico das práticas mortuárias e, conforme aponta O. Dickinson, o mobiliário funerário não deve ser entendido nem como propriedades pessoais ou tesouros do morto intencionalmente usados para os enterramentos,

nem como espelhos para seu status social, mas sim devem ser percebidos e interpretados “como afirmações de inclusão dos *participantes / vivos*” (Dickinson 2006: 178, ênfase do autor). Nesse sentido, os artefatos que compõem o mobiliário funerário atuam como símbolos sociais com significados durante a vida e a morte e são utilizados pelos participantes dos rituais funerários “consciente ou inconscientemente para proclamar suas posições e aspirações sociais” (*ibid.*, 178).

Assim, é necessário que o arqueólogo lide com o material que se apresenta disponível, aplicando recursos teórico-metodológicos que sejam coerentes com as informações fornecidas pelos contextos funerários em estudo, evitando dogmatismos. Nenhum registro arqueológico é característico de uma representação total da sociedade, nem mesmo quando manipulada e idealizada. Concordamos com F. McHugh em enfatizar “a necessidade de manter a mente aberta quando se lida com interpretações ideológicas para os enterramentos” (McHugh 1999: 16).

Capítulo 2

Os contextos funerários da Argólida: metodologia de análise.

I) A elaboração e a organização do *corpus documental*.

A partir da discussão teórica efetuada no capítulo anterior, podemos concluir que os contextos funerários envolvem determinadas dimensões das práticas mortuárias que apresentam variabilidade cultural e estão relacionadas de forma intrínseca com a *persona social* do morto representada nos rituais. Tais dimensões ou atributos foram sistematicamente classificados pela Nova Arqueologia, a fim de que se estabelecessem parâmetros para medir a complexidade social e, principalmente, indicar o status social do morto, originando fórmulas e modelos gerais de comportamento humano. A verificação, comparação, ou tampouco, a utilização de tais classificações para medir a complexidade social não fazem parte dos recursos analíticos aplicados no estudo do objeto selecionado. Entretanto, determinados aspectos da estrutura social só serão alcançados a partir de um estudo detalhado e tipológico das variáveis dos contextos funerários, fornecendo padrões de representação que possam ser comparados entre sítios de uma mesma região e analisados segundo uma perspectiva de longa duração, visando entender possíveis transformações na estrutura social representadas através dos enterramentos.

Segundo Binford (1971: 21), as principais dimensões presentes nos contextos funerários

correspondem a três grandes variáveis com vários atributos compositivos: o tratamento do corpo, o local de deposição do corpo do morto e o mobiliário funerário colocado com o morto.¹ Ao lidar com os contextos funerários na região da Argólida durante a Idade do Ferro, percebemos que a elaboração de um catálogo que reunisse as dimensões das práticas mortuárias fazia-se indispensável, na medida em que havia uma enorme quantidade de enterramentos datada desse período e, ainda, devido à ausência de um *corpus documental* deste porte, que pudesse ser complementado e analisado por futuros pesquisadores e a partir de diferentes perspectivas e propostas de estudo.

A elaboração de *corpus documental* que reunisse todas as informações disponíveis sobre os contextos funerários, portanto, foi o primeiro passo à classificação do material. O *corpus* é composto por um catálogo e dois bancos de dados, um em Excel e outro em FileMaker.² Tal recurso,

1 Ana Claudia Torralvo elabora uma tabela bastante elucidativa e sintética com os componentes das dimensões dos contextos funerários em sua tese de doutorado (2000: 87).

2 O banco de dados elaborado em FileMaker constitui um recurso inédito e de importância crucial na tentativa de viabilizar e facilitar o acesso às informações para futuras análises a partir das diferentes abordagens do material arqueológico. O FileMaker funciona através da lógica simples elementar de pesquisa de informações em banco

inédito para a região e o período selecionados para estudo, configura um instrumento de pesquisa em potencial que possibilita diferentes abordagens interpretativas, recortes e leituras dos dados e corrobora para futuras pesquisas sobre os diferentes aspectos das práticas mortuárias.

Devido às restrições e os limites da publicação da tese, nem o catálogo completo composto pelas fichas de cada contexto funerário em Word e nem o banco de dados em Excel completo constarão neste livro. Nesta publicação consta apenas uma listagem dos 826 contextos funerários catalogados com o número atribuído à sepultura durante o processo de catalogação da pesquisa de doutoramento e o número original correspondente atribuído ao túmulo pelos pesquisadores durante as campanhas de escavações (vide ANEXO). Acrescentamos ainda à listagem, as referências bibliográficas utilizadas na reunião das informações de cada sepultura.³

de dados. O pesquisador pode acessar o banco de dados inteiro utilizando a opção "Browse Mode", ou, ainda, um único túmulo, ou um conjunto de túmulos usando a opção View >> Find Mode ou a opção tradicional <ctrl> + <f>. Para todas as variáveis dos contextos funerários, com exceção das imagens, é possível acessar e contabilizar qualquer tipo de informação. Por exemplo, no modo "busca", um usuário pode encontrar todos os túmulos datados do Protogeométrico por sítio ou, ainda, em toda a Argólida, ou pode contabilizar todos os túmulos infantis, de adultos, femininos, masculinos, em que foram encontrados determinados tipos de vaso, ou de objetos em metal, cujos mortos encontravam-se em posição contraída, etc. Tal recurso foi fundamental no processo de análise da imensa quantidade de material catalogado e dos aspectos que visamos examinar isoladamente ou em conjunto durante a pesquisa de doutorado. A impressão dessa enorme quantidade de fichas seria desnecessária e esvaziaria o objetivo principal e os recursos da tal base de dados como a possibilidade de "navegar" pelos túmulos buscando uma informação específica e contabilizá-la ou cruzá-la com alguma outra variável da ficha de análise. Para acessar as informações do banco de dados em FileMekar com a possibilidade de "navegar" e cruzar os dados dos contextos funerários da região da Argólida datados da Idade do Ferro, faz-se necessário a consulta ao DVD com o arquivo, exemplar único e, ainda, até o momento, de acesso restrito, em anexo à tese depositada na biblioteca do MAE / USP.

³ Para acessar a descrição completa das informações dos contextos funerários, faz-se necessário a consulta ao catálogo: SOUZA, C. D. *Práticas Mortuárias na Região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C.* Tese de Doutorado, 3 vols. Museu de Arqueologia e Etnologia / Universidade de São Paulo. São Paulo. VOLUME II – *Corpus documental* (texto).

Nos capítulos de análise dos diversos aspectos dos contextos funerários todas as referências numéricas dos túmulos do *corpus documental* correspondem ao número atribuído a cada túmulo durante o processo de catalogação da pesquisa e não ao número original do contexto.

O levantamento e a catalogação dos dados arqueológicos possibilitaram a reunião de, no mínimo, 826 contextos funerários (TABELA 1). Este levantamento exaustivo das informações dos contextos funerários da Argólida foi realizado a partir dos relatórios e crônicas de escavações das diversas escolas estrangeiras autorizadas a escavar os sítios da região, assim como do Serviço Grego de Arqueologia (SGA), que realiza campanhas, principalmente de salvamento, em quase todos os sítios. Argos trata-se de um sítio de concessão da Escola Francesa de Atenas (École française d'Athènes – ÉfA), Tirinto do Instituto Alemão de Arqueologia (Deutsches Archäologisches Institut – DAI), Asine do Instituto Sueco de Atenas (Swedish Institute at Athens – SIA), Micenas foi intensamente escavado pela Escola Britânica em Atenas (BSA), Náuplia apenas pelo Serviço Grego de Arqueologia e Lerna corresponde a uma concessão da Escola Americana de Estudos Clássicos em Atenas (ASCSA). Além das crônicas e relatórios de escavações, a reunião dos dados também foi feita através de alguns estudos sistemáticos do material editados pelas escolas estrangeiras, como o *Les Tombes Géométriques d'Argos I, (1952-1958)*, de P. Courbin, as séries Tiryns e Asine que apresentam de forma exaustiva os resultados das campanhas de escavações do Instituto Alemão (DAI) e Sueco (SIA) respectivamente.⁴ Finalmente, as duas únicas obras que buscam interpretar alguns aspectos dos vestígios funerários da Argólida datados da Idade do Ferro também serviram de base para a elaboração do *corpus documental: Die Gräber der Argolis in sumykenischer, protogeometrischer und geometrischer Zeit*, de R. Hägg e *The Argolid 800-600 B.C.*, de A. Foley.

Este longo e árduo processo de levantamento dos dados que, inicialmente, foi realizado a partir da tradução das crônicas e relatórios de escavações em diferentes línguas e, posteriormente, inclui o estudo a uma significativa

⁴ Para a indicação completa das publicações sistemáticas das séries Tiryns e Asine, vide referências bibliográficas específicas para os sítios de Tirinto e Asine.

TABELA 1

Total de Sepulturas na Argólida durante a Idade do Ferro.

Período / Sítio	SM	PG	GA	GM	GR	G	Total
Argos	16	106	70	52	119	160	523
Tirinto	10	43	20	18	31	16	138
Asine		60			6	3	69
Micenas	4	13	1	5	10	1	34
Náuplia	4	1	1	1	17	5	29
Lerna			2	17	1	13	33
	34	223	94	93	184	198	826

porcentagem do material realizado nas reservas técnicas dos Museus de Argos, Micenas e Náuplia e na apoteca de Tirinto, permitiu um processo de reavaliação, principalmente no que diz respeito às datações dos vasos cerâmicos presentes nas sepulturas. Pudemos, desse modo, excluir alguns contextos e incluir vários outros, cujas informações, infelizmente, ainda permanecem lacunares, incompletas ou imprecisas devido ao fato de se encontrarem restritas e inacessíveis nos cadernos de escavações e o mobiliário funerário proveniente desses túmulos continuar guardado nas salas das reservas técnicas dos museus mencionados aguardando estudos sistemáticos que resultem na publicação do material.

Os contextos funerários foram numerados de (001) a (826), considerando, em primeiro lugar, uma ordem decrescente da quantidade de sepulturas por sítio: Argos do número (001) ao (457); Tirinto do (458) ao (590), Asine do (591) ao (677), Micenas do (678) ao (709), Náuplia do (710) ao (736) e Lerna e do (737) ao (763). Os túmulos numerados do (764) ao (826) correspondem a contextos funerários argivos incluídos no *corpus documental* no último ano de pesquisa de doutorado e resultantes do acesso às novas publicações de crônicas e relatórios de escavações (fundamentalmente aos números recentemente publicados do *ArchDelt*). Em segundo lugar, a organização do *corpus documental* privilegia a ordem cronológica das campanhas de escavações, vale dizer, os túmulos escavados em campanhas mais antigas são elencados primeiro, finalizando com aqueles revelados nas campanhas mais recentes.

Os itens que compõem as fichas de catalogação do material selecionados a partir das informações disponíveis nas referências

bibliográficas, procurando incluir o máximo possível de variáveis dos contextos funerários, fundamentais no processo de análise e reflexões sobre as práticas mortuárias. O primeiro item abrange as duas primeiras dimensões dos contextos funerários sistematizadas por Binford (1971: 21), isto é, o local de deposição do morto e o tratamento dado ao corpo do morto. A partir do local de deposição do morto, identificamos os três atributos elencados pelo autor: a) aspectos arquitetônicos da sepultura: tipo de sepultura, forma, dimensões, material utilizado na construção do túmulo e outros detalhes como a presença de algum tipo de marca, por exemplo, uma placa um vaso etc., b) orientação e c) localização do contexto no sítio estudado: em qual propriedade, área do sítio específica ou, ainda, endereço onde o túmulo foi encontrado. Ao lidarmos com o tratamento dado ao morto, procuramos definir o segundo atributo indicados por Binford, uma vez que o primeiro, relativo à preparação do corpo (rituais que incluem lavagem, higienização, vestimenta e exposição do morto), constitui um aspecto das práticas mortuárias dificilmente reconhecido apenas a partir da análise da cultura material e o terceiro, concernente aos tipos de deposição, se em um túmulo construído ou em um local natural, como um rio, por exemplo, não caracteriza nenhum dos casos analisados na pesquisa, pois todos os enterramentos são efetuados em algum tipo de sepultura construída. Dessa forma, indicamos aspectos relativos aos tipos de tratamento dado ao corpo: cremação ou inumação, essencialmente, pois na Argólida durante a Idade do Ferro não há casos de mumificação, mutilações etc. Ainda nesta categoria do tratamento, acrescentamos quatro outras variáveis de fundamental

importância nas práticas mortuárias da região e do período analisados: enterramento individual ou coletivo (caracterizando casos de reutilização da sepultura), o gênero e a idade aproximada do(s) morto(s) e a posição do corpo (em posição contraída ou estendida).

O segundo item da ficha de análise que diz respeito às dimensões dos contextos funerários envolve questões referentes aos objetos depositados com o morto, também a partir dos parâmetros definidos pela Nova Arqueologia, no artigo de Binford citado anteriormente, contudo acrescentando outras características que são essenciais na análise dos contextos selecionados para estudo em específico. O exame do mobiliário funerário não está concentrado, portanto, apenas na quantidade de objetos e na relação entre forma e quantidade, mas se preocupa com questões relativas à qualidade, isto é, a partir de uma análise mais detalhada do artefato que considere aspectos decorativos e que dizem respeito às técnicas de fabricação e evite associações diretas e simples (que podem levar a conclusões equivocadas e anacrônicas) como tamanho, decoração e quantidade enquanto sinônimo de riqueza.

Inicialmente, apresentamos uma descrição quantitativa e qualitativa breve dos objetos associados a cada uma das sepultura, incluindo sua distribuição e localização na cova em relação ao morto. Posteriormente, uma descrição mais detalhada dos objetos é realizada a partir de uma divisão segundo a matéria-prima utilizada na confecção dos artefatos (metais, cerâmica e outros materiais). Em primeiro, aparecem os artefatos confeccionados em metal, especificando o metal utilizado (ferro, bronze, ouro) e o tipo de objeto (anéis, colar, pulseira, fíbulas, espadas, adagas, escudos, pontas de lança, entre outros) e incluindo, quando possível, suas medidas e seus números de inventário. Em segundo, explicitamos os objetos em cerâmica, indicando, quando possível, informações sobre os vasos ou outros objetos: o número de inventário, as medidas, os motivos ornamentais, as técnicas de fabricação (manufaturados ou torneados) e, dessa forma, a qual subperíodo da Idade do Ferro pertencem. Finalmente, expomos os artefatos feitos em outro material qualquer como, por exemplo, em faiança, marfim, cristal de rocha, pedra (instrumentos líticos) etc., indicando também, quando possível, suas medidas e números de inventário.

O terceiro item da ficha de análise compreende a data atribuída pelos pesquisadores nas referências bibliográficas para o(s) enterramento(s) presente(s) no túmulo em questão, a partir da análise estratigráfica ou da análise dos artefatos, geralmente, dos vasos cerâmicos. Para vários casos em que a datação em tais referências era bastante imprecisa, devido à ausência de estudo e de publicação do material, tivemos a oportunidade de analisar o material cerâmico e a permissão de incluir os resultados do estudo (assim como as fotos que tiramos) na presente pesquisa. Dessa maneira, pudemos atribuir uma data mais específica para o(s) enterramento(s). Entretanto, apenas para uma pequena porcentagem dos enterramentos catalogados foi possível uma datação mais exata a partir das subdivisões I e II para o GA, o GM e o GR e, para o GR II, as classificações IIa, IIb e IIC foram aplicáveis para uma porcentagem ainda menor dos sepultamentos. Dessa forma, para executar a análise dos diversos aspectos das práticas funerárias proposta na pesquisa e apresentada no Capítulo 3, optamos por utilizar apenas as datações correspondentes às caracterizações GA, GM e GR. A distribuição dos enterramentos de acordo com os atributos das práticas funerários como tipo de sepultura e idade, por exemplo, pelos subperíodos da Idade do Ferro se dá de forma mais geral, visando entender as mudanças significativas nos padrões funerários de um subperíodo para outro, do SM para o PG, do PG para o GA, do GA para o GM e, finalmente, do GM para o GR. Apenas em casos específicos e relevantes para a análise dos contextos, individualizamos em I e II, principalmente, para aqueles datados do Geométrico Recente.

Finalmente, o quarto e último item da ficha aparece apenas quando há incongruências e discordâncias por parte dos pesquisadores em relação à data atribuída ao(s) enterramento(s) ou, ainda, quando tal data foi atribuída por nós no processo de estudo do material. No primeiro caso, expomos as diferentes datações e os respectivos argumentos utilizados pelos pesquisadores e definimos nossa posição a respeito. No segundo caso, explicitamos razões que nos levaram a tal (ou a tais) data(s). Este item também pode incluir aspectos relativos à ausência de mobiliário funerário em uma sepultura que contém apenas restos ósseos ou, ainda, à ausência de restos ósseos em uma sepultura contendo mobiliário funerário

(caracterizando um *kenotáphos* – do grego – túmulo vazio, necessariamente sem restos ósseos, porém pode conter ou não oferendas), questões que estão intimamente relacionadas ao processo de datação dos enterramentos.

II) A classificação e os critérios de análise do *corpus documental*.

Finalizado o *corpus documental*, partimos para a primeira etapa do processo de análise: o exame detalhado das sepulturas intrassítio. O objetivo inicial de tal análise é a contabilização das variáveis presentes nos contextos funerários, a partir de análises estatísticas simples como a elaboração de tabelas e gráficos. Contudo, conforme discutimos exaustivamente no Capítulo 1, análises estatísticas diretas e que consideram as dimensões dos enterramentos de uma forma isolada e direta ocasionam interpretações inadequadas e anacrônicas da sociedade, resultantes de fórmulas generalizadas. Desta maneira, torna-se essencial relacionar as variáveis entre si e dividi-las pelos subperíodos da Idade do Ferro, pois nossa proposta visa entender possíveis transformações nas práticas mortuárias durante este longo período. Finalmente, a partir desse exame mais aprofundado e individualizado por sítio, poderíamos alcançar o fim último da pesquisa através de uma análise comparativa, tentando compreender a relação entre os sítios da região, principalmente em direção ao final da Idade do Ferro.

Para a análise estatística, consideramos os atributos principais dos contextos funerários que fornecem reflexões sobre as práticas mortuárias. Tais atributos correspondem às mesmas dimensões sistematizadas no catálogo e na base de dados, porém procuramos organizá-los de uma maneira que privilegiasse a inter-relação dos dados. Assim, relacionamos cinco categorias de análise: 1) Informações Gerais, 2) Idade / Gênero e as relações com os Tipos de Sepultura, 3) Orientação e Posição do corpo, 4) Mobiliário Funerário e 5) Localização. Pensando o Espaço dos Mortos. Para cada um desses quesitos faz-se necessário o esclarecimento de alguns pressupostos no exame dos dados do catálogo e da base de dados, como, por exemplo, as definições e as utilizações de alguns termos da arqueologia das práticas mortuárias e os critérios de análise estabelecidos para efetuar a comparação e a relação entre as informações disponíveis.

Informações Gerais.

Esta primeira categoria abrange apenas uma contabilização do número total de túmulos escavados no sítio em questão datado da Idade do Ferro. Inclui uma breve discussão sobre as campanhas de escavações que revelaram os túmulos catalogados, sobre o estado atual da questão e apresenta uma descrição geral da configuração dos túmulos composta pela quantidade de sepulturas, dos casos de reutilização e dos tipos de sepultura. Logo de início, quando tratamos dos casos de reutilização da sepultura, faz-se necessário definir alguns pressupostos e critérios de análise.

As definições e os usos dos termos túmulo, sepultura, sepultamento, inumação, enterramento e seus derivados constituem um problema nas referências bibliográficas, pois são utilizados de forma indiscriminada, muitas vezes, como sinônimos, por exemplo, enterrar com o mesmo significado de inumar e, ou, sepultar. O túmulo (entendido aqui como sinônimo de sepultura) configura o todo do contexto funerário, isto é, o lugar propriamente dito (independentemente do tipo de sepultura e do tipo de enterramento) onde se deposita o morto (ou os mortos), as oferendas e onde se constroem monumentos que identifiquem o local enquanto o hábitat do(s) morto(s) – o *sêma*. Isto quer dizer que o túmulo pode ser caracterizado por vários tipos como, por exemplo, uma cista, uma urna funerária ou uma fossa e pode conter essencialmente dois tipos diferentes de enterramento: a) inumação, quer dizer, a deposição do corpo sem alterações físico-químicas drásticas, b) cremação, isto é, a queima parcial do corpo do morto, sendo depositados os restos carbonizados do corpo (cinzas e ossos queimados). A cremação envolve elementos distintos na configuração da sepultura em relação à inumação como, por exemplo, quando a pira é efetuada no próprio local em que os restos do morto serão depositados, geralmente, em uma urna funerária.

Dessa maneira, o termo inumação e o ato de inumar são entendidos de forma distinta das denominações túmulo, sepultura, enterramento, sepultamento e das ações de sepultar e enterrar. Compreendemos a ação de depositar o morto (seja inumado ou cremado) como *enterrar* ou *sepultar*, porém jamais como sinônimo de *inumar*. Em consequência, o *sepultamento* e o *enterramento* configuram o resultado dessa ação e, desse modo, trata-se de uma ação individual, a partir da qual

um morto é depositado por vez. Isto nos leva a concluir que um túmulo (ou uma sepultura) pode ter um único ou vários enterramentos (ou sepultamentos), independentemente do fato dos defuntos terem sido enterrados (sepultados) simultaneamente ou sucessivamente. Esta questão da simultaneidade ou sucessividade dos enterramentos será tratada com mais detalhe adiante. Todavia, preferimos entender as sepulturas que apresentam vários enterramentos como casos de reutilização dos túmulos e, desse modo, como enterramentos sucessivos, uma vez que enterramentos simultâneos (quando indivíduos morrem e são sepultados mais ou menos ao mesmo tempo) são raros (Hågg 1974a, 1980), podendo acontecer em caso de doenças que atingem proporções epidêmicas, guerras, acidentes ou sacrifícios (Courbin 1977).

Assim, o total de túmulos escavados e catalogados de um sítio não corresponde, necessariamente, ao total de enterramentos presentes naquele sítio, pois em alguns casos, como, por exemplo, em Argos, há sepulturas que contêm até 7 enterramentos, entre adultos e crianças. Para examinarmos as variáveis dos contextos funerários, deve-se considerar sempre o enterramento individualizado e, portanto, lidamos sempre com o número de enterramentos (ou sepultamentos) e não com o número de túmulos (ou sepulturas).

Idade / Gênero e as relações com os Tipos de Sepultura.

As primeiras dimensões das práticas mortuárias que lidamos na análise correspondem à idade, ao gênero e às suas relações com os tipos de sepulturas. O processo de atribuição da idade e do gênero do indivíduo é, em geral, realizado de duas formas. A primeira é decorrente da análise osteológica, isto é, das configurações físicas do esqueleto, como tamanho do crânio, características dos dentes e do conjunto dos ossos que formam a bacia. Este tipo de análise é feita de forma mais segura por antropólogos físicos, porém, muitos arqueólogos que dominam conhecimentos básicos de anatomia do esqueleto humano acabam por efetuar classificações de idade e gênero durante as escavações. A segunda é proveniente da associação com outras dimensões das práticas mortuárias, geralmente, com o tipo e as medidas da sepultura, a posição e a orientação do corpo e, principalmente, com o mobiliário funerário.

Este tipo de análise é realizado por arqueólogos quando estes não dispõem de estudos osteológicos mais especializados para esqueletos cujo estado de conservação não permita uma análise imediata.

Ambos os processos de atribuição da idade e do gênero do indivíduo, quando considerados de forma isolada, apresentam resultados problemáticos e questionáveis. As classificações decorrentes puramente da análise da antropologia física não alcançam os significados culturais que as dimensões de idade e gênero podem ter em uma determinada sociedade como, por exemplo, os papéis exercidos por uma criança e por um adulto ou as funções de um homem e de uma mulher em uma determinada prática social. Além disso, o próprio processo de identificação do gênero a partir do material ósseo, mesmo quando realizado por especialistas, muitas vezes apresenta dificuldades e incertezas, principalmente, quanto mais jovem for o indivíduo. Para as crianças e os bebês, até mesmo os antropólogos físicos não arriscam afirmar o gênero, devido às próprias características físicas de formação do esqueleto, que, quando muito jovem, ainda não apresenta uma diferenciação clara do gênero.

Já as classificações originárias da análise restrita das demais dimensões das práticas funerárias podem ser facilmente questionadas, pois resultam em leis gerais que podem apresentar inúmeras exceções. Por exemplo, é recorrente a ideia de que objetos em miniatura indicam túmulos infantis, ou que joias, como anéis, brincos, pulseiras e colares denotam enterramentos femininos e instrumentos de batalha, como espadas, adagas, elmos, escudos, são típicos de enterramentos masculinos, ou que a posição contraída é uma posição caracteristicamente infantil, ou, ainda, que a cista corresponde ao tipo de sepultura característico de enterramento feminino e a cremação em vasos para enterramentos masculinos etc. Tais fórmulas gerais não se aplicam em inúmeros casos nos contextos funerários estudados e resultam em afirmações pré-formuladas e inadequadas como uma posição da mulher necessariamente inferior na sociedade em relação a do homem.

Deste modo, acreditamos que tais análises, osteológicas de um lado e que consideram as demais dimensões das práticas mortuárias de outro, devam ser conduzidas em conjunto, proporcionando padrões mais seguros de determinação dos atributos idade e gênero e das relações entre tais atributos com os aspectos

sociais. Um exemplo deste tipo de estudo é a obra de A. Strömberg (1993)⁵, que, conforme já mencionamos, a partir de um exame sistemático do mobiliário funerário, fundamentado em alguns estudos osteológicos, estabelece categorias bem definidas de objetos especificamente relacionados o gênero. Entretanto, conforme já dissemos, a quantidade de estudos osteológicos que foram e ainda são realizados para os esqueletos datados da Idade do Ferro na Argólida é bem pequena, ínfima se compararmos com a grande quantidade de enterramentos desse período. Desta maneira, é extremamente difícil encontrar informações específicas sobre idade e sobre o gênero nas referências bibliográficas. Estudos osteológicos realizados para os sítios da Argólida correspondem apenas às obras de J. L. Angel (1971), para Lerna e de R. P. Charles (1958, 1963), para Argos. Atualmente, o diálogo entre antropólogos físicos e arqueólogos vem se intensificando e proporcionando resultados bastante produtivos no campo da arqueologia das práticas mortuárias. Por exemplo, há alguns pesquisadores que estão se debruçando exaustivamente sobre o estudo dos esqueletos encontrados em Argos, como é o caso dos túmulos escavados pelas campanhas francesas⁶ e dos túmulos revelados pelas campanhas gregas⁷.

5 Vide páginas 59-60 do Capítulo 1.

6 Trata-se da tese de doutorado da antropóloga física Laurence Hapiot. A autora ainda não finalizou a redação da tese, porém uma série de diálogos proporcionou o fornecimento de informações inéditas resultantes da análise cautelosa realizada pela pesquisadora sobre a idade, o gênero e dieta dos indivíduos sepultados nos túmulos datados do PG e do Período Geométrico. Sua análise, em muitos casos, indica uma nova proposição e uma revisão das classificações estabelecidas por R. Charles. Da mesma forma, informações também inéditas sobre o estudo detalhado do mobiliário funerário de muitos túmulos foi fornecida de nossa parte para a pesquisadora, propondo também novas datações para os enterramentos em questão e revendo as características da produção cerâmica argiva, estabelecidas por P. Courbin. Agradecemos a pesquisadora pelas preciosas informações sobre idade, sexo e análise dentárias dos indivíduos presentes nos túmulos em Argos, indicando possíveis práticas alimentares distintas entre as dimensões de gênero. HAPIOT, L. (em curso) *Alimentation, hygiène et environnement sanitaire dans le monde égéen ancien*. Thèse de doctorat, Département d'Archéologie, Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne.

7 Estudos osteológicos para o material ósseo das escavações gregas em Argos foram conduzidos por S. Triantaphyllou, principalmente durante 2005 e 2006, financiados pelo Institute of Aegean Prehistory, INSTAP,

Contudo, como tais estudos em conjunto ainda se encontram em estados ideais, para a elaboração do catálogo e do banco de dados, tivemos que lidar com as informações disponíveis sobre as dimensões de idade e gênero e estabelecemos determinadas classificações e critérios de análise. As dimensões idade e gênero nas práticas funerárias são duas variáveis frequentemente utilizadas como marcas de status e riqueza, principalmente segundo os pressupostos da Nova Arqueologia, que definem tais dimensões como atributos inerentes dos seres humanos e, portanto, podem ser medidos e quantificados, indicando de forma direta, a complexidade social. Entretanto, é essencial lembrarmos que, na verdade, tanto o atributo idade, quanto o gênero são dimensões culturalmente construídas, quer dizer, envolvem conceitos e atitudes específicos, definidos a partir dos parâmetros

Philadelphia (Pappi 2011: 718, especialmente n. 2). Tais estudos tinham como objetivos a análise de DNA e de isótopos estáveis de carbono e nitrogênio nos esqueletos e envolvem um exame muito mais detalhado do material ósseo que considera outras partes essenciais do esqueleto humano para a definição de idade, gênero, dieta, doenças e etnia, distintamente de análises puramente craniográficas, como os estudo de R. Charles (1958, 1963) e J. Angel (1971). Contudo, o número de esqueletos que receberam este tipo de tratamento ainda é pequeno quando comparado ao total de enterramentos datados do Geométrico em Argos. Os resultados e as reflexões sobre tais análises foram apresentadas por Evanguelia Pappi no Congresso sobre Idade do Ferro em homenagem a W. D. E. Coulson, ocorrido em Volos em 2007 (PAPPI, E. and TRIANTAPHILLOU, S. 2011. Mortuary Practices and the Human Remains: a preliminary study of the geometric graves in Argos, Argolid. In: MAZARAKIS, A. A. (ed.) *The "Dark Ages" Revisited. Acts of an International Conference in Memory of William D. E. Coulson, Volos 14-17 June, 2007*. Volume II. University of Thessaly Press: Volos: 717-732). E. Pappi está conduzindo uma pesquisa de doutoramento que também versa sobre as práticas mortuárias em Argos do Período Geométrico, com ênfase na análise exaustiva dos contextos funerários evidenciados pelas campanhas do SGA. Os diálogos estabelecidos com a pesquisadora durante a pesquisa de doutorado foram fundamentais para o fornecimento e a troca de informações inéditas sobre as análises osteológicas e da produção cerâmica. Agradecemos a oportunidade de discutir em conjunto o tema e as questões em comum e a gentileza em fornecer informações inéditas e em permitir que realizássemos o estudo da cerâmica de determinados contextos funerários do geométrico escavados pelas campanhas gregas que ainda não receberam qualquer tipo de publicação sistemática.

sociais e culturais de cada sociedade (Gibbs 1987: 80, McHugh 1999: 30). Isto significa dizer que a *persona social* do morto está intimamente relacionada com as concepções de maturidade e os papéis que os homens e a mulheres assumem em uma determinada sociedade.

No que diz respeito à dimensão de idade, optamos por classificar o morto apenas pela divisão elementar da dicotomia adulto / criança. Algumas crônicas de escavações consultadas apresentam classificações mais específicas de idade como bebê, criança muito pequena, adolescente ou subadulto, jovem e, ainda, idoso. Essas categorias apresentam uma aparente especificidade do atributo idade, pois não correspondem a faixas etárias definidas. Elas carregam atribuição de valores e significados anacrônicos, decorrentes do uso de tais categorias nas sociedades contemporâneas. Tratam-se de conceitos culturalmente estabelecidos e podem indicar significados distintos de uma sociedade para outra como, por exemplo, a idade de transição de uma criança para a adolescência e desta para a idade adulta ou, ainda, quais os parâmetros etários que definem um jovem e um idoso em uma determinada sociedade. Além disso, tais categorias também nos remetam a questões relativas à expectativa de vida de uma determinada população, objeto de raros estudos para as sociedades da Idade do Ferro na Grécia.

Apesar de mais genérica, a classificação da dimensão idade em adulto / criança proporciona reflexões sobre um ponto fundamental da arqueologia das práticas mortuárias: a caracterização da *persona social* do morto. O alcance da maturidade pode ser um elemento visível através dos diferentes tipos de tratamento dado aos mortos, definindo a própria inclusão social do indivíduo, seus papéis e funções, independentemente da atribuição a uma idade específica. Em geral, a *persona social* está ausente nas crianças quando definida apenas pelo atributo idade (McHugh 1999: 19). Para entender os contextos funerários infantis faz-se necessário o exame de outras dimensões mortuárias em conjunto, como o mobiliário funerário, os tipos de sepulturas, a localização dos túmulos em relação aos enterramentos de adultos, entre outras. Tais relações tornam-se claras quando, por exemplo, em uma determinada sociedade o status é adquirido e, portanto, as identidades sociais são atribuídas no nascimento ou, ainda,

quando há momentos de transformações sociais. Nestes casos, os enterramentos infantis podem indicar significados simbólicos relacionados não à manutenção de uma determinada ordem social, mas à legitimação de um novo grupo.

A partir dos poucos exemplos de estudos osteológicos realizados para as comunidades da Idade do Ferro tanto na Argólida quanto para outras regiões da Grécia, como a Ática e a Macedônia, a média de expectativa de vida dos indivíduos corresponde a, aproximadamente, 40 e 45 anos (Pappi 2011; Triantaphyllou 2001; Charles 1958, 1963; Angel 1971). Portanto, criança seria aquele indivíduo que está entre o recém-nascido (ou até mesmo prematuramente nascido) e os 15 e 18 anos de idade (Pappi 2011: 721-722, Tab. 4, p. 729). Adulto corresponderia ao indivíduo entre os 15 e 18 anos de idade até por volta de 45 anos ou mais quando for o caso, porém em nenhum dos esqueletos analisados, a idade de 50 anos é ultrapassada (Pappi 2011: 722-723, Tab. 6, p. 730; Hapiot – tese de doutorado em curso). Conforme apontamos, a delimitação de uma idade específica para o alcance da maturidade é relativa e difícil de ser estabelecida, uma vez que é caracterizada por padrões culturalmente definidos. Entretanto, mesmo apresentando uma margem relativamente grande, que nestes contextos seria aproximadamente entre 15 e 18 anos, o essencial é entender que esta etapa de transição para a fase adulta representa o momento fundamental para as definições da *persona social* e, portanto, tais definições podem ser visíveis através das práticas mortuárias, segundo a análise dos contextos funerários realizada no capítulo consecutivo.

A partir de tal categorização entre enterramentos de adultos / crianças, contabilizamos inicialmente o total de cada um deles distribuindo-os pelos subperíodos da Idade, mas estabelecemos a primeira relação com uma outra dimensão das práticas mortuárias, o tipo de sepultura, que suscita padrões e atitudes em relação à morte bastante interessantes para cada categoria (adultos de um lado e crianças, de outro). A quantidade de enterramentos de crianças, de um lado, e de adultos, de outro, relacionadas com o tipo de sepultura é distribuída pelos subperíodos da Idade do Ferro, formando várias tabelas e gráficos. Tal recurso metodológico permite a visualização das distinções e das transformações dos padrões de sepultamento em relação à idade e ao tipo de sepultura durante a Idade do Ferro.

Na Argólida apenas três tipos de sepultura são utilizados durante toda a Idade do Ferro: a cista, o vaso funerário e a cova simples. O tipo de enterramento constitui uma dimensão praticamente caracterizada apenas pela inumação, tanto para crianças quanto para adultos. Dessa forma, as variações nas práticas mortuárias são exteriorizadas inicialmente pela relação entre o atributo idade e o tipo de sepultura, possibilitando o levantamento dos primeiros padrões de comportamento mortuário que podem indicar possíveis elementos dos papéis dos adultos e das crianças nas comunidades em questão.

No que diz respeito ao gênero, a situação para os contextos da Argólida apresenta-se mais complexa. Classificações seguras sobre o gênero são bastante raras e a amostragem é muito pequena para que possa ser contabilizada, identificando padrões funerários que permitam distinções entre adultos do sexo masculino e feminino. Desta forma, o material analisado não nos permite estabelecer relações entre o gênero e o tipo de sepultura e veremos mais adiante que também não é possível relacionar o atributo gênero com as dimensões orientação e posição do corpo. Alguns apontamentos e reflexões são feitos apenas na relação entre gênero e mobiliário funerário e gênero e localização.

- Orientação e Posição do corpo.

As duas próximas dimensões analisadas dizem respeito tanto ao tipo de tratamento dado ao corpo quanto ao local em que o corpo é depositado. Tratam-se de atributos também construídos culturalmente e, portanto, podem abranger dois tipos de distinções sociais. O primeiro deles é denominado dimensão vertical das práticas mortuárias e é caracterizado fundamentalmente pelas diferenças de status em uma sociedade, econômica e politicamente (McHugh 1999: 51). O segundo tipo é intitulado de dimensão horizontal e, apesar das diferentes definições dadas pelos autores, é constituído por grupos que se definem através de laços de solidariedade como, por exemplo, grupos vinculados por linhagens, por crenças, por organizações de ofícios ou, ainda, por laços étnicos comuns (Chapman 1980, McHugh 1999: 40, O'Shea 1981, Whittle 1988: 171).

A maioria dos estudos tenta vincular orientação e posição do corpo com distinções horizontais, principalmente fundamentadas em laços étnicos. No caso da Argólida, por exemplo,

podemos citar pelo menos dois estudos dessa natureza, o de J. M. Luce (tese não publicada) e de A. Foley (1998). Este tipo de relação é bastante incerta e questionável, uma vez que se refere aos conceitos diversificados de identidade étnica e pode levar a premissas de caráter social determinadas por elementos biológicos. Análises osteológicas que explicitam características físicas específicas de um determinado grupo étnico são praticamente inexistentes para as comunidades da Idade do Ferro. Além disso, as definições de etnicidade baseadas pura e simplesmente em elementos raciais biológicos, como características físicas e consanguinidade (Kossina 1911) foram comprovadamente rejeitadas com exemplos analisados antropológica e arqueologicamente, tanto pelos seguidores da Nova Arqueologia, quanto da Arqueologia Contextual. Atualmente, muitos autores preferem entender o termo etnicidade não de uma forma passiva, como um elemento involuntário adquirido no momento do nascimento, decorrente de um fenômeno biológico. Ao contrário, é compreendido como um processo consciente e subjetivo de percepção de um grupo que se identifica a partir de elementos culturais e antecedentes comuns (Jones 1997). Trata-se, dessa forma, de um processo dinâmico, que envolve estratégias políticas e transformações (Morgan 2001, 2003). Características genéticas, linguísticas, religiosas e culturais definem um grupo étnico apenas se são manipuladas por um determinado grupo de pessoas assentado em um território específico e que se caracteriza pelo vínculo a um antepassado mítico comum, a fim de apropriar-se de recursos essenciais ou de manter-se e legitimar-se no poder (Hall 1997).

Assim, evitamos a associação entre a orientação e a posição do corpo com grupos étnicos, privilegiando o alcance de possíveis categorias socialmente distintas e politicamente em competitividade. Este tipo de relação proporciona o levantamento de questões muito mais produtivas para o estudo das práticas funerárias, atingindo níveis da estrutura social. Entretanto, é necessário lembrar que há exemplos bem estabelecidos de grupos étnicos característicos de determinadas comunidades da Argólida, como os dórios em Argos e os *Driopes* (gr. Δρύοπιες) em Asine e em Ermione, que são, na verdade, estabelecidos pela tradição literária

posterior.⁸ Durante a Idade do Ferro, tais exemplos podem ser confirmados a partir do exame dos contextos funerários, pois, conforme podemos observar no Capítulo 3, os padrões funerários apresentados no sítio de Asine constituem totais exceções em relação aos demais sítios da Argólida, principalmente, quando comparados aos padrões argivos, no que diz respeito à posição do corpo, tanto para as crianças, quanto para os adultos.

É exatamente neste quesito, a posição do corpo, que, a partir do material catalogado, faz-se necessário elucidar alguns critérios e pressupostos de análise. A princípio, o tratamento dado ao morto nessa dimensão das práticas mortuárias pode ser dividido em duas posições básicas: contraída e estendida. Essencialmente, a primeira delas significa que o morto é depositado com as pernas flexionadas e a segunda com as pernas alongadas. Contudo, os conceitos tornam-se mais complexos na medida em percebemos que tais posições podem apresentar uma série de variáveis. A posição contraída pode significar que o os joelhos encontram-se dobrados em direção à cabeça e, dessa maneira, o morto pode ter sido depositado sentado, de cócoras ou, então, deitado para um de seus lados, esquerdo ou direito. A posição estendida pode corresponder ao morto deitado de bruços ou de costas. No primeiro caso, a face pode estar voltada para baixo ou fortemente inclinada para a esquerda ou para a direita do indivíduo. Já no segundo, a face pode estar

voltada para cima ou direcionada para esquerda ou para a direita do morto.

No exame da posição dos indivíduos dos contextos funerários da Argólida durante a Idade do Ferro é necessário considerar primeiro o tipo de sepultura. Para os sepultamentos em cista e em cova simples, em todos os sítios, com exceção de Asine, a esmagadora maioria encontra-se em posição contraída e jamais de cócoras. O indivíduo encontra-se sempre deitado, porém não de lado, mas de costas. Este fato constitui algo bastante peculiar da região, que levou R. Hägg (1974a) a denominar tal posição de “Pseudo-Hocker” (que literalmente significa uma posição fetal falsa), pois o mais natural seria depositar o morto com as pernas flexionadas deitado para um dos lados, esquerdo ou direito e, dessa forma, a face estaria necessariamente voltada também para um dos lados, o mesmo para o qual as pernas se encontram dobradas. A posição contraída típica encontrada nos contextos funerários em Argos, Tirinto, Micenas, Náuplia e Lerna é caracterizada pelo morto deitado de costas e as pernas flexionadas ou para o seu lado esquerdo ou para o seu lado direito, com a face voltada para cima ou levemente para um dos lados e os braços, em geral, também dobrados e cruzados sobre o peito ou sobre o abdômen. No caso de Asine, que não apresenta nenhum enterramento em posição contraída, o esqueleto encontra-se sempre em posição estendida deitado de costas e jamais de bruços, com a cabeça para cima ou levemente curvada para um dos lados do morto e os braços, geralmente, estendidos ao longo das laterais do corpo.

A posição contraída típica da maioria dos sítios da região da Argólida suscita uma questão intrigante que nos remete imediatamente ao estabelecimento da distinção dos termos posição e posicionamento do corpo. O posicionamento do corpo corresponde à prática mortuária efetuada durante as exéquias pelos vivos, ao ato de depositar o corpo do morto na cova ou na cista, e a posição do corpo corresponde exatamente à postura que os restos ósseos foram encontrados. O posicionamento do corpo, dessa forma, pode incluir questões relevantes à escolha dos vivos por uma determinada posição em função de fatores variáveis como, por exemplo, marca de distinção horizontal (grupos de solidariedade) ou vertical (grupos sociais / status). A posição em que o esqueleto é encontrado pode incluir fatores externos, como a ação do processo de composição

8 Segundo a tradição literária, os Dríopes teriam habitado originalmente a região da Tessália, numa área denominada “Driópida, entre Mális e a Fócida, medindo trinta estádios de largura”. HERÓDOTO VIII 31. Segundo Heródoto e Pausânias, os Dríopes teriam sido expulsos dessa região por Hércules e pelos Mélios e foram se instalar no Peloponeso em Asine e Hermione. HERÓDOTO, VIII 43; PAUSÂNIAS, IV 34,9. A partir de então, a área passa a ser denominada de *Doris* (Δωρίς) e a região tida como o local de origem dos dórios, que posteriormente migram e ocupam todo o Peloponeso, com exceção de Asine e Hermione. HERÓDOTO I 56-57. É interessante notar, que apesar da expulsão dos Dríopes da Tessália, na realidade, originalmente, eles teriam a mesma origem étnica que os Dórios (seriam todos Pelasgos – HOMERO *Iliada* II 681-684), porém teriam se configurado em povos com costumes bastante distintos. As definições para os Dríopes os indicam como os Pelasgos, quer dizer, povos que habitavam o sul da Tessália e que deram origem tanto aos Dríopes, quanto aos Dórios. Bailly, A. *Dictionnaire grec français / rédigé avec le concours de E. Egger. Éd. revue par L. Séchan et P. Chantraine*. Paris: Hachette, 1950. verbete: (p. 540).

do corpo, que pode modificar a postura que o corpo teria sido depositado originalmente.

A análise da posição dos restos ósseos encontrados nas cistas e nas covas simples em Argos, Tirinto, Micenas, Náuplia e Lerna indica que o padrão de posicionamento dos mortos dessas comunidades, independentemente das demais dimensões das práticas mortuárias, corresponde à deposição do corpo do morto deitado de costas com as pernas flexionadas. Tal padrão define-se claramente como um resultado da intencionalidade dos vivos nessas comunidades e pode denotar uma marca simbólica de distinção em relação à prática exercida pelos habitantes de Asine, que enterravam a totalidade de seus mortos durante o mesmo período em posição estendida. Apesar das problemáticas apontadas sobre a associação entre posição do corpo e etnicidade, os casos analisados parecem apontar claramente para uma distinção étnica entre os habitantes de Asine em oposição aqueles assentados nos demais grandes sítios da Argólida no período analisado, principalmente Argos.

Para irmos além de uma análise mais elementar que busque visualizar a possibilidade da existência de padrões de posicionamentos distintos nos enterramentos em posição contraída de um sítio ou entre os sítios que apresentam tal prática, seria necessário verificar se a posição das pernas inclinadas para um dos lados do morto é resultado da intencionalidade dos vivos. Tal questão foi tratada pelas referências bibliográficas de duas maneiras distintas, porém percebemos que em ambas o fato das pernas dobradas estarem voltadas para o lado direito ou esquerdo do morto não é fruto de uma escolha consciente e manipulada dos participantes dos rituais funerários.

De um lado, para R. Hägg, no momento das exéquias, o morto teria sido depositado já com as pernas levemente ou fortemente flexionadas para um dos lados, porém esta decisão não seria resultado da intencionalidade dos vivos exatamente devido ao do morto ser colocado deitado de costas. De acordo com o autor, se o posicionamento do morto voltado para um dos lados configurasse um elemento de distinção de um determinado grupo da sociedade, independentemente do fato de ser um grupo étnico, social, religioso, familiar, de status etc., o morto teria sido depositado totalmente de lado (em uma posição fetal “verdadeira”, completa) e não de costas.

Já para J-M. Luce, a posição do esqueleto encontrado com as pernas flexionadas e caídas para um dos lados é decorrente, na verdade, do processo de decomposição do corpo, uma vez que o autor acredita que os participantes teriam depositado o morto sempre deitado de costas e as pernas dobradas com os joelhos para cima, mesmo que os vivos tivessem que utilizar algum tipo de mecanismo para manter as pernas em tal posição, como, por exemplo, algum tecido para amarrar as pernas. Nas sepulturas que não teriam sido preenchidas com terra, as pernas do indivíduo teriam, portanto, inclinado ou para o lado esquerdo ou direito do corpo do morto e o tecido que teria servido de amarra teria se deteriorado por completo (Luce 2007: 44).

Quando examinamos as duas proposições, concluímos que ambas podem ser verdadeiras no nível teórico, pois o fato das pernas estarem flexionadas para um dos lados do morto pode ser resultado tanto da deposição do morto na sepultura já nesta postura, quanto da deposição do morto na postura sugerida por Luce, isto é, com as pernas flexionadas e os joelhos para cima, ou, até mesmo, com os joelhos dobrados em direção à cabeça, como por exemplo, para aqueles esqueletos em que as pernas foram encontradas com um ângulo de flexão extremamente acentuado. Teórica e empiricamente, a proposta de Luce sugerindo a utilização de um tecido que sustente a posição contraída é plausível e atestada em várias sociedades, inclusive na própria Grécia em períodos posteriores, quando o morto é envolvido em uma mortalha (Garland 2001). Não necessariamente o uso de uma amarra, mas a própria mortalha pode ter tido a função de manter o morto com as pernas flexionadas, seja com os joelhos para cima, seja com os joelhos pendidos para o lado esquerdo ou o direito. As condições pós-deposicionais de um clima e solo como os da região da Argólida favorecem o desaparecimento de qualquer traço desse tipo de material.

Todavia, as duas hipóteses apresentam alguns problemas no que diz respeito à metodologia de análise. Em primeiro lugar, a partir das evidências materiais levantadas, é muito difícil estabelecer se o morto teria sido depositado já com as pernas dobradas para um dos lados, conforme sugere Hägg, ou com os joelhos dobrados para cima e, apenas após o

processo de deterioração do corpo, as pernas teriam inclinado para um dos lados, segundo afirma Luce. A determinação do posicionamento do corpo a partir da posição dos esqueletos nos sepultamentos é possível a partir de uma análise minuciosa das articulações ósseas realizada por um especialista, um antropólogo físico. É necessário ressaltar que tal análise não foi feita para os contextos funerários selecionados. Além disso, mesmo que estudos osteológicos sejam feitos para o material ósseo conservado nas reservas dos museus da Argólida (conforme já mencionamos alguns que estão em andamento) este aspecto em particular não pode ser visualizado, uma vez que os esqueletos estão armazenados desarticuladamente e, portanto, a posição dos esqueletos encontrada no momento da escavação foi perdida.

Em segundo lugar, conforme apontamos alguns parágrafos acima, discutir questões sobre o posicionamento do corpo é relevante na medida em que possa suscitar questões essenciais sobre as práticas mortuárias. Estabelecer as especificidades da relação entre a posição encontrada em um enterramento com o posicionamento exato em que o morto foi intencionalmente depositado no túmulo nos remete a uma série de variáveis pós-depositivas que interferem nos contextos, tanto agentes naturais, quanto culturais, como por exemplo, nos casos em que a sepultura é reutilizada ou mesmo saqueada em períodos posteriores.

Dessa forma, acreditamos que a relação não deve ser tratada isoladamente e o entendimento da posição dos esqueletos deve seguir um caminho oposto àquele proposto por Hägg e por Luce. Antes da proposição de respostas teóricas e técnicas sobre o posicionamento dos mortos, devemos examinar cautelosamente o material catalogado verificando a possibilidade de associações entre a posição do corpo e as demais dimensões das práticas mortuárias. A primeira delas, por exemplo, é considerar as dimensões das sepulturas, pois quando a cova ou a cista é bastante estreita e profunda, o único posicionamento possível seria deitado de costas com as pernas flexionadas e os joelhos direcionados para cima, conforme sugere Luce. Exemplos desse tipo são raros, na maioria dos casos analisados, a largura da sepultura é ampla o suficiente para que o esqueleto tenha as pernas dobradas inclinadas para um dos lados do morto. Seria necessário também verificar

as relações entre uma determinada posição com a idade e o gênero do indivíduo e, ainda, com as características do mobiliário funerário. As definições de tais relações são dificultadas pela ausência de informações detalhadas sobre a posição dos esqueletos nas referências bibliográficas disponíveis e, de forma mais acentuada, sobre as classificações de gênero, conforme expusemos nas páginas anteriores.

Assim, na análise da dimensão posição do corpo realizada no próximo capítulo, procuraremos indicar a porcentagem de enterramentos de adultos e infantis para os quais a posição contraída é explicitada nos relatórios de escavações. A partir das evidências visuais, isto é, do exame das fotos das sepulturas abertas revelando a posição exata em que o esqueleto foi encontrado, é possível determinar alguns elementos que, em associação, podem auxiliar a revelar o posicionamento do corpo. Por exemplo, a posição do crânio (se para o mesmo lado das pernas) e a sobreposição dos ossos dos pés e das pernas. Entretanto, é importante lembrar que a quantidade de fotos dos enterramentos que mostram a posição dos esqueletos é pequena quando comparada ao número total de sepultamentos. Dessa maneira, procuraremos discutir as possibilidades do posicionamento do corpo verificando as possibilidades dos padrões funerários a partir da relação com as demais dimensões das práticas funerárias, como gênero (quando possível) e mobiliário funerário. Contudo, é necessário ressaltar os limites de uma análise deste tipo devido à ausência de informações precisas nas referências bibliográficas e de estudos especializados realizados por um antropólogo físico.

A problemática exposta até o momento demonstra apenas em parte a complexidade da relação entre o posicionamento e a posição do corpo que, reforçando o que já indicamos, só nos será útil na medida em que trazer informações sobre os padrões funerários, isto é, caso possibilite o alcance de aspectos da organização da sociedade em si e não se enraíze em questões puramente técnicas. A partir deste ponto de vista, preferimos utilizar o termo posição do corpo em vez de posicionamento, tanto no *corpus documental*, quanto nos capítulos de análise, a fim de enfatizar a maneira a partir

da qual os restos ósseos foram encontrados nas sepulturas e, dessa forma, enfatizar o padrão de enterramento em Argos, Tirinto, Micenas, Náuplia e Lerna com os mortos deitados de costas e com as pernas flexionadas, independentemente da existência de distinções de idade, gênero e, até mesmo, sociais.

Ainda para o atributo posição do corpo, é imprescindível que explicitemos algumas questões relativas ao uso de determinados termos encontrados nos relatórios e crônicas de escavações. Alguns autores, essencialmente arqueólogos, utilizam os termos *supinação* para identificar os enterramentos em posição estendida com o morto deitado sobre suas costas e a face para cima. Todavia, nos termos classificatórios da Antropologia, *supinação* refere-se somente ao fato da mão do esqueleto estar com a palma voltada para cima e, dessa forma, *pronação* seria o oposto, quando a palma está voltada para baixo. Apesar do termo em originalmente em latim⁹ não significar exclusivamente que apenas a palma da mão estaria voltada para cima, mas todo o corpo e, portanto, poderia ser utilizado para os casos em que o esqueleto teria sido encontrado deitado de costas em posição estendida, preferimos evitar tal correspondência e não utilizar o termo *supinação* em nenhum momento da descrição da posição do corpo.

Finalmente, para encerrar a discussão sobre a posição do corpo, necessita-se esclarecer que para o tipo de sepultura em vasos funerários, a posição do morto é necessariamente contraída para a grande maioria dos casos, devido às próprias características físicas do túmulo. Os vasos funerários, mesmo quando apresentam grandes dimensões para abrigar os mortos, são feitos em partes, e para o processo de introdução morto e adequação do corpo ao espaço disponível é necessário que o morto esteja contraído e, na maioria das vezes, com as pernas fortemente flexionadas.

Quando passamos para a análise da dimensão orientação do corpo / sepultura, também definimos alguns pressupostos e

parâmetros metodológicos de análise. Em primeiro lugar, para entender as razões pelas quais não separamos a orientação da sepultura e a do corpo em duas categorias de análise distintas, deve-se considerar o tipo de sepultura. No caso das cistas e das covas simples, a orientação da sepultura é dada pelos arqueólogos como um determinado sentido cardeal, por exemplo, sentido Norte-Sul, Leste-Oeste, Nordeste-Sudoeste etc. e o esqueleto encontra-se acompanhando a linha axial da sepultura. Isto significa que a orientação do corpo corresponde à mesma orientação da sepultura e, em geral, o sentido final, isto é, o ponto cardeal para qual a sepultura e o corpo estão direcionados equivale à extremidade da sepultura onde o crânio teria sido depositado. Desse modo, quando a orientação da sepultura está indicada no sentido Leste-Oeste, por exemplo, significa que o crânio do esqueleto teria sido depositado na parte Oeste da sepultura e, portanto, o sentido mencionado corresponde à orientação da sepultura / corpo do morto. Há vários enterramentos em que os autores mencionam apenas o alinhamento dos túmulos, porém não informam se a posição do crânio do morto coincide com tal direcionamento ou não. Há, ainda, outros exemplos em que os esqueletos foram encontrados inclinados em relação à linha axial que define o sentido da sepultura. Nestes casos, a orientação do corpo não coincide com a orientação da sepultura, pois o crânio encontra-se deslocado em relação à linha axial da sepultura. Exemplos desta natureza aparecem raramente nos contextos funerários analisados e são devidamente indicados.

No caso das sepulturas em vasos funerários, a orientação da sepultura pode, em primeiro lugar, ter dois sentidos: vertical e horizontal. Quando os vasos são depositados na vertical, a indicação para um sentido cardeal é inapropriada. Há muito poucos exemplos de vasos depositados na vertical na Argólia durante o período estudado. A maioria corresponde ao depósito do vaso na horizontal e, em geral, o que aparece nas crônicas e relatórios de escavações é a indicação do alinhamento com um ponto cardeal, da mesma forma que para as cistas e as covas simples. Entretanto, o sentido é caracterizado para onde está direcionada a borda do vaso. Isto significa dizer que uma sepultura em vaso orientada no sentido Leste-

9 Segundo o Houaiss, do latim o termo *supinus*, a, um quer dizer deitado de costas, que está voltado para cima. Houaiss. Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa. Versão 1.0. Dezembro de 2001. Editora Objetiva Ltda. Vide verbete "supino"

-Oeste foi encontrada com a abertura do vaso para Oeste. Além disso, a grande maioria dos esqueletos encontra-se com o crânio próximo à borda do vaso. Nestes casos, a orientação da sepultura (para onde está voltada a borda do vaso) corresponde à orientação do corpo (onde se encontra o crânio do esqueleto). Da mesma maneira que para os túmulos em cista e cova simples, as ocorrências que divergirem desse padrão serão devidamente tratadas.

Desse modo, os sentidos para os quais a cabeça está depositada são relacionados, quando possível, com o atributo idade e são distribuídos pelos subperíodos da Idade do Ferro, formando tabelas e gráficos que possibilitem visualizar padrões preferenciais de deposição dos adultos e das crianças. Além disso, as tabelas e os gráficos também podem, em alguns casos, permitir a investigação de transformações desses padrões. Todavia, é importante ressaltar que o alcance deste tipo de reflexão é bastante variado de sítio para sítio em decorrência da limitação das informações sobre orientação do corpo encontrada nas referências bibliográficas.

O Mobiliário Funerário.

A análise do mobiliário constitui a dimensão tratada de forma mais exaustiva nos diversos tipos de estudos das práticas mortuárias, principalmente aqueles de caráter arqueológico. Talvez, constitua também a parte mais controversa e polêmica no estabelecimento das relações entre os contextos funerários e a sociedade. Na maioria dos estudos realizados segundo os pressupostos da Nova Arqueologia, os objetos depositados com o morto são comumente entendidos como símbolos de distinções de status social, riqueza e poder político, indicando necessariamente sociedades hierarquizadas (McHugh 1999: 59). Tais associações são frequentemente fundamentadas, na grande maioria dos casos, em classificações puramente quantitativas do mobiliário funerário ou, ainda, qualitativas que comportam atribuições de valores anacrônicos. Metodologias de análise dessa natureza resultam, muitas vezes, em interpretações inadequadas e preestabelecidas da sociedade, como por exemplo, a ausência de objetos em um contexto funerário como marca de um grupo social inferior e a presença de objetos

em ouro como indicador de um grupo mais abastado econômica e, por consequência, politicamente.

Na tentativa de entender a sociedade em si e não aplicar fórmulas preestabelecidas, as classificações do mobiliário funerário a partir das premissas definidas pela Arqueologia Contextual resultam em estudos que visam reforçar os aspectos simbólicos e ideológicos dos objetos depositados com o morto. Entretanto, algumas delas tentam atingir níveis mais subjetivos da sociedade, como o indivíduo, e acabam por utilizar classificações metodológicas arbitrárias que encerram atribuições de valores anacrônicos e fórmulas gerais, da mesma maneira que os estudos tão criticados da Arqueologia Processual.

A utilização de uma metodologia de análise do mobiliário funerário que consiga alcançar aspectos sociais, considerando, de um lado, os possíveis significados simbólicos dos objetos e, de outro, evitando associações preconcebidas, constitui uma tarefa difícil e necessariamente arbitrária. A classificação do material deve considerar, portanto, dois fatores fundamentais: as características do material disponível e os objetivos pretendidos com a análise. Não se trata de buscar uma falsa e impossível neutralidade ou imparcialidade frente ao material catalogado e nem ter respostas prontas, mas sim ter consciência da arbitrariedade aplicada à análise do material, propondo questões e reflexões pertinentes às possibilidades e às limitações do *corpus documental*.

O objetivo da nossa pesquisa é tentar visualizar padrões de enterramento que possibilitem o alcance de aspectos das sociedades da região da Argólida durante a Idade do Ferro, como a formação de grupos sociais distintos, considerando tanto as dimensões horizontais (laços de solidariedade), quanto as dimensões verticais das práticas mortuárias (status econômico e político). A partir de uma análise intrassítio, visamos também entender tal processo durante as diferentes fases da Idade do Ferro, principalmente durante o século VIII a.C., com a constituição da pólis. Finalmente, partimos para uma análise intersítio a fim de comparar e entender a dinâmica desse processo nas comunidades da região, considerando principalmente os possíveis papéis de Argos em relação aos demais sítios.

A análise do mobiliário funerário, da mesma forma que para as demais dimensões consideradas até o momento, não deve ser realizada de forma isolada. Inversamente, deve-se associá-la aos demais atributos, como idade, gênero, tipo de sepultura, posição e orientação do corpo e localização do túmulo. A partir da elaboração do *corpus documental* (catálogo e banco de dados), percebemos que uma classificação fundamentada nos aspectos qualitativos que apreciasse as características dos objetos em relação à matéria-prima, às medidas e aos aspectos técnicos de produção, como constituição e decoração, seria mais adequada ao material catalogado e pertinente às questões propostas.

A maioria das oferendas presentes nos contextos funerários da região da Argólida no período selecionado é constituída por cerâmica, essencialmente vasos. Porém, em alguns túmulos, notamos a associação do material cerâmico aos objetos em metal, principalmente em bronze e em ferro e, em outros, nota-se a presença de objetos mais variados em termos de matéria-prima, como faiança, cristal de rocha, marfim, osso, entre outras. Observa-se, ainda, uma grande porcentagem de sepulturas sem a presença de oferenda de qualquer natureza. Percebemos que a quantidade configura um critério de distinção associado às características qualitativas. Desse modo, dividindo o mobiliário funerário em cinco categorias gerais associadas fundamentalmente com outras duas dimensões das práticas funerárias, em primeiro lugar o tipo de sepultura (cista, cova simples e em vasos funerários) e em segundo, a idade (adultos e crianças). Os resultados dessas associações são quantificados numericamente e distribuídos nos subperíodos da Idade do Ferro, formando tabelas que proporcionem a visualização de processos de mudanças dos contextos funerários. As categorias gerais podem apresentar algumas variações a partir das especificidades do material levantado para cada sítio.

A primeira abrange os enterramentos sem oferendas, ou seja, cistas, covas e vasos funerários de crianças e adultos em que não foram encontrados objetos, apenas os restos ósseos. Esta categoria abrange ainda sepultamentos onde foram encontrados alguns fragmentos cerâmicos no interior da sepultura ou na área externa, que auxiliaram no processo de datação.

A segunda categoria engloba os enterramentos que contêm apenas artefatos cerâmicos (essencialmente vasos) como oferendas. A grande maioria dos enterramentos nos dois maiores sítios da Argólida, Argos e Tirinto, apresenta até no máximo 4 vasos cerâmicos; em Micenas e Asine, grande parte dos sepultamentos apresenta até no máximo 3 vasos cerâmicos; e em Lerna, entre 1 e 2 vasos apenas. Dessa maneira, esta categoria engloba os enterramentos que apresentam vasos cerâmicos em pequena quantidade, podendo incluir vasos torneados (constituindo o maior número de exemplares), quanto manufaturados (feitos à mão), com ou sem decoração.

A terceira é formada pelos enterramentos em que foram encontrados objetos confeccionados apenas em metal (principalmente em bronze e ferro) e, da mesma forma que a categoria anterior, a grande maioria desses enterramentos contém uma pequena quantidade desses artefatos, no geral, entre 1 e 4. Esta categoria constitui o menor número total de enterramentos, tanto infantis, quanto de adultos em todos os sítios analisados.

A quarta categoria engloba os sepultamentos onde foram identificados objetos em metal e em cerâmica (vasos) associados em um pequeno número de cada, vale dizer; entre 1 e 4 vasos cerâmicos e 1 e 4 artefatos em metal. Entretanto, esses enterramentos representam um grande número do total de enterramentos nos sítios examinados e, não só pela quantidade total de artefatos, mas também pelas características de confecção dos mesmos. Tais artefatos se diferenciam das três categorias relacionadas anteriormente, podendo, em muitos casos, ser analisados em conjunto com a última categoria.

A quinta e última categoria encerra o que optamos por denominar como os enterramentos variados, ou seja, aqueles que apresentam uma grande quantidade e, ou, variedade de artefatos, seja só um grande número de vasos cerâmicos com aspectos técnicos e ornamentais semelhantes ou só de objetos em metal, ou a associação dos dois materiais, como também com outros artefatos fabricados em matérias-primas distintas, como marfim (geralmente cabo de facas e adagas ou, ainda espadas e, mais raramente selos), faiança (em geral contas e pingentes), pedra (raros, mas em geral para instrumentos polidores e usualmente para contas que formam

um colar e pingentes), osso (a maioria para a confecção de alfinetes), terracota (comumente para figurinhas), madeira (geralmente para cabo de adagas, espadas e facas), cristais de rocha (pingentes e contas), esteatito, um tipo de rocha constituída principalmente de talco, silicato de magnésio hidratado que tem um aspecto de falso brilho, geralmente utilizada em objetos ornamentais, entre outros materiais.

A classificação proposta procura considerar e relacionar os aspectos qualitativos e quantitativos dos artefatos visando uma análise mais cautelosa do material presente nos contextos funerários selecionados. A maior parte do mobiliário é constituída por vasos cerâmicos e estes correspondem a uma preciosa fonte de informações sobre o processo de datação e reflexões sobre oficinas com produções locais próprias e relações de troca entre os sítios. Além disso, o estudo dos vasos cerâmicos provenientes dos contextos funerários também viabiliza reflexões sobre determinados aspectos simbólicos das práticas mortuárias, como as relações com os atributos idade e gênero e, ainda, com status social.

Dessa forma, o foco da análise sistemática do mobiliário funerário se dá sobre as características dos elementos que configuram a produção cerâmica. Isto significa dizer que examinamos detalhadamente os vasos cerâmicos a partir de três elementos essenciais: 1) os aspectos técnicos de fabricação dos vasos, isto é; as características do processo de confecção (manufaturados ou torneados) e da pasta da argila utilizada, como composição, queima e coloração, classificada a segundo os códigos de cores do Munsell (Munsell, A. H. *Munsell® Soil Color Book*. Revised Edition. New York, 2009); 2) os aspectos formais, quer dizer; dimensões e formas e 3) aos aspectos estilísticos, vale dizer; uma análise exaustiva dos motivos ornamentais característicos de cada subperíodo da Idade do Ferro ou de um determinado sítio, do processo técnico de confecção do desenho, como por exemplo, a utilização do pincel múltiplo e do compasso, da decoração incisa (quando presente), da presença de pintura no interior do vaso e da utilização de uma camada de pintura (engobo, por exemplo) antes da aplicação do verniz para execução dos motivos ornamentais propriamente ditos.

O exame das características formais dos vasos suscitou alguns problemas conceituais. De

um lado, constatamos uma incompatibilidade das denominações utilizadas para classificar algumas formas, pois apesar de serem formas específicas da Idade do Ferro, as denominações se referem às formas tradicionais do Período Arcaico e Clássico. Além disso, devido à multiplicidade de línguas utilizada nos relatórios de escavações e nas publicações sistemáticas dos contextos funerários dos sítios selecionados, muitas vezes, cada pesquisador opta por estabelecer seu próprio léxico de nomenclatura das formas de alguns vasos e a tradução de tais termos, em alguns casos, não é a mesma de uma língua para outra para uma mesma forma de vaso cerâmico. Um exemplo bastante elucidativo deste caso corresponde aos termos utilizados para formas semelhantes ao esquifo. Alguns pesquisadores franceses preferem utilizar a expressão “cálice com duas alças” ao invés de manter o termo ou fazer uso de uma transliteração do termo em grego “Σκύφος”. Quando formas semelhantes de vasos apresentam uma única alça, as expressões utilizadas variam de acordo com a língua, sendo encontrados, por exemplo, os termos “taça” (*tasse* no francês e no alemão) e “xícara” (*cup* no inglês).

Fez-se necessária, desta forma, a adoção de termos específicos em português que unificassem as diferentes traduções utilizadas para um mesmo formato de vaso. Até o momento não havia normas sistemáticas e universais de transliteração e de vernaculização dos nomes gregos em português. Contudo, o projeto “A Nomenclatura dos Vasos Gregos em Português”, que reúne pesquisadores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e cuja responsável é a Profa. Dra. Haiganuch Sarian, tem como proposta a sistematização e vernaculização os nomes dos vasos. Dessa forma, utilizaremos os termos já vernaculizados pelo referido grupo para as formas dos vasos cerâmicos presentes nos contextos funerários da Idade do Ferro. Indicamos abaixo, uma relação dos termos em português e a respectiva nomenclatura em grego que corresponde à denominação das formas utilizadas na pesquisa.

Termo em português	Termo em grego	Termo em português	Termo em grego	Termo em português	Termo em grego
Alabastro	(gr. Αλάβαστρον)	Cerno	(gr. Κέρνος)	Pito	(gr. Πίθος)
Ânfora	(gr. Αμφορεύς)	Cratera	(gr. Κρατήρ)	Píxide	(gr. Πυξίς)
Anforisco	(gr. Αμφορίσκος)	Cíato	(gr. Κύαθος)	Rito	(gr. Ρυτόν)
Aribalo	(gr. Αρύβαλλος)	Cálice	(gr. Κύλιξ)	Esquifo	(gr. Σκύφος)
Asco	(gr. Ασκός)	Lécito	(gr. Λήκυθος)	Estano	(gr. Στάμνος)
Cálato	(gr. Κάλαθος)	Enócoa	(gr. Οινοχόη)	Hídria	(gr. Υδρία)
Cântaro	(gr. Κάνθαρος)	Oipa	(gr. Όλπη)	Fíala	(gr. Φιάλη)

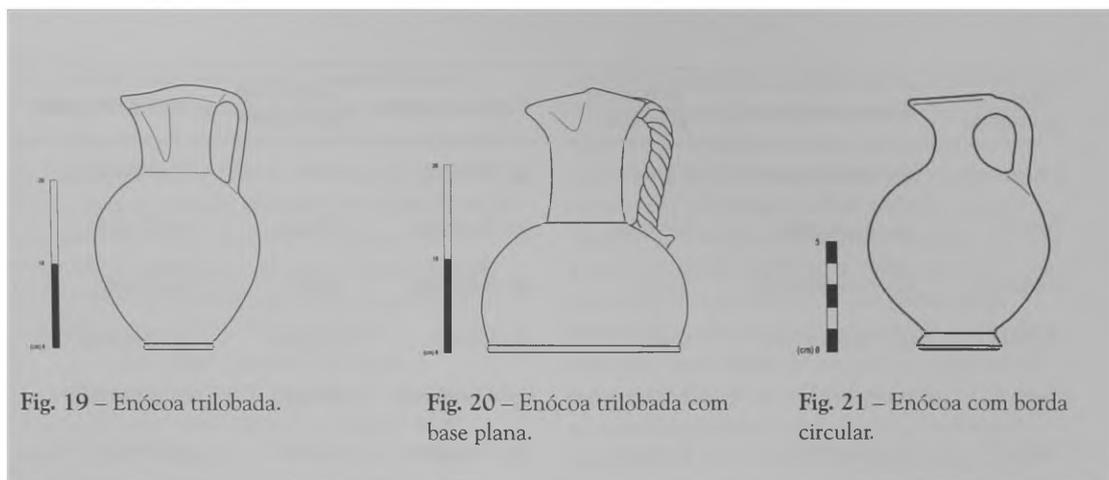
Para complementar o processo de unificação dos termos em português, fez-se imprescindível também uma sistematização da designação utilizada e as possíveis variantes da forma correspondente. Desta maneira, uma série de desenhos esquemáticos, feitos a partir dos vasos encontrados nos enterramentos, exemplifica e sistematiza a nomenclatura acima utilizada nesta pesquisa para as formas específicas da Idade do Ferro. Os desenhos esquemáticos apresentados neste capítulo foram feitos apenas para aquelas formas que encontram variantes e suscitam questões em relação ao termo utilizado e sua forma equivalente, seja devido a um problema de tradução, seja devido ao fato de que a forma tradicionalmente aceita não encontra exemplos semelhantes nos enterramentos analisados.¹⁰

Uma forma frequentemente encontrada nas sepulturas catalogadas que apresenta variantes significativas é a enócoa. Trata-se de uma forma semelhante a um jarro, com o corpo bojudo e com o pescoço relativamente largo, mas com ângulo acentuado no ombro (Figs. 19, 20 e 21). Esta última característica diferencia a enócoa de vasos que são apenas classificados como jarro (Fig. 22), pois o pescoço é largo, mas com ângulo pouco acentuado no ombro, fazendo com que tanto o pescoço quanto a borda tenham diâmetros maiores em relação aos da enócoa. Além disso, a enócoa pode apresentar dois tipos de borda: a

trilobada (Figs. 19 e 20) e a circular (Fig. 21). A enócoa trilobada ainda pode apresentar dois tipos de bases, uma normal, em que o afunilamento do vaso em direção ao pé é proporcional em relação ao pescoço, fazendo com que o diâmetro do pescoço e da base sejam bastante próximos e a forma do corpo seja mais ovoide (Fig. 19), e a outra, descrita como enócoa trilobada circular com base plana (Fig. 20), em que o corpo do vaso é arredondado e cortado, interrompido pela base, que apresenta medidas bem maiores em relação ao diâmetro do pescoço. A enócoa trilobada com corpo arredondado, representada na Fig. 19, aparece em número bem maior nos enterramentos e, apesar de ser comum durante todos os subperíodos da Idade do Ferro, é uma forma caracteristicamente encontrada nos túmulos do início da Idade do Ferro, principalmente do PG e do GA. Já a enócoa trilobada com base plana, indicada na Fig. 20, é encontrada com maior frequência nos sepultamentos datados do GM e, principalmente, do GR. A enócoa com borda circular (Fig. 21) aparece em menor número nos enterramentos e durante todos os subperíodos.

Outro elemento distintivo dos vasos genericamente denominados como jarros (Fig. 22) em relação à enócoa diz respeito ao processo de fabricação. A grande maioria das enócoas é torneada e dos jarros, manufaturada, isto que dizer; feitos à mão. Por fim, há uma outra forma de vaso que também pode ser caracterizada como um jarro, porém é denominado de lécito (Fig. 23). Este vaso difere da enócoa com borda circular (Fig. 21) por apresentar um corpo bastante arredondado e o pescoço bastante afunilado, com ângulo bem acentuado. Em geral, os lébitos

¹⁰ Para visualizar os desenhos das formas e as denominações correspondentes tradicionalmente aceitas, vide <http://www.cvaonline.org/cva/projectpages/PotProfiles6.htm>.



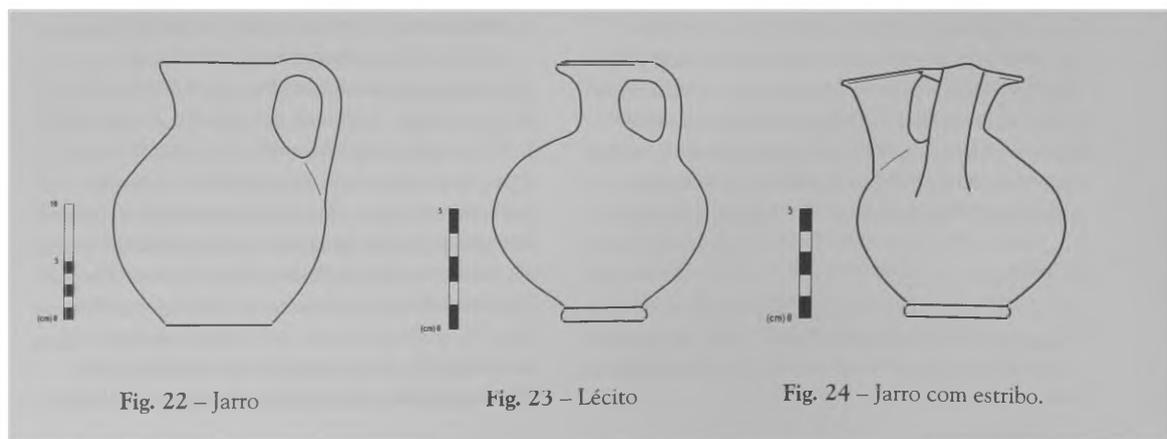
também são torneados, apresentam dimensões menores em relação às enócoas e a borda é sempre circular.

Um último tipo de vaso classificado também como jarro que apresenta diferenças fundamentais em relação às alças e ao orifício de servir é o jarro com estribo (*stirrup jar* em inglês, *vase à étrier* em francês e *Bugelkanne* em alemão) (Fig. 24). Este jarro apresenta duas alças que são separadas por um pescoço falso, quer dizer, tampado, sem orifício de saída, situado sempre no centro do vaso. O pescoço “verdadeiro” que leva à borda, localiza-se imediatamente à frente do falso e com a borda sempre circular. Trata-se de uma forma derivada dos vasos micênicos e, portanto, ela também serve como um indicador de datação, pois aparece exclusivamente nos túmulos do Submicênico e, em raros casos, do início do PG, porém jamais do Período Geométrico.

A taça é uma das formas que mais apresenta variações no que diz respeito à tradução dos termos utilizados pelas diferentes línguas e também no próprio formato do vaso. Logo de início, é essencial destacar que a taça apresenta

sempre uma única alça, pois esta será o elemento de distinção básico entre este tipo de vaso e o esquifo, que apresenta sempre duas alças, sejam horizontais ou verticais. A primeira forma de taça que podemos elencar é aquela sem pé, quer dizer, com a base plana (Figs. 25 e 26). Neste caso, há dois tipos de taça que se dividem segundo o formato da borda e da alça. Na primeira delas (Fig. 25 – tipo A), a alça é pequena, alcançando até a metade do corpo do vaso apenas, e a borda é bem delimitada, apresentando um estreitamento e ângulos mais acentuados no ombro. No segundo tipo de taça com base plana (Fig. 26 – tipo B), a alça é maior, ocupando todo o corpo do vaso, prolongando-se até a base. A borda é larga e contínua, formando uma unidade em relação ao corpo do vaso, ou seja, não apresenta ombro nem ângulos acentuados e, dessa forma, as medidas do diâmetro da base e da borda são semelhantes.

O segundo tipo de taça, com pé (Figs. 27 e 28), também apresenta dois tipos que são diferenciados a partir do formato do pé e da borda. No primeiro tipo (Fig. 27), o pé é baixo e



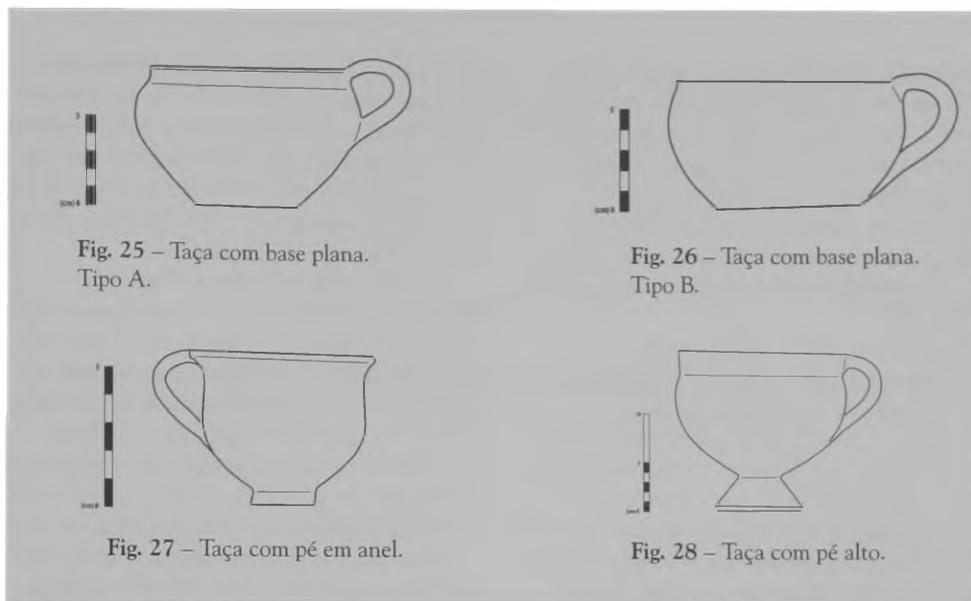


Fig. 25 – Taça com base plana.
Tipo A.

Fig. 26 – Taça com base plana.
Tipo B.

Fig. 27 – Taça com pé em anel.

Fig. 28 – Taça com pé alto.

apresenta um ângulo reto na base e, no fundo, uma cavidade. Este tipo de pé é denominado “pé em anel”. A borda apresenta um diâmetro muito maior em relação à base e prolonga-se para o exterior. No segundo tipo (Fig. 28), o pé é bem mais alto e com ângulo bastante acentuado na base, maior que 90° , afunilando-se no ponto em que se dá a união com o corpo do vaso. A borda, em geral, apresenta um ângulo bastante acentuado na junção com o corpo de vaso e tende a ser reta, porém o diâmetro ainda é bem maior em relação ao da base.

As quatro especificações de taça são encontradas nos contextos funerários de todos os subperíodos da Idade do Ferro na Argólida. As taças, em geral, configuram o tipo de vaso encontrado em maior quantidade nos enterramentos. Entretanto, nota-se que a forma representada na Fig. 25, com o corpo mais reto em direção à base, corresponde a um tipo de taça comumente encontrado nos enterramentos datados do final da Idade do Ferro, principalmente no GM e GR. A forma identificada na Fig. 26, que apresenta um corpo mais bojudo, circular, é encontrada com mais frequência nos túmulos do PG e do GA. Já a forma de taça exemplificada na Fig. 27 raramente aparece nos enterramentos do Período Geométrico, concentrando-se quase exclusivamente no PG. Finalmente, a forma retratada na Fig. 28, é encontrada em todos os subperíodos, porém tende a se concentrar nas sepulturas do início da Idade do Ferro, no SM, PG e GA.

A forma de vaso que aparece na pesquisa como esquifo apresenta as mesmas variações

em relação aos pés e às bordas que as taças. O esquifo é descrito como um cálice com duas alças e é justamente a quantidade e a orientação das alças que o difere das taças, pois estas apresentam sempre uma única alça vertical. Os esquifos apresentam sempre duas alças que podem estar dispostas tanto na vertical quanto na horizontal. Os esquifos com alças horizontais (Figs. 29 e 30) podem apresentar dois tipos de base e borda. A primeira forma de esquifo com alças horizontais apresenta base plana, sem pé e a borda, em geral, sem delimitações, projeta-se para o interior do vaso, mas apresenta diâmetro maior em relação ao da base (Fig. 29). A segunda apresenta pé alto, com ângulo bastante acentuado na base, maior que 90° , afunilando-se no ponto em que se dá a união com o corpo do vaso (Fig. 30). A borda, em geral, apresenta um ângulo bastante acentuado na junção com o corpo de vaso e prolonga-se para o exterior, fazendo com que o diâmetro seja bem maior em relação ao da base.

Os esquifos com alças verticais (Figs. 31 e 32) apresentam dois tipos de base diferentes. Geralmente, para ambas as formas de esquifos com alças verticais, as bordas são bem delimitadas, com ângulos acentuados no ombro e com a tendência de se prolongar levemente para o exterior. O primeiro tipo de esquifo com alças verticais apresenta um pequeno pé em anel (Fig. 31). Já o segundo possui um pé alto, com ângulo bastante acentuado, maior que 90° , afunilando no ponto onde se dá a junção com o corpo do vaso (Fig. 32). Esta forma é comumente denominada pelos pesquisadores simplesmente como cálice,

como uma tradução do termo em grego *κύλιξ* e, quando apresenta grandes dimensões, passa a ser designada como cratera. Além do esquifo, outro tipo de vaso que pode também ser classificado como um cálice com duas alças verticais é denominado de cântaro. A particularidade do cântaro em relação ao esquifo com alças verticais está no fato das alças ultrapassarem a borda do vaso (Fig. 33).

As píxides também compreendem formas bastante variadas. Elas estão presentes nos enterramentos em grande quantidade, principalmente aquelas de pequenas dimensões e com tampa. Em geral, elas são encontradas durante toda a Idade do Ferro, variando em relação ao tamanho e à forma em direção ao final do Período Geométrico. Aquelas com a base pontiaguda e alças de sustentação (Fig. 34) são encontradas com maior frequência nos túmulos do início da Idade do Ferro. As formas mais bojudas (Figs. 35 e 36), apesar de serem identificadas durante todos os subperíodos, aparecem com mais recorrência nos enterramentos do GM e do GR, principalmente aquela representada na Fig. 36. Entretanto, há outros dois formatos de píxides que não são exemplificados com desenhos e que estão intrinsecamente conectados à questão da datação. Trata-se da píxide trípole (com três pés em forma de alças), que aparece principalmente no final da Idade do Ferro, possui grandes dimensões e é essencialmente utilizada como urna funerário e não mais como objeto ofertado no interior de uma cista, por exemplo. É o caso da píxide trípole C. 209, do Túmulo (023) em Argos. O segundo tipo

de píxide também aparece com maior frequência nos enterramentos datados do GR e sua forma diz respeito a uma aproximação maior àquela tradicional de períodos posteriores, com o corpo do vaso em forma de cilindro e a base plana. Um exemplo deste tipo de píxide cilíndrica é a MM 929, encontrada na cista do Túmulo (686) em Micenas.

Há três formas ainda que devem ser discutidas de acordo com a nomenclatura adotada a partir da forma e da tradução dos termos nas diferentes línguas dos relatórios e crônicas de escavações. A primeira delas é o anforisco (Fig. 37), que, na verdade, é bastante semelhante a uma ânfora, porém possui dimensões pequenas, geralmente em miniatura, como os C.190, C.191 e C. 192, encontrados no Túmulo (029), em Argos. A denominação anforisco também é utilizada para formas maiores que se assemelham a uma ânfora, porém possuem um formato um tanto diferenciado da ânfora tradicional como, por exemplo, o DV 10, encontrado no Túmulo (005), em Argos.

A segunda forma é o asco, que pode ser definido como um vaso circular ou ovoide trípole (com três pés retos), com a alça na parte superior do vaso, geralmente no centro e com uma terminação prolongada e o orifício de servir deslocado para um dos lados do vaso (Fig. 38). O asco caracteriza como uma variação do jarro com estribo e, portanto, também é derivado de formas micênicas. Durante a idade do Ferro, da mesma forma que o jarro com estribo, o asco aparece quase exclusivamente nos contextos funerários datados do SM e do

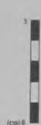


Fig. 29 – Esquifo com alças horizontais e base plana.



Fig. 30 – Esquifo com alças horizontais e pé alto.



Fig. 31 – Esquifo com alças horizontais e pé em anel.



Fig. 32 – Esquifo com alças horizontais e pé alto.



Fig. 33 – Cântaro.



Fig. 34 – Píxide com alças de sustentação e base pontiaguda.



Fig. 35 – Píxide bojuda com alças horizontais.

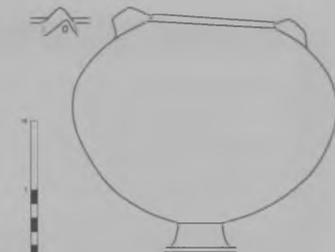


Fig. 36 – Píxide bojuda com alças de sustentação.

PG. Contudo, tal forma de vaso volta a ser encontrada em túmulos datados dos períodos subsequentes à Idade do Ferro. Um exemplo de asco com o corpo ovalado é o E 1919, encontrado no Túmulo (183), em Argos.

Finalmente, a terceira e última forma que merece comentários à parte é designada de suporte cerâmico (Fig. 39). Trata-se de um tipo de vaso que aparece em pequeno número no total dos enterramentos da Argólida durante a Idade do Ferro, mas que apresenta um grau de variação elevado em relação às dimensões e aos aspectos ornamentais, possuindo motivos decorativos característicos desde o PG até o GR. Um exemplo de suporte em miniatura é o C.7717, encontrado no Túmulo (130), em Argos e um com grandes dimensões, corresponde ao C.7743, encontrado no Túmulo (129), também em Argos.

Finalmente, para finalizar as questões referentes aos critérios de classificação do mobiliário funerário, é imprescindível ressaltar que evitamos a utilização de classificações dos artefatos enquanto objetos “funerários”

“utilitários” ou “*personalia*”. Tais termos nos remetem a significados simbólicos preestabelecidos do material e esgotam as possibilidades de uma análise em associação com as demais dimensões das práticas mortuárias, examinando o conjunto do contexto funerário. Isto não significa dizer que não serão considerados significados simbólicos da cultura material depositada com o morto. Pelo contrário, para alcançarmos aspectos da organização social está claro que é necessário tratar dos aspectos simbólicos dos objetos depositados com os mortos. Por exemplo, como os objetos podem denotar o túmulo de um “guerreiro” ou que permitem visualizar a presença de uma camada “guerreira-aristocrática” em Argos no final da Idade do Ferro.

Conforme discutimos no Capítulo 1, acreditamos que os contextos funerários devem ser entendidos, acima de tudo, como o produto material de uma prática intencional realizada por um determinado grupo da sociedade e não como uma reflexão direta e simples da sociedade. Essa prática intencional define a *persona social*



Fig. 37 – Anforisco.



Fig. 38 – Asco.



Fig. 39 – Suporte.



Fig. 40 – Desenho esquemático representando uma sepultura em cista.

Fig. 41 – Desenho esquemático representando uma sepultura em cova simples.

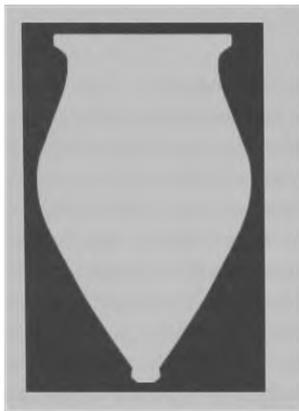


Fig. 42 – Desenho esquemático representando uma sepultura em vaso funerário.

do morto e fica evidente que, mesmo distorcida e, ou, idealizada em relação à organização social “real”, está sendo criada uma linguagem e, conseqüentemente, uma mensagem, inteligível e aceita para aqueles que fazem parte dessa sociedade e, portanto, que dominam os códigos dessa linguagem. A decodificação da mensagem se dá através da análise das diversas dimensões das práticas mortuárias em associação e da comparação entre os contextos funerários, pois nos permite visualizar e entender as diferenças. Nosso objetivo é compreender a dinâmica dessas diferenças, vale dizer; como esses enterramentos estão distribuídos nos subperíodos da Idade do Ferro e, ainda, se há possibilidades de visualizar essas diferenças em áreas distintas intrassítios e compará-las intersítios. Dessa forma, acreditamos que mesmo adulterada e fantasiada através dos contextos funerários é possível alcançar determinados aspectos da organização social “dos vivos”.

Localização. Pensando o espaço dos mortos

O uso do espaço nos estudos das práticas mortuárias assume fundamentalmente posições ideológicas que podem simbolizar diferenças de gênero, de idade, de grupos horizontais (de solidariedade) e verticais (status). Desde as hipóteses propostas por Saxe (1970), principalmente a Hipótese 8, a localização do enterramento constitui uma das dimensões das práticas mortuárias que pode revelar inúmeros aspectos da estrutura do mundo dos vivos.¹¹ Elementos como a exclusão dos indivíduos de um determinado espaço reservado para os mortos e inclusão em outros, formando grupos específicos em uma necrópole, a deposição dos mortos em espaços residenciais, entre outras formas de situar os enterramentos adquirem significados simbólicos que podem estar relacionados com os papéis dos indivíduos na sociedade e, dessa forma, representar as distinções espaciais no mundo dos vivos (Parker-Pearson 1982, 1993, 1995, 1999, McHugh 1999).

Para alcançar tal nível de análise, da mesma maneira que os demais atributos abordados até então, a localização dos enterramentos também não deve ser considerada de maneira isolada, mas sim relacionada com os demais quesitos: tipo de sepultura, idade, posição e orientação do corpo e mobiliário funerário. Por conseguinte, a análise proposta para tal dimensão dos contextos funerários da Argólida baseia-se substancialmente em recursos visuais, em mapas.

¹¹ Para a discussão detalhada das ideias de Saxe centrada na problemática da utilização do espaço dos mortos e, em especial a Hipótese 8, vide Capítulo 1, p. 43-44.

Inicialmente, verificamos e separamos as áreas de concentração de enterramentos, relacionando localização e tipo de sepultura. Assim, para cada área de concentração é possível identificar a quantidade de cada tipo de enterramento na totalidade e, a partir da elaboração de mapas específicos, também é possível contabilizar a quantidade de cada tipo de sepultamento para cada subperíodo (Submicênico, Protogeométrico, Geométrico Antigo, Médio e Recente e, ainda, um mapa específico para aqueles enterramentos datados apenas como do “Geométrico”). Os mapas específicos por subperíodo formam camadas que permitem a visualização do processo de utilização e reutilização das áreas de concentração.

Em seguida, o atributo localização é associado à dimensão de idade, na tentativa de verificar possíveis áreas de deposição exclusivamente infantis ou familiares. Finalmente, para cada área de concentração, um exame do mobiliário funerário é realizado levando em consideração as relações com os dois atributos tratados anteriormente a fim de investigar a formação de grupos sociais distintos.

O recurso visual foi realizado com o auxílio técnico de Denise Dal Pino (Produção Gráfica MAE / USP) e representa uma versão gráfica personalizada e inédita da documentação

examinada. Os ícones que aparecem nas camadas foram desenvolvidos a partir dos tipos de sepulturas mais frequentes nos sítios da Argólida: a cista, o vaso funerários e a cova simples (Figs. 40, 41 e 42). Nos mapas, tais ícones apresentam uma referência numérica que evidencia a quantidade de enterramentos daquele determinado tipo de sepultura na área de concentração indicada. Devido aos limites e restrições da presente publicação, não estão inclusos todos os mapas elaborados durante a pesquisa de doutorado. Seleccionamos apenas aqueles mais significativos para cada sítio que resumem as considerações sobre a questão do espaço dos mortos.

Os sepultamentos separados em camadas proporcionam uma visão não só da distribuição dos contextos funerários pelo sítio, tentando entender o espaço dos mortos em relação ao espaço dos vivos (as áreas de habitação), mas também das transformações em relação ao processo de utilização das áreas ao longo da Idade do Ferro. Este último ponto, de importância fundamental para os objetivos da pesquisa, visa o exame das áreas de concentração como espaços de uso específico ou não para a deposição dos mortos e como esses espaços estão organizados, se é possível notar a formação de lotes de sepultamentos (re)utilizados por determinados grupos sociais e, ou, familiares.

Capítulo 3

Analisando os dados: a abordagem intrassítio

Argos

Argos situa-se na parte Centro-Oeste da grande planície da Argólida, a 11 km a Noroeste de Náuplia. É a capital da Municipalidade de Argos-Micenas e a maior cidade atual da região. Geograficamente, a cidade apresenta na área Oeste uma grande montanha denominada Larissa com aproximadamente 300m de altura, onde se encontram os vestígios de um grande castelo construído no século XII da nossa era (*Κάστρο Λάρισα*). Entretanto, há vestígios de ocupação do topo da montanha desde a Idade do Bronze até Período Helenístico. Imediatamente a Nordeste da Larissa, na área Noroeste da cidade, está localizada uma outra pequena colina, com cerca de 90m de altitude, denominada Áspis (*Ασπίδα*) ou de Colina do Profeta Elias (*Λόφος Πρφ. Ηλίας*). Na parte Norte e ao entorno Leste, a cidade é contornada pelo Rio Charadros (ou Xérias) e pelo Inachos que, como rios de planície, apresentavam na antiguidade grandes áreas de cheia. Argos se configura como uma cidade continental, embora seja bem próxima do mar, aproximadamente 2 km, onde hoje se situa a cidade de Nova Kios (*Δήμος Νέας Κίου*).

A cidade moderna de Argos, desde a década de 1950 do século XX, foi e ainda é intensamente escavada pela EfA e pelo SGA. A maior quantidade de túmulos datados da Idade do Ferro pelas campanhas francesas foi revelada na década

de 1950 e no final da década de 1960. Durante os anos 1950, as campanhas foram coordenadas principalmente por P. Courbin e na década de 1960, principalmente entre 1966 e 1969, por Y. Garlan, J.-F. Bommelaer e F. Croissant. Tais túmulos foram numerados pelos franceses do T 1 ao T 319. Nem todos os túmulos datam da Idade do Ferro e muitos, principalmente aqueles datados do PG, ainda permanecem sem publicação. As campanhas francesas mais recentes não têm trazido à luz enterramentos datados da Idade do Ferro e se concentram em duas áreas da cidade de Argos, uma a Sudoeste, na área da Ágora, e a outra, na área da Aspis.

As campanhas realizadas pelo Serviço Grego de Arqueologia encontram-se espalhadas por toda área da cidade moderna, caracterizadas, em sua maioria, por campanhas de salvamento. Tais campanhas ainda hoje revelam um grande número de contextos funerários datados da Idade do Ferro. Entretanto o material não recebe publicações sistemáticas e permanece guardado e inacessível nas salas da reserva técnica grega do Museu de Argos. Uma grande quantidade de túmulos datados da Idade do Ferro é proveniente das campanhas realizadas durante os anos 1960 e 1990.

Devido ao grande número de túmulos descobertos nas campanhas francesas, de um lado, e gregas, de outro, decidimos que, inicialmente, a exposição dos dados será realizada separadamente, apresentando primeiro as informações das

escavações francesas e posteriormente das escavações gregas para a análise de todas as dimensões das práticas funerárias. Finalmente, reunimos todas as informações e apresentamos uma análise do conjunto, uma vez que se trata de contextos funerários do mesmo sítio.

1) Informações Gerais.

1.1) Campanhas da EfA.

O levantamento bibliográfico realizado através da análise exaustiva dos relatórios de escavações presentes nos Arquivos Manuscritos da EfA, das crônicas publicadas no BCH, da publicação sistemática de P. Courbin TGA (1974) e das obras de R. Hägg BOREAS 7:1 (1974) e de A. Foley SIMA 80 (1988). Tal levantamento revela um total de 145 sepulturas escavadas pelas campanhas francesas em Argos desde o início dos anos 1950, datadas da Idade do Ferro como um todo.

Para analisarmos esse total de 145 sepulturas, é necessário detalhar as sepulturas considerando em primeiro lugar, a quantidade de indivíduos encontrada em cada sepultura, assim como naquelas em que não foram encontrados restos ósseos, mas apenas mobiliário funerário. Esta última categoria de enterramento aparece com certa frequência em todos os sítios da Argólida durante a Idade do Ferro e constitui uma categoria bastante peculiar de enterramento denominado *kenotáphos* (do grego, literalmente, túmulo vazio). No geral, o *kenotáphos* é interpretado como um enterramento simbólico (Hägg 1974, Courbin 1974), isto é, as exéquias em homenagem ao morto são executadas normalmente e o hábitat do morto é construído (o *séma*), porém, por alguma razão, seja intencional ou natural, o corpo do morto não pode ser depositado na sepultura. Há 9 túmulos que são classificados como *kenotáphoi*: T (003), T (004), T (009), T (010), T (013), T (054), T (055), T (111) e T (112). Devido às pequenas dimensões das sepulturas ou então às características do mobiliário funerário (em miniatura), os T (013), T (054), T (055), T (111) e T (112) são considerados enterramentos infantis. Para os outros dois túmulos, T (009) e T (010), não é possível indicar o atributo idade, pois a análise das demais dimensões das práticas mortuárias, como as dimensões e as oferendas, não permitem uma classificação mais provável. É interessante notar que há três

túmulos que não continham nem restos ósseos nem oferendas, os túmulos T (001), T (002) e T (118), sendo constituído apenas pela cista nos dois primeiros exemplos e pelo pito funerário no último caso. Contudo, o pito do T (118) estava bastante destruído e pode ter sido espoliado ainda na Antiguidade. Há 3 túmulos onde foram encontrados poucos restos ósseos sendo impossível determinar a idade pela análise osteológica: T (018), T (024) e T (029). Entretanto, P. Courbin acredita que, devido às pequenas dimensões das sepulturas e pelas características do mobiliário funerário (em miniatura), tais sepulturas tivessem abrigado enterramentos infantis.

A grande maioria do total de 145 sepulturas é classificada como inumações individuais infantis e de adultos. Há 16 túmulos onde foram encontrados mais de uma inumação: T (007), T (012), T (020), T (056), T (062), T (067), T (088), T (097), T (099), T (108), T (128), T (129), T (130), T (132), T (134) e T (142). Em 7 dessas sepulturas foram encontrados esqueletos de dois indivíduos adultos, ou seja, tais túmulos foram reutilizados uma vez: T (012), T (062), T (067), T (088), T (097), T (099) e T (142). Em 5 sepulturas foram identificados 3 indivíduos adultos, sendo reutilizadas duas vezes: T (007), T (020), T (056), T (108) e T (134). No T (129) foram encontradas as inumações de 5 adultos, no T (128), 6 indivíduos adultos e nos T (130) e T (132), 7 adultos em cada.

O T (055) apresenta apenas um esqueleto de um indivíduo adulto do sexo feminino, encontrado em uma cova em um nível estratigráfico superior em relação ao mobiliário funerário, composto de quatro vasos em miniatura. Devido ao fato dos vasos se encontrarem em um nível estratigráfico mais profundo, isolados em relação ao esqueleto da mulher, e por se tratarem de vasos em miniatura, P. Courbin (1974: 43-45) acredita que os vasos corresponderiam a um enterramento infantil, cujos restos ósseos teriam desaparecido por completo. Além disso, as dimensões da cista são comparativamente pequenas em relação às cistas de adultos e, dessa forma, mais adequadas às medidas das cistas utilizadas em túmulos infantis em Argos.

Quando somamos, portanto, todos os casos de reutilização da sepultura, entendendo cada inumação ou enterramento simbólico como um sepultamento individualizado, o número total de enterramentos em Argos datados da Idade do

Ferro revelados pelas campanhas francesas sobre para 184.

Finalmente, é importante ressaltar que todos os enterramentos constituem inumações. Há apenas três túmulos, o T (051), T (054) e o T (095) em que foram encontrados vestígios de queima no vaso ou na cista e, entretanto, não há evidências de restos ósseos queimados. Tais casos constituem exemplos isolados, podendo ter ocorrido de forma não-intencional, dessa forma, considerá-los como cremações é bastante questionável e incerto (Hägg 1987).

1.2) Campanhas do SGA.

A reunião dos dados dos contextos funerários escavados pelo Serviço Grego de Arqueologia em Argos foi uma das etapas mais árduas da pesquisa, pois não há publicações sistemáticas sobre os contextos funerários, como o TGA de P. Courbin (1974). As informações sobre os enterramentos são bastante incompletas e escassas nas crônicas de escavações do *ArchDelt*. Há quatro áreas escavadas na cidade em que foram encontrados túmulos em cista, em pitos e em covas simples do “Geométrico”, porém não há qualquer informação sobre a quantidade específica de enterramentos e nem sobre os indivíduos. Estes túmulos aparecem no *corpus documental*, contudo não são incluídos na análise das dimensões de idade, gênero e tipo de sepultura. São eles: T (240), T (348), T (369) e T (370). Tais sepulturas foram incluídas no catálogo e no banco de dados devido ao fato de algumas delas apresentarem dados sobre o mobiliário funerário e proporcionarem elementos de reflexões sobre a localização das sepulturas.

É importante notar que a classificação de um túmulo como “Geométrico” exclui os dois subperíodos iniciais da Idade do Ferro, o Submicênico e o Protogeométrico e, portanto, significa dizer que a sepultura pode datar dos três grandes subperíodos do Período Geométrico; o GA, GM e GR. Apesar de ser ainda bastante imprecisa, tal classificação configura uma determinada restrição na datação de um grande número de sepulturas que será tratado, dessa maneira, como uma categoria separada.

Inicialmente, excluindo os túmulos presentes nas quatro áreas mencionadas acima, podemos notar que o número mínimo de sepulturas reveladas pelas campanhas gregas corresponde a 371. Em primeiro lugar, considerando a quantidade de indivíduos depositados nos túmulos, percebemos que há um total de 272

inumações individuais de adultos e crianças, somados a 5 sepultamentos que continham poucos restos ósseos impossibilitando a identificação da idade e do gênero e, ainda, a 9 túmulos onde não foram encontrados restos ósseos, sendo incluídos na categoria de enterramentos simbólicos. Há 53 sepulturas que não apresentam informações sobre o morto, nem idade e nem gênero e, dessa forma, também constituem casos cuja análise se restringe apenas a reflexões sobre o tipo de sepultura, o mobiliário funerário e a localização.

Do total de 371 túmulos, em 32 foram encontrados mais de um esqueleto, caracterizando exemplos de reutilização da sepultura. Em 21 túmulos foram encontrados dois indivíduos, sendo que em 18 eram todos adultos; 2 túmulos continham 1 adulto e poucos restos ósseos de um outro indivíduo, cuja identificação da idade e do gênero não pode ser realizada e 1 túmulo continha o esqueleto de um adulto e de uma criança. Em outras 9 sepulturas, foram encontrados 3 esqueletos, sendo que em 7 haviam apenas adultos e em 2, foram identificados os esqueletos de dois adultos e uma criança em cada uma delas. Finalmente, os 2 últimos casos de reutilização continham 4 indivíduos adultos em cada. Dessa forma, a quantidade de indivíduos encontrados nas sepulturas reutilizadas totaliza o equivalente a 77.

Quando consideramos, portanto, os casos de reutilização, os túmulos em que se encontrou pouco ou nenhum resto ósseo e também aqueles que não apresentam informações sobre o morto, o total de enterramentos da Idade do Ferro escavados nas campanhas gregas em Argos sobe para 416.

Finalmente, notamos que há quatro ocorrências classificadas como cremações incompletas, o T (187), T (387), T (783) e o T (784). Entretanto, os três primeiros túmulos não apresentavam restos ósseos queimados, podendo indicar queima não intencional. Apenas para o último, os restos ósseos da criança também apresentavam traços de queima. Tal ocorrência constitui um caso isolado e questionável e, dessa forma, podemos concluir que a prática da cremação em Argos configura um costume funerário isolado e totalmente não usual enquanto forma de enterramento durante toda a Idade do Ferro.

2) Idade / Gênero e as relações com os Tipos de Sepultura.

1.1) Campanhas da EfA.

Quando passamos para a análise do atributo idade, notamos que do total de 184 enterramentos investigados pelas campanhas francesas, para 174 foi possível estabelecer a classificação entre adulto e criança. Desses 174 enterramentos, 44 são inumações infantis e 130 são sepultamentos

de adultos. Os enterramentos para os quais a atribuição da idade não foi possível a partir de nenhum método são: o túmulo em pito, T (044), classificado apenas como “Geométrico” os T (001), T (002), T (003), T (009), T (010), todos sem vestígios de restos ósseos, o T (019), T (050) e o T (118), todos contendo poucos restos ósseos. Quando distribuímos os enterramentos infantis e os de adulto nos subperíodos da Idade do Ferro, obtemos a tabela a seguir:

TABELA 2

Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.										
Período/Idade	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GM	GM/GR	GR	G	Total
Criança	2	1	13	2	2	5	1	11	7	44
Adulto	7	1	19	4	13	20		53	12	129*
	9	2	32	6	15	25	1	64	19	173

* O total de enterramentos de adultos equivale a 130. Entretanto, nesta tabela não foi incluído o T (058), que, apesar de se tratar de um túmulo de adulto em cova simples, apresenta uma datação bastante imprecisa nos Arquivos Manuscritos, podendo ser datado do PG ou do GM.

Logo de início, um primeiro fato que nos chama a atenção é o pequeno número de enterramentos infantis, comparado ao número de enterramentos de adultos durante toda a Idade do Ferro. A quantidade de enterramentos infantis representa cerca de 25% do total de enterramentos, enquanto os de adultos compõem aproximadamente 75%. Ainda de forma mais preliminar, notamos que há uma concentração dos enterramentos, tanto infantis, quanto de adultos, durante o PG e o GR. A quantidade de

enterramentos durante o SM é bem pequena e percebe-se uma queda durante o GA. Entretanto, após o GA, os enterramentos voltam a crescer e de maneira acentuada durante o GR.

Detalhando os enterramentos a partir do quesito tipo de sepultura, verificamos que há um total de 99 sepultamentos em cista, 46 em vasos funerários e 38 em covas simples. Há apenas um túmulo que não apresenta informações sobre o tipo de sepultura, o T (030). Distribuindo-os nos subperíodos da Idade do Ferro temos a TABELA 3.

TABELA 3

Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.										
Período/Tipo de Sepultura	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GM	GM/GR	GR	G	Total
Cista	1	2	24	4	11	13		33	11	99
Vaso funerário				1	1	5	1	26	12	46
Cova simples	9	1	8	1	3	7		7	1	37*
	10	3	32	6	15	25	1	66	24	182*

* O total de enterramentos em cova simples é 38. Contudo, o T (58) foi excluído da tabela, pois apresenta uma datação bastante imprecisa.

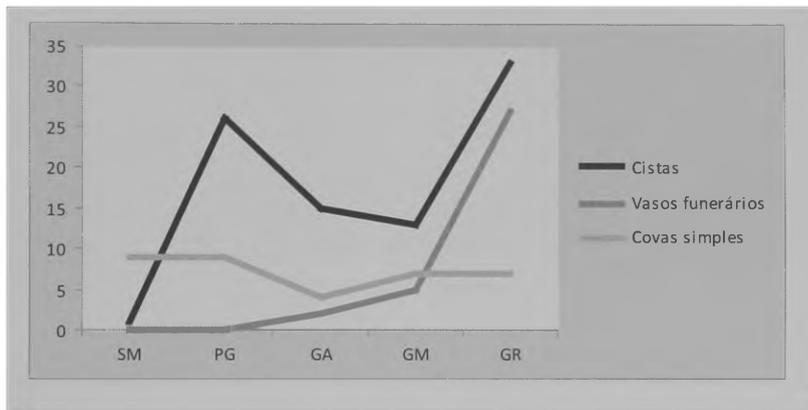
O total de enterramentos equivale a 184. Entretanto, nesta tabela não foram incluídos o T (030) e o T (058).

O número total de enterramentos em cista (54%) corresponde a mais que o dobro do número de enterramentos em vasos funerários (25%) e à quase o triplo dos enterramentos em cova simples (21%). À primeira vista, as cistas são utilizadas de forma mais recorrente durante o início e o final da Idade do Ferro, concentrando-se no PG e no GR. Os enterramentos em vasos funerários começam a aparecer somente no final do PG e início do GA I e são mais utilizados em direção ao final da

Idade do Ferro, marcadamente durante o GR II. Já os enterramentos em cova simples aparecem desde o início da Idade do Ferro e se concentram também neste período, principalmente durante o SM. Contudo, são utilizados de forma mais ou menos estável durante toda a Idade do Ferro, apresentando uma variação pequena durante o PG, o GA, o GM e o GR. Podemos visualizar melhor tais apontamentos a partir do GRÁFICO 1 abaixo:

GRÁFICO 1

Número de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.



Poderíamos concluir que durante o Submicênico, em Argos, há uma certa preferência para se enterrar os mortos em covas simples, e durante os períodos posteriores, o PG, o GA e o GM, são utilizadas tanto as covas simples quanto as cistas preferencialmente, apesar da introdução dos enterramentos em vasos funerários no final do PG. A situação é modificada radicalmente durante o GR (com ênfase no GR II), quando o número de

enterramentos em vasos aumenta abruptamente. Verificamos, dessa forma, que em direção ao final da Idade do Ferro há uma predileção para inumar os mortos em cistas e em vasos. Para aprofundar a análise, é necessário correlacionar as duas dimensões tratadas até então, a idade e o tipo de sepultura. Quando distribuímos os resultados de tal relação nos subperíodos da Idade do Ferro, visualizamos as TABELAS 4, 5 e 6 abaixo:

TABELA 4

Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Idade	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GM	GM/GR	GR	G	Total
Criança		1	11	1		2			4	19
Adulto		1	13	3	11	11		33	4	76
		2	24	4	11	13		33	8	95

TABELA 5

Número de enterramentos em vasos funerários divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Idade	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GM	GM/GR	GR	G	Total
Criança				1	1	1		10	3	17
Adulto						4		14	7	25
				1	1	5	1	24	10	42

TABELA 6

Número de enterramentos em cova simples distribuídos no subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Idade	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GM	GM/GR	GR	G	Total
Criança	1		2		1	2		1		7
Adulto	7		6	1	2	5		6	1	28*
	8		8	1	3	7		7	1	35

* O total de enterramentos em cova simples de adultos corresponde a 29. Contudo, o T (058) não aparece incluso na TABELA 6 devido ao fato de apresentar uma datação bastante imprecisa, podendo ser datado do PG ou do GM.

Inicialmente, analisando os enterramentos infantis, verificamos que o padrão para enterrar as crianças é caracterizado pelo uso das cistas (representando cerca de 44% dos enterramentos infantis) e dos vasos funerários (aproximadamente 39%). Os enterramentos em cova simples são os menos usuais, correspondendo a cerca de apenas 17%. Entretanto, apesar de menor em relação aos demais tipos de enterramentos, as covas simples são utilizadas para enterrar as crianças durante toda a Idade do Ferro, enquanto as cistas concentram-se no início da Idade do Ferro e os vasos no final.

Os enterramentos de adultos apresentam padrões convergentes e divergentes em relação aos infantis. Está claro que a preferência para inumar os adultos é a cista, pois o uso total da cista é equivalente a 58,5% do total, enquanto o das covas corresponde a um pouco mais de 22% e dos vasos funerários representa aproximadamente 19,5%. As covas simples, assim como os enterramentos infantis, também são empregadas durante toda a Idade do Ferro, com uma certa concentração no início da Idade do Ferro, principalmente durante o Submicênico. As cistas são utilizadas para os

adultos de forma quase estável durante toda a Idade do Ferro. A utilização dos vasos funerários para os adultos é um pouco mais tardia em relação às crianças, pois são introduzidos apenas no GM e crescem de forma acentuada no GR, constituindo junto com as cistas, a preferência de inumações de adultos neste momento final da Idade do Ferro.

1.2) Campanhas do SGA.

Do total de 416 enterramentos revelados pelo Serviço Grego de Arqueologia, para 347 foi possível a identificação do quesito idade, sendo 289 de adultos e 58 inumações infantis. Infelizmente, para uma grande quantidade de túmulos (no mínimo 52 sepulturas) não há informações sobre o morto nas referências bibliográficas e, para uma pequena parte das sepulturas (um total de 7 túmulos), a quantidade de restos ósseos presentes não possibilitou uma classificação em relação à idade nem ao gênero. Quando distribuímos os enterramentos infantis e de adultos nos subperíodos da Idade do Ferro, temos a TABELA 7, que segue:

TABELA 7

Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.										
Período/ Idade	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GA/ GM	GM	GR	G	Total
Criança		5	9	2	6		2	15	19	58
Adulto	5	5	53	18	20	3	20	43	122	289
	5	10	62	20	26	3	22	58	141	347

Logo de início, da mesma forma que na análise dos enterramentos das campanhas da EfA, podemos afirmar que o número total de enterramentos infantis é bastante pequeno (cerca de 16,7% do total) em comparação com o número total de enterramentos de adultos (um pouco mais de 83%). Mesmo que todos os túmulos que não apresentam classificação de idade (os 52 túmulos sem informações sobre o morto, os 7 com poucos restos ósseos e os 9 *kenotáphoi*) configurassem enterramentos infantis, a diferença entre o número de crianças e o número de adultos ainda seria muito grande.

Desse mesmo total de 416 enterramentos, se examinarmos o atributo tipo de sepultura, verificamos que 413 são divididos em 241 enterramentos em cistas, 127 em vasos funerários e apenas 45 em covas simples. Há três casos apenas que apresentam uma

descrição bastante imprecisa e questionável nas crônicas de escavações no que diz respeito ao tipo de sepultura. O T (200) parece ser uma cova simples de um provável adulto, mas K. Kristalli não deixa claro se os vasos datados de duas fases distintas foram encontrados em uma fossa ou em uma cista. O mesmo acontece com o T (281), uma sepultura onde foram encontrados dois objetos em metal e dois vasos cerâmicos associados ao esqueleto de um adulto, porém E. Protonotariou-Deilaki não especifica se ela configura uma cova simples ou uma cista. O último túmulo que excluímos da análise trata-se de uma sepultura classificada como uma cremação, o T (146). Todavia, não há vestígios de ossos cremados na cova que abriga os fragmentos. Distribuindo os tipos de enterramentos nos subperíodos da Idade do Ferro, obtemos a tabela a seguir:

TABELA 8

Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.										
Período/Tipo de Sepultura	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GA/ GM	GM	GR	G	Total
Cista	5	4	49	20	18	3	19	29	94	241
Vaso funerário		2	7	1	3	1	4	39	70	127
Cova simples	1	4	10		7			5	18	45
	6	10	66	21	28	4	23	73	182	413

Igualmente aos padrões levantados a partir dos dados das campanhas francesas, a preferência pela cista como tipo de sepultura é confirmada, correspondendo a cerca de 58% do total de enterramentos. Contudo, percebemos algumas diferenças entre os dados levantados nas duas campanhas em Argos. A primeira delas está

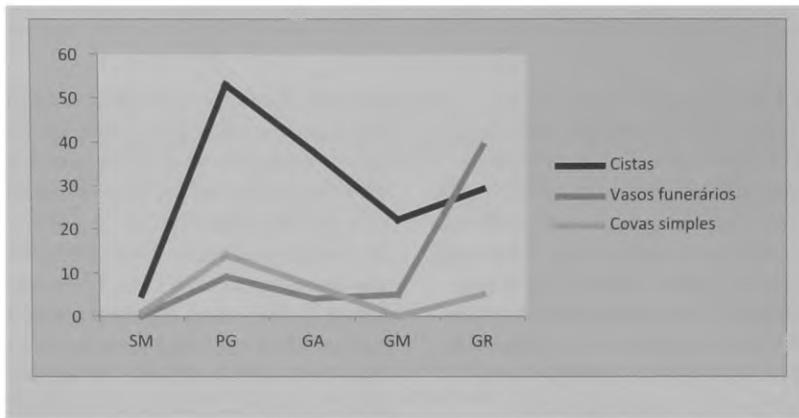
na pequena quantidade de enterramentos em covas simples, pois a partir da TABELA 8, eles correspondem a apenas 11% do total, enquanto o uso dos vasos equivale a aproximadamente 31%. Outra diferença encontra-se na quantidade de enterramentos em cista e vasos funerários durante do GR. Enquanto na TABELA 3 esses números

são bem próximos, porém o de cista ainda é um pouco maior, na TABELA 8, os vasos funerários ultrapassam as cistas. Apesar disso, verificamos que os gráficos que mostram a utilização dos tipos

de sepulturas durante toda a Idade do Ferro são bastante semelhantes, indicando que o padrão geral de enterramentos se mantém.

GRÁFICO 2

Número de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.



No início da Idade do Ferro a preferência para enterrar os mortos se dá pelo uso da cista e da cova simples e, no final do período, é caracterizado pelo uso da cista e dos vasos funerários. Estes são introduzidos um pouco mais cedo, ainda no final do SM e início do PG, e

sofrem um crescimento abrupto durante o GR. As covas simples são utilizadas de maneira mais ou menos estável durante toda a Idade do Ferro. Relacionando o atributo idade com o tipo de sepultura, obtemos as TABELAS 9, 10 e 11.

TABELA 9

Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Idade	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GA/GM	GM	GR	G	Total
Criança		2	7	2	6		1	1	5	24
Adulto	5	2	39	17	12	2	17	24	71	189
	5	4	46	19	18	2	18	25	76	213

TABELA 10

Número de enterramentos em vasos funerários divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Idade	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GM	GM/GR	GR	G	Total
Criança		2	2			1		14	13	32
Adulto			4	1	1	3		15	36	60
		2	6	1	1	4		29	49	92

TABELA 11

Número de enterramentos em cova simples distribuídos no subperíodos da Idade do Ferro.										
Período/Idade	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GM	GM/GR	GR	G	Total
Criança		1							1	2
Adulto		3	10		7			4	14	38
		4	10		7			4	15	40

Comparando a análise dos enterramentos infantis investigados pelo SGA e pela EfA, percebemos que a porcentagem dos sepultamentos em vasos funerários (aproximadamente 55%) é maior que a de cistas (cerca de 42%) e a de covas simples é ínfima (um pouco mais de 3%). Apesar das diferenças, fica evidente que o padrão para enterrar as crianças durante os subperíodos iniciais da Idade do Ferro é caracterizado por túmulos em cista e no final, em vasos funerários.

Para os enterramentos de adultos, os dados das campanhas francesas e gregas são bastante próximos, indicando uma preferência sobressalente pela cista, representando quase 66% do total, enquanto os vasos correspondem a um pouco mais de 21% e as covas simples a aproximadamente 13%. É interessante ressaltar que, em relação ao total geral de enterramentos, a diferença entre o uso dos vasos e das covas simples para se inumar os adultos é relativamente pequena, quando comparada com a diferença entre o uso da cista com o uso dos vasos e das cistas com as covas simples. Contudo, há uma distinção importante no que diz respeito aos períodos de concentração de enterramentos em cova simples e em vasos. Apesar dos enterramentos em vasos aparecerem já no final do PG, o padrão para enterrar os adultos

nos subperíodos iniciais da Idade do Ferro é configurado pela utilização da cista e da cova simples. Nos períodos finais, durante o GM e o GR, o padrão é modificado pelo uso da cista (em primeiro lugar) e dos vasos.

1.3) Reunindo os dados das campanhas da EfA e do SGA.

A análise conjunta dos contextos funerários datados da Idade do Ferro encontrados em Argos, seja através das campanhas realizadas pela EfA, seja daquelas realizadas pelo SGA, faz-se indispensável uma vez que se trata do mesmo sítio e do mesmo período estudado. Observa-se que as diferenças entre os dados das tabelas das escavações francesas e das gregas não são discrepantes e os padrões de enterramentos levantados são bem semelhantes. Além disso, o número de enterramentos evidenciados, de um lado, pelas campanhas francesas e, de outro, pelas campanhas gregas, constitui uma grande amostragem da totalidade. Entretanto, tais reflexões podem se tornar lacunares, incompletas e equivocadas caso a análise permaneça isolada. Dessa forma, quando reunimos as informações sobre o quesito idade, obtemos a seguinte tabela:

TABELA 12

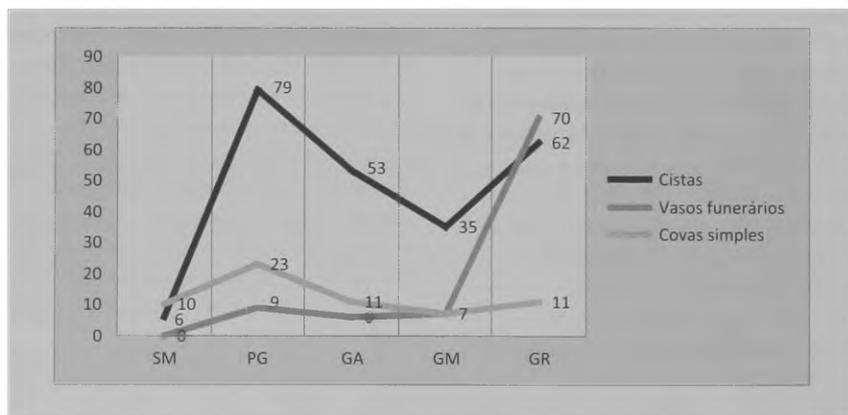
Número total de enterramentos (campanhas da EfA e do SGA) divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.											
Período / Idade	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GA/GM	GM	GM/GR	GR	G	Total
Criança	2	6	22	4	8		7	1	26	26	102
Adulto	12	6	72	22	34	3	43		92	134	418
	14	12	94	26	42	3	50	1	118	160	520

Conforme foi apontado nas páginas anteriores, a diferença entre o total de enterramentos infantis e de adultos é muito grande. Nota-se que os enterramentos infantis representam quase 20% apenas do total, enquanto os de adulto alcançam mais de 80%. Tal fato encontra exemplos em estudos etnográficos e, conforme indicamos no Capítulo 2, pode estar associado ao papel e as funções das crianças na sociedade pois, a *persona social* é estabelecida conforme a idade do indivíduo, no momento em que este atinge as definições culturais de maturidade. A princípio, poderíamos sugerir que o papel das crianças na sociedade argiva durante toda a Idade do Ferro parece ser de menor importância em relação aos papéis dos indivíduos adultos, pois os cuidados dos rituais funerários que resultam em enterramentos formais (por exemplo, na construção de um túmulo) são pequenos, ainda mais se pensarmos que a mortalidade infantil nesse período deveria ser alta.

Além disso, observa-se que no início da Idade do Ferro, especificamente durante o PG, a diferença entre o número de enterramentos de adultos e de crianças é menor em relação àquela apresentada no final do período, marcadamente durante o GR. Poderíamos sugerir que neste subperíodo (provavelmente de uma forma mais acentuada que nos demais) o ato de realizar todas as exéquias para as crianças, resultando em enterramentos formais, deve ter assumido um significado social simbólico de acordo com as necessidades e os interesses dos adultos. Para entender melhor esse fato e verificar se o papel das crianças pode ter se modificado durante as diferentes fases da Idade do Ferro, deixaremos a questão em aberto até o momento da análise conjunta da dimensão idade com o mobiliário funerário e com a localização das sepulturas. Quando reunimos os dados das escavações sobre tipo de sepultura, distribuindo-os nos subperíodos, obtemos o seguinte gráfico:

GRÁFICO 3

Número total de enterramentos (campanhas da EfA e do SGA) divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.



Percebemos que as curvas do GRÁFICO 3 são bastante semelhantes àquelas apresentadas nos GRÁFICOS 1 e 2. Durante o SM, os enterramentos, no geral, são realizados em cistas e covas simples. Nota-se que durante o PG, há um crescimento significativo do número de enterramentos e a cista constitui o tipo de sepultura largamente utilizado, apesar da introdução do vaso funerário.

No GA, há uma queda no número total de sepultamentos que continua até o GM, porém a cista ainda permanece como a sepultura mais utilizada. Durante o GR, verificamos que os enterramentos crescem de forma acentuada, principalmente aqueles em vasos funerários. O total de enterramentos datados do GR representa cerca de 23% do total de sepultamentos da Idade do Ferro.

Tanto a pequena quantidade de enterramentos durante o SM, quanto o crescimento drástico durante o GR foram exaustivamente tratados pela bibliografia, assinalando tais características para várias comunidades de diversas regiões gregas. Durante o SM, a queda nos enterramentos é vista como uma consequência direta dos acontecimentos do Heládico Recente IIIB, que resultaram na derrocada do Sistema Palacial Micênico e no processo de migração (Dickinson 2006a; Snodgrass 1971, 1993, 2006). O crescimento abrupto dos enterramentos no GR é caracterizado uma das faces do denominado “Renascimento” do século VIII a.C. (Snodgrass 1971), quando há um crescimento populacional de grandes proporções também em várias regiões.

Em Argos, portanto, podemos observar esses dois eventos que caracterizam os dois períodos da história da Grécia; contudo, eles apresentam algumas particularidades. Em Atenas, por exemplo, a quantidade de enterramentos praticamente dobra no GR, mas o tipo de sepultura preferido para enterrar os mortos corresponde à cista, e os vasos funerários são designados para abrigar cremações, não inumações (Morris 1987, Whitley 1991b: 183). A análise pode ser aprofundada quando reunimos os dados relacionando os atributos tipo de sepultura e idade. Somando os enterramentos investigados pelas campanhas francesas e pelas campanhas gregas, formamos as TABELAS 13, 14 e 15:

TABELA 13

Número de enterramentos em cistas (campanhas da EfA e do SGA) divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/ Idade	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Criança		3	18	3	6		3		1	9	43
Adulto	5	3	52	20	24	2	31		53	75	265
	5	6	70	23	30	2	34	0	54	84	308

TABELA 14

Número de enterramentos em vasos funerários (campanhas da EfA e do SGA) divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/ Idade	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Criança		2	2	1	1		2	1	24	16	49
Adulto			4	1	1		7		29	43	85
		2	6	2	2		9	1	53	59	134

TABELA 15

Número de enterramentos em cova simples (campanhas da EfA e do SGA) distribuídos no subperíodos da Idade do Ferro.

Período/ Idade	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Criança	1	1	2		1		2		1	1	9
Adulto	7	3	16	1	9		5		10	15	66
	8	4	18	1	10		7		11	16	75

Resumindo as reflexões levantadas anteriormente, podemos indicar que, em primeiro lugar, durante o início da Idade do Ferro, marcadamente durante o SM, mas também praticamente durante todo o PG, os tipos de sepultura preferidos para se enterrar os adultos e as crianças são as cistas e as covas simples. Mesmo com o uso do vaso funerário já no final do SM e durante o PG, a cista ainda constitui o tipo de sepultura amplamente utilizado para todos os indivíduos. Quando adentramos o Geométrico, notamos que, devido a uma queda geral no número de sepulturas durante o GA e mesmo no início do GM, todos os tipos de sepultura sofrem também uma diminuição, mas os três ainda continuam sendo utilizados, apresentando ainda uma preferência marcante pelo uso da cista tanto para as crianças quanto para os adultos.

Já no final do GM, e principalmente durante o GR, a situação modifica-se drasticamente. Todos os tipos de sepulturas crescem, acompanhando o crescimento geral do número de enterramentos durante o GR. As crianças são inumadas quase de forma exclusiva em vasos funerários. Os adultos são enterrados nos três tipos de sepultura, mantendo ainda a preferência pela cista. Contudo, o crescimento do uso dos vasos para os enterramentos de adultos é muito maior em relação àquele representado pelo uso da cista e da cova simples durante o GR.

É interessante notar que quando examinamos de forma mais detalhada os enterramentos em vasos funerários, verificamos que há uma diferença entre os vasos usados com mais frequência para enterrar as crianças e os adultos. Dos 49 enterramentos infantis em vasos, 19 são em crateras, 18 são em pitos, 9 em ânforas, 2 em hídrias e 1 em jarro. Dentre os 85 enterramentos de adultos em vasos funerários, constatamos que 76 são em pitos, apenas 6 são em crateras, 2 em ânforas e 1 em píxide. Está claro que o padrão para enterrar os adultos em vasos é o pito ovoide e piriforme (vide Figs. 13, 14 e 16, p. 36 – Introdução). Para as crianças a situação é um pouco diferente, pois verificamos que há dois tipos de vasos que são recorrentemente utilizados, a cratera e o pito. Todavia, as ânforas também são usadas com periodicidade. Isto indica que os enterramentos infantis são mais diversificados no que diz respeito aos vasos utilizados em relação aos enterramentos de

adultos e, pelo menos em Argos, o padrão de enterramentos infantil é distinto daquele tido como o padrão geral de sepultamentos para as crianças na Grécia durante a Idade do Ferro. Muitos autores ressaltam que os enterramentos infantis são caracterizados pelo uso do pito por excelência (Whitley 2001). Em Argos, a cratera corresponde ao vaso mais utilizado para as crianças. Os primeiros enterramentos em vasos da Idade do Ferro aparecem ainda no final do SM e são infantis em ânforas e crateras, o T (015), T (238), T (783), T (784). As ânforas parecem ter sido mais usadas para enterrar as crianças no início da Idade do Ferro, enquanto os pitos e as crateras constituem o padrão principalmente durante o GR.

Os enterramentos de adultos em vasos vão aparecer somente no final do PG, como por exemplo, o T (232), T (381), T (444), e o T (768) e, até o final do GR, a maioria corresponde a sepultamentos em pitos. É interessante ressaltar o grande crescimento do número de pitos para sepultar os adultos no final da Idade do Ferro que adentra o Período Arcaico. Há uma grande quantidade de pitos que são datados do Subgeométrico e do século VII a.C. (Foley 1988) encontrados nos mesmos locais de concentração dos pitos datados do GR. Contudo, a forma do pito Subgeométrico e Arcaico é um pouco diferenciada em relação àquela utilizada durante a Idade do Ferro, sendo constituída pela maioria em formato cilíndrico (vide Fig. 15, p. 36 – Introdução), mas o formato ovoide ainda continua sendo utilizado em menor quantidade.

Estas são as conclusões iniciais que podemos levantar a partir do exame mais detalhado dos dados relacionando os atributos idade e tipo de sepultura, obtendo os primeiros padrões nas práticas funerárias em Argos durante a Idade do Ferro. Faz-se necessária, a partir de então, uma análise desses enterramentos relacionando-os com os demais atributos catalogados, como a orientação e a posição do corpo, do mobiliário funerário e, finalmente, a distribuição dos túmulos no sítio para cada subperíodo, que permite uma visualização e o entendimento do contexto funerário como um todo.

3) Orientação e Posição do corpo.

1.1) Campanhas da EfA e do SGA.

Quando analisamos o atributo orientação do corpo / sepultura, percebemos que para os enterramentos infantis investigados pelas campanhas francesas, há informações para quase metade do total; 21 dos 44. A situação é completamente distinta para os enterramentos infantis investigados pelo SGA. A porcentagem de enterramentos infantis para os quais os autores indicam o sentido de orientação da sepultura ou a extremidade onde o crânio

teria sido depositado é muito pequena, não alcançando nem 30% do total: apenas 17 dos 58. Somando os enterramentos infantis das duas campanhas, teríamos o equivalente a cerca de 37% do total cujas informações sobre orientação do corpo são apresentadas. Este número é pequeno para levantar reflexões sobre padrões mais seguros de orientação em relação aos enterramentos infantis em geral. Todavia tal situação muda por completo quando detalhamos a análise do quesito orientação relacionando-o com o atributo tipo de sepultura.

TABELA 16

Número dos enterramentos infantis em cistas (campanhas da EfA e do SGA) divididos por orientação e subperíodos.

Período/ Orientação	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Norte									1		1
Sul					1		1			1	3
Leste		1	1							2	4
Oeste		1	2		1					1	5
Noroeste			7							2	9
Sudoeste			3		1		1			2	7
Nordeste		1									1
Sudeste							1				1
	0	3	13	0	3	0	3	0	1	8	31

Observando a TABELA 16, em primeiro lugar, é necessário notar que o total de sepultamentos infantis em cistas é equivalente a 43 (vide TABELA 13). Portanto, para aproximadamente 72% dos enterramentos infantis em cistas o quesito orientação é apresentado nas referências bibliográficas. No início da Idade do Ferro, especificamente durante o SM e PG, subperíodos em que as crianças são, ainda, preferencialmente enterradas em cistas, os sentidos Oeste e seus derivados (Noroeste e Sudoeste) são utilizados de forma exclusiva. Durante o Período Geométrico como um todo, com a queda do número de cistas, todos os sentidos são usados de forma mais ou menos uniforme. Os únicos sentidos que parecem ter sido evitados são o Norte, Nordeste e Sudeste.

Infelizmente, para apenas 1 enterramento em cova simples (do total de 9 – vide TABELA 15) e somente para 10 enterramentos em vasos (do total de 49 – vide TABELA 14) a orientação é informada. A cova simples, correspondente ao T (087) é datada do GR II e estava direcionada para Oeste. Os enterramentos em vasos funerários correspondem a 4 vasos depositados na vertical: o T (021), uma hídria datada do GA I, o T (027), um pito caracterizado apenas como “Geométrico”, o T (040), uma cratera datada do GR II e o T (043), uma ânfora datada do GR I. Os outros 6 vasos são dois pitos datados do GR, um para Leste e um para Noroeste e duas crateras também datadas do GR e direcionadas para Oeste. Com tão poucos dados, não é possível levantar reflexões mais aprofundadas.

TABELA 17

Número dos enterramentos adultos (campanhas da EfA e do SGA) divididos por orientação e subperíodos.

Período/ Orientação	SM	SM/PG	PG	PG/ GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Norte	3		1		1		1		1	5	12
Sul	1	2	9		6		1		3	21	43
Leste			8	1	1		2		10	4	26
Oeste	2		19	4	9		8		26	14	82
Noroeste			2	2	1				4	5	14
Sudoeste		1	8	2	3	1	11		5	9	40
Nordeste			2				1		3	2	8
Sudeste			2		2					2	6
	6	3	51	9	23	1	24	0	52	62	231

Quando passamos para o exame dos enterramentos dos adultos, a situação torna-se um pouco mais clara devido à maior quantidade de informações. Do total de 418 enterramentos de adultos descobertos pelas campanhas conduzidas pela EfA e pelo SGA (vide TABELA 12), para um pouco mais de 55% nos é indicada a orientação. De maneira geral, podemos distribuir tal porcentagem de enterramentos nos subperíodos da Idade do Ferro de acordo com a TABELA 17, na página anterior.

A primazia pelo direcionamento para o sentido Oeste e para o Sudoeste é verificada durante toda a Idade do Ferro. Durante o PG, tal preferência mostra-se de forma clara. Entretanto, os direcionamentos para o sentido Leste e para o Sul também aparecem com bastante frequência. No GA, a predileção para Oeste, Sudoeste e Sul se mantém, enquanto os enterramentos para Leste diminuem de forma mais acentuada. No GM, verifica-se uma redução dos enterramentos de adultos também direcionados para Sul, restando como padrão, a orientação para Oeste e Sudoeste. Em direção ao final da Idade do Ferro, observa-se um grande aumento daqueles enterramentos direcionados para Leste. Entretanto, a direção para Oeste ainda constitui o padrão com ampla diferença, representando mais de 50% do total de enterramentos datados do GR. Os

direcionamentos para Nordeste e Sudeste, da mesma que para os enterramentos infantis, parecem ser evitados para os enterramentos de adultos. É essencial assinalar que tais conclusões são bastante genéricas, uma vez que a quantidade de enterramentos classificados apenas como “geométricos” é relativamente grande, principalmente para aqueles direcionados para Sul. Dessa forma, as questões tornam-se mais aprofundadas quando relacionamos tal análise com o tipo de sepultura.

A quantidade de enterramentos em cistas para os quais o atributo orientação da sepultura é informado (168 enterramentos) corresponde a mais de 63% do total de enterramentos de adultos em cistas (265 totais – vide TABELA 13, p. 95). Dessa forma, é possível levantar alguns apontamentos mais seguros em relação a esta dimensão das práticas mortuárias. A partir do GRÁFICO 4, na página seguinte, notamos que, de forma geral, todas as direções são utilizadas, apresentando uma preferência pelos sentidos Oeste, Sul, Sudoeste e Leste e uma rejeição ao sentido Norte (Hägg 1999). Entretanto, a predileção pelo sentido Oeste é marcante, uma vez que se somarmos as porcentagens de enterramentos orientados para Sudoeste e Noroeste, o total de enterramentos de adultos em cista direcionados para Oeste representa cerca de 55%.

Quando examinamos os sentidos distribuindo-os pelos subperíodos, através da TABELA 18, percebe-se que o padrão geral é mantido durante toda a Idade do Ferro. Contudo, a diversidade de direções é maior nos períodos iniciais, principalmente durante o PG, momento em que a quantidade de enterramentos orientados para sentidos completamente distintos como Oeste, Leste e Sul é bastante próxima.

Durante o Período Geométrico, a diferença entre a quantidade de enterramentos orientados para Oeste, de um lado, e para Leste e Sul, de outro, aumenta e o número de enterramentos direcionados para Sudoeste também cresce. Poderíamos afirmar, portanto, que em direção ao final da Idade do Ferro, essencialmente no GM e no GR, as direções para Oeste e Sudoeste constituem o padrão de sepultamento para as cistas.

GRÁFICO 4

Número de enterramentos de adultos em cistas (campanhas da EfA e do SGA), segundo o sentido de orientação do corpo.

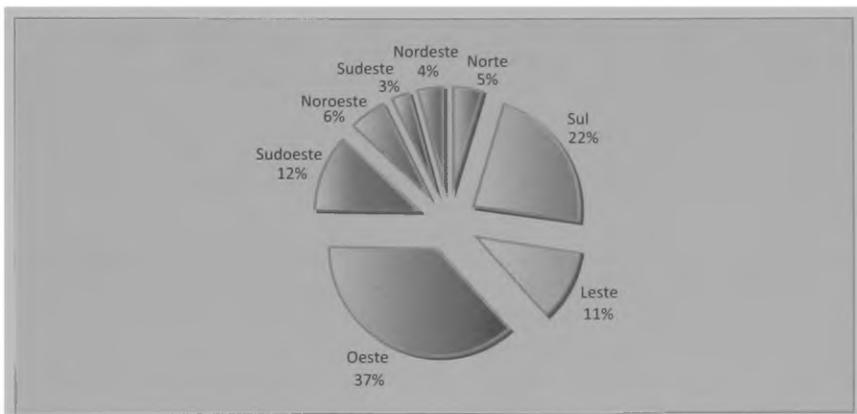


TABELA 18

Número dos enterramentos adultos em cistas (campanhas da EfA e do SGA) divididos por orientação e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/ Orientação	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Norte			1		1		1		1	3	7
Sul	1	2	8		4		1		3	19	38
Leste			8	1	1		2		4	3	19
Oeste	2		11	2	8		8		19	12	62
Noroeste			1	2	1				4	2	10
Sudoeste		1	4	2	2		7		2	2	20
Nordeste			1				1		2	3	7
Sudeste			2		1					2	5
	3	3	36	7	18	0	20	0	35	46	168

Infelizmente, quando relacionamos a orientação com os demais tipos de sepultura, verificamos que para 38 do total de 85 enterramentos em vasos funerários (vide TABELA 14) o sentido é identificado nas referências bibliográficas, representando cerca de 45% do total de enterramentos de adultos em vasos.

Apesar dessa porcentagem de enterramentos ser pequena, sua totalidade é caracterizada por pitos e, conforme podemos observar na TABELA

19, durante a maior parte da Idade do Ferro, desde o PG, quando os vasos começam a ser utilizados para os enterramentos de adultos, até o GM, o padrão verificado para as cistas também é utilizado pelos enterramentos em pitos, constatando uma clara predileção para os sentidos Oeste e Sudoeste. A situação se modifica um pouco no GR, quando o número de enterramentos orientados para Leste aproxima-se daqueles orientados para Oeste e Sudoeste.

TABELA 19

Número dos enterramentos adultos em pitos (campanhas da EfA e do SGA) divididos por orientação e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/ Orientação	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Norte										1	1
Sul										2	2
Leste									6	1	7
Oeste			2	1					3	2	8
Noroeste										1	1
Sudoeste			2		1	1	3		4	6	17
Nordeste									1	1	2
Sudeste											0
	0	0	4	1	1	1	3	0	14	14	38

A porcentagem identificada de enterramentos de adultos em covas simples é menor em relação aos dois outros tipos de sepultura, pois corresponde apenas a cerca de 38% do total, isto é, apenas 25 do total de 66 enterramentos (vide TABELA 15). Dessa forma, as reflexões sobre a dimensão orientação para este tipo de sepultura tornam-se bastante restritas e lacunares. Entretanto, examinando de forma mais cautelosa a TABELA 20, é interessante chamar a atenção para o fato de que, apesar do padrão geral para o sentido Oeste verificado para as cistas e para os pitos também ser confirmado para as covas simples, o direcionamento para Leste parece ser evitado. Talvez a análise do mobiliário funerário desses enterramentos possa suscitar reflexões mais aprofundadas para enterramentos com sentidos tão variados para os três tipos de sepulturas. Tal

possibilidade de relação entre os atributos idade, tipo de sepultura, orientação e mobiliário funerário será examinada nas páginas a seguir.

Quando refletimos sobre o atributo posição do corpo, cabe-nos lembrar que tal item é analisado apenas para os sepultamentos em cista e em cova simples, uma vez que para os enterramentos em vasos, pressupõe-se a posição contraída do corpo. Dentre os 133 enterramentos de adultos e infantis em cistas e covas simples investigados pelas campanhas francesas, 74 esqueletos encontravam-se em posição contraída, representando um pouco mais de 55% do total. Há um único exemplo de enterramento em posição estendida, o T (036), uma cista classificada apenas como "Geométrica", que abrigava os restos ósseos de um bebê; fato que provavelmente explique a posição na pequena cista.

TABELA 20

Número dos enterramentos adultos em covas simples (campanhas da EfA e do SGA) divididos por orientação e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/ Orientação	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Norte	3										3
Sul			1		2					1	4
Leste											0
Oeste			7	1	1				4		13
Noroeste			1								1
Sudoeste							1			1	2
Nordeste			1								1
Sudeste					1						1
	3	0	10	1	4	0	1	0	4	2	25

Se examinarmos mais detalhadamente estes 74 enterramentos, constatamos que 13 são infantis e 61 de adultos. Os enterramentos infantis identificados no quesito posição do corpo equivalem, portanto, a exatamente 50% do total de enterramentos infantis em cistas somados àqueles em cova simples. Já os enterramentos de adultos, a amostragem corresponde a aproximadamente 57% do total. Isto significa que, apesar da falta de identificação da posição do corpo para os demais enterramentos em cista e em cova simples, o padrão de enterramentos tanto para as crianças quanto para os adultos é, certamente, a posição contraída em Argos.

Já para as campanhas gregas, dentre os 253 enterramentos em cistas e covas simples de adultos e infantis, 158 esqueletos foram encontrados em posição contraída, isto é, uma quantidade que representa mais de 62% do total de enterramentos em cistas e covas simples. Dentre os 158, 144 são identificados a enterramentos de adultos e 14 infantis, equivalendo respectivamente a cerca de 63,5% e 54% dos enterramentos em cistas e em covas simples. Há apenas um enterramento de adulto, o T (175), datado do SM, em que o esqueleto encontrava-se em posição estendida. Dessa forma, confirma-se o padrão de enterramentos tanto para adultos quanto para crianças em posição contraída em Argos, independentemente do subperíodo da Idade do Ferro.

Se discutirmos a questão do posicionamento do corpo, percebemos que a quantidade de enterramentos para os quais é possível estabelecer uma relação segura entre o atributo gênero / idade e a posição do esqueleto, para quais dos lados as pernas encontravam-se dobradas (esquerda ou direita) é muito pequena. Dessa forma, tais dados não nos permitem levantar reflexões sobre padrões de posicionamento do corpo no momento do enterramento, corroborando para a hipótese de J.-M. Luce, de um lado, ou de R. Hägg, do outro.¹

4) O Mobiliário Funerário.

4.1) Características da produção cerâmica argiva.

O mobiliário dos contextos funerários em Argos durante a Idade do Ferro é composto fundamentalmente de vasos cerâmicos e artefatos confeccionados em metal, principalmente, em ferro e bronze. Há ainda objetos em faiança, terracota, cristal de rocha, esteatito e outras pedras e, até mesmo, osso, porém eles aparecem

¹ Para ver discussão aprofundada sobre o assunto e quais são as posições detalhadas dos autores a este respeito, vide p. 70-73 do Capítulo 2.

raramente nos túmulos. A análise dos vasos cerâmicos proporciona, em primeiro lugar, a divisão em duas grandes categorias que levam em consideração o processo de confecção; os vasos torneados, que correspondem à grande maioria presente nos enterramentos e os manufaturados, entendidos literalmente como aqueles feitos à mão e encontrados com menos frequência durante toda a Idade do Ferro. Ainda sobre o processo de confecção dos vasos, também se considera características da composição da pasta da argila utilizada e do processo de queima. Em segundo lugar, a análise atenta para os aspectos relativos às formas e dimensões dos vasos que, conforme elucidamos no Capítulo 2, podem trazer elementos específicos que proporcionam uma datação precisa ou determinam usos e funções particulares. Finalmente e acima de tudo, o exame dos vasos leva em conta os aspectos decorativos que se apresentam como pintura ou incisões. A pintura, prática majoritariamente aplicada aos vasos, principalmente os torneados, é configurada por uma enorme variedade de motivos ornamentais que possibilitam a datação do contexto funerário com uma maior precisão e certeza.

A cerâmica argiva geométrica foi exaustivamente estudada e classificada a partir dos seus elementos formais e decorativos por P. Courbin *CGA* (1966), identificando Argos como um grande e importante centro de produção cerâmica na Argólida, com seus pintores e suas oficinas próprias (Courbin 1966: 447-52), da mesma forma que Atenas para a Ática no mesmo período (Coldstream 1968). Desse modo, um

exame detalhado desses aspectos dos vasos cerâmicos presentes nos contextos funerários torna-se desnecessário e incompatível com os propósitos finais de um estudo das práticas mortuárias. Nosso objetivo é expor as principais características da análise cerâmica que foi realizada a partir do estudo dos vasos encontrados nos contextos funerários selecionados para a pesquisa, a fim de classificá-la nas categorias de análise propostas para o exame do mobiliário funerário. Tal classificação visa alcançar os possíveis significados sociais das oferendas e, conseqüentemente, dos enterramentos.

Logo de início, quando analisamos a produção cerâmica em Argos a partir dos enterramentos estudados, observamos que a argila utilizada para confeccionar a grande maioria dos vasos, tanto torneados quanto manufaturados, possui dois tipos de coloração bem clara, pálida; uma em tons de marrom e vermelho e a outra em tons de bege, amarelo e cinza. A primeira é identificada pelos códigos 7.5YR 7/4 (pink), 7.5YR 6/4 (light brown), 5YR 7/4 (pink) e 5YR 6/4 (light reddish brown) do Munsell (Munsell, A. H. *Munsell® Soil Color Book*. Revised Edition. New York, 2009). Trata-se de uma cerâmica que apresenta tons pálidos de marrom e vermelho, configurando aspectos rosado, ocre e alaranjado. Apresentamos uma listagem com exemplos de vasos encontrados nos contextos funerários classificados pelos códigos de cores do Munsell mencionados acima:

Número catalogado	Números de inventário dos vasos	Referência
T (012)	C.11; C. 12; C. 43	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 22 e 23.
T (014)	C.65; C.101, C.151	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 24.
T (015)	C.38; C.39	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 24.
T (019)	C.3999	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 24.
T (020)	C.61; C.95	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 26.
T (021)	C.50	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 27.
T (022)	C.62	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 27.
T (023)	C.209; C.210	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Prancha 14 D. Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 28.
T (024)	C.161	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 28.
T (029)	C.190; C.191; C.192, C.194	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 29.
T (031)	C.303	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Prancha 16 F.
T (034)	C.182	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 29.

Número catalogado	Números de inventário dos vasos	Referência
T (041)	C.229	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Prancha 23 E.
T (043)	C.357	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 30.
T (051)	C.469	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 26 D, E, F.
T (052)	C.505; C.507	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 27 A, B, C, G, H; 28 A.
T (056)	C.837; C.846, C.825; C.826; C. 827	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 34 e Pl. 36.
T (062)	C.889; C.890; C.891	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 35 e Pl. 36.
T (069)	C.916; C.917	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 40 E, F. Courbin, P <i>Archives Manuscrites</i> , École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4.
T (070)	C.195	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 40.
T (071)	C.1434	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 41.
T (080)	C.1574; C.1575; C.1577; C.1579; C. 1576; C.1651	Courbin, P CGA, 1966, Pl. 57, Pl. 71, Pl. 93 e Pl. 96.
T (088)	C.2409; C.2411	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 42.
T (089)	C.2420	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 47 A, B, C.
T (090)	C.2416	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 47 D, E ; 48 A.
T (095)	C.2426; C.2427	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 43.
T (098)	C.2430; C.2431; C.2432	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 46.
T (099)	C.2434; C.2435; C.2436; C.2440; C.2441; C.2442; C.2443; C.2444; C.2447; C.2457; C.2530; C.2534	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 47, Pl. 48. Courbin, P CGA, 1966, Pl. 74.
T (101)	C.2451	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 49.
T (103)	C.2449	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 50.
T (105)	C.2488	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 61 B, C, D.
T (108)	C.2463	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 52.
T (109)	C.2475; C.2476; C.2480	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 54.
T (111)	C.3942	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 55.
T (122)	C.7351; C.7352; C.7353; C.7354; C.7355	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 71 E, F; 72 A, B, C, D, E; 73 A, B, C, D, E, F, G, H; 74 A, B, C, D.
T (124)	C.7387; C.7388	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 76 D, E, F.
T (128)	C.7754; C.7757; C.7761; C.7760; C.7762; C.7764; C.7759; C.7763; C.7756; C.7814; C.7928; C.7930; C.7829	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 79 D, E; 80 A, B, E, F, G, H, I; 81 B, C, D, E; 82 A, B, C, D, E, F, G; 85 A, B, C, D, E, F, G; 86 A, B, C, D, E, F, G, H, I; 87 A, B; 88 B, C; 89 A, B, C.
T (129)	C.7736; C.7992; C.7993; C.7994; C.7747; C.7751; C.7750	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 92 A, B, C, D; 94 A, B, C, D; 98 A, B, C, D; 99 B, C, D, H; 100 A, B.
T (130)	C.7734; C.7704; C.7711; C.7720; C.7703; C.7721; C.7733; C.7996; C.7719; C.7722; C.7730	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 101 E, F, G, H; 102 A; 104 F, G, H; 105 G, H, I, J; 106 A, F, G, H, I, J; 108 D, E, F, G; 110 A, B, C, D, E; 111 F, G, H, I, J; 112 A, B, C, D, E, F.
T (132)	C.7851; C.7843; C.7849; C.7847; C.7964; C.7966; C.7967; C.7972; C.7973; C.7846; C.7848	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 116 D, E, F; 117, A, B, C, D, E, F, G; 118 A; 119 I; 120 A, B, G, H; 121 D, E, F, G, H, I; 122 A, B, 123 E, F, G, H, I; 124 A, B, C, D, E, F, G, H; 125 A, B.

Número catalogado	Números de inventário dos vasos	Referência
T (134)	C.7925; C.7920; C.7922	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 126 C, D; 127 A; 128 E, F, G; 129 A, B, C, D, E, F.
T (136)	C.24042; C.24045	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 134 B, C, D, E; 135 A, B, C, D, E, F.
T (142)	C.26607	BCH 95 (1971), Fig. 3, p. 738.
T (145)	C.26611	BCH 96 (1972), Fig. 4, p. 231 e Fig. 7, p. 232.
T (153)	Cratera	<i>ArchDelt</i> 16:2 (1960), Πίv. 70γ e Πίv. 71γ.
T (294)	Cratera	<i>ArchDelt</i> 29:2 (1973/1974), Πίv. 150δ.
T (450)	Cratera	<i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, Πίv. 53δ.

Em alguns exemplares, a coloração pode se tornar mais intensa, em tons de vermelho e marrom mais vivos, caracterizados por 2.5YR 5/4

(reddish brown) e 2.5YR 5/6 (red), como, por exemplo, nos vasos relacionados abaixo:

Número do Catálogo	Números de inventário dos vasos	Referência
T (020)	C.51; C.52; C.53; C.54; C.93; C.96	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 26.
T (029)	C.193	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 29.
T (034)	C. 181	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 29.
T (055)	C.816	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 31.
T (056)	C.838; C.845	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 33.
T (062)	C.894; C.899	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 36.
T (090)	C.2416; C. 2417	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 47 D, E; 48 A, B, C, D.
T (108)	C.2461	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 52.
T (109)	C.2479; C.2478	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 54.
T (122)	C.7357	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 74 G, H; 75 A, B.
T (123)	C.7378; C.7380	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 75 C, D, E, F, G; 76 A, B.
T (128)	C.7755; C.7767; C.7929	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 80 C, D; 85 H, I, J; 89 D, E.
T (129)	C.7738; C.7740; C.7742; C.7743; C.7744; C.7752; C.7753	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 92 G, H, I, J; 94 E, F, G; 95 A, B, C, D, E; 96 A, B, C, D, E; 97 A, B, C, D, E, F, G, H, I, J.
T (130)	C.7701; C.7705; C.7706; C.7723; C.7728; C.7712; C.7961; C.7731	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 104 B, C, D, E; 105 A, B, C; 105 D, E, F; 108 H, 109 A, B, C; 109 F, G, H, I; 110 F, G; 113 B, C, D, E; 114 A.
T (132)	C.7844; C.7847; C.7962; C.7963; C.1965; C.7970; C.7971	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 119 A, B, C, I; 120 A, B; 120 B, C, D, E, F, I; 121 A, B, C; 122 C, D, E, F, G, H; 123 A, B, C, D.
T (134)	C.7926; C.7924	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 127 B, C, D, E, F; 129 G, H; 130 A.

A segunda coloração pálida correspondente 2.5Y 7/3 (pale yellow), 10YR 7/2 (light gray) e 10YR 7/3 e 7/4 (very pale brown) do Munsell. Trata-se de uma cerâmica que apresenta tons

de bege, amarelo e cinza claro. Há uma grande quantidade de vasos cerâmicos encontrados nos contextos funerários confeccionados com este tipo de coloração da argila, como por exemplo:

Número catalogado	Números de inventário dos vasos	Referência
T (011)	C.1; C.3; C.17	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 20.
T (012)	C. 13; C.15; C.16	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 22 e Pl. 23.
T (014)	C.160	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 24.
T (019)	C.91	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 24.
T (020)	C.55; C.58	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 26.
T (035)	C.169	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 30.
T (040)	C.201	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 30.
T (043)	C.358	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 30.
T (053)	C.652	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 30.
T (054)	C.847; C.942	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 31.
T (055)	C.814; C.813; C.815	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 31.
T (062)	C.893; C.898	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 36.
T (067)	C.1025	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 38.
T (068)	C.924; C.925	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 39.
T (088)	C.2410	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 42.
T (093)	C.2421	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 43.
T (095)	C.2425	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 43.
T (099)	C.2438; C.2439; C.2531	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 47 e Pl. 48.
T (108)	C.2460; C.2462; C.2464; 2465	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 52.
T (109)	C.2477	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 54.
T (111)	C.2482; C.2483	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 55.
T (112)	C.2509	Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 55.
T (122)	C.7356	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 74 E, F.
T (128)	C.7768; C. 7769; C.7758; C.7728; C.7931	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 83 D, E, F, G; 84 A, B, C, D, E, F, G; 87 E, F, G, H; 88 A; 90 A, B.
T (129)	C.7737; C.7741; C.7745; C.7748	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 92 E, F; 93 A, B, C, D, E; 96 F, G, H, I, J; 98 E, F, G; 99 A.
T (130)	C.7702; C.7714; C.7725; C.7707; C.7708; C.7709; C.7724; C.7717; C.7729	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 103 B, C, D, E, F, G, H, I; 104 A; 106 B, C, D, E; 107 A, B, C, D, E, F, G, H, I, J; 108 A; 109 D, E; 111 A, B, C, D, E; 113 F, G, H, I.
T (132)	C.7933; C.7990	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 118 B, C, D; 125 C, D.
T (134)	C.7919; C.7921; C.7923; C.7927	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 127 G, H; 128 A, B, C, D; 130 B, C, D, E, F; 131 A, B, C, D, E; 132 A, B, C, D, E, F.
T (135)	C.19316	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 133 B, C, D, E, F.
T (136)	C.24043; C.24046; C.24047	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 136 A, B, C, D; 137 A, B, C, D, E, F; 138 A, B, C, D.
T (137)	C.24049; C.26731; C.24050	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 138 F, G; 139 A, B, C, D, E, F; 140 A, B, C, D, E, F.

Número catalogado	Números de inventário dos vasos	Referência
T (143)	C.26608	BCH 95 (1971), Fig. 4, p. 738.
T (144)	C.26610	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 142 A, B, C.
T (150)	Ânfora	<i>ArchDelt</i> 16:2 (1960), [iv. 70β.
T (175)	E 704	Kanta, "Tripolis" AAA 8 (1975), Fig. 13.
T (235)	Hídria	<i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), [iv. 136δ.
T (312)	4813	Paléologou, H. "Études Argiennes" BCH Suppl. 6 (1980), Fig. 1, p. 76; Fig. 2, p. 77.

Entretanto, há um grande número de exemplares em que se podem observar tons pálidos em verde amarelado ou acinzentado, identificados

por 5Y 7/2 (light gray) e 5Y 7/3 (pale yellow). Este último tipo de coloração clara é típico dos vasos coríntios (Courbin 1966: 181-83; 1974).

Número catalogado	Números de inventário dos vasos	Referência
T (020)	C.56; C.92	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 26.
T (029)	C.195	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 29.
T (052)	C.506	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 27 D, E, F.
T (056)	C.828; C.834	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 33 e Pl. 34.
T (059)	C.817	Courbin, P <i>Archives Manuscrites</i> , École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4.
T (062)	C.897	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 36.
T (087)	C.2302; C.2303	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 41.
T (088)	C.2412	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 42.
T (098)	C.2433	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 46.
T (108)	C.2459; C.2466; C.2467; C.2468; C.2469; C.2470	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 52.
T (109)	C.2473; C.2474	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 53.
T (111)	C.2484	Courbin, P TGA, 1974, Pl. 55.
T (129)	C.7749	Souza, C. D. 2010. <i>Volume III</i> . Pranchas 99 E, F, G.

Em geral, a cerâmica argiva é bem queimada e cuja pasta da argila apresenta antiplásticos pequenos, geralmente mica e fragmentos de calcita, tornando-a bem fina, sendo utilizada principalmente na fabricação dos vasos torneados, mas usada também na confecção dos vasos manufaturados.² Em muitos dos vasos

manufaturados, podemos encontrar exemplos de uma coloração mais escura da argila, como tons de cinza, quase preto, identificada pelo código 10YR 3/2 (very dark grayish brown) do Munsell e com pasta mais grossa, com grandes antiplásticos, principalmente mica e fragmentos de calcário. Estes vasos correspondem a uma série denominada por P. Courbin de "bucchero" ou "impasto"

2 Vasos manufaturados com antiplásticos bem pequenos, configurando uma argila semelhante àquela utilizada nos vasos torneados correspondem: Campanhas francesas: T (012): C.16 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 22); T (020): C.55 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 26); T (031): C.303 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 16 F, G, H, I); T (034): C.182 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 29); T (052): C.506 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 27 D, E, F); T (055): C.813,

C.814 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 31); T (062): C.897 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 36); T (071): C.1434 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 41); T (088): C.2411 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 42); T (103): C.2449 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 50); T (108): C.2460 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 52). Campanhas gregas: T (212): enócoa com borda circular e enócoa trilobada (AAA II (1969), *Εικ.* 6, p. 162).



Fig. 43 – Enócoa C.7739, T (130), Argos.

Fig. 44 – Píxide C.7766, T (128), Argos.

(Courbin 1966: 72-73), cuja singularidade está, segundo o autor, no processo de cozimento. São vasos pequenos, geralmente enócoas trilobadas em miniatura, com alça simples ou dupla (Fig. 43), anforiscos, pequenas hídrias e píxides (Fig. 44). Devido ao fato de serem mal cozidos, são porosos, bastante friáveis e a parede apresenta espessura bem fina. Possuem, em geral, aspecto bem rústico e grosseiro, mas alguns apresentam traços de alisamento e, quando apresentação decorativa, é sempre incisa.³

A análise das formas indica que, em geral, durante toda a Idade do Ferro, e particularmente durante o Período Geométrico, as formas mais comumente identificadas nas sepulturas são as enócoas (a grande maioria trilobada, mas também um grande número com a borda circular), os esquifos com alças verticais ou horizontais e com pé alto ou em anel, as taças com uma única alça vertical e com o pé alto ou em anel, as ânforas com alças verticais que atingem o pescoço e o ombro do vaso e também as ânforas com alças horizontais, geralmente localizadas na pança do vaso, próximo ao ombro, as crateras e os cântaros. Todavia, aparece ainda um grande número de píxides e anforiscos e, em menor quantidade, romãs, hídrias, lécitos, olpas, fíalas e cernos.

3 Exemplos de vasos manufacturados da série "bucchero" são: Campanhas francesas: T (052): C.614 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 28 F, G); T (061): C.811 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 34 C); T (075): C.1567 (Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (099): C.2437, C. 2446, C. 2448 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 48). Campanhas gregas: T (158): E.173 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 149 A); T (212): jarros (AAA II (1969), *Εικ.* 6, p. 162).

Estes últimos tendem a ser manufacturados.⁴ Os pitos, distintamente das ânforas, píxides e crateras são vasos exclusivamente utilizados como urnas funerárias, formando a própria sepultura, raramente são encontrados como parte do mobiliário funerário.

No início do SM, as formas mais frequentes correspondem ao jarro com estribo,⁵ ao esquifo de dimensões pequenas, com duas alças horizontais no meio do corpo do vaso e pé alto, ao lécito com o corpo globular, bastante bojudo e o pescoço bem estreito e a ânfora também com o corpo bojudo, globular e alças horizontais localizadas na pança do vaso. Percebe-se que, no final do SM, o jarro com estribo não aparece mais nos enterramentos, as ânforas apresentam maiores dimensões e o corpo mais ovalado, aproximando-se da forma tradicional, e o mesmo acontece com os lécitos que, com o corpo oval e o pescoço e borda mais largas, assemelham-se mais às tradicionais enócoas. É exatamente no final do SM e já início do PG que aparece a primeira enócoa trilobada, um exemplar de pança ainda bastante

4 Exemplos de cernos manufacturados com argila bem rústica são: Campanhas francesas: T (029): C.195 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 29) e T (075): C.1567 (Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4).

5 Exemplos de jarros com estribo, características do SM: Campanhas francesas: T (005): DV 32 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes IV*. 1966. Pl. XIV); T (006): DV 62 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes IV*. 1966. Pl. LVIII 1, Pl. XXII 11); T (007): DV 59 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes IV*. 1966. Pl. LIX 1); T (008): DV 71 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes IV*. 1966. Pl. LX). Campanhas gregas: T (175): E 703 (Kanta, "Tripolis" AAA 8 (1975), Fig. 11 e Fig. 12); T (783): jarro com estribo (*ArchDelt* 53 (1998), [iv. 64y).

bojuda, presente no T (770). Durante todo o PG, a enócoa trilobada constitui uma das formas mais recorrentes nos enterramentos e, em geral, possuem o corpo globular ou ovalado.⁶ Entretanto, há uma grande quantidade de enócoas trilobadas em miniaturas com base plana.⁷ Neste subperíodo, verifica-se uma grande quantidade de vasos com pequenas dimensões, como taças, lécitos, anforiscos e píxides.⁸ O asco configura uma forma característica do PG, ausente nos túmulos do Período Geométrico.⁹ Os esquifos continuam a

possuir duas alças horizontais e ângulos bastante acentuados, com pés altos. Esta forma de esquifo se mantém durante todo o PG como o formato de esquifo predominante.

Conforme adentramos no Período Geométrico, constata-se que há uma maior variedade além do aumento das dimensões dos vasos, que está, em grande parte, relacionada ao aumento dos enterramentos em vasos funerários, em pitos, crateras, ânforas e píxides de grandes dimensões.¹⁰ A enócoa trilobada, agora com a pança mais ovalada, ainda constitui a forma mais frequentemente encontrada nos contextos funerários do GA. As taças monocromáticas também são recorrentes.

Durante o GM e o GR a variedade das formas atinge o ponto de maior desenvolvimento, verificando-se uma grande quantidade de esquifos com alças horizontais e verticais, com pé alto ou em anel, bem como de crateras, ânforas, enócoas, píxides e taças. Porém, há também um número significativo de romãs, fíalãs, lécitos, hídrias, arbalos, cântaros e cálatos. As píxides, quando possuem pequenas dimensões, as bases são pontiagudas, apresentando orifícios nas alças para a sustentação; quando utilizadas como vasos funerários, possuindo grandes dimensões, apresentam pés triplos. As alças dos vasos também passam a apresentar formas diversificadas, como incisões que quase dividem a alça em duas ou três partes, alças duplas torcidas e, ainda, no caso dos grandes esquifos, das crateras e das grandes píxides, alças verticais duplas ou triplas e horizontais duplas, assemelhando-se a asas.¹¹

6 Por exemplo: Campanhas francesas: T (020): C.52 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 26); T (020): C.53 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 26); T (032): C.188 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (052): C.457 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (056): C.829 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 33); T (064): C.881 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (099): C.2435 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 47); T (109): C.2476 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 53); T (110): C.2485 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (113): C.2491 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (115): C.2516 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); Campanhas gregas: T (165): enócoa (*ArchDelt* 18 (1963) B, [iv. 71β]); T (186): E 1908 (Kokkou-Vyridi, K. *AchEph* 1977, [iv. 55γ]); T (206): enócoa (*ArchDelt* 21:2 (1967), [iv. 126α]); T (207): enócoa (*ArchDelt* 21:2 (1967), [iv. 128α]); T (209): enócoa (*ArchDelt* 21:2 (1967), [iv. 128β]); T (211): enócoa (AAA II (1969), Euk. 3, p. 160); T (213): enócoas (*ArchDelt* 24:2 (1969), [iv. 86α]); T (226): enócoas (AAA III (1970), Euk. 3, Euk. 4, Euk. 5 e Euk. 6, p. 182).

7 Há, por exemplo, enócoas trilobadas em miniatura com a base plana em grande quantidade durante o SM e o PG: Campanhas francesas: T (020): C.55 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 26); T (052): C.505 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 27 A, B, C); T (052): C.506 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 27 D, E, F); T (052): C.507 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 27 G, H; 28 A).
8 Campanhas francesas: T (053): C.652 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 30); T (056): C.832 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 33); T (061): C.811 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 34 C); T (062): C.898 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 36); Campanhas gregas: T (210): taça e enócoa (*ArchDelt* 23:2 (1968), [iv. 70β]); T (212): lécito, jarro e taça (AAA II (1969), Euk. 6, p. 162). É importante ressaltar, todavia, que os vasos em miniatura não são exclusivos do SM e do PG, vários exemplares são encontrados em enterramentos datados do GM e do GR, por exemplo, píxides e romãs: Campanhas francesas: T (088): C.2410 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 42); T (099): C.2443, C.2444 e C.2447 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 48); Campanhas gregas: T (164): píxide (*ArchDelt* 18 (1963) B, [iv. 70β]).
9 Campanhas gregas: T (183): E 1919 (Kokkou-Vyridi,

K. *AchEph* 1977, [iv. 54ζ], E 1920 (Kokkou-Vyridi, K. *AchEph* 1977, [iv. 54η]).

10 Principalmente no final do Período Geométrico, durante o GM e o GR, quando o número de enterramentos em vasos funerários cresce de maneira acentuada, conforme foi constatado nas páginas anteriores. Exemplos de grandes vasos funerários, pitos, ânforas, crateras e píxides são: Campanhas francesas: T (023): C.209 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 14 C, D); T (023): C.210 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 28); T (035): C.169 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 30); T (040): C.201 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 30); T (070): C.915 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 40); T (071): C.1434 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 41); T (080): C.1651 (Courbin, P. CGA, 1966, Pl. 93); T (112): C.2509 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 55); Campanhas gregas: T (238): cratera (*ArchDelt* 27:2 (1972), [iv. 140α]).

11 Exemplos de crateras com alças verticais e horizontais juntas: Campanhas francesas: T (023): C.210 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 28); T (040): C.201 (Courbin, P.

As enócoas trilobadas apresentam dimensões maiores e, na grande maioria dos casos, possuem base plana, quase que cortando o corpo do vaso ao meio, e alças, em geral, duplas torcidas ou com incisões.¹² Outro tipo de enócoa trilobada encontrada constantemente nos enterramentos típica do GR é caracterizada por grandes dimensões com um corpo globular, bastante bojudo, pescoço estreito e curto e alças torcidas. As taças monocromáticas passam a apresentar ângulos mais acentuados e uma borda bastante delimitada e, quando possuem decoração variada, o corpo é um pouco mais arredondado. O pito funerário apresenta sempre formato ovoide ou piriforme em grandes dimensões e, em geral, com incisões.

Finalizando o exame do material cerâmico dos contextos funerários em Argos, a decoração dos vasos proporciona o item mais variado e indicador dos subperíodos da Idade do Ferro e de uma produção local própria com oficinas específicas e variadas. A pintura, em geral, apresenta características bastante específicas durante toda a Idade do Ferro, marcadamente a presença de um verniz de única cor e aplicado diretamente no vaso após o processo de queima e secagem (Courbin 1966: 283). O engobo propriamente dito é uma técnica raramente aplicada nos vasos argivos, entretanto a técnica de “leite” ou “lavagem” (“lait” em francês e “wash” em inglês) ocorre com frequência (*Ibid.* 267-268, 284).¹³ A policromia só vai aparecer no século

VII a.C. (*Ibid.* 288). A coloração do verniz é, na maioria dos casos, bem escura, quase preta, com tons de marrom e vermelho, que podem ser identificados aos códigos 2.5YR 2.5/1 (reddish black), 10R 2.5/1 (reddish black), 5YR 2.5/1 (black) e 5YR 2.5/2 (dark reddish brown). Alguns vasos apresentam pintura bastante avermelhada, 10R 4/6 (red) e 10R 3/6 (dark red). A composição da tinta é fundamentalmente ferro e magnésio (Courbin 1966: 285). A pintura é feita em partes, da mesma forma que a confecção do vaso, em zonas e bandas (*Ibid.* 314), formando painéis lineares que são preenchidos com os motivos ornamentais específicos de cada subperíodo.¹⁴

Inicialmente, durante o SM, os vasos apresentam um repertório de motivos ornamentais bastante restrito. No início do SM, observamos que a simetria e a regularidade característica dos motivos geométricos ainda não constituem a marca da decoração dos vasos, assemelhando-se muito aos vasos do período anterior, o Heládico Recente IIIC (Desborough 1964; Deshayes 1966; Styrenius 1967; Snodgrass 1971).¹⁵ Os

CGA (1966), p. 267-268, 284-285, como elementos distintos resultantes do processo de alisamento do vaso, principalmente torneado. O processo de alisamento do vaso constitui, de forma geral, uma tentativa de corrigir as marcas, decalques e pequenas imperfeições na superfície do vaso, tornando-a plana e uniforme. O “leite” possui as mesmas propriedades químicas da argila utilizada para a confecção do vaso, pois se acrescenta apenas um pouco de água para alisar a superfície do vaso. Tal técnica é evidenciada através de uma camada bem fina na superfície do vaso com uma coloração um pouco mais clara em relação aos tons da parte mais interna da argila. Já o engobo, constitui uma verdadeira camada destacável em relação à argila utilizada para fabricar o vaso. Em muitos casos, a composição química do engobo difere daquela da argila e, conseqüentemente, a coloração da superfície do vaso pode apresentar tons mais claros, mais escuros, ou mesmo outras tonalidades de cor em relação à cor da argila do vaso.

14 Para o exame detalhado dos motivos geométricos, tanto decorativos, quanto figurativos, vide Courbin, P. CGA 1966, p. 338-445. Ainda sobre os possíveis significados dos motivos decorativos e figurativos, p. 475-95. Tais questões não são debatidas em profundidade em nossa pesquisa, uma vez que os objetivos do trabalho constituem o levantamento das práticas funerárias e não o estudo iconográfico e iconológico da cerâmica geométrica.

15 A semelhança nas formas e na decoração cerâmica entre o Heládico Recente IIIC e o Submicênico constitui um elemento fundamental de continuidade entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. Entretanto, a denominação Submicênico surgiu como uma forma de classificar as

TGA, 1974, Pl. 30); T (041): C.171 (Courbin, P. BCH 81 (1957), Fig. 14a e Fig. 14b p. 332) e C.229 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 23 E; 24 A); T (070): C.915 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 40); T (112): C.2509 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 55); T (142): C.26607 (BCH 95 (1971), Fig. 3, p. 738); T (143): C.26608 (BCH 95 (1971), Fig. 4, p. 738); T (145): C.26611 (BCH 96 (1972), Fig. 2, p. 230; Fig. 4, p. 231); Campanhas gregas: T (149): cratera (BCH 85 (1961), Fig. 4, p. 676); T (238): cratera (*ArchDelt* 27:2 (1972), [iv. 140a]); T (260): cratera (*ASAtene* 60 (1982), Euk. 9 e Euk. 10, p. 40); T (294): cratera (*ArchDelt* 28:2 (1973), [iv. 115y]); T (450): cratera (*ArchDelt* 51 (1996) [2001], B1, [iv. 37β]); Exemplo de esquifo com alças verticais ou horizontais triplas: Campanhas francesas: T (099): C.2441 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 48).

12 Campanhas francesas: T (011): C.3 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 20); T (012): C.11 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 23); T (108): C.2462 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 52).

13 As definições e os usos dos termos engobo e “leite” correspondem àquelas explicitadas por P. Courbin no

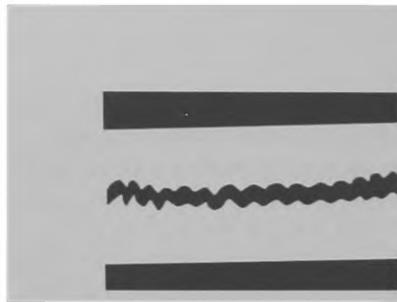


Fig. 45 – Desenho esquemático do ziguezague típico do SM.

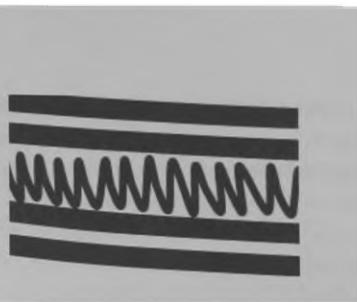


Fig. 46 – Desenho esquemático do ziguezague típico do PG.

motivos ainda são caracterizados por certa irregularidade e liberdade que caracterizam os motivos “naturalísticos” dos períodos anteriores, verificados principalmente nos jarros com estribo.¹⁶ Os primeiros sinais de regularidade são linhas onduladas horizontais, localizadas, em geral, na pança ou na altura das alças dos vasos e o restante do vaso todo pintado em preto ou já apresentando algumas linhas horizontais paralelas, como listras.¹⁷ O aparecimento de palmetas

transformações não só no estilo de decoração cerâmica, mas também nos costumes funerários e nos formatos dos alfinetes e das fíbulas encontrados nos enterramentos áticos (Desborough 1964). Deshayes (1966) comprovou que o fenômeno não era exclusivamente ático, mas aparecia em Argos apenas para as características da produção cerâmica. Styrenius (1967) e Snodgrass (1971) seguiram Deshayes, identificando a classificação Submicênico unicamente como uma manifestação das mudanças constatadas na produção cerâmica em diversas regiões da Grécia no início da Idade do Ferro. Entretanto, os costumes funerários nas mesmas regiões apresentavam-se bastante distintos. Dessa forma, alguns autores acreditam que a denominação Submicênico seja inadequada e deva ser reconsiderada, analisando especificamente não só as características da cerâmica, mas das práticas funerárias exercidas nas diferentes regiões da Grécia neste período (Rutter 1977, 1978; Touchais et Valakou 1998).

16 Exemplos de jarros com estribo com decoração em estilo mais “naturalístico” são encontrados nos T (005): DV 32 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes* IV. 1966. Pl. XIV); T (006): DV 62 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes* IV. 1966. Pl. LVIII 1, Pl. XXII 11); T (007): DV 59 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes* IV. 1966. Pl. LIX 1); T (008): DV 71 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes* IV. 1966. Pl. LX). Campanhas gregas: T (175): E 703 (Kanta, “Tripolis” AAA 8 (1975), Fig. 11 e Fig. 12); T (783): jarro com estribo (ArchDelt 53 (1998), [iv. 64γ).

17 Alguns exemplos de vasos com linhas onduladas ou linhas horizontais paralelas geralmente localizadas na altura das alças e o restante do vaso apenas coberto com verniz preto: T (005): DV 26 e DV 11 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes* IV. 1966. Pl. LII 7 e Pl. LII 8); T (009): DV 107 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes* IV. 1966. Pl. LXVII

regulares na altura dos ombros também configura um indicativo da regularidade geométrica.¹⁸ Um outro motivo típico do SM já amadurecido é a linha ondulada horizontal na pança do vaso (Fig. 45), presente essencialmente em esquifos de pequenas dimensões, alças horizontais e pés altos, mas também em ânforas e anforiscos.¹⁹ A pintura desse esquifo típico do SM é, na grande maioria dos casos, de coloração vermelha, porém a preta também é utilizada. No final do SM e início do PG, começam a aparecer os primeiros círculos e semicírculos concêntricos, como por exemplo, a ânfora DV 98 do T (009), a ânfora do T (783) e a ânfora e o lécito do T (784).²⁰

Os semicírculos e círculos concêntricos feitos com compasso múltiplo correspondem a marca registrada do PG e a um processo de

2); T (050): C. 470 (Courbin, P. *Archives Manuscriles*, École Française d’Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (172): E 694 (Kanta, “Tripolis” AAA 8 (1975), Fig. 22); T (173): E 696 (Kanta, “Tripolis” AAA 8 (1975), Fig. 20); T (175): E 704 (Kanta, “Tripolis” AAA 8 (1975), Fig. 13); T (770): enócoa (ArchDelt 53 (1998), [iv. 63α).

18 Palmetas geométricas aparecem em alguns poucos vasos do geométrico: T (005): DV 10 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes* IV. 1966. Pl. LIII 1); T (171): E 691 (Kanta, “Tripolis” AAA 8 (1975), Fig. 23); T (173): E 695 (Kanta, “Tripolis” AAA 8 (1975), Fig. 19).

19 Alguns exemplos de ornamentação em linha ondulada, geralmente localizada na altura das alças dos vasos típica do SM: T (010): DV 158 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes* IV. 1966. Pl. XCI 1); T (030): C.168 (Courbin, P. *Archives Manuscriles*, École Française d’Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (050): C.470 (Courbin, P. *Archives Manuscriles*, École Française d’Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (061): C.812 (Courbin, P. *Archives Manuscriles*, École Française d’Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (148): esquifos (Charitonidis, S. *Praktika* 1952, Eικ. 16 e Eικ. 17, p. 425); T (770): anforisco (ArchDelt 53 (1998), [iv. 63α).

20 Para a ânfora DV 98 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes* IV. 1966. Pl. LXVII 3); ânfora do T (783): ArchDelt 53 (1998), [iv. 64β e a ânfora e o lécito do T (784): ArchDelt 53 (1998), [iv. 64δ e [iv. 64ε.

inovação técnica na ornamentação dos vasos que adentra todo o Período Geométrico.²¹ O zigzague típico do PG apresenta ângulos bastante acentuados (Fig. 46).²²

Além dos círculos e semi-círculos concêntricos, um outro motivo ornamental típico do PG é o triângulo hachurado, que em alguns vasos, pode aparecer como triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas, ou ainda formado por vários triângulos menores no interior.²³ Ainda aparecem

com frequência linhas paralelas horizontais associadas aos zigzagues ou a triângulos.²⁴ Os ângulos acentuados dos zigzagues do PG serão mantidos durante todo o Período Geométrico. Todavia, a maior parte do corpo do vaso é coberta apenas com um verniz preto brilhante, faz com que os autores denominem de vasos monocromáticos (Courbin 1966: 285-87). A maioria dos vasos com este tipo de pintura são taças e esquifos com alças horizontais e pé alto, porém, também há fíalae e esquifos com alças horizontais e pé em anel.²⁵

21 Alguns exemplos de vasos que apresentam círculos e semicírculos típicos do PG feitos com compasso múltiplo: T (031): C.82 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (059): C.817 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (064): C.881 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (081): C.1691 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (091): C.2407 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (105): C.2488 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 61 B, C, D) e C.2489 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (113): C.2491 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (209): lécito e enócoa (*ArchDelt* 21:2 (1967), [iv. 128α e [iv. 128b); T (235): hidria (*ArchDelt* 27:2 (1972), [iv. 136δ); T (238): cratera (*ArchDelt* 27:2 (1972), [iv. 140α).

22 Exemplos de zigzague com ângulos acentuados típicos do PG, feitos, em muitos casos, com pincel múltiplo são encontrados nos T (045): C.196 e C.200 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (051): C.468 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (089): C.2420 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 47 A, B, C) e C.2416 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 47 D, E; 48 A); T (092): C.2414 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (104): C.2453 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (106): C.2455 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (186): E 1916, E 1917 () e E 1918 (Kokkou-Vyridi, K. *AchEph* 1977, [iv. 55δ, [iv. 55ε e [iv. 55 ζ); T (194): enócoa (*ArchDelt* 21:2 (1967), [iv. 126α); T (209): esquifo (*ArchDelt* 21:2 (1967), [iv. 128β); T (445): ânfora (*ArchDelt* 51 (1996) [2001], B1, [iv. 37α).

23 Os triângulos, hachurados ou similares, mas com algumas variações, típicos do PG podem ser observados nos vasos encontrados no T (010): DV 158 (Deshayes, J. *Études Péloponnésiennes* IV. 1966. Pl. XCI 1); T (032): C.186 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (045): C.197 e C. 198 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (052): C.457 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (068): C.925 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 39); T (069): C.916 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 40 D, E, F) e C.917 (Courbin,

P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (076): C.1643 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (078): C.1642 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (094): C.2423 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 50 C, D, E); T (110): C.2486 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (111): C.2482 e C.2483 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 55); T (114): C.2514 e C.2515 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (115): C.2517 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (135): C.19316 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 133 B, C, D, E, F); T (183): E 1907, E 1911, E 1913, E 1914, E 1919 e E 1920 (Kokkou-Vyridi, K. *AchEph* 1977, [iv. 54α, [iv. 54δ, [iv. 54ε, [iv. 54ζ, [iv. 54 e, [iv. 54η); T (184): E 1912 e E 1910 (Kokkou-Vyridi, K. *AchEph* 1977, [iv. 55α e [iv. 55b); T (186): E 1908 (Kokkou-Vyridi, K. *AchEph* 1977, [iv. 55γ); T (230): ânfora (*ArchDelt* 26:2 (1971), [iv. 66ε).

24 As linhas paralelas começam a dividir as bandas do vaso e geralmente são triplas: T (032): C.188 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (075): C.1523 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (077): C.1538 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (089): C.2418 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (110): C.2485 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (115): C.2516 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (230): esquifo (*ArchDelt* 26:2 (1971), [iv. 66η).

25 Taças, fíalae e esquifos com alças horizontais e pé em anel: T (031): C.856 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (089): C.2419 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (090): C.2417 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 48 B, C, D); T (092): C.2413 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (094): C.2424 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (104): C.2554 (Courbin, P. *Archives Manuscriptes*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (106): C.2457 (Courbin, P. CGA, 1966, Pl. 74); T (174): E 702 (Kanta, "Tripolis" AAA 8 (1975), Fig. 10); T (207):

Finalmente, há ainda alguns motivos ornamentais específicos do PG que indicam o início de uma variação e ocupação maior do espaço do vaso, formando combinações de motivos. Trata-se do quadriculado, encontrado, por exemplo, na píxide C.1539 do T (075),²⁶ das hachuras compostas por linhas oblíquas entrecruzadas, visualizadas nos esquifos C.855, do T (031) e do T (209)²⁷ e pela composição entre linhas oblíquas paralelas e triângulos que formam uma fileira ao redor de todo o vaso, geralmente na pança das ânforas, como por exemplo na ânfora encontrada no T (230).²⁸ O quadriculado e o conjunto de linhas oblíquas paralelas intercaladas com triângulos (Fig. 47) são motivos peculiares da cerâmica ática do mesmo período (Whitley 1991b: 99).

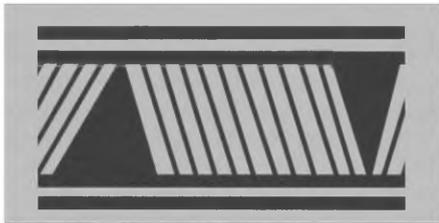


Fig. 47 – Desenho esquemático da composição barras oblíquas e triângulos típica do PG.

taça (*ArchDelt* 21:2 (1967), [iv. 128a]; T (230): esquifo (*ArchDelt* 26:2 (1971), [iv. 660]; T (237): taça (*ArchDelt* 27:2 (1972), [iv. 137a]). Esquifos com alças horizontais e pé alto: T (031): C.81 (Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (032): C.187 e C.189 (Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (042): C.279 e C.301 (Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (052): C.461 (Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (059): C.818 (Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (063): C.849 (Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (065): C.882 e C.883 (Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (069): C.918 (Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (081): C.1690 (Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (091): C.2406 (Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4); T (113): C.2492 (Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4).

26 Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4.

27 Para o esquifo C.855: Courbin, P. *Archives Manuscrites*, École Française d'Athènes, FPC 1,3; 6,4 e o esquifo do T (209): *ArchDelt* 21:2 (1967), [iv. 128b].

28 *ArchDelt* 26:2 (1971), [iv. 66c].

Durante o GA, observa-se que não há uma grande diversificação dos motivos ornamentais em relação ao PG. O verniz preto brilhante ainda cobre a maior parte do vaso, que vai apresentando um número maior de linhas paralelas horizontais dividindo o vaso em bandas.²⁹ Os motivos ornamentais mais comuns são os losangos hachurados e meandros localizados, em geral, no pescoço do vaso, principalmente em enócoas e ânforas e os ziguezagues, que aparecem na horizontal ou na vertical, em paralelo.³⁰

Somente durante o Geométrico Médio e o Recente, principalmente no GM II e no GR I, que as variedades dos motivos ornamentais geométricos alcançam um ponto máximo. Os ziguezagues paralelos aparecem tanto na horizontal, quanto na vertical, em série de três ou quatro paralelos ou, ainda, quando duplos, são hachurados.³¹ As grandes inovações do GM são a série de losangos preenchidos com um ponto no centro (Fig. 48),³² a composição entre barras verticais paralelas, geralmente quatro, intercaladas com um X ou com asteriscos que se assemelham a

29 O número de taças e esquifos monocromáticos ainda é grande durante o GA, como, por exemplo, aqueles encontrados nos T (062): C.892, C.893 e C.894 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 36); T (103): C.2450 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 50); T (111): C.2484 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 55); T (213): 2 taças e 1 esquifo com alças horizontais e pé em anel (*ArchDelt* 24:2 (1969), [iv. 86a]).

30 Os losangos e meandros hachurados e os ziguezagues horizontais paralelos podem ser visualizados nos seguintes vasos: T (020): C.51, C.52 e C.54 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 26); T (056): C.829 e C.833 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 33); T (062): C.889 e C.891 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 36); T (213): 2 enócoas (*ArchDelt* 24:2 (1969), [iv. 86a]; T (226): 2 enócoas e 1 píxide (AAA III (1970), *Etik.* 5, *Etik.* 6, p. 182 e *Etik.* 8, p. 183); T (232): ânfora (*ArchDelt* 27:2 (1972), [iv. 134y]); T (234): ânfora (*ArchDelt* 27:2 (1972), [iv. 135b]).

31 Exemplos de motivos com ziguezagues desses tipos encontram-se nos T (012): C.30 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 22); T (029): C.190 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 29); T (029): C.194 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 29).

32 Os losangos com ponto no centro foram uma fileira que, em geral contorna todo o vaso na altura das alças. Trata-se de uma série de losangos simetricamente pintados com ângulos definidos e rígidos que podem ser encontrados, por exemplo, nos seguintes vasos dos T (123): C.7380 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 75 F, G; 76 A, B); T (130): C.7723 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 108 H; 109 A, B, C); T (132): C.7972 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 123 E, F, G, H); T (159): E 189 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 159 C, D, E, F).

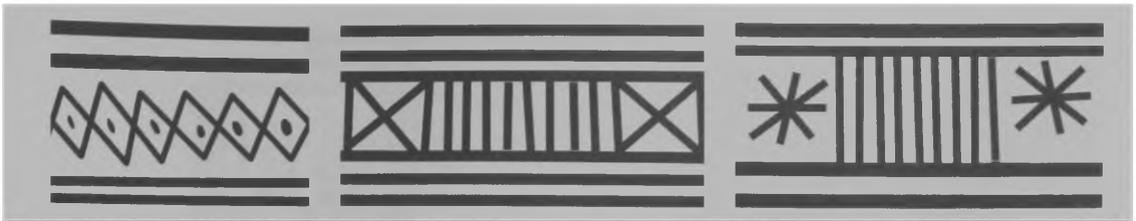


Fig. 48 – Desenho esquemático do losango típico do GM.

Fig. 49 – Desenho esquemático da composição barras e X típica do GM.

Fig. 50 – Desenho esquemático da composição barras e * típica do GM.

estrelas formando uma fileira que contorna o vaso ou localizada em uma banda específica do vaso, geralmente no pescoço ou na altura da alça (Figs. 49 e 50)³³ e a fileira de pontilhados dispostos horizontalmente, em geral, acompanhados com linhas horizontais paralelas.³⁴ Durante o GM, principalmente no início, no GM I, tais motivos ornamentais são feitos, na maioria das vezes, com pincel múltiplo e são marcados ainda por um rigor simétrico e preciso que vai sendo perdido em direção ao final da Idade do Ferro, durante o GR I e, sobretudo, o GR II.

Os vasos monocromáticos, pintados praticamente por inteiro com verniz brilhante preto, ganham uma banda central, na altura da alça, com a presença dos motivos descritos anteriormente, ou, ainda, com losangos e meandros hachurados.³⁵ Tais vasos correspondem

a taças, esquiços, píxides e crateras, principalmente, porém também são encontrados em enócoas e ânforas, onde as bandas situam-se no pescoço. Podemos verificar ainda a presença de barras oblíquas paralelas contornando o vaso, como por exemplo, T (099): C.2530 e C.2531 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 47); T (136): C.24046 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 137 A, B, C, D, E) e linhas horizontais paralelas espaçadas, fazendo com que a maior parte do vaso permaneça sem pintura,

ornamentais de losangos e meandros hachurados, geralmente entre linhas horizontais e verticais paralelas, ou associados a outros motivos, como os ziguezagues e a linha de pontilhados, podem ser observados nos T (013): C.35 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 24); T (056): C.831, C.836 e C.828 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 33 e Pl. 34); T (099): C.2434 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 47); T (109): C.2473, C.2479, C.2476, C.2477 e C.2478 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 53 e Pl. 54); T (117): C.7374 e C.7375 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 70 A, B, C); T (122): C.7353 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 73 C, D, E, F); T (123): C.7378 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 75 C, D, E); T (128): C.7760 e C.7763 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 81, B, C, D, E; 82 A, B, C, D); T (130): C.7719 e C.7730 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 111 F, G, H, I; 112 A, B, C, D, E, F, G); T (132): C.7849 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 117 E, F, G; 118 A); C.7971 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 122 H; 123 A, B, C, D); C. 7973 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 123 I; 124 A, B, C, D); T (136): C.24042 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 134 B, C, D, E; 135 A), C.24045 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 135 B, C, D, E, F), C.24043 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 136 A, B, C, D) e C.24047 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 137 F; 138 A, B, C, D); T (159): E 178 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 152 D, E; 153 A), E 182 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 155 C, D, E, F; 156 A) e E 187 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 158 C, D, E, F); T (164): ânfora (ArchDelt 18 (1963) B, [iv. 70a]); T (165): enócoa (ArchDelt 18 (1963) B, [iv. 70a]); T (167): cratera e ânfora (ArchDelt 18 (1963) B, [iv. 72γ e [iv. 72δ).

33 Alguns exemplos de vasos que apresentam o conjunto de barras oblíquas intercaladas por asteriscos característico do GM estão presentes nos T (020): C.59 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 26); T (056): C.837 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 33); T (130): C.7731 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 114 A); T (156): E 160 e E 162 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 146 D, E, F, G; 147 F, G, H, I, J); T (158): E 168, E 169, E 170 e E 171 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 149 F; 150 A, B, C, D, E, F, G, H; 151 A, B, C, D, E, F, G; 152 A, B, C).

34 A fileira de pontilhados vai continuar a ser um motivo ornamental bastante comum no GR, contudo neste subperíodo a preocupação com a simetria e a rigidez cede lugar para pontos irregulares, uns mais grossos que outros, formando uma linha mais tortuosa, mesmo quando feita com pincel múltiplo. Alguns exemplos da ornamentação constituída pela fileira de pontilhados típica do GM, associada com linhas horizontais paralelas que tomam conta da maior parte do corpo do vaso podem ser encontrados nos T (012): C.28, C.30, C.31 e C.32 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 22); T (020): C.56 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 26); T (056): C.835 e C.836 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 33).

35 Alguns exemplos de vasos cerâmicos com motivos



Fig. 51 – Píxide C.7380, T (123), Argos.



Fig. 52 – Desenho esquemático da composição de folhas típica do GM.

encontradas, por exemplo, em vasos dos T (029): C.192 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 29); T (055): C.816 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 31); T (056): C.825, C.826 e C.827 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 34). A configuração deste tipo de decoração com listras espaçadas é bastante recorrente nos vasos do GR, principalmente do GR II, quando elas vão adquirindo maior flexibilidade, sendo, muitas, vezes, sinuosas.

É ainda durante o GM II que aparecem os primeiros motivos figurados animais e humanos e vegetais, como por exemplo, uma das primeiras representações figuradas de pássaro, presente em um esquifo, o C.7722, encontrado no T (130) (Bommelaer 1980: 53-55) e de cavalo com ser humano, presente em uma píxide do T (164).³⁶ As cenas figuradas desenvolvem-se, neste momento, principalmente na altura das alças, mas a maior parte do corpo do vaso apresenta-se dividida em partes, em bandas quase totalmente preenchidas com motivos ornamentais geométricos combinados. As grandes zonas com verniz preto brilhante ocupam um espaço cada vez menor dos vasos, em geral, restritas aos pés e ao pescoço dos vasos. Um dos motivos figurados típicos do GM é a folha que, na maioria dos vasos, aparece em quatro formando uma cruz e assemelhando-se a uma flor (Figs. 51 e 52), encontrado, por exemplo,

nos T (012): C.43 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 22); T (046): C.423 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 30); T (123): C.7380 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 75 F, G; 76 A, B); T (130): C.7719 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 111 F, G, H, I).³⁷

Durante o GR, notamos que a diversidade de motivos ornamentais não apresenta um aumento significativo, mas as representações figuradas tornam-se muito diversificadas, principalmente a de animais. Logo de início, é importante ressaltar que há uma diferença marcante entre as características da pintura do GR I e do GR II. Poderíamos afirmar que a rigidez, a simetria, a estilização e a padronização atingem a excelência durante o GM II e o GR I. Conforme adentramos no GR, os espaços do vaso são utilizados praticamente em sua totalidade. O vaso é totalmente dividido em bandas, zonas que são amplamente preenchidas com os motivos geométricos, sejam ornamentais, sejam figurados. Há muito poucos exemplares que apresentam bandas pintadas apenas com o verniz preto brilhante. Todavia, as taças monocromáticas ainda são encontradas com frequência nos enterramentos do GR.³⁸ As linhas

36 *ArchDelt* 18 (1963) B, ¶iv. 70β. Outros exemplos de representações figuradas de animais mais antigos da produção cerâmica argiva podem ser encontrados nos T (012): C.33 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 22); T (056): C. 840 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 34); T (130): C.7722 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 111 J; 112 A, B).

37 Um dos únicos exemplos de folhas que aparecem em quatro, porém dispostos paralelamente, de forma independente, unitária encontra-se no vaso E.190, encontrado no T (159): Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 160 A, B, C, D, E.

38 Conforme foi analisado nas páginas anteriores, as formas das taças monocromáticas do GR são distintas em relação àquelas típicas do PG e do GA. Já durante o GM II, as taças apresentam-se menos globulares e com a borda



Fig. 53 – Fragmentos da borda da cratera C.14495, T (130), Argos.

horizontais paralelas tomam conta da maior parte do corpo do vaso e, em vários casos, são bastante espaçadas. A linha de pontilhados está constantemente presente, entretanto torna-se mais irregular.³⁹

mais definida, apresentando ângulos mais acentuados e a pança mais retilínea, como por exemplo, aquelas encontradas nos T (128): C.7758 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 84 E, F, G), C.7759 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 85 A, B, C), C.7763 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 85 D, E, F, G), C.7767 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 85 H, I, J), C.7814 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 86 F, G, H, I), C.7928 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 87 A, B), C.7930 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 87 C, D); T (130): C.7701 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 104 B, C, D, E), C.7704 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 104 F, G, H), C.7705 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 105 A, B, C), C.7706 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 105 D, E, F), C.7711 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 105 G, H, I), C.7720 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 105 J; 106 A), C.7725 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 106 B, C, D, E); T (132): C.7845 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 119 G, H), C.7847 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 119 I; 120 A, B), C.7962 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 120 C, D), C.7963 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 120 E, F), C.7964 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 120 G, H), C.7965 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 120 I; 121 A, B, C), C.7766 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 121 D, E, F).

39 Em geral, as linhas horizontais paralelas cobrindo todo o vaso estão associadas com a fileira de pontilhados irregulares, como por exemplo, nos vasos presentes nos T (012): C.12 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 22); T (082): C.1577 (Courbin, P CGA, 1966, Pl. 71); T (099): C.2440 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 48); T (108): C.2461 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 52); T (128): C.7764 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 82 E, F, G); T (129): C.7749 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 99 E, F, G); T (130): C.7702 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 103 B, C, D, E) e C.7715 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 108 B); T (132): C.7844 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 119 A, B, C); T (134): C.7925

Durante o GR I, as aves são cuidadosamente tracejadas e pintadas. A grande maioria aparece em série (uma fileira geralmente localizada na borda das crateras) e apresenta as pernas e o pescoço longos assimilando-se a cisnes (Figs. 53 e 56).⁴⁰ Algumas apresentam o as pernas e o pescoço mais curtos e o corpo mais robusto (Figs. 54 e 55). O corpo das aves pode ser totalmente preenchido pelo verniz preto (Figs. 53 e 55) ou, então, hachurado (Figs. 54 e 56).

O cavalo é uma representação animal recorrente nos vasos durante todo o GR e configura um motivo peculiar da produção cerâmica argila. Geralmente ele aparece em

(Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 126 C, D; 127 A), C.7921 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 130 B, C, D, E, F); T (137): C.24049 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 138 F, G; 139 A, B, C), C.26731 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 139 D, E, F; 140 A, B). Quando o vaso apresenta linhas horizontais paralelas mais espaçadas e irregulares não há outros motivos ornamentais ou figurados em associação, por exemplo, nos T (098): C.2433 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 46); T (108): C.2459 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 52); T (144): C.26610 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 142 A, B, C). Nestes casos notamos que há um movimento no sentido inverso do uso do espaço do vaso. No início da Idade do Ferro, a maior parte do vaso é apenas pintada com verniz preto. Conforme adentramos no período, o vaso é totalmente separado em bandas totalmente preenchidas com motivos geométricos. Já no final, privilegiam-se as zonas sem pintura, onde os motivos possam ser dispostos livremente.

40 Na maioria dos casos, as aves aparecem em esquifos e crateras: T (128): C.7769 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 84 A, B, C, D); T (129): C.7736 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 92 A, B, C, D), C.7992 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 94 A, B), C. 7747 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 98 A, B, C, D), C.7748 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 98 E, F, G; 99 A) e C.7750 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 99 H; 100 A, B); T (134): C.7922 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 129 B, C, D, E, F).



Fig. 54 – Detalhe do suporte C.7919, T (134), Argos.

Fig. 55 – Detalhe do esquivo C.7924, T (134), Argos.

Fig. 56 – Detalhe da cratera C.7923, T (134), Argos.

dupla, um de frente para o outro (Figs. 57 e 58), podendo haver uma figura humana entre eles que parece segurar algum tipo de corda como se estivesse conduzindo-os (Fig. 60). Também é constantemente representado um único cavalo sendo conduzido pela figura humana (Fig. 59).⁴¹ É comum, ainda, a associação entre cavalos e peixes e, ou, pássaros (Figs. 57, 58 e 59). Losangos e triângulos hachurados, meandros, zigzagues

e, ainda, suásticas aparecem com frequência, próximos às patas e à cabeça do cavalo (Figs. 57, 58, 59 e 60).

As primeiras cenas figuradas surgem no início do GR I, ou até mesmo no final do GM II, por volta de 750 a.C., desenvolvendo-se principalmente na altura das alças, dos ombros ou ainda na pança dos vasos. Podemos destacar dois exemplares únicos encontrados em túmulos em cista de indivíduos do sexo masculino escavados na Rua Gounari pelo SGA.⁴² O primeiro deles se trata de uma enócoa com a borda circular, cujo número de inventário corresponde a 10320 e foi encontrada nas placas de cobertura da cista, juntamente com uma adaga e uma espada em ferro e uma grande ânfora sem o fundo, provavelmente utilizada para libações e como marcador de túmulo. Ela apresenta o conjunto típico argivo

41 Exemplos do motivo com cavalos em dupla ou sozinhos são encontrados nos T (011): C.20/B, C.22/A (Courbin, P. CGA, 1966, Pl. 58) e C.26/A (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 20); T (012): C.33, C.13 e C.14 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 22 e Pl. 23); T (023): C.209 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 14 D); T (041): C.171 (Courbin, P. BCH 81 (1957), Fig. 14a, p. 332); T (098): C.2432 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 46); T (099): C.2441 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 48); T (108): C.2463 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 52); T (129): C.7743 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 95 A, B, C, D, E); T (130): C.7961 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 113 B, C, D, E), C.7729 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 113 F, G, H, I); T (134): C.7927 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 132 A, B, C, D, E, F); T (150): ânfora (*ArchDelt* 16:2 (1960), [iv. 70β]); T (153): 2 crateras (*ArchDelt* 16:2 (1960), [iv. 70γ]); T (294): cratera (*ArchDelt* 28:2 (1973), [iv. 113α]). Exemplos da composição peculiar da produção cerâmica argiva formada pela figura humana masculina conduzindo um ou uma dupla de cavalos podem ser encontrados nos T (011): C.1 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 20); T (012): C.4 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 23); T (023): C.210 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 28); T (040): C.201 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 30); T (062): C.890 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 35); T (099): C.2537 (Courbin, P. CGA, 1966, Pl. 138); T (128): C.7828 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 87 E, F, G, H; 88 A); T (132): C.7843 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 117 A, B, C, D); T (143): C.26608 (BCH 95 (1971), Fig. 4, p. 738); T (210): cratera (*ArchDelt* 23:2 (1968), [iv. 70α]); T (450): cratera (*ArchDelt* 51 (1996) [2001], B1, [iv. 37β]).

42 Os vasos são analisados iconologicamente por E. Pappi em um artigo publicado em 2006, entretanto a autora não faz referências específicas sobre os contextos funerários em que foram encontrados, indicando apenas que seriam dois túmulos de guerreiros, contendo armas em ferro e outros vasos cerâmicos, ambos encontrados na Rua Gounari e datados do GR I. Acreditamos pela descrição resumida da autora que um deles (a enócoa) faça parte do T (434) e o outro (o frasco), teria sido encontrado no T (342). Entretanto, como não é possível determinar com exatidão em quais contextos eles foram encontrados, tais vasos não foram incluídos no Catálogo e são apresentados neste capítulo, integrando a parte de análise do mobiliário funerário. Trata-se do artigo: PAPPI, E. "Argive Geometric Figured Style. The rule and the exception". In: RYSTEDT, E. and WELLS, B. (eds.) *Pictorial Pursuits: Figurative Painting on Mycenaean & Geometric Pottery. Papers from Two seminars at the Swedish Institute at Athens in 1999 & 2001. ActaInstAthenSueciae*, Series in 40, LIII. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag, 2006: 229-37.



Fig. 57 – Detalhe da cratera C.7927, T (134), Argos.



Fig. 58 – Detalhe da cratera C.7729, T (130), Argos.



Fig. 59 – Detalhe da cratera C.7843, T (132), Argos.



Fig. 60 – Detalhe da cratera C.26608, do T (143), Argos.

configurado pela dupla de cavalos e um homem no centro conduzindo-os e uma cena com navio, extremamente rara nos vasos argivos.⁴³

A outra cena se desenvolve em um frasco cujo número de inventário corresponde a 10321 e foi encontrada em uma outra cista com inúmeros vasos cerâmicos e objetos em metal.⁴⁴ A forma do frasco é semelhante ao C.2440, encontrado no T (099) pelas campanhas francesas realizadas em 1958, no Terreno Saïdin, na área do atual Museu de Argos.⁴⁵ A cena é bastante complexa e rara mesmo para os padrões argivos, incluindo uma diversidade de animais, como representações de leões, escorpiões, veados, peixes e aves, provavelmente patos e cisnes. O frasco possui dimensões bastante reduzidas, com 0,153 m de altura e 0,02 m de diâmetro da borda.

No GR II, apesar de observarmos um aumento discreto da diversidade dos motivos

ornamentais e das representações figuradas, constatamos maior flexibilidade e liberdade no traçado dos motivos, proporcionando um aspecto mais naturalístico às representações humanas e animais. Nota-se, por exemplo, que a simetria e a estilização das figuras vão sendo deixadas de lado de maneira gradual, como por exemplo, na representação das aves.⁴⁶ Neste período também encontramos representações de cenas figuradas, por exemplo, a cena de batalha entre dois homens presente na píxide C.209, encontrada no T (023) e as figuras femininas enfileiradas segurando o que parece ser um ramo de trigo nas mãos e configurando possíveis cenas de danças (Fig. 61), por exemplo, na cratera C.229, encontrada no T (041), na cratera MA 5661, presente no T (314) e na cratera C.2441,

⁴⁶ Um exemplo claro dessa transição da rigidez da estilização geométrica para uma liberdade e flexibilidade dos traços, característica da passagem do GR I para o GR II, pode ser observado nas aves representadas no esquifo C.7924, encontrado no T (134). Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 129G, H; 130 A.

⁴³ Para a enócoa 10320: Pappi 2006: Figs. 2, 3, 4 e 5, p. 233.

⁴⁴ Para o frasco 10321: Pappi 2006: Figs. 7, 8, 9, 10 e 11, p. 235.

⁴⁵ Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 48.



Fig. 61 – Detalhe da cratera MA 5661, T (314), Argos.

identificada no T (099).⁴⁷ Os pássaros continuam um motivo recorrente, porém seus traços vão se tornando cada vez mais simples e livres, dando a impressão de rascunhos. Alguns são totalmente preenchidos com verniz preto, outros apresentam linhas paralelas oblíquas ou entrecruzadas.⁴⁸ A

47 Para a pátide C.209: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 14 D, trata-se de um dos poucos exemplos de cenas de batalha da produção cerâmica argiva. As cenas com mulheres segurando ramos, todavia, constitui um motivo ornamental bem mais recorrente e, muitas vezes, são representadas de forma similar, identificando uma mesma oficina. Para a cratera C.229: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 23 E; 24 A, para a cratera MA 5661: Krystalli-Votsi, K. “Études Argiennes” BCH Suppl. 6 (1980), Figs. 1 e 2, p. 86; Figs. 3 e 4, pg. 88 e, finalmente, para a cratera C.2441: Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 48.

48 Há vários exemplares de vasos, principalmente crateras, em que o corpo das aves é totalmente preenchido com verniz, como aqueles encontrados nos T (011): C.3 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 20); T (098): C.2431 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 46); T (099): C.2535, C.2540 (Courbin, P. CGA, 1966, Pl. 57), C.2593 (Courbin, P. CGA, 1966, Pl. 117) e C.2532 (Courbin, P. CGA, 1966, Pl. 86); T (128): C.7828 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 87 E, F, G, H; 88 A); T (129): C.7751 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 99 B, 99 C, 99 D); T (132): C.7843 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 117 A, B, C, D) e C.7848 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 124 G, H; 125 A, B); T (153): 2 crateras (*ArchDelt* 16:2 (1960), [iv. 70y]); T (210): cratera (*ArchDelt* 23:2 (1968), [iv. 70a]); T (450): cratera (*ArchDelt* 51 (1996) [2001], B1, [iv. 37b]). Já exemplos de vasos que apresentam aves com o corpo preenchido com linhas oblíquas paralelas ou entrecruzadas podem ser observados nos T (023): C.209: (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 14 D); T (128): C.7829 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 88 B, C; 89 A, B, C); T (129): C.7741 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 93 A, B, C, D, E), C.7744 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*.

figura humana também se torna menos estilizada, como a enócoa 4813, encontrada no T (312).⁴⁹ O artesão começa a pintar detalhes como olhos e dedos nas figuras humanas e olhos e detalhes da crina nos cavalos.

No GR II, os motivos ornamentais geométricos começam a perder a rigidez da regularidade. Por exemplo, as linhas paralelas não são mais feitas com pincel múltiplo, mas sim à mão e se tornam irregulares, umas mais espessas e outras mais finas e tortuosas. A série de pontilhados horizontais também se apresenta irregular, da mesma forma que os losangos com ponto no centro.⁵⁰ As

Pranchas 96 A, B, C, D, E), C.7745 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 96 F, G, H, I, J), C.7752 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 97 A, B, C, D, E), C.7753 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 97 F, G, H, I, J); T (130): C.7733 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 110 A, B, C, D); T (134): C.7919 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 127 G, H; 128 A, B, C, D), C.7923 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 131 A, B, C, D, E); T (260): cratera (ASAtene 60 (1982), Euc. 9 e Euc. 10, p. 40). Há um vaso em que aparecem simultaneamente os dois tipos de aves, aquelas preenchidas totalmente com tinta preta e as hachuradas, a cratera C.7933 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 118 B, C, D), encontrada no T (132). Os pássaros hachurados feitos com menos rigidez aparecem com grande frequência em taças e associados com um motivo ornamental bastante comum datado do final do GR; o círculo com um asterisco no centro. Muitas dessas taças apresentam pintura vermelha, ao invés do recorrente verniz preto. Tais exemplares podem ser encontrados nos T (129): C.7741 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 93 A, B, C, D, E), C.7744 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 96 A, B, C, D, E), C.7745 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 96 F, G, H, I, J), C.7752 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 97 A, B, C, D, E), C.7753 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 97 F, G, H, I, J); T (130): C.7733 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 110 A, B, C, D).

49 Paléologou, H. “Études Argiennes” BCH Suppl. 6 (1980), Fig. 1, p. 76; Fig. 2, p. 77.

50 Os losangos com ou sem ponto no centro passam a ser, na verdade, feitos com linhas mais curvas, assemelhando-se à forma de um parêntese ou uma vírgula, como por exemplo, nos vasos encontrados nos T (012): C.6 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 23); T (041): C.173 (Courbin, P. CGA, 1966, Pl. 74); T (082): C.1578 e C.1576 (Courbin, P. CGA, 1966, Pl. 74 e Pl. 57); T (099): C.2541 e C.2593 (Courbin, P. CGA, 1966, Pl. 59 e Pl. 117); T (108): C.2464 e C.2466 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 52); T (128): C.7764 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 82 E, F, G), C.7756 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 86 A, B, C, D, E), C.7828 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 87 E, F, G, H; 88 A), C.7829 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas

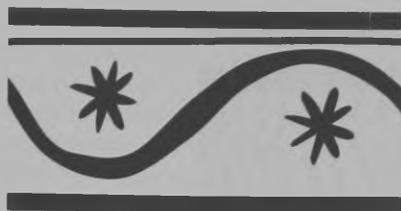


Fig. 62 – Desenho esquemático da composição linha ondulada e * típica do GR.



Fig. 63 – Desenho esquemático da linha ondulada contínua, composição típica do GR.



Fig. 64 – Detalhe da cratera C.7729, T (130), Argos.

linhas onduladas voltam a aparecer e um motivo ornamental particular do período é a composição entre a linha ondulada intercalada com asteriscos (Fig. 62), como por exemplo, nos vasos encontrados nos T (012): C.11 e C.14 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 23); T (023): C.209 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 14 D; T (130): C.7703 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 106 F, G, H, I, J). Há alguns exemplos em que a linha ondulada forma círculos concêntricos contínuos (Fig. 63) ou falsamente contínuos (Fig. 64), pois são, na verdade, pequenos círculos

concêntricos feitos, geralmente, com pincel múltiplo número 2 ou 3 e ligados por um traço ondulado, como por exemplo, nos T (012): C.33 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 22); T (130): C.7729 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 113 F, G, H, I). Às vezes, os círculos concêntricos contínuos são intercalados com asteriscos (Fig. 63), por exemplo no C.201 encontrado no T (040).⁵¹

Há, ainda, outra composição de motivos ornamentais bastante recorrente e típica do GR II que aparece principalmente em taças e esquifos com alças horizontais e pé em anel, situada na altura das alças. Trata-se uma série de barras verticais paralelas levemente onduladas encerradas geralmente por linhas horizontais (Fig. 65).⁵²

88 B, C; 89 A, B, C); T (129): C.7738 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 92 G, H), C.7740 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 92 I, J), C.7743 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 95 A, B, C, D, E) e C.7751 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 99 B, C, D); T (130): C.7723 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 108 H; 109 A, B, C); T (132): C.7972 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 123 E, F, G, H), C.7848 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 124 G, H; 125 A, B); T (134): C.7926 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 127 B, C, D, E, F), C.7923 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 131 A, B, C, D, E); C.7927 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 132 A, B, C, D, E, F); T (143): C.26608 (BCH 95 (1971), Fig. 4, p. 738); T (210): cratera (*ArchDelt* 23:2 (1968), [iv. 70α); T (450): cratera (*ArchDelt* 51 (1996) [2001], B1, [iv. 37β).

51 Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 30.

52 Exemplos de tal composição são encontrados nos T (014): C.64 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 24); T (020): C.60 e C.57 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 26); T (053): C.652 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 30); T (108): C.2465 (Courbin, P. TGA, 1974, Pl. 52); T (128): C.7755 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 80 C, D); T (130): C.7707 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 107 A, B, C, D, E), C.7709 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 107 H, I, J; 108 A), C.7721 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 108 D, E, F, G) e C.7724 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 109 D, E).

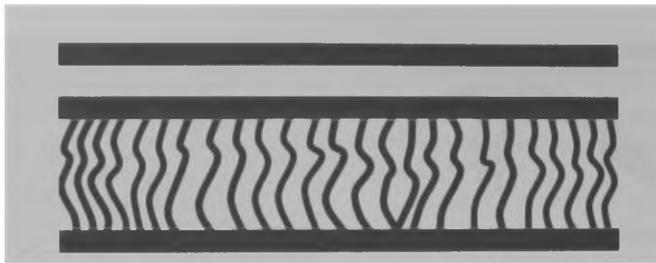


Fig. 65 – Desenho esquemático das barras verticais onduladas, composição típica do GR.

Finalmente, deve-se chamar a atenção para uma última composição de motivos ornamentais geométricos que aparece exclusivamente nos anforiscos de pequenas dimensões durante o GR II. O corpo do anforisco é totalmente preenchido com linhas horizontais paralelas e no pescoço há, em geral, uma seta com pontas duplas (\blacklozenge), ou apenas uma ponta (\blacktriangle), ou, ainda, pode aparecer um X, como nos exemplares encontrados nos T (099): C.2443 (Courbin, P TGA, 1974, Pl. 48); T (128): C.7757 e C.7761 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 80 E, F, G, H, I); T (158): E 167 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 149 B, C, D, E).

Conforme nos aproximamos do final do GR II, os motivos figurados humanos e animais estilizados e padronizados vão desaparecendo, dando lugar para motivos mais abstratos e livres que começam a quebrar com a separação rígida dos espaços do vaso. A última década do século VIII e a primeira da VII a.C. configuram um cenário bastante típico de transição, marcado pela associação entre motivos geométricos, porém já bastante irregulares e motivos singulares. Um motivo ornamental recorrente desse período é caracterizado por um círculo contornado por pontos, assemelhando-se a uma flor, por exemplo, na cratera C.26611, encontrada no T (145).⁵³ Outro motivo característico é composto por um círculo preenchido com uma cruz ou com um asterisco no centro, como por exemplo, na ânfora C.7742, encontrada no T (129).⁵⁴ Ainda podemos destacar os ziguezagues que em paralelos assemelham-se mais a ondulações irregulares, como os

presentes na cratera C.169, pertencente ao T (035), na ânfora C.847, encontrada no T (054), na cratera C.915, encontrada no T (070), na cratera C.2428, presente no T (097), na cratera C.2509, do T (112) e na cratera do T (149).⁵⁵ Tais motivos ornamentais compõem um quadro denominado de Subgeométrico ou de Proto-Argivo, e corresponde a uma fase intermediária existente em Argos entre o Geométrico e o Orientalizante. Entretanto a questão de delimitação cronológica entre o GR II e o Subgeométrico não constitui um ponto consensual entre os pesquisadores. P Courbin acredita que por volta de 700, os vasos já podem ser considerados como Subgeométrico (Courbin 1966: 206-08, 259-60). J. N. Coldstream defende que o Subgeométrico argivo se inicia apenas por volta de 690 a.C. (Coldstream 1968: 146-47). J.-F. Bommelaer (1980) prefere a denominação Proto-Argivo para identificar tal momento e concorda com Courbin, recuando a data da transição para o início do século VII a.C.

Dessa forma, os vasos mencionados acima, datados do final do século VIII ou início do VII a.C., foram incluídos no catálogo, pois as formas e os elementos fundamentais da decoração geométrica ainda estão presentes de maneira marcante. A maioria desses vasos são crateras e ânforas funerárias, semelhantes, no que diz respeito à forma, àquelas típicas do GR II e ainda apresentando motivos ornamentais típicos desse subperíodo. Tais similitudes se tornam mais evidentes na medida

53 BCH 96 (1972), Fig. 4, p. 231.

54 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 94 E, F, G.

55 Para a cratera C.169: Courbin, P TGA, 1974, Pl. 30; a ânfora C.847: Courbin, P TGA, 1974, Pl. 31; as crateras C.915: Courbin, P TGA, 1974, Pl. 40; C.2428: Courbin, P TGA, 1974, Pl. 45; C.2509: Courbin, P TGA, 1974, Pl. 55 e aquela presente no T (149): BCH 85 (1961), Fig. 4, p. 676.

em que os comparamos, por exemplo, com os pitos funerários que, durante o GR II, são tipicamente ovoide ou piriformes e, já no século VII, são cilíndricos. A ruptura neste caso é marcada não por uma transição, mas por uma distinção clara e precisa.

4.2) Características dos artefatos em metal.

Quando passamos para a análise dos artefatos confeccionados em metal, Argos também pode ser caracterizada como um grande centro de produção local com suas oficinas específicas durante a Idade do Ferro (Kilian-Dirlmeier 1984). Com exceção dos sepultamentos, os objetos em metal também são frequentemente encontrados nos santuários, principalmente no Heraion Argivo e, neste caso, a maioria é datada da segunda metade do século VIII a.C., momento em que os grandes santuários começam a se difundir por toda a Grécia. Notam-se algumas diferenças em relação à produção de metais para os contextos funerários e para os contextos sagrados dos santuários como, por exemplo, nas dimensões dos artefatos. Como nosso foco de estudo é o contexto funerário, procuraremos detalhar a produção presente nos sepultamentos.

A maioria dos artefatos produzidos em metal que se encontra nos túmulos da Idade do Ferro é caracterizada por alfinetes e anéis. Em menor número são identificadas fíbulas, armas e armamentos em geral, como adagas e facas, espadas, lanças e pontas de lanças, escudos, elmos e pontas de flecha, joias, como brincos, braceletes e tornozeleiras e, mais raramente, vasos. A maior parte dos alfinetes e dos anéis é feita em bronze e ferro, entretanto, há vários exemplares de anéis feitos em ouro, principalmente os que possuem formato de espiral. As fíbulas são recorrentemente fabricadas com bronze, da mesma forma que parte dos armamentos, como escudos e elmos. Já as espadas, adagas, facas, lanças e derivados, em geral, são feitos de ferro e, algumas vezes, apresentam o punhal em marfim ou madeira. Para os vasos, a matéria-prima mais comum é o bronze e a forma mais comum é a fíala, mas também há algumas tigelas.

Os alfinetes encontram-se situados, na maioria dos enterramentos, nos ombros do morto, sugerindo uma função intimamente relacionada ao conjunto de apetrechos de

vestuário, podendo ter sido utilizado para atar as vestimentas com as quais o morto teria sido enterrado, a mortalha. Alguns autores, como P. Courbin (1974), indicam que esta vestimenta trata-se do *péplos* dórico e os alfinetes são usados como um assessorio típico argivo. Além disso, há certas linhas interpretativas que relacionam os alfinetes diretamente como artefatos que compõem o universo de artefatos tipicamente femininos e, portanto, poderiam servir como um elemento identificador de um enterramento feminino, quando a análise osteológica é impossibilitada ou ausente. Todavia, nos cabe ressaltar que tal visão não é sustentada arqueologicamente, pois há vários exemplos de enterramentos masculinos em que foram encontrados alfinetes, principalmente em Argos, como por exemplo, o T (098), no Terreno Bonoris, datado do GR II.

Os alfinetes aparecem desde o início da Idade do Ferro, contudo apresentam algumas mudanças nos aspectos formais em direção ao final do período, particularmente do Geométrico Médio II ao Geométrico Recente II. Nos períodos iniciais da Idade do Ferro, são confeccionados em ferro e bronze associados, quer dizer, com o corpo longo em ferro e a cabeça em bronze.⁵⁶ No final da Idade do Ferro, os alfinetes tornam-se mais longos. Entretanto, é importante observar que os grandes alfinetes do Geométrico Recente II encontram um maior número de exemplares nos santuários e não nos túmulos, podendo assumir funções distintas em relação àquelas exercidas nos últimos. Nos santuários os alfinetes podem ter apenas uma função simbólica do assessorio para as vestimentas ou, ainda, conforme sugere A. Foley, como parte do ritual executado em homenagem ao deus cultuado, particularmente no momento do sacrifício, podem ter servido como uma espécie de espeto, contendo os pedaços da carne servida para os participantes (Foley 1988: 83).

⁵⁶ Os alfinetes são constituídos basicamente por duas partes: o corpo e a cabeça. Uma das extremidades do alfinete é a ponta aguda, a outra, portanto, é a cabeça, que geralmente possui formas variadas de terminações, como esferas e discos, ou, ainda, formato de folha com decoração. É a cabeça do alfinete que fica à vista na vestimenta. Para detalhes da constituição do alfinete, vide Kilian-Dirlmeier (1984: 13, Abb. 1).

A obra de I. Kilian-Dirlmeier (1984) constitui um dos estudos mais recentes, sistemáticos e detalhados dos alfinetes desde o Heládico Antigo até o Período Arcaico, apresentando uma classificação minuciosa dos tipos de alfinetes no mundo grego e incluindo inúmeras figuras. As classificações de Kilian-Dirlmeier baseiam-se, na verdade, em um estudo mais antigo realizado por P. Jacobsthal ainda na década de 1950 do século XX e, ambos, servem de referências para o sistema de classificação dos alfinetes em bronze e ferro durante o período selecionado para estudo na presente tese (Jacobsthal 1956). Portanto, tanto as classificações de Kilian-Dirlmeier, quanto aquelas de Jacobsthal serão frequentemente utilizadas na análise dos alfinetes da Argólida, mencionando as pranchas cuidadosamente elaboradas por ambos os autores. Cabe ao leitor buscar as referências para visualizar as especificações e as inúmeras variações dos alfinetes. Exemplos de tais classificações a partir do material estudado; vale dizer, dos alfinetes encontrados nos enterramentos catalogados serão indicados, a fim de facilitar a leitura e a visualização do tipo mencionado e exemplificar os sistemas classificatórios de ambos os autores.

Na região da Argólida como um todo, durante o SM, os alfinetes são geralmente chatos e com algum tipo de decoração.⁵⁷ Já no final do SM e durante todo o PG, aparecem uma grande esfera e um disco na extremidade e o disco constitui literalmente a terminação do alfinete, cujo restante do corpo pode se caracterizar por um alfinete mais longo e fino ou com um corpo mais grosso e curto e variam entre 20 e 30 cm de comprimento. São alfinetes simples e, geralmente, com o globo e o disco feito em bronze, enquanto o corpo é confeccionado em ferro.⁵⁸ Tais alfinetes

57 Exemplos desse tipo de alfinete do SM: Campanhas francesas: T (005): DB 1, DB 2, DB 3; T (007): DB 2; T (010): DB 23.

58 Jacobsthal indica que a simplicidade dos alfinetes do SM e do PG é uma característica que os distingue dos alfinetes do Período Geométrico, indicando mesmo um aspecto mais utilitário dos alfinetes durante o SM e o PG, enquanto posteriormente eles são mais rebuscados, com decoração abundante e detalhes de confecção que proporcionam mais um caráter estético e simbólico do que funcional (Jacobsthal 1956: 1-5). Alfinetes com essas características, datados já do final do SM e do PG, podem ser visualizados nas seguintes pranchas: Campanhas gregas: T (172): E 692 e E 693; T (183): E1956; T (184): E 1966 e E 1967; T (186): E 1970 e E 1971.

do SM e do PG estão classificados e podem ser visualizados em todas as suas pormenorizadas variações nas Pranchas 6 a 12 de Kilian-Dirlmeier.

O Período Geométrico traz inovações desde o GA I até GR II e os tipos mais comuns de alfinetes para esse período como um todo são aqueles classificados por Kilian-Dirlmeier como do Tipo I A ao Tipo I D, equivalente ao Grupo Geométrico 1 e 2 no sistema classificatório de Jacobsthal. O Tipo I (ou o Grupo Geométrico 1), no geral, possui extremidades bem elaboradas com a presença de uma cabeça, que pode ter tanto o formato de uma esfera, quanto um formato mais quadrado ou de um disco chato, seguido de um pino com uma ou várias pequenas esferas que finalizam a extremidade do alfinete. Apresentam decoração em ziguezague, na maioria das vezes. O Tipo I A ao Tipo I D estão exemplificados visualmente nas Pranchas 13 a 27 de Kilian-Dirlmeier. Os Tipos I A e I B são mais característicos do GA, enquanto os Tipos I C e I D aparecem mais nos enterramentos do GM e do GR, entretanto todos os alfinetes do Tipo I de Kilian-Dirlmeier podem aparecer nos contextos funerários do Período Geométrico como um todo em Argos.⁵⁹

Algumas mudanças podem ser notadas a partir do GM II; a cabeça possui um formato bicônico e a extremidade contém um pequeno quadrado e um globo separados por uma pequena distância. Além disso, ainda no GM II e durante o GR I e II, os alfinetes apresentam motivos decorativos mais variados antes e depois da cabeça em formato globular e são um pouco mais longos, variando entre 25 e 40 cm de comprimento.

Em um número bem menor, há alfinetes dos Tipos XIX e XX de Kilian-Dirlmeier encontrados, principalmente, em Argos. A extremidade deste tipo de alfinete é formada por um (ou alguns) pequeno(s) globos e um cone, porém não há disco e podem ser visualizados nas Pranchas 62 a 64 de Kilian-Dirlmeier.⁶⁰ Estes dois tipos de

59 Alfinetes datados do GA e do início do GM: Campanhas francesas: T (034): B. 36; T (056): B. 95, B. 96 e F. 62. Exemplos de alfinetes do GM: Campanhas francesas: T (012): B. 5, B. 6 e F. 32; T (109): F. 54 e F. 55; Campanhas gregas: T (157): alfinete em bronze e ferro. Finalmente, exemplos de alfinetes do final do GM e do GR: Campanhas gregas: T (165): alfinete em bronze.

60 Há apenas uma foto desses tipos de alfinetes no catálogo que se encontra, aliás, bastante fragmentado:

alfinetes são identificados com mais recorrência em contextos funerários do PG, mas também durante todo o Período Geométrico. Há, ainda, os alfinetes em forma de T, segundo a denominação de Jacobsthal, identificados ao Tipo XVIII de Kilian-Dirlmeier, que, em geral, datam do final da Idade do Ferro, do GM e do GR, apresentam decoração e podem ser observados nas Pranchas 61 e 62 de Kilian-Dirlmeier.⁶¹ Finalmente, outro tipo de alfinete bastante comum nos contextos funerários de Argos é constituído por um par de alfinetes cruzados, formando um X e atados por um anel fino e largo. Em geral, estes alfinetes são bastante compridos, variando entre 30 e 40 cm e são datados do GM e do GR. Tais alfinetes não foram classificados nem por Kilian-Dirlmeier e nem por Jacobsthal.⁶²

Os alfinetes classificados pelos Tipos XIX e XX de Kilian-Dirlmeier, aqueles em forma de T e os duplos ligados por um anel são formas mais frequentemente identificadas em Argos, sendo encontradas em um número bem pequeno nos contextos funerários das demais regiões durante a Idade do Ferro. Essas peculiaridades argivas nas características dos alfinetes fazem com que Kilian-Dirlmeier identifique uma produção local argiva própria para a confecção dos alfinetes em bronze e em ferro que, provavelmente, teria alcançado os demais sítios da Argólida.

Para finalizar a análise dos alfinetes nos contextos funerários de Argos, é necessário que mencionemos ainda um outro tipo de alfinete que aparece em direção ao final do Período Geométrico é o Tipo "Mehrkopfnadeln" de Kilian-Dirlmeier, ou seja, com a presença de várias cabeças, podendo ser observados nas Pranchas 65 a 83. Trata-se de um alfinete bem fino e comprido com um disco mais largo e com várias pequenas

esferas na extremidade. Entretanto, esse tipo de alfinete aparece em apenas um enterramento em Argos e um em Micenas e se trata de um alfinete comumente encontrado em santuários, inclusive no Heraion Argivo, mas, principalmente em Esparta e em Olímpia.⁶³ No início do século VII a.C., os alfinetes encontrados nos enterramentos tornam-se mais curtos e correspondem ao Grupo 3 de Jacobsthal (1956: 12).

Os anéis aparecem com tanta frequência quanto os alfinetes nos enterramentos e são fabricados em bronze, ferro e, às vezes, em ouro. Há vários tipos de anéis, porém os mais recorrentes são os sólidos simples e os em espiral. Os sólidos simples podem ser estreitos e grossos, formando uma leve curvatura na parte externa, semelhantes às alianças atuais ou totalmente chatos e mais largos, formando bandas e são, em geral, confeccionados em bronze e ferro.⁶⁴ Os anéis em espiral são, na maioria dos casos, fabricados em ouro.⁶⁵ Não há um estudo classificatório sistemático dos anéis, porém N. Verdélis, estudando os anéis presentes nos sepultamentos em Tirinto, indica que os tipos mais comuns encontrados no Período Geométrico correspondem aos Tipos B, D e E em sua classificação (Verdelis 1963: 7). Estes tipos correspondem aos anéis mais grossos e estreitos e um outro tipo recorrente nos túmulos datados do final da Idade do Ferro é o Tipo H de Verdélis, mais chato e largo. Durante o GR, é possível identificar a utilização de motivos geométricos na decoração dos anéis.

P. Courbin (1966) argumenta que os anéis teriam sido, de fato, um objeto utilizado pelo

Campanhas francesas: T (056): B. 88. Os demais exemplos não foram devidamente publicados e, dessa forma, podem ser observados a partir de desenhos esquemáticos nas Pranchas 62 a 64 da obra de Kilian-Dirlmeier. Contudo, informações sobre tais alfinetes constam no catálogo; são eles: Campanhas francesas: T (129): F. 115 e F. 116; Campanhas gregas: T (155): alfinete em ferro sem numeração.

⁶¹ Exemplos de alfinetes em T datados do GM e do GR: Campanhas francesas: T (012): F. 7 e F. 7bis; T (099): B. 137 e F. 53.

⁶² Exemplos de alfinetes duplos em X atados por um anel largo e fino, datados do GR: Campanhas francesas: T (098): B. 144-146; T (099): B. 147-149.

⁶³ Os únicos exemplos de alfinetes desse tipo em Argos são: Campanhas francesas: T (062): B. 51 e B. 52.

⁶⁴ Os exemplos de anéis sólidos mais estreitos e grossos são: Campanhas francesas: T (041): B. 41; T (056): B. 89-94 e F. 63; T (062): B. 50, B. 53; T (099): B. 126-128 e F. 56; T (109): B. 150-152; Campanhas gregas: T (147): anéis; T (155): anéis; T (183): E 1958, E 1959 e E 1961; T (184): E 1966 e E 1967; T (186): E. 1969. Há um único enterramento que apresenta um tipo de anel mais incomum em Argos que é bem fino e com apliques, datado do GR: Campanhas francesas: T (041): O. 2, O. 3, O. 4. Já os anéis sólidos mais largos e chatos são: Campanhas francesas: T (009): DB12; T (012): B. 21bis e B. 19; T (022): B. 24; T (034): B. 33-35; Campanhas gregas: T (232): anel.

⁶⁵ Os exemplos de anéis em espiral são: Campanhas francesas: T (034): B. 31, B. 32, O. 5, O. 6; T (062): O. 8, O. 9; Campanhas gregas: T (155): anéis; T (173): E 697; T (232): anel.

morto e depositado em seu túmulo. Dessa maneira, explicar-se-ia o fato dos anéis serem encontrados, na grande maioria dos casos, nos dedos dos mortos. Além disso, entenderíamos também a variação no tamanho dos anéis, cuja espessura seria adequada àquela dos dedos dos mortos. Dessa forma, para Courbin e A. Foley (1988), os anéis são confeccionados de forma individualizada para adultos (homens e mulheres) e para as crianças e são classificados como objetos utilitários, como parte dos pertences pessoais do morto e não funerários. Entretanto, cabe-nos lembrar que há enterramentos infantis que contêm anéis com diâmetro muito grande para ter sido utilizado pela criança em vida e, dessa forma, podem assumir uma função puramente simbólica nesses contextos como um símbolo de status familiar / social e não como um objeto utilitário, de uso pessoal do morto.⁶⁶

Quando passamos para o exame das fíbulas, percebemos que elas aparecem em um número bem menor nos enterramentos em relação aos alfinetes, e no entanto estão frequentemente presentes nos santuários. Na área da Argólida, durante a Idade do Ferro, as fíbulas são confeccionadas em ferro e em bronze e aparecem desde o SM. Durante o GM e o GR elas sofrem algumas modificações similares àquelas ocorridas nos alfinetes, suas dimensões aumentam e passam a apresentar decoração. O maior número de exemplares das fíbulas presentes em contextos funerários da Argólida foi encontrado em Argos. Da mesma forma que os alfinetes, há um estudo bastante antigo mais sistemático sobre as fíbulas, porém que possibilita comparações e classificações de acordo com os tipos; trata-se da obra de C. Blinkenberg (1926). A maioria das fíbulas encontradas em Argos durante a Idade do Ferro corresponde a denominada Classe VIII ou também chamadas de fíbulas do Tipo Beócio por Blinkenberg (1926: 147-85).⁶⁷

O fato das fíbulas aparecerem em menor quantidade nos contextos funerários, apesar de serem um acessório importante de vestuário, pode indicar que, provavelmente, elas possuísem um

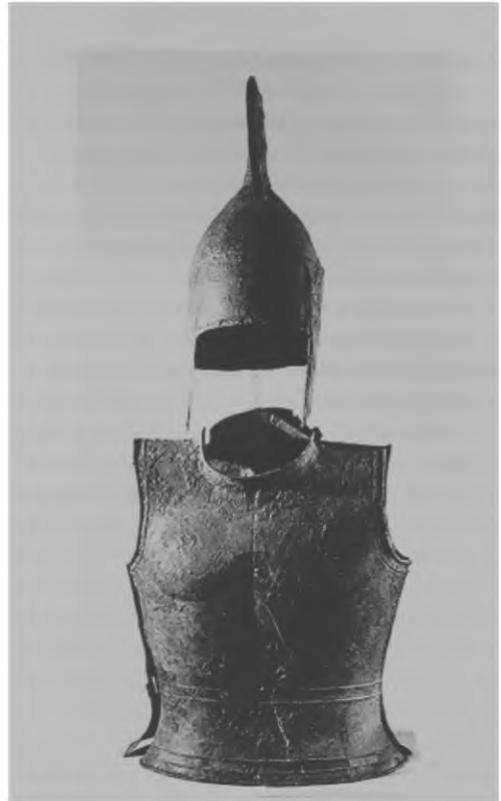


Fig. 66 – Armadura “hoplítica” do T (041), Argos.

grande valor e, dessa forma, podem denotar símbolo de um status maior do que aquele representado pelos alfinetes. Está claro que a presença de itens em metal nos enterramentos, em geral, já nos remete a um valor simbólico de prestígio social. Contudo, entre os próprios artefatos de metal pode ter havido uma certa hierarquia no seu significado simbólico de status familiar / social.

Finalmente, uma última categoria de artefatos em metal que aparece com certa recorrência nos enterramentos da Idade do Ferro corresponde aos objetos classificados como armamentos. Entre eles, os mais significativos são os elmos, as espadas e os punhais, os peitorais e as lanças. É interessante notar que a maioria desses armamentos aparece com mais frequência nos contextos funerários do GR e o exemplo mais famoso é a armadura “hoplítica” do T (041), descoberta por Courbin na década de 50, no Odéon, na área Sudoeste da cidade. O elmo presente na sepultura é classificado como do Tipo “Kegelhem”, quer dizer, o elmo em forma de cone. Este tipo de elmo pode apresentar uma crista alta e proteção mandibular e é datado da segunda

66 Por exemplo, anéis encontrados nos enterramentos: Campanhas francesas: T (069): anéis em ferro, F 46, com quase 2,0 cm de diâmetro e Campanhas gregas: T (147): anel, este com mais de 5,0 cm de diâmetro.

67 São exemplos desse tipo de fíbula: Campanhas gregas: T (165): fíbulas em bronze.

metade do século VIII, sendo encontrado também em Olímpia em grande número e em Délos. Outro exemplar idêntico ao do T (041) foi encontrado no Terreno Stavropoulos por Protonotariou-Deilaki durante as campanhas gregas de 1970, no T (231), e a pesquisadora acredita que se trata da mesma oficina argiva de confecção de metais.

Outro tipo de elmo também identificado em Argos do final da Idade do Ferro bastante diferente em relação ao Tipo “Kegelhem” é aquele encontrado no Terreno Theodoropoulos, na Rua Perseos, no. 41, também por Protonotariou-Deilaki, durante as campanhas do SGA em 1971-1972, no T (260). Trata-se de um elmo mais arredondado sem protetores de mandíbulas, com a face aberta e sem crista, porém com decoração, neste caso, com dois olhos. Elmos deste tipo, contudo sem decoração, são encontrados em miniatura em grande número em três sítios em Creta (Festo, Palaikastro e Gortyn), datados da primeira metade do século VII a.C. (Protonotariou-Deilaki 1982). Deilaki indica que a presença deste tipo de elmo nos contextos funerários argivos pode significar relações comerciais entre a Argólida e Creta e acredita que este seja um dos primeiros tipos de elmos confeccionados e utilizados na Argólida, ainda no início do GR I. Seguindo uma sequência cronológica, o elmo utilizado em Argos corresponderia àquele encontrado no T (231) do Terreno Theodoropoulos e, finalmente, com o acréscimo da crista, teria sido o tipo característico do elmo encontrado no T (041), utilizado no final do GR II.

As espadas, punhais e pontas de lanças em geral fornecem classificações importantes no que diz respeito à datação, às oficinas de fabricação dos instrumentos em metal e ao processo de difusão do uso do ferro durante a Idade do Ferro. A. M. Snodgrass (1971) indica que a forma e principalmente as dimensões dos artefatos em ferro variam de acordo com os subperíodos da Idade do Ferro. Os primeiros exemplares de pontas de lança, espadas e punhais em ferro são datados do Protogeométrico na Ática (Snodgrass 1971: 222). As pontas de lanças tendem a se tornarem menores, enquanto as espadas apresentam um aumento no comprimento da lâmina em direção ao final do Período Geométrico. Para a Argólida, o autor ressalta que esses tipos de artefatos em ferro no Protogeométrico tendem a imitar os modelos em bronze do Submicênico e do Heládico Recente, porém originariamente derivam de padrões orientais. No GR, os instrumentos de

batalha defensivos são confeccionados em bronze, como os elmos e peitorais, enquanto aqueles ofensivos, as espadas, punhais e pontas de lança, são fabricados em ferro (*Ibid.* 1971: 271-73).

Ao contrário dos instrumentos defensivos, as espadas, os punhais e as pontas de lança aparecem com mais frequência nos enterramentos argivos datados principalmente do GR. Verifica-se que nestes mesmos contextos funerários em Argos, há uma grande quantidade de *obelói* em ferro. Parece estar claro que há uma camada guerreira em Argos durante o GR, cujos integrantes são enterrados em cistas e, em muitos casos, reutilizadas.

A análise dos metais, apesar de aparecerem em um número bem menor em relação aos vasos cerâmicos e, ainda, devido a fatores físico-químicos apresentarem um grau maior de deterioração, dificultando, muitas vezes, o levantamento de interpretações mais seguras, indica que, assim como a produção cerâmica, a Argólida e, principalmente Argos, se destaca como um centro de produção local, com pouca importação de artefatos, podendo até mesmo falar em uma oficina local argiva própria também para a confecção dos objetos em metais, fundamentalmente, dos alfinetes, dos armamentos e, provavelmente, dos anéis. Esta visão é sustentada pelos estudos e classificações mais recentes dos artefatos em metais como a obra de Kilian-Dirlmeier, argumentado que alguns tipos de alfinetes são típicos e exclusivos da Argólida. Neste sentido, a fíbula seria um elemento intruso e, portanto, importado e, por esta característica, denotaria, assim, um status social / familiar mais elevado no conjunto dos artefatos que formam o mobiliário funerário dos enterramentos da Idade do Ferro na Argólida.

Não constitui nosso objetivo tratar de questões que nos remetam a função dos objetos enquanto funerários ou utilitários, conforme já mencionamos anteriormente. Gostaríamos de observar apenas que, sejam objetos confeccionados exclusivamente para serem enterrados com o morto ou sejam objetos pessoais de posse e uso do morto em vida, os artefatos em metal também denotam prestígio social, principalmente se pensarmos que eles podem ter sido um bem familiar passado de geração. O objeto importado, conforme já observamos, também pode denotar tal prestígio social / familiar, pois indica que tal grupo era detentor de recursos para comprar tais artefatos e depositá-los com seus membros.

4.3) O mobiliário e as relações com idade e tipo de sepultura.

A análise dos vasos cerâmicos e dos objetos em metal depositados nos contextos funerários argivos, realizada no Museu de Argos durante a elaboração do Catálogo, proporcionou a classificação do material em cinco categorias que, conforme já explicitamos no Capítulo 2, levam em consideração aspectos quantitativos e qualitativos dos artefatos. Tais categorias isoladamente não suscitam questões relativas às práticas mortuárias e, desta maneira, é essencial que sejam relacionadas com os atributos idade e tipo de sepultura, distribuindo e examinando os enterramentos nos diferentes subperíodos da Idade do Ferro.

Deste modo, investigando de forma mais detalhada o conteúdo dos enterramentos escavados pelas campanhas da EfA e

relacionando-o inicialmente com os atributos idade, verificamos para apenas um túmulo o conteúdo não é informado nas crônicas e relatórios de escavações das campanhas francesas em Argos, o T (074), uma sepultura de um adulto em cista datada do PG. Há, ainda, um enterramento para o qual o atributo idade não foi identificado e não havia nenhuma oferenda no interior da sepultura, trata-se do T (044), um túmulo em pito, datado apenas como “Geométrico” Para as demais sepulturas, somando 171 enterramentos de adultos e crianças, portanto, é possível classificação nas cinco categorias definidas de análise do mobiliário funerário, distribuindo os enterramentos pelos subperíodos da Idade do Ferro e configurando as tabelas que seguem:

TABELA 21

Enterramentos infantis (campanhas do EfA) divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.										
Período/ Mobiliário	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Sem oferendas		1	2	1	1			7	5	17
Vasos (1 a 4)	1		4	2	1	1		2	1	12
Metais (1 a 4)										0
Vasos + Metais (entre 1 a 4 cada tipo)	1		4			2		2		9
Variados			1	1		1	1		1	5
	2	1	11	4	2	4	1	11	7	43

TABELA 22

Enterramentos de adultos (campanhas da EfA) divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.										
Período/ Mobiliário	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Sem oferendas		1	1	1		3		9	11	26
Vasos (1 a 4)	5		6	1	5	4		8		29
Metais (1 a 4)			1	1				3	1	6
Vasos + Metais (entre 1 a 4 cada tipo)	2		8	1	2			4		17
Variados			2		6	13		29		50
	7	1	18	4	13	20		53	12	128

A análise do mobiliário funerário dos enterramentos investigados pelo SGA mostra que para 321 do total de 347 sepultamentos infantis e de adultos é possível um detalhamento dos objetos, classificando-os nas cinco categorias propostas. Nota-se que há uma grande quantidade de túmulos para os quais o atributo idade e, ou, o conteúdo não é informado nas crônicas do *ArchDelt*. Estes túmulos são excluídos da análise do mobiliário funerário. Em alguns casos, os autores, apesar de não precisar a quantidade ou detalhar o tipo das oferendas, fornecem algumas informações que nos permitem classificá-las de acordo com as categorias estabelecidas para a análise. Por exemplo, para os túmulos T (371), T (372), T (373), T (374) e T (375), encontrados na Rua Tripoleos, encontrados nas campanhas do SGA realizadas em 1992, Anna Banaka-Dimaki explica que foram encontradas poucas oferendas no interior dos túmulos, associadas aos restos ósseos e que tais objetos não correspondem apenas a vasos cerâmicos. Desse modo, poderíamos incluir tais enterramentos no item Vasos + Metais, com exemplares entre 1 e 4 de cada tipo em cada um dos enterramentos. Nesta mesma classificação também entrariam os T (151), T (152), T (153), T (154), T (291), T (432), T (450), T (824), T (825) e o T (826) para os quais

os autores indicam que havia alguns artefatos em bronze e em ferro, como alguns alfinetes e anéis e 2, 3 ou 4 vasos cerâmicos, dependendo do túmulo.

Para outros cinco túmulos os pesquisadores indicam que foram encontrados somente artefatos em metal em pequeno número, o T (393), T (394), T (818), T (819) e o T (820) sendo classificados na categoria Metais, entre 1 e 4 objetos. Há túmulos sobre os quais nos é informado que havia apenas vasos cerâmicos e em pequena quantidade (os T (264), T (338), T (339), T (340), T (345), T (391) e o T (392)), fato que nos leva a caracterizá-los na categoria Vasos, entre 1 e 4. Finalmente, há, ainda, 7 sepulturas para as quais os autores informam que foram encontradas várias oferendas em metal e vários vasos cerâmicos cuidadosamente decorados (o T (149), T (216), T (217), T (221), T (222), T (447) e o T (456)) que são incluídas na categoria dos túmulos variados, apresentando um grande número, uma grande variedade e alta qualidade dos artefatos.

A partir de tais considerações, inicialmente podemos distribuir os enterramentos infantis e de adultos escavados pelo SGA segundo a classificação do mobiliário funerário nos subperíodos da Idade do Ferro, obtendo as seguintes tabelas:

TABELA 23

Enterramentos infantis (campanhas do SGA) divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.

Período/ Mobiliário	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Sem oferendas		1	3	2	1	1		7	6	21
Vasos (1 a 4)		4	2		4	1		2	2	15
Metais (1 a 4)			1						1	2
Vasos + Metais (entre 1 a 4 cada tipo)			1		1			2	3	7
Variados			2					1	6	9
		5	9	2	6	2		12	18	54

TABELA 24

Enterramentos de adultos (campanhas do SGA) divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.										
Período/ Mobiliário	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Sem oferendas		1	4	8				6	41	60
Vasos (1 a 4)	2		16	5	4	4		11	23	65
Metais (1 a 4)		3	1		1	1		2	8	16
Vasos + Metais (entre 1 a 4 cada tipo)	2	1	20	1	3	7		9	11	54
Variados	1		6	2	12	11	2	18	20	72
	5	5	47	16	20	23	2	46	103	267

Da mesma forma que para o estudo das demais dimensões das práticas mortuárias, elucidamos as tabelas isoladamente a fim de verificar as tendências e os padrões apresentados pelos contextos investigados pela EfA, de um lado, e, de outro, pelo SGA. Todavia, o exame do conjunto proporciona reflexões mais

precisas e completas, uma vez que se tratam de contextos funerários do mesmo sítio. Quando reunimos os dados das campanhas gregas e francesas, observamos que as tabelas elaboradas separadamente apresentam informações bastante semelhantes e, conseqüentemente, alcançamos os resultados expressos nas tabelas 25 e 26.

TABELA 25

Enterramentos infantis (campanhas da EfA e do SGA) divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.										
Período/ Mobiliário	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Sem oferendas		2	5	3	2	1		14	11	38
Vasos (1 a 4)	1	4	6	2	5	2		4	3	27
Metais (1 a 4)			1						1	2
Vasos + Metais (entre 1 a 4 cada tipo)	1		5		1	2		4	3	16
Variados			3	1		1	1	1	7	14
	2	6	20	6	8	6	1	23	25	97

Discutindo inicialmente os enterramentos infantis, a partir da TABELA 25, podemos notar que a maioria dos enterramentos não possui oferendas, representando cerca de 39% do total. Em segundo lugar, a porcentagem dos enterramentos que apresentavam apenas alguns vasos cerâmicos, entre 1 e 4, equivale a quase 29% do total. É interessante reparar na pequena quantidade de enterramentos que continham

apenas objetos em metal, entre 1 e 4. Já o número de enterramentos em que foram encontrados metais e vasos em associação e aqueles considerados como variados representam 16,5% e 14,5% respectivamente e, juntos, totalizam por volta de 31% do total de enterramentos infantis. A primeira vista, portanto, poderíamos sustentar que o padrão para enterrar a maioria das crianças em Argos é definido pela ausência

de objetos ou com alguns poucos vasos cerâmicos. Entretanto, quando examinamos os enterramentos nos diferentes subperíodos, percebemos que tal hipótese é parcialmente válida. O número de enterramentos infantis é muito pequeno durante o SM, dificultando, assim, qualquer tipo de reflexão. Já durante o PG, verificamos que a quantidade de enterramentos infantis variados e com metais e vasos entre 1 e 4 é próxima do número de enterramentos sem oferendas e que continham

entre 1 e 4 vasos. É exatamente durante este subperíodo que se concentram os enterramentos variados. Nos subperíodos intermediários, no GA e no GM, todos os tipos estão presentes de forma mais ou menos estável. A situação é quase que completamente invertida durante o GR, quando o número de enterramentos sem oferendas aumenta significativamente. A diferença entre a quantidade de enterramentos sem oferendas e com mobiliário funerário variado no GR é enorme.

TABELA 26

Enterramentos de adultos (campanhas da EfA e do SGA) divididos por subperíodos e pelas categorias de classificação do mobiliário funerário.

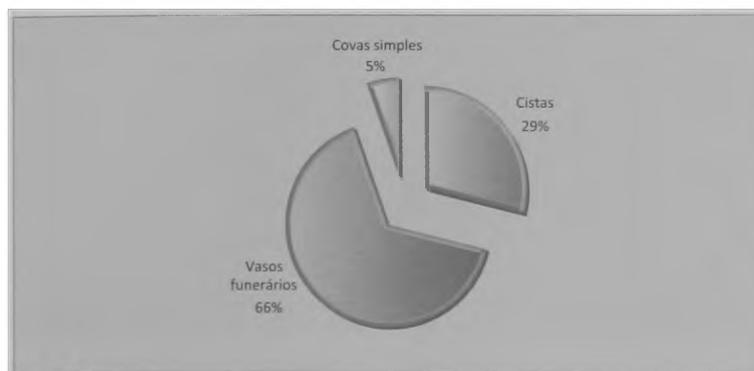
Período/ Mobiliário	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Sem oferendas		2	5	9		3		15	52	86
Vasos (1 a 4)	7		22	6	9	8		19	23	94
Metais (1 a 4)		3	2	1	1	1		5	9	22
Vasos + Metais (entre 1 a 4 cada tipo)	4	1	28	2	5	7		13	11	71
Variados	1		8	2	18	24	2	47	20	122
	12	6	65	20	33	43	2	99	115	395

Podemos indicar, dessa forma, que, comparando o início e o final da Idade do Ferro, duas atitudes distintas são praticadas em relação à deposição de objetos nos enterramentos infantis. Durante o PG, há uma tendência a depositar mais objetos com as crianças, distintamente do GR, quando há uma clara preferência para enterrá-las sem oferendas. Tais atitudes em relação aos sepultamentos infantis podem estar relacionadas

com o quesito tipo de sepultura. Analisando os enterramentos sem mobiliário funerário, percebemos que 25 do total de 38 são em vasos funerários, sendo 14 crateras, 5 pitos, 4 ânforas, uma hidra e um jarro; 11 são em cista e apenas 2 são covas simples. Tais informações podem ser visualizadas de uma maneira mais clara no GRÁFICO 5:

GRÁFICO 5

Porcentagem de enterramentos infantis sem mobiliário funerário.



Entretanto, para aprofundar a relação entre os enterramentos infantis sem oferendas com os tipos de sepultura, é necessário distribuí-los nos subperíodos, a partir da TABELA 27. Constata-se,

portanto, que a maioria dos enterramentos infantis sem mobiliário funerário está concentrada no GR e se caracterizam quase que majoritariamente por crateras (12 do total de 15).

TABELA 27

Enterramentos de infantis sem mobiliário funerário divididos por subperíodos e tipos de sepultura.

Período/ Tipo de sepultura	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GM	GR	G	Total
Cista		3	2	1			5	11
Vasos funerários		2	1	1	1	15	5	25
Cova simples	1						1	2
	1	5	3	2	1	15	11	38

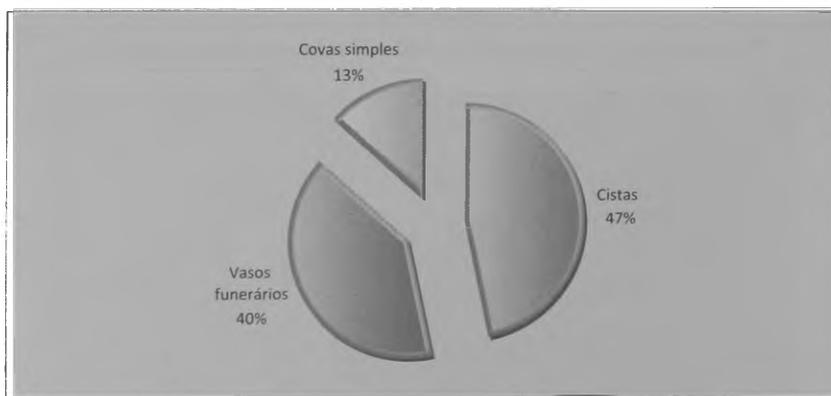
Voltando para a análise da TABELA 25, os enterramentos em que foram encontrados apenas alguns vasos cerâmicos (entre 1 e 4, no máximo) indicam uma maior quantidade de cistas, equivalentes a 13 dos 27 enterramentos infantis; 10 em vasos e 4 em covas simples. Todas as cistas e as covas simples datam do início da idade do Ferro, do SM, PG e GA. Os enterramentos infantis em vasos dessa categoria concentram-se tanto no início, no PG, quanto no final do período, no GR.

Finalmente, investigando os enterramentos infantis que apresentavam vasos e metais, entre

1 e 4 objetos de cada tipo e objetos mais variados relacionados com o atributo tipo de sepultura, notamos que a maioria desse tipo de enterramento é em cista, 14 dos 30 totais, 12 enterramentos são em vasos funerário e 4 em covas simples, quantidades que podem ser representadas por porcentagens explicitadas no GRÁFICO 6. Percebe-se que a quantidade de enterramentos infantis variados em cistas e em vasos funerários é próxima, distintamente daqueles sem oferendas. Contudo, as reflexões tornam-se mais profícuas quando examinamos as datas desses enterramentos.

GRÁFICO 6

Porcentagem de enterramentos infantis com mobiliário funerário variado.



A totalidade dos enterramentos infantis mais variados no PG e no GA é constituída por cistas. Os enterramentos variados do GM são em covas simples e vasos e no GR, apesar de representar um número bem menor em relação aos enterramentos sem oferendas, há uma quantidade significativa de vasos funerários, principalmente o pito, utilizados para enterrar as crianças com mobiliário funerário mais variado. Podemos concluir, portanto, que no início da Idade do Ferro os enterramentos infantis, em sua maioria em cistas, estão divididos basicamente em dois tipos opostos, aqueles com mobiliário funerário mais variado e os sem oferendas. No final da Idade do Ferro, durante o GR, há uma preferência marcante pelo uso do vaso funerário sem oferendas, principalmente pela cratera. No entanto, neste subperíodo, há alguns enterramentos infantis mais variados, principalmente em pitos.

É importante ressaltar que as crateras sem oferendas datadas do GR são vasos torneados de grande porte e fazem parte dos vasos decorados com grande diversificação de motivos ornamentais e, em muitos casos, com cenas figuradas humanas e animais. Por exemplo, a cratera C.169, T (035), a cratera C.201, T (040), a cratera C.915, T (070), a cratera do T (303), e a cratera do T (805). Os pitos, em geral, apresentam apenas decoração incisa. Uma associação direta entre o mobiliário funerário e o status social, que leve a uma consideração apenas o aspecto quantitativo dos objetos, pode ser equivocada neste caso, pois apesar de não terem oferendas, os enterramentos infantis nas crateras do GR podem ser considerados como enterramentos mais abastados, uma vez que encomendar vasos desse porte em oficinas argivas específicas deve ter tido um custo alto por parte da família do morto.

Passando para a análise dos enterramentos de adultos, à primeira vista, quando observamos a TABELA 26, notamos que a situação é completamente distinta daquela definida pelos enterramentos infantis. Os enterramentos variados representam a maior parcela dos enterramentos de adultos em Argos durante a Idade do Ferro, aproximadamente 31% do total. Os enterramentos apenas com vasos, entre 1 e 4, configuram cerca de 23%, com uma diferença bem pequena em relação aos enterramentos sem oferendas, que correspondem a um pouco mais de 21%. Também com cifras similares estão os enterramentos com vasos e metais associados, entre 1 e 4 exemplares de cada tipo,

representando cerca de 18%. Finalmente, com uma diferença mais marcada, encontram-se os sepultamentos que continham apenas artefatos em metal em pequena quantidade, somando por volta de 6% do total de enterramentos de adultos.

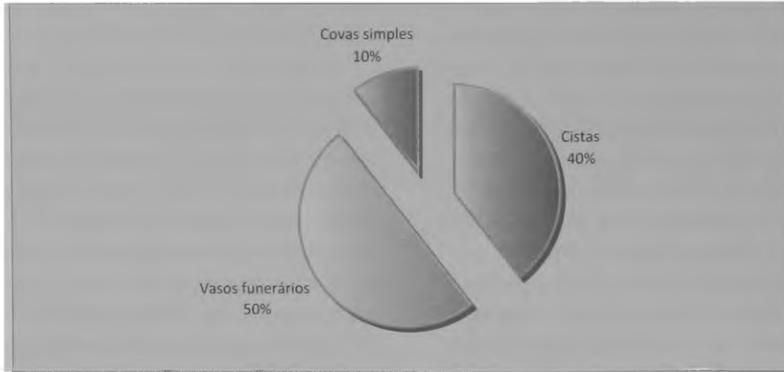
Além disso, constata-se que os enterramentos variados vão crescendo em direção ao final da Idade do Ferro e concentram-se no GR, pois configuram mais de 38% do total de enterramentos variados de adultos e mais de 47% do total de enterramentos de adultos datados do GR. Durante o PG, nota-se que a maioria dos enterramentos possui oferendas, sejam vasos apenas, sejam vasos e metais, sempre em uma quantidade relativamente moderada. No GA, a totalidade dos enterramentos contém objetos e a quantidade de enterramentos variados aumenta significativamente e a presença dos artefatos em metal nos túmulos é constante, maior em relação aos enterramentos de adultos dos demais subperíodos. A maioria dos enterramentos do GA é constituída por cistas e, em menor número, por covas simples. É interessante chamar a atenção para o fato de que esses enterramentos começam a ser reutilizados no GM e no GR de forma ainda mais intensa, apresentando vários indivíduos.

Durante o GM, a proporção de enterramentos variados em relação àqueles sem oferendas praticamente se mantém a mesma, apresentando um leve crescimento. Os objetos em metal também estão presentes de forma marcante neste subperíodo. No GR, observa-se que o aumento dos enterramentos variados é bastante acentuado, contudo o número de enterramentos sem oferendas também cresce expressivamente, proporcionando um quadro interessante no final da Idade do Ferro, em que praticamente os enterramentos de adultos estariam divididos em duas categorias. De um lado, estariam os enterramentos variados, com uma grande diversidade de vasos cerâmicos e artefatos em metal e, de outro, os enterramentos sem oferendas ou com alguns poucos vasos cerâmicos. Para entendermos melhor essas mudanças no mobiliário funerário, é necessário relacioná-los com o tipo de sepultura.

Investigando inicialmente os enterramentos sem oferendas, observamos que, no geral, a grande maioria é em vasos funerários, principalmente pitos, equivalendo a 43 do total de 86 (vide TABELA 26), enquanto as cistas correspondem a 34 desse total e as covas simples correspondem a 9, conforme podemos observar as porcentagens representadas no Gráfico que segue:

GRÁFICO 7

Porcentagem de enterramentos de adultos sem mobiliário funerário.



Detalhando os enterramentos nos subperíodos da Idade do Ferro a partir da TABELA 28, constata-se que há uma grande quantidade de enterramentos classificados apenas como “geométricos”. Entretanto, confirma-se a concentração de enterramentos de adultos sem

oferendas em cista no início da Idade do Ferro e em vasos no GR, sendo que dos 13 enterramentos em vasos, 10 são em pitos, 2 em ânforas e apenas 1 em píxide. Dos 28 enterramentos de adultos sem oferendas datados como G, 22 são em pitos e apenas 6 em crateras.

TABELA 28

Enterramentos de adultos sem mobiliário funerário divididos por subperíodos e tipos de sepultura.

Período/ Tipo de sepultura	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GM	GR	G	Total
Cista	2	4	8		1	1	18	34
Vasos funerários			1		1	13	28	43
Cova simples		1			1	1	6	9
	2	5	9	0	3	15	52	86

Percebemos, desse modo, que o padrão para enterrar os adultos sem oferendas durante o GR se dá pelo uso do pito. Estes vasos possuem grande porte, dimensões humanas e, em geral, decoração incisa. Já as ânforas, a píxide e as crateras utilizadas para enterrar os adultos sem artefatos também possuem grandes medidas, mas apresentam diversificados motivos ornamentais e, na maioria das vezes, figurados, como por exemplo, a píxide C.209 do T (023) e a ânfora do T (807).

Os enterramentos com alguns vasos cerâmicos (entre e 1 e 4, no máximo), apresentam algumas semelhanças em relação à mesma categoria com os enterramentos infantis, pois

a maioria também corresponde a cistas, 54 dos 94 totais, enquanto há 18 enterramentos desse tipo em vasos funerários e 22 em covas simples. As cistas e as covas simples se concentram no início da Idade do Ferro, principalmente durante o PG, enquanto os vasos funerários se concentram no GR. Os enterramentos de adultos que apresentavam apenas artefatos de metal e em pequena quantidade representam a menor porcentagem do total de enterramentos de adultos. Aparecem durante toda a Idade do Ferro de forma mais ou menos estável e, da mesma forma que a categoria anterior, durante o SM, PG e GA, caracterizam-se pela cista e pela cova simples, já no GR, pelo pito.

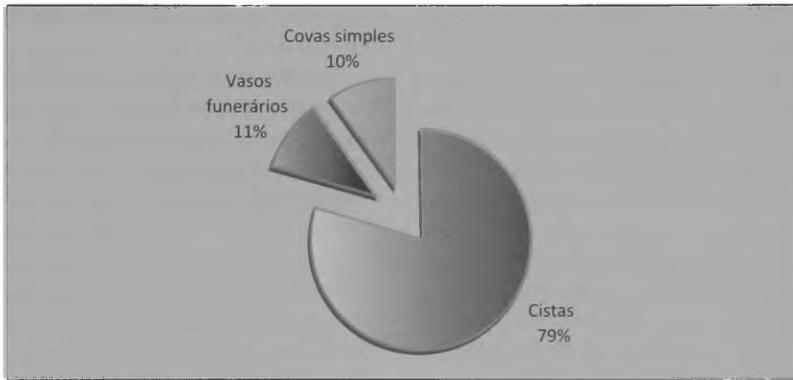
Finalmente, quando relacionamos os enterramentos que apresentam um mobiliário mais variado, sejam aqueles que continham vasos cerâmicos e metais (entre 1 e 4 artefatos de cada), sejam aqueles com uma grande quantidade de vasos cerâmicos e, ou, grande variedade de artefatos no que diz respeito à matéria-prima, com o quesito tipo de sepultura, verificamos que a maioria dos enterramentos de adultos desse tipo são em cistas, 154 do total de 193 enterramentos; 19 são em covas simples e 21 são em vasos

funerários, sendo as porcentagens representadas no GRÁFICO 8.

Verifica-se de forma clara uma preferência pelo uso da cista para enterrar os adultos com mobiliário funerário mais variado. As covas simples e os vasos funerários apresentam quantidades bastante semelhantes. Entretanto, as covas concentram-se no início da Idade do Ferro, no SM, PG e GA, enquanto os vasos com oferendas mais variadas concentram-se no GR, conforme podemos visualizar na TABELA 29.

GRÁFICO 8

Porcentagem de enterramentos de adultos com mobiliário funerário variado.



A maior parcela das cistas variadas concentra-se no GR e é interessante notar que quando examinamos o número total de cistas de adultos datado deste subperíodo (vide TABELA 13, p. 95 – indicando que o total de cistas do GR corresponde a 53), percebemos que quase a totalidade das cistas de adultos do GR apresentam mobiliário funerário mais variado. Além disso,

uma grande parte destas cistas variadas é reutilizada, isto é, apresentam originariamente enterramentos do GA e/ou do GM. Conforme apontamos nas páginas anteriores, tais cistas também apresentam uma grande quantidade de objetos de batalha e são configuradas como túmulos de guerreiros.

TABELA 29

Enterramentos de adultos com mobiliário funerário variado divididos por subperíodos e tipos de sepultura.

Período/ Tipo de sepultura	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GM	GM/GR	GR	G	Total
Cista	1	1	30	4	16	23	2	50	27	154
Vasos funerários			1		1	6		9	3	20
Cova simples	4		4		6	2		2	1	19
	5	1	35	4	23	31	2	61	31	193

A situação é um pouco diferente quando comparamos o total de enterramentos de adultos em vasos funerários (vide TABELA 14, p. 95 – indicando que o total de vasos funerários do GR corresponde a 29), pois 9 apresentavam objetos mais variados, 13 não continham oferendas de qualquer tipo e os 7 demais continham alguns artefatos em metal. Isto indica que, apesar da maioria dos enterramentos de adultos sem mobiliário funerário ser caracterizada por pitos, também há um número relativamente grande de pitos que apresenta mobiliário funerário mais variado. Constatamos, portanto, que, durante o GR, a questão é um pouco mais complexa do que aquela exposta por R. Hägg (1983: 29-30). Os enterramentos de adultos não estão somente divididos em duas grandes categorias, os pitos sem mobiliário funerário e as cistas com oferendas mais variadas. Percebe-se que neste subperíodo há nuances nos enterramentos em pitos que mostram que as distinções sociais em camadas mais abastadas e mais pobres da sociedade não são necessariamente definidas pela prática funerária do tipo de sepultura.

O exame dos enterramentos de adultos variados em cova simples revela que, no geral, eles se concentram no início da Idade do Ferro. Entretanto, comparativamente aos enterramentos em cista, as covas simples apresentam um mobiliário funerário menos variado tanto em relação à quantidade quanto à qualidade dos artefatos, principalmente durante o GR. Elas apresentam, na maioria dos casos, alguns vasos manufaturados sem decoração e, quando há artefatos em metal, geralmente são anéis ou alfinetes em ferro.

A análise do mobiliário funerário dos enterramentos de adultos relacionada com o atributo gênero infelizmente não proporciona reflexões mais detalhadas sobre as práticas mortuárias. A porcentagem de enterramentos de adultos para os quais o gênero é identificado é muito pequena, apenas 64 enterramentos, representando cerca de 15% do total, 28 do sexo feminino e 36 do sexo masculino. O único elemento constantemente presente nos sepultamentos masculinos que pode ser distintivo em relação aos femininos é composto pelos instrumentos de batalha em ferro e em bronze, punhais, adagas, espadas, pontas de lança, *obelói*, elmos e armaduras, que são encontrados fundamentalmente nos enterramentos masculinos do GR. Os anéis e os alfinetes em ferro e em

bronze e os vasos, apresentando as mesmas características de confecção e decoração, são encontrados nos enterramentos de ambos os gêneros. Entretanto, os anéis em espirais em ouro, principalmente, tendem a aparecer nos contextos femininos. Além disso, devido à pequena amostragem, torna-se difícil indicar qual gênero apresenta um maior número de enterramentos variados. Podemos indicar apenas que, dentre esses enterramentos, ambos os gêneros apresentam mobiliário funerário bastante diversificado, principalmente durante o GR. Parece que não há um tratamento diferenciado para os gêneros no que diz respeito ao mobiliário funerário dos enterramentos em pitos e em cistas. Tais conclusões são sustentadas pelos poucos estudos osteológicos existentes mais recentes (Pappi 2011).⁶⁸

Resumindo a análise do mobiliário funerário, relacionado com as dimensões tipo de sepultura e idade, podemos apontar que houve sim um processo de mudança em relação às práticas mortuárias efetuada para adultos e para as crianças desde o PG até o GR. Durante o PG, parece haver uma divisão clara entre os enterramentos em cista, aqueles com poucos vasos cerâmicos e os com oferendas variadas. Não há um tratamento diferenciado entre os enterramentos de adultos e infantis e as covas simples apresentam-se menos diversificadas em relação às cistas. A partir do GA, verificamos um aumento na ostentação dos enterramentos em cistas, essencialmente dos adultos. Os armamentos começam a aparecer de maneira mais intensa nestes enterramentos. Esta ostentação é mantida durante o GM, e o quadro é bastante similar em relação ao GA. Entretanto, a situação modifica-se no final do GM e durante o GR, quando se dá o grande aumento de enterramentos em vasos funerários, adultos e infantis. A ostentação continua e é, na verdade, levada a um ponto máximo pelos enterramentos de adultos em cista (principalmente de guerreiros) e também pelos enterramentos em vasos infantis e de adultos, com as grandes crateras e ânforas ricamente decoradas.

Contudo, é importante ressaltar que o pequeno número de enterramentos infantis durante toda a Idade do Ferro pode denotar um fator de exclusão social, pois na medida em

⁶⁸ Vide notas 31 e 32, p. 67, Capítulo 2.

que as crianças não recebem enterramentos formais, não são consideradas membros efetivos da sociedade. Durante o PG e o GR, porém, as crianças parecem assumir um papel de inclusão, pois com o aumento de enterramentos infantis mais variados e nas grandes crateras com diversificados motivos ornamentais e figurados, os laços familiares são reforçados e as crianças passam a ter um papel fundamental na sociedade. Reforçar os laços familiares através da ostentação dos enterramentos infantis e de adultos pode significar um elemento substancial em sociedades hierarquizadas, em que o status e as identidades sociais são atribuídos no nascimento. A necessidade de reforçar tais laços pode ser decorrente em um primeiro momento, durante o PG, das mudanças ocorridas ainda no final da Idade do Bronze, como por exemplo, a dissolução do sistema político micênico, que afetam a configuração da sociedade através do estabelecimento de um novo poder político. Os enterramentos assumem, dessa maneira, um papel fundamental no processo de estruturação social, definido por laços familiares.

Em um segundo momento, durante o GR, essa necessidade de reforçar os laços familiares pode ser resultado de transformações políticas e econômicas que configuram a segunda metade do século VIII a.C. e que resultaram no processo de formação e consolidação da pólis argiva. Grupos competitivos tentam, através da representação simbólica dos enterramentos, manter e legitimar a participação no poder não só pela ostentação material nas oferendas depositadas nos enterramentos, mas também pela formação de lotes de enterramentos familiares e reutilizando várias vezes um mesmo túmulo, procurando demonstrar o grande número de pessoas pertencentes a um determinado grupo, pois o fator numérico pode ser fundamental para definir a participação no poder.

5) Localização. Pensando o Espaço dos Mortos.

As campanhas de escavações realizadas pela EfA concentraram-se fundamentalmente em três áreas da cidade moderna de Argos. A primeira delas é a Sudoeste, integrando as seguintes localizações: Ágora, Área do Teatro e do Odéon (que compreende o Terreno Bacaloyannis e também a área próxima às Termas romanas), o Bairro dos Refugiados (atualmente denominado

Kypseli, onde se localiza a grande Praça Kypseli, as proximidades da Rua Tripoleos em frente à Praça e a Sondagem Su80, no Terreno Papaparaskevas) e a área do atual Cemitério Sul, próximo ao Estádio. A segunda área de concentração é formada pela região central da cidade, incluindo a área do Mercado e da Praça Central Dimokratias (o Terreno Bonoris), a área do Museu e suas proximidades, e a área do Terreno Phloros, na Sondagem Su76, na Rua Karaškaki, número 6. A terceira região de concentração situa-se a Noroeste e é composta pela Necrópole Micênica da Deiras, pelas proximidades da Igreja Aghia Paraskevi, da Capela Panagitsa, da Igreja Ioannis Prodromos, pela área entre a Larissa e a Áspis e duas outras sondagens realizadas nos arredores da Áspis, a Su78 e a Su79.

As campanhas realizadas pelo SGA distribuem-se por praticamente toda a cidade atual. A localização específica dos enterramentos se dá pelo nome do Terreno (isto é, o nome do proprietário do lote) e, ou, pelo endereço específico (nome da rua com o número do lote). Os terrenos com maior quantidade de enterramentos escavados pelo SGA estão concentrados nas regiões Central, Sudoeste, Noroeste e Nordeste. A área a Norte, onde se localiza o Hospital de Argos também apresenta uma concentração de túmulos classificados como "Geométrico". As áreas Sul e Sudeste apresentam uma porcentagem muito pequena de enterramentos datados da Idade do Ferro, tanto aqueles descobertos pela EfA, quanto pelo SGA.

Da mesma forma que para todas as demais dimensões das práticas mortuárias, a análise do atributo localização das sepulturas, caso seja realizada de forma a separar os túmulos escavados pela EfA e pelo SGA, se torna lacunar e questionável, uma vez que devemos considerar as localidades dos enterramentos em conjunto, visando entender as áreas de concentração utilizadas para enterrar os mortos. Desta forma, a análise espacial se torna muito mais produtiva e completa quando feita em conjunto, investigando o total de sepulturas datadas da Idade do Ferro em Argos.

Autores como R. Hägg (1974, 1982), P. Courbin (1974), A. M. Snodgrass (1971) e A. Foley (1988) se referem à questão da localização dos enterramentos datados da Idade do Ferro em Argos como um quadro bastante complexo, marcado pela dispersão e, aparentemente, com poucas ou nenhuma possibilidade de identificação

de áreas de concentração de enterramentos, formando necrópoles. A situação se complica ainda mais quando refletimos sobre a relação entre os locais de enterramentos e as áreas de habitação, sendo difícil estabelecer vínculos precisos entre o espaço dos vivos e o espaço dos mortos, segundo os mesmos autores. As evidências de espaços habitacionais encontradas nas campanhas, sejam francesas sejam gregas, são bastante escassas (Hägg 1982: Abb. 1, p. 299, Abb. 2, p. 301, Tab., p. 306; Touchais et Divari-Valakou 1998: Pl. IX).

À primeira vista, quando observamos a distribuição geral dos enterramentos no sítio, percebemos que os apontamentos feitos pelos autores mencionados acima são pertinentes. Entretanto, na medida em que analisamos de forma mais minuciosa os enterramentos, verificamos que é possível identificar áreas de concentração com características singulares e essenciais para a deposição dos mortos durante os subperíodos da Idade do Ferro. A visão caótica e difusa dos enterramentos se deve, em boa parte, à grande quantidade de enterramentos datados da Idade do Ferro como um todo, denotando o tamanho e a importância do próprio sítio na região durante este período.

Nosso objetivo na análise espacial dos enterramentos é tentar entender a distribuição dos sepultamentos de acordo com os subperíodos da Idade do Ferro, buscando, de um lado, identificar separadamente os locais em que aparecem enterramentos no SM, PG, GA, GM e GR, e visando, de outro, a constatação de recorrências, permanências e transformações no uso do espaço para enterrar os mortos nesses mesmos períodos. Tal distribuição detalhada dos enterramentos nos permite examinar as áreas de concentração de enterramentos relacionando com os atributos idade, tipo de sepultura e o mobiliário funerário, a fim de visualizar a formação de possíveis grupos sociais, sejam verticais (status) ou horizontais (familiares) e qual a importância deste fenômeno para o processo de formação da pólis argiva na segunda metade do século VIII a.C.

As sondagens realizadas pela EfA e pelo SGA na cidade de Argos receberam diferentes tipos de nomenclatura que podem apresentar a designação de acordo com o número da sondagem, com o nome do proprietário do terreno e, ou, ainda, com o endereço específico da área escavada, indicando o número e o nome da rua. Todas as áreas escavadas com concentrações de enterramentos

datados da Idade do Ferro receberam uma numeração específica durante a pesquisa e estão localizadas no Mapa 3, p. 236 (vide Legenda Mapa 3, p. 247-248). Os mapas subsequentes apresentam a distribuição dos enterramentos nessas áreas de concentração para cada subperíodo da Idade do Ferro. Dessa maneira, dividimos todos os enterramentos por subperíodos localizando-os em mapas individualizados, permitindo a visualização da quantidade de enterramentos relacionados com o tipo de sepultura e com os elementos idade e gênero. Selecionamos três ícones para representar os três tipos de sepultura encontrados (Capítulo 2). Tais mapas estão configurados em camadas que permitem observar o processo de utilização das áreas de concentração de enterramentos durante toda a Idade do Ferro em Argos. O Mapa 4 apresenta os enterramentos datados do SM, indicando a quantidade para cada tipo de enterramento nos locais escavados. O Mapa 5 contém os enterramentos do PG, o Mapa 6 indica aqueles datados do GA, o Mapa 7 corresponde à distribuição dos enterramentos do GM e Mapa 8 evidencia aqueles enterramentos datados do GR. Na medida em que examinamos cada subperíodo, relacionamos tais enterramentos com o atributo idade e com as categorias de análise do mobiliário funerário.

Examinando inicialmente o Submicênico (Mapa 4), notamos que os enterramentos se concentram em duas áreas opostas, no extremo Noroeste (próximo à Áspis) e no Sudoeste (na Área do teatro e no Bairro dos Refugiados, na Praça Kypseli, situado a sul do Teatro). A única exceção é o T (116), encontrado na área Central, onde está localizado o Museu de Argos. O túmulo apresenta um esquifo com alças horizontais, o C.3998, e verniz preto característico da produção cerâmica argiva, característica do final do SM e do PG. As duas áreas apresentam quantidades próximas de enterramentos: 9 na área Noroeste e 6 na Sudoeste. Contudo as crianças estão presentes apenas na área Sudoeste da cidade. Os enterramentos na área Noroeste foram todos encontrados na Necrópole de Deiras, são todos sepultamentos em cova simples, caracterizando casos de reutilização dos túmulos micênicos em câmara, inclusive duas covas simples em que foram encontrados apenas vasos cerâmicos e nenhum resto ósseo. As demais covas apresentavam esqueletos de adultos associados a alguns vasos cerâmicos e poucos objetos em

metal, a maioria alfinetes, ou em cristal de rocha que formavam contas de um provável colar.

Na área Sudoeste, a situação é um pouco diferenciada, pois os enterramentos de adultos são em cistas características do SM, construídas e fechadas com grandes e finas placas de pedra de calcário. Estes enterramentos apresentam um mobiliário funerário mais variado, um deles contendo uma ponta de lança. Todavia, no geral os enterramentos desse período, seja em cova simples ou em cista e seja de adulto ou infantil, não se configuram enterramentos com uma grande quantidade e nem de qualidade diferenciada de artefatos.

Quando passamos para o Protogeométrico (Mapa 5), a situação é completamente distinta. Em primeiro lugar, a reutilização dos túmulos micênicos cessa e a área da Necrópole da Deiras não é mais usada. A sondagem realizada em 1967 pela EfA na área da Deiras, próximo à Necrópole, revelou um enterramento datado do PG nesta área, porém, não é um caso de reutilização, pois se trata de uma cista típica do PG, o T (131), construída e fechada com grandes e grossas placas de calcário (*Orthostatenkiste* ou cista em ortóstato), contendo um indivíduo adulto do sexo masculino, enterrado com apenas um objeto em bronze.

Conforme já foi examinado anteriormente, nota-se um grande aumento no número de sepultamentos durante o PG e, significativamente, das cistas. Observando o Mapa 4, percebemos que há uma concentração clara de enterramentos em três grandes áreas da cidade, na área Centro-Leste, na área Oeste-Sudoeste e na área Norte-Noroeste, sendo que em cada uma delas o número de sepultamentos é bastante próximo, totalizando 43, 36 e 33 respectivamente. Apenas um enterramento, o T (131), encontra-se mais isolado em relação aos demais.

As regiões do Teatro e do Bairro dos Refugiados, na Praça Kypseli, que concentravam os enterramentos do SM, continuam sendo utilizadas no PG. É interessante observar que todos os enterramentos datados da transição do SM para o PG estão localizados nas proximidades daqueles datados do SM e constituem cistas construídas com grandes placas de pedra de calcário sem oferendas ou com apenas um vaso cerâmico. Adentrando o PG, é possível notar um claro aumento na variedade e na quantidade dos artefatos depositados com os mortos, verificando enterramentos sem oferendas, ou com 1 ou 2 vasos apenas, de um lado, e, do outro, com vasos

cerâmicos associados a artefatos em metal, a maioria apresentando um número relativamente pequeno de objetos confeccionados em cada matéria-prima, porém alguns com uma grande quantidade de cada, além da variedade e da alta qualidade de produção dos artefatos.

Essa tendência é complementada por uma certa dicotomia entre os tipos de sepulturas recorrentes, a cova simples e a cista. Conforme já foi mencionado, o número de cistas é muito maior do que o número de covas simples, mas as últimas, durante o PG, apresentam apenas alguns vasos cerâmicos ou não apresentam oferendas. Já a maioria das cistas, apesar de uma grande quantidade ser classificada nestas duas categorias, apresenta um conteúdo bem mais variado. Devemos chamar a atenção para a introdução do uso do vaso funerário (do pito para os adultos e da ânfora e da cratera para as crianças) para enterrar os mortos no final do PG. Há apenas 9 enterramentos em vasos funerários do total de 112 enterramentos datados do PG, 4 pitos com enterramentos de adultos, 2 ânforas, 1 cratera e 1 pito com sepultamentos infantis e 1 outro pito com poucos restos ósseos. Não há enterramentos em vasos funerários na área Oeste-Sudoeste.

Um dos pitos de adultos do PG, o T (232), foi reutilizado durante o GR, pois apresenta dois enterramentos. O enterramento do PG não possui mobiliário funerário variado, contendo apenas dois vasos cerâmicos. Entretanto o do GR inclui vários objetos em metal, um *obelós* em ferro e alguns anéis e espirais em ouro. Os demais pitos de adultos apresentam vasos cerâmicos e artefatos em metal em pequena quantidade e os 4 pitos de adultos estão localizados na área Central-Leste e Norte-Noroeste da cidade. Os enterramentos infantis em vasos datados do PG também não apresentam mobiliário funerário variado: o T (238) e o T (239) não possuem artefatos de qualquer natureza, já o T (783) e o T (784) continham um e dois vasos cerâmicos respectivamente.

Conforme já foi analisado no item tipo de sepultura em relação com o atributo idade, nota-se que durante o PG há um total de 26 enterramentos infantis, representando cerca de 25% dos enterramentos infantis totais datados da Idade do Ferro. Desses 26 enterramentos, 19 são em cistas, 4 são em vasos funerários e 3 em covas simples. A área que concentra o maior número de enterramentos infantis é a Oeste-Sudoeste, contendo 11 cistas, 2 ânforas e 1 cova

simples. A área Centro-Leste abrange 5 cistas e 2 covas simples e a Norte-Noroeste, 3 cistas e 2 vasos funerários. As cistas apresentam um mobiliário funerário bem mais variado em relação aos enterramentos em covas simples, como por exemplo, o T (257), que se trata de uma cista reutilizada duas vezes, contendo esqueletos de três indivíduos, o da criança, constituindo o enterramento mais antigo, datado do PG e dois enterramentos de adultos, datados do GR.

Do total de 84 enterramentos de adultos do PG, 59 correspondem a cistas, 21 a covas simples e 4 a pitos. A área Norte-Noroeste concentra o maior número de enterramentos de adultos somando 20 cistas, 9 covas simples e 2 pitos. A área Centro-Leste inclui 19 cistas, 8 covas simples e 2 pitos e a área Oeste-Sudoeste contém 20 cistas e 4 covas simples. Observando o Mapa 6, percebe-se que as covas simples concentram-se nas áreas Central, próximas ao Museu e ao Norte, próximas do cruzamento da Rua Perseos com a Rua Irakleous. As covas simples de adultos também não apresentam mobiliário funerário variado. As cistas se distribuem pelas três áreas de concentração de maneira mais ou menos uniforme e os dois tipos de cistas de adultos, sem oferendas ou com alguns vasos, de um lado, e com artefatos mais diversificados, de outro, aparecem nos mesmos locais, como por exemplo, na área do Museu, no Terreno Saïdin, onde se situam os túmulos T (091) e o T (105), juntos com os T (090) e o T (092), ou ainda, na área Bacaloyannis, o T (059) e o T (064).

Podemos concluir, portanto, que os enterramentos em covas simples e em vasos funerários no PG, tanto de adultos quanto infantis, apresentam um mobiliário funerário bem menos diversificado quando comparados com as oferendas depositadas nas cistas. Os enterramentos infantis aparecem nas mesmas áreas que os enterramentos de adultos e as áreas Centro-Leste e Norte-Noroeste são utilizadas para os três tipos de sepultura, cistas, covas simples e vasos. Apenas a área Oeste-Sudoeste é exclusiva para enterramentos em cistas e covas simples.

Quando passamos para a análise da distribuição dos enterramentos datados do Geométrico Antigo, a partir do Mapa 6, notamos logo de início, que há uma intensificação do uso da área Centro-Leste para deposição dos mortos, apresentando um total de 40 enterramentos. As outras duas áreas de concentração são a Noroeste, com 16 enterramentos e a Sudoeste, totalizando

12 enterramentos. Podemos indicar, desse modo, que há uma continuidade no uso das áreas de deposição dos mortos do PG para o GA, com a preferência em ambos os subperíodos na área Centro-Leste.

As crianças totalizam 13 enterramentos, ou seja, há uma queda no número de enterramentos infantis, acompanhada pela queda geral no número de enterramentos do PG para o GA e representando aproximadamente 13% do total de enterramentos infantis da Idade do Ferro. Destes 13 sepultamentos infantis, 10 são em cistas, 2 em vasos (1 ânfora e 1 hidria) e apenas 1 em covas simples, porém este último, na verdade, não apresenta restos ósseos e é classificado como infantil por P. Courbin devido à presença de vasos em miniatura e às pequenas dimensões da sepultura (o T (013), a Oeste do atual Cemitério Sul da cidade). Os dois enterramentos em vaso não possuem oferendas e a maioria das cistas apresenta poucos vasos cerâmicos como parte do mobiliário funerário, mas há algumas que são bastante variadas, como o T (052), situado na área Sudoeste, no Bairro dos Refugiados, na Praça Kypseli, que é datada, na verdade, da transição do PG para o GA I. A área Centro-Leste apresenta 4 enterramentos em cista e o enterramento em cova simples. A parte Noroeste contém 4 cistas e a Sudoeste, os 2 enterramentos em vasos funerários e 2 cistas. As cistas da área Centro-Leste e da área Noroeste apresentam 1 ou 2 vasos cerâmicos, enquanto as cistas da área Sudoeste possuem artefatos mais variados.

Distintamente deste quadro, os enterramentos de adultos do GA totalizam 49, equivalendo a cerca de apenas 12% do total de enterramentos de adultos datados da Idade do Ferro como um todo. Constatamos que 37 são em cista, 10 em cova simples e 2 são em pitos. A área Centro-Leste apresenta a grande maioria das cistas, 27 e ainda 3 covas simples e 1 pito. A área Noroeste abrange o maior número de covas simples, 6 e apresenta também 3 cistas e 1 pito. A área Sudoeste contém 7 cistas e 1 cova simples. As cistas continuam divididas em dois grandes grupos segundo a composição do mobiliário funerário: de um lado, aquelas que não apresentam oferendas ou entre 1 e 3 vasos cerâmicos e, de outro, aquelas uma grande diversidade de artefatos. Contudo, a quantidade de cistas variadas aumenta de forma significativa e representa um número bem maior em relação às demais. Conforme pudemos verificar na análise do

mobiliário funerário, há uma grande quantidade de túmulos com objetos em metal, principalmente armamentos em ferro, como pontas de lanças e punhais, alfinetes e anéis em bronze e ouro.

Tais enterramentos de adultos variados em cistas localizam-se fundamentalmente nas áreas Centro-Leste como, por exemplo, o T (127), T (160), T (162), T (217), T (226), T (234) e o T (765) e Sudoeste, o T (020), T (022), T (028), T (056), T (062) e o T (129).

É essencial destacar que a maioria desses enterramentos variados de adultos é reutilizada durante o GM e o GR, principalmente, o GR II. Os T (020), T (056), T (062), T (067), T (129), T (167) e o T (245), por exemplo, foram reutilizados várias vezes no GM e no GR, totalizando 20 indivíduos adultos. Os enterramentos mais recentes, do GM e do GR, também se apresentam bastante diversificados. Além disso, a maioria dessas cistas contém alguns e, às vezes, vários vasos datados do GR depositados na área externa das sepulturas. As covas simples também apresentam artefatos em metal associados a vasos cerâmicos, contudo não só a quantidade é menor em relação às cistas, como os objetos em metal correspondem, na maioria dos casos, a alfinetes e anéis em ferro e bronze. Os dois exemplos de enterramentos em pitos de adultos do GA não possuem oferendas.

Analisando a distribuição dos enterramentos durante o Geométrico Médio (vide Mapa 7), percebemos que as áreas de concentração de enterramentos continuam sendo a área Central e Sudoeste da cidade. Há um único enterramento em pito situado bem a Oeste e um outro em cratera localizado na área Sudeste e por volta de 6 enterramentos na área Norte-Noroeste. O número total de enterramentos atribuídos ao GM cai em relação ao GA, totalizando, no mínimo 55 sepultamentos. A área Sudoeste totaliza 23 enterramentos, sendo configurados por 15 cistas, 7 covas simples e apenas 1 pito. A Centro-Leste soma 24 enterramentos, caracterizados por 21 cistas e 3 vasos funerários.

A queda no número de enterramentos infantis é bastante significativa, de 13 no GA, para apenas 6 durante o GM, representando quase 6% do total de enterramentos infantis datados da Idade do Ferro como um todo. A maioria desses enterramentos se concentra na área Sudoeste da cidade, abrangendo 2 cistas e 2 covas simples. Na área Noroeste situa-se um enterramento em cratera, o T (303) e na área Sudeste, uma cista, o

T (345). As cistas e as covas apresentam alguns vasos, entre 1 e 4, e 1 e 2 instrumentos em metal, geralmente, anéis. A cratera não possui oferendas no interior, porém o vaso é ricamente decorado.

O número mínimo de enterramentos de adultos datados do GM equivale a 45, cerca de 10% do total de enterramentos de adultos datados da Idade do Ferro como um todo e as áreas de concentração se situam no Centro e a Sudoeste, somando respectivamente 21 e 18 sepultamentos. Há, ainda, entre 6 e 8 enterramentos na parte Noroeste da cidade. As cistas variam entre 36 e 38, as covas simples correspondem 5 no total e os pitos a 4. Tais enterramentos se distribuem nas áreas de concentração da seguinte forma: Sudoeste (12 cistas, 5 covas e 1 pito); Central (20 cistas e 1 pito) e Noroeste (2 pitos e entre 4 e 6 cistas).

O número de cistas ainda é muito superior em relação aos enterramentos em pitos e em covas simples. Todos os tipos de sepulturas aparecem nas mesmas áreas. As covas simples de adultos datadas do GM, situadas em sua totalidade na área Sudoeste, constituem enterramentos com um mobiliário funerário bem menos variado, entre 1 e 3 vasos cerâmicos ou mesmo sem a presença de oferendas. Os 4 enterramentos em pitos apresentam um mobiliário funerário mais variado, dois deles com uma grande quantidade de vasos cerâmicos no interior e na área externa com decoração bastante distinta, o T (136) e o T (302). Os outros dois contêm artefatos em metal e vasos associados, o T (109) e o T (441), sendo que este último também apresenta uma grande quantidade de vasos cerâmicos na área externa.

As cistas também apresentam oferendas bastante diversificadas e a maioria delas são reutilizadas durante o GR, algumas delas mais de uma vez, contendo o esqueleto de 3, 4, 5, 6 e até 7 adultos no total. Comparativamente ao número total de enterramentos de adultos no GM e mesmo em relação aos demais subperíodos da Idade do Ferro, a quantidade de enterramentos de adultos em cistas com mobiliário funerário variado é grande. Os armamentos continuam presentes na maioria das cistas, particularmente espadas em ferro, como por exemplo, no T (164), T (166), T (434) e no T (231), e é exatamente no final do período, já na transição do GM II para o GR I, que aparece o primeiro elmo em bronze, no T (231). Estas cista mais variadas estão presentes tanto na área Central, quanto na área Sudoeste e é interessante notar que, quando elas não são

reutilizadas no GR, muitas apresentam vasos cerâmicos datados ainda do GM ou já do GR na área externa, em geral, sobre a placa de cobertura.

Finalmente, quando examinamos a distribuição dos túmulos durante o GR (Mapa 8), torna-se possível o levantamento de algumas questões essenciais sobre as práticas funerárias em Argos durante a Idade do Ferro. Em primeiro lugar, conforme já discutimos, notamos um aumento brusco e acentuado no número total de enterramentos, passando de 43 para 137, representando aproximadamente 26% do total de enterramentos datados da Idade do Ferro como um todo. Logo de início, quando observamos o Mapa 8, percebemos que, durante o GR, os enterramentos voltam a ter um aspecto mais disperso na cidade. Entretanto as grandes áreas de concentração ainda permanecem na porção Sul-Sudoeste e Central (abrangendo tanto uma porção para Leste, quanto para Oeste), totalizando 72 e 47 enterramentos em cada uma delas respectivamente. Comparativamente, a área Sul-Sudoeste apresenta um número bastante elevado de enterramentos, correspondendo a 34 cistas, 29 vasos cerâmicos e 9 covas simples. A área Centro-Leste está caracterizada por 17 cistas, 26 vasos cerâmicos e 4 covas simples, sendo uma delas uma possível ocorrência de cremação, o T (146). A área A área Norte-Noroeste abrange 10 enterramentos, configurados como 7 cistas e 3 pitos, enquanto a área mais a Oeste apresenta 5, sendo 4 em vasos funerários e 1 em cova simples. As partes mais isoladas a Sudeste contêm apenas 1 enterramento, uma cratera contendo uma inumação infantil, o T (347), e no extremo Noroeste (no Terreno Karantanis), encontramos uma cratera com um enterramento infantil, o T (149). Também durante o GR, verifica-se que os tipos de sepulturas aparecem em conjunto, nas mesmas áreas de concentração.

O número de enterramentos de crianças do GR é 27, representando quase 27% do total de enterramentos infantis da Idade do Ferro e obtendo um aumento considerável durante o GR, acompanhado pelo aumento geral na quantidade de enterramentos. Os enterramentos infantis do GR são quase que exclusivamente em vasos funerários, principalmente crateras, conforme já foi verificado nas páginas anteriores. Há apenas 1 cista, o T (432) e 1 cova simples, o T (087). As áreas de concentração dos enterramentos infantis situam-se na área Central, contendo 13 enterramentos, 12 em vasos e o sepultamento em

cova simples e na área Sul-Sudoeste, abrangendo 10 enterramentos, 9 em vasos e o enterramento em cista. Na parte Noroeste há um enterramento em pito, no Terreno Photopoulou, Rua Aspidos, o T (316), e de forma isolada, aparece um enterramento em cratera na região do extremo Noroeste, na Deiras, no Terreno Karantanis, o T (149), há outra cratera a Oeste, na Sondagem 74, no flanco leste da Larissa o T (112) e, finalmente, uma terceira cratera segregada na parte Sudeste, na Rua Karpotopoulou, o T (347). O enterramento infantil em cista, o T (432) apresenta mobiliário funerário mais variado, com artefatos em metal e vasos cerâmicos em pequena quantidade. A cova simples, o T (087) apresenta uma fíbula em bronze e 2 vasos cerâmicos. Os enterramentos em vasos funerários correspondem a 15 crateras, 5 pitos, 4 ânforas e 1 jarro. A maioria das crateras não possui oferendas, porém são ricamente decoradas, com motivos ornamentais geométricos variados e figurados, da mesma forma que as ânforas. Os pitos apresentam decoração incisa e o mobiliário funerário é para todos os casos, constituído por 1 e 3 objetos em metal, alfinetes ou anéis em bronze e entre 1 e 4 vasos cerâmicos, como por exemplo, o T (024), T (147), T (316) e o T (811). Uma das ânforas apresentava um vaso depositado na área externa da sepultura, o T (804).

Os enterramentos de adultos equivalem a, no mínimo, 103, representando cerca de 25% do total de enterramentos de adultos datados da Idade do Ferro. A área Sul-Sudoeste apresenta 53 enterramentos, 31 cistas, 13 em vasos funerários e 9 covas simples. A região Central contém 31, caracterizados por 16 cistas, 13 vasos funerários e 2 covas simples. Na parte Norte-Noroeste há entre 15 e 17 enterramentos, 14 a 17 são cistas e apenas um em pito. Isoladamente, a Oeste, há 1 enterramento em cova simples, o T (107) e, ainda, 3 enterramentos em um único pito, um deles é datado do GR I e os outros dois do GR II, o T (108), caracterizando um caso de reutilização da sepultura, todos encontrados na Sondagem 70, no flanco leste da Larissa.

Para os adultos a utilização dos vasos funerários, em particular, do pito, também cresce de forma abrupta. Constatamos que dos 103 enterramentos mínimos de adultos, 30 são em vasos funerários, sendo apenas 1 em uma píxide, 2 em uma ânfora e os 27 outros em pitos. Entretanto, a cista ainda é majoritária, contabilizando um número mínimo de 62

enterramentos de adultos e as covas simples voltam a ter um aumento suave, somando 12 enterramentos. Durante o GR, novamente observa-se que não há áreas específicas para a utilização de um determinado tipo de sepultura para os adultos, vasos funerários são encontrados nos mesmos lotes que as cistas e as covas simples. Estas últimas parecem se concentrar na região Sudoeste. Todavia, se examinarmos de forma mais cautelosa, percebemos que, relativamente, quando comparamos o total de cistas e de vasos funerários na região Centro-Leste, a quantidade de vasos funerários é grande e na área Sudoeste-Sul da cidade, a quantidade de cistas é volumosa. Por exemplo, no Terreno Boulmeti, Rua Kalmochou, há um conjunto formado por 11 sepulturas em vasos funerários totalizando 7 crianças e 4 adultos, com mobiliário funerário semelhante e, dessa forma, provavelmente, caracterizam um lote familiar, expressando uma dimensão horizontal das práticas mortuárias: do T (801) ao T (811). A maioria desses enterramentos são pitos que apresentam alguns artefatos em metal, geralmente anéis e alfinetes em bronze e alguns vasos cerâmicos, entre 1 e 3.

No Terreno Paparaskevas, na Sondagem 80 realizada pela EfA, na área Sul-Sudoeste, situa-se uma quantidade de cistas de adultos reutilizadas várias vezes durante o GM e, principalmente, o GR, como já discutimos anteriormente, somando um total de 25 indivíduos do sexo masculino e feminino, os T (128), T (129), T (130) e o T (132). Tais cistas apresentam um mobiliário funerário extremamente variado, composto principalmente por vasos de grande porte e com diversificados motivos ornamentais geométricos e figurados. Além disso, vários vasos datados do GR II foram encontrados sobre a placa de cobertura das cistas e apresentavam grandes dimensões. Além de constituir um possível lote familiar, esses enterramentos de adultos podem também denotar um determinado grupo social (guerreiro), estabelecido a partir dos critérios das dimensões verticais das práticas mortuárias, que, durante o GR II, busca laços com os antepassados do GM e do GA. Abrangendo a área Sudoeste, ainda percebemos que além desse lote específico, há uma grande quantidade de cistas de adultos com mobiliário funerário bastante variado, principalmente armamentos em ferro e bronze e que se encontram nos mesmos locais que túmulos datados do GA ou do GM e que foram reutilizados durante o GR, como por exemplo, na região do

Teatro, na Rua Gounari, próximo à Ágora, ou ainda nas proximidades do Cemitério Sul e do Bairro dos Refugiados, na Praça Kypseli: os T (011), T (012), T (020), T (041), T (056), T (062), T (342) e o T (434).

Outro exemplo com características bastante similares a esse tipo de lote específico de sepulturas é formado pelos T (772), T (773), T (774) e T (775), enterramentos de adultos encontrados pelo SGA no Terreno Xintaropoulou, na área Noroeste da cidade. Todos se configuram enterramentos com mobiliário variado, contendo armamentos e vários objetos em ferro e bronze e vasos cerâmicos ricamente decorados tanto no interior do túmulo quanto na área externa, depositados sobre as placas de cobertura das cistas e são datado do GA, GM e GR, sendo que em dois casos as sepulturas foram reutilizadas duas vezes. Ainda na área Norte-Noroeste situam-se outros exemplos de cistas de adultos com essas mesmas características, nos Terrenos Stavropoulos e Theodoropoulos: os T (231), T (257) e o T (260). É interessante notar que há muito poucas ocorrências de enterramentos múltiplos com adultos e crianças, que poderiam denotar túmulos familiares, apenas o T (257) e uma outra cista, o T (335) localizada também na área Norte-Noroeste, porém classificada apenas como “geométrica”. O mesmo grupo de cistas de adultos com mobiliário funerário variado e enterramentos múltiplos também pode ser constatado na área Central, na área do atual Museu de Argos, nos Terrenos Alexopoulos, Makris, Kypouropoulos e Lynkitsos, na área OTE: os T (099), T (158), T (159), T (165), T (167), T (212) e o T (289).

Muitas destas cistas possuem vasos datados do GR depositados nas placas de cobertura. A reutilização da cista e os vasos depositados na área externa nos chamam a atenção para duas características importantes das práticas mortuárias. A primeira delas está relacionada com a questão da visibilidade dos enterramentos, pois para que a sepultura seja reaberta e abrigue membros de um mesmo grupo familiar e, ou, social, é necessário que haja algum tipo de marca, de sinal que identifique o túmulo, como por exemplo, grandes lajes ou vasos cerâmicos. A segunda está relacionada com práticas rituais executadas pelos vivos, provavelmente membros de um determinado grupo familiar e, ou, social, caracterizadas por visitas periódicas às sepulturas, depositando objetos (vasos cerâmicos) e realizando exéquias como, por exemplo, libações

em homenagens aos mortos. É interessante notar que, apesar de não encontrarmos em Argos as enormes crateras e ânforas com cenas de *próthesis* e *ekphorá* encontradas no Cemitério do *Dípylon* em Atenas durante o GR II, a presença dos vasos nas placas de cobertura pode denotar as mesmas intenções dos vivos: homenagear e estabelecer vínculos com os mortos a fim de legitimar e manter uma determinada ordem social e política. Apesar da ausência de informações detalhadas nas crônicas e relatórios de escavações, há alguns casos em que os autores afirmam que nas cistas de adultos foram encontrados vasos sem o fundo sobre as placas de cobertura, indicando a prática da libação, como uma ânfora encontrada sobre as lajes de uma cista contendo armamentos em ferro e vários vasos cerâmicos e os restos ósseos de um indivíduo do sexo masculino, encontrada na Rua Gounari, na área Sudoeste da cidade (Pappi 2006: 232).

Um exame mais detalhado da relação entre a distribuição dos tipos de sepulturas e do mobiliário funerário indica que a maioria dos enterramentos de adultos enterrados em pitos e em covas simples não apresenta oferendas ou contém apenas alguns vasos, entre 1 e 4, em sua maioria. Em alguns casos, os vasos funerários contêm artefatos em metal em pequena quantidade e configuram enterramentos múltiplos, por exemplo, um pito e uma ânfora situados na área Norte-Noroeste que apresentam um mobiliário funerário mais variado, o pito tendo sido reutilizado duas vezes durante o GR, o T (108) e a ânfora, T (456), no Terreno Passias, apresentando vários objetos em metal e vasos cerâmicos como mobiliário funerário, ou ainda, a ânfora T (192), na Área OTE, contendo vasos no interior do vaso e na área externa, o T (441), contendo 8 vasos cerâmicos sobre a placa e artefatos em metal e vasos no interior, encontrado no Terreno Manou, na área Central, o T (415), situado no Terreno Katsoguininos, o T (814), no Terreno Kazantzi, o T (809), contendo um vaso depositado na área externa da sepultura, todos encontrados na área Central da cidade. Conforme já apontamos, os pitos apresentam decoração incisa e são de grande porte e os enterramentos de adultos em ânforas, píxides e outros vasos funerários, apresentam decoração bastante variada com motivos ornamentais figurados, dessa forma, não devem ser associados diretamente com enterramentos mais

“pobres” A energia investida pelos artesãos no processo de fabricação desses vasos, seja por suas grandes dimensões, seja pela decoração elaborada, é grande e certamente proporciona um alto custo para aqueles que escolhiam os vasos como o tipo de sepultura para enterrar os mortos.

Da mesma maneira, a construção de uma cista com grandes placas de pedra também deve ter despendido grandes esforços e altos custos. Comparativamente, as cistas do GR apresentam uma maior quantidade e variedade de artefatos depositados com os mortos e, em vários casos, elas foram reutilizadas várias vezes durante o GR e o enterramento mais antigo data, principalmente, do GM. Porém em alguns deles, ele pode datar do GA ou mesmo do final do PG. Ressaltamos o fato de que uma porcentagem significativa dessas cistas de adultos apresentam enterramentos masculinos associados a armamentos, como espadas, adagas, elmos, pontas de lança, entre outros e uma quantidade extraordinária de vasos com motivos ornamentais bastante variados, com figuras animais e humanas. Esses enterramentos reforçam a ideia de que uma camada guerreira-aristocrática buscava se destacar e legitimar seu status e sua participação no poder através dos costumes funerários, principalmente quando estabelece laços com seus antecedentes do GA e do GM.

As covas simples, com algumas poucas exceções, como por exemplo, o T (134) e o T (301), ambos encontrados na área Sudoeste, não apresentam oferendas ou contêm um mobiliário funerário bem menos variado, formado por 1 e 3 vasos cerâmicos e, em grande parte, manufaturados. Além disso, alguns estudos osteológicos realizados para túmulos escavados pelo SGA e dados do Período Geométrico como um todo indicam que os indivíduos das covas simples apresentam uma incidência maior de doenças como infecções e traumas.⁶⁹ Tais

⁶⁹ Tais estudos, conforme mencionamos anteriormente, foram e ainda estão sendo realizados por pesquisadores gregos. Contudo, a partir de 113 indivíduos estudados, já mostram alguns resultados interessantes que marcam diferenças de dieta e hábitos relacionados ao trabalho e esforço físico entre os indivíduos relacionados com o atributo tipo de sepultura (Pappi 2011: 678-680, especialmente Tab. 8, p. 687 e Tab. 9, p. 688).

evidências associadas à relativa ausência de oferendas e, ou, à baixa qualidade das mesmas e, ainda, a um dispêndio de energia mais baixo em relação aos demais tipos de sepultura no processo de construção do túmulo, podem indicar que tais indivíduos possuíam uma posição social mais baixa, exteriorizada através das práticas mortuárias.

Não parece haver tratamento diferenciado para adultos do sexo masculino e feminino durante o GR e, em muitos casos de enterramentos múltiplos, ambos os gêneros aparecem nas sepulturas. Da mesma forma, comparando com os enterramentos infantis, podemos afirmar que não é possível perceber a existência de áreas especificamente utilizadas para enterrar as crianças, elas são depositadas nos mesmos locais que os adultos e, conforme vimos, em alguns casos bem claros, podem denotar lotes familiares. Nota-se, portanto, que durante o GR, apesar da dispersão aparente dos enterramentos, há um processo bastante visível de concentração de enterramentos, formando lotes exclusivos de uso de determinados grupos familiares e, ou, sociais, principalmente, nas áreas Sudoeste, Central (incluindo a região a Leste e Oeste) e Noroeste. Tais lotes organizam-se a partir de enterramentos mais antigos, recuando até mesmo ao PG, mas fundamentalmente ao GA. Há uma rejeição explícita das áreas Sudeste e Nordeste durante a Idade do Ferro como um todo, sendo que no Período Arcaico, há uma concentração de pitos na área Nordeste, nas margens do Rio Charadros.

Finalmente, cabe-nos examinar ainda aqueles túmulos que são classificados apenas como “Geométricos” (vide Mapa 9, p. 242), pois apesar de apresentarem uma datação mais genérica, excluem os túmulos datados do SM e do PG. Tais sepulturas correspondem, dessa forma, a enterramentos datados do GA, GM ou GR. A porcentagem desses enterramentos é relativamente grande quando comparamos com o total de enterramentos datados da Idade do Ferro em Argos, representando aproximadamente 34% e contabilizando um total de 206 enterramentos. Destes 206, 42 correspondem a túmulos para os quais o atributo idade não pode ser identificado, 22 são em vasos (19 pitos, 2 crateras e 1 jarro), 16 são em cistas e 4 em covas simples. A maioria desses enterramentos está localizada nas três grandes áreas de concentração, nas

áreas Central, Sudoeste e Noroeste. Os 164 enterramentos restantes são divididos em 26 infantis e 136 de adultos.

Os enterramentos infantis estão configurados da seguinte forma: 16 em vasos funerários (sendo 11 em pito, 2 em cratera, 2 em ânfora e 1 em hídria), 9 em cista e 1 em cova simples. Os enterramentos de adultos dividem-se em: 73 em cistas, 47 em vasos funerários (41 em pito e 6 em cratera) e, finalmente, 15 em covas simples. Há um enterramento de adulto cujo tipo de sepultura é incerto, podendo ser uma cova simples ou uma cista, o T (281). Verificamos que o padrão de enterramento relacionando tipo de sepultura e o atributo idade se mantém. Apesar de haver um número grande de pitos utilizados para as crianças, os outros vasos também são frequentemente utilizados. Já para os adultos, a grande maioria dos enterramentos em vasos é em pito e, no geral, a cista é mais usada para enterrar os adultos do que os vasos ou as covas simples.

Partindo para uma análise do mobiliário funerário, é essencial ressaltar que a grande maioria dos enterramentos datados genericamente como G não apresenta qualquer oferenda no interior da sepultura e a datação se dá ou pela análise estratigráfica associada aos demais enterramentos, aos vestígios habitacionais ou, ainda, a fragmentos ou vasos cerâmicos que estavam imediatamente na área externa dos túmulos, porém que não permitem uma datação mais precisa, sendo possível obter apenas uma distinção clara daquilo que é caracteristicamente SM e PG. De outro lado, há muitos casos em que os enterramentos possuem um mobiliário funerário bastante variado e plenamente passível de datação, porém os pesquisadores, devido à ausência de um estudo mais detalhado que resulte na publicação do material, preferem apenas classificá-los como “geométricos”. Por exemplo, o T (330), encontrado na área Central, próximo ao Museu, o T (335), na área Norte-Noroeste e os T (799), e o T (800), situados na área Sudoeste, na Rua Tripoleos, próximo à Ágora. Esses túmulos são configurados por cistas com enterramentos múltiplos de adultos e uma ocorrência com enterramentos de adulto e infantil, o T (335), e todos eles contêm armamentos em ferro, artefatos em bronze e vários vasos cerâmicos ricamente decorados.

Analisando a distribuição desses enterramentos, observamos que as três grandes áreas de concentração (Central, a Sudoeste e a Noroeste da cidade) se mantêm, tanto para os enterramentos de adultos, quanto para os infantis. Para os enterramentos de adulto temos o seguinte quadro de acordo com as áreas da cidade:

Central – total de 36 enterramentos: 19 em cistas, 13 em pitos e 4 em covas simples;

Leste – total de 3 enterramentos em cista;

Oeste – total de 5 enterramentos: 3 em pitos e 2 em cistas;

Noroeste – total de 33 enterramentos: 20 em cistas, 11 em vasos funerários (6 em pitos e 5 em crateras) e 2 em covas simples;

Sudoeste – total de 29 enterramentos: 15 em cistas, 10 em pitos e 4 em covas simples;

Norte – total de 15 enterramentos: 10 em cistas, 3 em covas simples e 2 em pitos;

Sul – total de 13 enterramentos: 9 em vasos (8 em pitos e 1 em cratera) e 4 em cistas;

Já para os enterramentos infantis o quadro é um pouco diferenciado:

Sudoeste – total de 8 enterramentos: 3 em pitos e 5 em cistas;

Noroeste – total de 6 enterramentos: 4 em vasos (2 em crateras e 2 em pitos), 1 em cista e 1 em covas simples;

Sul – total de 5 enterramentos: 4 em vasos (3 em pitos e 1 em ânfora) e 1 em cista;

Norte – total de 4 enterramentos: 3 em vasos (2 em pitos e 1 em hídria) e 1 em cista;

Central – total de 2 enterramentos: 1 em ânfora e 1 em cista; Oeste – total de 1 enterramento em pito.

Novamente podemos notar que os tipos de sepulturas são encontrados em conjunto, nas mesmas áreas de concentração, tanto para os enterramentos infantis, quanto para os de adultos. Conforme já mencionamos, a maioria dos enterramentos “geométricos” não possui qualquer tipo de oferenda, principalmente os pitos. Quanto às cistas de adultos, em muitos casos, os pesquisadores informam que foram encontrados vasos e artefatos em

metal, contudo não especificam o conteúdo. Entretanto, há alguns enterramentos de adultos em pitos com mobiliário funerário bastante variado também. Para as crianças, a situação é bastante similar; no geral, os pitos, as crateras e as ânforas não possuem oferendas ou apenas 1 ou 2 vasos. Já as cistas, a maioria delas apresenta um mobiliário funerário bem mais variado. Contudo, há alguns exemplos de pitos com enterramentos infantis que possuem uma grande quantidade de vasos.

Resumindo as reflexões levantadas até o momento sobre a questão do espaço dos mortos, poderíamos sugerir, portanto, que ainda durante o PG, mas de forma mais intensificada no GA, observa-se um processo de formação de uma camada guerreira aristocrática que através das diferenças nas práticas funerárias evidencia seu status e seu poder social e político. Esta camada seria responsável pela reorganização e reestruturação dos aspectos político e econômico em Argos durante o início da Idade do Ferro. O fato mais intrigante e que, provavelmente, nos forneça as reflexões mais importantes em relação às práticas mortuárias está no fenômeno da reutilização da sepultura. Apesar das áreas de concentração de enterramentos do PG permanecerem como áreas de concentração de sepultamentos também durante o GR, os enterramentos do PG não são reutilizados durante o GR. As sepulturas do GA passam a ser reutilizadas no GM e no GR, principalmente no GR II. Esses enterramentos reutilizados do GA, de forma geral, são aqueles que apresentam mobiliário funerário extremamente variado. Poderíamos ir além da afirmação que durante o GA teria se formado uma camada mais abastada em Argos, indicando que esta camada teria se consolidado social e politicamente durante o período posterior, o GM, e que, durante o GR, principalmente em direção ao final da Idade do Ferro, no GR II, estaria estabelecendo laços com seus ancestrais do GA para reafirmar seu prestígio social e tentar justificar e legitimar sua participação e sua manutenção / permanência no poder político, que se encontrava ameaçado pelas transformações iminentes resultantes do processo de formação da pólis argiva.

É interessante notar que os indivíduos do GR II em Argos estabelecem laços com antecedentes da própria Idade do Ferro, buscam suas raízes no GA e não em períodos mais

distantes, como pode ser verificado em outras regiões da Grécia no mesmo período.⁷⁰ O GA constitui-se, portanto, um período fundamental no processo de organização social e política para os grupos que estavam se formando e se consolidando em Argos, pois é neste momento que tal processo é perceptível através das distinções nos costumes funerários, como por exemplo, na ostentação do mobiliário funerário em determinadas cistas.

Notamos que o processo de reorganização (de todos os aspectos) da vida e de reestruturação do poder e da própria sociedade após períodos tão conturbados, pós Heládico Recente IIIB, com a desintegração do sistema palacial micênico, são sentidas nos enterramentos do SM (evidente e brusca queda populacional e pelas características do mobiliário funerário) e tais consequências ainda permanecem durante o PG, quando se inicia o processo de diferenciação e de estabelecimento no poder de uma camada mais abastada que proporcionava segurança, organização e estabilidade social e política na comunidade que se formava, em pleno crescimento.

Durante o GA e mesmo durante o GM, a situação se mantém mais ou menos estável, através de um processo de ostentação dos contextos funerários verificado em ambos os períodos. Poderíamos afirmar, dessa maneira, que é durante o GA e o GM que se dá a consolidação dessa camada guerreira no poder e a organização da sociedade, mesmo que de forma manipulada e ideal, está intimamente

relacionada à visibilidade dos enterramentos, aos enterramentos formais dos integrantes desse grupo. Tal fato, por exemplo, pode explicar a queda no número de enterramentos do PG para o GA e do GA para o GM.

Durante o GR, a situação é um pouco mais complexa. O processo de ostentação dessa camada guerreira exteriorizada pelos enterramentos de adultos em cista é intensificado e os laços familiares e com os antepassados são reforçados a fim de legitimar e justificar a permanência no poder durante as transformações que levam ao surgimento da pólis argiva. Entretanto, a análise espacial e do mobiliário funerário desses contextos revelam que, pelo menos uma outra camada também faz uso dos enterramentos como uma forma de tornar visível sua posição e seus anseios, aquela que utiliza os vasos funerários. Tal exame revela que classificá-la como a “camada pobre” da sociedade corresponde a uma interpretação direta e simplista entre os contextos funerários e a estruturação da sociedade. Os indivíduos enterrados em covas simples, por outro lado, podem, de fato, configurar uma camada menos abastada da sociedade, que de forma cada vez mais intensa, recebe uma quantidade cada vez menor de enterramentos formais em direção ao final da Idade do Ferro. A comunidade argiva durante o século VIII a.C., portanto, pode ser considerada como complexa, hierárquica e fundamentada em posições sociais atribuídas ao nascimento, que busca reforçar os laços familiares e sociais e com seus antepassados.

70 Os laços com o passado da Idade do Bronze foram quebrados no final do SM em Argos, distintamente dos demais sítios da região, conforme veremos na análise que segue. Apenas durante o SM é possível observar o fenômeno de reutilização das sepulturas da Idade do Bronze (as reutilizações dos túmulos em câmara micênica na párea da Deiras, por exemplo). Após o SM, não há nenhum enterramento que tenha reutilizado as sepulturas das necrópoles micênicas. Pelo contrário, o processo de separação e continuidade de uso das áreas de concentração de enterramentos do PG até o final do GR é evidente e contínuo, tornando-se cada vez mais acentuado em direção ao final da Idade do Ferro. Não há evidências nem de deposição de vasos do GR em sepulturas da Idade do Bronze em Argos, fenômeno que ocorre não só nos demais sítios da Argólida, mas em vários sítios de outras regiões gregas durante o século VIII (Antonaccio 1995). A deposição de vasos durante o GR é verificada em túmulos do GA e do GM, conforme apontamos anteriormente.

Tirinto.

O sítio arqueológico de Tirinto (ou também denominado de Αρχαία Τίρυνθας) faz parte do município da Nova Tirinto (Δήμος Νέας Τίρυνθας) e pertence a municipalidade de Náuplia. Situa-se entre Náuplia e Argos, aproximadamente a 5 km a noroeste de Náuplia e 6 km a sudeste de Argos e está a uma distância de 15 km a sudeste de Micenas (Mapas 1 e 2). A grande cidadela micênica, com suas muralhas ciclópicas, está assentada sobre uma montanha isolada de 300 m de comprimento e entre 45 e 100 m de largura na planície da região da Argólida. As escavações em Tirinto tiveram início por volta de 1831 e ainda são conduzidas em conjunto pelo Instituto Arqueológico Alemão de Atenas e pelo Serviço Grego de Arqueologia.

Um grande conjunto de sepulturas datadas da Idade do ferro corresponde aos túmulos numerados pelos arqueólogos do T. 1 ao T. 41 e foram todos encontrados na Necrópole Sudoeste em 1912 e se encontram publicados na Parte II “Die ‘geometrische’ Nekropole” da obra de Frickenhaus, A.; Muller, W.; Oelmann, F. *Tiryns I. Die Ergebnisse der Ausgrabungen des Instituts*. Athens: Eleutheroudakis und Barth, 1912. Correspondem a túmulos encontrados nas campanhas de 1907 a 1909 e constituem um total de 41 sepulturas divididas em 18 túmulos em cista, 21 em vasos funerários, em pitos especificamente e apenas 2 em cova simples. Todos os túmulos em cista apresentavam formato retangular e cujas paredes são constituídas por grossas placas de pedra de calcário, ou seja, configuram exemplos de cista em ortóstato. No geral, também são fechados por uma ou mais grossas placas de pedra e também apresentavam medidas que variam entre 0,75 m a 1,70 m de comprimento, 0,40m e 0,75 m de largura e 0,50 e 1,10 m de profundidade. As sepulturas em cistas correspondem o T. 1 ao T. 18. Os túmulos em urnas funerárias são, em sua grande maioria, pitos, e apresentavam, em geral, uma placa de pedra com cobertura, fechando a boca do vaso, ou então, fragmentos de outros vasos, uma ânfora ou uma cratera, ou mesmo os vasos inteiros.

O segundo grande grupo de sepulturas datadas da Idade do Ferro corresponde aos túmulos numerados pelos pesquisadores de I a XXVIII e foram todos encontrados na área Phylaki, na campanha de 1957. Apenas os T. XX e o T. XXI são datados do Heládico Recente. Tais

enterramentos encontram-se publicados no AM 78 (1963), p. 1-62.

Atualmente, as campanhas se concentram na área nordeste da chamada Cidade Baixa no interior da cidadela e também na área a Oeste da cidadela, nos limites do sítio arqueológico. As escavações neste setor são coordenadas pelo Prof. Dr. Joseph Maran, da Universidade de Heidelberg, que busca entender a transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro em Tirinto, principalmente o Heládico Recente IIIC e, durante suas campanhas, inclusive naquelas realizadas em 2008, ainda encontra enterramentos datados da Idade do Ferro nesta área fora da cidadela, a Oeste da muralha.⁷¹

1) Informações Gerais.

No levantamento dos túmulos datados da Idade do Ferro em Tirinto realizado para a elaboração do *Corpus documental* a partir das crônicas e relatórios de escavação desde os mais antigos até os mais recentes, verificamos que há cerca de 133 túmulos escavados em Tirinto datados desde o Submicênico até o Geométrico Recente. Tais sepulturas se configuram da seguinte forma: quatro sepulturas não apresentavam restos ósseos, sendo classificados como *kenotáphoi*. Tratam-se de 3 túmulos em vaso funerário datados do GR, os T (479), T (527) e o T (556), e um provável túmulo que seria constituído por um depósito de vasos, o T (554). Em um túmulo foram encontrados poucos restos ósseos, T (540) e um único túmulo é descrito por Verdels (1963: 53-54) como uma cremação em pito parcialmente destruído, o T (532), o qual não foi possível qualquer sinal de identificação da idade. Os demais 127 túmulos são caracterizados por inumações de adultos e crianças, individuais ou múltiplas em cistas, vasos funerários e covas simples. Há um total de 14 túmulos com inumações múltiplas, contendo dois esqueletos em cada um deles. Dessa forma, o total de enterramentos em Tirinto datados da Idade do Ferro sobre para 141.

⁷¹ Dois túmulos infantis em pitos foram encontrados durante a campanha realizada pelo Prof. Maran nesta área em 2008. Tais túmulos ainda não foram publicados e, portanto, não foram incluídos no catálogo.

2) Idade / Gênero e as relações com os Tipos de Sepultura.

Examinando o total de enterramentos a partir do atributo idade, notamos que desse total de 141 enterramentos, 29 correspondem a inumações infantis e 110 a inumações de adultos. Há dois enterramentos em pitos o T (551), classificado apenas como “Geométrico” e o T (557), datado do GR I, para os quais não há informações sobre o atributo idade. As inumações infantis correspondem a duas ocorrências de enterramentos múltiplos, uma contendo duas crianças, o T (572) e a outra abrigando os restos ósseos de um adulto do

sexo masculino e uma criança, o T (577) e a 27 sepulturas com inumações individuais. Os enterramentos de adultos correspondem a 13 sepulturas reutilizadas uma vez, 12 contendo dois indivíduos adultos em cada uma delas e 1 com um homem e uma criança e as demais 97 sepulturas abrigando inumações individuais. Há 3 enterramentos de adultos para os quais não há informações sobre o tipo de sepultura, o T (500), datado do GM I, o T (550), classificado apenas como “Geométrico” e o T (588), datado do GA. Distribuindo inicialmente, portanto, os enterramentos separados de acordo com a idade (crianças e adultos) nos subperíodos da Idade do Ferro, obtemos a TABELA 30 a seguir:

TABELA 30

Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.											
Período / Idade	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Criança	1		14	2	1		3	2	5	1	29
Adulto	9		29	5	13	1	15	6	17	15	110
	10		43	7	14	1	18	8	22	16	139

O primeiro fato que nos chama a atenção diz respeito à pequena quantidade de enterramentos infantis. Da mesma forma que em Argos, os enterramentos infantis equivalem a apenas aproximadamente 21% do total de enterramentos, enquanto os de adultos representam cerca de 79%. Percebemos que a maioria dos enterramentos, tanto de adultos, quanto infantis data do PG. Durante o período que se segue, o GA, notamos que há uma queda relativa no número de enterramentos, contudo este número não cai de forma tão brusca comparativamente aos enterramentos em Argos. Já em direção ao final da Idade do Ferro, durante o GM, e, principalmente durante o GR, o número de enterramentos cresce significativamente. Tal fenômeno também é observado em Argos, conforme analisamos nas páginas anteriores. Entretanto, é interessante reparar que, comparativamente a Argos, durante o SM, a quantidade de enterramentos em Tirinto é grande, indicando um momento explícito de turbulência e queda populacional, porém, denotando

também ocupação contínua, ininterrupta do sítio, com um caráter mais acentuado do que a ocupação argiva no mesmo subperíodo.

Relacionando o total de 141 enterramentos com a dimensão tipo de sepultura, verificamos que há um total de 67 enterramentos em cistas, 54 em vasos funerários e 17 em covas simples e tais sepultamentos podem ser distribuídos pelos subperíodos da Idade do Ferro, formando a TABELA 31, a seguir.

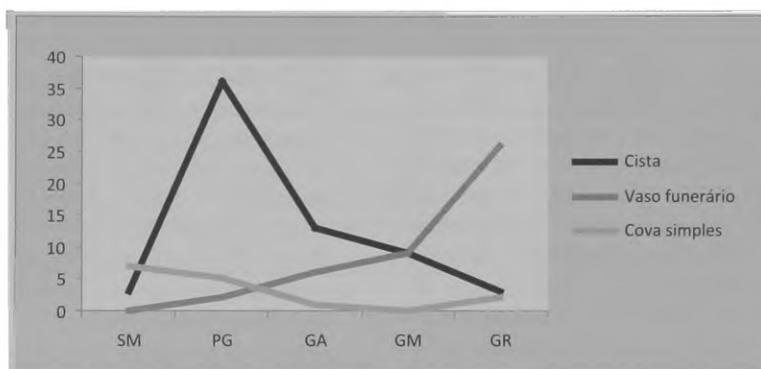
Em primeiro lugar, o número de cista equivale a cerca de 49% do total de enterramentos, enquanto a quantidade de vasos funerários corresponde a aproximadamente 39% e as covas simples representam apenas 12%. Há uma preferência clara pelo uso da cista no início da Idade do Ferro, fundamentalmente no PG. Durante o SM os enterramentos em covas simples são majoritários e, apesar deste tipo de sepultura aparecer em quase todos os subperíodos da Idade do Ferro, nota-se que a concentração se dá nos subperíodos iniciais, durante o SM e o PG.

TABELA 31

Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.											
Período/Tipo de Sepultura	SM	SM/PG	PG	PG/GA	GA	GA/GM	GM	GM/GR	GR	G	Total
Cista	3		36	5	8	1	8		3	3	67
Vaso Funerário			2	1	5		9	7	19	11	54
Cova Simples	7		5	1				1	1	2	17
	10		43	7	13	1	17	8	23	16	138

GRÁFICO 9

Número de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.



O enterramento em vaso funerário é introduzido no final do PG, da mesma maneira que em Argos e, a partir do GM, mas principalmente no GR, o uso do vaso para enterrar os mortos sofre um aumento expressivo, sendo mais de 6 vezes maior do que os enterramentos em cista.⁷² Verifica-se que o GM se trata de uma fase intermediária, de transição, pois o número de enterramentos em cista e em vaso funerário são praticamente iguais. Podemos

visualizar melhor tais conclusões iniciais a partir do GRÁFICO 9.

Observando o gráfico, contata-se que há uma diferença marcante em relação ao final da Idade do Ferro entre Argos (GRÁFICOS 1, 2 e 3, p. 118, 122 e 125) e Tirinto. Em Argos, notamos que após um período de declínio, durante o GA e o início do GM, as cistas voltam a apresentar um crescimento no GR, acompanhado pelo grande crescimento dos vasos funerários. Em Tirinto, a partir do GA, as cistas vão diminuindo de forma cada vez mais acentuada, de modo que, durante o GR, os enterramentos em vasos funerários representam mais de 82% do total de enterramentos do período. Para entendermos melhor a situação, faz-se necessário examinar a relação entre os dois atributos, idade e tipo de sepultura, distribuídos para cada subperíodo da Idade do Ferro, formando as tabelas seguintes (TABELAS 32, 33 e 34):

72 Essa preferência geral por cistas e covas simples durante o início da Idade do Ferro em Tirinto configura um costume funerário oposto em relação àquele observado durante o GR, quando o vaso funerário corresponde ao tipo de enterramento padrão. Tal tendência já havia sido constatada tanto por R. Hägg (1974) quanto por A. Foley (1988), entretanto os autores não examinaram de forma mais detalhada a relação entre os tipos de sepultura e o atributo idade, distribuindo os enterramentos pelos subperíodos.

TABELA 32

Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.											
Período/ Idade	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Criança	1		13	1							15
Adulto	2		23	4	8	1	8		3	3	52
	3		36	5	8	1	8		3	3	67

TABELA 33

Número de enterramentos em vasos funerários divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.											
Período/ Idade	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Criança				1	1		3	2	5	1	13
Adulto			2		4		6	5	13	9	39
			2	1	5		9	7	18	10	52

TABELA 34

Número de enterramentos em cova simples distribuídos no subperíodos da Idade do Ferro.											
Período/ Idade	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Criança			1								1
Adulto	7		4	1				1	1	2	16
	7		5	1				1	1	2	17

Analisando primeiramente os enterramentos infantis, notamos que o número de cistas e de vasos funerários é bastante próximo. Entretanto, há uma distinção evidente entre os períodos de utilização de um e de outro tipo de sepultura. A cista é exclusivamente utilizada durante o início da Idade do Ferro, até o final do PG e início do GA. A partir desse momento, exatamente quando se dá a introdução do vaso funerário para enterrar as crianças, este para a ser o único tipo de sepultura usado até o final do GR. Podemos concluir que há uma certa rejeição pelo uso da cova simples para enterrar as crianças, pois há apenas um único túmulo deste tipo, o T (564). Os enterramentos em vaso funerário configuram-se da seguinte forma: 7 em pito, 5 em ânfora e apenas um em píxide. Distintamente dos padrões de enterramentos infantis definidos para Argos, não há exemplos de enterramentos infantis em crateras em Tirinto. Os pitos e as ânforas são os vasos funerários usados frequentemente para as crianças.

O exame dos enterramentos de adultos nos revela que há uma predileção pelo uso da cista, pois esse tipo de sepultura corresponde a 48,5% do número total de enterramentos, enquanto os enterramentos em vaso equivalem a 36,5% e em cova simples a cerca de 15% do total. A grande maioria (mais da metade) da cistas é datada do PG e do período de transição, do final do PG e início do GA I. O pito começa a ser utilizado ainda no final do PG para enterrar os adultos e apresenta um crescimento linear até o final do GR, sendo que este configura o subperíodo de maior concentração de enterramentos em pitos para adultos. Todavia, apesar do número de pitos ser mais de 6 vezes maior em relação à cista, notamos que, distintamente dos enterramentos infantis, durante o GR, tanto as cistas quanto os pitos são utilizados para enterrar os adultos. Os sepultamentos em vaso funerário de adultos estão configurados da seguinte forma: 37 em pito, 1 em ânfora, o T (506) e 1 em cratera, o T (507).

Os enterramentos em cova simples, apesar da baixa quantidade em relação aos demais tipos de sepultura, acompanham o padrão das cistas, pois se concentram no PG e no GA. Contudo, as covas simples são usadas para os adultos de forma mais ou menos estável durante toda a Idade do Ferro.

Resumindo, poderíamos afirmar que, no início da Idade do Ferro, durante o SM e o PG, as crianças são enterradas quase que unicamente em cistas, enquanto os adultos, em cistas e covas simples. Durante o Período Geométrico, a partir do GA até o final do GR, as crianças são enterradas exclusivamente em vasos e os adultos, majoritariamente em vasos, mas as cistas e as covas simples ainda são utilizadas em um número bem menor. Estas são as conclusões preliminares dos padrões funerários em Tirinto durante a Idade do Ferro, considerando as dimensões idade e tipo de sepultura. Passemos então, para a análise da Orientação e Posição do corpo.

3) Orientação e Posição do corpo.

Quando passamos para a análise do quesito orientação do corpo / sepultura, notamos

que não é possível levantar reflexões sobre os enterramentos infantis, apenas 1 do total de 29 sepultamentos apresenta informações seguras sobre tal atributo; o T (535), na Área Phylaki, datado do final do PG, orientado na direção Sul. Há dois enterramentos infantis cujas sepulturas estão alinhadas no sentido Norte-Sul e, portanto, os crânios das crianças podem estar direcionados tanto no sentido Norte quanto para o Sul, o T (460) e o T (470), ambos encontrados na Necrópole Sudoeste, o primeiro datado do SM e o segundo do PG.

Para os enterramentos de adultos a situação é um pouco mais clara. Contudo comparado com o total de enterramentos, o número de sepultamentos que apresenta informações sobre o atributo orientação do corpo / sepultura é relativamente pequeno. Dos 110 enterramentos de adultos, aproximadamente a metade, 54 sepultamentos, apresenta informações seguras sobre a orientação. Tais enterramentos podem ser distribuídos nos subperíodos da Idade do Ferro de acordo com a TABELA 35.

TABELA 35

Número dos enterramentos de adultos divididos por orientação e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/ Orientação	SM	PG	GA	GM	GR	G	Total
Norte		1					1
Sul			1				1
Leste		1	1			1	3
Oeste	2	12	2	1	2	1	20
Noroeste				1	3		4
Sudoeste	3	6	3	3	5	2	22 + 2*
Nordeste			1				1
Sudeste							0
	5	20	8	5	10	4	52 + 2

* Há outros dois enterramentos de adultos que não possuem datação segura e outro que é datado do PG (o T (540), na Área Phylaki), porém, possui poucos restos ósseos no interior (provavelmente adulto, mas não há certeza). Entretanto, a orientação dos esqueletos é dada seguramente pelos pesquisadores no sentido Sudoeste. Dessa forma, decidimos incluí-los somente no total de enterramentos.

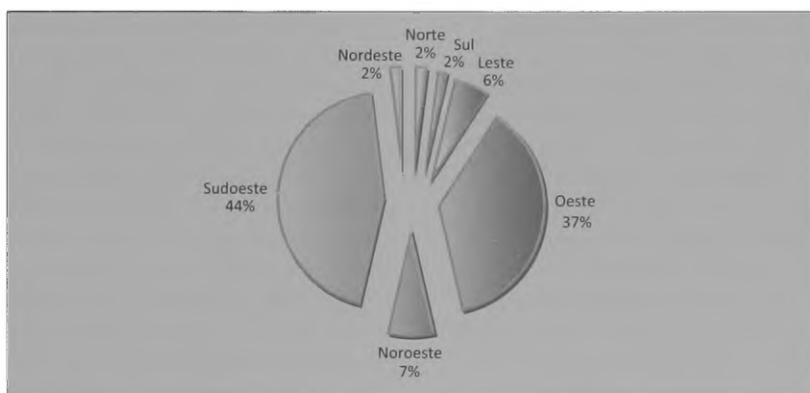
Há 10 sepulturas escavadas entre os anos 1907 e 1909, na Necrópole Sudoeste que estão alinhadas paralelamente em determinados sentidos padrões (Planta 7). Os T (459), T (461), T (462), T (463), T (464), T (465), T (466), T (467), T (468) e o T (471) encontram-se distribuídos em duas linhas paralelas no sentido Nordeste-Sudoeste e, dessa forma, os crânios dos indivíduos podem estar depositados tanto na extremidade Nordeste, quanto na Sudoeste. Quando analisamos as datas desses enterramentos, percebemos que 7 são datados do PG ou final do PG (no período de transição entre o PG e o GA), 2 são datados do GA e

apenas 1 é classificado genericamente como “Geométrico”

Analisando os dados da TABELA 35 e do GRÁFICO 10, notamos que a maioria dos enterramentos de adultos do PG possui orientação para Oeste / Sudoeste. Há apenas 1 enterramentos orientado para Nordeste. Dessa maneira, parece que o padrão de enterramento durante esse subperíodo são as direções Oeste e Sudoeste e poderíamos sugerir que esses 7 enterramentos datados do PG da Necrópole Sudoeste, muito provavelmente, estariam orientados para Sudoeste e não para Nordeste (Hägg 1980:119-26).

GRÁFICO 10

Número de enterramentos de adultos segundo o sentido de orientação da sepultura / corpo.



Ainda na Necrópole Sudoeste, há 2 túmulos, o T (469) e o T (472), que estão alinhados no sentido Noroeste-Sudeste e outro, contendo 2 inumações de adultos, o T (481), que se encontra alinhado no sentido Norte-Sul. O T (469) é datado do GA, o T (472) é apenas classificado como “Geométrico” e o T (481), tanto o primeiro, quanto o segundo enterramento datam do GM e, mais especificamente do final do GM. Há, ainda, dois enterramentos, o T (479), na Necrópole Sudoeste e o T (527), na Área Phylaki, que não contêm restos ósseos, portanto, não pudemos incluí-los nos enterramentos de adultos. Entretanto ambos apresentam orientação segura, segundo os pesquisadores. O T (479) é datado do final do GR II e está orientado para Norte e o T (527) é datado do final do GM e início do GR e está direcionado para Oeste.

Percebemos que os adultos são majoritariamente enterrados nos sentido Oeste e Sudoeste em Tirinto, durante toda a Idade do Ferro. Há exemplos de enterramentos para todas as direções, contudo está claro que os sentidos Norte, Sul, Nordeste e Sudeste são evitados. Relacionando a orientação com o quesito tipo de sepultura, percebemos que os enterramentos em cista (maioria durante o PG) apresentam uma preferência marcante para o sentido Oeste, enquanto os enterramentos em vasos funerários (dominantes durante o GM e, principalmente, o GR) estão voltados não só para Oeste, mas também para Sudoeste e Noroeste. No final da Idade do Ferro o sentido Sudoeste parece consistir a direção preferida para deposição dos mortos e de construção da cista. R. Hägg (1980: 125-26) aponta para uma tendência

durante o GR em enterrar os mortos para Oeste / Sudoeste. Tendência esta que, segundo o autor, é acompanhada por uma predileção a estes sentidos maior nos enterramentos em vasos funerários do que em cista. Tal conclusão, como podemos observar com os dados detalhados da tabela e da análise dos atributos anteriores, é, na verdade, complementar ao padrão de sepultamento durante o final da Idade do Ferro, pois coincide com o aumento do número de enterramentos em vasos (e de preferência em pitos) no GR. Todavia, também é importante ressaltarmos que não se trata de uma inovação, pois as cistas do início da Idade do Ferro (principalmente do PG) já apresentavam tais direções. Acreditamos, dessa maneira, que, apesar do tipo de sepultura ter mudado, a preferência para enterrar os mortos para os sentidos Oeste e Sudoeste permaneceu durante todas as fases da Idade do Ferro.

No que diz respeito à posição do corpo para os enterramentos em cista e cova simples, percebemos que em 8 do total de 11 cistas infantis o esqueleto encontrava-se em posição contraída, apenas 2 em posição estendida e 1 deles não contém informações sobre esse dado. Dos dois enterramentos em posição estendida, um data do SM (o T (460), na Necrópole Sudoeste) e o outro do PG (o T (590), na Área Nordeste da Cidade Baixa). Como não há enterramentos infantis em cista no GM e no GR, os que apresentam posição contraída se concentram principalmente no PG.

Quando consideramos o atributo posição do corpo para os enterramentos de adultos, verificamos que 54 enterramentos em cista e em cova simples possuem informações sobre tal atributo, representando cerca de 50% do total de enterramentos de adultos da Idade do Ferro. Desse total, apenas 3 esqueletos estão estendidos, deitados de costas e 1 (o T (498), na Necrópole Sudoeste) pode estar na mesma posição, mas é incerto. Os outros 50 enterramentos de adultos foram encontrados todos em posição contraída, com o morto deitado de costas e com as pernas dobradas para a esquerda ou para a direita. Da mesma forma como as duas cistas infantis que apresentavam os esqueletos em posição estendida, as 3 cistas em que certamente foram encontrados esqueletos de adultos nessa posição também são datadas do PG. Podemos concluir que a preferência pela posição contraída em Tirinto se dá desde o início do Idade do Ferro e que contribui para o grande padrão de enterramentos na Argólida neste período.

4) O Mobiliário Funerário.

4.1) Características da produção cerâmica de Tirinto.

Assim como em Argos, o mobiliário dos contextos funerários em Tirinto durante a Idade do Ferro é constituído por objetos cerâmicos, fundamentalmente vasos, e artefatos em metal, a maioria confeccionada em bronze e ferro, mas também uma grande quantidade em ouro. Há também um grande número de contas em faiança, esteatito e cristal de rocha utilizado na fabricação de colares. As características da produção cerâmica em Tirinto estão intrinsecamente relacionadas à posição geográfica do sítio, situado quase na metade do trajeto entre Argos e Náuplia e também próximo ao mar. A coloração e a pasta da cerâmica possuem características tanto da produção argiva, quanto da cerâmica encontrada em Náuplia, e podem ser caracterizada como resultantes de uma mistura. No geral, a coloração dos vasos torneados é bem pálida com tom de bege, identificada pelos códigos 10YR 7/4 (very pale brown) 2.5Y 7/3 (pale yellow) do Munsell. Contudo, também encontramos, principalmente em direção ao final da Idade do Ferro, vasos com tons de vermelho e marrom, semelhantes àqueles encontrados em Argos e representados pelos códigos 5YR 7/4 (pink) e 5YR 6/4 (light reddish brown). Os vasos cerâmicos manufaturados, em geral, apresentam tons mais escuros acinzentados e pretos, correspondente aos códigos 2.5Y 4/1 (dark gray) e 2.5Y 3/2 (very dark grayish brown). Tanto os vasos torneados, quanto os manufaturados caracterizam-se por uma cerâmica bem queimada, às vezes, exageradamente queimada, com o núcleo bem escuro em tons alaranjado ou avermelhado. A pasta tanto dos vasos torneados quanto de uma grande parte dos vasos manufaturados possui antiplásticos bem pequenos e finos. Entretanto, há uma grande quantidade de vasos manufaturados com antiplásticos grossos, fazendo com que a cerâmica adquira um aspecto bastante rústico e, muitas vezes, mal elaborada.

No que diz respeito às formas dos vasos, uma vasta gama é encontrada nos contextos funerários. As mais recorrentes são esquifos, taças, ânforas, enócoas e cântaros. As píxides aparecem em número bem menor, quando comparadas aos contextos argivos, por exemplo. As peculiaridades de Tirinto em relação à produção cerâmica caracterizam-se pelo grande número de vasos

manufaturados e pelas formas atípicas desses que não são encontradas em outros sítios da Argólida, como por exemplo, o cântaro e as ânforas com corpo bastante globular, bojudo, contendo um orifício de saída na pança, como por exemplo o anforisco a13 do T (483), o cântaro d3 do T (487) e o anforisco [1]19 do T (492).⁷³ Além disso, há uma grande quantidade de taças e esquifos também com orifícios de saída que caracterizam bicos na altura das alças, por exemplo, as taças 15298 e 15306 encontradas nos T (568) e T (569) respectivamente.⁷⁴ Da mesma forma que em Argos, as formas mais recorrentes do SM são os jarros com estribo, as ânforas e jarros em geral. Durante o PG e o GA, as enócoas trilobadas aparecem com frequência, principalmente aquelas com base plana. Há também um grande número de taças. No GM e no GR, as formas são mais variadas, a maioria sendo composta por taças, esquifos, ânforas, cântaros, e algumas crateras, píxides e enócoas trilobadas.

No item decoração, os motivos ornamentais mais constantes assemelham-se bastante àqueles presentes nos vasos argivos. A linha ondulada mais livre com as linhas paralelas caracteriza um motivo do SM presente, por exemplo, no anforisco 1940 do T (460).⁷⁵ Durante o PG, observa-se uma grande quantidade de vasos com círculos e semicírculos concêntricos, caracterizando uma decoração similar à ática para este subperíodo, encontrada, por exemplo, nos esquifos 2007 do T (458), 2008 do T (461) e 17374 do T (582), na enócoa b2 do T (474), nas ânforas 17408 do T (574) e 17381 do T (581) e no anforisco 10206 do T (523).⁷⁶ Os ziguezagues com ângulos mais acentuados (vide Fig. 46, p. 110), peculiares do PG, também são frequentemente encontrados. Os triângulos geralmente aparecem em conjunto com linhas oblíquas paralelas curtas, como apresentado na Fig. 47, p. 112, presente por exemplo na ânfora 1937 do T (459).⁷⁷ É interessante notar que tal

motivo ornamental é recorrente principalmente nos vasos encontrados em Argos, Tirinto e Asine. É necessário chamar a atenção para o fato de que os motivos figurados aparecem de forma bastante precoce em Tirinto, apesar de haver uma certa resistência à adoção da decoração figurada ocupando a maior e mais visível parte do vaso até o início do GM II. Há um fragmento, cuja proveniência é de um contexto bastante perturbado, provavelmente sagrado, situado na área da *Stadt-West*, que fornece uma cena de batalha entre dois indivíduos, datado do final do século X a.C. e, portanto, do final do PG (Papadimitriou 1987: pl. 19, 11; Pappi 2006: Fig. 1, p. 231).

Durante o GA, os motivos mais comuns são os meandros, as linhas paralelas, os losangos e triângulos hachurados localizados, em geral, no pescoço de ânforas e enócoas trilobadas. Como em Argos, durante o início da Idade do Ferro, há uma grande quantidade de vasos em miniatura, essencialmente taças e esquifos, que apresentam a maior parte do vaso coberta com o verniz preto brilhante.

A partir do GM, a variedade dos motivos ornamentais aumenta, como os losangos com pontos no centro (vide Fig. 48, p. 113) e, principalmente, os asteriscos intercalados com barras paralelas verticais (Fig. 50, p. 113), encontrados, por exemplo, nos esquifos d11 e 15304 dos T (492) e T (569) respectivamente e na taça 15298 do T (568).⁷⁸ Em Tirinto, notamos que os motivos ornamentais figurados (humanos e animais) aparecem de forma mais recorrente já durante o GM. Aliás, um dos exemplos mais antigo de cena figurada na Argólida vem de Tirinto, datado do Geométrico Médio II, uma enócoa com aves (Coldstream 1968: 124, pl. 25h).

Todavia, é no GR que os motivos figurados ganham um espaço cada vez maior nas bandas de decoração dos vasos e variam, principalmente, entre a composição entre cavalo e homem ou a dupla de cavalos sozinha ou com a figura humana no meio conduzindo-os, bastante similares às oficinas argivas, encontrada, por exemplo, no esquifo c8 do T (483) e nas crateras 10227 do T (539), 17156 do T (556) e do T (536).⁷⁹ Há

73 Muller und Oelmann, *Tiryns I*, 1912, Taf. XVI, 11, Taf. XVIII, 5 e Taf. XVIII, 13, respectivamente.

74 Para a taça 15298: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 231 A, B, C, D e a taça 15306: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 232 G, H, I.

75 Muller und Oelmann, *Tiryns I*, 1912, Taf. XVI, 8.

76 Para o anforisco 2007: Muller und Oelmann, *Tiryns I*, 1912, Taf. XVI, 9. Para os demais vasos: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 193 A; 194 E; 209 A; 235 A; 238 A e 239 K, L M.

77 Muller und Oelmann, *Tiryns I*, 1912, Taf. XIV, 7.

78 Para o esquifo d11: Muller und Oelmann, *Tiryns I*, 1912, Taf. XVIII, 12. Para os demais vasos: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 231 A, B, C, D; 232 A, B, C.

79 Para o esquifo d8: Muller und Oelmann, *Tiryns I*,



Fig. 67 – Esquifo 10225, T (539). Tirinto.



Fig. 68 – Píxide 10213, T (239). Tirinto.

algumas cenas encontradas em Tirinto que são raras no restante da Argólida, como por exemplo, cenas de batalha, com espadas e arcos e flechas, mais uma vez, assemelhando-se à cerâmica ática. Entretanto, exemplares áticos importados são raros, tanto nos contextos fúnebres, quanto nos profanos (Foley 1988: 63). As cenas figuradas do GR II contendo homens e cavalos e, ainda, aves, apresentam características bastante peculiares em relação às oficinas argivas. O formato do corpo humano, dos cavalos e das aves é singular, indicando, muito provavelmente, a existência de oficinas próprias (Figs. 67 e 68), como por exemplo, a ornamentação dos vasos encontrados no T (539), o esquifo 10225 (Verdelis, N. AM 78 (1963), Beil. 17, 1), a píxide 10213 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 218 A, B) e as taças (Verdelis, N. AM 78 (1963), Beil. 16, 2 e Beil. 16, 3 e também Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 218 E).

Percebe-se que a faixa com a linha ondulada contínua e círculos concêntrico que configura a Fig. 63, p. 157 está presente nas crateras do GR, porém, geralmente, não apresenta os asteriscos, como a cratera do T (541).⁸⁰ Finalmente, encontra-se uma grande quantidade nos contextos funerários do GR de anforiscos decorados com linhas paralelas espaçadas e com algum motivo ornamental no pescoço, como a seta com ponta dupla (↕), ou apenas uma ponta (↑) (Fig. 69), com um X, uma cruz, ou similares, como por exemplo, os anforiscos a8, a9, a10 e a11 do T (487), 10113 do T (521), 10130 do T (534), 17158 do T (556) e 15303 do T (569).⁸¹



Fig. 69 – Anforisco 10113, T (521). Tirinto.

Apesar da mistura e das singularidades, a cerâmica produzida em Tirinto possui maiores pontos de convergência e analogia em relação àquela produzida em Argos. Alguns autores argumentam até mesmo que haveria apenas um local de produção para ambos os sítios ou, no mínimo, eles teriam uma fonte em comum para fabricação dos vasos (Foley 1988). Todavia, especialmente durante o Geométrico Recente, as diferenças são mais marcantes entre os dois sítios e, conforme observaremos a seguir através da análise mais detalhada do mobiliário funerário dos enterramentos, provavelmente, durante este período, Tirinto configura-se como um assentamento de proporções relativamente grandes quando comparado aos demais, grande

1912, Taf. XV, 13. Para a cratera 17156: Muller, K. *Tiryns VIII* (1975), Taf. 84, 1. Para as demais: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 211 D; 217 E.

⁸⁰ Verdelis, N. AM 78 (1963), Beil. 23, 1.

⁸¹ Para os vasos do T (487): Muller und Oelmann, *Tiryns*

I, 1912, Taf. XVII, 2; Taf. XVII, 3; Taf. XVII, 7; Taf. XVII, 9. Anforisco 10113: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 207 D. Anforisco 10130 Verdelis, N. AM 78 (1963), Beil. 12, 7. Anforisco 17158: Muller, K. *Tiryns VIII* (1975), Taf. 83, 2. Anforisco 15303: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 231G, H, I.

o suficiente para possuir sua própria indústria cerâmica local, caracterizada por oficinas com seus próprios artesãos (Papadimitriou 1987). Alguns vasos apresentam uma qualidade excepcional em todos os aspectos, sem paralelos em toda a região, fato que pode indicar o florescimento dessa indústria local até mesmo antes do GR.

4.2) Características dos artefatos em metal.

Os artefatos em metal presentes nos túmulos em Tirinto, somados àqueles em Argos, Micenas e Náuplia, configuram a maior parte da produção em metal na Argólida. Distintamente de Argos, os contextos funerários de Tirinto da Idade do Ferro, apresentam uma grande quantidade de artefatos em metal. A maioria desses objetos corresponde a alfinetes e anéis em bronze e ferro. Durante o SM e o PG, da mesma forma que em Argos, os alfinetes apresentam entre 20 e 30 cm de comprimento, o corpo é confeccionado em ferro, enquanto o globo e o disco são feitos em bronze. Exemplos desse tipo de alfinete são encontrados nos T (458), T (464), T (523), T (524), T (525), T (533), T (536), T (555), T (567), T (571), T (574), T (580), T (581), T (582) e no T (583).

Os alfinetes típicos do GA, classificados como Tipo I A e Tipo I B de Kilian-Dirlmeier, podem ser encontrados no T (539). Já os alfinetes do GM II e do GR, classificados como Tipo I C e Tipo I D na obra de Kilian-Dirlmeier, apresentam maiores dimensões alcançando 30 ou até 40 cm de comprimento e, em muitos casos, apresentam decoração, como aquele presente no T (534). A decoração também é marcante durante o GR, como por exemplo, o T (519), datado do GR I e que contém um total de 6 alfinetes decorados com zigzagues e, ainda, o T (541), também datado do GR I. Além disso, em alguns casos, eles podem apresentar duas hastes ligadas por um pequeno tubo de metal, como o alfinete do T (541) do enterramento feminino.

Os anéis mais comumente encontrados nos enterramentos de Tirinto da Idade Ferro correspondem àqueles formados por uma única placa de metal mais grossa e larga. São identificados desde o final do SM e durante o PG, por exemplo, nos T (524), T (525), T (533), T (536), T (560) e no T (576).⁸² Durante o GA,

encontramos exemplares deste tipo de anel nos T (531), T (559) e no T (563).⁸³ Finalmente, datados do GM e do GR, há anéis nos T (519), T (520) e no T (539).⁸⁴ Há uma grande quantidade de anéis em espiral em ouro, em bronze e também em ferro, como nos T (459), T (476), T (505), T (525), T (533), T (570), T (571) e no T (582).⁸⁵

Quando passamos para o exame das fíbulas, percebemos que elas são bem menos frequentes nos enterramentos que os alfinetes. No entanto aparecem desde o Submicênico, como por exemplo, no T (531), na Área Phylaki, em Tirinto. Durante o Geométrico Antigo, há um exemplo de fíbula em Tirinto em um enterramento infantil, o T (563), na Seção Oeste da Cidadela. Em geral, elas são bem simples, constituídas por hastes finas retorcidas em bronze ou em ferro, ou são mais grossas contendo uma placa com decoração.

Há uma grande quantidade de túmulos em Tirinto que apresentam armamentos, principalmente, punhais, espadas e pontas de lança em ferro, nos T (477), T (528), T (530), T (539), T (541), T (542), T (544), T (559), T (561), T (587). Há um único exemplo de elmo e escudo em bronze encontrado em Tirinto, datados do final do Submicênico e início do PG, encontrados no T (544).⁸⁶ O escudo redondo e com ônfalo (Fig. 70) e a ponta de lança em bronze apresentam características da produção micênica, ainda presente nos enterramentos do SM. Já o elmo, a espada e a adaga em ferro são características do início do PG. O elmo é bastante decorado e contém protetor de mandíbula, constituindo um exemplar do PG único na Argólida (Figs. 71 e 72).

N. AM 78 (1963), Beil. 10, 1; Beil. 11, 1-2; Beil. 11, 5 Beil. 13, 3, respectivamente. Para o T (560): Gercke, P. und W.; Hiesel, G. *Tiryns VIII*, 1975, Taf. 19, 4. Para o T (576): Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 235 B, C.

⁸³ Para os anéis do T (531): Verdélis, N. AM 78 (1963), Beil. 4, 1; Beil. 4, 2. Para os do T (559): Gercke, P. und W.; Hiesel, G. *Tiryns VIII*, 1975, Taf. 33, 3c. Para o T (563): Gercke, P. und Naumann, U. AAA VII (1974), Abb. 18, p. 22.

⁸⁴ Anéis encontrados respectivamente nos T (519) e T (520): Verdélis, N. AM 78 (1963), Beil. 19, 2; Beil. 24, 4.

⁸⁵ Anéis e espirais em ouro e em ferro encontrados nos T (476) e T (525): Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 195 E; 210 E e no T (533): Verdélis, N. AM 78 (1963), Beil. 11, 5.

⁸⁶ Para os instrumentos de batalha em metal encontrados no T (544): Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 221 C, D, E; 222 A, B, C.

⁸² Para os T (524), T (525), T (533) e T (536): Verdélis,



Fig. 70 – Escudo com ônfalo, T (544). Tirinto.



Fig. 71 – Elmo em bronze, T (544). Tirinto. Face A.



Fig. 72 – Elmo em bronze, T (544). Tirinto. Face B

4.3) O mobiliário e as relações com idade e tipo de sepultura.

A partir de tais considerações sobre a produção cerâmica e de metais em Tirinto durante a Idade do Ferro, é necessário

examinarmos de forma mais cautelosa as oferendas encontradas nos contextos funerários relacionando-as com a idade e o tipo de sepultura e distribuindo-os pelos subperíodos, obtendo as tabelas que seguem:

TABELA 36

Número dos enterramentos infantis divididos por subperíodos e classificação do mobiliário funerário.

Período/ Objetos	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Sem oferendas			2	1			2	1			6
Vasos (1 a 4)	1		4		1					1	7
Metais (1 a 4)			1								1
Vasos + Metais (entre 1 a 4 cada tipo)			4								4
Variados			3	1			1	1	5		11
	1		14	2	1		3	2	5	1	29

TABELA 37

Número dos enterramentos de adultos divididos por subperíodos e classificação do mobiliário funerário.

Período/ Objetos	SM	SM/ PG	PG	PG/ GA	GA	GA/ GM	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Sem oferendas	2		1	2				1	2	4	12
Vasos (1 a 4)	4		7	1	8	1	5	3	9	3	41
Metais (1 a 4)			5		2			1	4	2	14
Vasos + Metais (entre 1 a 4 cada tipo)	2		6	1	1		4	1		2	17
Variados	1		10	1	2		6		2	4	26
	9		29	5	13	1	15	6	17	15	110

Examinando inicialmente os enterramentos infantis a partir da TABELA 36 acima, percebemos que a maioria possui mobiliário funerário variado e também que há uma grande quantidade de enterramentos contendo artefatos em metal associados a vasos cerâmicos, entre 1 e 4 de cada, representando respectivamente cerca de 38% e 14% do total. Tais enterramentos infantis concentram-se essencialmente em dois subperíodos da Idade do Ferro, no PG e no GR. A divisão na concentração dos enterramentos é acompanhada por uma divisão explícita no tipo de sepultura. No PG, os enterramentos variados correspondem a cistas, enquanto no GR, exclusivamente a vasos funerários, ânforas e pitos. As cistas infantis variadas do PG apresentam uma grande quantidade de vasos cerâmicos e artefatos em metal, com qualidade excepcional também. Por exemplo: o T (470), T (555) e o T (587). Entretanto, é interessante notar que desde a introdução, no PG, do vaso funerário para os enterramentos infantis, alguns também apresentam mobiliário funerário variado, como o T (563) que contém vários objetos em metal, uma fíbula e alfinetes em bronze, anéis em bronze e em ferro e uma colher em bronze e vários vasos cerâmicos torneados e que contêm a camada de verniz preto brilhante encontrada em também vasos do PG e do GA I em Argos. Além disso, ainda soma-se um fuso de tear, artefato que comumente é confeccionado em osso ou em pedra (na maioria das vezes em esteatito) e que se encontra com certa frequência nos túmulos variados, principalmente, infantis e de adultos do gênero feminino.

O fato que nos chama a atenção e constitui uma prática funerária diferenciada em relação à argiva, diz respeito aos enterramentos infantis variados em vasos funerários do GR, pois se compararmos com Argos, a grande maioria dos enterramentos infantis em vasos funerários não possui oferendas e é composta de crateras e ânforas. Em Tirinto, a maioria dos enterramentos infantis é composta por ânforas que, da mesma forma que as crateras e ânforas argivas, apresentam-se ricamente decoradas, com motivos ornamentais bastante variados. Os pitos, também amplamente usados nos enterramentos infantis, apresentam decoração incisa e possuem oferendas, seja uma grande quantidade de vasos cerâmicos, seja vasos associados a metais ou, ainda artefatos confeccionados em outros materiais.

Todos os enterramentos infantis (que correspondem a vasos funerários) datados do GR apresentam mobiliário funerário diversificado. Por exemplo, o T (495) apresenta 8 vasos, a maioria deles bastante decorados e torneados, com apenas dois manufaturados, o T (483) possui 14 vasos cerâmicos, 13 torneados, bastante decorados, inclusive um esquifo com figuras animais e humanas e apenas uma enócoa manufaturada. Podemos notar que os enterramentos em pitos (datados do final da Idade do Ferro, do final do GM II e do GR) apresentam uma variedade, tanto de material quanto de quantidade, maior do que os em cista (datados do início da Idade do Ferro, do PG e início do GA). Por exemplo, o T (487), um enterramento em pito da transição do GM II para o GR I, possui não só 8 vasos cerâmicos

torneados, cuidadosamente decorados, incluindo um esquifo com bico também decorado, mas também objetos em bronze e ferro, abrangendo uma figurinha feminina em ferro semelhante àquela em mármore encontrada no T (052), em Argos.⁸⁷

Os enterramentos infantis sem mobiliário funerário e com poucos vasos, entre 1 e 4, também são numerosos, equivalendo a aproximadamente 20% e 24% respectivamente. Essas duas categorias apresentam estão acumuladas, fundamentalmente, no PG e correspondem a cistas. O único exemplo de covas simples utilizado para enterrar crianças é datado do PG e apresenta um único vaso cerâmico, o T (564). Os enterramentos sem oferendas datados do final da Idade do Ferro, do GM, são identificados a vasos funerários, o T (488), T (493) e o T (545). Entretanto, tais vasos, duas ânforas e uma píxide, são ricamente decorados.

Podemos concluir, portanto, que os enterramentos infantis em Tirinto no início da Idade do Ferro são compostos por cistas e vasos com mobiliário funerário variado, de um lado, e cistas mais modestas, de outro. Em direção ao final da Idade do Ferro, principalmente durante o GR, percebe-se um aumento no número de enterramentos infantis e que passam a ser exclusivamente vasos funerários, contendo uma quantidade maior de oferendas, mais variadas em relação à matéria-prima e também a qualidade de sua produção.

Quando passamos para a análise do conteúdo dos enterramentos de adultos, a partir da TABELA 37, percebemos primordialmente que a maioria corresponde a enterramentos onde foram encontrados entre 1 e 4 vasos cerâmicos, em geral, torneados, representando cerca de 37% do total de enterramentos de adultos datados da Idade do Ferro. Os enterramentos que não apresentavam oferendas equivalem a menor porcentagem de enterramentos, aproximadamente 11%. Ambos os tipos aparecem durante todos os subperíodos da Idade do Ferro, os sem mobiliário distribuem-se de maneira mais ou menos uniforme, já os com uma pequena quantidade de vasos cerâmicos concentram-se no PG, no GA e, principalmente, no GR.

Os enterramentos que contêm um mobiliário mais variado constituem o segundo

maior percentual do total de sepultamentos de adultos, quase 24%. Tais enterramentos também aparecem durante toda a Idade do Ferro, porém constatamos que a maioria é datada do PG e do GM. As duas últimas categorias de enterramentos a partir da classificação proposta do mobiliário funerário apresentam quantidades de sepultamentos similares, representando cerca de 13% e 15% do total cada uma delas. A primeira corresponde aos enterramentos onde havia apenas artefatos em metal, entre 1 e 4 e a segunda aos sepultamentos onde foram encontrados objetos em metal associado com vasos cerâmicos, entre 1 e 4 exemplares de cada. Esses enterramentos apresentam uma concentração evidente durante o PG, o GM e o GR. É interessante notar que a quantidade de enterramentos que apresentam artefatos em metal é grande, pois equivalem a mais da metade do total de enterramentos de adultos da Idade do Ferro em Tirinto, totalizando 56 enterramentos e representando aproximadamente 51%. Tal característica é bastante distinta dos enterramentos argivos, conforme examinamos nas páginas anteriores.

No início da Idade do Ferro, durante o SM, verifica-se que a maioria dos enterramentos de adultos apresenta alguns vasos cerâmicos ou não possuem oferendas e correspondem a cistas e covas simples. Entretanto, há um enterramento em cista que contém mobiliário funerário bastante variado e apresenta o esqueleto de dois indivíduos adultos, o T (539). Trata-se de uma cista típica do início da Idade do Ferro, em ortóstato, construída e coberta com grandes placas de calcário. O enterramento mais antigo, identificado como enterramento feminino, apresenta vários objetos em metal. A reabertura da sepultura ocorre ainda no GA. Além disso, Verdélis indica que há cerca de 16 vasos cerâmicos datados do Geométrico Recente II, aproximadamente da metade do século VIII a.C., encontrados na área externa da sepultura, sobre a placa de cobertura. Os vasos cerâmicos são todos torneados e apresentam uma decoração notável, com motivos figurados humano e animal, inclusive repetidas vezes a combinação da figura humana no meio de dois cavalos, como por exemplo, na cratera 10227, no esquifo 10225 e em 3 taças.⁸⁸ Verdélis acredita que se trata de um terceiro enterramento e uma

87 Vide BCH 1955, Fig. 9, p. 313.

88 Verdélis, N. AM 78 (1963), Beil. 17, 1 (para o esquifo 10225), Beil. 16, 2 e Beil. 16, 3 (para as taças).

segunda reutilização da sepultura ocorrida durante o GR. Para o autor, tais vasos configuram um enterramento simbólico de um indivíduo que teria morrido distante da comunidade, por exemplo, um guerreiro durante uma batalha distante. Todavia, é interessante ressaltar que há inúmeros exemplos deste tipo em Argos, cistas originalmente datadas do PG e, principalmente, do GA e do GM que apresentam vasos cerâmicos do GR na área externa, sobre as placas de cobertura.

Essa segunda intervenção no T (539) pode ser entendida da mesma forma que os enterramentos que apresentam características semelhantes em Argos, como oferendas dos vivos aos seus antecedentes, pertencentes a um passado não tão distante (do GA e do SM). A deposição de oferendas nestes túmulos durante o GR, caracteriza um costume funerário que possui dois aspectos. Um deles é configurado por uma prática religiosa no âmbito familiar, privado, como uma forma dos membros lembrarem e homenagearem seus antepassados familiares. O segundo, que está intimamente relacionado ao primeiro, é caracterizado pelo âmbito público, como uma forma dos indivíduos reforçarem os laços com o passado a fim de legitimar uma posição social de destaque durante o GR, momento de transformações sociais e políticas.

Entretanto, podemos assinalar uma diferença importante neste processo entre os dois sítios, Argos e Tirinto. As reutilizações das sepulturas em Tirinto ocorrem em subperíodos bastante recuados da Idade do Ferro. Os enterramentos múltiplos aparecem desde o SM e tanto os mais remotos, quanto os mais recentes (que caracterizam a reutilização da sepultura) são datados do próprio SM ou dos demais subperíodos. Um exemplo de reutilização da sepultura datada do SM corresponde a uma cova simples contendo os restos ósseos de dois adultos, um do sexo masculino, outro do feminino, encontrada na Área Phylaki, o T (531). Os dois enterramentos possuem artefatos em metal e vasos cerâmicos. Comparativamente, não há túmulos reutilizados datados do SM em Argos. Conforme vimos, as sepulturas são reabertas com frequência no GM e, fundamentalmente, no GR; e os enterramentos mais antigos datam, principalmente, do GA.

Durante o PG, a maior parte dos enterramentos de adultos possui mobiliário funerário mais variado e é constituída por cistas. Observa-se que a variedade, tanto no que diz respeito à quantidade, quanto à qualidade

dos artefatos dessas cistas do PG de Tirinto é superior quando comparamos com todos os demais enterramentos diversificados da Idade do Ferro e mesmo quando comparamos com os enterramentos variados do PG em Argos. Alguns exemplos de cistas variadas de adultos do PG são: T (459), T (508), T (525), T (533), T (541), T (571), T (574), T (581), T (582) e o T (583). Entretanto, há uma cova simples contendo os restos ósseos de dois indivíduos que apresenta oferendas únicas, o T (544). O enterramento mais antigo é datado do SM e a reutilização do PG. É interessante notar que Verdélis atribui a maioria do conteúdo do mobiliário funerário à reutilização da sepultura, caracterizando mais um modelo de enterramento de guerreiro. Os instrumentos de batalha tanto em bronze quanto em ferro, como a ponta de lança, o escudo, a espada, a adaga e o elmo, são de uma qualidade excepcional, comparáveis ao túmulo da panóplia, o T (041) em Argos. O elmo é cuidadosamente decorado e o escudo em formato de *ômphalos* configura um exemplo de escudo encontrado em túmulos do final do Micênico e não característico da Idade do Ferro.

À medida que adentramos no Período Geométrico em Tirinto, percebemos que a quantidade de enterramentos variados sofre uma queda suave e aumentam os enterramentos que contêm apenas vasos cerâmicos, entre 1 e 4. As cistas de adultos se dividem nas duas categorias mencionadas acima, de um lado, aquelas com mobiliário funerário mais variado, contendo artefatos em metal, como punhais e pontas de lança em ferro e anéis em bronze e, de outro, aquelas que apresentam alguns vasos cerâmicos no interior. Durante o GA, cresce o número de pitos para enterrar os adultos e estes, no geral apresentam também alguns vasos cerâmicos.

As mudanças mais significativas no mobiliário funerário em relação com o tipo de sepultura para os enterramentos de adultos ocorrem no GM e, principalmente no GR. No GM, o número de enterramentos variados volta a crescer e, somados àqueles que apresentam artefatos em metal, entre 1 e 4 e, ainda, àqueles que contêm objetos em metal e vasos cerâmicos, entre 1 e 4 de cada, tornam a quantidade de enterramentos mais diversificados neste subperíodo relativamente grande. Contudo, é interessante notar que a maioria desses enterramentos são pitos. Durante o GR, a quantidade de enterramentos variados cai, mas os pitos de adultos (que agora equivalem a grande maioria dos enterramentos) quando

não apresentam artefatos em metal, possuem oferendas, principalmente vasos cerâmicos, como por exemplo os T (478), T (481), T (485), T (491), T (500), T (504), T (507), T (511), T (512), T (513), T (520), T (521), T (521), T (526), T (529), T (530) e o T (569).

A maioria dos pitos de adultos do GR em Tirinto, portanto, distintamente daqueles presentes em Argos, apresenta oferendas e, inversamente ao processo argivo e aos períodos iniciais da Idade do Ferro em Tirinto, as cistas do GM e do GR configuram um mobiliário funerário bem menos variado. Dos enterramentos em cista, destaca-se o T (568), que apresenta dois enterramentos, um datado do GM I e o segundo do GM II. O fato do túmulo em cista ter sido reutilizado ainda durante o GM nos chama a atenção, principalmente pela presença de dois fragmentos de esteatito que podem ser selos do Período Micênico. Tal fato pode indicar o estabelecimento intencional de laços com o passado como forma de denotar prestígio social. Finalmente, é importante chamar a atenção para o fato de que, como em Argos, há uma grande quantidade de sepulturas que apresentam vasos cerâmicos datados do GR em sua área externa.

Sintetizando as reflexões sobre a análise do mobiliário funerário, podemos inferir que no início da Idade do Ferro, durante o SM, o PG e o GA, a sociedade configura-se como uma sociedade bastante hierarquizada, que exterioriza o prestígio social de uma determinada camada guerreira que desfruta um alto status e, provavelmente, detém o poder político na comunidade. Esta camada faz uso da cista fundamentalmente como o tipo de sepultura padrão para enterrar seus mortos. O sítio é continuamente ocupado e passa por transformações sociais e políticas no final da Idade do Ferro, transformações essas que se refletem nos enterramentos de formas diversas, seja através da modificação no uso do tipo de sepultura, com a utilização quase exclusiva do vaso funerário, seja através de práticas rituais que configuram incursões dos vivos às sepulturas a fim de estabelecer laços com essa antiga camada guerreira.

5) Localização. Pensando o Espaço dos Mortos.

Há 11 locais de escavações em Tirinto que revelaram enterramentos da Idade do Ferro, conforme podemos observar na Planta 1. As áreas que apresentam a maior quantidade de

enterramentos estão situadas a Sul (na Área Phylaki), Sudoeste (na Necrópole Sudoeste – Terreno A), na Secção Oeste da Cidadela, também denominada de *Stadt-West*, a Nordeste da Cidade Baixa (no denominado Túmulo N) e a Sudeste das muralhas (onde este situada a Secção H). As demais áreas escavadas apresentam uma pequena quantidade de enterramentos e estão localizadas nas proximidades das áreas mencionadas acima. A única exceção é a área 8, isolada na área Noroeste da Cidadela (ver Planta 1), denominada de Túmulo O, *Rheuma*, que apresenta dois enterramentos em cista. Antes de iniciarmos a análise da distribuição dos enterramentos nas áreas de concentração pelos subperíodos da Idade do Ferro, é importante notar que os enterramentos datados do SM até o GR situam-se fora das muralhas da Cidadela micênica. As únicas exceções são dois enterramentos de adultos datados do GM que foram encontrados no interior da Cidadela, um nas campanhas de 1924, o T (499), e o outro em 1925, o T (500).

A Área Phylaki corresponde a área com maior quantidade de enterramentos da Idade do Ferro em Tirinto. Há 39 enterramentos de adultos nesta área, sendo 9 túmulos caracterizados como casos de reutilização da sepultura, contendo dois esqueletos em cada uma delas. Além disso, há 1 enterramento com poucos restos ósseos e outro em um pito para os quais não foi possível a identificação da idade e do gênero dos indivíduos e há, ainda, 1 enterramento sem restos ósseos e uma cremação. Os enterramentos nessa área totalizam 44 e representam mais de 32% do total.

A Necrópole Sudoeste contém 42 enterramentos (quase 30% do total), configurados da seguinte forma: 27 enterramentos de adultos, com apenas um caso de reutilização com dois indivíduos na sepultura, 14 enterramentos infantis e 1 túmulo sem restos ósseos. A área da Secção Oeste da Cidadela apresenta um total de 29 enterramentos, equivalente a 20,5%. Desses 29, 21 são enterramentos de adultos, sendo duas sepulturas reutilizadas com 2 indivíduos em cada. Os 8 enterramentos restantes são de crianças e incluem dois casos de enterramentos múltiplos, um com um indivíduo adulto e uma criança juntos, o T (577), exemplo raro em todos os sítios da Argólida.

Finalmente, a quarta área de concentração de enterramentos, contendo uma quantidade bem menor de enterramentos quando comparada às três áreas mencionadas anteriormente,

corresponde a Sudeste da Cidadela, a Secção H e abrange 11 enterramentos, representando aproximadamente 8% do total. Esses enterramentos correspondem a 10 indivíduos adultos e 1 única criança, todos configurados como inumações individuais.

Para entendermos melhor tais áreas, tentando visualizar processos de formação de lotes específicos de enterramentos, seja a partir de dimensões horizontais (familiares e pelo atributo idade), seja através das dimensões horizontais (status social), distribuímos os enterramentos pelos subperíodos da Idade do Ferro, formando camadas que consideram a relação entre o quesito idade e tipo de sepultura nas áreas de concentração. Dessa forma, como em Argos, obtivemos cinco Plantas do sítio que fornecem uma melhor visualização da distribuição dos enterramentos para cada subperíodo. Contudo, devido às restrições e limites da publicação da tese de doutorado, a Planta apresentada neste livro abrange a totalidade dos enterramentos datados da Idade do Ferro, desde o SM até o GR, localizados nas áreas de concentração.⁸⁹

A diferença marcante em relação a Argos, que apresenta os enterramentos da Idade do Ferro distribuídos de uma maneira bastante dispersa na cidade e em conjunto com as áreas de habitação, está no fato de que em Tirinto as áreas de concentração constituem espaços exclusivos de deposição dos mortos desde o início da Idade do Ferro, pois não há vestígios habitacionais nas áreas de concentração de enterramentos.

Examinando inicialmente os enterramentos datados do SM, verificamos que estão concentrados em duas áreas opostas do sítio, a Sul-Sudoeste da Cidadela, na Área Phylaki e a Nordeste da muralha, no Túmulo N. A Necrópole Sudoeste apresenta um único enterramento infantil em cista, o T (460), e na área Sudeste da Cidadela, na Secção H, também há uma cista do SM, porém de adulto, o T (504). A Área Phylaki corresponde a área com maior número de enterramentos, contendo 1 cista e 4 covas simples de adultos. A Área a Nordeste apresenta 3 covas

simples de adultos localizadas em túmulos em câmara micênicos.

As covas simples da Área Phylaki estão configuradas da seguinte forma no que diz respeito ao mobiliário funerário: duas delas não apresentam oferendas de qualquer natureza e as outras duas contêm artefatos em metal e vasos cerâmicos em pequena quantidade, entre 1 e 4 de cada. No entanto, a cista de adulto encontrada na mesma área, o T (539), possui um mobiliário funerário muito mais variado e caracteriza um caso de reutilização da sepultura, contendo dois esqueletos no interior da cista. As covas simples encontradas nos túmulos em câmara micênicos, no Túmulo N, apresentam apenas 1 ou 2 vasos cerâmicos, representando incursões aos túmulos da Idade do Bronze, porém com mobiliário funerário bem menos diversificado.

Durante o PG, o quadro é bastante distinto, pois se percebe que há quatro grandes áreas que reúnem maior parte dos enterramentos do período, a Necrópole Sudoeste, a Área Phylaki, a Secção Oeste da Cidadela (*Stadt-West*) e a Nordeste da Cidade Baixa, da muralha da Cidadela (no denominado Túmulo N), abrangendo respectivamente um total de 9, 8, 20 e 7 enterramentos. Há ainda uma cista infantil encontrada no Terreno Daskalakis, uma outra cista infantil e uma de adulto localizadas no Terreno Bavela e uma terceira cista infantil situada no Túmulo O (*Rheuma*). A maioria dos enterramentos está situada na área da Secção Oeste, cerca de 41% do total de enterramentos do PG. Conforme já analisamos no item tipo de sepultura relacionado com o atributo idade, notamos que há 14 enterramentos infantis datados da Idade do Ferro, sendo 13 em cistas e apenas 1 em cova simples. Os 29 enterramentos de adultos do PG são identificados a 21 sepultamentos em cista, 3 em pitos e 5 em covas simples.

As cistas, tanto as infantis, quanto as de adultos, apresentam artefatos em metal associados a vasos cerâmicos, em geral, entre 1 e 4 de cada, ou vários artefatos em metal, vasos cerâmicos e objetos confeccionados em outros materiais. Principalmente as cistas situadas na Secção Oeste da Cidadela, na Necrópole Sudoeste e na Área Phylaki apresentam mobiliário funerário bastante variado e também há exemplos de enterramentos múltiplos datados do próprio PG, como o T (577), que constitui o único caso de enterramento múltiplo de um adulto do sexo masculino e uma

⁸⁹ Para visualizar os Mapas específicos com a distribuição dos enterramentos de cada subperíodo da Idade do Ferro, vide: SOUZA, C. D. 2010. *Práticas Mortuárias na Região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C.* Tese de Doutorado, 3 vols. Museu de Arqueologia e Etnologia / Universidade de São Paulo. São Paulo.

criança em Tirinto e o T (581), que apresenta os restos ósseos de dois adultos, um do sexo feminino e o outro masculino.

As covas simples infantis e de adultos possuem entre 1 e 3 vasos cerâmicos e encontram-se nos mesmos locais de concentração das cistas, na Área Phylaki e na Secção Oeste da Cidadela. Contudo, é importante lembrar que há um enterramento em cova simples localizado na Área Phylaki que possui mobiliário funerário único, o T (544). O túmulo apresenta dois enterramentos de indivíduos adultos um datado do SM e o mais recente, caracterizado por um homem, datado do PG. Este enterramento possui armamentos extremamente elaborados, como o elmo, o escudo e a espada em bronze e ferro, constituindo um exemplo claro de um enterramento de guerreiro. O pito é introduzido para enterramentos de adultos durante o PG e, da mesma forma que as covas simples, é encontrado na Área Phylaki, na Secção Oeste e Nordeste da Cidade Baixa, da muralha da Cidadela (no denominado Túmulo N) e apresenta entre 1 e 3 vasos cerâmicos.

Podemos concluir, dessa forma, que as áreas de concentração do SM são intensamente utilizadas durante o PG, mas a área da Secção Oeste da Cidadela surge como o principal local de deposição dos mortos neste subperíodo. Aparentemente, não há áreas exclusivas de enterramentos nem classificados por idade, pois os infantis e os de adultos situam-se nos mesmos locais, nem classificados por tipos de sepultura, pois os três tipos são encontrados também nos mesmos locais de concentração de enterramentos. As cistas do PG, tanto infantis, quanto de adultos, possuem mobiliário funerário bastante diversificado comparado às oferendas dos demais tipos de sepultura e também quando comparado com o mobiliário das cistas do PG em Argos.

Quando passamos para o exame dos enterramentos datados do GA, podemos observar um processo bastante claro de continuidade de uso das áreas de concentração de enterramentos. A Necrópole Sudoeste contém um total de 8 enterramentos; a Área Phylaki e a área a Sudeste da Cidadela, na Secção H, somam 4 enterramentos em cada uma delas, a Secção Oeste contém 2 enterramentos e a área do Túmulo O, *Rheuma*, totaliza 3 enterramentos do GA. Dos 18 enterramentos de adultos datados do GA, 12 são cistas, 4 em pitos, 1 em cova simples e para um deles não há informações sobre o tipo de sepultura. As crianças correspondem a 2 pitos e

1 cista. As cistas infantis e de adultos distribuem-se de maneira mais ou menos uniforme pelas áreas de concentração, mas a maioria se encontra na Necrópole Sudoeste e na Área Phylaki. Os pitos concentram-se na Necrópole Sudoeste e na área a Sudeste da Cidadela, na Secção H. Da mesma forma que no PG, durante o GA também não é possível visualizar áreas distintas para os enterramentos de adultos e infantis, nem para os tipos de sepultura.

As cistas do GA apresentam uma divisão mais clara no que diz respeito ao mobiliário funerário em comparação com as cistas do PG. De um lado, há uma grande quantidade de cistas contendo entre 1 e 4 objetos em metal e vasos cerâmicos, incluindo armamentos, como punhais e pontas de lança e anéis e vasos cerâmicos e, de outro lado, há algumas cistas que não apresentam oferendas, ou contém 1 ou 2 vasos cerâmicos. A variedade e a qualidade dos artefatos diminuem em relação aos objetos depositados nas cistas do PG. Inversamente, os enterramentos em pitos passam a apresentar alguns instrumentos em metal, principalmente, mas também vasos cerâmicos. Há um exemplo de pito, contendo restos ósseos de uma criança, que apresenta mobiliário funerário diversificado, o T (563), localizado na Secção Oeste da Cidadela. O único exemplo de cova simples do GA contém um indivíduo adulto e apenas um vaso cerâmico.

Apesar da queda no número de enterramentos, durante o GM a Necrópole Sudoeste e a área da Secção Oeste constituem as áreas com maior quantidade de enterramentos, atingindo um total de 7 e 4 respectivamente. Há também 2 enterramentos em cada uma das seguintes áreas: na Área Phylaki, a Noroeste da Cidadela, no Túmulo N e na área a Sudeste da Cidadela, na Secção H. Há, ainda, dois enterramentos encontrados excepcionalmente no interior da fortificação micênica, no Terreno Balaskas, configurados por uma cista de adulto e um outro enterramento de adulto para o qual não há informações sobre o tipo de sepultura. Ambos apresentam mobiliário funerário bastante variado e são os únicos enterramentos datados da Idade do Ferro encontrados no interior das muralhas micênicas.

A quantidade de cistas é equivalente a de enterramentos em vasos funerários. Há 9 cistas e 9 vasos (6 pitos, 2 ânforas e 1 píxide) e não há exemplos de covas simples. Os adultos totalizam 15 enterramentos distribuídos de maneira mais

ou menos uniforme pelas áreas de concentração. Há apenas 3 enterramentos infantis do GM, todos em vasos funerários, 1 pito, 1 píbide e 1 ânfora. Dois deles localizam-se na Necrópole Sudoeste, juntamente com enterramentos em pitos e em cistas de adultos. A píbide e a ânfora não possuem oferendas, contudo são ricamente decoradas.⁹⁰ Já o pito, apresenta 4 vasos cerâmicos.

As cistas de adultos do GM somam 9 enterramentos e no que diz respeito ao mobiliário funerário, apresentam artefatos em metal e vasos cerâmicos entre 1 e 4 exemplares de cada. Entretanto, conforme já notamos na análise do mobiliário funerário, os instrumentos de batalha são encontrados de forma mais escassa nas cistas desse subperíodo e, em geral, os artefatos de metal correspondem a anéis e alfinetes em bronze. Há uma cista situada na Secção Oeste, o T (568), que contém os restos ósseos de dois adultos com oferendas bastante variadas que constitui mais um exemplo de reutilização da sepultura ocorrida no mesmo subperíodo da Idade do Ferro. Os vasos funerários totalizam 6 enterramentos, 5 em pitos e 1 em ânfora. Percebemos que há 4 pitos que possuem entre 1 e 3 vasos cerâmicos. Entretanto, um pito localizado na Secção Oeste, o T (569), e a ânfora situada na área a Sudeste da Cidadela, na Secção H, o T(505), apresentam mobiliário funerário bastante variado.

Finalmente, durante o GR, as áreas que apresentam a maior porcentagem dos enterramentos são a Necrópole Sudoeste, totalizando 12 e a Área Phylaki, somando 11. A Secção Oeste e a área do Terreno Meringis, ambas situadas a Oeste da Cidadela, apresentam 2 enterramentos em cada, enquanto a área a sudeste da Cidadela, a Secção H, contém 4. Conforme já indicamos na análise do tipo de sepultura e do atributo idade, o número de enterramentos em vasos funerários durante o GR cresce de forma acentuada, totalizando 25 enterramentos (20 pitos, 4 ânforas e 1 cratera). As cistas equivalem a apenas 3 ocorrências e as covas simples contabilizam a pequena quantidade de 2 enterramentos.

Os 7 enterramentos infantis do GR são em sua totalidade em vasos funerários, 4 em ânfora e 3 em pito e concentram-se fundamentalmente

na Necrópole Sudoeste, abrangendo. Há apenas 1 pito infantil localizado na área a Sudeste da Cidadela, na Secção H, cujo mobiliário funerário é formado por 5 vasos cerâmicos. As ânforas e os pitos da Necrópole Sudoeste apresentam mobiliário funerário bastante variado, composto por uma grande quantidade de vasos, ricamente decorados e, em alguns casos, associados a artefatos em metal. Há apenas uma única ânfora que não contém oferendas, o T (493).

Dentre os 23 enterramentos de adultos, 2 são em covas simples, 3 em cista e 18 em vasos funerários, sendo 17 pitos e 1 cratera. O exame dos enterramentos de adultos em vasos funerários do GR fornece reflexões interessantes no que diz respeito ao mobiliário funerário. Apenas um pito e a cratera não possuem oferendas, os demais pitos apresentam entre 1 e 7 vasos cerâmicos ou, ainda, entre 1 e 4 vasos associados a alguns objetos em metais, anéis em bronze.

As cistas de adultos, apesar da pequena quantidade, apresentam um mobiliário funerário menos diversificado em relação aos enterramentos em vasos. Duas delas se encontram na Área Phylaki e possuem alguns objetos em metais (alfinetes e anéis) e alguns vasos cerâmicos, entre 2 e 3. A mais variada delas corresponde a uma reutilização de uma cista datada do final do PG e início do GA I, o T (541). As covas simples também se caracterizam por enterramentos bem menos variados, uma delas, localizada na Área Phylaki, possui 2 objetos em metal e a outra, encontrada na Necrópole Sudoeste, possui 2 vasos cerâmicos.

Resumindo as reflexões levantadas até então sobre o espaço dos mortos em Tirinto, podemos afirmar que as quatro maiores áreas de concentração de enterramentos, a Área Phylaki em primeiro lugar, a Necrópole Sudoeste, a Secção Oeste e a Secção H, a Sudeste da Cidadela, configuram-se como áreas específicas que apresentam um processo contínuo evidente de deposição dos mortos, sejam adultos, sejam crianças, desde o Submicênico até o final do Geométrico Recente. É interessante notar que os enterramentos infantis estão concentrados de forma marcante em duas dessas áreas, na Necrópole Sudoeste (9 enterramentos) e na Secção Oeste (8 enterramentos). Entretanto, quando examinamos a distribuição dos enterramentos infantis nas áreas de concentração pelos subperíodos da Idade do Ferro, tal análise nos mostra que, do SM ao GM, as crianças são

⁹⁰ Trata-se da píbide do T (488): Muller und Oelmann, *Tiryns I*, 1912, Taf. XIV, 6, e da ânfora do T (545): Kunze, E. *ÖJH XXXIX* (1952), Abb. 18a e 18b, p. 54.

enterradas de uma maneira mais espalhada pelo sítio, em todo entorno da Cidadela e, durante o GR, nota-se uma preferência explícita para sepultá-las na Necrópole Sudoeste. Observando com mais cautela os enterramentos infantis da Necrópole Sudoeste, percebemos que os T (492), T (494), T (495) e o T (496) se situam bastante próximos uns dos outros e estão alinhados paralelamente. O T (492) data do GM, o T (494) do final do GM e início do GR e os outros dois, o T (495) e o T (496) datam do GR II. Tal fato pode indicar a presença de uma área exclusiva para os enterramentos infantis dentro da própria Necrópole Sudoeste (Hägg 1974: 82), ou ainda, um lote familiar, pois também próximos e alinhados localizam-se enterramentos de adultos. Conforme analisamos nas páginas anteriores, esses enterramentos do GR são constituídos por ânforas e pitos com mobiliário funerário relativamente variado. Tais características podem indicar que as crianças podem ter assumido um papel diferenciado na sociedade durante o GR.

Os enterramentos de adultos, distintamente dos infantis, encontram-se distribuídos nas quatro principais áreas de concentração de enterramentos de uma maneira mais uniforme. Percebemos que a preferência para enterrar os adultos durante o Início da Idade do Ferro é a Secção Oeste, que contém um número maior de cistas. A Área Phylaki e a Necrópole Sudoeste também são intensamente utilizadas neste período para enterrar os adultos, principalmente em cistas. É interessante notar que a área ao norte é muito pouco utilizada para as sepulturas, entretanto a pequena quantidade de enterramentos que aparece nessa área é caracterizada por cistas datadas desde o PG até o GM. Podemos concluir, desse modo, que durante o início da Idade do Ferro, principalmente no SM, no PG e no GA toda área no entorno da fortificação era utilizada para os sepultamentos, verificando uma evidente concentração na utilização da Secção Oeste, da Área Phylaki e da Necrópole Sudoeste. Durante o GM e o GR, com o aumento do número de enterramentos em vasos funerários, cessam os sepultamentos ao norte e parece haver uma preferência para depositar os adultos na Necrópole Sudoeste, na Área Phylaki e na área Sudeste da Cidadela, na Secção H. Os enterramentos de adultos da Área Phylaki também denotam a formação de lotes, pois apresentam a mesma orientação, tanto as cistas, quanto os pitos. Tais lotes podem ser familiares,

porém, devido às características do mobiliário funerário, provavelmente indicam a presença de uma camada social mais abastada que detém o uso deste espaço funerário continuamente durante a Idade do Ferro.

As quatro principais áreas de concentração de enterramentos em Tirinto revelam, dessa forma, que o processo de formação de áreas exclusivas para enterramentos pode ter ocorrido precocemente em Tirinto, já no Protogeométrico. Além disso, a formação de pequenos lotes utilizados por grupos familiares e, ou, sociais dentro dessas áreas principalmente no GR, podem significar mudanças nos costumes funerários que estão relacionadas às transformações do século VIII a.C., inclusive com o próprio processo de formação da pólis argiva. Discutiremos tal questão de forma mais detalhada no Capítulo 4 de análise intersítio.

Asine.

O sítio arqueológico de Asine se situa na costa a aproximadamente 12 km a sudeste de Náuplia e pertence à municipalidade de Náuplia, (Mapas 1 e 2). As ruínas da Acrópole localizam-se em uma montanha bastante rochosa e o restante do sítio é formado por uma área de vale, denominada Cidade Baixa que separa a Acrópole da Colina Barbouna.⁹¹ As escavações no sítio tiveram início por volta de 1922, dirigidas por Axel W. Persson e Otto Frödin, do Instituto Sueco em Atenas. Tais campanhas investigaram a área da Acrópole e da denominada Cidade Baixa e foram revelados 50 túmulos datados do Submicênico, do Protogeométrico e do Geométrico como um todo (numerados pelos pesquisadores de L.H. 10 até o P.G. 46). Tais sepulturas encontram-se publicadas na obra de Frödin, O. and Persson, A. *Asine*, 1938. Apenas o Túmulo sem Numeração, encontrado na Acrópole foi identificado em 1926 e os dois túmulos P.G. 47 e P.G. 48 foram descobertos nas campanhas de 1934 e 1935. R. Hägg publica o material de alguns túmulos encontrados em 1922 e em 1934/35 nos números VI e X do *OpAth*.

Após um período sem campanhas, as escavações no sítio foram retomadas na década

91 Frödin, O. and Persson, A. W. *Asine*, 1938, Fig. 27, p. 45 e Fig. 39.

de 1970, sob a direção de Robin e Inga Hägg e Berit Well na área da Colina Barbouna, buscando entender vestígios habitacionais do Período Geométrico. No final dos anos 1980 e início dos 1990, as atividades no sítio foram finalizadas.

1) Informações Gerais.

Após o levantamento das crônicas e relatórios de escavações desde os mais antigos até os mais recentes, constatamos que há cerca um total de 87 túmulos datados do Protogeométrico ao final do Geométrico Recente em Asine. Esses 87 túmulos estão configurados da seguinte forma: 68 sepulturas correspondem a inumações individuais de adultos e crianças e 2 túmulos comportam enterramentos múltiplos, contendo dois indivíduos em cada um deles; 3 túmulos aparecem nos relatórios como *kenotáphoi*, um deles é genericamente datado como “Geométrico” e trata-se de um depósito de vasos cerâmicos, o T (596). Os outros dois são túmulos em cista, um datado do PG, o T (627), e o outro do GR T (663); 2 túmulos em cista apresentam restos ósseos destruídos, em péssimo estado de conservação e datados do PG, os T (630) e o T (643) e, finalmente, para 12 túmulos não constam quaisquer informações sobre os mortos, nem idade, nem gênero ou mesmo sobre a quantidade de esqueletos depositados nas sepulturas. Desse

modo, se considerarmos esses 12 túmulos enquanto enterramentos individuais o total de enterramentos subiria para, no mínimo, 89.

2) Idade / Gênero e as relações com o Tipo de Sepultura.

Analisando o total de enterramentos de acordo com atributo idade, observa-se que dos 89 enterramentos totais, 31 correspondem a inumações individuais infantis. Para os adultos, verificamos que 37 sepulturas apresentavam os restos ósseos de apenas um adulto e 2 túmulos continham esqueletos de dois adultos em cada. Dessa forma, o total de enterramentos de adultos equivale a 41. É interessante ressaltar que, assim como em Argos e Tirinto, há alguns túmulos que são classificados como enterramentos de adultos pelos escavadores, mas não lhes é possível atribuir 100% de certeza, pois não foram alvo de estudos osteológicos. Há 11 enterramentos de adultos dentre os 41 que pertencem a essa classificação. Todavia, consideramos para a análise futura, o total de enterramentos de adultos, isto é, 41, pois a classificação dos arqueólogos é relativamente segura. Poderíamos distribuir inicialmente os enterramentos de adultos e infantis pelos subperíodos da Idade do Ferro, formando as TABELA 38 a seguir:

TABELA 38

Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Idade	SM	PG	GA	GM	GM/ GR	GR	G	Total
Criança		28				3		31
Adulto		36			1	2	5	44
		64			1	5	5	75

Logo de início, uma primeira observação que nos chama a atenção é a total ausência de enterramentos tanto infantis, quanto de adultos durante o SM. O GA e o GM também se caracterizam como períodos de declínio brusco dos enterramentos e, mesmo quando eles voltam a reaparecer no final do GM e início do GR, a quantidade de enterramentos no final da Idade do Ferro é muito inferior em relação ao começo,

o PG. Durante este subperíodo, a concentração de enterramentos representa cerca de 85% do total. É interessante notar que, comparativamente a Argos e a Tirinto, o número de enterramentos infantis em relação aos enterramentos de adultos em Asine é elevado e, durante o PG e o GR, são bastante próximos. Este configura um primeiro diferencial nos costumes funerários do sítio que, conforme veremos nas páginas seguintes,

apresenta várias características únicas quando comparadas com todos os sítios da região da Argólida.

Quando analisamos a dimensão tipo de sepultura, constatamos que há 48 enterramentos em cista e 21 em cova simples. Não há um único exemplo de enterramento em vaso funerário em Asine durante toda a Idade do Ferro. Este constitui o segundo aspecto peculiar dos padrões funerários do sítio. A total ausência dos vasos

funerários para enterrar os mortos, nos chama a atenção, principalmente se lembrarmos que em Argos e em Tirinto, em direção ao final da Idade do Ferro, especificamente durante o GR, a quantidade de enterramentos em vasos cresce e até mesmo supera de forma marcante os enterramentos em cista e em cova simples. Distribuindo os enterramentos em cistas e em covas simples pelos subperíodos, obtemos a TABELA 39 abaixo:

TABELA 39

Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.								
Período/Tipo de Sepultura	SM	PG	GA	GM	GM/GR	GR	G	Total
Cista		43			1	4		48
Cova Simples		17				1	3	21
		60			1	5	3	69*

* O total do número de enterramentos difere da tabela anterior, pois neste caso (em que os enterramentos estão distribuídos por tipo de sepultura) há 6 túmulos de adultos cujos tipos de sepultura não foram informados nos relatórios e crônicas de escavações pelos pesquisadores, sendo classificados como indeterminado: T (648), T (649), T (650), T (651), T (652) e o T (653).

O número de cistas é mais de duas vezes maior do que o número total de enterramentos em cova simples. Cada um representa cerca de 69,5% e 30,5% respectivamente. Durante o PG, a porcentagem de cistas sobe para aproximadamente 71% do total de enterramentos, enquanto os sepultamentos em cova simples, caracterizam cerca de 28% desse total. Apesar do pequeno número de enterramentos no GR, nota-se que a preferência pelo uso das cistas ainda permanece como padrão geral de sepultamento. Entretanto, se observarmos com mais atenção

o número de enterramentos em cista e em cova simples distribuídos pelos subperíodos e classificados a partir do atributo idade (a partir das TABELAS 40 e 41), percebemos que a preferência por um determinado tipo de sepultura é muito mais evidente para os enterramentos infantis, pois o número de cistas é mais de seis vezes maior em relação ao número de enterramentos em cova simples, correspondendo a cerca de 88% do total. Dessa forma, a preferência pelas cistas para os enterramentos infantis permanece do PG para o GR, apesar do intervalo brusco durante o GA e o GM.

TABELA 40

Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.								
Período/Idade	SM	PG	GA	GM	GM/GR	GR	G	Total
Criança		25				2		27
Adulto		18			1			19
		43			1	2		46

TABELA 41

Número de enterramentos em cova simples divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/ Idade	SM	PG	GA	GM	GM/GR	GR	G	Total
Criança		3				1		4
Adulto		12					2	14
		15				1	2	18

Já para os enterramentos de adultos a situação é um pouco diferenciada. Durante o PG, reparamos que, apesar do número de cistas ser maior do que o número de enterramentos em cova simples, essa diferença não é tão acentuada, pois os números são próximos, representando 50% e cerca de 33% respectivamente. Poderíamos concluir, desse modo, que, distintamente dos enterramentos infantis, o padrão para enterramentos de adultos é caracterizado pela utilização dos dois tipos de sepultura, tanto em cista quanto em cova simples, com uma ligeira preferência pelas cista durante o início da Idade do Ferro. Assim como os enterramentos infantis, os enterramentos de adultos também estão ausentes nas fases intermediárias da Idade do Ferro, o GA e o GM. A análise torna-se mais difícil em direção ao final da Idade do Ferro, no GR, não só devido ao pequeno número de enterramentos de adultos, mas também pela incerteza na datação de dois enterramentos em cova simples, classificados apenas como “Geométricos”. Conforme já apontamos, tal classificação exclui o SM e o PG. No entanto, é bastante imprecisa em relação aos outros três subperíodos; GA, GM ou GR. De qualquer forma, a quantidade de enterramentos em cova simples durante todo o Período Geométrico é maior do que a quantidade de enterramentos em cista. Este fato denota que o padrão de enterramentos para adultos em direção ao final da Idade do Ferro pode ter se configurado por dois aspectos. De um lado, pode ter havido uma continuidade entre o uso da cista e da cova para enterrar os adultos ou, de outro, pode ter ocorrido uma modificação que levou a inversão da preferência inicial, do PG, com uma ligeira predileção pelo uso da cova simples durante o GR. Devido ao pequeno número de enterramentos, as reflexões sobre os padrões funerários tornam-se mais restritas e, dessa forma, é necessário examinar os demais atributos para entender melhor as exéquias

praticadas em Asine. De qualquer maneira, a excentricidade dos costumes no sítio é marcada, seja pela grande quantidade de enterramentos infantis, seja pela ausência do uso vaso funerário para sepultar os mortos, ou seja pela utilização elevada da cova simples para enterrar os adultos durante toda a Idade do Ferro.

3) Orientação e Posição do corpo.

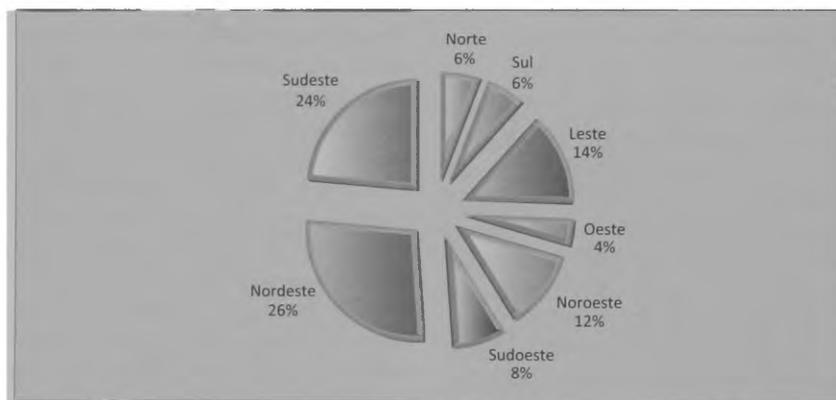
Considerando o atributo orientação do corpo / sepultura, verificamos que do total de 89 enterramentos, 51 apresentam informações sobre a direção que os túmulos em cista ou em cova simples foram construídos, representando aproximadamente 58% do total. Logo de início, podemos afirmar que não existe um padrão tão claro como em Tirinto e, dessa forma, as reflexões sobre este quesito assemelham-se mais a Argos, pois todas as direções são utilizadas em Asine. Contudo, uma observação mais detalhada nos mostra mais uma das peculiaridades de Asine nas práticas funerárias. A maioria dos sepultamentos está direcionada para o sentido Leste e seus derivados, Nordeste e Sudeste, equivalendo a um total de 7, 14, 12 enterramentos respectivamente. A preferência subsequente seria para o sentido Noroeste, com 6 enterramentos, Sudoeste, somando 4 sepultamentos e 2 para Oeste. Finalmente, 3 estariam direcionados para Sul e 3 para Norte. A peculiaridade se encontra no fato da predileção para o sentido Leste para as sepulturas em cista e em cova simples. Mesmo em Argos, que também apresenta todas as direções para os enterramentos, podemos perceber que há uma preferência por sentidos a Oeste e uma rejeição para a direção Leste. Em Asine, as direções Oeste, Sudoeste e Noroeste aparecem em um número bem menor de enterramentos. Tais números e suas respectivas porcentagens podem ser visualizadas a partir da TABELA 42 e do GRÁFICO 11.

TABELA 42

Número dos enterramentos divididos por orientação e subperíodos da Idade do Ferro.					
Período/ Orientação	PG	GM/GR	GR	G	Total
Norte	2			1	3
Sul	3				3
Leste	6		1		7
Oeste	2				2
Noroeste	4		1	1	6
Sudoeste	3	1			4
Nordeste	13			1	14
Sudeste	12				12
	45	1	2	3	51

GRÁFICO 11

Número total de enterramentos segundo o sentido de orientação da sepultura / corpo.



Quando relacionamos esta dimensão das práticas funerárias com o atributo idade, percebemos que do total de 51 enterramentos, 26 são identificados a indivíduos adultos e 24 a crianças. Há um único enterramento sem restos ósseos, datado do PG, que está orientada para Noroeste, o T (627). Ambas as categorias seguem

o mesmo padrão de enterramento para o sentido Leste, entretanto nota-se que não há exemplos de sepulturas infantis com orientação para os sentidos Norte-Sul ou vice-versa, Sul-Norte. Podemos comparar os padrões de enterramentos infantis e de adultos a partir dos GRÁFICOS 12 e 13 seguintes:

GRÁFICO 12

Número total de enterramentos de adultos segundo o sentido de orientação da sepultura.

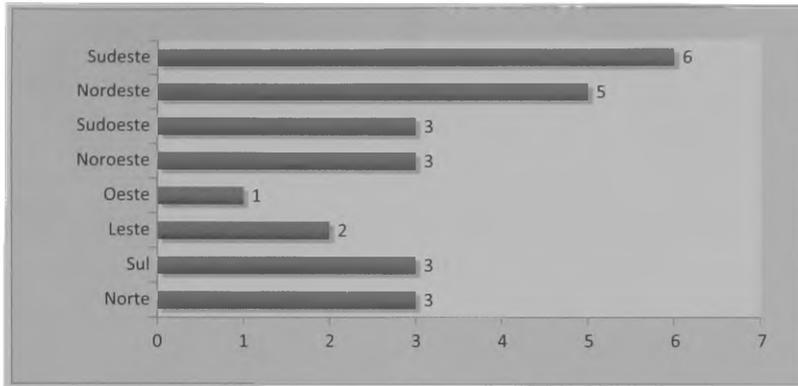
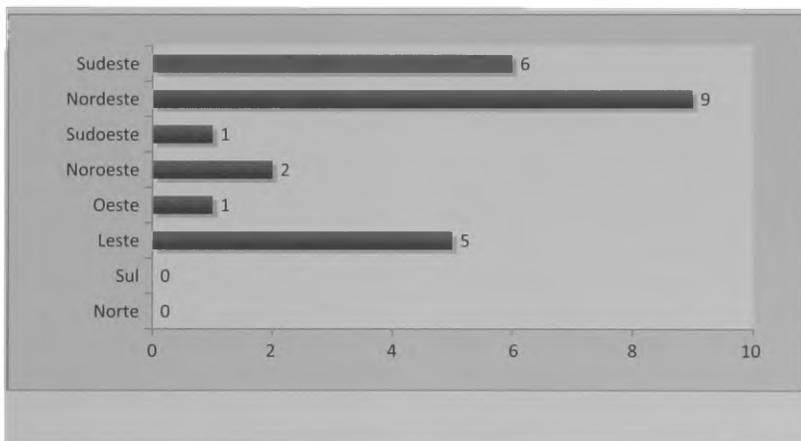


GRÁFICO 13

Número total de enterramentos infantis segundo o sentido de orientação corpo.



Tanto as crianças, quanto os adultos são preferencialmente enterrados para Nordeste e Sudeste, fato que faz com que as posições da cista, no momento de construção, sejam completamente distintas (ou no sentido Noroeste-Sudeste ou Sudoeste-Nordeste). Contudo, a cabeça do morto é depositada sempre na extremidade Leste, conforme podemos observar pelos desenhos esquemáticos da Fig. 73, na página seguinte. Hägg (1974, 1980: 124) indica que a topografia local não teve um papel definitivo no que refere à orientação dos corpos nos enterramentos durante o PG. A maioria dos enterramentos desse período se encontra na área da Cidade Baixa, na encosta que vai da Acrópole. A posição mais lógica e

natural de deposição do corpo corresponde a uma disposição no túmulo em que a cabeça do morto se situasse em uma posição mais alta em relação às pernas. Para que isso ocorresse nesta área intensamente utilizada para os enterramentos do PG no sítio, o morto teria que ter sido depositado perpendicularmente em relação à encosta, o que não acontece na grande maioria dos casos.

Desse modo, a construção da sepultura e a deposição do morto na mesma constituem fatores decorrentes da escolha dos vivos que acabam por definir padrões funerários intencionalmente estabelecidos. A singularidade dos costumes funerários de Asine durante a Idade do Ferro, principalmente durante o PG, no que diz

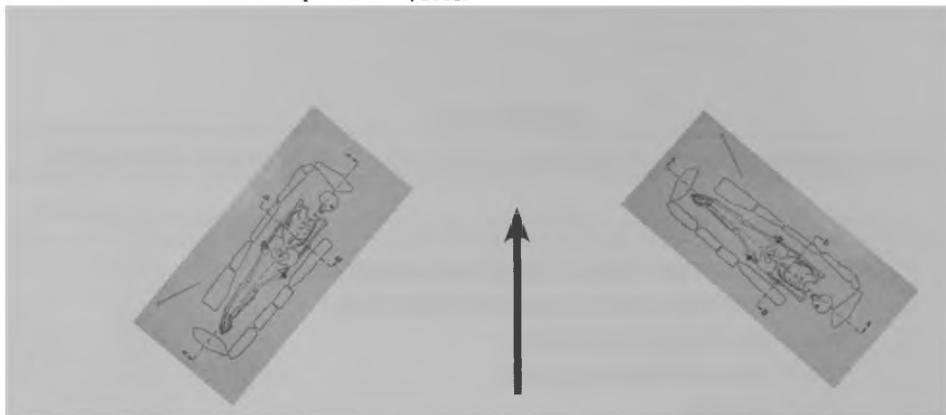


Fig. 73 – Desenho esquemático da cista orientada no sentido Sudoeste-Nordeste e Nordeste-Sudoeste, respectivamente.

respeito à orientação do corpo, definida por uma preferência para os sentidos a Leste, pode ser fruto de uma escolha delineada por fatores étnico-culturais, de acordo com conceitos estabelecidos no Capítulo 2 (vide p. 69-70). Conforme discutimos, os habitantes de Asine são Dríopes⁹² e este fato pode explicar a excentricidade nos costumes funerários em relação aos demais sítios da região, da mesma forma que Argos seria um sítio dórico *par excellence* (Foley 1988; Hall 1995, 1997; Luce 2007, tese de doutorado não publicada, cortesia do autor). Contudo, é necessário cautela neste campo étnico-cultural, evitando entender as distinções nos contextos funerários de sítio para sítio como decorrente de fatores étnicos em termos raciais puros, simples e diretos.

Quando analisamos o quesito posição do corpo, verificamos que as particularidades nos padrões de enterramento são reforçadas, tornando evidente que o sítio de Asine seria um exemplo totalmente singular na região. Há informações para 43 enterramentos entre infantis e de adultos, ou seja, quase 60% do total. Conforme elucidamos no Capítulo 2, a posição estendida pode ser caracterizada por dois tipos de configuração dos restos ósseos do indivíduo. O primeiro e raro é configurado pelo morto deitado de bruços, com a cabeça virada para um dos lados do corpo, esquerdo ou direito e os braços estendidos ao longo do corpo. O segundo tipo, que corresponde àquele encontrado nos contextos funerários de Asine, é caracterizado pelo morto deitado de costas, geralmente, com os braços estendidos ao lado do corpo ou então, dobrados sobre o abdômen ou sobre o peito. Há

apenas um caso em Asine em que o esqueleto se encontra em posição estendida e deitado sobre o lado direito do morto, um túmulo infantil, o T (632). Desses 43 enterramentos, a grande maioria caracteriza-se pela posição estendida, somando um total de 32 enterramentos, 19 de adultos e 13 infantis. Os 11 demais enterramentos foram encontrados na posição contraída típica dos enterramentos argivos e de Tirinto, correspondendo a 5 de adultos e 6 infantis.

Esse fato configura uma das mais significativas peculiaridades das práticas funerárias em Asine, pois os enterramentos em posição estendida são bastante raros nos demais sítios da região durante toda a Idade do Ferro, conforme observamos em Argos e em Tirinto. É interessante notar que todos os enterramentos em posição contraída (infantis e de adultos) são datados do PG.

Isto poderia nos levar a questões sobre a postura cultural e até mesmo política de Asine em relação aos demais sítios da região, indicando que em direção ao final da Idade do Ferro, a diferença entre os costumes funerários em Asine comparada aos outros sítios tende a ser mais destacada, apesar da pequena quantidade de enterramentos datados do GR. Seria uma forma dos habitantes de Asine de marcar sua identidade ou uma forma de independência e autonomia em relação à região (principalmente em relação a Argos) no final da Idade do Ferro? De qualquer maneira, está claro que a posição e a orientação do corpo constituem, portanto, elementos de distinção fundamental entre os costumes funerários dos sítios da Argólida, ainda mais se considerarmos que a grande maioria dos enterramentos em posição estendida são caracterizados por cistas retangulares, cujas paredes e a cobertura são construídas com grandes e grossas placas de

92 HERÓDOTO VIII 43; PAUSÂNIAS IV 34,9. Para mais detalhes, vide nota 8, p. 70 do Capítulo 2.

calcário, da mesma forma que as cistas que continham enterramentos em posição contraída em Argos e Tirinto, por exemplo. Como constatamos nas páginas anteriores, não há sequer um enterramento em vaso funerário. Esta ausência pode estar intimamente relacionada ao atributo posição do corpo, pois a posição estendida é extremamente difícil de ser efetivada em túmulos em vasos funerários, como o pito, a cratera, a pixide ou a ânfora.

Está claro que Asine constitui uma exceção desde o início da Idade do Ferro, entretanto é importante levar em consideração também aspectos geográficos e sócio-econômicos. O sítio está localizado em uma área mais isolada em relação à planície Argiva e se encontra claramente voltado para o mar, fato que certamente deve ter influenciado a configuração da estrutura econômica, social e política da sociedade, fundamentada em um caráter mais comercial. Tais características podem ter proporcionado uma certa independência do sítio não só em relação aos costumes funerários, mas ainda de vários aspectos da vida econômica, como por exemplo, a produção cerâmica. Além disso, Asine também apresenta aspectos culturais singulares, como a escolha da divindade principal cultuada pela comunidade, Apolo. Nos demais sítios da Argólida no final da Idade do Ferro, cultuava-se Hera (Morgan and Whitelaw 1991). Esta independência e singularidade do sítio exteriorizada pelas práticas mortuárias podem configurar alguns dos principais motivos que levaram Argos a destruir Asine em 700 a.C.

4) O Mobiliário Funerário.

4.1) Características da produção cerâmica de Asine.

Apesar do pequeno número de enterramentos durante o Geométrico Recente, a maioria da cerâmica da Idade do Ferro é datada desse subperíodo. Tal fato se deve, não só à grande quantidade de objetos encontrados nas áreas de habitação, mas ainda devido à grande quantidade de oferendas encontrada nesses poucos túmulos, quando comparada com a quantidade de vasos presente nos enterramentos do PG. A produção cerâmica em Asine apresenta duas configurações distintas, uma delas marcada pelas características da produção cerâmica argiva durante toda a Idade

do Ferro e a outra caracterizada por elementos que definem uma produção autônoma (Foley 1988: 56-61; Morgan and Whitelaw 1991). A começar pela própria constituição da argila, notamos que a coloração daquela utilizada em Asine difere da presente nos vasos dos demais sítios analisados até então. A maioria dos vasos é feita com uma argila de coloração vermelha escura, identificada pelos códigos 10R 5/8 (red) e 2.5YR 5/8 (red) do Munsell. Outra grande porcentagem da cerâmica é produzida com uma argila bastante escura, acinzentada, correspondente aos códigos 10YR 4/1 (dark gray) e 10YR 3/1 (very dark gray). A mistura da pasta geralmente contém uma grande quantidade de pequenas pedras brancas e a coloração vermelho-alaranjada interna da cerâmica indica que os vasos não são bem queimados, decorrente do uso de fornos de baixas temperaturas. Tais características da pasta indicam que, provavelmente, a maioria da cerâmica produzida em Asine é de fabricação local. Poderíamos afirmar que se trata de uma cerâmica mais rústica, com antiplásticos grossos, tanto para os vasos manufaturados, quanto para os torneados.

A análise das formas indica que a maioria é caracterizada por vasos abertos para beber, como taças, esquifos, cântaros e tigelas. Ânforas e enócoas, formas recorrentes em Argos e em Tirinto, aparecem com bem menos frequência em Asine. As enócoas, na grande maioria das vezes são vasos manufaturados, bem rústicos e não apresentam qualquer tipo de decoração. Os cântaros e as tigelas com formas variadas também são, na maioria dos exemplares, vasos manufaturados. Uma característica peculiar nos contextos funerários é a alça dupla alta ou a alça simples alta que ultrapassa a borda, principalmente em enócoas, jarros em geral e algumas tigelas, como por exemplo, a enócoa do T (624), a concha manufaturada encontrada no T (633) e o jarro com bico do T (655).⁹³

Os túmulos do Protogeométrico apresentam vasos torneados semelhantes àqueles encontrados em Argos e em Tirinto no que diz respeito aos motivos ornamentais.

93 Para a enócoa e a concha: Frödin, O. and Persson, A. *Asine*, 1938, Fig. 278 e Fig. 280. Para o jarro com bico: Wells, B. *Asine II. Results of the excavations East of the Acropolis 1970-1974*. Fasc. 4. The Protogeometric Period. Part 1. The Tombs. 1976.

Todavia, além do verniz preto brilhante, há uma grande quantidade, principalmente de esquifos, que possui um tipo de engobo banco e a tinta utilizada é vermelha. Tais esquifos são semelhantes aos esquifos do Submicênico em Argos e em Tirinto que apresentam na altura das alças, uma faixa com o ziguezague com ângulos menos acentuados (vide Fig. 45, p. 146). Em Asine, o ziguezague apresenta ângulos mais acentuados e é semelhante àquele encontrado em formas diversificadas do PG em Argos e em Tirinto, visualizado na Fig. 46, p. 146. Alguns exemplos desse tipo de esquifo do PG típico da produção cerâmica de Asine são encontrados no T (595), esquifo 35; T (623); T (645), esquifo 2915 e no T (659), esquifo F.70-32.⁹⁴ Os triângulos hachurados estão constantemente presentes nos vasos do PG e a grande quantidade de círculos e semicírculos concêntricos denotam uma certa influência ática na decoração cerâmica de Asine durante este subperíodo.

Quando adentramos no Período Geométrico, fundamentalmente no GR, notamos que as formas tornam-se mais similares em relação àqueles datadas do mesmo subperíodo em Argos e em Tirinto, como grandes crateras ricamente decoradas, com motivos ornamentais geométricos mais variados e figuras humanas e animais, enócoas e ânforas. As aves e os cavalos parecem ser o motivo mais recorrente e possuem as mesmas características dos presentes nos vasos em Argos, como por exemplo, a cratera 2239 encontrada no T (591).⁹⁵ Entretanto, parece haver um aumento das semelhanças em relação aos aspectos decorativos entre a cerâmica encontrada em Asine e a cerâmica ática durante o Geométrico Recente II, inclusive com a presença de alguns vasos que seriam originalmente áticos. Ainda durante esse período parece haver também importações da Beócia e das Cíclades (Foley, 1988: 61). Coldstream (1968), por outro lado, defende que tais exemplares seriam de produção local. Já vasos protocorínticos são encontrados não somente em Asine, mas em praticamente

todos os sítios da Argólida. Corinto configurou um grande exportador de vasos para diversas regiões e na Argólida, esses vasos constituem o maior número de importações da região, à frente em relação aos vasos áticos.

Tais elementos característicos da produção cerâmica em Asine nos levam a afirmar que o sítio pode ter tido suas próprias oficinas desde o início da Idade do Ferro, durante o PG até o final do período, durante o GR. Além disso, pelas próprias características geográficas do sítio, a produção parece ter recebido mais influências externas através do contato comercial, contendo inclusive uma maior quantidade de vasos importados, principalmente áticos. A produção cerâmica cessa quase que por completo no final do Geométrico Recente II e só volta a aparecer novamente no Período Helenístico. Tal fato corrobora a tradição literária que marca a destruição de Asine por Argos por volta de 700 a.C. É lamentável o fato de não haver exemplares submicênicos da produção cerâmica em Asine e pouquíssimos datados do Geométrico Antigo e Médio, pois poderíamos entender melhor o percurso da ocupação do sítio. Apesar disso, poderíamos dizer que há um período de interrupção apenas durante o SM. No entanto, mesmo com uma queda relativamente brusca e marcante durante principalmente o século IX a.C., Asine permaneceu ocupada desde o PG até o final do GR. Provavelmente, no início era constituída por uma comunidade relativamente grande, comparável àquela presente em Tirinto e durante o GR configurava-se por uma comunidade de pequenas proporções, porém autônoma.

4.2) Características dos artefatos em metal.

Os artefatos em metal encontrados nos contextos funerários em Asine correspondem principalmente a alfinetes e anéis em bronze e ferro. Os alfinetes do PG são característicos das formas encontradas em Argos e em Tirinto, classificados nas Pranchas 6 a 12 de Kilian-Dirlmeier (1984). O T (642) contém exatamente o típico alfinete datado do GM II ou, ainda, início do GR I encontrado também em Tirinto, com decoração em ziguezague. Distintamente da produção cerâmica, não parece haver oficinas próprias de confecção dos objetos em metal em Asine. Há apenas um túmulo em que foi encontrada uma fíbula em ferro, o T (659),

⁹⁴ Esquifo 35: Mountjoy, P. *Asine III*, Fasc. 1, Fig. 14 ; esquifo do T (623): Frödin, O. and Persson, A. *Asine*, 1938, Fig. 277 ; esquifo 2915: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 257 E, 257 F, 258 A e 258 B.

⁹⁵ Hägg, *OpAth VI* (1965), Taf. III; Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 245 D, E, F, G.

uma cista infantil do PG encontrada no Lote Karmaniola, a Leste da Acrópole. Os anéis são, na maior parte, sólidos e em bronze. Um exemplo de anel com decoração geométrica foi encontrado também no T (642), na Área da Cidade Baixa, em Asine e datado do final do GM II e início do GR I. Os armamentos são raros, por exemplo, uma adaga em ferro, encontrada no T (638), uma cista de adulto do PG. É interessante notar, entretanto, que apesar da pequena quantidade de artefatos em metal nas sepulturas, há uma grande quantidade de artefatos confeccionados em outros materiais, como rochas, principalmente a obsidiana e o sílex, em osso, concha e em faiança, para fabricação de colares.

4.3) O mobiliário e as relações com idade e tipo de sepultura.

Detalhando o mobiliário funerário de acordo com a idade, podemos distribuir as categorias estabelecidas de análise de acordo com os subperíodos da Idade do Ferro, formando as tabelas 43 e 44.

Analisando inicialmente os enterramentos infantis, percebemos que a maioria daqueles que são datados do PG não possuem qualquer oferenda ou então possuem entre 1 e 3 vasos cerâmicos apenas, sem objetos em metal. Apenas dois enterramentos deste subperíodo apresentam a associação vasos + metais, variando entre 4 e 5 vasos e 2 e 3 objetos em metal, conforme distribuídos na TABELA 43.

TABELA 43

Número dos enterramentos infantis divididos por subperíodos e classificação do mobiliário funerário.

Período / Objetos	PG	GM/GR	GR	Total
Sem oferendas	16		1	18
Vasos (entre 1 e 3)	10			10
Vasos + Metais (entre 1 e 4)	2		1	4
Variados			1	1
	28		3	31

TABELA 44

Número dos enterramentos de adultos divididos por subperíodos e classificação do mobiliário funerário.

Período / Objetos	PG	GM/GR	GR	G	Total
Sem oferendas	13			2	15
Vasos (1 a 4)	8				8
Metais (1 a 4)	5	1		1	7
Vasos + Metais (entre 1 e 4 cada)	4				3
Não informado	4		2	1	7
	34	1	2	4	41

A pequena quantidade de enterramentos infantis durante o GR restringe bastante uma análise mais conclusiva. Todavia, o único enterramento que apresenta um mobiliário funerário mais variado, o T (591), contém uma quantidade de vasos marcadamente superior em relação a todos os demais enterramentos, mesmo quando comparado aos de adultos durante toda a Idade do Ferro. Trata-se de uma cerâmica extremamente refinada, tanto no aspecto da fabricação, quanto da decoração. Apesar de fragmentados, os vasos apresentam-se bem queimados, a maioria de cor laranja escura e todos bastante decorados com motivos geométricos em tinta vermelha ou preta. Alguns apresentam a camada de engobo branco antes da aplicação da pintura vermelha ou preta propriamente dita, como por exemplo, a enócoa 2243.⁹⁶ A grande maioria dos vasos é datada do GA até o GR, sendo o GR II representado por um exemplar figurado com cavalos e pássaros, a cratera 2239.⁹⁷

Quando passamos para o exame dos 41 enterramentos de adultos, através da TABELA 44, verificamos que há ainda uma quantidade relativamente grande de enterramentos (7 enterramentos no total) que não apresenta informações sobre o conteúdo, o que dificulta a análise, principalmente daqueles datados do GR. Há 4 enterramentos que são classificados como “geométricos” que também consideramos para a análise; dois deles não possuem oferendas e são enterramentos em cova simples, um possui apenas um fragmento de um objeto em metal e é constituído por uma cova simples em túmulo em câmara micênico reutilizado e para o outro não há informações sobre as oferendas. Há, ainda, um enterramento datado do final do GM II e início do GR I, apresentando 4 objetos em metal e caracterizado por uma cista. Este enterramento possui 3 objetos em bronze, dois anéis e um alfinete em ferro. O alfinete em bronze apresenta decoração e, segundo os autores, motivos semelhantes aos encontrados nos alfinetes em bronze em Tirinto durante o GM e o GR. É interessante notar que talvez um dos poucos túmulos representantes do GM em Asine contenha apenas metais e em maior quantidade em relação aos datado do PG.

Durante o PG, há um total de 34 enterramentos de adultos, mas para 4 deles não há informações sobre o conteúdo. Da mesma forma que os enterramentos infantis do PG, a maior parte dos enterramentos de adultos desse subperíodo também não apresenta qualquer oferenda ou contém entre 1 e 3 vasos cerâmicos, entre torneados e manufaturados. Apenas um desses enterramentos contém 4 vasos, o T (625). É interessante observar que não há enterramentos de adultos que podem ser classificados como variados, todavia, os poucos enterramentos do Geométrico como um todo, como o T (642), datado do final do Geométrico Médio II e início do Geométrico Recente I, contém apenas metais.

Nenhum dos enterramentos de adultos em cova simples apresenta qualquer tipo de oferenda e, apesar de haver um grande número de cistas que também não contém artefatos, no geral, as cistas caracterizam-se por enterramentos mais variados. Contudo, o enterramento infantil variado do GR, o T (591), é constituído por uma cova simples.

Estes enterramentos em que os metais estão presentes, apesar de em pequeno número, podem significar, portanto, símbolos de destaque e prestígio social em relação aos demais, principalmente em relação àqueles em que se optou por não depositar qualquer tipo de oferenda. A proporção de enterramentos com metais no final da Idade do Ferro, durante o GM e o GR, aumenta em relação aos subperíodos anteriores. Assim, a ostentação do status social ou familiar deve ter sido um elemento importante durante esses subperíodos.

Sintetizando o exame do mobiliário funerário nas cistas e covas simples de Asine durante a Idade do Ferro, verificamos que, apesar do fato intrigante da queda brusca dos enterramentos no GA e no GM, os poucos enterramentos do GR apresentam mobiliário funerário mais variado, tanto em quantidade, quanto em qualidade de artefatos, quando comparados com os enterramentos do PG. A maioria dos enterramentos do PG não possui qualquer oferenda ou apresenta apenas alguns poucos vasos cerâmicos, em grande parte manufaturados e bastante rústicos e raramente encontramos artefatos em metal. Principalmente o enterramento infantil datado do GR apresenta uma quantidade de vasos surpreendentemente grande em relação aos demais e, em sua maioria, são vasos torneados ricamente decorados, com motivos figurados.

⁹⁶ Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 244 D, E, F, G.

⁹⁷ Hägg, *OpAth VI* (1965), Taf. III; Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 245 D, E, F, G

A amostragem dos enterramentos em Asine é infinitamente menor do que a argiva e aquela proveniente de Tirinto. Entretanto suas características peculiares indicam que o sítio constitui uma exceção em relação às práticas funerárias, seja pela presença mais marcante de enterramentos infantis, seja pela ausência total de enterramentos em vasos, seja pela orientação e posição do corpo e, ainda, pela configuração do mobiliário funerário.

5) Localização. Pensando o Espaço dos Mortos.

Há três grandes áreas de concentração dos enterramentos em Asine durante a Idade do Ferro; a área da Cidade Baixa, o Lote Karmaniola e o Terreno Gogonas (vide Planta 2). Porém, também foram encontrados enterramentos em menor quantidade na Colina Barbouna, na área da Necrópole Micênica I, que se situa no sopé a Nordeste da Colina Barbouna, na Acrópole e, ainda, na área denominada Kastraki, que se localiza a Sul-Sudeste da Acrópole.⁹⁸

A maior área de concentração e com uma diferença bastante acentuada em relação às demais corresponde a Área da Cidade Baixa, Terraço IV-VI e Terraço II, localizados no sopé da Acrópole, a Noroeste, totalizando 50 enterramentos infantis e de adultos e representando cerca de 56% do total. Destes 50 enterramentos, 24 são de adultos, 21 infantis, 2 continham esqueletos mal conservados, impossibilitando a identificação do gênero e da idade, para outros 2 túmulos os autores não informaram dados sobre o morto e 1 deles constituía um *kenotáphos*, o T (627), sendo interpretado como um túmulo infantil por R. Hägg (1974: 52). 47 enterramentos são datados do PG, 2 cistas datadas do final do GM II e início do GR I, os T (593) e o T (642) e 1 túmulo destruído do GM, o T (647). Todos os 21 enterramentos infantis e 23 de adultos nesta área são datados do PG. Apenas 1 enterramento de adulto é datado do GM II / GR I.

A segunda área de concentração é o Lote Karmaniola, tanto a Nordeste quanto a Leste da Acrópole. Nessa área, foram encontrados 19 enterramentos, cerca de 21% dos enterramentos totais; 6 são de crianças e 7 de adultos. Os outros

6 enterramentos fazem parte das campanhas gregas de escavações em Asine de 1969, cujas crônicas não fornecem qualquer informação sobre os mortos e classificam todos os enterramentos apenas como “geométricos” podendo ser datados, portanto, desde o GA I até o GR II. Contudo, observamos que novamente os números de enterramentos de adultos e infantil aproximam-se e são também datados do PG. Há apenas 2 enterramentos de adultos nessa área que são classificados como “geométricos”

Podemos inferir que durante o PG, as crianças são enterradas nas mesmas áreas que os adultos, não há, portanto, um local específico para os enterramentos infantis, pois as duas áreas de concentração de enterramentos do PG apresentam quantidades similares de enterramentos de adultos e infantis. Tal fato nos remete a provável existência de lotes familiares de enterramentos desde o PG. As covas simples e as cistas aparecem nos mesmos locais e não é possível identificar áreas que concentrem maior quantidade de enterramentos sem oferendas ou com alguns poucos vasos cerâmicos, de um lado, e sepultamentos mais variados, de outro.

A terceira área em que foi encontrada também uma quantidade considerável de enterramentos é o Terreno Gogonas, a Noroeste da Acrópole e na parte Sudeste da Colina Barbouna, perfazendo 8 enterramentos. Nesta área a situação é um pouco diferente daquela descrita nas duas anteriores. Destes 8 enterramentos, 4 são infantis, 2 de adultos, 1 vazio, sem restos ósseos e 1 não apresenta informações sobre o morto. É interessante notar que apenas 3 são datados do PG, os dois enterramentos de adultos e um infantil, todos os demais são datados do GR. Parece haver, deste modo, uma concentração dos enterramentos do GR nesta área e talvez uma preferência para se enterrar crianças.

Nas demais áreas foram encontrados 4 enterramentos de adultos na Colina Barbouna, 2 do PG e 2 do GR; 2 na área da Necrópole Micênica I, 1 sem restos ósseos, classificado apenas como “Geométrico” e outro de adulto também identificado como “Geométrico”; 1 na área da Acrópole, que corresponde a um enterramento em cova simples de adulto. Há, ainda, 3 sepulturas encontradas na Área Kastraki que ainda não foram publicadas e, dessa forma, não foram incluídas nem no banco de dados e nem na análise.

Pela distribuição dos enterramentos de

⁹⁸ Frödin, O. and Persson, A. W. *Asine*, 1938, Fig. 28, p. 47.

acordo com os subperíodos da Idade do Ferro, o PG e o GR, podemos notar que durante este período os enterramentos se deslocaram para sul-sudeste, pois a grande Necrópole Micênica, com vários enterramentos datados do Heládico Recente situa-se na encosta Norte-Nordeste da Colina Barbouna. Apesar do número relevante de enterramentos no Lote Karmaniola, a esmagadora maioria dos enterramentos, principalmente datados do PG, estão localizados na encosta Norte-Noroeste da Acrópole.

Conforme notamos nas páginas anteriores, não foram encontrados túmulos do SM em Asine e nem áreas de habitação. As evidências arqueológicas desse subperíodo permanecem bastante escassas, caracterizadas apenas por alguns vasos descobertos imediatamente no sopé da Acrópole. Durante o PG a situação se modifica, paredes construídas com pedras formando duas fileiras de blocos configuram as habitações do subperíodo, sendo que uma delas possui formato absidal, forma arquitetônica mais comum utilizada durante o início da Idade do Ferro. As habitações do PG concentram-se a nordeste da Acrópole. Somando-se a grande quantidade de enterramentos datados desse subperíodo, podemos concluir, portanto, que a comunidade de Asine deve ter tido um rápido crescimento depois de um período de queda abrupta após o Heládico Recente IIIB, queda esta ocasionou um período de estagnação e escassez durante não só o Heládico Recente IIIC, mas também e, principalmente, durante o SM.

Após um período de florescimento, porém sem grandes ostentações, pois a maioria dos enterramentos durante o PG não possui oferendas ou contém apenas alguns vasos, Asine entra no Geométrico com importantes evidências de habitações, em contraste com uma nova queda na quantidade de sepultamentos. Várias paredes de habitações foram identificadas na área da Acrópole, na encosta da Colina Barbouna e próximo à praia, no mesmo local e sobre as habitações do PG. Na Acrópole, campanhas conduzidas pelo Instituto Sueco, encontraram um complexo de habitações quadradas, orientadas no sentido Nordeste-Sudoeste e construídas com grossas placas de pedra. Na área da Cidade Baixa também foram encontradas habitações, porém construídas com pedras pequenas e bastante irregulares que formavam construções estreitas. Já na área próxima à praia, uma lareira foi detectada em fundações do Geométrico que seguiam o mesmo sentido das habitações anteriores do PG. A cerâmica encontrada nesses locais formava camadas datadas desde o Heládico Recente até o Geométrico

Médio, indicando que o sítio permaneceu habitado continuamente apesar da queda e da interrupção nos enterramentos.

Quando observamos a distribuição dos enterramentos do GR, verificamos que, durante este subperíodo, a área de deposição dos mortos se desloca um pouco para Noroeste, ainda na área da Cidade Baixa, porém na encosta da Colina Barbouna. É interessante ressaltar que as áreas de habitação do GR também se concentram próximas a esta área, localizadas no Setor Levendis, no sopé da mesma colina. São residências construídas com pedras finas e regulares de calcário, com formato absidal e que incluem a presença de lareiras. Algumas delas são quadradas ou retangulares e com formato de U. A função (ou funções) dessas estruturas ainda constitui um ponto de debate entre os pesquisadores, entretanto pode estar associada a banquetes e reuniões da comunidade e, ou, ainda, a banquetes funerários, uma vez que vários dos enterramentos foram encontrados sobre ou próximos das habitações, como os Túmulos T (663), T (665) e T (666), durante o GR e, ainda, os túmulos da campanha de 1970 (T (654), T (655), T (656), T (657), T (658) e T (659)), durante o PG. Dessa forma, as áreas de concentração de enterramentos parecem acompanhar as áreas de habitações desde o PG até o final do GR. Um fato que nos chama a atenção em Asine é a relativa ausência de enterramentos múltiplos, de sepulturas reutilizadas. Há apenas dois exemplos de túmulos em que foram encontrados restos ósseos de dois indivíduos adultos, o T (660), datado do PG e o T (669), datado do GR. Nenhum deles apresenta oferendas.

Apesar do pequeno número de enterramentos durante o Geométrico Recente, a ostentação aumenta e as evidências de habitações também, indicando que, provavelmente, a comunidade teria passado novamente por um período de rápido crescimento. Soma-se a construção de um importante e imponente santuário dedicado a Apolo no topo da Colina Barbouna durante o Geométrico Recente e que, mesmo após a destruição de Asine por volta de 700 a.C., teria sido mantido e frequentado durante o Período Arcaico. Tal fato é comprovado não só pela evidência literária,⁹⁹ mas também pelos vestígios arqueológicos encontrados no santuário, pois as oferendas datam do século VIII e adentram para o VII e até mesmo início do VI a.C.

99 PAUSÂNIAS II.36.5.

Micenas.

O sítio arqueológico da Micenas situa-se 11 km ao Norte de Argos, na porção norte da região da Argólida (Mapas 1 e 2), em uma área bastante acidentada com montanhas altas, caracterizada por um solo mais árido, com vegetação rasteira. No sopé da montanha, onde está o sítio arqueológico, localiza-se o povoado de Micenas (Δήμος Μυκηναίων), que integra a Municipalidade de Argos-Micenas. A Acrópole Micênica está localizada no topo de uma grande montanha totalmente cercada pela grande muralha ciclópica, cuja entrada se dá através da famosa Porta dos Leões. Do topo, no interior da Cidadela, é possível visualizar toda a área de planície da região do sul, com vista para Argos.

As escavações no sítio tiveram início ainda no século XIX, por volta de 1841, dirigidas pelo arqueólogo grego Kyriakos Pittakis. Na segunda metade do mesmo século, o alemão Heinrich Schliemann dirigiu e financiou uma grande campanha de escavação no sítio, porém, investigações sistemáticas só tiveram início no começo do século XX, entre 1920 e 1923 e, posteriormente em 1939, com as campanhas realizadas pela Escola Britânica em Atenas, sob a direção de Alan J. B. Wace e Carl Blegen. Após a Segunda Guerra Mundial, outras grandes campanhas de escavações foram conduzidas no sítio pelo Serviço Grego de Arqueologia, coordenadas por George E. Mylonas entre 1951 e 1954, e pela BSA na década de 1970 por H. W. Catling e na década de 1980 por Elizabeth B. French, diretora da BSA na época. Atualmente, as campanhas britânicas cessaram e novas investigações arqueológicas têm sido conduzidas pelo SGA na área da Acrópole, porém elas não têm revelado sepulturas datadas da Idade do Ferro.

1) Informações Gerais.

A partir do levantamento das crônicas e relatórios de escavações mais antigos até os mais recentes, chegamos a um total de 32 túmulos datados do Submicênico ao final do Geométrico Recente em Micenas. Desses 32 túmulos, 24 constituem inumações individuais de adultos e crianças somados a outros 3 túmulos em que, provavelmente, havia inumações individuais, porém a idade e o gênero não foram identificados pelos pesquisadores. Há um total de 4 sepulturas reutilizadas, em que foram detectados mais de

um enterramento, em 3 delas há 2 enterramentos de adultos em cada e na outra há um adulto e duas crianças enterradas conjuntamente. Finalmente, há uma sepultura em que pode ter sido identificada uma possível cremação em uma fíala de bronze, o T (684). Dessa forma, o número total de enterramentos em Micenas é de 37.

2) Idade / Gênero e as relações com o Tipo de Sepultura.

A partir da classificação dos relatórios de escavações e crônicas, percebemos que desses 37 enterramentos, 18 são configurados como enterramentos de adultos e 15 como enterramentos infantis, que são classificados pelos pesquisadores genericamente como recém-nascidos, crianças, assim como, adolescentes. Os casos de reutilização da sepultura constituem ocorrências bastante interessantes e significativas, inicialmente devido ao fato de que dois deles são datados dos períodos iniciais da Idade do Ferro: o T (698), do PG e contém 3 enterramentos, um adulto do gênero feminino e duas crianças e o T (700), do final do GA II e início do GM I, contendo a inumação de dois adultos, um homem e uma mulher. Conforme já discutimos anteriormente, a simultaneidade dos enterramentos constitui um fenômeno raro e, em muitos casos, especulativo e difícil de ser comprovado. Entretanto, no caso do T (698), em que uma mulher é enterrada com duas crianças uma com 6 e a outra com 7 anos de idade, sendo todos os enterramentos datados do PG, pode indicar que são membros da mesma família e, ainda, podem ter sido sepultados na mesma ocasião, em decorrência da uma *causa mortis* comum. Contudo, mesmo sendo datados do PG, os enterramentos também podem ter sido realizados em um curto intervalo de tempo entre eles, fato de difícil reconhecimento arqueológico. De qualquer forma, comparativamente aos demais sítios examinados até o momento, a reutilização da sepultura durante o PG na Argólida é rara, pois encontra alguns exemplos apenas em Tirinto. Os outros dois túmulos reutilizados são datados do GR II, o T (684) e o T (697) e, portanto, da mesma forma que os casos de reutilização em Argos e em Tirinto, caracterizam ocorrências mais comuns de re-abertura da sepultura durante este subperíodo da Idade do Ferro.

A princípio, um fato que nos chama a atenção é quantidade de enterramentos de adultos e infantis. Em Micenas, da mesma forma que

em Asine, não constatamos a grande diferença entre eles, caracterizando um número ínfimo de enterramentos infantis em relação aos de adultos, como em Argos e em Tirinto. À primeira vista, poderíamos afirmar, portanto, que as crianças em Micenas e em Asine receberam, durante toda a Idade do Ferro, enterramentos formais e tal fato pode indicar que elas assumiram papéis distintos

em tais sociedades, marcados pela inclusão e uma maior influência na configuração da organização social. Em Argos e Tirinto, este processo teria se dado apenas no final do período, no GM e, principalmente, no GR.

Quando distribuímos os enterramentos infantis e de adultos pelos subperíodos da Idade do Ferro, obtemos a seguinte tabela:

TABELA 45

Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/ Idade	SM	SM/PG	PG	GA	GA/GM	GM	GR	Total
Criança	3	2	7				3	15
Adulto	1	1	5	1	3	1	6	18
	4	3	12	1	3	1	9	33

A concentração de enterramentos se dá no PG e, em segundo lugar, no GR II. Esta é verificada tanto para os enterramentos infantis, quanto para os adultos. É interessante notar também que os enterramentos de adultos não cessam durante toda a Idade do Ferro, estão presente desde o SM até o GR II, mesmo que em pequeno número. Já sobre os enterramentos infantis, percebemos que do GA I ao GM II há uma ausência intrigante deste tipo de enterramento, quando comparada com os demais números de enterramentos infantis datados dos demais subperíodos da Idade do Ferro. Durante

o início da Idade do Ferro, marcadamente no SM e no PG o número de enterramentos infantis é elevado. Enquanto o número de enterramentos infantis diminui em direção ao final da Idade do Ferro, inversamente, os enterramentos de adultos aumentam, principalmente, no GR II.

Dos 37 enterramentos totais, nota-se que 22 enterramentos em cistas, 4 em vasos funerários e 8 em covas simples, representando aproximadamente 62%, 14,5% e 23,5%, respectivamente, do total. Distribuindo tais números pelos subperíodos, forma-se a TABELA 46 e o GRÁFICO 14 que seguem:

TABELA 46

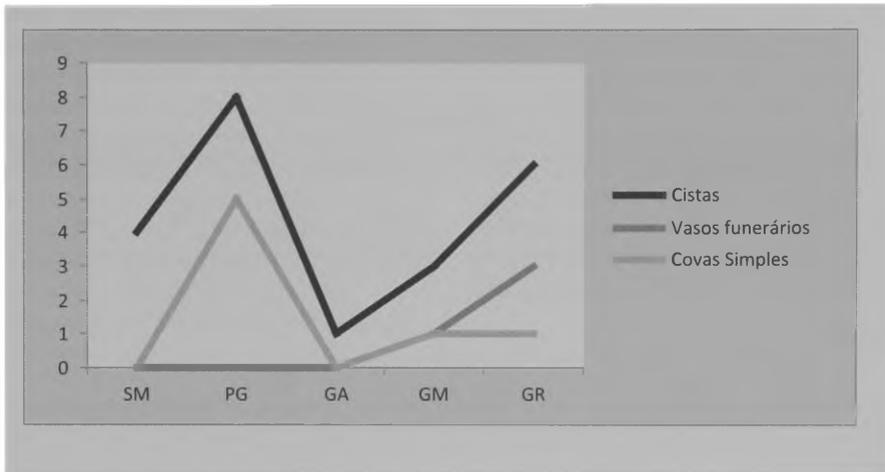
Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Tipo de Sepultura	SM	SM/PG	PG	GA	GA/ GM	GM	GR	G	Total
Cista	4	3	5	1	3		6		22
Vaso Funerário						1	3		4
Cova Simples			5			1	1	1	8
	4	3	10	1	3	2	10	1	34*

* O total de enterramentos difere da tabela anterior, pois a TABELA 45 refere-se ao total de enterramentos de adultos e infantis e, neste caso, incluímos 2 enterramentos de adultos datados do PG, o T (704) e o T (705), para os quais não foi possível identificar o tipo de sepultura. Em contrapartida, na presente Tabela onde consta o tipo de sepultura separada pelos subperíodos da Idade do Ferro, foram inseridos 3 túmulos para os quais o tipo de sepultura foi identificado, porém o atributo idade/gênero do morto não pode ser reconhecido. São eles: dois túmulos em cova simples, um datado do GM II, o T (682), o outro simplesmente classificado como "Geométrico", o T (683) e um em túmulos em vaso funerário, um pito fechado com placa de pedra de calcário datado do GR II, o T (693), localizado na área do Cemitério Proto-histórico.

GRÁFICO 14

Número de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.



Além de constatar que o número de cistas é majoritariamente maior em relação aos demais tipos de sepultura, elas estão presentes durante todos os subperíodos, concentrando-se durante o PG e o GR e havendo um declínio durante o GA. Os vasos funerários aparecem já no SM, o T (687) e, posteriormente, voltam a aparecer somente no GM, T (691), porém seu uso sofre um aumento significativo apenas no GR. As covas simples se concentram principalmente durante o PG. Não há exemplos de enterramentos em cova simples durante o SM e durante o intervalo correspondente ao GA este tipo de enterramento também não é identificado, voltando a aparecer somente no GM e no GR, em pequena quantidade. Todavia, há um enterramento deste tipo datado somente como “Geométrico” que poderia ser, portanto, identificado tanto como GA, GM ou GR, o T (683).

A princípio, portanto, poderíamos afirmar que a cista é utilizada durante praticamente toda a Idade do Ferro, talvez com uma leve concentração durante os subperíodos iniciais. Neste mesmo período, em menor quantidade, também são utilizadas as covas simples para enterrar os mortos, essencialmente durante o PG. Os vasos funerários não constituem o padrão de enterramento neste momento. Já em direção ao final da Idade do Ferro, os três tipos de sepultamentos são usados, embora o número de covas simples diminua consideravelmente

e os enterramentos em vasos funerários e cistas passem a ser os tipos mais frequentes de enterramentos. Tais padrões funerários são verificados em Argos e em Tirinto, mas há uma diferença essencial em Micenas caracterizada pela ausência de sepulturas em cova simples durante o SM. Nos outros dois sítios da Argólida, é exatamente durante o SM que elas aparecem de forma mais acentuada, principalmente como formas de reutilização de túmulos micênicos. Apesar de Micenas ter sido um centro de suma importância durante o Período Micênico, com os abastados enterramentos dos túmulos em *thólos* e dos Círculos tumulares A e B, não há exemplos de reutilizações dos túmulos durante o SM. A ruptura entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro no que diz respeito às práticas funerárias em Micenas se dá de forma mais abrupta, pois a cista típica do SM e do PG, construída com grandes e grossas placas de pedra de calcário, é utilizada para a maior parte dos enterramentos.

Relacionando o atributo idade com o tipo de sepultura, para cada subperíodo, verificamos que tais reflexões podem apresentar algumas variações interessantes, a partir do exame das TABELAS 47, 48 e 49.

Inicialmente, notamos que há uma preferência pelas cistas não só para os enterramentos de adultos, mas também para os infantis em relação ao número total de enterramentos. O número de cistas utilizadas

para enterrar crianças durante toda a Idade do Ferro (10 enterramentos no total) é exatamente duas vezes maior em relação à soma dos demais tipos de enterramentos utilizados para as

crianças (2 em vasos e 3 em covas simples). Para os adultos, a situação é similar, pois há 12 enterramentos em cistas, contra 1 em vasos e 3 em covas simples.

TABELA 47

Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Idade	SM	SM/ PG	PG	GA	GA/ GM	GM	GR	Total
Criança	3	2	4				1	10
Adulto	1	1	1	1	3		5	12
	4	3	5	1	3		6	22

TABELA 48

Número de enterramentos em vasos funerários divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Idade	SM	SM/ PG	PG	GA	GA/ GM	GM	GR	Total
Criança							2	2
Adulto						1		1
						1	2	3

TABELA 49

Número de enterramentos em cova simples distribuídos no subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Idade	SM	SM/ PG	PG	GA	GA/ GM	GM	GR	Total
Criança			3					3
Adulto			2				1	3
			5				1	6

Observamos que durante o início da Idade do Ferro, do SM ao final do GA, as crianças são enterradas em cistas e no PG, em cistas e em covas simples. Já no final da Idade do Ferro, durante o GR, esta tendência é modificada, e as crianças passam a ser enterradas preferencialmente em vasos funerários. Para os adultos a situação é ligeiramente distinta. O único enterramento de adulto datado do SM

configura-se um vaso funerário e os demais enterramentos de adultos do início da Idade do Ferro são exemplos tanto de cistas, como de cova simples, principalmente durante o PG. Conforme nos aproximamos do final da Idade do Ferro, do GM ao GR, notamos que há uma predileção para enterrar os adultos em cistas, embora haja uma ou outra ocorrência em vaso funerário e em cova simples.

3) Orientação e Posição do corpo.

Quando passamos para a análise do atributo orientação do corpo / sepultura, a situação dos enterramentos em Micenas é mais complicada do que o quadro apresentado nos demais sítios, principalmente devido ao pequeno número de enterramentos para os quais tal informação é disponibilizada na bibliografia. Não é possível realizar uma análise mais detalhada dos enterramentos relacionando a orientação do corpo do morto com o atributo idade, pois a quantidade de enterramentos infantis para os quais há informações sobre a orientação é ínfima, apenas

3 enterramentos e, cada um deles, possui um sentido diferente: um direcionado para Sudeste, datado do SM, o T (695); um único direcionado para Norte datado da transição do SM para o PG, o T (708) e um dos enterramentos direcionados para Oeste datados do PG, o T (702). A maioria dos enterramentos são de adultos, totalizando 9. Neste caso, analisamos o conjunto total de enterramentos e, dessa maneira, se excluirmos o provável caso de cremação, teríamos um total de 36 enterramentos. Para apenas 12 foram identificadas a orientação do corpo / sepultura, representando cerca de 33% do total.

TABELA 50

Número total de enterramentos distribuídos por orientação e subperíodos da Idade do Ferro.

Idade/Período	SM	SM/ PG	PG	GA	GA/ GM	GM	GR	Total
Norte		1			3			4
Sul								0
Leste							1	1
Oeste			2	1			1	4
Noroeste			1					1
Sudoeste		1						1
Nordeste								0
Sudeste	1							1
	1	2	3	1	3		2	12

Inicialmente percebemos que quase todas as orientações estão presentes, entretanto nota-se uma predileção clara pelas direções a Oeste e Norte. Durante o início da Idade do Ferro poderíamos afirmar que há uma preferência para se enterrar os mortos em Micenas para os sentidos a Oeste. Durante o GM esta predileção pode ter sido modificada e a prática mais habitual para se enterrar os mortos torna-se para a direção Norte.

De qualquer forma, Micenas constitui um caso interessante quando comparado com os demais sítios da Argólida examinados até então, pois apresenta alguns fatores singulares e outros semelhantes. Em primeiro lugar, não há uma preferência explícita para uma direção, como observamos em Tirinto e em Asine. Todavia, é possível indicar que as direções para Sul e

Leste são as menos utilizadas e, portanto, as mais evitadas, da mesma forma que em Argos e Tirinto. Assim, poderíamos afirmar que as práticas funerárias em relação à dimensão da orientação do corpo / sepultura em Micenas se aproximariam desses dois sítios, mas também são marcadas por uma certa excentricidade, decorrente do número de enterramentos direcionados para o Norte.

Infelizmente, o exame do quesito posição do corpo nos enterramentos em Micenas também não nos proporciona uma análise mais aprofundada, uma vez que o número de enterramentos para os quais possuímos tal informação é bastante pequeno em relação ao total de enterramentos da Idade do Ferro. Considerando o total de enterramentos em cistas e em covas simples e excluindo os enterramentos em vasos funerários,

obtemos um total de 31 enterramentos que são somados a 2 outros enterramentos de adultos datados do PG para os quais não foi informado o tipo de sepultura, o T (704) e o T (705) e, ainda, um terceiro enterramento de uma provável criança, o T (708), na área da Casa da Cidadela. Para 18 desses 32 enterramentos foram identificados a posição do corpo, caracterizando 16 esqueletos em posição contraída e apenas 2 que parecem estar em posição estendida.

A princípio, portanto, o exame deste atributo nos levaria a concluir que Micenas não constitui uma exceção na Argólida, pois a maioria dos enterramentos se caracteriza pela posição contraída, como nos maiores sítios, em Argos e em Tirinto. Entretanto, os 2 enterramentos que se encontravam em posição estendida são datados do PG, o T (678) e o T (680), da mesma forma que o padrão para a grande maioria dos enterramentos datados do mesmo subperíodo em Asine.

4) O Mobiliário Funerário.

4.1) Características da produção cerâmica de Micenas.

Os artefatos cerâmicos datados da Idade do Ferro em Micenas são, fundamentalmente, provenientes dos contextos funerários e, em uma quantidade bem menor, das áreas de habitação e no santuário de Agamêmnon. Neste último, os fragmentos datam do século VIII a.C., principalmente da segunda metade e a área continua sendo utilizada durante todo o Período Arcaico. É interessante notar que a cerâmica proveniente do santuário se sobressai em relação àquela presente nas demais áreas do sítio, tanto no que diz respeito ao processo de confecção do vaso em si (como a pasta da argila e o cozimento), como na elaboração da forma dos vasos e da pintura, com os variados motivos ornamentais. Além disso, a quantidade de artefatos presente nesta área pode indicar que a comunidade em Micenas no final da Idade do Ferro teria sofrido um aumento significativo, e que a cerâmica pode ter tido uma produção local, especialmente voltada para o santuário e, portanto, caracterizando-se como material votivo (Foley 1988: 64).

A cerâmica proveniente dos contextos funerários em Micenas possui características que são similares àquela encontrada em Argos e em Tirinto e outras que apresentam certas

peculiaridades. A pasta da maioria dos vasos cerâmicos torneados apresenta coloração bem clara e antiplásticos bem pequenos. Em geral, os vasos são bem queimados em baixas temperaturas. A coloração mais característica da maioria dos vasos em Micenas é laranja avermelhada, ou mesmo em um tom rosa claro, correspondente aos códigos 2.5YR 7/6 (light red) e 10R 7/6 (light red) do Munsell. Exemplos de vasos com tal coloração da pasta são: o cântaro MM 932 e a cratera MM 935, descobertos no T (694), a enócoa trilobada MM 895 e a píxide MM 894, ambas encontradas no T (700), localizado na Casa dos Escudos, também o lécito MM 873, do T (707), encontrado na área da Casa da Cidadela, a taça MM 867, o jarro MM 864 e o lécito MM 863, presentes no T (708), revelado na área da Casa da Cidadela.¹⁰⁰

Há vários vasos que possuem a coloração bege clara, com tons de amarelo e marrom, semelhante àqueles encontrados em Argos e em Tirinto, identificados pelos códigos 2.5Y 7/3 (pale yellow) e 10YR 7/2 (light gray) do Munsell, como por exemplo, a píxide do T (686), o cântaro MM 926 e a taça MM 925, presentes no T (694), a ânfora MM 871 do T (696), encontrada na Casa dos Escudos, os léцитos MM 862 e MM 865 e MM 866, encontrados no T (708), descobertos na área da Casa da Cidadela.¹⁰¹ Raros são os vasos confeccionados com uma argila mais escura, com tons de cinza, caracterizados pelos códigos 5YR 4/1 (dark gray) e 7.5YR 4/1 (dark gray), como por exemplo, o vaso manufaturado encontrado no T (682) e o jarro 55-202 do T (702).¹⁰² Não há exemplares da série “bucchero”, encontrados em uma grande parcela dos contextos funerários argivos.

As formas dos vasos mais comuns são as mesmas identificadas em Argos e em Tirinto, como ânforas, crateras, enócoas trilobadas, léцитos, esquifos, cântaros, taças e píxides. A quantidade de léцитos e píxides é relativamente superior em comparação com os demais sítios. As píxides

100 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 278 C, D, E; 279 A, B, C, D; 280 A; 293 B, C, D, E, F; 294 A, B, C, D; 303 C, D, E, F, G; 305 D, E, F, G; 306 A, B, C, D, E; 309 A, B, C, D, E.

101 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 268 A; 272 B, C, D, E; 273 A, B, C, D, E, F; 283 B, C, D, E; 308 A, B, C, D, E; 310 A, B, C, D, E; 311 A, B, C, D, E.

102 Para o vaso manufaturado: Frickenhaus, Muller and Oelmann, *Tiryns I* (1912), Abb. 8, p. 136. Para o jarro 55-202: Desborough, V.R.d'A. *BSA* 51 (1956), Pl. 34a.

possuem formas e tamanhos variados, grandes e em miniatura, apresentando a base reta, como a píxide do T (686), a pequena píxide MM 900 do T (699), encontrado na Casa dos Escudos e, ainda, a MM 894 do T (700), também descoberto na Casa dos Escudos, ou com a base pontiaguda, por exemplo, as pequenas píxides MM 902 e MM 901, do T (699) ou, ainda, a píxide 59-74 no T (703), na Casa das Esfinges.¹⁰³ Este tipo de píxide pequena e com base pontiaguda é encontrada frequentemente também nos contextos funerários em Tirinto, na maioria dos casos datados do século IX a.C.

Durante o SM, as formas recorrentes são os jarros com estribo e, principalmente, os lécidos com o corpo mais globular, bojudo, como em Argos, por exemplo, o MM 862 e o MM 865, ambos encontrados no T (708).¹⁰⁴ O esquifo com pé alto e alças horizontais típicos do SM em Argos também aparece constantemente nos contextos do SM em Micenas.

No PG, observam-se formas recorrentemente encontradas em Argos e em Tirinto, como a enócoa trilobada. Um formato particular do PG em Micenas, raramente identificado em outros sítios, sendo encontrado somente em Argos, corresponde ao asco, como o MM 869, presente no T (696), localizado na área da Casa dos Escudos, que apresenta um dos típicos motivos ornamentais do PG, o triângulo hachurado.¹⁰⁵ É interessante notar que o jarro com estribo aparece também no PG em Micenas, como por exemplo, a MM 861, encontrada no T (708).¹⁰⁶

Durante o GA e o GM, há uma grande quantidade de enócoas, taças e esquifos. Já no final do GM, mas principalmente durante o GR, o tamanho dos vasos aumenta, principalmente das píxides, esquifos, cântaros e enócoas trilobadas e o número de crateras e ânforas também é maior nos enterramentos. Uma forma característica dos contextos funerários em Micenas do GM e, principalmente, do GR é a enócoa trilobada com base plana de grandes dimensões, como a MM 934, encontrada no T (694).¹⁰⁷

Em relação à decoração, os motivos ornamentais mais comuns também são recorrentemente encontrados em Argos e Tirinto. No SM, o esquifo com pé alto e alças horizontais contendo uma faixa na altura das alças com uma linha ondulada também é encontrado em Micenas (Fig. 45, p. 110), por exemplo, os esquifos do T (687) e o MM 859, do T (695).¹⁰⁸ Em Micenas, esses esquifos apresentam pintura vermelha, como em Asine. Os círculos concêntricos aparecem desde o SM, como o cantil encontrado no T (679).¹⁰⁹

Durante o PG, há uma grande quantidade de exemplares com triângulos hachurados, triângulos preenchidos alternados e o ziguezague com ângulos acentuados formando uma faixa horizontal situada na altura das alças (vide Fig. 46, p. 110). Além disso, há também uma grande quantidade de vasos com círculos concêntricos, como a ânfora MM 871, do T (696).¹¹⁰

Os motivos ornamentais e os figurados do GM e do GR também são comumente encontrados em Argos, Tirinto e Asine. As figuras animais mais frequentes são os pássaros e os cavalos, mas também peixes e figuras humanas totalmente preenchidas. No final do século VIII a.C., há vasos com figuras humanas femininas com vestimentas preenchidas por linhas oblíquas e segurando ramos, da mesma maneira que alguns exemplares encontrados em Argos no mesmo subperíodo.

A qualidade dos vasos cerâmicos torneados encontrados nos contextos funerários em Micenas, tanto no que diz respeito ao processo de confecção, quanto à pintura, é bastante aprimorada e detalhada, mesmo em relação aos vasos encontrados nos demais sítios da Argólida. Podemos notar que em Micenas há uma grande quantidade de vasos com pintura em tons vermelhos, como por exemplo, o esquifo MM 933 do T (694), a taça MM 859 e o jarro MM 860, ambas encontradas no T (695).¹¹¹ A produção cerâmica em geral possui características similares às argivas e também àquelas encontradas em Tirinto, de um lado, e, também, em relação àquelas encontradas em

103 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 268 A; 289 A, B, C, D; 293 F; 294 A, B, C, D; 289 E, F; 290 A, B, C; 300 F

104 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 308 A, B, C, D, E; 310 A, B, C, D, E.

105 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 284 A, B, C, D, E, F

106 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 307 A, B, C, D, E.

107 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 277 B, C, D, E; 278 A, B.

108 Wace BSA 25 (1921/1923), Fig. 9a, Fig. 9b, p. 3.

109 Tsountas, *ArchEph* (1891), [iv. 3, 1.

110 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 283 B, C, D, E.

111 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 280 B, C, D; 281 A; 281 C, D; 282 A, B, C, D, E, F.

Asine, de outro. Além disso, ainda podemos afirmar que existem algumas características peculiares que sugerem a existência de uma oficina própria. Uma dessas características diz respeito à produção cerâmica manufaturada.

Verificamos que é possível identificar em Micenas o que A. Wace denominou como o estilo granular. Trata-se de uma argila bastante rústica, com antiplásticos grossos e laros, dando um aspecto de flocos de aveia. A coloração da pasta é bem pálida, geralmente bege, em tons de branco-amarelado ou branco-amarronzado, identificada no Munsell pelos códigos 10YR 8/4 (very pale brown) e 10YR 7/4 (very pale brown). No geral, os fragmentos dos vasos pertencentes a esse estilo são grandes e possuem formas abertas. A maioria deles é constituída por grande ânforas com bocas largas, enócoas trilobadas com o corpo bem bojudo, globular, grande jarros, tigelas, grandes potes e pratos.¹¹² Raros são os exemplos de vasos com estilo granular com formas fechadas e pequenos, como a ânfora 39-262, no T (691) e a tigela MM 923, presente no T (694), encontrado no Cemitério Proto-histórico.¹¹³

Os vasos do estilo granular não apresentam decoração pintada, porém, quando há elementos de ornamentação, geralmente, estes são caracterizados por linhas incisivas simples ou duplas ou uma série de pontilhados que

não se limitam às bordas, mas podem ocorrer no corpo todos do vaso e, principalmente, nas alças, como a ânfora MM 899 do T (699), no Cemitério Pré-histórico, as ânforas MM 59-54 e 59-72, ambas presentes no T (703), na Casa das Esfinges.¹¹⁴

4.2) Características dos artefatos em metal.

O exame dos artefatos em metal presentes nos enterramentos da Idade do Ferro em Micenas revela que há uma grande quantidade de metais nos enterramentos, principalmente de alfinetes, fíbulas, alfinetes, anéis e brincos em ferro e bronze. Os armamentos aparecem em menor número e são caracterizados principalmente por punhais. Alguns exemplos de alfinetes datados do SM e do PG, segundo a classificação de Kilian-Dirlemeier (1984), correspondem ao 53-616, encontrado no T (696), 2 alfinetes no T (704), 1 alfinete no T (705), o 64-618, presente no T (706) e 2 alfinetes do T (708). Um exemplo de alfinete datado do Período Geométrico pode ser encontrado no T (689).¹¹⁵ As fíbulas são cuidadosamente elaboradas, como por exemplo, aquela encontrada no T (699).¹¹⁶ Há alguns anéis que apresentam decoração, como o MM 868, encontrado no T (708).¹¹⁷ Entretanto, apesar da diversificação, Micenas não parece se destacar como um centro de produção própria de objetos em metal.

4.3) O mobiliário e as relações com idade e tipo de sepultura.

Examinando o conteúdo dos enterramentos de forma mais detalhada, de acordo com o atributo idade, podemos distribuir os enterramentos infantis de acordo com a classificação proposta para a análise do mobiliário funerário no subperíodos da Idade do Ferro, obtendo a TABELA 51:

112 Grandes ânforas: T (691): 39-262 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 271 A); T (699): MM 899 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 291 G, H; 292 A, B); T (702): 55-201 (Desborough, V.R.d'A. BSA 51 (1956), Pl. 35c); T (703): 59-54 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 299 C); T (703): 59-72 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 299 D); T (707): MM 872 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 304 A, B, C); enócoas trilobadas: T (693): 53-335 (Desborough, V.R.d'A. BSA 49 (1954), Pl. 46); T (694): 53-329 e 53-332 (Desborough, V.R.d'A. BSA 49 (1954), Pl. 46); T (700): 54-214 (Desborough, V.R.d'A. BSA 50 (1955), Pl. 49a); T (703): 59-69 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 301 A, B); jarro: T (694): 53-328 (Desborough, V.R.d'A. BSA 49 (1954), Pl. 46); T (702): 55-202 (Desborough, V.R.d'A. BSA 51 (1956), Pl. 34a); T (698): 54-220 (Desborough, V.R.d'A. BSA 50 (1955), Pl. 47c); prato: T (694): MM 923 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 276 A, B, C); potes e tigelas: T (694): 53-330 (Desborough, V.R.d'A. BSA 49 (1954), Pl. 46); T (702): 55-203 (Desborough, V.R.d'A. BSA 51 (1956), Pl. 34a); T (703): 55-71 (Desborough, V.R.d'A. BSA 68 (1973), Pl. 32e).

113 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 271 A; 276 A, B, C.

114 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 291 G, H; 292 A, B; 299 C, D.

115 Wace, "Mycenae" 1932, Fig. 49.

116 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 286 D.

117 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 305 C.

TABELA 51

Número dos enterramentos infantis divididos por subperíodos e classificação do mobiliário funerário.

Período/ Objetos	SM	SM/PG	PG	GR	Total
Sem oferendas		1	3		4
Vasos (1 a 3)	1		1	1	3
Metais (1 a 3)			1		1
Vasos + Metais (entre 1 a 3 cada tipo)	2		1	1	4
Variados		1	1	1	3
	3	2	7	3	15

A quantidade de enterramentos infantis sem oferendas representa cerca de 26% do total de enterramentos infantis, e se somarmos esta quantidade aos enterramentos que contêm entre 1 e 3 vasos cerâmicos apenas, verificamos que esta porcentagem sobe para quase 50% em relação ao total. Por outro lado, notamos que há uma concentração destes enterramentos durante o PG. Apesar da queda abrupta de enterramentos infantis após o PG até o início do GR, os enterramentos variados e aqueles que apresentam vasos e artefatos em metal estão presentes em quase todos os subperíodos da Idade do Ferro em que há enterramentos infantis, mesmo que em pequeno número.

Relacionando o mobiliário funerário com o tipo de sepultura, percebemos que no início da Idade do Ferro, do SM até o PG, as crianças são enterradas preferencialmente em cistas e covas simples. Dos três exemplos de covas simples datadas do PG, 2 não possuem oferendas (o T (698), na Casa dos Escudos, que, na verdade, apresenta três inumações, 1 mulher e 2 crianças) e 1 possui apenas 1 vaso, o T (692). Dessa forma, os outros 9 enterramentos infantis datados do SM ao PG são cistas e estas, no geral, apresentam maior quantidade de artefatos, inclusive 2 enterramentos bastante variados, o T (702), na Casa das Esfinges e o T (708), na Casa da Cidadela.

O T (702), apresentava 2 anéis em bronze, uma grande quantidade de vasos manufaturados e apenas uma enócoa torneada, porém um dos vasos manufaturados, inclusive confeccionados no estilo granular, a ânfora 55-201 continha 24 contas de argila no interior, podendo ser um jogo e, além

disso, ainda foi descoberto um fragmento cerâmico também manufaturado do que pode ser uma espécie de lamparina.¹¹⁸ O T (708) constitui um dos enterramentos mais variados encontrados em Micenas datados da Idade do Ferro. A quantidade de vasos torneados é grande e a maioria deles é em miniatura com pintura e motivos ornamentais variados (como, por exemplo, os léцитos MM 862, MM 863, MM 865 e MM 866,¹¹⁹ incluindo um jarro com estribo, típica do SM, porém apresentando motivos decorativos já do PG (jarro MM 861).¹²⁰ Contudo, os artefatos que se sobressaem neste enterramento são em metal com a presença de 3 fíbulas, 2 alfinetes e 1 anel em bronze.¹²¹ A presença de motivos ornamentais em anéis e, ainda mais, uma decoração aprimorada com dois círculos concêntricos é rara nos demais contextos funerários do início da Idade do Ferro na Argólida.

Além desses 2 enterramentos variados, notamos ainda que durante esse período inicial da Idade do Ferro, há um número relativamente grande de enterramentos infantis em cista contendo vasos e artefatos em metal que, mesmo em pequena quantidade, denotam o detalhamento

118 Ânfora 55-201: Desborough, V.R.d'A. BSA 51 (1956), Pl. 35 c; contas 55-205: Desborough, V.R.d'A. BSA 51 (1956), Pl. 34 b e "lamparina" 55-204: Desborough, V.R.d'A. BSA 51 (1956), Pl. 34 a.

119 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 308 A, B, C, D, E; 309 A, B, C, D, E; 310 A, B, C, D, E; 311 A, B, C, D, E.

120 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 307 A, B, C, D, E.

121 Fíbulas em bronze MM 2201, MM 2202, MM 2203, alfinetes em bronze MM2199 MM 2200 e anel em bronze MM 868: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 305 A, B, C.

TABELA 52

Número dos enterramentos de adultos divididos por subperíodos e classificação do mobiliário funerário.

Período/Objetos	SM	SM/PG	PG	GA	GA II/GM I	GM	GR	Total
Sem oferendas							1	1
Vasos (1 a 4)	1		1			1	2	5
Metais (1 e 3)		1	1					2
Vasos + Metais (entre 1 e 4 cada)			3		2			5
Variados				1	1		3	5
	1	1	5	1	3	1	6	18

do processo de confecção e dos motivos decorativos dos objetos, por exemplo, o T (695), no Cemitério Pré-histórico.

Se examinarmos os enterramentos infantis datados do GR, percebemos que 2 são em vasos funerários, uma cratera, que constitui um enterramento variado, apresentando artefatos em metal, vasos cerâmicos e o que pode ser um colar em cristal de rocha, o T (689), na área da Necrópole Micênica; uma ânfora contendo 3 vasos torneados com típicos motivos do GR, o T (685) e uma cista que apresentava dois grandes alfinetes em bronze aprimoradamente confeccionados, típicos do GR, e uma taça torneada também com motivos típicos do GR, o T (701), na área da Casa das Esfinges.¹²²

Desta maneira, apesar do pequeno número de enterramentos infantis, podemos concluir que as cistas são utilizadas para enterramentos mais variados, mais ricos durante o início da Idade do Ferro, enquanto as covas simples parecem ter sido utilizadas para enterramentos mais modestos. Em direção ao final da Idade do Ferro, a cista ainda parece ser utilizada para enterramentos variados, contudo os vasos funerários passam a apresentar um mobiliário mais diversificado e mesmo em maior quantidade que as cistas.

Em primeiro lugar, destaca-se o grande número de enterramentos classificados como variados em relação ao total de enterramentos de adultos, quase 28% e se os somarmos aos

enterramentos que possuem uma quantidade mais modesta de artefatos em metal e vasos cerâmicos, porém no total apresentam uma quantidade relativamente grande de objetos e estes objetos caracterizam-se por um aprimorado processo de confecção e variação de motivos ornamentais, verificamos que eles representam mais de 55% do total. Todavia, ao efetuarmos uma análise mais pormenorizada, observamos que os enterramentos variados de adultos só aparecem no final do GA, como por exemplo, o T (703), na Casa das Esfinges, e não há exemplos desse tipo de enterramento no início da Idade do Ferro, durante o SM e o PG, período em que os adultos são enterrados com oferendas, mas de uma forma mais moderada e modesta. É interessante notar que o T (703) configura um dos enterramentos mais variados durante toda a Idade do Ferro em Micenas, contendo uma quantidade incomparável de vasos cerâmicos, 26 no total, incluindo manufaturados e torneados.¹²³

123 Ânforas 59-51 (Desborough, V.R.d'A. BSA 68 (1973), Pl. 28b e 29a), 59-54 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 299 C) 59-72 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 299 D); esquisfos 59-52, 59-53, 59-67 (Desborough, V.R.d'A. BSA 68 (1973), Pl. 29c, 29d, 29e), 59-68 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 299 B); taças 59-55, 59-56, 59-57, 59-58, 59-59, 59-60, 59-61, 59-66, 59-76 (Desborough, V.R.d'A. BSA 68 (1973), Pl. 30a, 30b, 30c, 30d, 30e, 30f, 30g, 30h, 30i); tampa 59-76 (Desborough, V.R.d'A. BSA 68 (1973), Pl. 32c); aríbalo 59-65 (Desborough, V.R.d'A. BSA 68 (1973), Pl. 32f); píxides 59-63, 59-64, 59-74 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 300 C, D, F), 59-70 (Desborough, V.R.d'A. BSA 68 (1973), Pl. 31e); enócoas 59-69, 59-73 (Souza, C. D.

122 Taça MM 893: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 295 B, C, D, E.

Os outros exemplos de enterramentos variados de adultos são: o T (699), na área da Casa dos Escudos, o T (694), no Cemitério Pré-histórico e o T (697), encontrado a Leste do Túmulo de Clitemnestra. As três sepulturas são cistas, a primeira datada do final do GA II e início do GM I e as outras duas datadas do GR, sendo o T (697) do GR I e o T (694) do GR II. O T (697) apresenta duas inumações de adultos, ambos em posição contraída, porém com a cabeça depositada em direções opostas, um esqueleto no sentido Leste-Oeste e o outro na direção Oeste-Leste. O conteúdo do túmulo encontrava-se imediatamente sob a placa de cobertura da cista, não no interior associados diretamente aos restos ósseos e, portanto, não puderam ser identificados quais artefatos estariam associados ao enterramento I e ao II.

Entretanto, a quantidade de artefatos em metal é relativamente grande, mesmo se for dividida para os dois enterramentos, 1 tigela em bronze e 12 alfinetes (10 em bronze e 2 em ferro), além de um cíato. O fato do mobiliário funerário estar quase na área externa da sepultura, suscita uma questão intrigante, que tem sido debatida para alguns enterramentos nos sítios analisados até o momento; se a cista teria sido reutilizada, ou se os dois indivíduos teriam sido enterrados simultaneamente. I. Papadimitriou data os dois enterramentos do GR I, mas tal classificação é feita a partir da análise do mobiliário funerário e, desse modo, não denota elementos de sucessividade nos enterramentos, podendo ter sido depositado no momento da morte dos ocupantes da sepultura (que, neste caso, poderia ter ocorrido de forma concomitante) ou, ainda, posteriormente à morte dos mesmos, caracterizando incursões posteriores à sepultura de membros da família, por exemplo. Como o material não é publicado e as informações das crônicas de escavação são bastante imprecisas e lacunares, não é possível confirmar nenhuma das hipóteses levantadas.

O T (694) apresenta apenas uma inumação de adulto, embora a quantidade de vasos tanto na área externa da cista, encontrados imediatamente em cima das placas de cobertura, quanto a quantidade de artefatos descobertos no interior da cista, associados ao esqueleto, seja também

relativamente grande. Desborough (1954: 260-65) e Coldstream (1968) reconhecem que há uma diferença cronológica entre os vasos que estão na área externa e aqueles que se encontram no interior da sepultura junto ao morto. Após a análise dos vasos realizada no Museu de Micenas, percebemos que os da área externa são, na verdade, um pouco mais antigos em relação aos presentes na área interna, por exemplo, o cântaro MM 926, as duas taças, MM 928 e MM 925, o esquiço 53-326, as duas píxides, MM 924 e MM 922 e a enócoa, 53-334 são todos vasos datados do GR I.¹²⁴ Os vasos presentes no interior da sepultura datam do GR II, apresentam motivos figurados bastante variados, com pássaros e cavalos.

Desborough afirma que, devido à grande quantidade de vasos presentes na área externa e ao fato de serem mais antigos do que àqueles do interior da sepultura, haveria um enterramento mais antigo na área externa, um provável *kenotáphos*. Todavia, para sustentar tal interpretação, seria necessário que houvesse indícios de que a sepultura teria sido perturbada no momento do segundo enterramento, quer dizer, o do interior do túmulo e, dessa forma, os vasos do primeiro enterramento, da área externa da sepultura, teriam sido deslocados, ou destruídos de alguma forma. Todos os vasos se encontram em ótimo estado de conservação e, assim, ou eles foram depositados concomitantemente ao enterramento, indicando uma escolha para deixar na área externa os vasos mais antigos, ou então, os vasos mais antigos teriam sido inicialmente depositados no local de sepultamento, como uma marca, denotando a possibilidade de uma exclusividade no uso do espaço funerário, controlado e reservado por determinado grupo social.

Notamos que tais túmulos apresentam mobiliário funerário destacável em comparação com os demais tipos de enterramentos para adultos durante toda a Idade do Ferro, mas principalmente durante o GR, em que um dos únicos enterramentos sem oferendas é caracterizado por uma cova simples, o T (690), e os dois demais caracterizam-se provavelmente

2010. *Volume III*. Pranchas 301 A, C), 59-75 (Desborough, V.R.d'A. BSA 68 (1973), Pl. 31h) e pote manufaturado 55-71 (Desborough, V.R.d'A. BSA 68 (1973), Pl. 32e).

124 Esquiço 53-362 e enócoa 53-334 (Desborough, V.R.d'A. BSA 49 (1954), Pl. 44), demais vasos: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 272 B, C, D, E; 273 A, B, C, D, E, F; 274 A, B, C, D, E, F; 275 A, B.

por um caso de reutilização da sepultura, um túmulo em cista, o T (686), contém apenas três vasos cerâmicos, entretanto todos torneados e com motivos bastante sofisticados. Associado aos esqueletos, na área interna da cista, há apenas um vaso, uma enócoa,¹²⁵ que é um pouco mais antiga em relação aos dois vasos que se encontram na área externa; uma píxide e um esquiço.¹²⁶ Estes dois vasos são bem grandes, principalmente a píxide, e datam do GR II. Como estavam colocados sobre o túmulo, provavelmente podem ter sido utilizados como marcadores de túmulos ou como oferendas aos mortos.

Sintetizando a análise do mobiliário funerário dos enterramentos da Idade do Ferro é interessante notar alguns padrões semelhantes àqueles levantados em Argos e em Tirinto. Os enterramentos em cistas no caso dos adultos são bastante variados, principalmente quando comparamos com as covas simples. Além disso, o número de cistas diversificadas aumenta na medida em que nos aproximamos do final da Idade do Ferro. A situação assemelha-se mais ao caso argivo, em que neste momento, as cistas se tornam maiores e com uma maior variedade de objetos, assim como uma maior quantidade de indivíduos depositados nos túmulos. As cistas com enterramentos infantis também são mais variadas, no entanto, no GR, são enterradas exclusivamente em vasos e estes, além de apresentarem motivos ornamentais e figurados variados, ainda apresentam alguns artefatos em metal. No geral, tanto os enterramentos infantis, quanto os de adultos em Micenas apresentam uma variedade e uma quantidade de objetos excepcionais quando comparadas com os demais sítios durante toda a Idade do Ferro.

5) Localização. Pensando o Espaço dos Mortos.

Constatamos que os enterramentos datados da Idade do Ferro em Micenas encontram-se dispersos tanto na área externa da fortificação, quanto no interior das muralhas. Há um total de 12 áreas onde foram encontradas sepulturas que podem ser visualizadas na Planta 3. A área que concentra o maior número de enterramentos

corresponde à Casa dos Escudos, situada a Oeste da Cidadela, totalizando 7 enterramentos. A segunda maior área de concentração está localizada a Leste do Túmulo de Clitemnestra (Planta 3), somando 6 enterramentos. Em seguida, observamos que há duas áreas localizadas no interior da Cidadela micênica, a Nordeste da Porta dos Leões, apresentando 4 enterramentos e a denominada Casa da Cidadela, com 3 enterramentos. Outras 2 áreas, ambas localizadas na área externa da Cidadela, contêm 3 enterramentos cada uma delas: a Necrópole Proto-histórica, situada imediatamente a Noroeste da Porta dos Leões, e a denominada Casa das Esfinges que se encontra a Sul da Casa dos Escudos. Há, ainda, 7 áreas que apresentam 1 enterramento em cada, 4 delas localizadas na área externa da Cidadela, nas proximidades das maiores áreas de concentração mencionadas acima (na área Norte da Acrópole micênica, na área da Porta dos Leões, imediatamente a Norte do Círculo Tumular A, a Sul da Casa da Fonte Perseia e a Sul do Círculo Tumular B) e as 3 outras situadas no interior da fortificação (na área da Porta dos Leões, da denominada Casa Sul e da Casa de Tsountas). Finalmente, em uma área bem mais afastada, a Sudoeste da Acrópole, na área do Túmulo de Atreu, foram descobertas duas sepulturas de adultos datadas do PG.

Percebemos, dessa maneira, que os enterramentos se distribuem tanto na área externa da Acrópole micênica, na porção imediatamente Oeste e Sudoeste em relação à Porta dos Leões e na área interna da Cidadela, concentrando-se na porção Noroeste e, principalmente, Sudoeste da Acrópole, imediatamente a Sul da Porta dos Leões. A área externa contabiliza 27 enterramentos e a área interna 10 enterramentos. Os três tipos de sepulturas aparecem nas duas áreas, interna e externa da Acrópole e, aparentemente, também não há espaços exclusivos de deposição dos adultos e das crianças, pois ambas as categorias são encontradas nas mesmas áreas de concentração. Entretanto, a área a Nordeste da Porta dos Leões apresenta apenas enterramentos infantis e todos em cista, uma delas datada do SM e as outras duas do PG.

Distribuindo os enterramentos nas áreas de concentração de acordo com os subperíodos da Idade do Ferro, durante o SM, apesar do pequeno número de enterramentos, nota-se que

125 Evangelidis, D. *AE* (1912), Δηθ. 4, p. 132.

126 Esquiço: Evangelidis, D. *AE* (1912), Δηθ. 3, p. 132.
Píxide: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 268 A.

há uma preferência evidente para enterrar os mortos no interior das muralhas, na área Sul da Acrópole, onde foram encontrados os vestígios de habitações deste subperíodo. Tais habitações estão assentadas sobre habitações datadas do Heládico Recente, indicando que esta área da Acrópole é utilizada durante o início da Idade do Ferro, tanto como espaço habitacional, quanto espaço funerário. Há um único exemplo de enterramento fora da fortificação, uma cista infantil, o T (695), encontrado na área do Cemitério Proto-histórico. Percebemos, portanto, que apesar deste enterramento se destacar das áreas de habitações, padrão que parece definir as práticas funerárias do SM, está situado numa antiga necrópole, uma área exclusiva de deposição dos mortos durante a Idade do Bronze. Todos os enterramentos correspondem a cistas típicas do SM, construídas e fechadas com grandes placas de pedra de calcário e apresentam oferendas mais diversificadas, em metal essencialmente.

No final do SM e durante o PG, o número de enterramentos sofre um aumento acentuado e eles encontram-se tanto na área interna da Cidadela, próximos aos locais dos enterramentos do SM, quanto na área externa, principalmente, na área da Casa dos Escudos. Nas duas áreas, os enterramentos são covas simples e cistas de adultos e infantis. As cistas são típicas do PG e apresentam mobiliário funerário mais variado, contendo principalmente, artefatos em metal. A área mais afastada a Sudoeste, próxima ao Tesouro de Atreu, apresenta dois enterramentos de adultos bastante variados, o T (704) e o T (705). As evidências de habitações deste subperíodo continuam modestas e situadas nas mesmas áreas de habitações do SM, no interior da fortificação, principalmente, na porção Oeste.

Quando adentramos no Período Geométrico, durante o GA e o GM, percebe-se que as áreas de concentração estão ao redor da Casa dos Escudos e da Casa das Esfinges. É interessante observar que, apesar da queda brusca dos enterramentos durante o GA e o GM, parece haver uma tendência a enterrar os mortos fora das muralhas, processo que é finalizado de forma explícita no GR. No início do Período Geométrico, notamos que há uma certa expansão das áreas de habitação na área externa da Acrópole, a Oeste, principalmente próximo da Casa dos Escudos e das Esfinges,

nos mesmos locais onde foram encontrados vestígios habitacionais destes subperíodos. Entretanto, a área interna da fortificação continua sendo intensamente ocupada, com a presença do que parece ser um edifício sagrado com formato absidal sobre as ruínas do antigo Palácio Micênico. Além disso, também é possível identificar a presença de cabanas que foram construídas sobre o pátio do antigo Palácio Micênico e foram utilizadas durante todo o Período Geométrico, desde o GA até o final do GR. Dessa maneira, da mesma forma que em Tirinto, parece que, durante o Período Geométrico, a Acrópole micênica teria sido utilizada para habitações e para propósitos sagrados, porém já não é mais usada como espaço de deposição dos mortos.

Com a introdução do pito no GM para enterramento de adulto, o T (691), que, aliás, constitui o enterramento em vaso funerário menos variado de Micenas, quando comparado aos infantis em ânfora e cratera, nota-se que os enterramentos em cova simples diminuem. As cistas de adultos do GR são caracterizadas por enterramentos bastante variados, principalmente aquelas situadas na área a Leste do Túmulo de Clitemnestra, área que concentra a maioria dos enterramentos do GR. A outra área de concentração de enterramentos desse subperíodo é o Cemitério Proto-histórico, indicando continuidade do uso da área como espaço de deposição dos mortos.

Sintetizando a análise espacial das práticas mortuárias em Micenas durante a Idade do Ferro, podemos concluir que há um processo evidente de deposição dos mortos na área externa da Acrópole micênica, acompanhado por um processo de distinção entre os espaços habitacionais e mortuários. Durante o SM, as sepulturas se localizam nas mesmas áreas que as habitações e estão no interior das muralhas. No PG, percebemos que tanto a área interna, quanto a externa em relação à muralha são utilizadas, configurando um período de transição, em que as sepulturas tendem a se situar fora da Cidadela, mas ainda se encontram associadas às áreas de habitação. A partir do GA e durante o GM, os túmulos começam a se restringir à área externa, porém apenas durante o GR, podemos perceber com clareza a efetivação deste processo, associado à configuração de locais específicos para a deposição dos mortos.

Náuplia.

Náuplia está situada na costa, na porção central da região da Argólida, integrando a Municipalidade de Náuplia (Δήμος Ναυπλίου), na área da planície (Mapas 1 e 2). Durante alguns anos, entre 1829 a 1834, a cidade foi a capital da Grécia, e atualmente é a capital da região da Argólida. Geograficamente, a cidade apresenta duas montanhas altas, uma delas denominada Acronauplia e, a outra, Colina Palamidi, onde se localiza o Castelo Palamidi construído pelos Venezianos durante a segunda ocupação de Náuplia, entre 1686 e 1715. Acronauplia está situada na extremidade Sudoeste da cidade e constitui a parte de ocupação mais antiga da cidade, datando desde a Idade do Bronze. Foi intensamente ocupada e fortificada no período Bizantino, durante as invasões venezianas, e, ainda, pelos Turcos. Atualmente, abriga um grande hotel. As escavações no sítio foram conduzidas pelo Serviço Grego de Arqueologia durante o século XX, principalmente na década de 1950. Atualmente, as campanhas cessaram, porém não há publicações sistemáticas sobre o material descoberto. As informações se encontram dispersas nas crônicas e são bastante lacunares.

1) Informações Gerais.

A partir do levantamento das crônicas e dos relatórios de escavações mais recentes, o número total de túmulos em Náuplia datados desde o Submicênico até o Geométrico Recente II é de no mínimo 27 e no máximo 38. Essa variação se deve à precariedade das publicações integrais dos contextos funerários. As informações relativas aos enterramentos são bastante escassas e apesar de a maioria das sepulturas ter sido encontradas ainda na década de 50, as características descritivas do túmulo, de seu conteúdo e do morto não foram publicadas de forma apropriada. Isto acontece, por exemplo, com um grupo de sepulturas encontradas durante as campanhas do Serviço Grego de Arqueologia em 1954 no Terreno Pronoia Triantaphyllos.¹²⁷ Charitonides (1954: 193-94) nas crônicas de escavações

apenas indica que foram encontradas 12 sepulturas datadas desde o Protogeométrico até o Helenístico e afirma que todas elas são caracterizadas por covas simples, porém não informa a quantidade de indivíduos e nem o conteúdo das mesmas. Dessa forma, seguramente, ao menos, uma sepultura pertence ao período estudado, no mínimo, um enterramento é do PG. É certo apenas que nenhum desses 12 túmulos é datado do Submicênico.

R. Hägg (1974) acredita que os 12 túmulos datam, na verdade, do Geométrico Recente e A. Foley (1988) menciona que eles são classificados imprecisamente apenas como “geométricos”. Charitonides deixa claro que nem todos os 12 túmulos são “geométricos” e indica de forma bastante evidente que o mais antigo é datado do Protogeométrico e mais recente do Período Helenístico. Dessa forma, decidimos não incluí-los em sua totalidade como “geométricos”. O arqueólogo apenas afirma que todos os túmulos não apresentavam oferendas e, assim, teriam sido datados de acordo com a análise estratigráfica, a qual não é explicitada por ele nas crônicas de escavação. Dessa forma, mesmo que todas as sepulturas fossem “geométricas”, seria muito difícil sustentar a hipótese segundo a qual elas datariam do Geométrico Recente, pois não há evidência que a confirme ou a torne provável.

Em nossa análise, essas sepulturas serão consideradas apenas no exame dos enterramentos de adultos incertos, associada ao tipo de sepultura e, ainda, quando considerarmos a análise do espaço dos mortos, pois todas elas situam-se no Terreno Pronoia, uma área em Náuplia em que há uma grande concentração de enterramentos durante toda a Idade do Ferro e que continua sendo utilizada como espaço de deposição dos mortos após este período até o Período Helenístico. Para as demais dimensões das práticas funerárias, contudo, tais túmulos não fornecem informações precisas que possam ser incluídas nas análises estatísticas. Consideraremos, portanto, o total de 26 sepulturas. Há quatro casos de reutilização da sepultura, em três túmulos foram encontrados dois esqueletos (o T (717), o T (725) e o T (728), todos no Terreno Pronoia Triantaphyllos) e em um túmulo, havia três esqueletos (o T (714), também no Terreno Pronoia Triantaphyllos, porém na Rua 25 de

127 *Ergon* (1954), Δηθ. 41, p. 33.

Março). Assim, o total de enterramentos em Náuplia seria de 31.

Desse total, é interessante ressaltar que há um enterramento sem restos ósseos, um *kenotáphos*, o T (710) e dois em que não há qualquer referência sobre o gênero ou a idade aproximada dos mortos, o T (711) e o T (732). Um fato intrigante neste sítio se comparado a todos os demais analisados até o momento, tanto Argos, Tirinto, Asine, Micenas e Lerna, diz respeito à prática da cremação. Em Náuplia, apesar do pequeno número de enterramentos, notamos que há quatro ocorrências em que o esqueleto apresenta traços de queima, caracterizando prováveis cremações incompletas e, em uma delas, há mesmo a identificação de uma pira junto à cova simples globular, o T (712). Tais cremações são encontradas em todos os tipos de sepultamentos, dois em vasos funerários (um em uma ânfora e um em um pito), um em uma cista e o outro em uma cova simples globular. Apesar do pequeno número, tais ocorrências configuram exemplos mais seguros de cremações, distintamente dos argivos.

Cabe-nos ressaltar que o formato globular para a cova simples é raramente utilizado nos demais sítios durante a Idade do Ferro. Se analisarmos as datas das cremações, percebemos que apenas a cista possui uma data mais recuada, do GA II (T (731), no Terreno Pronoia Triantaphyllos). Os demais são todos datados do GR II, o T (713) e até mesmo do finalzinho do século VIII a.C., o T (712) e o T (725). Três dos enterramentos são provavelmente de

indivíduos adultos, porém devido à cremação e ao mau estado de conservação, os arqueólogos não estão convictos de tal afirmação. O quarto enterramento é caracterizado seguramente como o de uma criança, cujos restos ósseos foram depositados no interior de uma ânfora, o T (713). É interessante notar, portanto, que a cremação é realizada também para as crianças em Náuplia, mesmo que haja apenas um único exemplo. Apesar do pequeno número de cremações e do fato delas serem incompletas e até mesmo incertas, elas são significativas e representativas de um tipo de sepultamento incomum na região da Argólida, à parte dos demais sítios analisados até então. Dessa forma, é válido e relevante o exame mais detalhado desses enterramentos a partir de seus conteúdos.

2) Idade / Gênero e as relações com o Tipo de Sepultura.

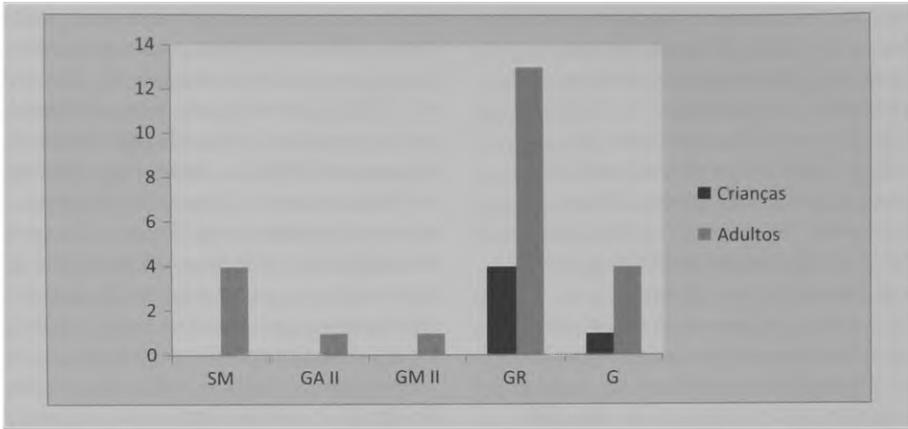
Devido à falta de informações precisas nos relatórios e crônicas de escavações, percebemos um número altíssimo de enterramentos para os quais a classificação por idade é incerta e, dessa forma, o número de enterramentos de adultos seguramente classificados como tal é de apenas 10 somado a 13 outros prováveis. O total de enterramentos de adultos é 23. Já para as crianças, há 4 enterramentos atribuídos como tais e apenas 1 incerto. O total de enterramentos infantis é 5. Distribuímos os enterramentos de adultos e os infantis na TABELA 53 e no GRÁFICO 15:

TABELA 53

Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.						
Período/Idade	SM	GA II	GM II	GR	G	Total
Criança				4	1	5
Adulto	4	1	1	13	4	23
	4	1	1	17	5	28

GRÁFICO 15

Representação em gráfico do número total de enterramentos divididos por subperíodo e idade.



Da mesma forma que em Argos e em Tirinto, observamos que o número de enterramentos de adultos é superior em relação aos infantis, porém ambos concentram-se em direção ao final da Idade do Ferro, no Geométrico Recente e, particularmente no GR II, no final do século VIII a.C. Não há exemplos de enterramentos infantis nos subperíodos iniciais da Idade do Ferro, desde o SM até o final do GM. Eles só aparecem no GR. Tal fato pode indicar que, no início, o tratamento dado às crianças, no que diz respeito às práticas mortuárias, se distingue daquele dado no final da Idade do Ferro. Provavelmente, durante

os períodos iniciais, as crianças não recebiam enterramentos formais, denotando um papel de exclusão social. Já durante o GR, este papel pode ter se modificado e a *persona social* da criança pode ter adquirido funções fundamentais na configuração da sociedade, mesmo caracterizada por formas manipuladas ou ideais.

Examinando o atributo tipo de sepultura, percebemos que há 8 enterramentos em cista, 16 em vasos funerários, a maioria pitos e 5 em covas simples, conforme a distribuição na TABELA 54 e no GRÁFICO 16.

TABELA 54

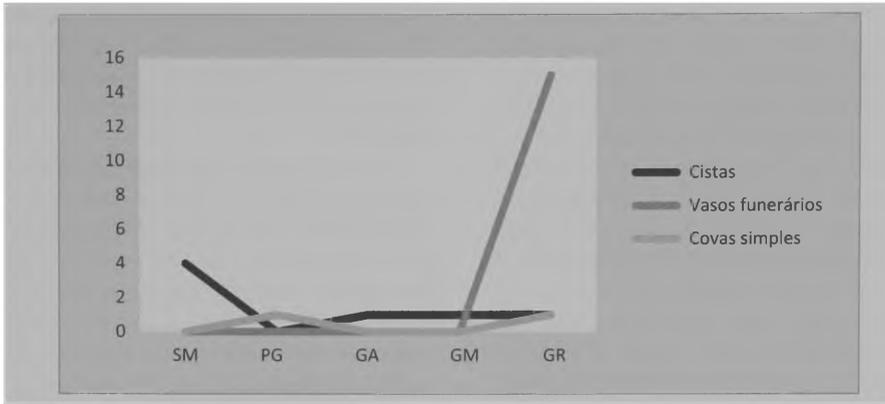
Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.

Período /Tipo de sepultura	SM	PG	GA II	GM II	GR	G	Total
Cista	4		1	1	1	1	8
Vaso funerário					15	1	16
Cova Simples		1			1	3	5
	4	1	1	1	17	5	29*

* O total de enterramentos difere da tabela anterior devido ao fato do enterramento T (732) ser incluído apenas na TABELA 54, pois apesar de se tratar de uma sepultura em cova simples globular, mas não há qualquer informação sobre o indivíduo depositado na cova.

GRÁFICO 16

Número de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.



O número total de enterramentos em vasos corresponde ao dobro de enterramentos em cistas e mais do triplo em relação àqueles em covas simples. Entretanto, os enterramentos em vasos funerários concentram-se todos no final da Idade do Ferro, não há um único exemplo de enterramento em pito ou ânfora do SM ao GM

II. Eles aparecem somente durante o GR e, neste momento, constituem o tipo de sepultura padrão para enterrar os mortos. Durante o SM, o padrão de enterramento é a cista e do PG ao GM, tanto a cista, quanto a cova simples são utilizadas. Relacionando o tipo de sepultura com o atributo idade, obtemos as seguintes tabelas:

TABELA 55

Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Idade	SM	GA II	GM II	GR I	G
Criança					1
Adulto	4	1	1	1	

TABELA 56

Número de enterramentos em vaso funerário divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Idade	SM	GA II	GM II	GR II	G
Criança				4	
Adulto				11	1

TABELA 57

Número de enterramentos de adultos em cova simples distribuídos no subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Idade	SM	GA II	GM II	GR II	G
Adulto				1	3

As crianças são predominantemente enterradas em vasos funerários, tanto pítos quanto ânforas e todos os enterramentos são datados do GR II. O único exemplo de enterramento infantil que não é em vaso trata-se de uma cista que é classificada apenas como “Geométrica”. Já para os adultos a situação é um pouco mais complexa. As cistas aparecem durante toda a Idade do Ferro, contudo podemos afirmar que há uma certa predominância em utilizá-las durante o início do período, principalmente no SM. Uma peculiaridade dos enterramentos em vasos em Náuplia corresponde ao fechamento de uma grande porcentagem dos pítos com discos de argila. Nos demais sítios, em Argos, em Tirinto e em Micenas, o pito ou a ânfora são fechados, na maioria dos casos, com uma placa de pedra de calcário e, algumas vezes, com outros vasos, crateras e tigelas, por exemplo. Em Náuplia, há 5 enterramentos fechados com discos de argila, 5 com placas e apenas 2 fechados com outros vasos, sendo que um deles encontrava-se com uma tigela seguida de um fileira de três pedras.¹²⁸ Tanto os adultos, quanto as crianças são enterradas em pítos e ânforas.

3) Orientação e Posição do corpo.

Em relação ao atributo orientação da sepultura / corpo notamos que as informações fornecidas pelas crônicas de escavações também não são precisas e completas e muito menos no que diz respeito à posição do corpo do morto. Para apenas 19 enterramentos obtivemos a direção à qual o corpo estaria orientado. Como o número é bem pequeno, não é possível realizar grandes análises estatísticas ou levantar reflexões mais detalhadas. Todavia, vale a pena observar que dos 19 enterramentos 16 são orientados no sentido Leste-Oeste e destes 16, 15 são caracterizados por enterramentos em vasos funerários, pítos e ânforas e, portanto, estariam com a abertura do vaso e o crânio do indivíduo direcionados para Oeste. Além disso, dos 15 enterramentos em vasos, 3 são infantis e 12 de adultos e, com exceção de apenas um deles classificado apenas como “Geométrico” todos são datados do GR II. Isto

significa que, apesar da falta de informações para os demais subperíodos da Idade do Ferro, há uma clara tendência para enterrar os mortos nos vasos funerários, tanto adultos como crianças, durante o GR II, no sentido Leste-Oeste. Vale dizer, as urnas funerárias são depositadas na horizontal e o morto é depositado acompanhando a abertura do vaso para Oeste.

O décimo sexto exemplo de enterramento direcionado para Oeste trata-se de uma cova simples datada apenas como “Geométrica” onde havia três adultos e todos eles estavam no sentido Leste-Oeste, o T (714). Há ainda uma cista (o T (731), no Terreno Pronoia Triantaphyllos) que estaria orientada no sentido Norte-Sul e, dessa maneira, o crânio do morto estaria na parte Sul da sepultura. Este enterramento é, provavelmente, de um adulto, cujo esqueleto apresenta traços de cremação e é datado do GA II. O último enterramento para o qual dispomos de informações sobre este atributo é outra cista reutilizada, o T (728), também no Terreno Pronoia Triantaphyllos. O enterramento mais recente, datada do GR I, cujos restos ósseos se encontram no interior da cista e correspondem a um indivíduo adulto do gênero masculino, está orientado no sentido Noroeste-Sudeste, isto é com a cabeça posicionada na parte Sudeste da cista.

Poderíamos indicar que nesta dimensão das práticas funerárias, há uma certa similaridade em relação aos contextos funerários em Tirinto, onde, em direção ao final do Idade do Ferro, há uma predominância de enterramentos em pítos com a abertura direcionada para Oeste. Poderíamos ainda ir um pouco além indicando que, distintamente de Tirinto, no caso de Náuplia, o único exemplo de cista do GR se opõe drasticamente em relação aos enterramentos em vasos. Seria uma forma de distinção entre os dois tipos de enterramentos neste subperíodo? Infelizmente as evidências são muito escassas para levantarmos qualquer conclusão. Entretanto, é relevante examinar e comparar o conteúdo dos enterramentos para tentar auxiliar na análise.

A análise do quesito posição do corpo é bastante prejudicada, pois para apenas um enterramento, o T (728), nos é indicado a posição contraída. Está claro que a maioria dos enterramentos em Náuplia é em pítos e ânforas e, desse modo, os restos ósseos encontram-se necessariamente em posição contraída. Contudo, o número de cistas e covas simples somados, contabilizam um total de 13 enterramentos que

128 Trata-se do pito funerário NM 10048, que configura o T (719), encontrado no Terreno Pronoia. BCH 79 (1955), Fig. 16, p. 239.

poderiam ser examinados de acordo com a posição do corpo. A princípio, poderíamos afirmar que Náuplia não constitui uma exceção nos padrões funerários no que diz respeito a este atributo, como *Asine*, por exemplo, e que a posição contraída constitui a posição padrão.

4) O Mobiliário Funerário.

4.1) Características da produção cerâmica de Náuplia.

O exame da produção cerâmica em Náuplia também é incompleto e lacunar devido à falta de material publicado proveniente dos contextos funerários. Mesmo tendo conseguido a devida autorização para estudar alguns vasos dos enterramentos, como, por exemplo, aqueles encontrados nas sepulturas descobertas dos anos 50 por S. Charitonides, tal material não foi encontrado na reserva técnica do Museu de Náuplia e os vasos foram dados como perdidos pelos funcionários.¹²⁹ Entretanto, a partir da análise daqueles que são publicados e que tivemos acesso, notamos que a grande maioria dos vasos é torneada e a pasta utilizada apresenta-se bastante apurada, com antiplásticos pequenos. A cor da argila varia bastante neste sítio, distintamente dos demais, podendo ser encontrada desde uma cor bastante característica em Micenas, por exemplo, com um tom mais avermelhado ou alaranjado, identificados pelos códigos 2.5YR 7/6 (light red) e 10R 7/6 (light red) do Munsell, como o esquifo NM 10005 ou a ânfora NM 10007, no T (712), ou, ainda, apresentando uma nuance bege pálida com tons amarelados, comum em Argos e Tirinto, correspondente ao código 2.5Y 7/3 (pale yellow) do Munsell, por exemplo, a ânfora trípede NM 10006, no T (713) e o anforisco NM 10031, do T (728), enterramento 2, no Terreno Pronoia Triantaphyllos, como aquela presente na cerâmica em *Asine*, em Argos e em Tirinto e também de cor mais escura, acinzentada ou mesmo preta da mesma forma que em Argos ou Tirinto (como por exemplo, as xícaras NM 10019, encontrada

no T (719), no Terreno Pronoia e a NM 10069, no T (731), no Terreno Pronoia Triantaphyllos e o pequeno aríbalo NM 10018 do T (727), no Terreno Pronoia).¹³⁰

As formas dos vasos também são bastante comuns nos outros contextos funerários dos sítios da Argólida. Os vasos mais encontrados são enócoas, taças, crateras, ânforas e anforiscos e esquifos. Estes últimos são mais raros quando comparados com os demais sítios a Argos e Micenas. Há uma forma bastante peculiar encontrada em Náuplia, que é encontrada também apenas em *Asine* e em Tirinto, o estano com alças horizontais duplas. Contudo, um dos exemplares encontrados no T (728), o NM 10043, corresponde a um dos poucos vasos áticos importados encontrados na Argólida como um todo durante a Idade do Ferro.¹³¹ Por outro lado, uma forma similar comumente encontrada nos túmulos em Argos e Tirinto é a ânfora em miniatura com alças verticais no pescoço, como NM 10031, presente no T (728), enterramento 2, no Terreno Pronoia Triantaphyllos.¹³²

Segundo as crônicas de escavações, identificamos apenas um único vaso manufaturado, o pequeno aríbalo NM 10016, encontrado no T (726), no Terreno Pronoia que aparentemente apresente decoração incisa. Devido à pequena amostragem, a dificuldade de relacionar o formato dos vasos com os subperíodos da Idade do Ferro aumenta. O único exemplar típico é o jarro com estribo NM 3559, encontrada no T (710), na Colina Palamidi, nas campanhas entre os anos 1878 a 1892.¹³³

Quando passamos para os motivos de ornamentação, observamos que a maioria dos exemplares corresponde aos motivos típicos do GR, como a ânfora trípede NM 10006, no T (713), na qual aparece a dupla de cavalos no

¹²⁹ Gostaríamos de agradecer mais uma vez à curadora do Museu de Náuplia, Vasso Mavroth, que procurou durante dias os vasos NM 10070 e 10084, entre outros números de inventários que havíamos pedido para estudar na reserva técnica do museu, porém não conseguiu obter sucesso.

¹³⁰ Ânfora trípede NM 10006: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 313 C. Anforisco NM 10031: Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 315 C, D, E; 316 A.

¹³¹ Conforme discutimos no Capítulo 2, as denominações das formas durante a Idade do Ferro são bastante controversas e variadas. O estano, por exemplo, é denominado genericamente de ânfora por A. Foley (1988), já Charitonides e Hägg preferem classificar o vaso como um estano. BCH 79 (1955), Fig. 17, p. 239.

¹³² Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 315 C, D, E; 316 A.

¹³³ Styrenius, G. *Submycenaean Studies*. Acta Inst. Athen. Sueciae. IN. 8. Vol. VII, 1967. Fig. 51.

pescoço delimitados por uma série de três linhas paralelas acima e abaixo e, dos lados, entre suásticas, meandros, ziguezagues e triângulos (Fig. 74). A cena que constitui um painel de pássaros, cujos corpos são preenchidos por linhas entrecruzadas (Fig. 75) aparece frequentemente em nos vasos em Tirinto.



Fig. 74 – Detalhe da píxide NM 10006, T (713). Cavalos. Náuplia.



Fig. 75 – Detalhe da píxide NM 10006, T (713). Aves. Náuplia.

Outro motivo também encontrado em Tirinto e datado do GR é o peixe também preenchido com linhas entrecruzadas que aparece no pescoço de anforiscos enquanto o restante do vaso é apenas decorado com linhas horizontais paralelas, como na ânfora em miniatura NM 10031, do T (728), enterramento 2, no Terreno Pronoia Triantaphyllos.¹³⁴ As taças monocromáticas com verniz preto brilhante são bastante comuns em Náuplia, da mesma forma que em Argos, em Tirinto e em Micenas. Sobre os motivos específicos do GM, vale ressaltar um pequeno lécito, NM 10000, encontrado no T (714), que

apresenta triângulos duplos preenchidos por linhas entrecruzadas no ombro. Dessa forma, poderíamos sugerir que a datação de, pelo menos, um dos três enterramentos presentes na sepultura, seria deste subperíodo.

As características da produção cerâmica em Náuplia, portanto, não apresentam elementos que indiquem uma produção própria e independente, mas, ao contrário, que está intimamente ligada à produção dos demais sítios da Argólida, formando quase que uma mistura dos fatores essenciais dos grandes, como Argos, Tirinto, Micenas e até mesmo Asine.

4.2) Características dos artefatos em metal.

A quantidade de artefatos em metal presente nos túmulos em Náuplia é pequena, formada por anéis e alfinetes em bronze e 3 adagas em ferro datadas do GR I, encontradas no T (728).¹³⁵ Este enterramento, contendo dois esqueletos de adultos, constitui o enterramento mais variado durante toda a Idade do Ferro no sítio. Dessa forma, não é possível afirmar que há uma produção local dos objetos em metal em Náuplia.

4.3) O mobiliário e as relações com idade e tipo de sepultura.

Um primeiro fato que nos chama a atenção no exame do mobiliário funerário é a grande quantidade de enterramentos que não apresentam oferendas de qualquer natureza e, dessa maneira, foram datados, a partir da análise estratigráfica. Há um total de 10 enterramentos seguramente classificados nesta categoria de análise, representando mais de 32% do total de enterramentos. Entretanto é importante lembrar que há 12 túmulos em cova simples escavados durante os anos 50 por Charitonides no Terreno Pronoia que também não apresentam nenhuma oferenda. Há, ainda, dois enterramentos com apenas alguns fragmentos cerâmicos e outros três com apenas um vaso cerâmico.

Se analisarmos o tipo de sepultura desses enterramentos, percebemos que daqueles 10 enterramentos iniciais, 9 são em vasos funerários e todos datados do GR II. Dos outros enterramentos

¹³⁴ Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 315 C, D, E; 316 A.

¹³⁵ Adagas em ferro NM 10025, NM 10026 e NM10027: BCH 79 (1955), Fig. 19, p. 239.

mencionados acima em que foram encontrados apenas alguns fragmentos cerâmicos e um vaso, um deles é caracterizado por uma cova simples e é datado do PG, enquanto os quatro restantes são em vasos funerários e todos datados do GR II. Poderíamos afirmar, então, que o padrão para enterramentos em Náuplia em direção ao final da Idade do Ferro seria o uso do vaso funerário e da cova simples sem a presença de oferendas ou com apenas um vaso cerâmico.

Quando examinamos as cistas a situação parece um pouco distinta. As quatro cistas datadas do SM possuem vasos cerâmicos, que inclusive são comparados por E. Protonotariou-Deilaki (1973: 91) com vasos semelhantes àqueles presentes nos T (531) e no T (544), em Tirinto. Porém, a quantidade de vasos em cada túmulo não é informada. Os enterramentos que apresentam pelo menos dois artefatos em metal e vasos cerâmicos correspondem a uma cista datada do GA II, o T (731), no Terreno Pronoia Triantaphyllos, contendo dois anéis em bronze e dois vasos cerâmicos,¹³⁶ e a outra com enterramentos múltiplos, um datado do GM II e o outro do GR I, o T (728), também encontrada no Terreno Pronoia Triantaphyllos. Estes dois últimos enterramentos são os mais diversificados em Náuplia, contendo a maior quantidade e variedade de material, não só anel em bronze, mas também adagas em ferro, alfinete em bronze, assim como uma pérola em ouro e, ainda, uma pedra de polir e cortar.¹³⁷ Os vasos são exemplares da produção cerâmica apurada e possuem uma decoração refinada, incluindo a importação ática.¹³⁸ O enterramento mais antigo é datado do GM II e o mais recente do GR I.

Dessa forma, está claro que, apesar da pequena amostragem, as cistas constituem os enterramentos variados em Náuplia, mesmo durante o GR, quando o padrão de enterramento é caracterizado pelo uso do vaso funerário. As covas simples e os vasos funerários constituem enterramentos bem menos variados. É interessante notar que este padrão de enterramento assemelha-se ao verificado em Argos. Aqui, entretanto, não há uma distinção

visível entre os enterramentos infantis e os de adultos, pois tanto um, quanto outro são desprovidos de oferendas no GR II. Todavia, da mesma forma que em Argos, é essencial ressaltar que as ânforas utilizadas nos enterramentos infantis, principalmente, apresentam motivos ornamentais geométricos e figurados bastante variados, como por exemplo, a ânfora trípede NM 10006, do T (713).¹³⁹

5) Localização. Pensando o Espaço dos Mortos.

A área onde foi identificado o maior número de enterramentos datados da Idade do Ferro e também de períodos posteriores, chegando até o Helenístico, trata-se do Terreno Pronoia ou, ainda, chamado de Pronoia Triantaphyllos. Este lote situa-se na área norte-nordeste da Colina Palamidi (Planta 4) e concentra 19 enterramentos de adultos e os 5 enterramentos infantis totais e, portanto, há uma grande quantidade de enterramentos em vasos funerários. Isto quer dizer que a maioria dos enterramentos da Idade do Ferro presentes nesta área é datada do GR. Além disso, nesta área também foi descoberto um grande número de enterramentos em covas simples, incluindo aqueles 12 túmulos escavados nas campanhas de 1954. Nesta área de concentração há enterramentos de todos os tipos, cistas, covas simples e vasos funerários, tanto de adultos, quanto de crianças. Os vasos funerários e as covas com mobiliário funerário mais modesto localizam-se junto com as cistas mais variadas, inclusive o T (728).

A princípio poderíamos sugerir que o Terreno Pronoia passa a ser utilizado como uma área de enterramentos a partir do PG e, durante o SM, período em que a utilização das cistas é maior, os enterramentos concentram-se mais a leste de Palamidi, na encosta da colina e nas proximidades da Necrópole Micênica, a noroeste desta (vide Planta 4). É aí que encontramos um provável túmulo caracterizado como um depósito de vasos cerâmicos que pode, na realidade, ser uma oferenda aos mortos, aos antepassados micênicos, o T (710). Próximo a esta área, está situada a Praça Evangelistria, onde foram identificadas as 4 cistas do Submicênico na década de 1970 por Protonotariou-Deilaki.

136 Taça NM 10069 e enócoa NM 10070: *Prakt* (1955), [iv. 83β.

137 Pedra de polir NM 10024: *BCH* 79 (1955), Fig. 19, p. 239.

138 Estano NM 10043: *BCH* 79 (1955), Fig. 17, p. 239.

139 Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Pranchas 315 C, D, E; 316 A.

As evidências de habitações em Náuplia são bastante escassas. Há apenas registros de paredes e uma área pavimentada onde foram encontrados fragmentos cerâmicos datados desde o GA até o GR no Terreno Pronoia, próximo à área de enterramentos. Já os resquícios habitacionais do SM e do PG são suficientes para afirmar que o sítio permaneceu habitado de forma contínua. Todavia está claro que o assentamento em Náuplia durante o início da Idade do Ferro era caracterizado por pequenas proporções, principalmente quando comparamos com os demais sítios analisados até então em relação ao PG, particularmente. Parece que tais aspectos configuram a comunidade em Náuplia durante toda a Idade do Ferro.

Acompanhando o padrão verificado nos demais sítios da Argólida, podemos verificar um aumento populacional significativo em direção ao final da Idade do Ferro, durante o GR. Da mesma forma, parece ter havido uma área de concentração de enterramentos utilizada desde o PG que teria se desvinculado e se afastado da Necrópole Micênica no final do SM e início do PG e teria se aproximado das áreas de habitação. Esta área é caracterizada como um espaço de deposição dos mortos utilizada continuamente desde o PG até o Período Helenístico.

Lerna / Myloi.

O sítio arqueológico de Lerna situa-se na porção Sudoeste da Argólida, onde atualmente se encontra a cidade de Myloi (Δήμος Λέρνας) e faz parte da Municipalidade de Argos-Micenas. Situa-se aproximadamente a 6 km a sudoeste de Argos e 13 km a oeste de Náuplia, na área da planície argiva e, na antiguidade, apresentava um lago de grandes dimensões bem próximo ao mar e ao sul de Argos. Segundo a mitologia, neste local teria ocorrido o segundo trabalho de Hércules, através do qual o herói teria que matar a hidra de Lerna, habitante do lago.

As escavações no sítio tiveram início em 1952, conduzidas pela Escola Americana de Estudos Clássicos em Atenas (ASCSA) e coordenadas por John L. Caskey. Tais campanhas revelaram que o sítio foi ocupado desde o Neolítico e de forma bastante intensa durante a Idade do Bronze, desde o Heládico Antigo até o Período Micênico, que levou Caskey a estabelecer uma cronologia específica para o

sítio, denominada de Lerna I a Lerna V. Os poucos túmulos datados da Idade do Ferro foram investigados, principalmente, nas campanhas da década de 1950 e início dos anos 1970.

1) Informações Gerais.

Segundo as crônicas e relatórios de escavações mais recentes, foi levantado um total de 27 túmulos em Lerna datados desde o SM até o final do GR. Há quatro prováveis casos de reutilização da sepultura, sendo que em dois deles havia três esqueletos cada, o T (739) e o T (742), encontrados na área do Monte Pontinos, e em outras duas sepulturas havia dois mortos em cada, no T (762) e no T (763), ambos localizados nas proximidades da estrada Argos-Tripolis. Isto significa dizer que o total de enterramentos em Lerna durante a Idade do Ferro sobe para 33. Todos os túmulos caracterizam-se por cistas ou enterramentos em vasos funerários, especificamente, pitos. Lerna se configura como um dos únicos sítios na Argólida, juntamente com Argos e Asine, que apresentam um estudo osteológico sistemático dos enterramentos (Angel 1971), contendo informações mais precisas e detalhadas sobre os atributos idade e gênero. Entretanto, para um total de quatro sepulturas não há qualquer informação sobre os indivíduos enterrados, os T (756), T (757), T (760) e o T (761). Além disso, ainda há 9 enterramentos que são classificados como prováveis adultos.

2) Idade / Gênero e as relações com o Tipo de Sepultura.

Dos 33 enterramentos totais, apenas 5 são identificados seguramente como infantis e 15 são certamente de indivíduos adultos. Todavia, outros 9 enterramentos também são classificados como enterramentos de prováveis adultos. Dessa forma, o total de enterramentos de adultos seria 24. Poderíamos distribuir tais enterramentos na seguinte tabela de acordo com os subperíodos da Idade do Ferro:

TABELA 58

Número total de enterramentos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Idade	GA	GA II/GM I	GM	GR I/GR II	G	Total
Criança	2	2		1		5
Adulto		12	3		9	24
	2	14	3	1	9	29

Novamente, como acontece em Argos, Tirinto e Náuplia, o número de enterramentos infantis é muito menor do que o de adultos. O segundo é quase 5 vezes maior em relação ao primeiro. Inversamente à tendência verificada nesses sítios, os enterramentos infantis concentram-se no início da Idade do Ferro, mais especificamente, no início do Período Geométrico, durante o GA. Notamos que não há um único exemplo de enterramento datado do SM e do PG, fato que pode indicar uma ruptura mais brusca e marcante no assentamento entre a Idade do Bronze e o início da Idade do Ferro, pois a comunidade parece ter sido relativamente

grande durante a Idade do Bronze. Os sepultamentos começam no GA e ainda durante o GM são relativamente numerosos. No GR, observamos uma queda, processo novamente inverso àquele evidenciado em todos os demais sítios da Argólida. Contudo, há uma grande quantidade de enterramentos classificados apenas como “geométricos” fato que poderia aumentar o número de enterramentos desde o GA até o GR.

Quando examinamos o atributo tipo de sepultura, percebemos que o número de cistas e de pitos é bem próximo. Há um total de 18 enterramentos em cista e 15 em pitos.

TABELA 59

Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e subperíodos da Idade do Ferro.

Período/Tipo de sepultura	GA	GA II/GM I	GM	GR I/GR II	G	Total
Cista		12			6	18
Vaso funerário	2	2	3	1	7	15
	2	13	4	1	13	33*

* O total de enterramentos difere da tabela anterior devido ao fato da inclusão de 4 enterramentos em pito classificados apenas como “Geométricos”, para os quais não há qualquer referência sobre a idade ou o gênero do morto, o T (756), T (757), T (760) e o T (761). Assim, o número de enterramentos classificados pelo tipo de sepultura sobe de 29 para 33.

Os pitos aparecem com a cista. Entretanto, os primeiros exemplos são usados para enterramentos infantis. A concentração de cistas no final do GA e início do GM é grande, o número de cistas é 6 vezes maior em relação ao número de enterramentos em pito. À primeira vista, poderíamos dizer que os pitos são utilizados de maneira mais uniforme durante todo o Período Geométrico, enquanto as cistas são preferencialmente utilizadas no início do Período Geométrico. Porém, há uma grande quantidade

tanto de cistas quanto de pitos classificados apenas como “geométricos”, o que pode ocasionar algumas mudanças na análise desses costumes. De qualquer maneira, poderíamos afirmar que durante o início do Período Geométrico os mortos são enterrados tanto em pitos quanto em cistas, já em direção ao final da Idade do Ferro, o padrão para enterramentos talvez seja o uso exclusivo do pito.

Relacionando os atributos idade e tipo de sepultura, obtemos as TABELAS 60 e 61:

TABELA 60

Número de enterramentos em cistas divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.				
Período/Idade	GA II/GM I	GM	GR I/GR II	G
Criança	2			
Adulto	10			6

TABELA 61

Número de enterramentos em pitos divididos por idade e subperíodos da Idade do Ferro.					
Período/Idade	GA	GA II/GM I	GM	GR I/GR II	G
Criança	2			1	
Adulto		2	3		3

A quantidade de enterramentos tanto de crianças quanto de adultos é bastante pequena, fato que nos permite apenas levantar alguns apontamentos e algumas questões que podem ser interessantes quando comparadas com os demais sítios da Argólida. As crianças, no início do Geométrico, são sepultadas tanto em cistas quanto em pitos. Já em direção ao final da Idade do Ferro, poderíamos sugerir que há uma certa preferência pelos pitos para os enterramentos infantis. Para os adultos o padrão é o mesmo, no entanto, apresenta-se de uma forma mais evidente. O pito é introduzido no final do GA para enterrar adultos simultaneamente há a utilização das cistas, cuja quantidade é 5 vezes maior do que a quantidade de pitos neste subperíodo. Durante o GM e até o final da Idade do Ferro, parece que o único tipo de enterramento utilizado passa a ser o pito.

3) Orientação e Posição do corpo.

O exame do quesito orientação do corpo / sepultura é bastante restrito devido às escassas informações fornecidas sobre tal atributo nos relatórios e crônicas de escavações. O sentido para o qual a cista foi construída ou para o qual a abertura do pito foi depositada é indicado apenas para 4 enterramentos. Um deles é o T (759), caracterizado por uma cista orientada no sentido Leste-Oeste; os outros três são enterramentos em pitos, o T (737), datado do GM e cuja abertura do vaso e o crânio do morto estavam direcionados

para Sudoeste e o T (762), que se trata de um caso de reutilização da sepultura, contendo dois enterramentos de adultos, ambos datados apenas como do “Geométrico” e orientados no sentido Norte-Sul, ou seja, com a abertura do vaso e os crânios dos dois esqueletos posicionados para Sul. Dessa forma, não é possível levantar padrões de enterramentos a partir de dados tão escassos.

Em relação à posição do corpo, para um total de 13 enterramentos em cistas dispomos de informações, representando uma amostragem equivalente a aproximadamente 72% do total. Isto significa que, apesar da pequena quantidade em geral de cistas, a amostragem é significativa e passível de reflexões mais detalhadas. Dos 13 enterramentos, apenas 1 se encontrava em posição contraída, com as pernas deitadas para a direita do morto; trata-se do T (759), descoberto nas campanhas dos anos 70, nas proximidades de Myloi e classificado apenas como “Geométrico”. Todos os demais parecem ter sido encontrados em posição estendida, ou com as pernas levemente flexionadas para um dos lados do indivíduo. Todos os sepultamentos são datados do final do GA II e início do GM I, 2 são infantis e o restante de adultos. Isto significa que o padrão de enterramento em Lerna, no que diz respeito à posição do corpo, difere daquele apresentado em Argos, Tirinto, Micenas e, muito provavelmente, em Naúplia e aproxima-se da prática executada em Asine. Notamos, ainda, que há enterramentos infantis e de adultos em tal posição e, da mesma forma que em Asine, esses enterramentos aparecem mais no início da

Idade do Ferro, essencialmente do PG. Cabe-nos ressaltar que em Lerna eles são um pouco posteriores em relação aos de Asine. Entretanto, ao mesmo tempo, os costumes funerários são bastante distintos daqueles apresentados em Asine, pois encontramos uma grande quantidade de enterramentos em pito em Lerna.

Tal particularidade dos contextos funerários da Idade do Ferro em Lerna, associada ao fato desses enterramentos não apresentarem qualquer tipo de oferenda é inesperada e totalmente divergente àquela verificada nos demais sítios da região da Argólida. P. Courbin (1974, 1977) afirma que essa excentricidade de Lerna é fruto de um erro no processo de datação dos enterramentos que devem ser, na verdade, datados do Período Arcaico. Todavia, Caskey deixa claro que as sepulturas foram encontradas na mesma camada estratigráfica onde se encontravam diversos fragmentos cerâmicos datados do GA, e alguns apresentavam decoração já transitória para o GM. Dessa forma, acreditamos que não há elementos suficientes para indicar um erro na datação proposta por Caskey e nem para datá-las do Período Arcaico. A diversificação nos costumes funerários pode ser fruto de vários fatores, como a expressão de um grupo social distinto, por exemplo. A particularidade dos contextos funerários em Lerna pode indicar a influência de dois grupos opostos que estariam configurando a comunidade neste local e que podem ser provenientes de Argos, de um lado, e de Asine, de outro, por exemplo.

4) O Mobiliário Funerário.

4.1) Características da produção cerâmica em Lerna.

A análise da cerâmica dos túmulos da Idade do Ferro em Lerna, apesar do pequeno número de enterramentos com oferendas, indica que, na verdade, os artefatos são bastante similares aos produzidos em Argos e em Tirinto, no que se refere às características técnicas de produção, como a argila, a constituição e a coloração da pasta, a produção propriamente dita do vaso, seja manufaturado ou torneado, aos aspectos que dizem respeito à forma dos vasos e, ainda, aos motivos de ornamentação dos mesmos. No geral, a argila possui coloração pálida em bege com tons marrons e amarelos, correspondente aos códigos 2.5Y 7/3 (pale yellow) e 10YR 7/2 (light gray) do Munsell e apresenta antiplásticos pequenos,

como por exemplo, a taça L.668 e o cântaro L.669 presentes no T (751), no Monte Pontinos.¹⁴⁰

Os vasos manufaturados, no geral também apresentam pasta fina, com antiplásticos pequenos e com a mesma coloração dos torneados, por exemplo, a enócoa L. 76, do T (737), ou o jarro L.667, do T (751), no Monte Pontinos.¹⁴¹ As formas encontradas com mais recorrência nos contextos funerários em Lerna são aquelas encontradas também em Argos, Tirinto e Micenas, como taças, esquifos, cântaros, jarros e píxides. As enócoas, principalmente as trilobadas com o corpo ovalado, forma típica do PG, e grandes crateras, formas típicas do GR, aparecem com menor frequência e as ânforas e anforiscos, também formas mais encontrados durante o GR, são encontradas raramente nos túmulos. Uma forma interessante, um tanto distinta, é a enócoa trilobada L. 671, também do T (751), no Monte Pontinos, devido ao pescoço bem curto e o corpo bojudo, bastante arredondado.¹⁴² Tal formato é incomum para enócoas trilobadas e um exemplar semelhante é encontrado em Tirinto apenas.

A análise dos motivos ornamentais também revela elementos similares aos argivos. As taças, por exemplo, podem ser monocromáticas pintadas inteiramente com o verniz preto brilhante característico das taças de Argos, como a L. 77, encontrada no T (737), ou apresentar motivos típicos do GR como a taça L. 668 do T (751), no Monte Pontinos.¹⁴³ Há um motivo ornamental encontrado recorrentemente em taças e esquifos do GM em Argos e Tirinto, configurado por barras verticais paralelas intercaladas com asteriscos (Fig. 50, p. 113). Um outro motivo típico do GR, comumente presente em Lerna e em Argos, Tirinto e Micenas, corresponde as barras verticais onduladas paralelas formando uma faixa na altura das alças de taças e esquifos (Fig. 65, p. 120).

Podemos concluir, portanto, que a cerâmica encontrada nos contextos funerários em Lerna está intimamente ligada à produção cerâmica argiva ou, em menor porcentagem, àquela presente em Tirinto, indicando que, dificilmente, deve ter havido uma produção local, própria e independente em Lerna, mas sim que os artefatos devem ter vindo dos grandes centros de produção próximos.

140 Caskey, J. *Hesperia* 25 (1956), Pl. 48c e Pl. 48d.

141 Caskey, J. *Hesperia* 23 (1954), Pl. 2c e Pl. 48e.

142 Caskey, J. *Hesperia* 25 (1956), Pl. 48g.

143 Caskey, J. *Hesperia* 25 (1956), Pl. 2c e Pl. 48f.

4.2) Características dos artefatos em metal.

Já sobre os artefatos em metal, embora também não haja uma grande quantidade de oferendas produzidas neste tipo de matéria-prima nos túmulos, a qualidade da produção e da decoração merecem destaque. Há seguramente duas sepulturas em que foram encontrados artefatos em metal bem preservados, o T (738) e o T (751), ambas situadas no Monte Pontinos. A primeira trata-se de um provável enterramento de adulto e apresenta um alfinete e um anel em bronze que, são classificados apenas como “geométricos” por Caskey. A segunda apresenta dois anéis e duas argolas largas em bronze, que também podem ser dois anéis e uma fíbula.¹⁴⁴ Este objeto possui uma decoração bastante rebuscada; uma ave em ambos os lados da placa, cujo corpo é preenchido com linhas onduladas paralelas. A parte lateral da fíbula também é trabalhada com losangos em linhas duplas. Esta ornamentação é típica do Geométrico Recente, mais especificamente, do início do GR II. O enterramento continha restos ósseos de uma criança e também apresenta artefatos em cerâmica, caracterizando um dos mais variados encontrados em Lerna. Apesar da qualidade aprimorada, não há elementos suficientes que indiquem uma produção local dos artefatos em metal.

4.3) O mobiliário e as relações com idade e tipo de sepultura.

O T (751) constitui o enterramento mais variado datado de toda a Idade do Ferro no sítio de Lerna. Trata-se de enterramento de uma criança em pito, datado do final do GM II e início do GR I, contendo quatro anéis e uma fíbula em bronze e quatro vasos cerâmicos torneados de produção aprimorada, tanto na pasta da argila quanto nos motivos decorativos, que variam desde o GM II, como por exemplo, o cântaro L. 669, até o GR I, como a enócoa L. 671, e, ainda, um vaso manufaturado bastante refinado em sua pasta e confecção, o jarro L. 667.¹⁴⁵

Quando relacionamos o mobiliário funerário com o tipo de sepultura, distribuindo os enterramentos pelos subperíodos da Idade do Ferro, obtemos a tabela da página ao lado (62):

Percebemos que a maioria dos enterramentos não possui oferendas ou apresenta apenas alguns fragmentos cerâmicos. Dos 22 enterramentos classificados nesta categoria, 2 são infantis e os demais são de adultos, 11 cistas e 9 pitos. Os dois enterramentos que apresentam entre 1 e 3 vasos cerâmicos correspondem a pitos de adultos. O enterramento que apresenta alguns artefatos em metal corresponde a uma cista de adulto classificada apenas como “geométrica”

Os enterramentos mais variados são caracterizados por um enterramento em pito de adulto, o T (737), que apresenta apenas um vaso no interior (uma xícara monocromática com verniz preto, L. 77) e alguns poucos fragmentos em bronze que não puderam reconstituir o objeto, na área externa. Segundo Caskey, há mais dois vasos associados à sepultura (uma outra xícara, L. 75, e uma enócoa trilobada manufaturada, L. 76) e uma conta em concha que poderia formar um colar, um pingente ou corresponder a uma espécie de amuleto.¹⁴⁶ A datação do enterramento pode ser dada não só pela estratigrafia, como também pelo pito funerário, e ainda pelos motivos decorativos da xícara L. 75 que, a partir de outras semelhantes em Argos, acreditamos datar mais especificamente do GM I.

O segundo enterramento diversificado também é em pito que apresenta restos ósseos de duas crianças, o T (763), ambos os enterramentos datados do GA, com um total de 6 vasos no interior do pito. Tais artefatos cerâmicos correspondem a vasos cuidadosamente confeccionados, todos torneados, em miniatura e com decoração aprimorada, caracterizados por uma mamadeira (uma xícara com bico), uma taça monocromática com verniz preto brilhante, uma enócoa, uma cratera e dois esquifos.

O terceiro e último enterramento variado corresponde a uma cista de um adulto, o T (753), cujo conteúdo é formado por uma grande quantidade de vasos cerâmicos torneados e com motivos ornamentais diversificados; 4 vasos foram encontrados no interior da cista e outros 3, entre eles dois cálices e uma píxide, além de uma alça que poderia ser um quarto vaso, foram identificados na área externa da cista, em cima da placa de cobertura.

Assim, podemos afirmar que os pitos apresentam uma quantidade maior de oferendas

144 De Vries, K. *Hesperia* 43 (1974), Pl. 16e e Pl. 7.

145 Caskey, J. *Hesperia* 25 (1956), Pl. 48c, Pl. 48e e Pl. 48g.

146 Caskey, J. *Hesperia* 23 (1954), Pl 2c.

TABELA 62

Enterramentos em cista e em pito divididos por subperíodos e classificação do mobiliário funerário.

Período / Objetos	GA	GA II / GM I	GM	GR I / GR II	G	Total
Sem oferendas		14	2		6	22
Vasos cerâmicos (entre 1 e 3)					2	2
Metais (entre 1 e 3)					1	1
Variados	1		1	1	1	4
Não informado					3	3
	1	14	3	1	13	32

que as cistas durante a Idade do Ferro em Lerna. A maioria das cistas não apresenta oferendas. Os pitos variados, da mesma forma que as cistas sem oferendas configuram tanto enterramentos de adultos quanto infantis. Porém, o enterramento mais variado encontrado no sítio é identificado a uma criança em pito. Parece não haver um tratamento diferencial entre adultos e crianças e os enterramentos sem oferendas se concentram no início do Período Geométrico. Em direção ao final da Idade do Ferro, apesar do declínio na quantidade de enterramentos, a quantidade e a variedade dos artefatos aumentam, principalmente, nos enterramentos infantis em pito.

5) Localização. Pensando o Espaço dos Mortos.

Em Lerna, há uma grande área de concentração de enterramentos da Idade do Ferro, o Monte Pontinos e suas proximidades, a leste e sudeste, na denominada Área D, escavada durante os anos 1950.¹⁴⁷ Nesta área foram encontrados 20 enterramentos do total, 3 infantis e 18 de adultos. A grande maioria data da transição do GA II para o GM I, 14 entre infantis e adultos. Há 2 classificados como “geométricos” porém os 3 enterramentos que são datados do GM, seja GM I ou II, assim como o único enterramento datado do GR, o T (751), também foram descobertos nesta área. Além disso, 13 são enterramentos em cista e 7 em pito. Dessa forma,

notamos que esta área começa a ser utilizada para enterrar os mortos, tanto adultos como crianças e tanto em cistas como em pito ainda no GA e, após uma intensificação deste uso no final do GA e início do GM, ela ainda continua sendo utilizada até o GR.

As evidências de habitações em Lerna são praticamente inexistentes no que se refere à Idade do Ferro, fato intrigante, na medida em que durante o Heládico Médio e toda a Idade do Bronze Lerna parece ter sido uma comunidade relativamente grande e significativa. Na própria Área D, há vestígios de habitação do HM e do Período Micênico.¹⁴⁸ A comunidade parece ter sofrido uma queda drástica no período pós-palacial, devido à ausência tanto de vestígios funerários, quanto de ocupação durante o SM e o PG. Os contextos funerários do Período Geométrico concentram-se todos na área Sudoeste do sítio pré-histórico, mas parece que o assentamento em Lerna, mesmo no final da Idade do Ferro, durante o GM e o GR, não era constituído por uma larga comunidade. Pelo contrário, as evidências demonstram que provavelmente se tratava de uma comunidade bem pequena, mesmo no século VIII a.C.

147 Caskey, J. *Hesperia* 25 (1956), Pl. 48; BCH 79 (1955), Fig. 20, p. 240.

148 Caskey, J. *Hesperia* 23 (1954), Pl 2b.

Capítulo 4

Interpretando dos dados: a abordagem inter-sítio.

1) O Submicênico. “Continuidades e rupturas”, elementos contraditórios ou complementares?

O final da Idade do Bronze, imediatamente após o colapso e a dissolução do sistema palacial micênico, ocorrido durante o Heládico Recente IIIB (entre 1300 e 1200 a.C.), é alvo de debates, que o caracterizam como um momento que apresenta várias questões e lacunas da história da Grécia Antiga. Tal período corresponde ao Heládico Recente IIIC (entre 1200 e 1100) é visto como um momento de transição, conturbado e instável em que convivem formas plurais de manifestações culturais. O início da Idade do Ferro, cronologicamente estabelecido por volta de 1100 a.C., marca uma fase de mudanças mais profundas e abruptas em relação às características da Idade do Bronze.

Conforme elucidamos na Introdução, a primeira metade do século XI é identificada ao Submicênico, subperíodo inicialmente constatado apenas na Ática, particularmente em Atenas, porém que encontra expressões culturais específicas na Argólida e abrange um curto intervalo de tempo entre 1060 a 1050.¹

¹ Para uma discussão mais detalhada dos problemas conceituais e epistemológicos do uso da expressão “Submicênico”, assim como das questões referentes aos limites cronológicos de cada subperíodo da Idade do Ferro, vide Introdução, p. 30-31. Para comparar os diferentes

As mudanças mais marcantes do SM estão exatamente relacionadas às práticas funerárias. Os enterramentos coletivos nos grandes túmulos em *thólos* cedem lugar para as inumações individuais em cistas ou em covas simples. Conforme pudemos observar na análise dos contextos funerários dos sítios da Argólida, este padrão de enterramento corresponde à norma durante toda a Idade do Ferro. Na Ática e na Eubeia, por exemplo, verifica-se uma grande quantidade de cremações individuais que tendem a crescer em direção ao final da Idade do Ferro (Morris 1987; Whitley 1991; Lemos 2002).

A cremação na Argólida reaparece logo após o colapso do sistema palacial, durante o Heládico Recente IIIC.² Há duas grandes ocorrências, uma

recortes propostos pelos especialistas no estudo da cultura material da Idade do Ferro, vide Fig. 1 – Quadro cronológico comparativo da Idade do Ferro para as regiões da Ática e da Argólida, segundo A. M. Snodgrass, p. 24 e Fig. 2 – Quadro cronológico comparativo do Período Geométrico na Argólida (cerâmica argiva), segundo P. Courbin e J. N. Coldstream, p. 25.

² A cremação aparece raramente em túmulos do Heládico Médio (2000 a 1600 a.C.) em Argos e, poderíamos afirmar que durante o Heládico Médio e o Período Micênico o padrão de enterramento dos mortos é a inumação. Casos isolados de cremação voltam a aparecer na Argólida apenas no Heládico Recente IIIC. Entretanto, é interessante reforçar que, desse modo, tal prática funerária não é desconhecida e não pode considerada com

delas descoberta a 2,5km sudoeste de Micenas, em Chania, e a outra na Rua Tripoleos em Argos. Ambas são configuradas como *tumuli*. A primeira ainda permanece não publicada e contém 8 cremações sem urnas funerárias (French 2002: 140; Lemos 2002: 139, fig. 10), e a segunda contém 36 vasos funerários com cremações e 16 inumações individuais de adultos e crianças (Piteros 2001).

Além das transformações ocorridas no campo das práticas mortuárias no período pós-palacial, destacam-se também mudanças no que diz respeito aos aspectos arquitetônicos e na confecção e uso dos artefatos em metal e cerâmicos. Por exemplo, podemos citar a adoção do plano absidal para a maioria das habitações (Ainian 1997); o amplo uso do ferro na fabricação dos artefatos em metal, tanto objetos de vestuário quanto armamentos (Snodgrass 1967; 1971); a adoção de um novo estilo de produção dos vasos cerâmicos na Argólida, o estilo granular, associado à adoção de motivos decorativos que começam a adquirir formas geométricas, como a linha ondulada e o círculo e semi-círculo concêntricos (Courbin 1966; Desborough 1952; Deshayes 1966; Coldstream 1968, 1977); o uso do longo alfinete em bronze e ferro e da fíbula em bronze ou em ferro em forma de arco (Kilian-Dirlmeier 1984).

As causas da dissolução do sistema palacial micênico no final do século XIII e as origens das mudanças culturais constituem o ponto essencial de discordância entre os autores. De um lado, durante muito tempo, a primazia da documentação textual proporcionou a visão a partir da qual a coesão política micênica teria sido decisivamente abalada pela chegada de um novo grupo étnico proveniente do Norte-Nordeste da Grécia, os dórios, que, com costumes bastante diversificados em relação aos micênicos, teriam se instalado no Peloponeso, em particular na Argólida e, principalmente, em Argos (Lévêque 1964, 1973, 1990; Desborough 1972; Eder 1990, 1998: 70-71)³. As transformações culturais, de acordo com esta linha, são entendidas

como inovações, elementos intrusos à cultura característica da Idade do Bronze, trazidos pelos dórios (Desborough 1952: 204; Eder 1990: 207-08), caracterizados como um povo seminômade, fundamentado em uma economia pastoril e de criação de animais, e tradicionalmente guerreiros (Eder 1990: 210).

De outro lado, o colapso seria resultado de uma série de fatores internos do sistema político micênico, responsáveis por sua própria hipertrofia (Kilian 1988: 134). As transformações culturais, neste sentido, não são vistas como inovações, mas como readaptações, isto é, elementos já conhecidos e praticados no passado que, em um determinado momento, devido às condições socioeconômicas, são retomados e passam a constituir as bases de uma nova sociedade em processo de reorganização e reestruturação social, política e econômica. Segundo esta linha, as mudanças de comportamento não resultam de fatores étnicos introduzidos por levas migratórias, mas os pesquisadores reconhecem que durante o HR IIIC e, principalmente, durante o SM, há, de fato, um declínio populacional marcante e um processo intenso de movimentação de pessoas pelas regiões da Grécia, fundamentalmente, na Coríntia, Argólida, Messênia e na Lacônia (Snodgrass 1971; Whitley 2001; Papadimitriou 2006).

Apesar da questão étnica ainda constituir alvo de discussões e estar distante de um consenso, o ponto fundamental para esta linha interpretativa é a multiplicidade de fatores que proporcionaram a dissolução política do poder micênico e as transformações do SM. Fatores esses determinados por parâmetros culturais, econômicos e ambientais. O colapso interno do sistema palacial estaria associado a causas naturais para tais pesquisadores, como por exemplo, a ocorrência de fortes terremotos e incêndios no final do século XIII, que, atualmente, são atestados arqueologicamente (Papadimitriou 1996: 531). Tais eventos ocasionaram mudanças climáticas, responsáveis por períodos de seca e, provavelmente, queda na produtividade agrícola.⁴ A movimentação populacional, dessa forma, estaria associada a tais mudanças.

um elemento inovador, de introdução ou intruso no início da Idade do Ferro. Para alguns exemplos de cremações datadas do Heládico Médio, vide BCH 91 (1967), p. 801-49, encontradas no setor δ , na Ágora.

3 HERÓDOTO I 56-57, HOMERO *Iliada* II 681-684, *Odisseia* XIX 177.

4 Uma pesquisa sobre as mudanças climáticas ocorridas na Argólida no final da Idade do Bronze vem sendo conduzida pelo Departamento de Geologia da Universidade de Gotemburgo. Parece que, de fato, houve um período de extrema seca, porém os resultados ainda são bastante preliminares.

É interessante notar que tal ponto de vista não rejeita a presença dórica no Peloponeso, considerando a região da Argólida como uma área multiétnica (Hall 1997). No final do século VI e, principalmente, no V a.C., as evidências que corroboram para a existência definitiva de uma Argos dórica fundamentam-se tanto nas fontes escritas quanto nas arqueológicas (vide nota 8, p. 70, Capítulo 2). As fontes epigráficas registram um dialeto dórico específico em Argos (*Ibid.*, 1997). Entretanto, antes do século VI, as evidências se restringem aos registros escritos, às obras de Homero e Hesíodo.

As causas culturais do colapso podem ser divididas em três linhas interpretativas principais. De um lado, A. M. Snodgrass (1971, 2006) indica que as transformações do SM podem ser entendidas como uma restauração e reconfiguração (*revival / souvenir*) de costumes característicos das sociedades do Heládico Médio que, na realidade, teriam permanecido em segundo plano durante o Período Micênico. Para o autor, as comunidades da Idade do Ferro retiveram muitos poucos elementos da cultura micênica, mas conservaram aspectos fundamentais da cultura do Heládico Médio. Poderíamos afirmar, portanto, que houve um processo de lembrança, de memória (Sarian 1989). Devemos falar, desta maneira, em reminiscência e não em “continuidade”.

W. G. Cavanagh e C. B. Mee (1984) discordam de Snodgrass argumentando que as mudanças são resultado de transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas no final do Período Micênico que requereram formas mais econômicas de enterrar os mortos, distintas da ostentação dos túmulos micênicos em *thólos*. Para os autores, tais transformações encerram mais de dois séculos de instabilidades e turbulências que caracterizaram o final da Idade do Bronze. Esta abordagem suscita dois problemas. O primeiro diz respeito à associação direta entre enterramentos em cistas e covas simples como indicadores de um status social mais baixo em comparação com os abastados enterramentos em *thólos* micênicos, pois a energia investida para a construção de uma sepultura individual seria menor do que aquela monumental que abriga enterramentos múltiplos. Tal premissa é questionável na medida em que, apesar das grandes dimensões, a câmara era construída uma única vez para abrigar diversos indivíduos, enquanto os enterramentos individuais, principalmente em cistas, necessitam

do dispêndio de energia e trabalho humano para a construção do túmulo toda vez que um indivíduo vai ser enterrado. Além disso, o mobiliário funerário de algumas cistas e covas simples do SM e, particularmente do PG, são bastante variados e, portanto, não podem ser vistos como uma forma mais econômica de enterramento.

Finalmente, O. Dickinson (2006) e J. Whitley (2001) preferem entender as mudanças como consequências do contato com o Oriente Próximo, como a Ásia Menor e, de forma mais imediata, Creta. Dickinson concorda que há similaridades explícitas entre o Heládico Médio e o SM, porém enfatiza que, simultaneamente, há profundas diferenças. Durante o Heládico Médio, a cista em ortóstato é largamente utilizada para inumações individuais, contudo a cremação e o uso do ferro para fabricação dos artefatos não são elementos comuns ao período.

Snodgrass reconhece que a “Creta Central incorpora o ferro e a cremação muito antes de adotar o sistema de decoração Protogeométrico” (Snodgrass 2006: 134) e propõe um modelo para explicar o uso do ferro no período pós-palacial, denominado de *circulation model*, através do qual o estanho teria se tornado um recurso escasso e o bronze passa a ser considerado não mais como um elemento fundamental na confecção dos artefatos. Morris (1989), contrapondo o modelo de Snodgrass, sugere que o ferro teria assumido um valor simbólico essencial, constituindo o material opcional utilizado nos artefatos depositados nos contextos funerários, modelo explicativo denominado de *deposition model*.

Apesar das controvérsias e das diferentes interpretações, observamos que o SM é, de fato, marcado por uma brusca queda populacional. Conforme aponta A. Foley (1988), após o Heládico Recente IIIB há uma queda drástica no número de sítios ocupados na Argólida. De 59 comunidades com algum traço de ocupação durante o HR IIIB, apenas 6 apresentam sepulturas e vestígios arquitetônicos residenciais nos dois períodos subsequentes, no HR IIIC e no SM (Foley 1988: 23). Argos é um sítio marcado pela continuidade de ocupação desde o Neolítico, que remonta ao sexto milênio com vestígios de habitações e contextos funerários na área Sul-Sudoeste e na Áspis (Touchais et Divari-Valakou 1998: 9-10). Durante o Heládico Antigo as mesmas áreas permanecem ocupadas, e no Heládico Médio é possível perceber uma expansão em direção à porção Norte da cidade, para a área

da Deiras, no sopé do flanco Leste da Larissa e na Áspis. Nesta área foram encontrados vários vestígios de habitações retangulares e algumas em formato absidal, e enterramentos associados datados do HM, indicando que, durante este período, o assentamento pode ter alcançado grandes proporções (Ibid., 1998: 11). Durante o início do HM, os adultos e, principalmente, as crianças são enterradas no interior ou nas proximidades das residências. Já em direção ao final do HM e início do HR, a área no sopé da Áspis parece ter tido um uso exclusivamente funerário, configurando uma necrópole. No HR a quantidade de túmulos aumenta significativamente. Na área da ravina que separa as duas colinas foram encontrados 40 túmulos em câmara e 30 em cista (Touchais 2011). No HR II, há uma tendência inversa em relação à anterior, com o deslocamento das áreas de habitação do Norte para o Sul. Apesar de escassas, as evidências funerárias e habitacionais do HR IIIB indicam que mesmo após os eventos que levaram ao colapso do sistema palacial Argos permaneceu ocupada. Durante o SM, os vestígios de habitações são isolados, mas estão concentrados na área Central da cidade, onde se localiza o atual Museu, na área Sudoeste, principalmente nas proximidades do Teatro e do Cemitério Sul, e ainda na área a Leste, no Terreno Bertzeletos (Touchais et Divari-Valakou 1998; Hägg 1982).

As evidências de uma ocupação contínua entre o HR IIIB e o SM também estão presentes em Tirinto e em Micenas. Em Tirinto, a área interna da Cidadela continua ocupada, principalmente na área da Cidade Baixa, abrigando edifícios de pequeno porte com um único andar. Nesta mesma área foi encontrado o Edifício T, que parece ser uma construção de caráter sagrado, construído sobre os resquícios do *mégaron* micênico e datado do HR IIIC (Maran 2001). Durante o SM, os vestígios de habitação parecem estar localizados na mesma área, na Cidade Baixa, no interior da própria Cidadela e sobre ruínas de antigas habitações do HR (Foley 1988: 25; Papadimitriou 1998).

Em Micenas, as evidências de ocupação do HR IIIC situam-se no interior da Cidadela, na área Sul. Durante o SM, vestígios de habitações são encontrados sobre as habitações do HR, tanto na parte Sul quanto na área Oeste da Acrópole, indicando que a área interna das muralhas apresenta ocupação contínua entre o final da Idade do Bronze e o início da Idade do Ferro.

Asine apresenta um quadro um pouco mais complexo, pois imediatamente após a dissolução do sistema palacial, durante o HR IIIC, ainda é possível observar áreas ocupadas na Cidade Baixa, com habitações e edifícios sagrados, como a presença de um santuário. Contudo, no SM, não há vestígios habitacionais e nem funerários, denotando que houve um momento de interrupção, provavelmente caracterizado por uma profunda instabilidade e transumância. A interrupção em Asine é marcante, uma vez que a comunidade parece ter sido relativamente grande e significativa durante o Heládico Médio, contando mais de 100 enterramentos.

Tal situação também é verificada em Lerna, pois foram encontrados mais de 200 enterramentos datados do HM situados entre os vestígios de grandes habitações, principalmente, de formato absidal. Contudo, as evidências arqueológicas do HR são bastante escassas. Em Náuplia, os vestígios habitacionais do final da Idade do Bronze e início do Ferro são escassos e dispersos, da mesma forma que os enterramentos, indicando que o sítio não teria sido totalmente abandonado nos períodos de maior turbulência, porém, da mesma forma que Asine, teria sentido de maneira mais acentuada os resultados da dissolução do sistema político micênico. Entretanto, as evidências de ocupação da Idade do Bronze também não são numerosas e, dessa forma, o sítio deve ter sido caracterizado por pequenos agrupamentos, pelo menos até o final do Período Geométrico, quando os vestígios arquitetônicos e funerários aumentam.

As mudanças culturais são efetivamente significativas e abruptas durante o HR IIIC. Conforme indicamos na análise da produção cerâmica argiva no Capítulo 3, percebe-se uma diferenciação evidente no estilo decorativo e nas formas dos vasos cerâmicos entre o HR IIIC e o SM. A correlação desses aspectos da produção cerâmica é muito maior entre o SM e o PG (Deshayes 1966; Rutter 1992). Isto não significa que não há elementos de continuidade, como o jarro com estribo e o esquiço com pé alto e alças horizontais apresentando como motivo ornamental a linha ondulada (ver Fig. 45, p. 110), que se trata de uma das formas derivada do esquiço micênico remanescente nos contextos funerários do HR IIIC na Argólida.

Por outro lado, em relação aos costumes funerários, por exemplo, o uso da cista construída e coberta com grandes placas de calcário (a cista

em ortóstato) e a deposição do morto em posição contraída encontram numerosos exemplares nos contextos funerários do HM na Argólida. É interessante notar que os enterramentos do HM e aqueles do SM e PG são bastante similares, de forma que, em muitos casos, quando não há a presença de oferendas, torna-se difícil estabelecer uma datação segura. Além disso, apesar das formas dos vasos do HM e do SM e PG serem distintas, a constituição da pasta da argila, da coloração e até mesmo os motivos ornamentais geométricos, principalmente dos vasos manufaturados, são semelhantes. Conforme aponta A. Touchais (2011), em muitos casos é difícil distinguir entre um vaso do HM e do PG, por exemplo. A pesquisadora também chama a atenção para o fato de que em ambos os períodos há uma ausência evidente e intencional dos motivos figurados.

Dessa forma, os elementos de reminiscência são maiores entre o HM e o início da Idade do Ferro do que entre o Período Micênico e a Idade do Ferro, e as mudanças culturais do SM não devem ser vistas como aspectos inovadores ou intrusos, resultantes de fatores étnicos, como a chegada e a instalação destruidora dos dórios no Peloponeso. Examinando os contextos funerários do SM nos sítios selecionados em relação ao atributo tipo de sepultura, nota-se que o número de enterramentos em cova simples é elevado, ultrapassando o número de cistas em Argos (vide GRÁFICO 3, p. 94) e Tirinto (vide TABELA 30, p. 202; GRÁFICO 9, p. 204). Não há exemplos de covas simples do SM em Asine (vide TABELA 38, p. 165), Micenas (vide TABELA 45, p. 178; GRÁFICO 14, p. 179), Náuplia (vide TABELA 53, p. 191) e nem em Lerna (vide TABELA 58, p. 199), porém, neste último sítio, a cova simples não é utilizada durante toda a Idade do Ferro. Em Micenas e em Náuplia, a cista é o tipo de sepultura característico do SM. Asine, conforme já indicamos, não apresenta nenhum enterramento datado do SM.

Em Argos e Tirinto, portanto, parece haver até mesmo um processo gradual que relaciona os dois tipos de sepultura, pois durante o HM, as covas simples são bastante numerosas e, em geral, não apresentam placas de cobertura. No HR IIIC elas são majoritárias e raramente apresentam cobertura. No SM, verificamos que há uma grande quantidade delas que possuem ou uma grande placa fechando a sepultura, ou várias pedras dispostas ao redor do túmulo na superfície.

Segundo Deshayes (1966), seria uma tendência evolutiva que culmina na cista em ortóstato, quando a cova simples é totalmente revestida e coberta com placas de pedra (vide Figs. 5, p. 33 e 6, p. 34). Podemos indicar que essa tendência é acompanhada por uma sofisticação não só da construção do túmulo em si, mas também do mobiliário funerário, pois, conforme analisamos, as cistas apresentam um mobiliário funerário mais variado, principalmente durante o PG. Neste sentido, percebemos que as semelhanças nos costumes funerários entre Argos e Tirinto durante o SM são muito maiores quando comparadas com os demais sítios da Argólida. A cista em ortóstato é típica e praticamente utilizada na totalidade dos enterramentos em cista do SM e também do PG.

Em todos os sítios, com exceção de Lerna, há enterramentos datados do SM, do PG ou mesmo do Período Geométrico, em túmulos em câmara micênicos, sejam covas simples, em sua maioria, cistas ou depósito de vasos. Em Argos, tal fenômeno ocorre fundamentalmente no SM e pode ser entendido como um elemento de reminiscência, da mesma forma que nos enterramentos em Tirinto. Todavia, notamos que em Micenas, um sítio de grande importância durante a Idade do Bronze, os enterramentos do SM parecem ser caracterizados por uma ruptura mais abrupta em relação ao passado próximo, pois a cista em ortóstato representa a maioria dos enterramentos e a presença de objetos micênicos é menor em relação aos demais sítios.

Podemos afirmar que é bem pequeno o número total de enterramentos datados do SM na Argólida se comparados aos enterramentos datados dos demais subperíodos da Idade do Ferro, principalmente em relação ao PG e ao GR. Tal declínio na quantidade pode significar um período de adaptação às mudanças sociais e políticas decorrentes do colapso do HR IIIB. Durante o SM, as comunidades na região ainda estariam se reorganizando e tentando definir quais membros da comunidade recebem enterramentos formais e quais não. Este fato nos remete à questão da visibilidade dos enterramentos, relacionada com as definições da *persona social* do morto e a organização social (conforme discutimos no Capítulo 1). Não necessariamente o número de enterramentos representa o total da população, mas pode indicar amostra significativa daquele grupo que recebe formalmente as exéquias, como ocorre em Atenas, por exemplo (Morris 1987). Tal reflexão pode ser aplicada também para

explicar a pequena quantidade de enterramentos infantis em Argos, Tirinto, Náuplia e Lerna, principalmente quando comparada com o número de enterramentos de adultos.

Se entendermos o SM como um período de instabilidade e tensões, as condições de vida devem ter sido abaladas, resultando, provavelmente, em uma taxa elevada da mortalidade de adultos e, particularmente, de crianças. A morte é encarada como um fato comum, recorrente, natural, como parte da vida cotidiana, porém requer métodos de assegurar o retorno seguro dos vivos à vida normal. Dessa forma, a pequena parcela infantil formalizada pelo enterramento pode indicar variações no papel da criança nas comunidades da Argólida. Em Micenas, ela parece assumir um papel mais relevante na sociedade, de inclusão da *persona social*, comparativamente a Argos, Tirinto, Náuplia e Lerna no mesmo subperíodo. Este papel de inclusão da criança, fundamental para as definições da organização social e política da sociedade, vai se tornando mais evidente no final da Idade do Ferro, principalmente em Argos, quando os enterramentos infantis aumentam, tornam-se mais variados e localizam-se junto aos enterramentos de adultos, isolados das áreas de habitação.

Comparando a análise dos dois atributos (idade e tipo de sepultura) entre os sítios selecionados, percebemos que apesar de algumas diferenças, a Argólida apresenta certa uniformidade das práticas mortuárias durante o SM. Os sítios que apresentam enterramentos datados do SM são Argos, Tirinto, Micenas e Náuplia. Conforme apontamos, há uma distinção entre a quantidade de enterramentos de adultos e de crianças e entre a quantidade de cistas e covas simples entre os sítios. Entretanto, observa-se que o padrão de sepultamento é o mesmo, tanto os adultos quanto as crianças são enterrados em cistas e covas simples, sendo perceptível uma preferência nítida pela cista para os enterramentos infantis. Argos é o primeiro sítio a fazer uso dos vasos funerários, especificamente de crateras, para enterrar as crianças, no período de transição do SM para o PG. Podemos concluir, desse modo, que esta prática funerária teria sido reintroduzida na Idade do Ferro, então, como o tipo de sepultura para enterrar as crianças e, na Argólida, teria origens argivas, difundindo-se já no PG para Tirinto e no Período Geométrico para Lerna

(ainda no GA), Micenas (durante o GM) e, finalmente, Náuplia (somente no GR). É interessante chamar a atenção para o fato de que quando o vaso é introduzido, em todos os sítios, ele é inicialmente usado para enterramentos infantis e, em direção ao final da Idade do Ferro, ele se torna praticamente o tipo de sepultura exclusivo dos sepultamentos infantis nos sítios mencionados.

Quando comparamos o conteúdo dos contextos funerários dos quatro sítios que possuem enterramentos datados do SM, Argos, Tirinto, Micenas e Náuplia, notamos que, no geral, as cistas e as covas simples apresentam alguns poucos vasos cerâmicos e artefatos em metal, embora haja alguns exemplos de covas simples excepcionais em Tirinto e outras com mobiliário funerário mais variado em Argos, da mesma forma que encontramos algumas cistas com metais e vasos em Argos e Micenas. É interessante notar que apesar desses exemplos, quando comparamos com os enterramentos dos demais subperíodos, o mobiliário funerário do SM apresenta-se mais modesto, tanto para as crianças quanto para os adultos. Tirinto corresponde ao sítio que contém enterramentos de adultos com mobiliário funerário mais variado no SM e apresenta os casos de reutilização da sepultura mais antigos constatados na Argólida, datados do próprio SM. Um fato nos chama a atenção para os enterramentos do SM, principalmente argivos e em Tirinto. Trata-se da presença, mesmo que em pequena quantidade, de objetos de origem micênica, como contas em cristal de rocha e em esteatito usado em colares e alfinetes, e fíbulas que são de origem micênica.

Estas ocorrências somam-se ao fenômeno de deposição de vasos datados do SM em túmulos micênicos, como ocorre principalmente em Argos, na Necrópole Micênica da Deiras e em Tirinto. Tais características nos remetem ao estabelecimento de laços com o passado micênico e, provavelmente, como uma forma de legitimar os enterramentos formais através da pertença a um grupo da sociedade que esteja conectado de alguma forma, mesmo que idealizada e fictícia, a esses antecedentes.

Durante o SM, percebemos que o quesito orientação do corpo / sepultura pode ser examinado e comparado apenas entre os enterramentos argivos e de Tirinto. Em Argos, notamos que o padrão geral para as cistas infantis e de adultos são as direções Oeste e Sudoeste.

As cistas de adultos também são direcionadas para o sentido Sul, mas o fator de maior distinção diz respeito ao tipo de sepultura, pois os únicos exemplos de covas simples de adultos para os quais há informações sobre a orientação do corpo são caracterizados pelo direcionamento para o sentido Norte. Em Tirinto, o quadro é bastante semelhante. Durante o SM, os enterramentos em cistas e em covas simples de adultos apresentam as direções Oeste e Sudoeste como as preferidas.

Finalmente, quando comparamos a localização dos enterramentos datados do SM nos sítios, notamos algumas diferenças e alguns pontos de convergência fundamentais. Em primeiro lugar, quando pensamos na dimensão das práticas mortuárias relacionada à localização dos enterramentos, é necessário estabelecer relações entre o espaço dos vivos e o espaço dos mortos. Uma classificação fundamental que tenta compreender tal relação corresponde à divisão entre enterramentos intra e extramurais. Tais termos são amplamente utilizados pela bibliografia sem preocupações teóricas mais aprofundadas, mas as definições estão intrinsecamente ligadas à relação entre práticas funerárias e organização social e, desta maneira, faz-se necessário indicar de forma explícita os parâmetros que delineiam tal classificação. Acreditamos que uma divisão simplificada e imediata dos termos, que identifica os enterramentos intramurais como aqueles presentes no interior das habitações e os extramurais como aqueles encontrados na área externa das residências, não encerra a complexidade dos enterramentos da Idade do Ferro nos diferentes sítios da Argólida.

Os enterramentos intramurais devem ser entendidos não somente como aqueles situados no interior do espaço habitacional dos vivos, mas também em suas proximidades, formando um conjunto único, sendo impossível identificar os limites do espaço dos mortos e dos vivos, pois os enterramentos encontram-se no interior dos limites da comunidade, do espaço de ocupação. Os enterramentos extramurais situam-se numa área mais afastada das habitações, configurando espaços delimitados e diferenciados em relação ao espaço dos vivos e, em alguns casos, localizados até mesmo fora dos limites físicos da comunidade, como por exemplo, fora das muralhas que envolvem a área de ocupação, sejam elas caracterizadas por funções residenciais, comerciais ou, ainda, sejam por funções sagradas. Desse modo, os enterramentos extramurais

podem estar localizados nos limites físicos da comunidade quando esta não apresenta marcos tão definidos e visíveis como a presença de muralhas, mas antes de tudo, mesmo situados nas proximidades das habitações são caracterizados pela especificidade funerária, isto é, como espaços exclusivos de deposição dos mortos, formando lotes de enterramentos ou verdadeiras necrópoles (Nordquist 1990: 42).

Preferimos utilizar o próprio termo grego necrópole (νεκρόπολις) de acordo com suas definições etimológicas, cidade dos mortos, entendido aqui como o espaço de uso coletivo dedicado aos mortos. A utilização do termo latino cemitério traz alguns problemas conceituais e anacrônicos, pois está intimamente ligado ao estabelecimento de espaços cristãos reservados aos mortos. Além dos problemas etimológicos, as definições de um cemitério também envolvem questões relativas à quantidade, localidade dos enterramentos e continuidade de uso da área. I. Lemos, por exemplo, define cemitério como um local onde há, no mínimo, 30 enterramentos e fundamentalmente caracterizado pela continuidade de uso, pelo menos durante 3 gerações (Lemos, 2002: 187). O estabelecimento de parâmetros tão rígidos para o conceito de cemitério ocasiona alguns problemas de ordem prática que podem restringir reflexões sobre os contextos funerários, resultando inclusive em interpretações equivocadas. O elemento continuidade é fundamental para entender a processo de delimitação do espaço dos mortos e a quantidade de enterramentos também é um fator importante, mas os valores numéricos destes aspectos podem variar, dependendo de várias outras características das práticas mortuárias. Por exemplo, uma pequena quantidade de enterramentos pode indicar a existência de um pequeno lote exclusivamente funerário configurado por dimensões horizontais (grupos familiares, de ofício, solidariedade etc.) e, ou, verticais (grupos definidos por status econômico e social) que pode ser utilizado por um curto ou um longo intervalo de tempo, dependendo dos interesses dos vivos. Excluir tais lotes da classificação de necrópole pode deixar de lado reflexões importantes sobre a relação entre as práticas mortuárias e a organização da sociedade. Dessa forma, a análise específica e de longa duração desses espaços reservados ou não para os mortos e suas relações com as áreas

de habitação constitui o elemento fundamental para entendermos a formação de possíveis necrópoles nas comunidades da Argólida da Idade do Ferro, e não a adoção de termos e conceitos preestabelecidos.

Em Argos, apesar dos poucos enterramentos datados do SM, há dois padrões distintos para sepultar os indivíduos. O primeiro deles corresponde à deposição dos mortos junto às habitações, como enterramentos intramurais, não sendo possível observar a formação de lotes específicos de sepultamentos. Estes sepultamentos encontram-se bastante dispersos e isolados na cidade, nas mesmas áreas onde estão concentrados os vestígios habitacionais, na área Central, onde está situado o Museu e na área Sudoeste, ao entorno do Teatro e do Cemitério Sul. O segundo padrão é caracterizado pela deposição dos mortos e de objetos em túmulos em câmara micênicos, em locais que durante a Idade do Bronze já eram entendidos como necrópoles e, portanto, como enterramentos extramurais. Entretanto, é importante ressaltar que tais enterramentos também possuem aspecto isolado e, na maioria dos casos, são caracterizados pela simples deposição de objetos em uma cova localizada no *drómos* do túmulo em câmara e, portanto, não podem ser denominados sepultamentos em necrópoles, uma vez que também não constituem lotes de enterramentos.

Este segundo tipo de prática funerária em Argos configura exemplos de reutilização da sepultura originalmente micênica e pode significar a tentativa dos habitantes do SM em estabelecer laços com o passado glorioso da Idade do Bronze micênica. Tal fato pode ter constituído um recurso importante nas definições dos enterramentos formais dos indivíduos neste período que, após um momento de turbulências e mudanças políticas e sociais, ainda estavam sendo estabelecidos. Esta conclusão é reforçada pela presença de objetos de origem micênica nos enterramentos do SM, como por exemplo, as contas em cristal de rocha e em esteatito usadas nos colares nos sepultamentos argivos e em Tirinto. Em Argos, essa ligação com o passado micênico cessa ainda no próprio SM, pois constatamos que durante o PG há um processo evidente de reorganização da estrutura social a partir do estabelecimento de novos parâmetros que vão definir uma sociedade estratificada e hereditária, exteriorizada nas práticas mortuárias, conforme veremos nas páginas que seguem.

Em Tirinto, a situação é um pouco distinta. Enquanto os vestígios habitacionais estão localizados no interior das muralhas micênicas, os enterramentos do SM encontram-se na área externa, configurando enterramentos extramurais. Entretanto, apesar do pequeno número, estão configurados de uma maneira bastante dispersa e isolada, da mesma forma que em Argos. Na área da necrópole Sudoeste foi encontrada apenas uma cista e a Sudeste da Cidadela, na Seção H, uma outra cista. As duas únicas áreas que concentram um número maior de enterramentos do SM são a Área Phylaki, contendo 5 enterramentos, e a área a Nordeste, com 4 enterramentos que correspondem a casos de reutilização de túmulos em câmara micênicos. Essas duas últimas concentrações podem até ser entendidas como pequenos lotes, porém a pequena amostragem e o elemento continuidade de uso da área como área caracteristicamente funerária corroboram a classificação negativa das regiões como necrópole. Apesar disso, verificamos que o processo de separação do espaço dos mortos em relação aos espaço dos vivos em Tirinto se dá precocemente em relação aos demais sítios da Argólida, pois conforme discutiremos nas páginas que seguem, já durante o PG, o processo de formação de lotes de enterramentos torna-se mais claro e ocorre exatamente nas áreas onde foram identificados os enterramentos mais dispersos e isolados do SM, na Necrópole Sudoeste e na Área Phylaki.

Em Micenas os enterramentos do SM estão situados nos mesmos locais dos vestígios habitacionais, na área Sul da Acrópole micênica e, portanto, no interior da fortificação. Tratam-se de enterramentos intramurais, porém também caracterizados por sepulturas isoladas, sem a possibilidade de formação de lotes. Finalmente, em Náuplia, os vestígios habitacionais proporcionam um quadro bastante lacunar, entretanto os sepultamentos do SM podem ser caracterizados como casos de reutilização de sepulturas micênicas, assim como acontece em Argos e Tirinto, pois se localizam nas proximidades da Necrópole Micênica.

Podemos concluir desse modo que, em relação ao espaço dos mortos, o SM não apresenta ainda as características de necrópoles, nem mesmo de lotes de enterramentos. No geral, em todos os sítios da Argólida que apresentam sepultamentos datados do SM, tais sepultamentos configuram-se de maneira dispersa e isolada nos limites da comunidade e intimamente relacionados com o

espaço dos vivos. Tais características, associadas ao pequeno número de enterramentos e à constituição do mobiliário funerário, denotam que se trata de um período de instabilidade e rupturas, porém com elementos de continuidade que tentam estabelecer parâmetros para a configuração de uma nova ordem social. Isto significa que o SM deve ser entendido não como um período de inovações, mas de experimentações em que o novo e o velho convivem e são readaptados. Assim, preferimos classificar o SM como um período transitório entre o HR IIIC e o PG (Lemos 2002) e caracterizado também por reminiscências do HM.

II) O Protogeométrico. Momento de experimentações.

A primeira característica marcante do PG é evidenciada por um grande aumento do número de enterramentos nos grandes sítios da Argólida. O PG, juntamente com o GR, constitui o subperíodo da Idade do Ferro com a maior quantidade de sepultamentos de adultos e infantis em Argos, Tirinto e Micenas (vide TABELAS 11, 33 e 48, p. 93, p. 149 e p. 180 respectivamente). A situação de Asine é bastante particular, pois os enterramentos são, quase que em sua totalidade, datados do PG (vide TABELAS 41 e 42, p. 167 e 168). Náuplia só vai apresentar um crescimento significativo dos contextos funerários durante o GR (ver TABELAS 56 e 57, p. 193), e Lerna não apresenta enterramentos datados do SM e nem do PG, os sepultamentos datam apenas do Período Geométrico e apresentam quantidades semelhantes durante o GA, o GM e o GR (ver TABELAS 61 e 62, p. 200 e 203). O aumento no número de enterramentos parece acompanhar um aumento populacional nos principais sítios, indicando que o período de maior instabilidade teria cessado e os enterramentos formais teriam alcançado uma maior parcela da comunidade, mesmo que definidos pela execução de práticas mortuárias distintas entre os diferentes grupos sociais.

A relativa homogeneidade em relação ao tipo de sepultura e a idade característica do SM é substituída por um discreto aumento das diferenças entre os sítios. Verificamos que para Argos, Tirinto, Asine e Micenas a diferença entre a quantidade de enterramentos infantis e de adultos durante o PG é pequena quando

comparada aos enterramentos dos demais subperíodos da Idade do Ferro. Isto significa que um maior número de crianças recebe enterramentos formais durante o PG nestes sítios e que, provavelmente, o papel da criança nas comunidades deve ter sofrido modificações em relação ao SM. De um lado, Argos e Tirinto apresentam padrões de enterramento semelhantes durante o PG, pois tanto as crianças quanto os adultos são enterrados em cistas, covas simples e em vasos funerários, havendo uma predominância do uso da cista. Em Argos, o pito é utilizado durante o PG para enterramentos de adultos e, em Tirinto, é introduzido para enterramentos infantis e um pouco posteriormente para sepultar os adultos. De outro lado, Micenas e Asine aproximam-se neste subperíodo no que diz respeito ao tipo de sepultura e a idade. Em ambos os sítios não há exemplos de enterramentos em vasos funerários e, dessa forma, os indivíduos são sepultados em cistas e em covas simples. Em Micenas a quantidade de cistas e de covas simples é próxima e ambos os tipos de sepulturas são usados para as crianças e para os adultos. Em Asine, constata-se uma preferência evidente do uso da cista para as crianças, enquanto os adultos são enterrados tanto nas cistas quanto nas covas simples.

Alguns elementos nas práticas funerárias do PG marcam uma certa continuidade em relação àquelas do SM. A cista em ortóstato permanece como o tipo de sepultura mais utilizado durante todo o PG, tanto para adultos, quanto crianças. Além disso, a cova simples ainda é bastante utilizada. Por outro lado, percebemos alguns aspectos bastante distintos em relação ao SM, assinalando rupturas. Talvez a mais importante delas seja a introdução do vaso funerário para enterramentos infantis e de adultos. Conforme vimos detalhadamente na análise intra-sítio do Capítulo 3, tal prática de enterramento, a partir do Período Geométrico, apresenta um crescimento contínuo em direção ao final da Idade do Ferro e, durante o GR, o vaso passa a ser o tipo de sepultura padrão para enterrar os indivíduos.

Além do tipo de sepultura, as rupturas também estão manifestadas no que diz respeito à produção cerâmica, às formas dos vasos e à decoração, a partir de uma nova utilização do espaço do vaso, associada à presença de motivos ornamentais puramente geométricos. As formas mais globulares, da jarra com estribo, do lécito e o esquifo com pé alto, tradicionais do SM, não

são mais recorrentes nos enterramentos do PG. A enócoa trilobada globular e ovalada ou os vasos em miniatura (taças, esquifos, anforiscos, píxides) são as formas encontradas com uma maior frequência nos contextos funerários em Argos, Tirinto, Asine e Micenas. Conforme examinamos no Capítulo 3, a maior parte desses vasos é coberta com um verniz preto brilhante e, muitas vezes, pode apresentar divisões em faixas com linhas paralelas. A rigidez do preenchimento de uma das faixas do vaso, em geral localizada no pescoço das enócoas e ânforas, com motivos especificamente geométricos, é a principal diferença em relação aos motivos mais livres e ainda não completamente sistemáticos do SM, localizados, em muitos casos, em espaços não delimitados do vaso. As características rígidas e sistemáticas do Geométrico só se desenvolvem no PG, com a adoção do pincel múltiplo (Snodgrass 1971), daí a repetição dos motivos, como o círculo e o semicírculo concêntrico, as linhas paralelas, os zigzagues e os triângulos hachurados.

B. Wells defende que o círculo e o semicírculo concêntrico teriam suas origens próprias na Argólida, em Asine, marcando o início do Protogeométrico (Wells 1983b). Entretanto, A. Papadimitriou e I. Lemos acreditam que tais motivos ornamentais assinalam o início do Protogeométrico ático, posteriormente transmitidos para a Argólida (Lemos 2002; Papadimitriou 2006). As autoras fundamentam-se na análise de uma ânfora funerária de origem ática apresentada tais motivos descoberta em um contexto funerário em Argos, sendo um pouco anterior ao início do PG argivo (Piteros 2001: 117-18, fig. 41).

A produção cerâmica nos grandes sítios, Argos, Tirinto e Micenas, durante o PG, apresenta características bastante semelhantes, seja em relação à constituição da pasta, seja das formas, seja dos motivos ornamentais geométricos. C. Morgan e T. Whitelaw, a partir de uma detalhada análise estilística considerando 495 variáveis de motivos geométricos nos principais sítios da Argólida durante a Idade do Ferro, já haviam notado que, no PG, a relação entre a similaridade dos elementos estilísticos com a distância entre os sítios é bastante próxima, com exceção de Asine (Morgan and Whitelaw 1991). Isto significa que Argos parece constituir neste subperíodo o grande centro de produção cerâmica local exportador para os demais sítios da Argólida. Asine é o

único assentamento que se diferencia em relação aos demais, apesar das formas e dos motivos ornamentais serem os mesmos. A coloração e a constituição da pasta da argila e a coloração da pintura de muitos vasos são singulares, como por exemplo, a pintura vermelha e branca.

As mudanças na produção cerâmica, configurando vasos bastante elaborados, principalmente no que diz respeito à decoração, acompanham a produção dos metais, que a partir de então possuem formas específicas, como os alfinetes, confeccionados em bronze e ferro, e os armamentos, como punhais, espadas e pontas de lança, além dos anéis e das fíbula. Tais características nos remetem ao conteúdo dos contextos funerários nos sítios estudados durante o PG. Com exceção de Lerna, que não apresenta enterramentos datados do PG, todos os demais sítios, Argos, Tirinto, Micenas, Asine e Náuplia, apresentam uma grande quantidade de enterramentos variados, correspondendo ao subperíodo com a maior concentração de sepultamentos variados de adultos e infantis em Tirinto e em Micenas. O padrão geral verificado para tais enterramentos é a cista. A cova simples no PG apresenta conteúdo bem mais modesto em relação às cistas e, na maioria dos casos, não apresenta oferenda de qualquer natureza.

Em Argos, notamos que quase a totalidade dos enterramentos infantis possui mobiliário funerário variado e corresponde a cistas. Já os enterramentos de adultos possuem dois tipos de mobiliário diferentes, um caracterizado por uma grande variedade de objetos, vasos e metais e configurados por cistas, e o outro, por enterramentos sem oferendas ou com alguns vasos cerâmicos, correspondentes a cistas, covas simples e alguns vasos funerários. É interessante observar que as cistas variadas do PG são identificadas, na maioria dos casos, sepultamentos de crianças e de indivíduos do sexo feminino. Há uma grande quantidade de enterramentos do PG com aspirais em ouro que são considerados como artefatos típicos de túmulos femininos (Courbin, 1974). Todavia, há enterramentos variados de indivíduos do sexo masculino que já apresentam armamentos, sendo classificados como enterramentos de guerreiros. Esta última categoria é mais evidente em Tirinto como, por exemplo, o T (544), que contém inclusive armamentos de origem micênica. As cistas de adultos e crianças, em geral, em Tirinto no PG apresentam-se extremamente variadas e se

destacam casos de reutilização da sepultura. Além disso, as crianças enterradas em vasos também apresentam conteúdo mais variado. Em Micenas, a concentração de enterramentos infantis variados em cista no PG é a maior durante toda a Idade do Ferro e os adultos em cista também apresentam enterramentos com vasos cerâmicos e artefatos em metal, porém não são tão variados comparativamente àqueles presentes em Argos e em Tirinto.

A partir desse quadro, podemos inferir que durante o PG, pelo menos em Argos, Tirinto, Micenas e, provavelmente, em Náuplia, o tratamento dado aos mortos em relação ao mobiliário funerário difere bastante em relação ao SM. Conforme assinalamos, uma grande quantidade de crianças recebe enterramentos formais e esses são, em sua grande maioria, bastante variados em conteúdo. A concentração de enterramentos variados de adultos também é grande, tanto para indivíduos do sexo feminino, quando para os do sexo masculino. Não há uma distinção específica em relação às dimensões das práticas mortuárias caracterizada pelo tipo de sepultura, nem à constituição do mobiliário funerário, fundamentada nos atributos gênero e idade. Tal fato sugere uma sociedade em que o grupo social básico é formado pelo homem, pela mulher e pela criança, porém a criança, no PG, assume um papel fundamental em relação à constituição da organização social, pois a inclusão da *persona social* está relacionada com as atribuições do status ao nascimento e não apenas à riqueza material, reforçando os laços familiares.

Além disso, a alta concentração de enterramentos variados indica a formação de uma camada aristocrática com aspectos de uma sociedade guerreira, principalmente em Tirinto e em Argos, que busca, através dos laços familiares, se estabilizar no poder, após um período de instabilidades como o SM. As sociedades do PG, portanto, principalmente em Argos e em Tirinto, podem ser configuradas como hierárquicas e hereditárias. Em Tirinto ainda é possível afirmar que esta camada busca laços com o passado micênico, pois ainda constatamos ocorrências de reutilização de túmulos micênicos. Provavelmente esta prática mortuária seja uma forma de legitimar e justificar o status e o poder dessa camada na sociedade que está se organizando. É interessante ressaltar que esta camada faz uso da cista para enterrar seus indivíduos, enquanto uma camada evidentemente menos abastada, mas que também

recebe enterramentos formais, utiliza um outro tipo de sepultura, a cova simples. Neste caso, podemos concluir que o tipo de sepultura está relacionado com as dimensões verticais (status) das práticas mortuárias.

Asine, como praticamente em todas as outras dimensões das práticas mortuárias, constitui uma exceção também na configuração do mobiliário funerário dos enterramentos do PG. Em primeiro lugar, apesar de apresentar uma grande parcela de enterramentos infantis, o padrão de enterramento do PG, tanto para os adultos, quanto para as crianças, é a cista sem oferendas ou com alguns vasos cerâmicos. Há alguns exemplos de cistas com metais ou, ainda, com metais e vasos cerâmicos em pequena quantidade. Entretanto, a grande maioria das covas simples, assim como as cistas, não apresenta artefatos de qualquer natureza. Neste aspecto, as práticas mortuárias do PG em Asine se assemelham às argivas, embora elas divirjam radicalmente no que diz respeito às cistas com enterramentos infantis e de adultos em Argos que apresentam mobiliário funerário mais variado. Tal fato pode estar associado às particularidades étnicas e geográficas de Asine, conforme já discutimos nos Capítulos 2 e 3. A base da sociedade também parece ter sido a família nuclear, mulher, homem e criança, caracterizando-se fundamentalmente pela hereditariedade. Todavia, o aspecto hierárquico, expresso tanto pelos laços familiares quanto pelas riquezas materiais neste sítio, não deve ter tido a mesma importância na configuração da sociedade como em Argos, em Tirinto e em Micenas, por exemplo. A sociedade em Asine deve ter tido um caráter mais dinâmico em decorrência do aspecto comercial, de acordo com as características geográficas privilegiadas, fator que inclusive explica a ocorrência de elementos áticos precocemente na cerâmica em Asine, como o círculo e o semicírculo concêntrico.

Os padrões de enterramento a partir da orientação do corpo / sepultura durante o PG são um pouco mais complexos, principalmente devido à introdução do vaso funerário para enterrar adultos e crianças em Argos e Tirinto. Em Argos, quase todas as direções são utilizadas, porém as cistas e os vasos funerários usados para enterramentos infantis parecem seguir o mesmo padrão, para Sudoeste e Noroeste. Os adultos apresentam tendências mais variadas para as cistas, prevalecendo os sentidos Sul, Leste, Oeste e Sudoeste. Já os enterramentos em vasos,

exclusivamente em pitos, apresentam desde o PG uma preferência explícita para as direções Oeste e Sudoeste. Os poucos enterramentos de adultos em covas simples do PG acompanham o padrão geral para Oeste.

Em Tirinto o padrão do SM se mantém e, mesmo com a introdução do pito para enterrar adultos, os sentidos Oeste e Sudoeste constituem a orientação majoritariamente utilizada. Micenas, durante o PG, apresenta um quadro mais claro em relação à orientação dos enterramentos quando comparado com aqueles datados do SM, evidenciando uma preferência para o sentido Oeste, principalmente das cistas de adultos, da mesma forma que em Argos e em Tirinto.

Durante o PG em Asine, a questão da orientação dos enterramentos, da mesma forma que a posição do corpo, parece denotar uma opção clara por um determinado sentido, oposto em relação àquele apresentado em Argos e em Tirinto. Tanto as crianças, quanto os adultos em cistas estão orientados nos sentidos Leste, Nordeste e Sudeste. Conforme analisamos no Capítulo 3, provavelmente em Asine, da mesma forma que em Tirinto, desde muito cedo, é possível perceber a formação de lotes familiares, a partir do atributo orientação do corpo, pois as sepulturas situadas na área da Cidade Baixa, além de estarem bem próximas umas das outras, possuem a mesma orientação (Hägg 1974: 51-52) e são caracterizadas por enterramentos de adultos e de crianças, apesar de corresponderem a inumações individuais. É evidente que a preferência pelas direções para Leste, somada à posição estendida e à presença exclusiva de cistas, indicam particularidades fundamentais nas práticas mortuárias em Asine definidas por aspectos étnico-culturais,⁵ que são marcados de forma intencional e denotam a configuração de uma sociedade bastante diferenciada em relação aos demais sítios da Argólida.

Quando passamos para a análise dos vestígios habitacionais do PG, constatamos que as evidências ainda são bastante escassas em todos os sítios da Argólida. Entretanto é possível observar os primeiros vestígios de oficinas de produção cerâmica e a relação entre o espaço dos vivos e dos mortos torna-se mais produtiva.

Em Argos, notamos que há uma continuidade nítida entre as áreas de habitações do SM e do PG. Elas concentram-se na área Sudoeste, junto ao Cemitério Sul, no Terreno Papaparaskevas e Granias e, ainda, no Terreno Anagnostopoulos, Sondagem 88, onde não foram encontrados túmulos; também na área Central da cidade, na área do atual Museu e, ainda, na área a Leste, no Terreno Bertzeletos. No Terreno Papaparaskevas, Granias e na área do Museu foram encontrados vestígios de fornos utilizados, muito provavelmente, para a confecção de vasos cerâmicos (Hägg 1982: 303-306).

Os contextos funerários do PG também demonstram uma continuidade do uso das áreas do SM para o PG, porém apresentam uma expansão. Os enterramentos estão concentrados em três grandes áreas da cidade, Centro-Leste, Oeste-Sudoeste e Norte-Nordeste. Cada área possui uma quantidade similar e substancial de sepultamentos, não apresentando distinções em relação ao tipo de sepultura nem ao atributo idade. É interessante notar que os enterramentos estão situados próximos às áreas de habitação e ainda possuem um caráter disperso, mas não são isolados. Dessa forma, ainda podem ser classificados como enterramentos intramuros e não é possível indicar com nitidez a formação de necrópoles. Contudo, podemos destacar algumas áreas com grandes concentrações de enterramentos que podem significar o início da formação de espaços exclusivos de deposição dos mortos e, além disso, começam a aparecer os primeiros agrupamentos de sepulturas, que denotam claramente a existência de um grupo aristocrático fundamentado em laços familiares. Verificamos também a presença de algumas áreas utilizadas especificamente como habitações e oficinas, como, por exemplo, no Terreno Anagnostopoulos e no Terreno Granias, na região Sudoeste da cidade. Vestígios de oficinas de produção e até mesmo de um provável local de refinamento de metais foram encontrados nessas áreas datados do PG em Argos (Foley 1988).

É importante notar que, apesar da existência precoce de oficinas especializadas de produção artesanal, as moradias possuem um caráter disperso nos limites da cidade, da mesma forma que os enterramentos e os vestígios do espaço dos vivos ainda não denotam uma organização comercial complexa. O assentamento, portanto, seria caracterizado por pequenas aldeias rurais formadas por cabanas, construções de pequeno

5 Conforme explicitamos no Capítulo 2 e 3, Asine configura uma comunidade Drópe, vide nota 8, p. 70 e p. 169-170, sobre a questão da orientação do corpo.

porte espalhadas pelas áreas Sudoeste, Central e Leste da cidade (Hägg, 1982: 300). Apenas a partir do Período Geométrico, principalmente no final do GM e durante o GR, é que as concentrações habitacionais tornam-se mais densas e localizadas e estão associadas a oficinas e a áreas comerciais específicas e de grande porte.

Em Tirinto, o padrão de assentamento no interior das muralhas micênicas, principalmente na área da Cidade Baixa, parece se manter durante o PG. Além disso, vestígios de uma construção sagrada, denominada templo, contendo vários fragmentos cerâmicos, foram encontrados sobre as ruínas do *mégaron* do Palácio Micênico (Foley 1988: 26). Neste local foi encontrado um *bóthros* datado do PG (Papadimitriou 2003: 725, no. 53). A data da construção do templo ainda permanece alvo de discussões, contudo assume-se algo no final do século XII e início do XI e ela parece ter sido utilizada de forma contínua, pelo menos, até o final do século IX e início do VIII a.C. (Maran 2001; Maran and Papadimitriou 2006). Não foram encontrados vestígios de oficinas ou ateliês de produção cerâmica datados do PG no sítio. Entretanto, alguns vestígios de habitações começam a ser encontrados na área externa da fortificação micênica, principalmente na área Nordeste, indicando a presença de pequenos conglomerados rurais (Papadimitriou 1998, 2006).

As áreas de concentração de enterramentos do PG em Tirinto estão localizadas na parte externa, no entorno da muralha micênica. Observam-se quatro grandes áreas de concentração de sepulturas: na denominada Seção Oeste da Cidadela (*Stadt-West*), com uma grande quantidade de enterramentos, na Necrópole Sudoeste, na Área Phylaki e a Nordeste da Cidade Baixa, no mesmo local onde foram encontrados vestígios habitacionais. Os demais enterramentos do PG estão situados de uma forma bastante dispersa e isolada, e estas grandes áreas, distintamente de Argos, começam desde o PG a possuir um caráter mais específico de espaço reservado aos mortos, formando as primeiras necrópoles em Tirinto, que, aliás, serão utilizadas até o final da Idade do Ferro. As três primeiras áreas de concentração caracterizam enterramentos extramurais, e a última ainda pode ser considerada intramural, mas pode ser entendida como uma necrópole própria dos grupos rurais que habitavam nas proximidades (Papadimitriou 1998). Não é possível identificar

áreas funerárias específicas classificadas de acordo com os atributos tipo de sepultura e nem idade, porém já no PG, observa-se o início de delimitação de espaços dos mortos.

Asine, distintamente dos demais sítios, apresenta uma quantidade significativa de vestígios habitacionais datados do PG. As habitações possuem formato absidal e quadrangular, e estão situadas na área da Cidade Baixa, no sopé da Acrópole, na própria Acrópole e na encosta da Colina Barbouna (Dietz, 1982; Wells, 1983). Da mesma forma que o registro habitacional, os contextos funerários também são abundantes em Asine e estão concentrados nas mesmas áreas onde se localizam as habitações. Não foram encontrados vestígios de oficinas. É interessante notar, portanto, que da mesma maneira que em Tirinto, provavelmente em Asine também há um processo de formação de necrópoles bastante precoce durante o PG. Os enterramentos podem ser classificados como intramurais, porém percebemos que as grandes áreas de concentração de sepultamentos do PG abrigam também a formação de lotes familiares, pois, conforme apontamos nas páginas anteriores, as sepulturas de adultos e de crianças situadas na área da Cidade Baixa estão bem próximas e possuem a mesma orientação.

Em Micenas, os vestígios habitacionais do PG estão localizados fundamentalmente no interior da Cidadela micênica, nos mesmos locais onde foram encontradas habitações do SM, na parte Sul e também na parte Oeste da Acrópole. Também não foram identificados vestígios de ateliês cerâmicos em Micenas durante o PG. Os enterramentos desse subperíodo estão localizados na área interna da fortificação, junto das áreas habitacionais – portanto, configuram-se enterramentos intramurais –, e em uma outra concentração na área externa da Acrópole, principalmente na área da Casa dos Escudos, caracterizando enterramentos extramurais. O número de enterramentos é pequeno para levantar reflexões mais aprofundadas em relação à formação de necrópoles e lotes específicos de enterramentos, mas podemos afirmar que se trata de um período de transição, em que os enterramentos, antes com um caráter bastante disperso e isolado, começam a se agrupar de um lado nas proximidades das habitações, de outro em áreas mais afastadas, configurando o início da formação de futuras necrópoles. Entretanto, não é possível constatar a presença de lotes configurados

a partir dos quesitos tipo de sepultura e nem de acordo com o elemento idade.

Finalmente, Náuplia apresenta vestígios habitacionais e funerários bastante escassos durante o PG. Contudo, o único enterramento do subperíodo está localizado na área que será utilizada especificamente para enterramentos no Período Geométrico, principalmente durante o GR, no Terreno Pronoia.

Podemos concluir dessa maneira, que o PG caracteriza-se por um período em que as primeiras áreas exclusivas de deposição dos mortos começam a ser delimitadas em todos os sítios da Argólida, com possibilidades de identificação de lotes familiares e, ou, configurados a partir do status de um determinado grupo. Ainda não está totalmente nítida a presença de necrópoles, porém tal processo se desenvolve com maior e menor grau de acordo com o sítio. Por exemplo, observamos que em Argos, Micenas e Náuplia os enterramentos ainda possuem um caráter mais disperso, apesar de apresentar em determinadas áreas a formação de lotes de enterramentos. Já em Tirinto e em Asine, tal processo é evidenciado de forma mais clara e precisa.

É interessante acrescentar que é justamente em Tirinto que aparecem os primeiros casos de reutilização das sepulturas e de utilizações de marcadores de túmulos, como por exemplo, um túmulo, o T (581), contendo duas inumações de adultos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, marcado por uma ânfora com alça na pança e decorada com semicírculos concêntricos.⁶ Ambos os fenômenos estão relacionados e contribuem para a confirmação da existência de grupos sociais familiares e, ou, fundamentados no status que, desde cedo, definem áreas próprias e exclusivas para a deposição de seus membros. A marcação do túmulo, muito provavelmente, deve ter ocorrido em Argos e também nos demais sítios de forma recorrente (Lemos 2002; Papadimitriou 2006). No entanto, infelizmente, para muitos dos enterramentos, os relatórios de escavações não detalham tais características e, além disso, conforme indica R. Hägg, devem ter existido formas de assinalar o local da sepultura distintas do uso de vasos funerários que não deixaram vestígios no registro arqueológico devido ao

seu caráter extremamente perecível, como por exemplo, a utilização de placas de madeira (Hägg 1980: 119).

III) O início do Período Geométrico: o Geométrico Antigo e a consolidação de uma nova ordem social.

A primeira característica marcante do GA em relação aos contextos funerários diz respeito à quantidade total de enterramentos datados deste subperíodo. Podemos notar que há uma queda substancial do número de enterramentos em Argos, Tirinto, Asine, Micenas e Náuplia. Em Asine, o declínio é abrupto, e Lerna começa a apresentar enterramentos da Idade do Ferro somente durante o GA. Percebemos que há uma queda geral na utilização da cova simples nos principais sítios da Argólida. Em Argos e Tirinto, os três tipos de sepultura são utilizados para enterrar adultos e crianças, mas observa-se uma diferença relevante entre os dois sítios. Em Argos, a cista ainda é majoritária e, em seguida, destacam-se os enterramentos em covas simples, embora a quantidade de vasos funerários seja similar à de covas simples. Em Tirinto, a situação é um pouco diferenciada, pois a cista e os vasos funerários são usados com uma frequência próxima, e a cova simples quase que desaparece. Além disso, a partir do GA, em Tirinto, as crianças passam a ser sepultadas exclusivamente nos vasos funerários, essencialmente em pitos e ânforas.

Em Micenas, Náuplia e Lerna, a cista continua sendo o tipo de sepultura padrão para os adultos. As crianças em Micenas também são enterradas nas cistas durante o GA, enquanto em Lerna, é neste subperíodo que se dá a introdução do vaso funerário para os enterramentos infantis, mas as cistas ainda são sobressalentes. Os enterramentos infantis em Náuplia só aparecem no GR e, durante o GA, os adultos também são enterrados em covas simples, porém em um número bastante reduzido quando comparado às cistas.

Quando examinamos o conteúdo dos contextos funerários do GA em Argos, Tirinto e Micenas, percebemos que, no geral, há uma certa continuidade do padrão verificado no PG, definido pelas cistas com oferendas mais variadas e as covas simples com oferendas mais modestas. Nota-se que em Argos há até mesmo um aumento evidente da ostentação dos enterramentos de

6 Trata-se da ânfora 17381 (Souza, C. D. 2010. *Volume III*. Prancha 238 A).

adultos (vide TABELAS 29, 31 e 32 p. 133, 148 e 149 respectivamente). Durante este subperíodo, não há exemplos de enterramentos sem oferendas, todos os adultos são sepultados com vasos cerâmicos e, principalmente, artefatos em metal. Em Tirinto, a situação é um pouco distinta, pois a quantidade de enterramentos com mobiliário funerário mais variado sofre um leve declínio (vide TABELA 40, p. 166). Entretanto, as cistas variadas ainda são numerosas, e começam a aparecer enterramentos de adultos em vasos funerários com artefatos mais diversificados, principalmente metais, tendência que vai ser mantida no GM e reforçada no GR. Micenas apresenta um quadro bastante semelhante ao argivo no GA, pois as cistas infantis e de adultos contêm oferendas bastante variadas, enquanto as covas simples correspondem a enterramentos bem mais moderados. Em Náuplia e Lerna, apesar da pequena quantidade de enterramentos, a maioria não possui oferendas, e o número de enterramentos com mobiliário funerário diversificado é pequeno, não só durante o GA, mas em toda a Idade do Ferro, e tendem a se concentrar no GR.

As tendências que também evidenciam a continuidade nas práticas mortuárias do PG para o Período Geométrico como um todo são observadas a partir do exame do atributo orientação do corpo / sepultura. Em Argos, as crianças sepultadas tanto nas cistas quanto nos vasos são preferencialmente direcionadas para Noroeste, Sudoeste e ainda aparecem alguns indivíduos para Leste. Para os adultos, os pitos e as covas simples estão orientadas, na maioria dos casos, para a direção Oeste. As cistas apresentam majoritariamente os sentidos Oeste e Sudoeste, porém ainda há um grande número de enterramentos orientados para Sul. Em Tirinto, o padrão para Oeste e Sudoeste permanece, e começam a se tornar cada vez mais numerosos os exemplos direcionados para Sudoeste, principalmente em relação aos pitos, que, aliás, também apresentam um crescimento contínuo até o final da Idade do Ferro. Quanto a Asine, Micenas e Náuplia há muito poucas informações sobre tal quesito durante o GA. Lerna, entretanto, apesar dos poucos exemplos, parece se aproximar de Argos e Tirinto, pois as cistas de adultos do GA estão orientadas para Oeste e Sudoeste.

Quando examinamos a produção cerâmica dos sítios, percebemos que a homogeneidade observada no PG começa a diminuir e os sítios

começam a apresentar elementos mais singulares e independentes, ocasionando um declínio na similaridade estilística. Segundo Morgan e Whitelaw, o GA constitui o subperíodo da Idade do Ferro em que as diferenças entre os estilos decorativos dos vasos cerâmicos são marcadamente maiores em uma mesma comunidade, formando grupos solidários e hierárquicos, nas diferentes sociedades da Argólida (Morgan and Whitelaw, 1991). Em Argos, por exemplo, nota-se que essa variabilidade dos motivos ornamentais é maior nos enterramentos de adultos em cistas. Poderíamos indicar, dessa forma, que neste subperíodo há uma tomada de consciência do estilo decorativo como um elemento de distinção social. Este aspecto será intensificado com a adoção de motivos figurados, principalmente durante o GM e o GR, quando elementos típicos dessa camada guerreiro-aristocrática são exteriorizados através dos motivos figurados, como as representações de cavalos com a figura humana no centro e as cenas de batalha (Pappi 2006). O GA configuraria assim, uma fase de transição e experimentação, através da qual as mudanças gradativas vão sofrendo um processo de aceleração e crescimento até o final do GR. A cerâmica nos enterramentos passa a assumir, portanto, um papel ativo na configuração das relações sociais (*Ibid.*, 1991).

É interessante notar que tais reflexões estão fundamentadas nas demais dimensões das práticas mortuárias do GA. Conforme constatamos, a análise do mobiliário funerário deste subperíodo indica que, apesar de haver um declínio na quantidade total de enterramentos, há um processo evidente de ostentação de um grupo da sociedade argiva em especial. Tal ostentação é marcante nos enterramentos de adultos que passam a ser, na maioria dos casos, reutilizados durante o GM e o GR.

Os vestígios de ocupação do Período Geométrico são mais evidentes e abundantes em relação aos subperíodos anteriores. Em Argos, notamos que as áreas de habitações do SM e do PG passam a ser utilizadas apenas para enterramentos e são deslocadas para as proximidades, ainda concentradas na área Central e Sudoeste, porém se expandindo para a região Oeste. Apenas a área do Cemitério Sul continua habitada durante o GA, contendo vestígios de construções absidais. Contudo, no final do GA I o local parece ter sido abandonado devido a um incêndio (Hägg 1982: 303).

As áreas de concentração de enterramentos do GA situam-se na área Centro-Leste, Noroeste e Sudoeste da cidade. Da mesma forma que no PG, a área Centro-Leste apresenta a maior quantidade de enterramentos, indicando um processo claro de continuidade de uso do espaço para deposição dos mortos entre o PG e o GA. Além disso, esta área, com a área Sudoeste, abriga a maioria das cistas variadas de adultos, tanto do PG, quanto do GA. São estas mesmas cistas do GA que apresentam enterramentos múltiplos, sendo reutilizadas, em muitos casos, mais de uma vez, durante o GM e, principalmente, o GR. Muitas delas, quando não foram reutilizadas, apresentam um série de vasos cerâmicos datados do GR depositados sobre as placas de cobertura da cista. Podemos inferir que o processo de organização da sociedade argiva iniciado no PG é consolidado durante o GA, com a formação de uma sociedade guerreiro-aristocrática estratificada e fundamentada em posições atribuídas ao nascimento. Esta camada exterioriza seu poder e status através dos enterramentos em cistas. As covas simples podem indicar a presença de uma camada menos abastada que cada vez mais, em direção ao final da Idade do Ferro, perde espaço na participação da sociedade, através da diminuição dos enterramentos formais. Ainda podemos concluir que o processo de separação entre o espaço profano e o funerário iniciado no PG se acentua durante o GA, pois as áreas de concentração de enterramentos são mantidas, embora as áreas habitacionais se afastem, sem se isolarem totalmente.

Em Tirinto, quando adentramos no Período Geométrico como um todo, as evidências de habitações ainda continuam escassas, todavia tornam-se um pouco mais nítidas. Há vestígios de habitações, muros e pavimentos e fragmentos cerâmicos datados desde o GA até o GR nos arredores da Cidade Baixa, no interior da fortificação e, na área externa das muralhas, principalmente a Oeste da Cidadela, próximo da área funerária. Em 2001, a campanha de escavação dirigida por J. Maran e A. Papadimitriou revelou o primeiro ateliê cerâmico em Tirinto, datado do início do Período Geométrico e localizado na área Nordeste da Cidade Baixa.⁷ A construção apresenta um

revestimento no chão constituído por placas de pedras coloridas e dois tipos de fornos; um composto por um grande quarto circular ou elíptico, construído com tijolos de barro crus e fragmentos de tijolos, e o outro formado por dois pequenos quartos superpostos sobre uma fossa de argila. O ateliê produzia artefatos cerâmicos variados, entre vasos de grandes tamanhos (formas abertas e fechadas) e figuras em miniatura, como por exemplo, a cabeça de uma figurinha de um guerreiro pintada, encontrada no interior da estrutura (Maran and Papadimitriou 2006).

Notamos, dessa forma, que a ocupação no interior da Cidadela micênica não cessa durante o Período Geométrico, principalmente durante o GA. Todavia, observamos um movimento de ocupação inverso, através do qual as áreas de habitação começam a se expandir para fora dos limites da fortificação, a Oeste, nas proximidades dos locais onde se situam as áreas de concentração de enterramentos.

As áreas de concentração de enterramentos do GA localizam-se nos mesmos locais dos sepultamentos do PG, na Necrópole Sudoeste, na Área Phylaki e na área a Sudeste da Cidadela, na Seção H. A variedade e a quantidade dos artefatos depositados nas cistas do GA diminui em relação àquelas datadas do PG, mas os enterramentos em vasos funerários passam a apresentar um mobiliário funerário mais diversificado constituído principalmente por metais. Não é possível identificar lotes específicos de enterramentos classificados segundo o tipo de sepultura e nem de acordo com o atributo idade, pois os três tipos de enterramentos, tanto de adultos, quanto de crianças são encontrados em todas as áreas de concentração.

Podemos concluir que os enterramentos desse período podem ser classificados como intramurais, pois estão situados nas proximidades de habitações. Contudo, da mesma maneira que em Argos, o processo de separação do espaço dos vivos e do espaço dos mortos é intensificado neste subperíodo. Além disso, observa-se em Tirinto um outro processo de especialização maior do espaço e das atividades comerciais, como o estabelecimento das primeiras oficinas de produção cerâmica. Apesar de constituir uma comunidade menor em relação à argiva, Tirinto se destaca desde o início da Idade do Ferro no desenvolvimento de atividades artesanais próprias e na configuração de áreas exclusivas para deposição dos mortos.

7 BCH 124 (2001), Fig. 61, p. 832.

O mesmo processo de expansão das áreas habitacionais para a área externa da Acrópole é verificado em Micenas, onde essas áreas estão localizadas na região da Casa dos Escudos e da Casa das Esfinges, a Oeste da fortificação. Entretanto, a área interna, no Palácio micênico, também continua sendo intensamente ocupada com construções habitacionais e de caráter sagrado. Há vestígios de construções absidais de pequeno porte e cabanas. Os enterramentos concentram-se todos na área externa da fortificação, próximos da Casa dos Escudos e das Esfinges e, portanto, nos mesmos locais onde se localizam habitações. Observamos, dessa maneira, que o processo de expansão dos enterramentos para fora dos limites da Cidadela iniciado no PG é consolidado durante o GA. As áreas de concentração do PG continuam sendo utilizadas para a deposição dos mortos e, portanto, podemos perceber que em Micenas também há uma intensificação do processo de especialização do espaço dos mortos, mesmo que localizado nas proximidades de áreas residenciais. A área interna da Acrópole micênica a partir do GA torna-se um espaço exclusivamente habitacional e sagrado, uma vez que deste subperíodo em diante não são mais encontrados enterramentos no interior da muralha.

Em Náuplia os vestígios habitacionais e também funerários datados do GA são bastante escassos e lacunares. Todavia, parece haver uma continuidade do uso da área de concentração do PG para o GA, no Terreno Pronoia, que continuará sendo utilizada durante o GM e, de maneira mais intensa durante o GR, como área exclusiva de deposição dos mortos. Lerna é marcada por uma ausência de vestígios habitacionais durante toda a Idade do Ferro. Os enterramentos, que aparecem apenas no GA, se concentram em uma área, o Monte Pontinos e suas proximidades, onde se localizam importantes e abundantes vestígios habitacionais do HM e do HR. Durante todo o Período Geométrico, a área passa a abrigar apenas enterramentos. Náuplia e Lerna devem ter sido comunidades de pequenas proporções durante toda a Idade do Ferro, caracterizada por instabilidade e profunda influência argiva e de Tirinto.

Podemos inferir que o GA constitui um período de suma importância no processo de consolidação da sociedade guerreiro-aristocrática hierarquizada argiva que, muito provavelmente, também encontra neste momento as origens de

sua hegemonia sobre os demais sítios da Argólida. Entretanto, Tirinto, de forma mais acentuada, mas também Micenas, apresentam características que denotam certa independência e competitividade em relação à supremacia argiva. Tirinto inclusive desenvolve ateliês próprios. Náuplia e Lerna se caracterizam mais pela influência argiva e de Tirinto. Notamos ainda uma intensificação generalizada no processo de separação do espaço dos vivos das áreas funerárias.

IV) O Geométrico Médio. O processo de intensificação da ostentação.

O GM é configurado por uma nova queda no número total de enterramentos de adultos e de crianças em Argos. Tirinto, Asine, Micenas, Náuplia e Lerna, inversamente, voltam a apresentar um crescimento, mesmo que moderado. Uma característica marcante deste subperíodo para todos os sítios, com exceção de Asine, é o aumento no uso dos vasos funerários para enterrar os indivíduos. Em Argos, a cista ainda é majoritariamente utilizada para enterrar adultos e crianças, porém o número de covas simples diminui, sendo superado pela quantidade de enterramentos em vasos funerários. Em Tirinto, os vasos e as cistas são utilizadas em quantidades próximas, mas as crianças são enterradas exclusivamente nos vasos e, dessa forma, nota-se que ainda há uma preferência por enterrar os adultos nas cistas, da mesma forma que em Argos. Entretanto, a cova simples não é utilizada nos enterramentos em Tirinto deste subperíodo.

Micenas apresenta um quadro semelhante ao argivo durante o GM, sendo utilizados os três tipos de sepultura para enterramentos de adultos e infantis, com primazia pelo uso da cista, seguida do vaso funerário e, finalmente, da cova simples. Náuplia, apesar da pequena quantidade de enterramentos datados do GM, pode ser caracterizada como uma exceção, pois não apresenta enterramentos em vasos funerários, mas apenas adultos em cistas e covas simples. Este fato pode estar relacionado com a ausência de enterramentos infantis no sítio desde o SM. As crianças só aparecem no GR em Náuplia e são enterradas exclusivamente em vasos. Tal aspecto reforça a relação entre a adoção do uso do vaso funerário como o tipo de sepultura originalmente destinado aos enterramentos infantis.

A análise da produção cerâmica revela que, a partir do GM, há um aumento na variabilidade entre os sítios tanto em relação à constituição da pasta e da coloração da argila, quanto (e principalmente) dos motivos ornamentais geométricos e figurados, com o aparecimento das primeiras figuras animais e humanas. Contudo, verifica-se que neste subperíodo Argos e Tirinto apresentam uma proximidade maior na diversificação estilística de um lado, enquanto Asine e Micenas parecem formar um conjunto mais similar de outro lado (Morgan and Whitelaw 1991). A interação entre os sítios aumenta, porém resulta, simultaneamente, no crescimento da competitividade.

A configuração do mobiliário funerário nos sítios da Argólida durante o GM reforça a ideia da competitividade intersítios. Em Argos, o padrão do GA de ostentação das cistas, principalmente dos adultos, é mantido, e verificamos um aumento na quantidade de enterramentos variados. Micenas apresenta um quadro similar ao argivo, com o crescimento das cistas com mobiliário funerário mais variado para os enterramentos de adultos. Tirinto se distancia um pouco deste quadro, pois além das cistas diversificadas de adultos, há um grande número de pitos utilizados para adultos que contêm principalmente artefatos em metal. É interessante notar que, ainda no GM, são encontrados objetos de origem micênica nos contextos funerários. Esta prática indica que os habitantes de Tirinto buscavam estabelecer laços com os antepassados da Idade do Bronze, distamente do processo verificado em Argos durante o mesmo subperíodo. Náuplia e Lerna possuem muito poucos enterramentos datados do GM, da mesma forma que Asine, mas ainda tendem a seguir o padrão argivo, apresentando cistas mais variadas em relação aos demais tipos de sepulturas.

Durante o GM, a orientação do corpo / sepultura já apresenta o padrão fundamental que irá configurar os enterramentos do GR, acompanhando as mudanças gerais nas práticas funerárias em relação ao tipo de sepultura. Em Argos e Tirinto, as cistas, mas principalmente os enterramentos em vasos funerários de adultos e crianças, apresentam duas direções essenciais, para Oeste e Sudoeste. As poucas ocorrências de covas simples para enterramentos de adultos em Argos acompanham o padrão geral, direcionadas para Oeste. Náuplia e Lerna também seguem a tendência geral para Oeste e Sudoeste, verificado tanto nas cistas quanto nos vasos funerários

de adultos e de crianças. As exceções deste subperíodo são Asine e Micenas. Asine, durante o GM, parece se aproximar mais de Argos e Tirinto em relação às cistas de adultos, pois os escassos exemplos do subperíodo encontravam-se direcionados para Noroeste e Sudoeste. Inversamente, Micenas distancia-se das práticas funerárias argivas e de Tirinto neste subperíodo, sendo a direção Norte o sentido de enterramento predominante das cistas e dos vasos funerários.

Os vestígios de ocupação do início do GM são mais escassos em relação àqueles datados do GA e, principalmente, àqueles do GR. Contudo, no final do período, durante o GM II, pode-se observar um processo de rápido crescimento das áreas habitacionais, dos ateliês, de estruturas com possíveis funções rituais e também do número de sepulturas em todos os sítios da Argólida. Em Argos, na área Sudoeste, no Terreno Bonoris, foram identificados vestígios de uma camada de ocupação do GM onde, posteriormente, durante o Período Arcaico, foi construído um edifício com funções provavelmente sagradas; outro edifício com prováveis funções rituais foi identificado a 700 m a leste da Ágora. Os restos da estrutura arquitetônica estavam associados a uma fossa utilizada para libações, caracterizando um possível culto heroico, pois na área foi identificada um cista classificada como sendo de um guerreiro. Durante o Período Arcaico a estrutura sofreu implementações e foi destinada como um local de culto a Hera.⁸ Ainda na área Sudoeste da cidade, no Terreno Pilios, a nordeste do Teatro, foram encontrados vestígios de muros que indicam a presença de habitações e, na área Central, no Terreno Makris, uma outra construção orientada no sentido Leste-Oeste também denota a presença de habitações no local, onde também foram encontradas sepulturas em cista alinhadas com a construção, no sentido Leste-Oeste (Hägg 1982: 305). Tais sepulturas denotam a presença de um lote de um grupo social destacado, pois todos os enterramentos presentes nesta área são de adultos em cistas, com mobiliário funerário bastante variado, sendo dois deles reutilizados, um originalmente do GA e reutilizado no GM, e o outro, originalmente datado do GM e reutilizado duas vezes, uma durante o próprio GM e a outra no GR (vide Capítulo 3, p. 139, 141).

⁸ BCH (2000): 799; *ArchDelt* 50 [1995] (2000), B1: 91-101, 108, 169-70.

Os enterramentos do GM apresentam uma relação evidente de continuidade com as áreas de concentração do GA. Apesar da queda do número total de enterramentos, observamos que o processo de ostentação do mobiliário funerário das cistas se intensifica ainda mais, com a presença de túmulos de guerreiros, com armamentos em bronze e em ferro, principalmente na área Sul-Sudoeste e Central da cidade. Muitos destes túmulos são reutilizados durante o GR e, em alguns casos, várias vezes, e, além disso, apresentam uma grande quantidade de vasos cerâmicos datados do GR depositados sobre as placas de cobertura das cistas. Percebemos, portanto, que durante este período as áreas habitacionais permanecem próximas das sepulturas, embora se torne mais nítido o estabelecimento de lotes familiares e de determinados grupos sociais como áreas específicas e de uso contínuo para propósitos exclusivamente funerários, processo este que é concluído durante o GR, formando necrópoles propriamente ditas.

Em Tirinto também observamos uma queda no número total de enterramentos e os vestígios habitacionais não são abundantes, contudo permanecem nos mesmos locais onde foram encontrados os vestígios do GA, concentrando-se na área externa da Cidadela. Durante o GM, a Necrópole Sudoeste e a Área Phylaki passam a apresentar a maior quantidade de enterramentos e é possível identificar com mais clareza a formação de lotes familiares dentro das próprias áreas de concentração de enterramentos, por exemplo, o conjunto de enterramentos infantis datados do GM e do GR na Necrópole Sudoeste (vide Capítulo 3, p. 163 e 164). O processo de ostentação da camada guerreiro-aristocrática em Tirinto é um pouco diferenciado do argivo, pois conforme discutimos anteriormente, os enterramentos em vasos funerários de adultos e infantis apresentam oferendas em metal, principalmente. É interessante notar que há dois enterramentos do GM encontrados no interior da fortificação. Tais enterramentos apresentam mobiliário funerário bastante diversificado e um deles é caracterizado por uma cista de adulto. Tal fato, apesar de indicar exceções ao padrão geral, denotando possíveis indivíduos destacados na comunidade, não excede à norma no sentido de que estão próximos de áreas que ainda apresentam, mesmo que de forma escassa, vestígios habitacionais e de estruturas com funções sagradas que são utilizadas até o final da Idade do Ferro.

Em Asine os vestígios habitacionais do GM se concentram na área da Cidade Baixa e parecem indicar um crescimento e intensificação da ocupação do sítio, inversamente aos dados revelados pelos enterramentos, pois a quantidade de sepulturas datadas do subperíodo é bem pequena. Não há evidências de oficinas especializadas em produção cerâmica; vestígios de habitações e construções, principalmente de formato absidal e quadrado, parecem indicar funções sagradas.

Micenas apresenta um quadro similar ao argivo e àquele descrito para Tirinto. As evidências habitacionais e de estruturas sagradas permanecem mais restritas à área interna da fortificação, nas porções Oeste e Sul da Acrópole. A quantidade total de enterramentos também diminui no GM, porém o processo de separação do espaço dos vivos e dos espaços específicos de deposição dos mortos é reforçado, uma vez que a concentração dos enterramentos localiza-se na área externa da Cidadela micênica, na Área a Leste do Túmulo de Clitemnestra. Contudo, não é possível identificar de forma tão explícita a formação de lotes, e os enterramentos de adultos em cista configuram os enterramentos mais variados do subperíodo, como em Argos.

Em Náuplia, tanto os vestígios habitacionais, quanto os funerários são bastante escassos durante o GM, entretanto parecem manter o padrão verificado no GA e no PG, através do qual os enterramentos situam-se nas proximidades das residências, concentrados no Terreno Pronoia. Lerna, apesar da ausência de vestígios habitacionais, durante o GM apresenta um aumento do número de enterramentos na área de concentração originalmente do GA, o Monte Pontinos. O padrão de enterramento parece assemelhar-se mais ao argivo, com intensificação do uso de vasos funerários, principalmente do pito, não só para enterramentos infantis, mas também para os adultos, sem a presença de oferendas. Contudo, alguns pitos com sepultamentos de adultos apresentam mobiliário funerário bastante variado, ou artefatos em metal.

Podemos concluir, dessa maneira, que durante o GM, o processo de ostentação nas sepulturas é intensificado de forma acentuada principalmente em Argos e sua influência na planície vai aumentando em direção ao GR. Entretanto, Tirinto, Asine e Micenas parecem conservar traços que definem uma certa independência. As áreas de enterramento vão adquirindo cada vez mais um caráter especializado, apesar de não ser

possível a identificação de necrópoles. Entretanto, a formação de lotes exclusivos de enterramentos familiares / sociais já é claramente perceptível em Argos, Tirinto e Micenas.

V) O Geométrico Recente. Renascimento ou reafirmação?

O Geométrico Recente constitui o subperíodo da Idade do Ferro em que as transformações evidenciadas desde o PG, mas principalmente no início do Período Geométrico, no GA, se consolidam e alcançam o grau máximo de maturidade, no que diz respeito às práticas mortuárias. As mudanças ocorridas no século VIII a.C. que levam ao processo de consolidação da pólis argiva, portanto, devem ser entendidas não como inovações e singularidades inusitadas, mas sim como tendências já existentes e manifestadas desde, pelo menos, o final do século IX a.C., que durante o século VIII a.C., principalmente na segunda metade, sofreram um processo de crescimento acelerado.

Um dos elementos mais visíveis desse processo de crescimento se trata do notável aumento da quantidade de enterramentos, principalmente em Argos (TABELA 11, p. 93; GRÁFICO 3, p. 94), Tirinto (TABELAS 33 e 34, p. 149; GRÁFICO 9, p. 148), Micenas (TABELAS 48 e 49, p. 180; GRÁFICO 14, p. 179) e Náuplia (TABELAS 56 e 57, p. 193; GRÁFICO 15, p. 192). Percebemos que há uma certa homogeneização das práticas funerárias em relação às dimensões de idade e tipo de sepultura nos sítios da Argólida neste subperíodo, com exceção de Asine e com algumas nuances entre as comunidades examinadas. A tendência geral em relação ao tipo de sepultura utilizada durante o GR é o vaso funerário, principalmente para enterramentos infantis, mas também para enterramentos de adultos. O número de vasos funerários utilizados cresce vultuosamente, chegando até mesmo a ultrapassar o número de cistas em Argos, Tirinto e Náuplia. Em Micenas e Lerna, as quantidades dos dois tipos de sepulturas são semelhantes. Em Argos, Tirinto, Náuplia e Lerna, as crianças são enterradas exclusivamente em vasos funerários no GR. Micenas ainda apresenta alguns exemplos de enterramentos infantis em cista. A cova simples é raramente utilizada em todos os sítios, principalmente para as crianças.

Há uma diferença evidente entre as formas de vasos usadas com mais frequência para os enterramentos infantis em Argos em relação aos demais, Tirinto, Micenas, Náuplia e Lerna. Em Argos, o padrão para enterrar as crianças é a utilização da cratera, enquanto nas demais comunidades, é o pito. A ânfora também aparece em grande número nos sepultamentos infantis. Além disso, o pito, na grande maioria das vezes, é um vaso manufaturado de grandes proporções com decoração incisa ou com apliques. Já as crateras e ânforas são torneadas e apresentam motivos ornamentais bastante variados, inclusive figurados típicos da produção cerâmica argiva do GR, como os cavalos, as aves e as representações de figuras humanas.

As maiores diferenças entre os sítios dizem respeito aos enterramentos de adultos. Em Argos e Micenas, a maioria dos adultos é enterrada em cistas, enquanto em Tirinto e Náuplia o padrão de enterramento dos adultos segue o das crianças e, portanto, uma parcela vultosa dos adultos é enterrada em pitos. Lerna apresenta poucos enterramentos datados do GR, contudo parece seguir o padrão verificado em Tirinto e Náuplia, pois o número de vasos funerários parece crescer em direção ao final da Idade do Ferro, desde o GM. Conforme já mencionamos, tal característica parece estar relacionada com os enterramentos infantis, pois neste sítio não há exemplos deste tipo de enterramento antes do GR. Este fato nos remete novamente à questão da inclusão das crianças nas práticas mortuárias e, portanto, proporcionam reflexões sobre os papéis e a importância de sua *persona social* nas sociedades da Argólida. Durante o GR, notamos que, mesmo nos sítios em que o número total de enterramentos infantis é muito inferior ao total de sepultamentos de adultos, como Argos, Tirinto, Náuplia e Lerna, a diferença entre eles diminui, da mesma forma que durante o PG. De forma geral, há dois subperíodos da Idade do Ferro que concentram a maior quantidade de enterramentos infantis, o PG e o GR, conforme examinamos no Capítulo 3. Para entender melhor quais seriam as funções das crianças nas sociedades do GR, é fundamental relacionarmos tais questões com a análise do mobiliário funerário.

O exame da produção cerâmica intersítio denota que durante o GR, principalmente no GR I, apesar do grande aumento na quantidade dos motivos ornamentais geométricos e figurados, eles são utilizados no mesmo padrão nos principais

sítios, vale dizer; o grau de similaridade estilística aumenta e, portanto, o grau de interação entre os sítios também. Nota-se que a produção argiva é encontrada nos contextos funerários dos demais sítios da Argólida e, dessa forma, Argos, neste subperíodo, pode ser caracterizado como um grande centro produtor e exportador de vasos na planície. Durante o GR II, verificamos um processo inverso, que indica uma maior independência dos sítios. Tirinto se distancia de Argos, da mesma forma que Micenas se aproxima de Corinto e Asine de Micenas. Há um declínio no processo de interação dos sítios e, inversamente, uma ampliação na competição, exatamente no momento em que Argos teria destruído Asine (Morgan and Whitelaw 1991). O tamanho e a quantidade dos vasos cerâmicos depositados nos enterramentos aumentam de forma acentuada, e tais características estão associadas à refinada elaboração dos motivos ornamentais e figurados, e a presença de temas aristocráticos, como o cavalo sendo guiado pela figura humana, cenas de batalha e procissões ou danças. A cerâmica, e particularmente a iconografia, passam a constituir um elemento fundamental no processo de exibição da hierarquia social tanto interna em um sítio, como externa, marcando diferenças entre as comunidades. O estilo e a ornamentação reforçam a identidade de um determinado grupo, servindo como indicador das relações sociais dentro de uma comunidade e entre elas. Conforme já mencionamos, os motivos geométricos figurados são caracterizados por elementos fundamentalmente aristocráticos, como por exemplo, a dupla de cavalos com a figura humana no centro ou cenas de batalha (Pappi 2006). Tais cenas desenvolvem-se principalmente nos vasos de grandes dimensões encontrados nas cistas e nas crateras, ânforas e píxides usadas para enterrar as crianças e alguns adultos.

Tal processo de interação social manifestado através da cultura material, particularmente dos contextos funerários, é reforçado pela presença dos armamentos nos enterramentos desse subperíodo, como espadas, punhais, pontas de lanças, além de elmos e armaduras em bronze e em ferro, principalmente em Argos, denotando a presença de uma camada guerreira (Snodgrass 1967: 98, 106-07). Durante o GR, percebemos que em todos os sítios a concentração de enterramentos com mobiliário funerário mais variado é grande, tanto para as crianças, quanto para os adultos. Conforme indicamos, a diferença

entre a quantidade de enterramentos infantis e de adultos diminui no GR, e observamos três configurações distintas entre os sítios no que diz respeito às categorias de análise do mobiliário funerário, relacionado com os atributos idade e tipo de sepultura. Uma delas é definida pelos enterramentos de adultos em Argos, Micenas e Náuplia, que correspondem a cistas com artefatos bastante diversificados. A segunda, para os enterramentos de adultos e de crianças, é caracterizada pelos enterramentos em vasos funerários sem a presença de oferendas, verificada em Argos e em Náuplia. A terceira corresponde aos enterramentos de adultos e infantis também em vasos funerários, principalmente em pitos, com mobiliário funerário mais variado, seja composto por vasos cerâmicos e metais ou por apenas artefatos em metal. Tal padrão é constatado em Tirinto, Micenas e Lerna. Nestes sítios, as cistas do GR apresentam um mobiliário funerário mais modesto, processo radicalmente inverso ao argivo. Em Tirinto, todos os enterramentos infantis em vasos possuem oferendas mais diversificadas.

Argos é o sítio que apresenta o quadro mais complexo em relação ao mobiliário funerário. Conforme apontamos no Capítulo 3, à primeira vista, os enterramentos estariam divididos em duas grandes categorias: as cistas variadas e os pitos sem oferendas. Entretanto, examinando os enterramentos mais cautelosamente, notamos que os enterramentos infantis, na maioria em vasos funerários, não apresentam oferendas, principalmente aqueles em crateras e ânforas. Os pitos apresentam, muitas vezes, algum tipo de oferenda, essencialmente vasos cerâmicos. Os enterramentos de adultos em cistas apresentam artefatos bastante diversificados, principalmente em metal, e caracterizados por armamentos em enterramentos de indivíduos do sexo masculino. Os pitos utilizados para os adultos, na grande maioria dos casos, não possuem oferendas, porém há alguns deles que são extremamente variados. É essencial ressaltar que, mesmo sem a presença de objetos, os vasos funerários do GR são vasos de grande porte e possuem decoração incisiva, no caso dos pitos, e uma rica diversidade de motivos ornamentais geométricos e figurados para as crateras e ânforas com sepultamentos infantis, e ânforas, píxides e crateras para os enterramentos de adultos.

Está evidente que em Argos, durante o GR, o processo de ostentação daquela camada guerreiro-aristocrática, que tem suas origens no

GA, intensifica-se, muito provavelmente, devido às transformações que levam à consolidação da pólis argiva. As crianças voltam a possuir um papel fundamental na constituição da sociedade, pois reforçam os laços familiares legitimando e justificando o status e o poder de um grupo. Tais reflexões são fortalecidas com a análise da localização das sepulturas e devido ao grande número de reutilizações das sepulturas durante o GR. Uma parcela significativa dos enterramentos múltiplos corresponde a cistas de adultos datadas originalmente do GA e do GM reutilizadas no GR.

No GR, percebemos que a orientação do corpo / sepultura é bastante definida e uniforme para todos os sítios examinados. Em Argos, a grande maioria das cistas e as poucas covas simples de adultos apresentam orientação para Oeste. Enquanto os pitos de adultos podem seguir a direção Oeste, a Sudoeste é majoritária. Notamos que há alguns exemplos de enterramentos em pitos orientados para Leste. Em Tirinto, o sentido Sudoeste, fundamentalmente para os pitos de adultos, torna-se praticamente exclusivo durante o GR. O mesmo padrão é verificado em Lerna, tanto para os enterramentos em cista, quanto para vasos funerários infantis e de adultos. Em Náuplia, as crianças e os adultos sepultados nos vasos funerários encontravam-se direcionados essencialmente para Oeste. Asine, durante o GR, novamente aproxima-se de Argos e Tirinto, pois as poucas cistas de adultos apresentam o padrão do sítio verificado no PG, com os enterramentos orientados para Leste, mas também, como no GM, para Noroeste e Sudoeste. Finalmente Micenas, no GR, apresenta preferências opostas que indicam proximidades com Argos e Tirinto de um lado, e com Asine, de outro. O número de enterramentos que possuem informações sobre a orientação do corpo durante o GR é muito pequeno, entretanto as direções utilizadas são Leste e Oeste.

Esta predileção e uniformização dos enterramentos orientados para Oeste e Sudoeste no final da Idade do Ferro estão associadas à dimensão tipo de sepultura, pois conforme já destacamos, o número de enterramentos em vasos funerários aumenta significativamente em todos os sítios da Argólida, com exceção de Asine. Hägg acredita que a orientação do corpo durante o GR constitui um elemento de distinção nas práticas mortuárias intencional, definindo um grupo social menos abastado da sociedade que faz uso do vaso

funerário, essencialmente o pito, para enterrar seus integrantes (Hägg 1980: 126).

Está claro que a preferência e o aumento dos enterramentos para os sentidos Oeste e Sudoeste são constatados principalmente nos sepultamentos em vasos funerários no final da Idade do Ferro, principalmente quando notamos que no início do século VII a.C. quase todos os enterramentos em Argos são em vasos funerários e a grande maioria deles possui orientação para Oeste e Sudoeste (Foley, 1988). Contudo, é importante observar que as cistas, ainda bastante numerosas no GR, também apresentam as mesmas direções predominantes para Oeste e Sudoeste e já possuem tal tendência de sentido desde o SM, tanto em Argos quanto em Tirinto. Isto significa que, apesar da introdução e do aumento contínuo marcante do vaso funerário, indicando mudanças no tipo de sepultura em relação ao início e ao final da Idade do Ferro, a orientação do corpo / sepultura não acompanha tais transformações. Dessa forma, as duas dimensões tipo sepultura e orientação do corpo não estão, necessariamente, relacionadas. Além disso, conforme já apontamos na análise do mobiliário funerário dos sítios no Capítulo 3 (p. 134-135, 142-143) é bastante questionável a associação direta entre os enterramentos em pito com camadas menos abastadas da comunidade.

Os vestígios de ocupação do GR tornam-se abundantes na maioria dos sítios examinados e, principalmente, em Argos, suficientes para afirmar que a partir da segunda metade do século VIII a.C. a comunidade adquire aspectos de uma verdadeira pólis, caracterizada por uma expansão significativa das atividades comerciais e artesanais (Hägg, 1982: 302). As concentrações de habitações do GR em Argos situam-se no entorno da Ágora e do Teatro, na área Sudoeste e no vale entre a Larissa e a Áspis. Várias cisternas e encanamentos do GR foram identificados na área da Praça Kypseli, no Terreno Bacaloyannis, no Terreno Xenakis e próximo à Necrópole Micênica na Deiras. Nesta última, nota-se que as cisternas ainda são utilizadas durante o Período Arcaico, e a área se expande com a construção de calçamentos de pedra ainda no Subgeométrico. Vestígios de construções e camadas de ocupação com fragmentos cerâmicos foram detectados no Terreno Paleólogos, Sondagem 84, e no Terreno Anagnostopoulos, Sondagem 88, próximos à Praça Kypseli; no Bairro dos Refugiados, próximo à Igreja Ioannis e da Capela Panagitsas, na área

Oeste e, finalmente, na área a Leste, no Terreno Bertzeletos, onde também foram encontradas sepulturas deste subperíodo. Na área da Capela Panagitsas foi identificada uma grande quantidade de vestígios que indicam a presença de uma grande oficina especializada, provavelmente uma oficina cerâmica e uma tinturaria, com a presença de fornos e pias, além de grandes pitos (Hägg, 1982: 304).

Hägg afirma que já no final do GM II pode ter havido um processo de *synoikismós*⁹ interno no assentamento, responsável pelo agrupamento das pequenas aldeias rurais e as propriedades comerciais e artesanais, formando a pólis argiva durante o GR (Hägg, 1982: 302). Percebemos que as áreas de enterramentos ainda continuam próximas das concentrações habitacionais, porém durante o GR tornam-se mais densas e isoladas, formando lotes de sepultamentos, conforme pudemos verificar na análise do espaço no Capítulo 3, p. 135-145.

As áreas de concentração de enterramentos do GR em Argos correspondem à área Sul-Sudoeste, Central e Noroeste. Estes locais, principalmente a área Sul-Sudoeste e a Central, correspondem às mesmas regiões utilizadas desde o SM, com intensificação do uso no PG, no GA e no GM. Não é possível verificar uma distinção entre os as áreas de enterramentos de acordo com o atributo idade nem a partir da dimensão tipo de sepultura. Os adultos e as crianças e os três tipos de sepultura são encontrados nos mesmos locais. No entanto, há evidências nítidas de lotes familiares definidos por tipos de sepultura, como o grupo de pitos na área Centro-Leste, no Terreno Boulmeti, na Rua Kalmochou, e dois grupos de cistas, um deles localizado na área Sul-Sudoeste, no Terreno Papaparaskevas, e o outro situado na área Noroeste da cidade, no Terreno Xintaropoulou (vide Capítulo 3, p. 141-142). É importante ressaltar que as cistas possuem mobiliário funerário bastante variado e foram reutilizadas várias vezes, contendo

vários indivíduos, em sua maioria adultos, do sexo feminino e masculino, e uma grande quantidade de vasos cerâmicos e artefatos em metal. Além disso, exatamente devido ao fenômeno de reutilização das sepulturas, as cistas se tornam maiores, adquirem grandes proporções, alcançando até mesmo 2,0m de comprimento e 1,50m de largura.

Está claro que tais enterramentos denotam a presença de uma camada guerreiro-aristocrática, fundamentada em laços familiares, que busca legitimar seu poder e seu status no final da Idade do Ferro. Tal ideia encontra ainda respaldo na prática de deposição de vasos sobre as sepulturas, executada durante o GR, em túmulos datados do GA e GM, principalmente, mas que recuam, em alguns casos, até mesmo ao PG. Tais incursões indicam que determinados grupos do GR buscam reafirmar laços familiares com seus antepassados da própria Idade do Ferro, seja através de rituais privados, familiares, que se tornam visíveis e públicos para toda a comunidade.

O processo de formação da pólis argiva envolve, portanto, uma sociedade complexa que está em processo de transformação, mas que tem suas raízes fundamentadas em uma sociedade guerreiro-aristocrática hierarquizada e cujo poder é atribuído ao nascimento. Esta sociedade teria se formado ainda no PG e se consolidado no GA. Isto não significa dizer que tal processo é semelhante ao Ateniense, principalmente nos termos definidos por I. Morris, em que haveria “cemitérios de cidadãos” como símbolos garantidos de direito políticos e acesso a propriedade, a partir das definições da Hipótese 8 de A. Saxe (1987: 54, 210; 1991: 157, 158)¹⁰. Tais reflexões foram criticadas por vários autores e, na medida em que os dados arqueológicos vão sendo estudados de forma mais sistemática, a existência de cemitérios é questionada, assim como a relação entre o uso destes cemitérios como exclusivo por uma determinada camada de cidadãos, fundamentalmente do sexo masculino (Humphreys 1980; Small 1999; Patterson 2006)¹¹.

9 Do grego *συνοικισμός*, que significa literalmente coabitação, fusão, estar reunido em uma cidade (*être réuni en une ville*) Bailly, A. *Dictionnaire grec français / rédige avec le concours de E. Egger. Éd. revue par L. Séchan et P. Chantraine*. Paris: Hachette, 1950. verbete: (p. 1864). Trata-se do processo de agregação das comunidades gregas, levando a constituição da pólis que em português é tradicionalmente denominado de sinecismo.

10 Para ver discussão detalhada sobre a Hipótese 8 de Arthur Saxe, suas repercussões nos estudos das práticas mortuárias e, ainda, suas implicações e usos na obra de Ian Morris, vide Capítulo 1, p. 41-43, 52-53.

11 Para ver as críticas feitas por Humphreys, vide discussões no Capítulo 1, p. 53-54. Patterson e Small concordam com a autora e indicam que Morris interpretou

Em Argos, a partir do exame exaustivo realizado dos enterramentos, podemos afirmar que a situação não pode ser simplificada nestes termos.

A complexidade dos enterramentos do GR revela que o processo de consolidação da pólis abrange mais do que duas simples categorias sociais que, segundo Hägg (1974, 1983, 1998), Ainian (2006), Foley (1988), é entendida como os ricos e os pobres. Conforme indicamos, os enterramentos em vasos funerários, sejam pitos ou crateras e ânforas, não devem ser entendidos como uma correspondência direta de uma prática de enterramento executada por um grupo menos abastado da sociedade. Alguns apresentam mobiliário funerário bastante variado e decoração ricamente elaborada. Isto indica que devem ter sido objetos de grande valor, já que o esforço e o investimento para a confecção do vaso são elevados. Além disso, notamos que os enterramentos múltiplos correspondem, na grande maioria dos casos, a cistas. Tal tipo de sepultura também possui um alto investimento no processo de elaboração. Contudo, verificamos que, durante o GR, apesar do aumento das dimensões das cistas, não são construídas novas cistas para cada indivíduo, mas as cistas do GA e do GM são reutilizadas, indicando que, apesar do trabalho de reabertura da cista, não há um investimento e nem dispêndio tão grande de energia no processo de edificação do túmulo, quando comparados às inumações individuais em cista. A maioria dos vasos funerários do GR contém inumações individuais e, desse modo, podem denotar um investimento maior deste grupo na realização das práticas funerárias. Além disso, como já discutimos, quando os vasos apresentam decoração, podemos afirmar que não somente a variedade e a qualidade de motivos ornamentais geométricos e figurativos são grandes, mas também seu repertório pertence às mesmas características guerreiro-aristocráticas do repertório iconográfico encontrado nos vasos presentes nas cistas, contendo cenas de batalha e a dupla de cavalos com a figura humana.

O exame dos enterramentos das covas simples, contudo, fornece um quadro diferenciado. Este tipo de sepultura é menos numerosa durante o GR, e a grande maioria não apresenta oferendas

ou, quando algum conteúdo está presente, corresponde a uma quantidade e qualidade de artefatos muito mais modestas em relação àquelas que caracterizam as cistas. Tais fatos podem ser explicados pelo elemento visibilidade, pois este grupo estaria recebendo cada vez mais em direção ao final da Idade do Ferro uma quantidade menor de enterramentos formais, pelo fato de denotar uma parcela menos abastada da sociedade. Conforme indicamos no Capítulo 3, alguns estudos osteológicos dos enterramentos em cista e em cova simples de adultos corroboram tal hipótese, pois os indivíduos sepultados nas covas simples apresentam uma quantidade maior de doenças que estão diretamente relacionadas, de um lado, às atividades cotidianas e, de outro, à dieta alimentar dos indivíduos (Pappi 2011). As doenças desses indivíduos são configuradas por infecções, traumas e doenças metabólicas e denotam, no geral, condições mais precárias de vida, como a exposição a práticas cotidianas de trabalho mais árduas e a uma dieta mais pobre e deficiente, indicando, assim, um status social inferior.

Dessa forma, percebemos uma nítida estratificação na sociedade que, através das práticas mortuárias, exterioriza seus interesses e anseios sociais em um momento em que as transformações políticas estão se acentuando. Podemos inferir, então, que no século VIII a.C. Argos caracteriza-se por uma comunidade com grandes proporções e potencialmente hegemônica que tende a intensificar sua influência sobre as demais sociedades na Argólida, visando expandir seu domínio na planície. Este processo é evidenciado não só pelas práticas funerárias, mas também pelos vestígios arquitetônicos. A construção do Heraion pode ser entendida como uma tentativa de Argos de estender seu território e aumentar sua influência e dominação sobre as demais comunidades da Argólida. A tentativa de adoção de um culto comum significa, na realidade, a expressão da diplomacia agressiva argiva (Morgan and Whitelaw, 1991: 85). Dessa forma, compreendemos as destruições dos sítios, seja de Asine, ainda no final do século VIII a.C., seja de Micenas e Tirinto no século V a.C.

O exame dos vestígios habitacionais em Tirinto indica que a área interna da Cidadela micênica continua sendo ocupada de forma intensa para funções profanas e sagradas. Entretanto, a área externa, principalmente a Oeste, também apresenta evidências de

mal os dados arqueológicos e textuais, indicando que a sociedade ateniense não é patrilinear, mas bilinear (Small 1999; Patterson 2006).

habitações. É interessante notar que o caráter habitacional mais disperso no entorno da fortificação que caracteriza o PG sofre um processo de intensificação na área Oeste e Sul em direção ao final da Idade do Ferro. Este fenômeno também é verificado na distribuição dos enterramentos, pois em direção ao GR, principalmente a área a Norte e Leste da muralha apresentam uma quantidade cada vez menor de sepulturas. As áreas de concentração de enterramentos são essencialmente a Necrópole Sudoeste e a Área Phylaki. Os exemplos de covas simples são raros e os vasos funerários são majoritários, porém todos eles são encontrados nas duas áreas de concentração e são caracterizados tanto por enterramentos infantis quanto de adultos. Entretanto, podemos constatar a existência de lotes familiares e sociais de enterramento que são formados desde o GM.

É importante ressaltar que esses lotes familiares / sociais em Tirinto possuem algumas características distintas em relação aos argivos, indicando que o processo de ostentação da camada guerreiro-aristocrática no sítio se deu de uma forma mais peculiar. Os enterramentos em pitos de adultos e, principalmente, de crianças são mais variados que as cistas neste subperíodo, contendo particularmente objetos em metal. Tais peculiaridades aumentam a ideia de competitividade entre os sítios neste momento. Entretanto, é difícil classificar Tirinto como uma pólis, pois as evidências arqueológicas não revelam o crescimento da comunidade como uma área comercial e artesanal do mesmo porte que Argos. Está claro que a comunidade atinge um grande crescimento no GR ultrapassando o status inicial verificado no PG de áreas rurais isoladas, e certamente constituiu a segunda maior comunidade da região. Todavia, o sítio ainda continua sobre fortes influências argivas, tanto no âmbito cultural (inclusive religioso), quanto no âmbito político. Tais reflexões se relacionam também com a própria localização geográfica do sítio na planície, extremamente próximo de Argos.

Micenas, no que diz respeito aos vestígios habitacionais, mantém o padrão de assentamento verificado no GA e no GM. As residências, compostas fundamentalmente por cabanas e vestígios de construções com funções rituais, concentram-se na área interna da Acrópole micênica. Em relação às áreas funerárias, percebemos que há um processo

explícito de concentração das sepulturas na área a Leste do Túmulo de Clitemnestra, indicando continuidade do uso funerário desta área do GM para o GR. O processo de ostentação das cistas dos adultos também é verificado neste sítio e somado a uma certa ostentação dos enterramentos infantis em pitos, que também apresentam mobiliário funerário mais diversificado. Não é possível visualizar em Micenas de forma tão nítida a formação de lotes familiares / sociais. Entretanto, tanto as cistas de adultos quanto os pitos de crianças aparecem na mesma área de concentração. É interessante notar que apesar de apresentar uma certa independência e peculiaridade em relação à produção cerâmica e às próprias práticas funerárias, as evidências arqueológicas examinadas apresentam semelhanças tanto aos aspectos argivos, quanto em relação a Tirinto, e, às vezes, até mesmo a Asine. Mesmo durante o GR, a comunidade em Micenas não deve ter atingido grandes proporções e, até o momento, não há vestígios que confirmem a existência de comércio e artesanato de grande porte.

Asine mostra-se um sítio independente desde o início da Idade do Ferro em todos os sentidos e, apesar de não apresentar uma camada guerreiro-aristocrática tão nítida quanto à argiva ou até mesmo em relação àquela evidenciada em Tirinto e em Micenas, constitui o sítio mais excêntrico da Argólida, com características socioculturais próprias. Durante o GR, apesar da escassez dos registros funerários, os vestígios habitacionais são significativos. Há evidências de habitações localizadas na área da Cidade Baixa, no Setor Levendis, no sopé da Colina Barbouna e também na área da Acrópole. As construções são bastante elaboradas com pedras de calcário e possuem formato absidal e quadrado. A maioria apresenta lajeiras no interior e podem estar relacionadas a funções sagradas ou mesmo a banquetes funerários, uma vez que a concentração de enterramentos datados desde o PG encontra-se nas proximidades (Ainian 1997; Wells 1983)¹². É

12 Para uma discussão mais detalhada sobre a configuração dessas estruturas e suas prováveis funções, além de uma bibliografia mais completa, vide Souza, C. *Estruturas e Artefatos: o culto heroico em sítios gregos da Idade do Ferro (séc. XI ao VIII a. C.)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da

importante lembrar que há apenas dois casos de reutilização da sepultura e ambos não apresentam oferendas, fato que, mais uma vez, singulariza o sítio no que diz respeito às práticas mortuárias. Soma-se, ainda, a independência religiosa, através da adoção do culto de Apolo Pítio ainda no século VIII a.C. (Wells 1990b). Tais fatores indicam que a influência argiva percebida nos demais sítios da planície não é verificada em Asine e, dessa forma, a autonomia da comunidade deve ter se tornado intolerável por parte dos argivos, de forma independente das características étnicas, mas motivada, sobretudo, pelos aspectos culturais e sociais.

Náuplia apresenta um aumento marcante do número de sepultamentos durante o GR, entretanto os vestígios habitacionais permanecem escassos. Há evidências de muros e áreas pavimentadas próximos à grande área de concentração de enterramentos, o Terreno Pronoia. O padrão de enterramento neste sítio aproxima-se do argivo, pois a maioria de enterramentos de adultos e crianças é realizada em vasos funerários, principalmente em pitos, sem a presença de oferendas. Contudo, também são vasos de grande porte e, particularmente, para os enterramentos infantis em outras formas de vasos funerários, como ânforas, estas se apresentam ricamente decoradas. Apesar do aumento dos sepultamentos, a comunidade não deve ter alcançado grandes proporções. Também podemos indicar que a hegemonia argiva se faz presente no sítio, da mesma forma que em Lerna, pois as evidências habitacionais indicam que a comunidade, mesmo durante o GR, deve ter tido proporções bem pequenas. Devido à escassez dos contextos funerários neste sítio, não é possível indicar a formação de lotes. Entretanto, nota-se que a área do Monte Pontino corresponde a uma área utilizada exclusivamente para deposição dos mortos durante todo o Período Geométrico.

Podemos concluir, portanto, que o Geométrico Recente na Argólida apresenta transformações fundamentais para o processo de formação da pólis argiva, exteriorizado, em muitos de seus desdobramentos, através das práticas mortuárias. A consolidação de uma sociedade mais complexa, hierarquizada e hereditária indica que neste subperíodo a comunidade atingiu

grandes proporções, caracterizada por um processo interno de *synoikismós*, agrupando os pequenos assentamentos de um lado, expandindo as áreas comerciais e artesanais de outro e, ainda, fixando de forma nítida a divisão entre o espaço dos vivos e dos mortos, com a formação de necrópoles e, dentro delas, estabelecendo lotes específicos utilizados pelos diferentes grupos que configuram a sociedade argiva neste momento. A ligação com o passado e um passado próximo, definido pela reutilização e pela deposição de oferendas sobre as sepulturas do GM e do GA, principalmente, denotam a busca da legitimidade e da manutenção do status e do poder, fundamentados na ostentação dos enterramentos formais.

Talvez a complexidade da sociedade argiva esteja relacionada ainda com as relações estabelecidas entre Argos e as demais comunidades da planície durante a Idade do Ferro e, principalmente no GR. O fator geográfico não deve ser entendido como determinante, mas corrobora de maneira significativa para os tipos de relações estabelecidas, pois a proximidade entre os sítios é marcante¹³. A influência e a hegemonia argivas são perceptíveis não somente na análise da produção cerâmica dos demais sítios e nos vestígios habitacionais, mas fundamentalmente nas práticas funerárias e religiosas. Mesmo os dois maiores e mais importantes sítios do GR, Tirinto e Micenas, apesar de apresentarem elementos característicos de uma certa independência, manifestam aspectos explícitos da dominação argiva no que diz respeito aos costumes mortuários. Asine, caracterizada por uma comunidade com costumes tão excêntricos em relação a praticamente todos os padrões culturais praticados no restante das comunidades da planície, deve ter proporcionado uma relação de maior competitividade e intimidação durante o processo de *synoikismós* argivo externo, isto é, no agrupamento dos sítios da região, que teve lugar ainda no século VIII a.C.

Tais mudanças fazem parte de um processo de transformações graduais iniciado já no PG,

13 Basta indicar que da Larissa, em Argos, é possível visualizar Tirinto, Náuplia, Lerna e Asine e da Áspis, Micenas. Tal proximidade e localização que contam com o elemento visibilidade constituem aspectos que possuem um significado relevante no que diz respeito ao entendimento dessas relações, uma vez que podemos considerar a planície da Argólida, de fato, como uma unidade.

mas intensificado durante o Período Geométrico, no GA, e reforçado no GM. Dessa forma, o século VIII a.C. não deve ser entendido como um período caracterizado por elementos inovadores e nem como um renascimento (Whitley 2001), mas sim como reafirmação, confirmação e validação. Isto não significa que não tenha sido um século revolucionário (Snodgrass 2006), caracterizado por mudanças generalizadas no que diz respeito aos resultados sociais, culturais e políticos, apesar das nuances e peculiaridades verificadas nas diferentes regiões da Grécia, que culmina em última instância, na formação da pólis.

Considerações Finais.

A importância das comunidades da região da Argólida durante a Idade do Ferro não está relacionada apenas com a grande quantidade de enterramentos levantados durante a pesquisa, mas essencialmente, devido ao fato dessa quantidade indicar um processo evidente de ocupação contínua, ininterrupta nos principais sítios, Argos, Tirinto, Asine e Micenas, desde o final da Idade do Bronze até o final da Idade do Ferro, isto é, do Heládico Recente IIIC até o final do Geométrico Recente II, aproximadamente entre 1100 e 700 a.C. Tal fato demonstra que o desenvolvimento da região está distante de ser classificado como “obscuro” e, apesar das lacunas no que diz respeito às evidências habitacionais e de ocupação e à ausência de publicações sistemáticas sobre os contextos funerários ou estudos osteológicos dos indivíduos encontrados em tais contextos, os vestígios mortuários revelam que houve também um processo contínuo de estratificação da sociedade que se inicia no PG e vai sendo intensificado no Período Geométrico, no GA e no GM, apresentando seu maior grau de desdobramento e complexidade durante o GR. O SM é entendido, dessa maneira, como uma fase transitória, marcada por turbulências, que são configuradas por elementos de rupturas e continuidades com o passado da Idade do Bronze (principalmente do Heládico Médio), porém, começam a delinear uma nova sociedade. A Idade do Ferro como um todo pode ser compreendida, assim, como um período de mudanças graduais que, a partir da dissolução da coesão política micênica centrada na figura do *wanax*, adquire novas formas sociais que se desdobram na emergência e na consolidação de sistemas sociais complexos (Morgan 2001).

A queda de enterramentos no GA e no início do GM e a continuidade do processo de ostentação contribuem para uma falsa impressão de sociedade homogênea no PG, GA e GR (Hägg 1980; Pappi 2011) em todos os sítios. Contudo, um exame mais detalhado dos enterramentos denota que se trata de uma sociedade hierárquica e fundamentada em laços familiares (Lemos 2002; Papadimitriou 2006) e, assim, torna-se inteligível a importância da *persona social* da criança na configuração da sociedade principalmente durante o PG e o GR, momentos de formação e consolidação dessa sociedade. O PG e o GR correspondem aos subperíodos com as maiores concentrações de enterramentos da Idade do Ferro, e particularmente no final do GM, mas principalmente durante o GR II, observamos um rápido e intenso aumento populacional na Grécia como um todo (Snodgrass 1971). Este processo de hierarquização da sociedade tem início ainda no PG, momento em que as sociedades estão se organizando e definindo seus padrões funerários através das delimitações dos enterramentos formais. Além disso, a relação entre o espaço dos vivos e o espaço dos mortos começa a sentir as primeiras modificações, seja de uma forma mais marcante e evidente como em Tirinto e em Asine, seja de uma forma mais lenta e gradual como em Argos e Micenas.

Está claro que este processo de estratificação social verificado nas sociedades da Argólida não apresenta as mesmas características em outras regiões da Grécia, como por exemplo, na Ática e na Eubeia. Tanto Argos quanto Atenas são classificadas como sociedades “estáveis” e, a partir da analogia etnográfica, assemelham-se ao modelo de Nuristan, segundo o qual a sociedade é configurada pelo domínio de uma parcela aristocrática que detém o poder político e o status social são atribuídos ao nascimento.¹⁴ São sociedades fundamentalmente pastoris, porém cuja importância das atividades artesanais e comerciais assume um papel cada vez maior na estrutura social, formando sociedades mais complexas.

Entretanto, tal modelo etnográfico não representa todas as nuances e as características

14 Para maior detalhamento da classificação proposta por J. Whitley e as características das sociedades de Nuristan e do modelo do “big man”, vide Capítulo 1, p. 54-55 (Whitley 1991a).

da sociedade argiva e, além disso, há diferenças entre as sociedades argiva e ateniense durante o século VIII a.C. Comparativamente, podemos afirmar que as comunidades na Argólida, mesmo a argiva, não apresentam habilidades tão dinâmicas e variadas em providenciar e dar tanto suporte à diversificação e à ostentação dos contextos funerários quanto às comunidades na Ática, essencialmente Atenas. Como vimos, autores como I. Morris e J. Whitley afirmam que o processo de formação de necrópoles e de ostentação de um determinado grupo guerreiro-aristocrático agnático através da adoção de lotes familiares / sociais em Atenas é levado ao extremo durante o GR. Tal ostentação é entendida como uma tentativa de manutenção e legitimidade no poder por parte desse grupo, frente ao reforço dos valores públicos da cidadania e dos princípios de igualdade política, tensões engendradas pelo surgimento da pólis ateniense (Morris 1987, 1991b, 1997a; Whitley 1991b).

Em Argos, há um processo evidente de formação de lotes familiares, porém não há exclusividade do uso de áreas específicas por um determinado grupo agnático, segundo os parâmetros gerais da Hipótese 8 de Saxe e Goldstein, isto é, que garante a propriedade da terra e de recursos essenciais através dos enterramentos. A sociedade argiva do século VIII a.C., através da análise do material arqueológico dos contextos funerários, possui elementos que a definem como estratificada e cujo status é atribuído ao nascimento. Da mesma forma, também possui elementos de uma sociedade guerreiro-aristocrática. Todavia, não há um tratamento diferenciado em relação ao gênero nem à idade e, assim, não é possível classificá-la como agnática, patrilinear. Os dados arqueológicos também não permitem indicar que existem áreas exclusivas de deposição dos mortos utilizadas como “cemitérios” dessa camada, pois o atributo tipo de sepultura também não sustenta tal hipótese; as cistas, os enterramentos em vasos funerários e em cova simples são encontrados nas mesmas áreas de concentração. Dessa forma, a sociedade argiva neste momento crucial de formação da pólis envolve uma complexidade muito maior do que tais classificações e também não pode ser caracterizada de uma forma simplista a partir da identificação bipolar entre “ricos” e “pobres”

Um exemplo totalmente distinto em relação a Argos e Atenas é caracterizado por Lefkandi,

uma sociedade que, provavelmente, também atingiu grandes proporções durante a Idade do Ferro e é classificada como um assentamento “instável”, segundo o modelo do “big man” e cuja organização social corresponde ao que muitos pesquisadores denominam de “sociedade homérica”¹⁵. Neste tipo de sociedade, é possível a identificação de um único chefe destacado (o *basiléus*) que se sobressai do conjunto da camada guerreiro-aristocrática. Trata-se de uma sociedade bastante hierarquizada e, em Lefkandi, por exemplo, exteriorizada através dos enterramentos no interior do próprio edifício Toumba e do conjunto de sepulturas extremamente variadas localizadas nas demais necrópoles da comunidade, mas principalmente naquela situada em frente à entrada do edifício absidal Toumba (Coulton and Catling 1993; Popham and Lemos 1996; Whitley 2001; Lemos 2002). Argos, neste sentido, de maneira semelhante a Atenas (Foley 1988), não apresenta um enterramento único exclusivamente diversificado e associado a uma estrutura arquitetônica de grande porte. Entretanto, conforme pudemos observar pela extensiva análise do material levantado, desde cedo, já no PG, começa a apresentar sinais da presença dessa camada guerreiro-aristocrática que busca definir seu espaço e seus papéis na sociedade através das práticas funerárias.

Sintetizando os costumes funerários da região durante a Idade do Ferro, podemos inferir que a inumação pode ser considerada como a única prática de enterramento, pois as ocorrências de cremações são raras e isoladas (Snodgrass 1971; Courbin 1963; Hägg 1987; Papadimitriou 2006; Pappi 2011). As dimensões de gênero e idade não constituem elementos de distinção em relação às demais práticas mortuárias nem ao tipo de sepultura, à orientação e posição do corpo, à constituição do mobiliário funerário nem aos espaços de deposição dos mortos. É interessante ressaltar, no entanto, que algumas diferenças podem ser destacadas em relação ao atributo

15 As sociedades “instáveis” e as características de comunidades similares ao modelo do “big man” também estão detalhadas no Capítulo 1, p. 54-55 (Whitley, 1991a). Para uma breve discussão sobre a questão da “sociedade homérica” e sobre Lefkandi, vide: Snodgrass (1974), Schnapp-Gourbeillon (1982), Morris (1997b,) Lemos (2002), Ainian (2006). Para uma bibliografia mais específica sobre o assunto, vide: Souza, C. D. 2005.

idade no que diz respeito ao tipo de sepultura e a constituição do mobiliário funerário, pois o vaso funerário é introduzido originalmente para enterramentos infantis e constitui praticamente o tipo de sepultura exclusivo de deposição das crianças no final da Idade do Ferro, durante o GR. Todavia, neste subperíodo, os adultos também são enterrados majoritariamente em vasos, principalmente em pitos, reforçando a excepcionalidade de Asine. O quesito idade está representado simbolicamente nos contextos funerários e torna-se, portanto, um elemento de inclusão da *persona social* da criança como uma forma de exteriorizar e estreitar os laços familiares e o status social de um determinado grupo social, principalmente nos períodos em que a sociedade está se estruturando, como no PG, e se consolidando, durante o GR.

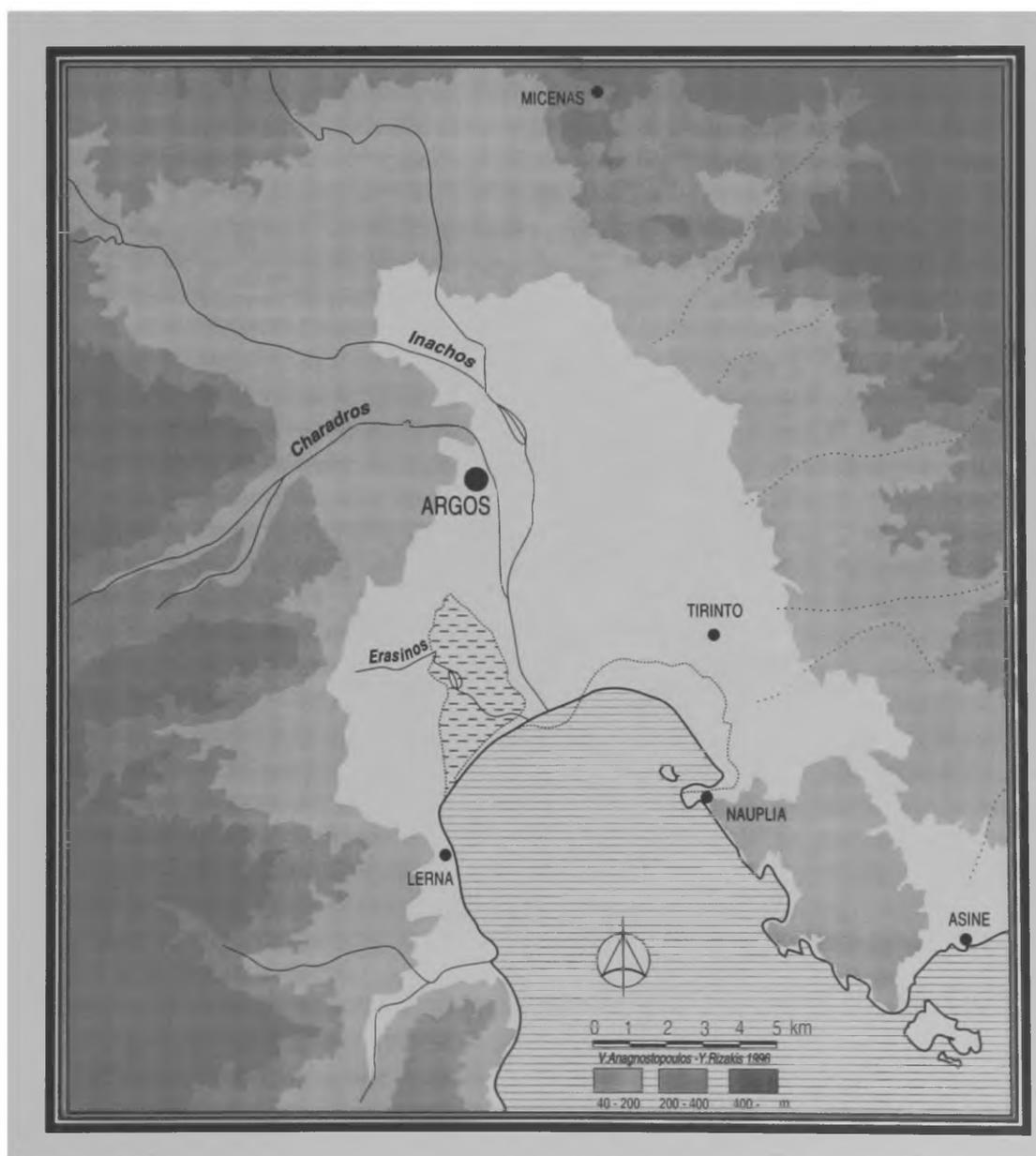
Este grupo social também está simbolicamente representado pela grande quantidade de enterramentos de guerreiros, principalmente no final do GM e durante o GR, verificado pela presença de uma grande quantidade de artefatos em metal, essencialmente armamentos em bronze e ferro, conforme pudemos constatar na análise do mobiliário funerário realizada no Capítulo 3. Alguns autores identificam tal processo como um fator pan-helênico, possível de ser constatado nas mais diversas regiões e sítios da Grécia durante o século VIII a.C., como um dos fatores fundamentais no processo de formação e consolidação da pólis (Snodgrass 1971, 1977, 1993; Whitley 2001; Dickinson 2006a; Pappi 2011). Outros desdobramentos das práticas funerárias da região da Argólida, exteriorizados fundamentalmente na sociedade argiva do GR, que reforçam a ideia

da ostentação do status social e da intensificação dos laços familiares, são caracterizados pelos fenômenos de reutilização das sepulturas, ocasionando enterramentos múltiplos, em muitos casos, como mais de três indivíduos, e, ainda, a deposição de oferendas, principalmente vasos cerâmicos, sobre as placas de coberturas das cistas ou nas proximidades dos vasos funerários. As relações com o passado e com os mortos indicam que os contextos funerários constituem elementos fundamentais no processo de representação da sociedade, denotando tensões e transformações que definem uma sociedade mais complexa, que culminam no surgimento da pólis.

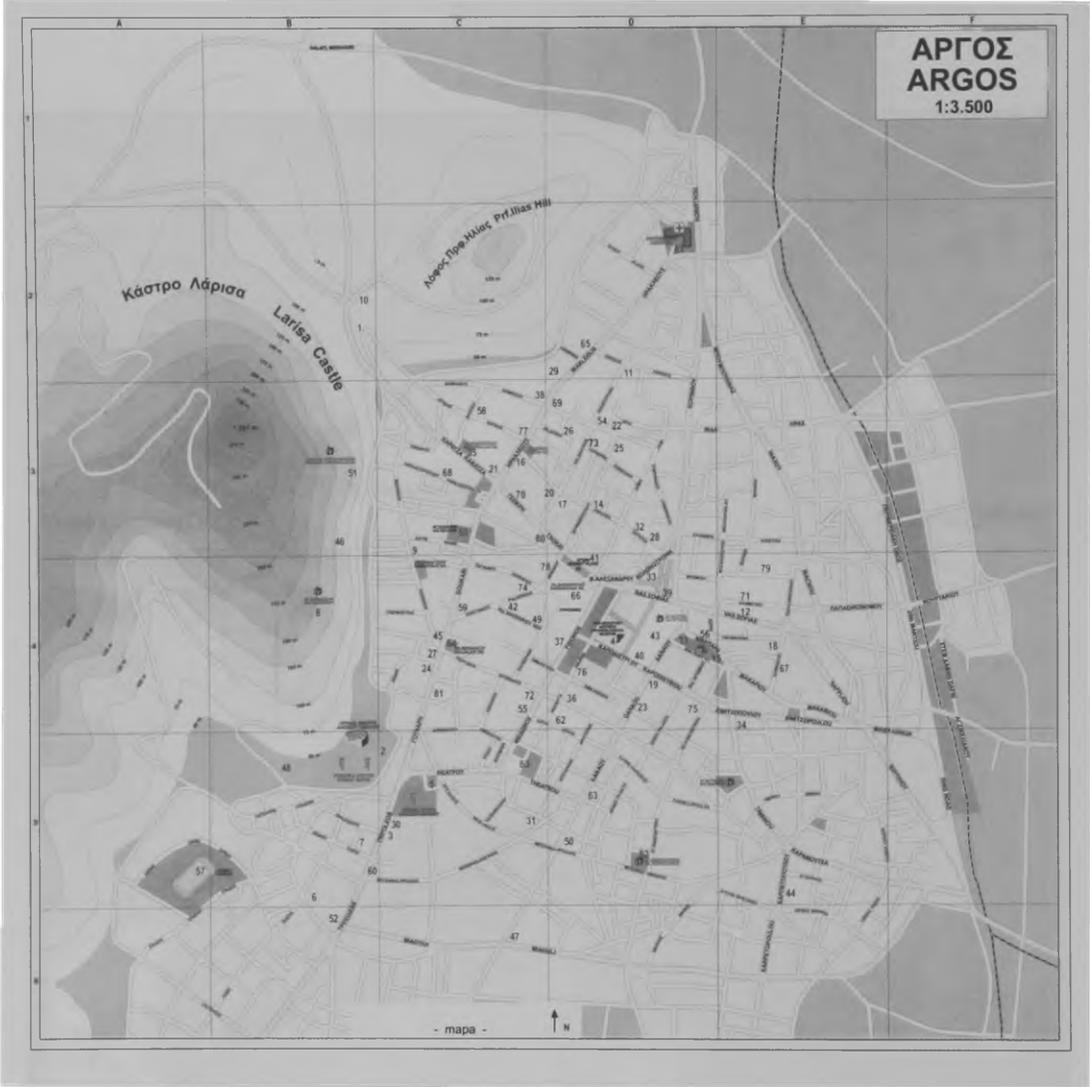
Finalmente, gostaríamos de indicar que muitas questões ainda permanecem em aberto, principalmente no que diz respeito à relação entre o espaço dos vivos e dos mortos e a configuração da sociedade no início da Idade do Ferro nas comunidades da Argólida. Nosso objetivo primordial corresponde a uma análise detalhada e exaustiva das dimensões dos contextos funerários, a fim de entender as transformações ocorridas nos padrões funerários durante a Idade do Ferro, levantando algumas reflexões sobre a configuração das sociedades nos diferentes subperíodos e sobre as relações entre as principais comunidades da planície. A reunião dessa grande quantidade de contextos funerários, formando um catálogo inédito para a região da Argólida na Idade do Ferro, visa também a complementações futuras, a partir da publicação de materiais e de estudos osteológicos em curso, que examinem os dados e revisem as datações atribuídas aos contextos funerários e tragam novas possibilidades de interpretação.



MAPA 1 Mapa político da Grécia com suas regiões; destaque para a região da Argólida e suas municipalidades.



MAPA 2 - Região da Argólida, destacando os sítios analisados.



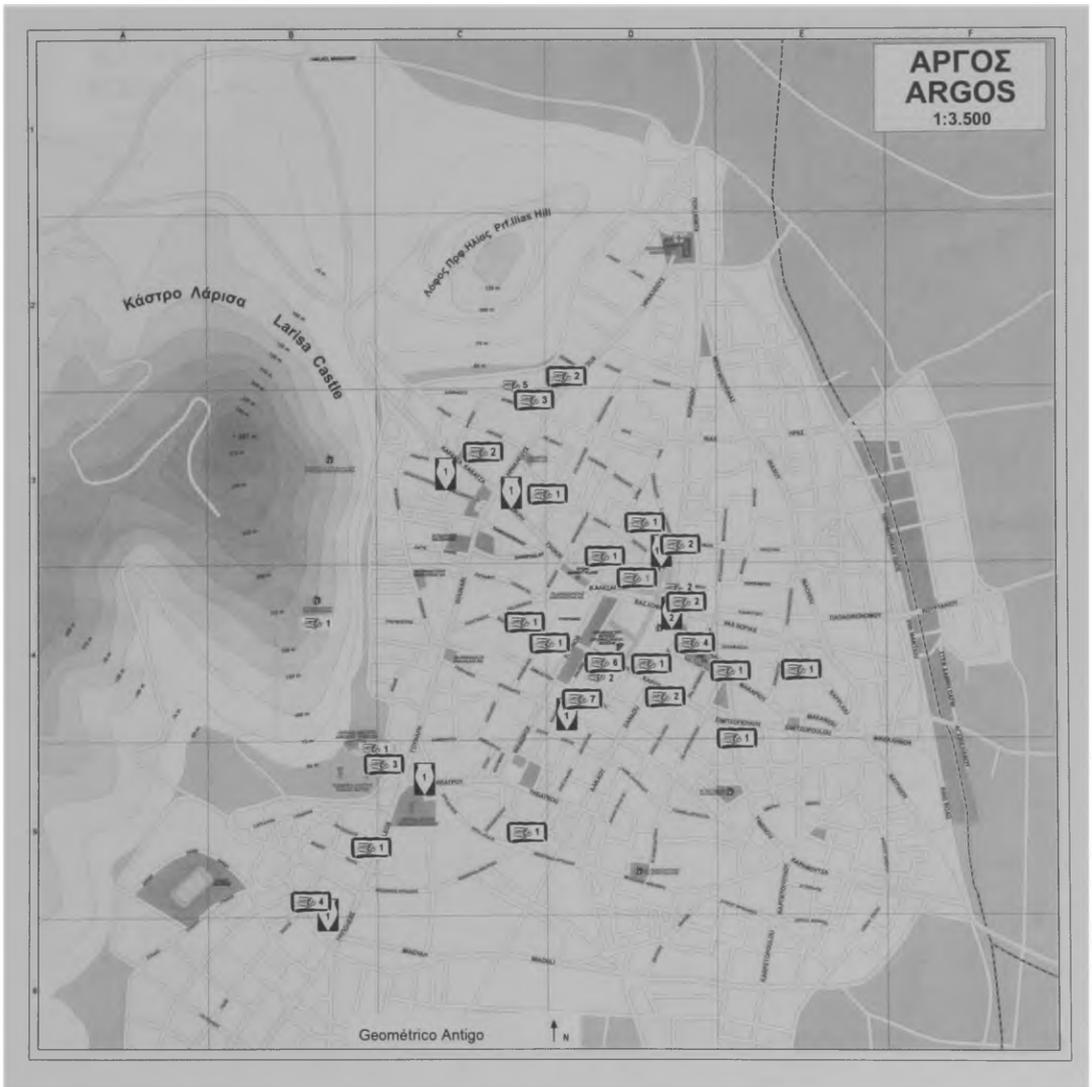
MAPA 3 Mapa de Argos com as áreas de concentração de enterramentos.



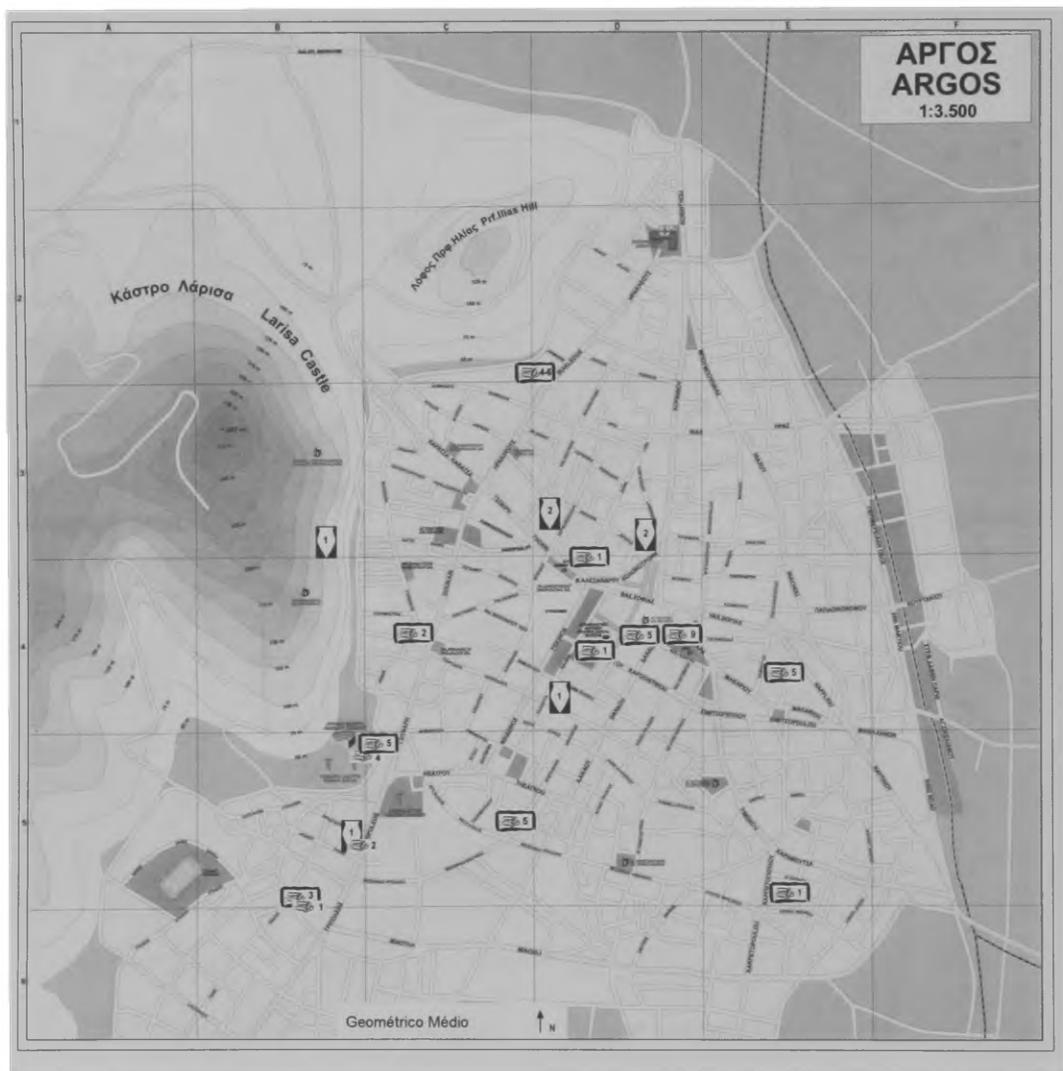
MAPA 4 - Mapa de Argos com a distribuição dos enterramentos do SM.



MAPA 5 - Mapa de Argos com a distribuição dos enterramentos do PG.



MAPA 6 - Mapa de Argos com a distribuição dos enterramentos do GA.



MAPA 7 Mapa de Argos com a distribuição dos enterramentos do GM.



MAPA 8 - Mapa de Argos com a distribuição dos enterramentos do GR.



MAPA 9 - Mapa de Argos com a distribuição dos enterramentos do Período Geométrico.



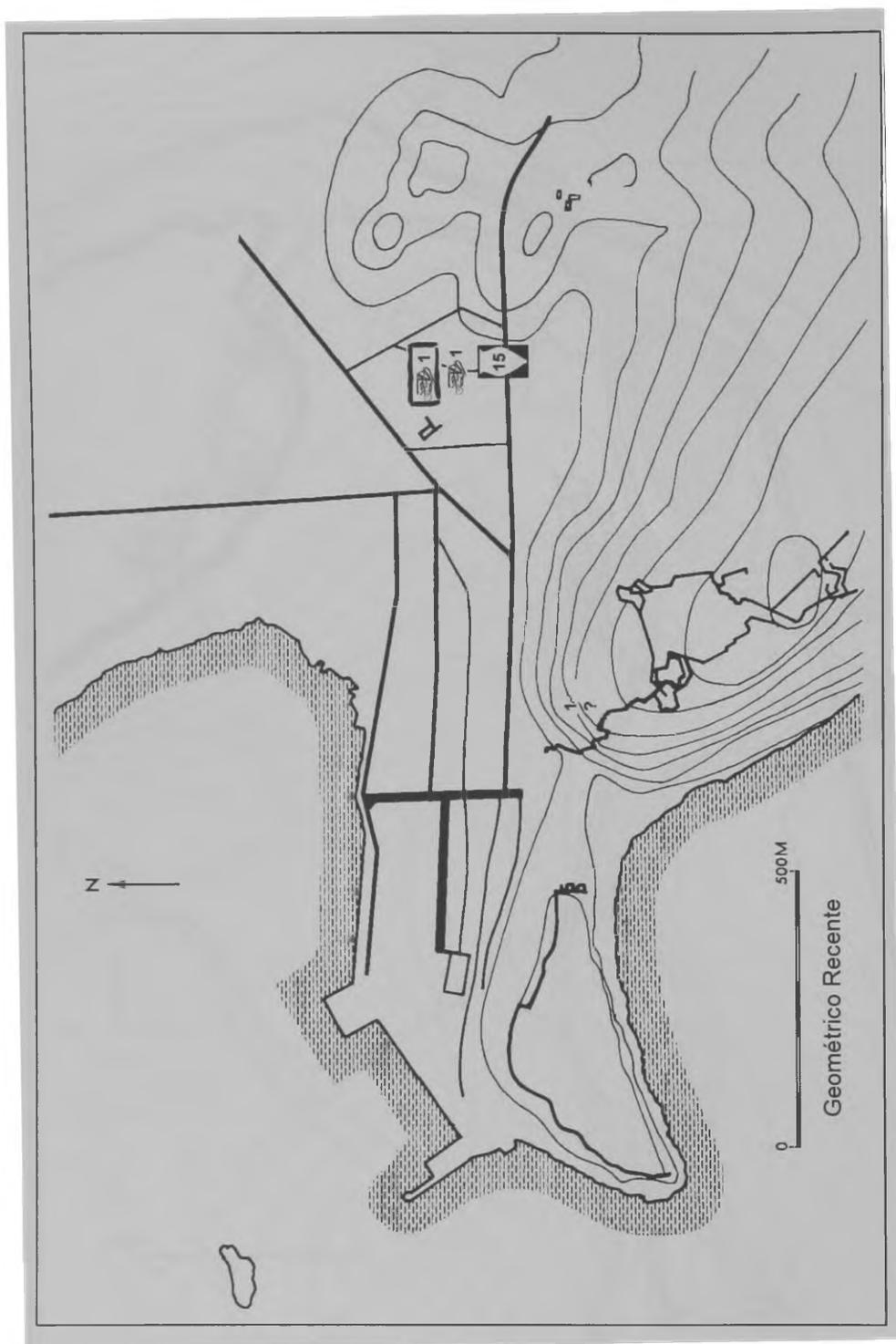
PLANTA 1 Planta de Tirinto com as áreas de concentração e a totalidade de enterramentos datados da Idade do Ferro.



PLANTA 2 - Planta de Asine com as áreas de concentração de enterramentos.



PLANTA 3 - Planta de Micenas com as áreas de concentração de enterramentos.



PLANTA 4 - Planta de Náuplia com a distribuição dos enterramentos do GR.

Legendas dos Mapas e Plantas.

Legenda do Mapa 3.

Número da área no Mapa	Localização (Nome do Terreno escavado)	Área da cidade
1	Necrópole Micênica da Deiras / Terreno Karantanis	NO
2	Terreno Bacaloyannis / Área do Teatro e das Termas Romanas	SO
3	Terreno Kouros	SO
4	Área do Museu	Central
5	Ágora	SO
6	Cemitério Sul	Oeste do SO
7	Bairro dos Refugiados, Praça Kypseli	SO
8	Igreja Aghia Paraskevi, Oeste, flanco da Larissa	NO
9	Capela Panagitsa, Rua Phoroneos	O
10	Sondagem Su82c, Deiras	NO
11	Terreno Theodoropoulos	N
12	Terreno Bertzeletos	Central
13	Terreno Phlessas e Makris	Central
14	Terreno Konstantopoulos	NO
15	Área OTE / Terreno Lynkitsos	C
16	Terreno Desminis	NO
17	Terreno Kypouropoulos / Terreno Kalogeropoulos	NO
18	Terreno Zervos	Central
19	Terreno Papanikolaou	Central
20	Terreno Kosmas / Terreno Kavouzis	NO
21	Terreno Bozonelos	NO
22	Terreno Kotsiopolou	N
23	Rua Danaou, 27	Central
24	Terreno Nikolopoulos	SO
25	Terreno Poulos	Central
26	Terreno Georgopoulos	NO
27	Terreno Antovopoulos	SO
28	Terreno Manou	Central
29	Terreno Passias / Rua Irakleous	NO
30	Terreno Theophanopoulou	SO
31	Sondagem Su80, Terreno Papapaskevas	SO
32	Terreno Tsakirooulos	Central
33	Terreno Tzoulos	Central
34	Terreno Karabelas	Central
35	Terreno Ioannidis	NO
36	Terreno Michalaki	Central
37	Praça Central Dimokratias – dos Stratonies	Central
38	Terreno Xenakis / Rua Irakleous	NO
39	Terreno Dontas	Central
40	Terreno Katsaros ¹	Central
41	Terreno Giagos / Terreno Bonoris	Central
42	Rua 4 Ianouariou 1833	Central

Número da área no Mapa	Localização (Nome do Terreno escavado)	Área da cidade
43	Terreno Alexopoulos	Central
44	Rua Karpetopoulou	SE
45	Rua Gounari	SO
46	Sondagem 70, flanco leste da Larissa	O
47	Rua Miaouli	S
48	Área do Odéon	SO
49	Sondagem Su76, Terreno Phloros	Central
50	Sondagem Su81, Terreno Zacharias e Terreno Tsounkrianis	S
51	Sondagem 74, flanco leste da Larissa	O
52	Sul do Cemitério Sul	SO
53	Rua Dage / Su 78 / Terreno Chr. Hestia	O
54	Terreno Stavropoulos	NO
55	Terreno Raptis	Central
56	Terreno Paraskevopoulos	Central
57	Área do Estádio	SO
58	Terreno Photopoulou	NO
59	Terreno Mastorakos	Centro-Oeste
60	Terreno Pappas / Rua Tripoleos (300 m SE da Ágora)	SO
61	Área do Hospital	N
62	Terreno Nikas	S
63	Terreno Tsouloucha	S
64	Terreno Iliopoulos	Centro-Oeste
65	Terreno Totsikas	NO
66	Terreno Konstantinopoulos	Central
67	Rua Kophiniotou, 27	Central
68	Rua Papalexopoulou	NO
69	Rua Diomidous 48 / 54	NO
70	Terreno Naskos / Rua Tsokri, 144	NO
71	Rua Kalmochou	L
72	Rua Pheidonos, 20	Central
73	Rua Kolokotroni e Rua Gordonos	NO
74	Rua Zographou, 9	Central
75	Ag. Konstantinou	Central
76	Rua Kallergi, próximo ao Museu	Central
77	Rua Irakleous e Rua Aspidos	NO
78	Rua Belinou	Central
79	Rua Polikleitou	NE
80	Rua Tsokri e Rua Danopoulou	Central
81	Rua Asklipiou, nordeste do Teatro	SO
82	Igreja Ag. Konstandikos e Rua Atreos	S
83	Rua do Teatro / Praça 15 de Setembro	SO

Legenda do Mapa 4.

Número da área no Mapa	Localização (Nome do Terreno escavado) – Área da cidade	Quantidade de enterramentos por Tipo de sepultura	Quantidade de enterramentos por Idade
1	Necrópole Micênica da Deiras / Terreno Karantanis – NO	8 covas simples	6 adultos, 2 sem restos ósseos
2	Terreno Bacaloyannis / Área do Teatro e das Termas Romanas – SO	1 cova simples / 1 túmulo ?	1 criança / 1 criança
3	Terreno Kouros – SO	3 cistas	3 adultos
4	Área do Museu – Central	1 cova simples	1 adulto
38	Terreno Xenakis / Rua Irakleous – NO	1 cista	1 adulto
45	Rua Gounari – SO	1 cista	1 adulto

Legenda Mapa 5.

Número da área no Mapa	Localização (Nome do Terreno escavado) – Área da cidade	Quantidade de enterramentos por Tipo de sepultura	Quantidade de enterramentos por Idade
2	Terreno Bacaloyannis / Área do Teatro e das Termas Romanas – SO	10 cistas / 2 covas simples	3 crianças, 6 adultos, 1 poucos restos ósseos / 2 adultos
3	Terreno Kouros – SO	4 cistas	2 crianças / 2 adultos
4	Área do Museu – Central	9 cistas / 4 covas	4 crianças, 5 adultos / 1 criança, 3 adultos
5	Ágora – SO	1 cova simples	1 adulto
6	Cemitério Sul – Oeste do SO	2 cistas	2 crianças
7	Bairro dos Refugiados, Praça Kypseli – SO	1 cista / 1 cova simples	1 adulto / 1 adulto
8	Igreja Aghia Paraskevi, Oeste, flaco da Larissa – NO	1 cista	1 adulto
9	Capela Panagitsa, Rua Phoroneos – O	2 cistas / 1 cova simples	1 criança, 1 adulto / 1 criança
10	Sondagem Su82c, Deiras – NO	1 cista	1 adulto
11	Terreno Theodoropoulos – N	2 cistas	1 criança, 1 adulto
12	Terreno Bertzeletos – Central	1 cova simples	1 adulto
13	Terreno Phlessas / Terreno Makris – Central	1 cista	1 adulto
14	Terreno Konstantopoulos – NO	4 cistas	4 adultos
15	Área OTE / Terreno Lynkitsos – Central	3 cistas	3 adultos
16	Terreno Desminis – NO	3 cistas	3 adultos
17	Terreno Kypouropoulos / Terreno Kalogeropoulos – NO	1 cista	1 adulto
18	Terreno Zervos – Central	1 pito	poucos restos ósseos
19	Terreno Papanikolaou – Central	2 pitos / 1 cista	1 adulto / 1 adulto
20	Terreno Kosmas / Terreno Kavouzis – NO	2 vasos funerários (1 cratera, 1 pito)	2 crianças
21	Terreno Bozonelos – NO	2 cistas	2 adultos
22	Terreno Kotsiopolou – N	3 cistas	1 criança, 2 adultos
23	Rua Danaou, 27 – Central	1 cova simples	1 adulto

Número da área no Mapa	Localização (Nome do Terreno escavado) – Área da cidade	Quantidade de enterramentos por Tipo de sepultura	Quantidade de enterramentos por Idade
24	Terreno Nikolopoulos – SO	1 cista	1 adulto, restos ósseos na área externa
25	Terreno Poulos – Central	4 cistas	1 criança, 2 adultos, 1 sem restos ósseos
26	Terreno Georgopoulos – NO	3 cistas / 5 covas simples / 2 pitos	1 criança, 2 adultos / 5 adultos / 2 adultos
27	Terreno Antovopoulos – SO	3 cistas	1 criança, 2 adultos
28	Terreno Manou – Central	2 cistas / 1 pito	2 adultos / 1 adulto
29	Terreno Passias / Rua Irakleous – NO	1 cova simples / 1 cista	1 adulto / 1 adulto
30	Terreno Theophanopoulou – SO	7 cistas	7 adultos
36	Terreno Michalaki / Rua Kallergi e Rua Seferi – Central	4 covas simples / 2 cistas	1 criança, 3 adultos / 1 adulto, 1 indivíduo (?)
60	Terreno Pappas / Rua Triptoleos (300m SE da Ágora) – SO	1 cista	1 adulto
67	Rua Kophiniotou, 27 – Central	6 cistas / 2 vasos funerários (ânforas)	2 crianças, 4 adultos / 2 crianças
68	Rua Papalexopoulou – NO	2 cistas	2 adultos
69	Rua Diomidous 48 / 54 – NO	3 covas simples	3 adultos

Legenda Mapa 6.

Número da área no Mapa	Localização (Nome do Terreno escavado) – Área da cidade	Quantidade de enterramentos por Tipo de sepultura	Quantidade de enterramentos por Idade
2	Terreno Bacaloyannis / Área do Teatro e das Termas Romanas – SO	3 cistas / 1 cova simples	3 adultos / 1 adulto
4	Área do Museu – Central	6 cistas / 2 covas simples	1 criança, 5 adultos / 1 criança, 1 adulto
5	Ágora – SO	1 vaso funerário (ânfora)	1 criança
6	Cemitério Sul – Oeste do SO	4 cistas / 1 vaso funerário (hídria)	1 criança, 3 adultos / 1 criança
7	Bairro dos Refugiados, Praça Kypseli – SO	1 cista	1 criança
8	Igreja Aghia Paraskevi, Oeste, flanco da Larissa – NO	1 cova simples	1 adulto
13	Terreno Phlessas e Makris – Central	4 cistas	3 adultos, 1 indivíduo (?)
15	Área OTE / Terreno Lynkitsos – NO	1 cisto	1 adulto
19	Terreno Papanikolaou – Central	2 cistas	adultos
20	Terreno Kosmas / Terreno Kavouzis – NO	1 cista	poucos restos ósseos
28	Terreno Manou – Central	2 cistas / 1 ânfora	2 adultos / 1 indivíduo (?)
29	Terreno Passias / Rua Irakleous – NO	2 cistas	2 adultos
31	Sondagem Su80, Terreno Papaparaskevas	1 cista	1 adulto
32	Terreno Tsakirooulos – Central	1 cista	1 adulto
33	Terreno Tzoulos – Central	1 cista	1 adulto

Número da área no Mapa	Localização (Nome do Terreno escavado) – Área da cidade	Quantidade de enterramentos por Tipo de sepultura	Quantidade de enterramentos por Idade
34	Terreno Karabelas – Central	1 cista	1 adulto
35	Terreno Ioannidis – NO	2 cistas	1 criança, 1 adulto
36	Terreno Michalaki / Rua Kalergi e Rua Seferi – Central	7 cistas / 1 pito	3 crianças, 4 adultos / 1 adulto
37	Praça Central Dimokratias - dos Stratonies – Central	1 cista	1 adulto
38	Terreno Xenakis / Rua Irakleous – NO	3 cistas / 5 covas simples	3 crianças / 5 adultos
39	Terreno Dontas – Central	2 cistas / 2 covas simples / 2 pitos	2 adultos / 2 adultos / 2 indivíduos (?)
40	Terreno Katsaros – Central	1 cista	1 adulto
41	Terreno Giagos / Terreno Bonoris – Central	1 cista	1 adulto
42	Rua 4 Ianouariou 1833 – Central	1 cista	1 adulto
67	Rua Kophiniotou, 27 – Central	1 cista	1 adulto
68	Rua Papalexopoulou – NO	1 pito	1 adulto
70	Terreno Naskos / Rua Tsokri, 144 – NO	1 pito	1 indivíduo (?)

Legenda Mapa 7.

Número da área no Mapa	Localização (Nome do Terreno escavado) – Área da cidade	Quantidade de enterramentos por Tipo de sepultura	Quantidade de enterramentos por Idade
2	Terreno Bacaloyannis / Área do Teatro e das Termas Romanas – SO	5 cistas / 4 covas simples	2 crianças, 3 adultos / 1 criança, 3 adultos
4	Área do Museu – Central	1 cista	1 adulto
6	Cemitério Sul – Oeste do SO	3 cistas / 1 cova simples	3 adultos / 1 criança
7	Bairro dos Refugiados, Praça Kypseli – SO	2 covas simples / 1 pito	2 adultos / 1 adulto
13	Terreno Phlessas e Makris – Central	9 cistas	8 adultos, 1 indivíduo ?
17	Terreno Kypouropoulos / Terreno Kalogeropoulos – NO	2 vasos funerários (1 cratera, 1 pito)	1 criança, 1 adulto
28	Terreno Manou – Central	2 vasos funerários (1 pito, 1 ânfora)	1 adulto, 1 indivíduo ?
29	Terreno Passias / Rua Irakleous – NO	4 a 6 cistas	4 a 6 adultos
31	Sondagem Su80, Terreno Papapaskevas – SO	5 cistas	5 adultos
36	Terreno Michalaki / Rua Kalergi e Rua Seferi – Central	1 pito	1 adulto
41	Terreno Giagos / Terreno Bonoris – Central	1 cista	1 adulto
43	Terreno Alexopoulos – Central	5 cistas	5 adultos
44	Rua Karpetopoulou – SE	1 cista	1 criança
45	Rua Gounari – SO	2 cistas	1 adulto, 1 indivíduo ?
46	Sondagem 70, flanco leste da Larissa – O	1 pito	1 adulto

Número da área no Mapa	Localização (Nome do Terreno escavado) – Área da cidade	Quantidade de enterramentos por Tipo de sepultura	Quantidade de enterramentos por Idade
67	Rua Kophiniotou, 27 – Central	5 cistas	5 adultos

Legenda Mapa 8.

Número da área no Mapa	Localização (Nome do Terreno escavado) – Área da cidade	Quantidade de enterramentos por Tipo de sepultura	Quantidade de enterramentos por Idade
1	Necrópole Micênica da Deiras / Terreno Karantanis – NO	1 vaso funerário (cratera)	1 criança
2	Terreno Bacaloyannis / Área do Teatro e das Termas Romanas – SO	2 cistas / 4 vasos funerários (1 ânfora, 2 crateras, 1 píxide)	2 adultos / 3 crianças, 1 adulto
4	Área do Museu – Central	2 cistas / 3 vasos funerários (2 pitos, 1 ânfora) / 2 covas simples	2 adultos / 2 crianças, 1 adulto / 1 criança
6	Cemitério Sul – Oeste do SO	3 cistas / 5 vasos funerários (2 crateras, 2 pitos, 1 jarro), 2 covas simples	3 adultos / 4 crianças, 1 poucos restos ósseos / 2 adultos
7	Bairro dos Refugiados, Praça Kypseli – SO	1 cista / 6 pitos / 1 cova simples	1 adulto / 6 adultos / 1 adulto
11	Terreno Theodoropoulos – N	3 cistas	3 adultos
12	Terreno Bertzeletos – Central	1 cremação / 1 pito	? / 1 criança
13	Terreno Phlessas e Makris – Central	1 cista	1 adulto
15	Área OTE / Terreno Lynkitsos – Central	3 cistas / 3 vasos funerários (1 cratera, 1 ânfora, 1 pito), 1 cova simples	2 adultos, 1 poucos restos ósseos / 1 criança, 2 adultos / 1 adulto
17	Terreno Kypouropoulos / Terreno Kalogeropoulos – NO	2 cistas / 1 pito	2 adultos / 1 adulto
19	Terreno Papanikolaou – Central	1 pito	1 adulto
29	Terreno Passias / Rua Irakleous – SO	7 a 9 cistas / 2 vasos funerários (1 pito, 1 ânfora)	7 a 9 adultos / 2 indivíduos ?
31	Sondagem Su80, Terreno Papapaskevas – SO	19 cistas	19 adultos
36	Terreno Michalaki / Rua Kalergi e Rua Seferi – Central	1 pito	1 adulto
41	Terreno Giagos / Terreno Bonoris – Central	5 cistas	5 adultos
42	Rua 4 Ianouariou 1833 – Central	1 cova simples	1 adulto
43	Terreno Alexopoulos – Central	2 cistas	2 adultos
44	Rua Karpetopoulou – SE	1 vaso funerário (1 cratera)	1 criança
45	Rua Gounari – SO	6 cistas / 6 vasos funerários (5 pitos, 1 cratera)	1 criança, 3 adultos, 2 indivíduos ? / 1 adulto, 5 indivíduos ?

Número da área no Mapa	Localização (Nome do Terreno escavado) – Área da cidade	Quantidade de enterramentos por Tipo de sepultura	Quantidade de enterramentos por Idade
46	Sondagem 70, flanco leste da Larissa – O	3 pitos / 1 cova simples	3 adultos / 1 adulto
47	Rua Miaouli – S	1 cista	1 adulto
48	Área do Odéon – SO	1 cista / 3 vasos funerários (1 ânfora, 2 pitos)	1 adulto / 1 criança, 1 adulto
49	Sondagem Su76, Terreno Phloros – Central	2 pitos	2 adultos
50	Sondagem Su81, Terreno Zacharias e Terreno Tsounkrianis – S	1 pitos / 3 covas simples	1 adulto / 3 adultos
51	Sondagem 74, flanco leste da Larissa – O	1 cratera	1 criança
52	Sul do Cemitério Sul – SO	1 cratera / 1 cova simples	1 criança / 1 adulto
54	Terreno Stavropoulos – NO	1 cista	1 adulto
55	Terreno Raptis – Central	1 cista	1 adulto
56	Terreno Paraskevopoulos – Central	2 cistas	2 adultos
57	Área do Estádio – SO	2 pitos	2 adultos
58	Terreno Photopoulou – NO	2 pitos	1 criança, 1 com poucos restos ósseos
59	Terreno Mastorakos – Centro-Oeste	3 pitos	2 adultos, 1 sem restos ósseos
60	Terreno Pappas / Rua Tripoleos (300 m SE da Ágora) – SO	1 cista	1 adulto
62	Terreno Nikas – S	1 pito	1 indivíduo ?
63	Terreno Tsouloucha – S	2 covas simples	2 adultos
64	Terreno Iliopoulos – Centro-Oeste	1 vaso funerário (cratera)	1 criança
65	Terreno Totsikas – NO	1 cista	1 adulto
66	Terreno Konstantinopoulos – Central	1 pito	1 indivíduo ?
67	Rua Kophiniotou, 27 – Central	1 cista	1 adulto
71	Rua Kalmochou – L	11 vasos funerários (4 pitos, 2 ânforas, 5 crateras)	4 adultos, 7 crianças

Legenda Planta 1.

Número da área no Mapa	Localização (Nome da área escavada)
1	Necrópole Sudoeste (Terreno A)
2	Área Phylaki
3	Secção Oeste da Cidadela (Stadt-West)
4	Secção H. Sudeste da Cidadela
5	Terreno Daskalakis
6	Terreno Mermingis
7	Terreno Tsekrekos
8	Túmulo O. Rhevma

Número da área no Mapa	Localização (Nome da área escavada)
9	Túmulo N. Nordeste da Cidade Baixa. Terreno Petroulas
10	Túmulo M
11	Terreno Bavela

Legenda Planta 2.

Número da área no Mapa	Localização (Nome da área escavada)
1	Área da Cidade Baixa – Terraço IV-VI
2	Área da Cidade Baixa – Terraço II
3	Terreno Gogonas / Lote Kapsorachis e Terreno Samaras
4	Área da Necrópole Micênica I
5	Área da Necrópole Micênica II
6	Nordeste da Colina Barbouna
7	Terreno Karmaniola
8	Terrenos Levendis
9	Área da Acrópole

Legenda Planta 3.

Número da área no Mapa	Localização (Nome da área escavada)
1	Nordeste da Porta dos Leões
2	Norte da Acrópole Micênica
3	Área externa da Porta dos Leões
4	Área interna da Porta do Leões
5	Necrópole Proto-histórica
6	Casa Sul
7	Casa da Cidadela
8	Casa de Tsountas
9	Sul da Fonte Perseia
10	Leste do Túmulo de Clitemnestra
11	Sul do Círculo Tumular B
12	Casa dos Escudos
13	Casa das Esfinges
14	Nordeste do Túmulo de Atreu

Legenda Planta 4.

Número da área no Mapa	Localização (Nome da área escavada)
1	Terreno Pronoia Tryantaphillos, Nordeste da Colina Palamidi / Rua 25 de Março
2	Praça Evangelistria
3	Palamidi Necrópole Micênica
4	Encosta Noroeste da Colina Palamidi

Referências Bibliográficas.

A) Fontes Antigas.

- HERÓDOTO.
1998 *História. O retrato clássico da Guerra entre Gregos e Persas.* J. Brito Broca (trad.) Clássicos Ilustrados, São Paulo: Prestígio Editorial, Ediouro.
- HESÍODO.
2002 *Os Trabalhos e os Dias.* M. C. Neves Lafer (trad.) Biblioteca Pólen, São Paulo: Iluminuras.
- HESÍODO.
1992 *Teogonia. A Origem dos Deuses.* J. Torrano (trad.) Biblioteca Pólen, São Paulo: Iluminuras, 2ª. edição.
- HOMERO.
2002 *Iliada.* Trajano Vieira (org.) e Haroldo de Campos (trad.), Volumes I e II, São Paulo: Editora Arx.
- HOMERO.
1996 *Odisseia.* M. Odorico Mendes (trad.) Texto & Arte, São Paulo: EDUSP, 2ª. edição.
- PAUSÂNIAS.
1954 *Description of Greece.* W. H. S. Jones, H. A. Ormerod London (trad.), Volumes I-V, Cambridge: William Heinemann: Harvard University Press.
- TUCÍDIDES.
2001 *História da Guerra do Peloponeso.* M. Gama Kury (trad.) Clássicos IPRI, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- B) Crônicas, Relatórios e Artigos em periódicos e Publicações sistemáticas sobre os túmulos da Idade do Ferro nos sítios da Argólida utilizados na elaboração do Catálogo.**
- B.1) Geral (para todos os sítios):**
- COURBIN, P.
1966 *La Céramique Géométrique de l'Argolide,* Paris.
- COURBIN, P.
1977 Review of "Die Gräber der Argolis in sumykenischer, protogeometrischer und geometrischer Zeit" by R. Hägg" RA: 326-30.
- FOLEY, A.
1988 *The Argolid 800-600 B.C.* SIMA, vol. LXXX, Göteborg.
- FOLEY, A.
1998 Ethnicity and the Topography of Burial Practices in the Geometric Period. In: PARIENTE, A. et TOUCHAIS, G. (eds.) *Argos et l'Argolide. Topographie et Urbanisme. Actes de la Table Ronde Internationale 28/4 - 1/5/1990 - Athènes, Argos. Recherches Franco-Helléniques III:* 137-43.
- HÄGG, R.
1974. *Die Gräber der Argolis in sumykenischer, protogeometrischer und geometrischer Zeit. 1. Lage und Form der Gräber.* ActaUnivUpsalienses. BOREAS 7:1. Uppsala: Distributor Almqvist & Wiksell International.
- HÄGG, R.
1980 Some Aspects of the Burial Customs of the Argolid in the Dark Age. AAA XIII: 119-26.
- HÄGG, R.
1987 Submycenaean Cremation Burials in the Argolid? In: LAFFINEUR, R. (Ed.) *Thanatos. Les coutumes funéraires em Egée à l'Âge du Bronze. Actes du Colloque de Liège (21-23 avril 1986).* AEGAEUM 1: 207-12.
- HÄGG, R.
1998 Argos and Its Neighbours: Regional Variations in the Burial Practices in the Protogeometric and Geometric Periods. In: PARIENTE, A. et TOUCHAIS, G. (eds.) *Argos et l'Argolide. Topographie et Urbanisme. Actes de la Table Ronde Internationale 28/4 - 1/5/1990 - Athènes, Argos. Recherches Franco-Helléniques III:* 131-135.
- JANESON, M. H.; RUNNELS, C. N.; VAN ANDEL, T. H. (eds.)
1994 *A Greek Countryside. The Southern Argolid from Prehistory to the Present Day.* Stanford: Stanford University Press.
- KILIAN-DIRLMEIER, I.
1984 *Nadeln der fruhhelladischen bis archaischen Zeit von der Peloponnes.* Prähistorische Bronzefunde. XIII.8. Munich.
- LANGDON, S.
1995 The Pottery of the Early Iron Age and Geometric Periods. In: RUNNELS, C.; PULLEN, D. J.; LANGDON, S. (eds.) *Artifacts and Assemblage. The Finds from a Regional Survey of the Southern Argolid, Greece. Vol. 1.* Stanford: Stanford University Press: 57-73.

- MORGAN, C. and WHITELAW, T.
1991 Pots and Politics: ceramic evidence for the rise of the Argive state. *AJA* 95: 79-108.
- STYRENIUS, C.-G.
1967. *Submycenaean Studies. Examination of the finds from Mainland Greece, with a chapter on the Attic Protoegeometric Graves. ActaInstAthenSuecicae. Series in 8°, Vol. VII.* Lund.
- TOUCHAIS, A.
2011 "Cycle of Collapse in Greek Prehistory": reassessing social change at the beginning of the Middle Helladic and the Early Iron Age. In: MAZARAKIS, A. A. (ed.) *The "Dark Ages" Revisited. Acts of an International Conference in Memory of William D. E. Coulson, Volos 14-17 June, 2007. Volume I.* University of Thessaly Press: Volos: 31-44.
- TOUCHAIS, G. et DIVARI-VALAKOU, N.
1998 Argos du Néolithique à l'époque Géométrique: Synthèse des données archéologiques. In: PARIENTE, A. et TOUCHAIS, G. (eds.) *Argos et l'Argolide. Topographie et Urbanisme. Actes de la Table Ronde Internationale 28/4 - 1/5/1990 - Athènes, Argos. Recherches Franco-Helléniques III:* 9-18.
- B.2) Argos.**
- COURBIN, P.
1956-1959 *Archives Manuscrites, École Française d'Athènes, FPC 6,1.*
- COURBIN, P.
1960-1971 *Archives Manuscrites, École Française d'Athènes, FPC 6,4.*
- COURBIN, P.
1982-1988 *Archives Manuscrites, École Française d'Athènes, FPC 1,3.*
- GARLAN, Y.
1966 (b) Rapport des fouilles, *Archives Manuscrites, École Française d'Athènes, Argos 1.*
- SODINI, J.-P.
1967 *Archives Manuscrites, École Française d'Athènes, Arg 110.*
- ArchDelt* 16 (1960) [1962], B1: 33.
ArchDelt 17 (1961/62) [1963], B1: 55-57.
ArchDelt 18 (1963) [1965], B1: 57-63.
ArchDelt 19 (1964) [1966], B1: 123-27.
ArchDelt 21 (1966) [1967], B1: 125-130.
- ArchDelt* 22 (1967) [1968], B1: 169-78.
ArchDelt 23 (1968) [1969], B1: 127-31.
ArchDelt 24 (1969) [1970], B1: 106-111.
ArchDelt 25 (1970) [1972], B1: 154-55.
ArchDelt 26 (1971) [1974], B1: 74-83.
ArchDelt 27 (1972) [1976], B1: 192-212.
ArchDelt 28 (1973) [1977], B1: 94-135.
ArchDelt 29 (1973/74) [1979], B2: 205-49.
ArchDelt 35 (1980) [1988], B1: 111-20.
ArchDelt 36 (1981) [1989], B1: 107-16.
ArchDelt 40 (1985) [1993], B1: 86-91.
ArchDelt 46 (1991) [1996], B1: 88-104.
ArchDelt 47 (1992) [1997], B1: 85-93.
ArchDelt 49 (1994) [1999], B1: 128-45.
ArchDelt 50 (1995) [2000], B1: 92-101.
ArchDelt 51 (1996) [2001], B1: 87-90, 180-81.
ArchDelt 52 (1997) [2002], B1: 133-39.
ArchDelt 53 (1998) [2004], B1: 109-128.
ArchDelt 54 (1999) [2005], B1: 137-45.
- BCH 77 (1953): 258-63.
BCH 78 (1954): 175-83.
BCH 83 (1959): 754-68.
BCH 91 (1967): 801-49.
BCH 94 (1970): 765-71.
BCH 95 (1971): 736-41, 865-67.
BCH 101 (1977): 544-49.
BCH 102 (1978): 661-66.
BCH 104 (1980): 595-99.
BCH 105 (1981): 787, 891-917.
BCH 106 (1982): 640.
BCH 125 (2001): 563-80.
BCH 128-129 (2004-2005) : 1315-18.
Prakt (1952) [1955]: 413-26.
- AMANDRY, A.
1983 Le Bouclier d'Argos. *BCH* 107: 627-34.
- ARNOLD, I. R.
1937 The Shield of Argos. *AJA* 41: 436-40.
- BOMMELAER, J.-F.
1972 Nouveaux Documents de Céramique Protoargienne. *BCH* 96: 229-51.

- BOMMELAER, J-F
1977 Review of "Tombe Géométriques d'Argos I (1952-1958)" by P. Courbin. RA: 330-32.
- BOMMELAER, J-F
1980 Le Premier Motif Figuré de la Céramique Argienne. In : *Études Argiennes*. BCH Suppl. 6. Athènes, Paris: 53-73.
- BOMMELAER, J.-F. et GRANDJEAN, Y.
1972 Recherches dans le Quartier Sud d'Argos. BCH 96 : 155-228.
- BRUNEAU, P.
1970 Tombe d'Argos. BCH 94 : 437-531.
- CHARITONIDIS, S.
1954 Recherches dans le Quartier Est d'Argos. BCH 78 : 410-26.
- CHARLES, R. P.
1958 Étude Anthropologique des Nécropoles d'Argos. Contribution à l'étude des populations de la Grèce Antique. BCH 82: 268-313.
- CHARLES, R. P.
1963 *Étude Anthropologique des Nécropoles d'Argos. Contribution à l'étude des populations de la Grèce Antique. Études Péloponnésienes*, 3. École Française d'Athènes, Paris: Librairie J. Vrin.
- COURBIN, P.
1957 Une Tombe Géométrique d'Argos. BCH 81: 322-86.
- COURBIN, P.
1963 Stratigraphie et Stratigraphie. Méthodes et perspectives. In : CORBIN, P. (ed.) *Études Archéologiques : recueil de travaux*. Paris S.E.V.P.E.N: 59-102.
- COURBIN, P.
1983 Obéloi d'Argolide et d'ailleurs. In: HÄGG, R. (ed.) *The Greek Renaissance of the Eight Century B. C.: Tradition and Innovation. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4^o, 30. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 149-56.
- COURBIN, P.
1974 *Les Tombe Géométriques d'Argos, I (1952-1958). Études Péloponnésienes VII*. École Française d'Athènes, Paris: Librairie J. Vrin.
- COURBIN, P.
1992 La Signification du Géométrique Argien. In: *Polydipsion Argos. Argos de la Fin des Palais Mycéniens à la Constitution de l'État Classique*. Fribourg (Suisse) 7-9 Mai 1987. Études Rassemblées par Marcel Piérart. BCH Suppl. 22: 55-64; pl. 18-21.
- CROISSANT, F.
1992 Les Débuts de la Plastique Argienne. In: *Polydipsion Argos. Argos de la Fin des Palais Mycéniens à la Constitution de l'État Classique*. Fribourg (Suisse) 7-9 Mai 1987. Études Rassemblées par Marcel Piérart. BCH Suppl. 22: 69-86; pl. 22-32.
- DESHAYES, J.
1966 *Argos. Les Fouilles de la Deiras. Études Péloponnésienes IV*. École Française d'Athènes, Paris: Librairie J. Vrin.
- FOLEY, A.
1995 Idle Speculation about Argos? Some Thoughts on the Present State of Eighth and Seventh Century Argive Studies. In: *Klados – Essays in Honour of J. N. Coldstream*. BICS – Suppl. 63: 79-86.
- HÄGG, R.
(Obra não publicada) Tab. 42: *Die Grabungsstellen in Argos – Lage und Ausgräber (Nachtrag zu Tab. 2, oben S. 18-19) – Arquivo pessoal não publicado, cortesia do autor.*
- HÄGG, R.
(Obra não publicada) Tab. 43: *Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 3, oben S. 22 f.) – Arquivo pessoal não publicado, cortesia do autor.*
- HÄGG, R.
(Obra não publicada) Tab. 44: *Grabfunde von Argos, nicht-griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 4, oben S. 24) – Arquivo pessoal não publicado, cortesia do autor.*
- HÄGG, R.
1982 Zur Stadtwerdung des dorischen Argos" In: PAPPENFUSS, F. und STROCKA, V. M. (eds.) *Palast und Hutte. Beiträge zum Bauen und Wohnen im Altertum von Archäologen, Vor- und Frühgeschichtlern. Tagungsbeiträge eines Symposiums der Alexander von Humboldt-Stiftung Bonn – Bad Godesberg veranstaltet vom 25-30 November 1979 in Berlin*. Berlin: Zaberndruck, Mainz am Rhein: 297-307.
- HÄGG, R.
1983 Burial Customs and Social Differentiation in 8th-Century Argos. In: HÄGG, R. (ed.). *The Greek Renaissance of the Eight Century B. C.: Tradition and Innovation. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4^o, 30. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 27-31.

- HÄGG, R.
1992 A Scene of Funerary Cult from Argos. HÄGG, R. (ed.) *Kernos*, Suppl. 1. *The Iconography of Greek Cult in the Archaic and Classical Periods. Proceedings of the First International Seminar on Ancient Greek Cult, organized by the Swedish Institute at Athens and the European Cultural Centre of Delphi, Delphi, 16-18, November 1990*. Athènes, Liège: Centre d'Étude de la Religion Grecque Antique: 169-76.
- HAPIOT, L.
(em curso) *Alimentation, hygiène et environnement sanitaire dans le monde égéen ancien*. Thèse de doctorat, Département d'Archéologie, Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne.
- KANTAS, A.
1975 The Tripolis Street Graves at Argos. *AAA VIII*: 259-75.
- KOKKOU-VIRIAI, K.
1977 Τέσσερις Πρωτογεωμετρικοί Τάφοι στο Αργος. *ArchEph*: 171-94.
- KRYSTALLI-VOTSI, K.
1980 Cratère Géométrique d'Argos. In: *Études Argiennes*. *BCH Suppl. VI*. Athènes, Paris: 85-92.
- PALÉOLOGOU, H.
1980 Un Vase Géométrique Figuratif d'Argos. In: *Études Argiennes*. *BCH Suppl. VI*. Athènes, Paris: 75-84.
- PAPACHRISTODOULOU, I. Ch.
1969 Ειδήσεις εξ Αργους. *AAA II*: 159-61.
- PAPPI, E.
2006 Argive Geometric Figured Style. The rule and the exception. In: RYSTEDT, E. and WELLS, B. (eds.) *Pictorial Pursuits: Figurative Painting on Mycenaean & Geometric Pottery. Papers from Two seminars at the Swedish Institute at Athens in 1999 & 2001*. *ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°, LIII. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 229-37.
- PAPPI, E. and TRIANTAPHILLOU, S.
2011 Mortuary Practices and the Human Remains: a preliminary study of the geometric graves in Argos, Argolid. In: MAZARAKIS, A. A. (ed.) *The "Dark Ages" Revisited. Acts of an International Conference in Memory of William D. E. Coulson, Volos 14-17 June, 2007*. Volume II. University of Thessaly Press: Volos: 717-732.
- PROTONOTARIOU-DEILAKI, E.
1980 Οι Τύμβοι Του Αργους. Athina.
- PROTONOTARIOU-DEILAKI, E.
1982 Απο το Αργος του 8ου και 7ου ΑΙ Π. Χ. *ASAtene* 60: 33-48.
- PROTONOTARIOU-DEILAKI, E.
1970 Πρώιμος Γεωμετρικός Τάφος εξ Αργους. *AAA III*: 180-83.
- ROES, A.
1953 Fragments de Poterie Géométrique trouvés sur les Citadelles d'Argos. *BCH 77* : 90-104.
- ROLLEY, C.
1992 Argos, Corinthe, Athènes. Identité Culturelle et Modes de Développement (IXe – VIIIe s.). In: *Polydipsion Argos. Argos de la Fin des Palais Mycéniens à la Constitution de l'État Classique*. Fribourg (Suisse) 7-9 Mai 1987. Études Rassemblées par Marcel Piéart. *BCH Suppl. 22*: 37-49; pl. 13-17.
- VOLLGRAFF, W.
1904 Fouilles d'Argos. *BCH 28*: 365-68.
- B.3) Tirinto.**
AA (1927) : 368.
AA (1969): 11.
AA (1978) : 449-70.
AAA 7 (1974): 18-19.
ArchDelt 17 (1961/62) [1963], B1: 54-55.
ArchDelt 22 (1967) [1968], B1: 180-81.
ArchDelt 24 (1969) [1970], B1: 104.
ArchDelt 25 (1970) [1972], B1: 156-57.
ArchDelt 30 (1975) [1983], B1: 60.
ArchDelt 35 (1980) [1988], B1: 124.
BCH 97 (1973): 298-99.
BCH 99 (1975): 613-17.
BCH 101 (1977): 549-51.
BCH 104 (1980): 601-02.
BCH 105 (1981): 789-92.
BCH 106 (1982): 547.
BCH 108 (1984): 759-60.
BCH 125 (2001): 831-33.
GNOMON 3 (1927): 188.
- BREITINGER, E.
1980 Skelette spätmykenischer Gräber in der Unterburg von Tiryns. In: GROSSMANN, P. *Tiryns. Forschungen und Berichte. Band IX. Grabungen in der Unterburg 1971*. Deutsches Archaeologisches Institut Athen. Germany: Gesamtherstellung und Gestaltung Philipp von Zabern, Mainz: 181-86.

- DÖHL, H.
1975 Tiryns-Stadt: Sondage 1968. In : *Forschungen und Berichte. Band VIII.* Deutsches Archaeologisches Institut Athen. Germany: Gesamtherstellung und Gestaltung Philipp Von Zabern, Mainz, p.152-53.
- GERCKE, P.
(Obra não publicada). *Geometrische Keramik und Kleinfunde 1884 bis 1974. Mit submykenischen Vorläufern und subgeometrischen Ausläufern.* Arquivo pessoal não publicado, cortesia do autor.
- GERCKE, P und HIESEL, G.
1969 Tiryns 1968 und 1969. AAA 2: 350-51.
- GERCKE, P und HIESEL, G.
1971 Grabungen in der Unterstadt von Tiryns von 1889 bis 1929. In: *Tiryns. Forschungen und Berichte. Band V.* Deutsches Archaeologisches Institut Athen. Germany: Gesamtherstellung und Gestaltung Philipp von Zabern, Mainz: 1-23.
- GERCKE, P und HIESEL, G.
1975 Tiryns-Stadt 1971: Graben H. In: *Forschungen und Berichte. Band VIII.* Deutsches Archaeologisches Institut Athen. Germany: Gesamtherstellung und Gestaltung Philipp von Zabern, Mainz: 7-36.
- GERCKE, P und NAUMANN, U.
1974a. Tiryns-Stadt 1971. AAA 7.1: 15-21.
- GERCKE, P und NAUMANN, U.
1974b. Tiryns-Stadt 1972. AAA 7.1: 21-24.
- GROSSMANN, P.
1980 *Tiryns. Forschungen und Berichte. Band IX. Grabungen in der Unterburg 1971.* Deutsches Archaeologisches Institut Athen. Germany: Gesamtherstellung und Gestaltung Philipp von Zabern, Mainz.
- HÄGG, R.
(Obra não publicada) *Tab. 48: Grabfunde von Tiryns (Nachtrag zu Tab. 17, oben S. 76)* – Arquivo pessoal não publicado, cortesia do autor.
- KARO, G.
1930 Schatz von Tiryns. AM 55: 119-20.
- KARO, G.
1934 *Führer durch Tiryns. 2.* Athen: Deutsches archaeologisches Institut Athen.
- KARO, G.
1975 *Führer durch Tiryns von den Mitarbeitern der Grabung herausgeben von ulf Jantzen.* Athen: Deutsches archaeologisches Institut Athen.
- KUNZE, E.
1952 Eine protogeometrische Amphora aus Melos. *ÖJh XXXIX* : 53-7.
- MARAN, J. and PAPANIMITRIU, A.
2006 *Forschungen im Stadtgebiet von Tiryns 1999-2002.* AA: 97-169.
- MULLER, W. und OELMANN, F.
1912 Die Nekropole der 'geometrischen' Periode. In: Frickenhaus, A.; Muller, W.; Oelmann, F. *Tiryns I.* Die Ergebnisse der Ausgrabungen des Instituts. Athens: Eleutheroudakis und Barth.
- PAPANIMITRIU, A.
1987 *Die fruheisenzeitliche bemalte Keramik aus Tiryns. Die Phasen I-IV.* Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der Philosophischen Fakultäten der Albert-Ludwigs-Universität zu Freiburg i.Br. Athen - Griechenland. Tese de Doutorado não publicada, cortesia da autora.
- PAPANIMITRIU, A.
1988 Bericht zur fruheisenzeitlichen Keramik aus der Unterburg von Tiryns. Ausgrabungen in Tiryns 1982/83. AA: 227-43.
- PAPANIMITRIU, A.
1998 Η Οικιστική Εξέλιξη Της Τιρυρθας μετά Τη Μυκηναϊκή Εποχή. Τα Αρχαιολογικά Ευρήματα και η Ιστορική Ερμηνεία τους. In: PARIENTE, A. et TOUCHAIS, G. (eds.) *Argos et l'Argolide. Topographie et Urbanisme.* Actes de la Table Ronde Internationale 28/4 – 1/5/1990 – Athènes, Argos. *Recherches Franco-Helléniques III* : 117-30.
- PAPANIMITRIU, A.
2003 Αργοναύτης : τιμητικός τόμος για τον καθηγητή Χρίστο Γ. Ντούμα από τους μαθητές του στο Πανεπιστήμιο Αθηνών (1980-2000). Η Καθημερινή Α. Ε. Athina: 713-28.
- PAPANIMITRIU, A.
2006 The Early Iron Age in the Argolid: some new aspects. In: DEGER-JLKOTZY, S. and LEMOS, I. (eds.) *Ancient Greece. From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer.* Edinburgh Leventis Studies 3. Edinburgh: Edinburgh University Press: 531-47.
- RULDOPH, W.
1973 Die Nekropole am Prophitis Elias bei Tiryns. In: *Tiryns. Forschungen und Berichte. Band VI.* Deutsches Archaeologisches Institut Athen. Germany: Gesamtherstellung und Gestaltung Philipp Von Zabern, Mainz.
- VERDELIS, N.
1963 Neue geometrische Gräber in Tiryns. AM 78: 1-62.

B.4) Asine.

AAA IV (1971), p. 147-48.

ArchDelt 25 (1970) [1972], B1: 158-59.

ArchDelt 26 (1971) [1974], B1: 113-14.

ArchDelt 28 (1973) [1977], B1: 156-59.

BCH 97 (1973): 299.

BCH 99 (1975): 617.

BCH 101 (1977): 551.

BCH 125 (2001): 833.

BACKE-FORSBERG, Y.; FOSSEY, J. M.; FRIZELL, B. and HÄGG, R. (eds.)

1978 *Excavations in the Barbouna Area at Asine*. Fasc. 2. Finds from the Levendis Sector, 1970-72. *BOREAS* 4:2. Uppsala.

DIETZ, S.

1982 *Asine II. Results of the Excavations East of the Acropolis 1970-1974*. Fasc. 1. General Stratigraphical Analysis and Architectural Remains. *ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag.

FOSSEY, J. M. and HÄGG, I.

1980 *Excavations in the Barbouna Area at Asine*. Fasc. 4. The Hellenistic Nekropolis and Later Structures on the Middle Slopes, 1973-77. *ActaUnivUpsalienses*. *BOREAS* 4:4. Uppsala: Distributor Almqvist & Wiksell International.

FRÖDIN, Otto and PERSSON, Axel W.

1938 *Asine. Results of the Swedish Excavations 1922-1930*. Stockholm.

HÄGG, R.

(Obra não publicada) *Tab. 45: Grabfunde von Asine (Nachtrag zu Tab. 6, oben S. 49)* – Arquivo pessoal não publicado, cortesia do autor.

HÄGG, R.

1965 Geometrische Gräber von Asine. *OpAth* VI: 117-38, tafels I-IV.

HÄGG, R. and HÄGG, I.

1973 *Excavations in the Barbouna Area at Asine*. Fasc. 1. *ActaUnivUpsalienses*. *BOREAS* 4:1. Uppsala: Distributor Almqvist & Wiksell International.

HÄGG, R.

1971 Protogeometrische und geometrische Keramik in Nauplion. *OpAth* X: 41-52.

RENAUDIN, L.

1921 Note sur le Site d'Asinè en Argolide. *BCH* 45: 295-308.

STYRENIUS, C.-G.

1998 *Asine. A Swedish excavation site in Greece*. Stockholm: Medelhavsmuseet.

WELLS, B.

1976 *Asine II. Results of the Excavations East of the Acropolis 1970-1974*. Fasc. 4. The Protogeometric Period. Part 1. The Tombs. *ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag.

WELLS, B.

1983a. *Asine II. Results of the Excavations East of the Acropolis 1970-1974*. Fasc. 4. The Protogeometric Period. Part 2. An Analysis of the Settlement. *ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag.

WELLS, B.

1983b. *Asine II. Results of the Excavations East of the Acropolis 1970-1974*. Fasc. 4. The Protogeometric Period. Part 3. Catalogue of Pottery and other Artefacts. *ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag.

WELLS, B.; HAGG, R.; NORDQUIST, G. C. (eds.)

1996 *Asine III. Supplementary Studies on the Swedish Excavations 1922-1930*. *ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag.

B.5) Micenas.

ArchDelt 16 (1960) [1962], B1: 89-91.

ArchDelt 19 (1964) [1966], B1: 131-33.

ArchDelt 20 (1965) [1967], B1: 164-65.

ArchEph (1891): 27-8.

ArchRep (1963-1964):8.

BCH 78 (1954): 113-17.

BCH 105 (1981): 787.

Ergon (1971): 136-37.

Prakt (1893): 8.

Prakt (1953) [1956]: 205-37.

Prakt (1954) [1957]: 242-69.

Prakt (1966) [1968]: 103-14.

Prakt (1968) [1970]: 5-11.

Prakt (1971) [1973]: 146-56.

Prakt (1987) [1991]: 44-51.

- DESBOROUGH, V. R. d'A.
1954 *Mycenae 1939-1953. Part V. Four Tombs.* BSA 49: 258-266.
- DESBOROUGH, V. R. d'A.
1955 *Mycenae 1939-1954. Three Geometric Tombs.* BSA 50: 239-47.
- DESBOROUGH, V. R. d'A.
1956 *Mycenae 1939-1955. Part III. Two Tombs.* BSA 51: 128-30.
- DESBOROUGH, V. R. d'A.
1973 *Late burials from Mycenae.* BSA 68: 87-101.
- EVANGELIDIS, D.
1912 *Εκ της Μυκηνών Γεωμετρικής Νεκροπόλεως.* ArchEph: 127-41.
- PERROT G. et CHIPIEZ, C.
1898 *Histoire de l'Art dans l'Antiquité. Tome VII. La Grèce de l'épopée. La Grèce Archaique. (Le Temple).* Paris: Librairie Hachette.
- WACE, A. J. B.
1921/23 *Excavations at Mycenae.* BSA 25: 1-126.
- WACE, A. J. B.
1932 *Chamber Tombs at Mycenae.* Archaeologia 82: p. 11-15.
- WACE, A. J. B.
1949 *Mycenae. An archaeological history and guide.* Princeton, N.J.

B.6) Náuplia.

- AM 35 (1910), p. 34.
- ArchDelt 28 (1973) [1977], B1: 89-94.
- ArchDelt 29 (1973/74) [1979], B2: 247-48.
- BCH 78 (1954): 119.
- BCH 79 (1955): 236-39.
- BCH 104 (1980): 603.
- BCH 125 (2001): 833.
- Ergon (1954): 32-4.
- Prakt (1953) [1956]: 191-204.
- Prakt (1954) [1957]: 232-41.
- Prakt (1955) [1959]: 233-35.
- GRAEF, B.
1909-14 *Die antiken Vasen von der Akropolis zu Athen.* Heft 1-3. Berlin.
- HÄGG, R.
(Obra não publicada) Tab. 47: *Grabfunde von Nauplia (Nachtrag zu Tab. 15, oben S. 72)* - Arquivo pessoal não publicado, cortesia do autor.

- HÄGG, R.
1971 *Protogeometrische und geometrische Keramik in Nauplion.* OpAth X (1971): 41-52.

B.7) Lerna / Myloi.

- ArchDelt 22 (1967) [1968], B1: 182.
- ArchDelt 26 (1971) [1973], B1: 83-4.
- ArchDelt 29 (1973/74) [1979], B2: 247.
- BCH 78 (1954): 117-19.
- Hesperia 23 (1954): 3-30.
- Hesperia 24 (1955): 25-49.
- Hesperia 25 (1956): 147-73.
- Hesperia 26 (1957): 142-62.
- Hesperia 27 (1958): 125-44.
- Hesperia 28 (1959): 202-07.
- ANGEL, J. L.
1971 *Lerna. A Preclassical Site in the Argolid. Results of the excavations conducted by the American School of Classical Studies at Athens. Volume II. The People.* Princeton, New Jersey: Smithsonian Institution Press-City of Washington.
- CASKEY, J. L.
1977 *Lerna in the Argolid. A Short Guide. Sauceboat Third Millenium BC.* Athens: American School of Classical Studies at Athens.

HÄGG, R.

(Obra não publicada) Tab. 46: *Grabfunde von Lerna (Nachtrag zu Tab. 11, oben S. 63)* – Arquivo pessoal não publicado, cortesia do autor.

De VRIES, K.

- 1974 *A Grave Fibula at Lerna.* Hesperia 43: 80-104.

C) Bibliografia Geral.

- AINIAN, A. M.
1997 *From Ruler's Dwellings to Temples. Archaeology, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700).* SIMA CXXI.
- AINIAN, A. M.
1999 *Reflections on hero cults in Early Iron Age Greece.* In: HÄGG, R. (ed.) *Ancient Greek Hero Cult. Proceedings of the Fifth International Seminar on Ancient Greek Cult, organized by the Department of Classical Archaeology and Ancient History, Göteborg University, 21-23 April 1995.* Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae, Series in 8°, XVI. Stockholm: Distributor Paul Åströms.

- AINIAN, A. M.
2006 The Archaeology of *Basileis*. In: DEGER-JALKOTZY, S. and LEMOS, I. (Eds.) *Ancient Greece. From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*. Edinburgh Leventis Studies 3. Edinburgh: Edinburgh University Press: 181-208.
- ALDROVANDI, C. E. V.
2006 *As exéquias do buda Sākyamuni : morte, lamento e transcendência na iconografia indiano-budista de Gandhāra*. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para a aquisição do título do Doutor. São Paulo.
- ANDREWS, P. and BELLO, S.
2006 Pattern in Human Burial Practice. In: GOWLAND, R. and KNUSEL, C. (eds.) *Social Archaeology of Funerary Remains*. Oxford: Oxbow Books: 14-29.
- ANTONACCIO, C. M.
1992 Terrace, Tombs, and the Argive Heraion. *Hesperia* 61: 85-105.
- ANTONACCIO, C. M.
1995 *An Archaeology of Ancestors. Tomb Cult and Hero Cult in Early Greece*. London: Rowman & Littlefield Publishers, INC.
- ANTONACCIO, C. M.
2006 Religion, *Basileis* and Heroes. In: DEGER-JALKOTZY, S. and LEMOS, I. (Eds.) *Ancient Greece. From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*. Edinburgh Leventis Studies 3. Edinburgh: Edinburgh University Press: 381-95.
- ARENS, W.
1988 An anthropological approach to ritual: Evidence, context and interpretation. In: HÄGG, R.; MARINATOS, N. and NORDQUIST, G. C. (eds.) *Early Greek Cult Practice. Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 26-29 June, 1986*. *ActaInstAthenSueciae*, Series in 4º, 38. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 223-28.
- ARIÈS, P.
1977 *Homem diante da Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- ARIÈS, P.
1981 *The Hour of Our Death*. New York: Alfred A. Knopf.
- ARIÈS, P.
1985 *Images of Man and Death*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- ARNOLD, B.
2002 Sein und Werden: gender as process in mortuary practices. In: NELSON, S. M. and ROSEN-AYALON, M. (eds.) *In Pursuit of Gender: Worldwide Archaeological Approaches*. Walnut Creek, California: Altamira Press: 239-56.
- ARNOLD, B. and WICKER, N. L. (ed.)
2001 *Gender and the Archaeology of Death*. California, Altamira Press.
- AUPERT, P.
1982 Argos aux VIIIe-VIIe Siècles: bourgade ou métropole? *ASAtene* : 21-31.
- ÅSTRÖM, P.
1987 Inverted Vases in Old World Religion. *JPR* 1: 7-16.
- BALUT, P.-Y.
1982a. Restauration, restitution, reconstitution. *RAMAGE* 1 : 95-110.
- BALUT, P.-Y.
1982b. De la tombe individuelle à la tombe collective en Auvergne. *RAMAGE* 1: 113-33.
- BALUT, P.-Y.
1984/1985 Meubles et immeubles de la mort. *RAMAGE* 3 : 69-116.
- BALUT, P.-Y.
1986 Signal de Mort. *RAMAGE* 4 : 315-49.
- BALUT, P.-Y.
1987 Signal de Mort II. *RAMAGE* 5 : 113-36.
- BALUT, P.-Y.
1988 Aux Morts. *RAMAGE* 6 : 127-54.
- BALUT, P.-Y.
1990 Sur la description archéologique. *RAMAGE* 8: 7-17.
- BALUT, P.-Y.
1991 Necrotaphica. *RAMAGE* 9 : 121-40.
- BARRET, J.
1991 Towards an Archaeology of Ritual. In: GARWOOD, P., JENNINGS, D., SKEATS, R. and TOMS, J. *Sacred and Profane. Proceedings of a Conference on Archaeology, Ritual and Religion*. Oxford, 1989. Oxford: Oxford University Committee for Archaeology, The Short Run Press: 1-9.
- BARTEL, B.
1982 A historical review of Ethnological and Archaeological Analysis of Mortuary Practice. *JAnthArch* 1: 32-58.
- BECKER, M. J.
1988 The Contents of Funerary Vessels as Clues to Mortuary Customs: Identifying the *Os Exceptum*. In: CHRISTIANSEN, J.

- & MELANDER, T. *Proceedings of the 3rd Symposium on Ancient Greek and Related Pottery. Copenhagen August 31-September 4, 1987*. Copenhagen: 25-32.
- BECK, L. A. (ed.)
1995 *Regional Approaches to Mortuary Analysis*. New York: Plenum Press.
- BÉRARD, C.
1982 Récupérer la Mort du Prince : héroïsation et formation de la cité. In : GNOLI, G. et VERNANT, Jean-Pierre (dir.) *La Mort, Les Morts dans les Sociétés Anciennes*. Cambridge: Cambridge University Press : 89-106.
- BETANCOURT, Ph. P.
1976 The End of the Greek Bronze Age. *Antiquity* 50: 40-47.
- BINFORD, L. R.
1962 Archaeology as Anthropology. *AmerAnt* 28.2: 217-25.
- BINFORD, L. R.
1971 Mortuary Practices: their study and their potential. In BROWN, J. A. (ed.) *Approaches to the social dimension of mortuary practices*. *Memoirs of the Society for American Archaeology* 25, Issue as *American Antiquity* 36: 6-29.
- BINFORD, L.
1982 The Archaeology of Place. *JAnthArch* 1: 5-31.
- BINFORD, L. R.
1983 *In Pursuit of the Past: Decoding the Archaeological Record*. New York, Thames and Hudson.
- BINFORD, L. R.
2004 Beliefs about Death, Behaviour, and Mortuary Practices among Hunter-gatherers: a search for casual structure? In: CHERRY, J.; SCARRE, C. & SHENNAN, S. *Explaining Social Change: studies in honor of Colin Renfrew*. Macdonald Institute for Archaeological research, University of Cambridge. Oxford: Oxbow Books: 1-16.
- BINTLIFF, J.
1999 The Origins of the Greek City-state and the Significance for the World Settlement History. In: Ruby, P. (ed) *Les Princès de la Protohistoire et l'émergence de l'État. Actes de la Table Ronde Intenational de Naples (1994)*. Naples, Coll. EFR, 252: 43-56.
- BLACKBURN, E. T.
1970 *Middle Helladic Graves and Burial Customs with special reference to Lerna in the Argolid*. UMI Dissertation Services. Michigan: A Bell & Howell Company.
- BLEGEN, C. W.
1937 Post-Mycenaean Deposits in Chamber-Tombs. *ArchEph* 1: 377-90.
- BLINKENBERG, C. S.
1926 *Fibules Grecques et Orientales*. Det Kongelige Danske Videnskabernes Selskab. Historisk-filosofiske Meddelelser ; 13,1. København : Andr. Fred. Høst & Søn.
- BLOCH, M.
1981 Tombs and States. In: HUMPHREYS, S. C. and KING, H. (eds.) *Mortality and Immortality. The Anthropology and Archaeology of Death. Proceedings of a Meeting of the Research Seminar in Archaeology and Related Subjects held at the Institute of Archaeology, London University, in June 1980*. London: Academic Press: 137-47.
- BLOCH, M.
1982 Death, Women and Power. In: BLOCH, M. and PARRY, J. (eds.) *Death and the Regeneration of Life*. Cambridge: Cambridge University Press: 211-30.
- BLOCH, M.
1989 *Ritual, History and Power: Selected Papers in Anthropology*. London: The Athlone Press.
- BLOCH, M. and PARRY, J. (eds.)
1982 *Death and the Regeneration of Life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BLOMART, A.
2000 Les Manières Grecques de Déplacer les Héros: Modalités Religieuse et Motivations Politiques. In: *Héros et Héroïnes. Kernos, Suppl. 10* : 351-64.
- BOARDMAN, J.
1964 *Greek Art*. London: Thames and Hudson.
- BOARDMAN, J.
1998 *Early Greek Vase Painting – 11th to 6th BC*. London: Thames and Hudson.
- BOARDMAN, J.; KURTZ, D.
1971 *Greek Burial Customs*. London: Thames and Hudson.
- BOHEN, B.
1991 Aspects Athenian Grave Cult in the Age of Homer. In: LANGDON, S. (ed.) *New Light on a Dark Age. Exploring the Culture of Geometric Greece*. Columbia and London: University of Missouri Press: 44-55.
- BOND, G. C. and GILLIAM, A. (ed.)
1994 Social Construction of the Past: representation as power. *WorldArch* 24. London: Routledge.
- BRADEEN, D. W.
1947 The Lelantine War and the Pheidon of Argos. *TAPA LXXVIII*: 223-41.

- BRANIGAN, K. (Ed.)
1998 *Cemetery and Society in the Aegean Bronze Age*. Sheffield: Sheffield Academic Press.
- BROWN, J. A. (ed.)
1971 *Approaches to the social dimension of mortuary practices*. *Memoirs of the Society for American Archaeology* 25, Issue as American Antiquity 36.
- BROWN, J. A.
1981 The search for rank in prehistoric burials. In: CHAPMAN, R. I. and RANDSBORG, K. (eds.) *The Archaeology of Death*. New Directions in Archaeology, Cambridge, Cambridge University Press: 25-38.
- BROWN, J. A.
1995 On Mortuary Analysis: with special reference to the Saxe-Binford research program. In: BECK, L. A. (ed.) *Regional Approaches to Mortuary Analysis*. New York: Plenum Press: 3-26.
- BRUNEAU, Ph.
1983 Archéologie moderne et Ethnologie française. *RAMAGE* 2 : 125-34.
- BRUNEAU, Ph.
1984/1985 L'histoire de l'archéologie: enjeux, objet, méthode. *RAMAGE* 3 : 129-62.
- BRUNEAU, Ph.
1987 Huit propositions sur le style. *RAMAGE* 5 : 87-106.
- BRUNEAU, Ph.
1991 Les deux combats de RAMAGE. *RAMAGE* 9 : 3-6.
- BRUNEAU, Ph.
1992 RAMAGE aux dix ans. *RAMAGE* 10 : 3-6.
- BRUNEAU, Ph. et BALUT, P.-Y.
1982 Positions. *RAMAGE* 1 : 3-33.
- BURKERT, W.
1998 *La Cité d'Argos entre la tradition mycénienne, dorienne et homérique*. Liège : Centre National d'Etude de la Religion Grecque Antique.
- CARLIER, P.
1986 Regalità Micenee e Regalità Doriche. In: MUSTI, D. (Ed.) *Le Origini dei Greci Dori e Mondo Egeo*. Roma, Bari: Editori Laterzo: 329-33.
- CAVANAGH, W.
1998 Innovation, Conservatism and Variation in the Mycenaean Funerary Ritual. In: BRANIGAN, K. (Ed.) *Cemetery and Society in the Aegean Bronze Age*. Sheffield: Sheffield Academic Press: 103-14.
- CAVANAGH, W. and MEE, C.
1984 Mycenaean tombs as evidence for social and political organization. *OJA*, 3: 54-64
- CAVANAGH, W. and MEE, C.
1998 *A Private Place: Death in Prehistory Greece*. SIMA CXXV. Jonsered: Paul Åströms Förlag.
- CHAPMAN, R.
1977 Burial Practice: an area of mutual interests. In: SPRIGGS, M. (ed.) *Archaeology and Anthropology: Areas of Mutual Interest*. British Archaeological Reports: Supplement 19. Oxford: 19-33.
- CHAPMAN, R.
1980 Death, Culture and Society: a prehistorian's perspective. In: RAHTZ, P., DICKINSON, T. and WATTS, L. (eds.) *Anglo-Saxon Cemeteries*. British Archaeological Reports. Oxford: 59-79.
- CHAPMAN, R.
1981 The emergence of formal disposal areas and the 'problem' of Megalithic tombs in Prehistoric Europe. In: CHAPMAN, R., KINNES, I. and RANDSBORG, K. (eds.) *The Archaeology of Death*. New Directions in Archaeology, Cambridge, Cambridge University Press: 71-81.
- CHAPMAN, R.
1987 Mortuary Practices: society, theory building and archaeology. In: BODDINGTON, A., GARLAND, A. and JANAWAY, R. (eds.) *Death, Decay and Reconstruction: Approaches to Archaeology and Forensic Science*. Manchester: Manchester University Press.
- CHAPMAN, R. and RANDSBORG, K.
1981 Approaches to the Archaeology of Death. In: CHAPMAN, R., KINNES, I. and RANDSBORG, K. (eds.) *The Archaeology of Death*. New Directions in Archaeology, Cambridge, Cambridge University Press.
- CHAPMAN, R., KINNES, I. and RANDSBORG, K. (eds.)
1981 *The Archaeology of Death*. New Directions in Archaeology, Cambridge, Cambridge University Press.
- CHILDE, G. V.
1945 Directional changes in funerary practices during 50,000 years. *MAN* 45: 13-19.
- CLARK, D.
1993 *The Sociology of Death: Theory, Culture and Practice*. Oxford: Blackwell.
- COLDSTREAM, J. N.
1968 *Greek Geometric Pottery. A survey of ten local styles and their chronology*. London: Methuen.
- COLDSTREAM, J. N.
1976 *Geometric Greece*. London: Methuen.

- COLDSTREAM, J. N.
 1983a. Gift exchange in the eighth century B. C. In: HÄGG, R. (ed.) *The Greek Renaissance of the Eight Century B. C.: Tradition and Innovation. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°, 30. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 201-06.
- COLDSTREAM, J. N.
 1983b. The Meaning of the Regional Style in the Eighth Century B.C. In: HÄGG, R. (ed.) *The Greek Renaissance of the Eight Century B. C.: Tradition and Innovation. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°, 30. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 17-25.
- COLDSTREAM, J. N.
 2006 "The Long, Pictureless Hiatus". Some thoughts on Greek figured art between Mycenaean pictorial and Attic geometric. In: RYSTEDT, E. and WELLS, B. (eds.) *Pictorial Pursuits: Figurative Painting on Mycenaean & Geometric Pottery. Papers from Two seminars at the Swedish Institute at Athens in 1999 & 2001. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°, LIII. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 159-63.
- COLDSTREAM, J. N.
 2011 Geometric Elephantiasis. In: MAZARAKIS, A. A. (ed.) *The "Dark Ages" Revisited. Acts of an International Conference in Memory of William D. E. Coulson, Volos 14-17 June, 2007. Volume II. University of Thessaly Press: Volos: 757-764.*
- COULTON, J. and CATLING, H. W. (eds.)
 1993 *Lefkandi II. The Protogeometric Building at Toumba. Part 2. The Excavations, architecture and finds. BSA. Suppl. 25.*
- CRASS, B. A.
 2001 Gender and Mortuary Analysis: What can grave goods really tell us. In: ARNOLD, B. and WICKER, N. L. (eds.) *Gender and the Archaeology of Death. California, Altamira Press: 105-17.*
- DABNEY, M. K. & WRIGHT, J. C.
 1990 Mortuary customs, palatial society and state formation in the Aegean area: A comparative study. In: HÄGG, R. and NORDQUIST, G. C. *Celebrations of Death and Divinity in the Bronze Age Argolid. Proceedings of the Sixth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 11-13 June, 1988. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°, XL. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 45-53.
- DAKORONIA, F.
 2006 Bronze Age Pictorial Tradition on Geometric Pottery. In: RYSTEDT, E. and WELLS, B. (eds.) *Pictorial Pursuits: Figurative Painting on Mycenaean & Geometric Pottery. Papers from Two seminars at the Swedish Institute at Athens in 1999 & 2001. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°, LIII. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 171-75.
- DAMM, C. B.
 1991 Burying the Past: An example of Social transformation in the Danish Neolithic. In: GARWOOD, P., JENNINGS, D., SKEATS, R. and TOMS, J. *Sacred and Profane. Proceedings of a Conference on Archaeology, Ritual and Religion. Oxford, 1989. Oxford University Committee for Archaeology, The Short Run Press: Oxford:43-9.*
- DARCQUE, P.
 1998 Argos et la Plaine Argienne à l'Époque Mycénienne. In: PARIENTE, A. et TOUCHAIS, G. (eds.) *Argos et l'Argolide. Topographie et Urbanisme. Actes de la Table Ronde Internationale 28/4 – 1/5/1990 – Athènes, Argos. Recherches Franco-Helléniques III: 103-15.*
- DEGER-JALKOTZY, S. and LEMOS, I. (Eds.)
 2006 *Ancient Greece. From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer. Edinburgh Leventis Studies 3. Edinburgh: Edinburgh University Press.*
- DEGER-JALKOTZY, S.
 2006 Late Mycenaean Warrior Tombs. In: DEGER-JALKOTZY, S. and LEMOS, I. (Eds.) *Ancient Greece. From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer. Edinburgh Leventis Studies 3. Edinburgh: Edinburgh University Press: 151-80.*
- DESBOROUGH, V. R.d'A.
 1952 *Protogeometric Pottery. Oxford: Clarendon Press.*
- DESBOROUGH, V. R.d'A.
 1964 *The Last Mycenaeans and Their Successors. Oxford: Clarendon Press.*
- DESBOROUGH, V. R.d'A.
 1972 *The Greek Dark Ages. London: Ernest Benn Limited.*
- DICKINSON, O.
 2006a. *The Aegean from Bronze Age to Iron Age. Continuity and change between the twelfth and eighth centuries BC. London and New York: Routledge.*
- DICKINSON, O.
 2006b. The Mycenaean Heritage of Early Iron Age Greece. In: DEGER-JALKOTZY, S. and LEMOS, I. (Eds.) *Ancient Greece. From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer. Edinburgh Leventis Studies 3. Edinburgh: Edinburgh University Press: 115-22.*

- DIETRICH, B. C.
1965 *Death, Fate and the Gods. The Development of a Religious Idea in Greek Popular Belief and in Homer*. London: The Athlone Press University of London.
- DIETRICH, B. C.
1970 Some Evidence of Religious Continuity in the Greek Dark Age. *Institute of Classical Studies – Bulletin* no. 17: 16-31.
- DREWS, R.
1979 Argos and Argives in the *Iliad*. *ClAphl* 74: 111-35.
- DREWS, R.
1983 *Basileus: the Evidence to Kingship in Geometric Greece*. New Haven, London: Yale University Press.
- DUDAY, H.
2006 L'archéothanatologie ou l'archéologie de la mort. In: GOWLAND, R. and KNUSEL, C. (eds.) *Social Archaeology of Funerary Remains*. Oxford: Oxbow Books: 30-55.
- DURKHEIM, E.
1912 *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- DURKHEIM, E. e MAUSS, M.
1901-1902 Algumas Formas Primitivas de Classificação. Contribuição para o estudo das representações coletivas. *L'Année Sociologique* 6: 1-72.
- EDER, B.
1990 The Dorian migration: religious consequences in the Argolid. In: HÄGG, R. And NORDUIST, G. C. *Celebrations of Death and Divinity in the Bronze Age Argolid. Proceedings of the Sixth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 11-13 June, 1988. ActaInstAthenSueciae*, Series in, XL. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 207-11.
- EDER, B.
1998 *Argolis, Lakonien, Messenien : vom Ende der mykenischen Palastzeit bis zur Einwanderung der Dorier*. Wien : Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften.
- EHRENBERG, V.
1937 When Did the Polis Rise? *JHS* LVII: 147-59.
- FAGERSTRÖM, K.
1988 *Greek Iron Age Architecture*. SIMA LXXXI. Göteborg.
- FELTON, D.
2007 The Dead. In: OGDEN, D. (Ed.) *A Companion to Greek Religion*. Malden, Oxford: Blackwell: 86-99.
- FINLEY, M. I.
1970 *Early Greece. The Bronze and Archaic Ages*. New York, London: W. W. Norton & Company.
- FRAZER, J. G.
1913-1922 *The Belief in Immortality and the Worship of the Dead*. 3v. London.
- FRAZER, J. G.
1933 *The Fear of the Death in Primitive Religion*. London.
- FRENCH, E.
1981 Cult places at Mycenae. In: HÄGG, R. & MARINATOS, N. (eds.) *Sanctuaries and Cults in the Aegean Bronze Age. Proceedings of the First International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 12-13 May, 1980. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4º, 28: Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 41-8.
- FUNARI, P. P. A. et ali.
1999 Introduction : archaeology in history. In: FUNARI, P. P. A.; HALL, M. and JONES, S. *Historical Archaeology. Back from the edge*. London, New York: Routledge: 1-20.
- FURUMARK, A.
1941a. *The Chronology of Mycenaean Pottery*. Stockholm.
- FURUMARK, A.
1941b. *The Mycenaean Pottery: Analysis and Classification*. Stockholm.
- GARLAND, R.
2001 *The Greek Way of Death*. New York: Cornell University Press.
- GARWOOD, P.
1991 Ritual Tradition and the Reconstruction of Society. In: GARWOOD, P., JENNINGS, D., SKEATS, R. and TOMS, J. *Sacred and Profane. Proceedings of a Conference on Archaeology, Ritual and Religion. Oxford, 1989*. Oxford University Committee for Archaeology, The Short Run Press: Oxford: 10-31.
- GEERTZ, C.
1999 *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.
- GIBBS, L.
1987 Identifying Gender representation in the Archaeological Record: a contextual study. In: I. HODDER (ed.) *The Archaeology of Contextual Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press: 79-89.
- GILLES, B.
1988 *Monuments aux Morts de l'Herault*. *RAMAGE* 6: 155-64.

- GNOLI, G. et VERNANT, Jean-Pierre (dir.)
1982 *La Mort, Les Morts dans Les Sociétés - Anciennes*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GOLDSTEIN, L.
1976 *Spatial Structure and Social Organization*. PhD thesis, Northwestern University.
- GOLDSTEIN, L.
1981 One-dimensional Archaeology and Multi-dimensional People: spatial organization and mortuary analysis. In: CHAPMAN, R. I. and RANDBORG, K. (eds.) *The Archaeology of Death*. New Directions in Archaeology, Cambridge, Cambridge University Press: 53-69.
- GOODENOUGH, W. H.
1965 Rethinking 'Status' and 'Role'. Toward a General Model of the Cultural Organization of Social Relationship. In: BANTON, M. (ed.) *The Relevance of Models for Social Archaeology*. ASA. Monographs, London: Tavistock Publications: 1-24.
- GOODY, J. R.
1959 Death and social control among the LoDagaa. *MAN* 59: 134-38.
- GOODY, J. R.
1962 *Death, Property and the Ancestors*. London: Tavistock.
- GOODY, J. R.
1969 Inheritance, Property and Marriage in Africa and Eurasia. *Sociology* 3: 55-76.
- GOODY, J. R.
1975 Death and the Interpretation of Culture: a bibliographic overview. In: STANNARD, D. (ed.) *Death in America*. Pittsburg: University of Philadelphia Press: 1-8.
- GOWLAND, R.
2006 Ageing the Past: Examining Age Identity from Funerary Evidence. In: GOWLAND, R. and KNUSEL, C. (eds.) *Social Archaeology of Funerary Remains*. Oxford: Oxbow Books: 143-54.
- HÄGG, R.
1981 The house sancturay at Asine. In: HÄGG, R. & MARINATOS, N. (eds.) *Sanctuaries and Cults in the Aegean Bronze Age*. *Proceedings of the First International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 12-13 May, 1980*. *ActaInstAthenSueciae*, Series in 4^o, 28: Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 91-4.
- HÄGG, R.
1983a. Funerary Meals in the Geometric Necropolis ay Asine? In: HÄGG, R. (ed.) *The Greek Renaissance of the Eight Century B. C.: Tadtition and Inovation. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981*. *ActaInstAthenSueciae*, Series in 4^o, 30. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 189-93.
- HÄGG, R. (ed.)
1983b. *The Greek Renaissance of the Eight Century B. C.: Tadtition and Inovation. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981*. *ActaInstAthenSueciae*, Series in 4^o, 30. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag.
- HÄGG, R.
1992 Geometric Sanctuaries in the Argolid. In: *Polydipsion Argos. Argos de la Fin des Palais Mycéniens à la Constitution de l'État Classique*. Fribourg (Suisse) 7-9 Mai 1987. Études Rassemblées par Marcel Piérart. *BCH Suppl.* 22: 2-23; pl. 1-12.
- HÄGG, R.
1999 Osteology and Greek Sacrificial Practice. In: HÄGG, R. (ed.) *Ancient Greek Hero Cult. Proceedings of the Fifth International Seminar on Ancient Greek Cult, organized by the Department of Classical Archaeology and Ancient History, Göteborg University, 21-23 April 1995*. *ActaInstAthenSueciae*, Series in 8^o, XVI. Stockholm: Distributor Paul Åströms: 49-56.
- HÄGG, R. & MARINATOS, N. (eds.)
1981 *Sanctuaries and Cults in the Aegean Bronze Age*. *Proceedings of the First International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 12-13 May, 1980*. *ActaInstAthenSueciae*, Series in 4^o, 28: Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag.
- HÄGG, R. & MARINATOS, N. (eds.)
1993 *Greek Sanctuaries. New Approaches*. London, New York: Routledge.
- HÄGG, R.; MARINATOS, N. and NORDQUIST, G. C. (eds.)
1988 *Early Greek Cult Practice*. *Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 26-29 June, 1986*. *ActaInstAthenSueciae*, Series in 4^o, 38. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag.
- HAKENBECK, S.
2004 Reconsidering Ethnicity: an introduction. *Archaeological Review from Cambridge* 19.2: 1-6.
- HALL, J.
1995 Approaches to Ethnicity in Early Iron Age Greece. In: SPENCER, N. (ed.) *Time, Tradition and Society in Greek Archeology. Bridging the "Great Divine"*. London, New York: 6-17.

- HALL, J.
1997 *Ethnic Identity in Greek Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HALL, J.
1999 Beyond the polis: the multilocality of heroes. In: HÄGG, R. (ed.) *Ancient Greek Hero Cult. Proceedings of the Fifth International Seminar on Ancient Greek Cult, organized by the Department of Classical Archaeology and Ancient History, Göteborg University, 21-23 April 1995. ActaInstAthenSueciae, Series in 8°, XVI*. Stockholm: Distributor Paul Åströms.
- HALM-TISSERANT, M.
2010 Styles géométriques et production céramique du Géométrique grec. *KTEMA* 35: 123-162.
- HASSAN, F.
1978 Demographic Archaeology. In: SCHIFFER, M. B. (ed.) *Advances in Archaeological Methods and Theory*. New York: Academic Press, vol. 1: 49-103.
- HAVELOCK, E. A.
1996 *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Consequências Culturais*. SERRA, J. Ordep (trad.) São Paulo: Paz e Terra.
- HERTZ, R.
1905/1906 Contribution a une Étude sur la Représentation Collective de la Mort. *L'Année Sociologique* 10 : 48-137.
- HERTZ, R.
1907 *Death and the Right Hand: a contribution to the study of the collective representation of death*. Aberden, Cohen and West, 1960.
- HILLER, S.
1983 Possible Historical Reasons for the Rediscovery of the Mycenaean Past in the Age of Homer. In: HÄGG, R. (ed.) *The Greek Renaissance of the Eight Century B. C.: Tradition and Innovation. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981. ActaInstAthenSueciae, Series in 4°, 30*. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 9-14.
- HODDER, I.
1978a *Simulation Studies in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HODDER, I.
1978b. *The Spatial Organisation of Culture*. London: Duckworth.
- HODDER, I.
1981a. *The Archaeology of Contextual Meanings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HODDER, I.
1981b. *Spatial Analysis in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HODDER, I. (ed.)
1982a. *Symbolic and Structural Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HODDER, I.
1982b *Symbols in Action: Ethnoarchaeological Studies of Material Culture*. Cambridge: New Studies in Archaeology.
- HODDER, I.
1984 Burial, Houses, Women and Men in the European Neolithic. In MILLER, D. and TILLEY, C. (eds.) *Ideology, Power and Prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HODDER, I.
1986 *Reading the Past. Current Approaches to Interpretation in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HODDER, I.
1987 *Archaeology as Long-Term History. New Directions in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HODDER, I.
1991 *The Meaning of Things: Material Culture and Symbolic Expression*. London: Harper Collins Academic.
- HODDER, I.
1994 *Interpretación em Arqueologia*. Barcelona: Critica.
- HODDER, I. (ed.)
2001 *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Polity Press.
- HODDER, I.; BINFORD, L. R. and STONE, N. M.
1988 Archaeology and Theory. *Man (Correspondance)* 23.2: 373-74.
- HOUBY-NIELSEN, S.
1992 Interaction between Chiftains and Citizens? 7th Cent. B.C. burial customs in Athens. In: FISCHER-HANSEN, T.; LUND, J. NIELSEN, M. and RATHJE, A. (eds.) *Ancient Portraiture: Image and Message. Danish Studies in Classical Archaeology. ActaHyp 4*. Copenhagen: 343-72.
- HOUBY-NIELSEN, S.
1995 'Burial Language' in Archaic and Classical Kerameikos. DIETZ, S. (Ed.) *Proceedings of the Danish Institute at Athens* 1. Athens: 129-91.
- HOUBY-NIELSEN, S.
1996 The Archeology of Ideology in the Kerameikos. In: HÄGG, R. & MARINATOS, N. (eds) *The Role of Religion*

- in the Early Greek Polis. *Proceedings of the Third International Seminar on Ancient Greek Cult, organized by the Swedish Institute in Athens, 16-18 October, 1992*. Stockholm: 41-54.
- HUMPHREYS, S. C.
1980 Family tombs and tomb cult in Ancient Athens: tradition or traditionalism. *JHS* 100: 96-126.
- HUMPHREYS, S. C.
1981 Death and Time. In: HUMPHREYS, S. C. and KING, H. (eds.) *Mortality and Immortality. The Anthropology and Archaeology of Death. Proceedings of a Meeting of the Research Seminar in Archaeology and Related Subjects held at the Institute of Archaeology, London University, in June 1980*. London: Academic Press: 261-83.
- HUMPHREYS, S. C.
1983 *The Family, Women and Death*. Michigan: University of Michigan Press.
- HUMPHREYS, S. C. and KING, H. (eds.)
1981 *Mortality and Immortality. The Anthropology and Archaeology of Death. Proceedings of a Meeting of the Research Seminar in Archaeology and Related Subjects held at the Institute of Archaeology, London University, in June 1980*. London: Academic Press.
- JACOBSTHAL, P.
1956 *Greek Pins and their Connections with Europe and Asia*. Oxford: Oxford University Press.
- JENSEN, C. K. and NIELSEN, K. H. (eds.)
1997 *Burial and Society. The Chronological and Social Analysis of Archaeological Burial Data*. Aarhus: Aarhus University Press.
- JENSEN, C. K. and NIELSEN, K. H.
1997 Burial Data and Correspondence Analysis. In: JENSEN, C. K. and NIELSEN, K. H. (eds.) *Burial and Society. The Chronological and Social Analysis of Archaeological Burial Data*. Aarhus: Aarhus University Press: 29-63.
- JONES, S.
1974 *Men of Influence in Nuristan*. Londres.
- JONES, S.
1997 *The Archaeology of Ethnicity. Constructing identities in the past and present*. London, New York: Routledge.
- KAZA-PAPAGEORGIOU, D.
1985 An Early Mycenaean Cist Grave from Argos. *AM* 100: 1-21.
- KELLY, T.
1967 The Argive Destruction of Asine. *Historia*: 422-31.
- KELLY, T.
1976 *A History of Argos to 500 BC*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- KILIAN, K.
1988 Mycenaean up to date, trends and changes in recent research. In: FRENCH, E. B. and WARDLE, K. A. *Problems in Greek prehistory: papers presented at the centenary conference of the British School of Archaeology at Athens, Manchester, April 1986*. Bedminster, Bristol: Bristol Classical Press: 115-51.
- KINNES, I.
1981 Dialogues with Death. In: CHAPMAN, R.; KINNES, I. and RANDBORGH, K. *The Archaeology of Death*. Cambridge: Cambridge University Press: 83-91.
- KOPCKE, G.
1977 Figures in Pot-Painting before, during and after the Dark Age. In: *Symposium on the Dark Ages in Greece*. New York: Hunter College: 32-50.
- KOUROU, N.
1988 Handmade Pottery and Trade: the case of the "Argive Monochrome Ware". In: CHRISTIANSEN, J. & MELANDER, T. *Proceedings of the 3rd Symposium on Ancient Greek and Related Pottery. Copenhagen August 31-September 4, 1987*. Copenhagen: 314-24.
- KOUROU, N.
2001 An Attic Geometric Amphora from Argos. The legacy of Protogeometric style. In: ALEXANDRI, A.; LEVENTI, I. *Καλλίστευμα: μελέτες προς τιμήν της Όλγας Τζάχου - Αλεξανδρή. Υπουργείο Πολιτισμού, ICOM - Ελληνικό Τμήμα*: Athina: 51-68.
- KRAUSE, G.
1975 *Untersuchungen zu den ältesten Nekropolen am Eridanos in Athen*. Hamburg, *Hamburger Beiträge zur Archäologie* III. 1.
- KROEBER, A. L.
1927 Disposal of the Dead. *American Anthropologist* 29.3: 308-15.
- LAFFINEUR, R.
1990 Grave Circle A at Mycenae: Further reflections on its history. In: HÄGG, R. AND NORDQUIST, G. C. *Celebrations of Death and Divinity in the Bronze Age Argolid. Proceedings of the Sixth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 11-13 June, 1988. ActaInstAthenSueciae, Series in 4^o, XL*. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 201-06.

- LEACH, E.
1954 *Political systems of highland Burma: A study of Kachin social structure*. Harvard: Harvard University Press.
- LEACH, E.
1976 *Culture and Communication: The logic by which symbols are connected*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEMOS, I.
2002 *The Protogeometric Aegean: the archaeology of the late eleventh and tenth centuries BC*. Oxford monographs on classical archaeology XXIV. Oxford: Oxford University Press.
- LÉVÊQUE, P.
1964 *L'aventure grecque*. Paris: A. Colin.
- LÉVÊQUE, P.
1973 *Continuités et Innovations dans la Religion Grecque de la première moitié du 1er Millénaire*. PP XXVIII: 23-50.
- LÉVÊQUE, P.
1990 *La Naissance de la Grèce : des rois aux cites*. Paris: Gallimard.
- LÉVI-STRAUSS, C.
1970 *O Sementamento Selvagem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- LÉVI-STRAUSS, C.
1976 *Antropologia Estrutural Dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- LÉVI-STRAUSS, C.
1991 *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- LEWARTOWSKI, K.
2000 *Late Helladic Simple Graves. A Study of Mycenaean Burial Customs*. BAR International Series 878. Oxford: Archaeopress.
- LORAUX, N.
1982 *Mourir devant Troie, tomber pour Athènes : de la gloire du héros à l'idée de la cité*. In : GNOLI, G. et VERNANT, Jean-Pierre (dir.) *La Mort, Les Morts dans les Sociétés Anciennes*. Cambridge: Cambridge University Press : 27-44.
- LUCE, J.-M.
2007 *Géographie Funéraire et Identités Ethniques à l'Âge du Fer en Grèce. Pallas 73 Identités Ethniques dans le Monde Grec Antique*. Toulouse : Presses Universitaires du Miral: 39-51.
- LUCE, J.-M.
(tese de doutorado não publicada) *Modes funéraires et identités ethniques dans le monde grec (1100-700 av. J.-C.)*. Essai de cartographie funéraire. Cortesia do autor.
- LUCE, J.-M.
2011 *La Phocide à l'âge du fer*. In: MAZARAKIS, A. A. (ed.) *The "Dark Ages" Revisited. Acts of an International Conference in Memory of William D. E. Coulson, Volos 14-17 June, 2007*. Volume I. University of Thessaly Press: Volos:305-310.
- LUFF, R.
1996 *The 'bare bones' of identifying ritual behavior in the archaeological record*. In: ANDERSON, S. and BOYLE, K. (ed.) *Proceedings of the First Meeting of the Osteoarchaeological Research Group. Ritual Treatment of Human and Animal Remains*. Cambridge: Oxbow Books: 1-10.
- MAGDALENO, A. S.
1999 *Thánatos e Psyché: entre a morte do herói e do hoplita*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- MALINOWSKI, B. K.
1925 *Magia, Ciência e Religião*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- MALKIN, I.
2005 *Networks and the Emergence of the Greek Identity*. In: MALKIN, I. *Mediterranean Paradigms and Classical Antiquity*. London, New York: Routledge: 56-74.
- MARAN, J.
2001 *Political and religious aspects of architectural change on the Upper Citadel of Tiryns. The case of Building T*. In: LAFFINEUR, R. and HÄGG, R. (eds.) *Potnia: deities and religion in the Aegean Bronze Age: proceedings of the 8th International Aegean Conference/8e Rencontre égéenne internationale, Göteborg, Göteborg University, 12-15 April 2000*. Liège/Austin : Université Histoire de l'Art et Archéologie de la Grèce Antique/ University of Texas at Austin, Program in Aegean Scripts and Prehistory: 113-21.
- MARAN, J.
2006 *Coming to Terms with the Past: Ideology and Power in the Late Helladic IIIC*. In: DEGER-JALKOTZY, S. and LEMOS, I. (Eds.) *Ancient Greece. From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*. Edinburgh Leventis Studies 3. Edinburgh: Edinburgh University Press: 123-50.
- MARAN, J.
2011 *Contested Pasts – The society of the 12th B.C.E. Argolid and the memory of the Mycenaean Palatial Period*. In: GAUß, W.; LINDBLOMM, M.; SMITH, R. A. K. and WRIGHT, J. (eds.) *Our Cups Are Full*:

- Pottery and Society in the Aegean Bronze Age. Papers presented to Jeremy B. Rutter on the occasion of his 65th birthday.* Archaeopress: Oxford: 169-178.
- MATTHEW, S. G.
2004 Conclusion: wither to, ethnicity? *ARC* 19.2: 118-23.
- McHUGH, F.
1999 *Theoretical and Quantitative Approaches to the Study of Mortuary Practice.* BAR International Series 785. Oxford: Archaeopress.
- McKINLEY, J.
2006 Cremation... The cheap option? In: GOWLAND, R. and KNUSEL, C. (eds.) *Social Archaeology of Funerary Remains.* Oxford: Oxbow Books: 81-88.
- MEE, C.
1998 Gender Bias in Mycenaean Mortuary Practices. In: BRANIGAN, K. (Ed.) *Cemetery and Society in the Aegean Bronze Age.* Sheffield: Sheffield Academic Press: 165-71.
- MEE, C. B. and CAVANAGH, W. G.
1984 Mycenaean Tombs as Evidence for Social and Political Organisation. *OJA* 3.3: 45-66.
- MENESES, U. T. B.
1983a A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História* 115 Julho-Dezembro: 103-117.
- MENESES, U. T. B.
1983b La 'New Archaeology': l'Archeologia come Scienza Sociale. *DialArch* 1.1.
- METCALF, P. and HUNTINGTON, R.
1995 *Celebrations of Death. The Anthropology of Mortuary Ritual.* Cambridge: Cambridge University Press, 2nd edition.
- MOLLESON, T.
1981 The Archaeology and the Anthropology of Death: what bones tell us. In: HUMPHREYS, S. C. and KING, H. (eds.) *Mortality and Immortality. The Anthropology and Archaeology of Death. Proceedings of a Meeting of the Research Seminar in Archaeology and Related Subjects held at the Institute of Archaeology, London University, in June 1980.* London, New York: Academic Press: 15-32.
- MORGAN, C.
1988 Ritual and Society in Early Iron Age Corinthia. In: HÄGG, Robin; MARINATOS, Nanno (eds.) *Ancient Greek Cult Practice. Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute in Athens, June 26-29, 1986.* Stockholm. *ActaInstAthenSueciae* 15: 73-90.
- MORGAN, C.
1996 From Palace to Polis? Religious developments on the Greek mainland during the Bronze Age / Iron Age transition. In: HELLSTRÖM, P. and ALROTH, B. *Religion and power in the Ancient Greek world : proceedings of the Uppsala symposium, [7-10 october] 1993.* *BOREAS* 24. Uppsala: 41-57.
- MORGAN, C.
2001 Ethne, Ethnicity, and Early Greek States, ca. 1200-480 BC: An Archaeological Perspective. In: MALKIN, I. (ed.) *Ancient Perceptions of Greek Ethnicity.* Cambridge: Harvard University Press: 75-112.
- MORGAN, C.
2003 *Early Greek states beyond the polis.* London ; New York : Routledge.
- MORGAN, C.
2006 Ethne in the Peloponnese and Central Greece. In: DEGER-JALKOTZKY, S. and LEMOS, I. (Eds.) *Ancient Greece. From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer.* Edinburgh Leventis Studies 3. Edinburgh: Edinburgh University Press: 233-48.
- MORRIS, I.
1986 The Use and Abuse of Homer. *ClAnt.* Vol. 5, no. 1: 81-138.
- MORRIS, I.
1987 *Burial and Ancient Society. The rise of the Greek city-state.* Cambridge: Cambridge University Press.
- MORRIS, I.
1988 Tomb Cult and the 'Greek Renaissance': the Past in the Present in the 8th century B.C. *Antiquity.* Vol. 62: 750-61.
- MORRIS, I.
1989a Attitudes toward Death in Archaic Greece. *ClAnt.* Vol. 8, no. 2: 269-320.
- MORRIS, I.
1989b Circulation, Deposition and the Formation of the Greek Iron Age. *MAN* 24: 502-19.
- MORRIS, I.
1991a The Archaeology of Ancestors: The Saxe/Goldstein Hypothesis Revisited. *CJA*, Vol. I, no. 2: 147-69.
- MORRIS, I.
1991b The Early Polis as City and State. In: RICH, J.; WALLACE, H. (eds.) *City and Country in the Ancient World.* London and New York: Routledge: 25-58.
- MORRIS, I.
1992 *Death-Ritual and Social Structure in Classical Antiquity.* Cambridge: Cambridge University Press.

- MORRIS, I.
1997a The Art of Citizenship. In: LANGDON, S. (ed.) *New Light on a Dark Age. Exploring the Culture of Geometric Greece*. Columbia and London: University of Missouri Press: 9-43.
- MORRIS, I.
1997b The Past, the East and the Hero of Lefkandi. In: MORRIS, I. *Archaeology as Cultural History*. London: 169-98.
- MORRIS, I.
1997c Periodization and the Heroes: Inventing a Dark Age. In: GOLDEN, M.; TOOHEY, P. (eds.) *Inventing Ancient Culture. Historicism, periodization, and the ancient world*. London, New York: Routledge: 96-131.
- MORRIS, I.
1998 *Burial and Ancient Society After Ten Years*. In: MARCHEGAY, Sophie; Le DINAHET, Marie-Thérèse et SALLES, Jean-François (eds.) *Nécropoles et Pouvoir. Idéologies, pratiques et interprétations. Actes du Colloque Théories de la Nécropole Antique, Lyon 21-25 Janvier 1995*. Paris: De Boccard: 21-36.
- MORRIS, I.
1999 Iron Age Greece and the Meanings of 'Princely Tombs'. In: *Les Princes de la Protohistoire et L'Émergence de l'État. Actes de la Table Ronde Internationale de Naples (1994)*. Naples: 57-80.
- MORRIS, I.
2000 *Archaeology as Cultural History. Words and Things in Iron Age Greece*. Massachusetts.
- MUSTI, D.
1986 Continuità e Discontinuità tra Achei e Dori nelle Tradizioni Storiche. In: MUSTI, D. (Ed.) *Le Origini dei Greci Dori e Mondo Egeo*. Roma, Bari: Editori Laterzo: 37-71.
- MYLONAS, G. E.
1948 Homeric and Mycenaean Burial Customs. *AJA*. Vol. 52, no. 1: 56-81.
- NAGY, G.
1979 *The Best of the Archaeans. Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*. Baltimore, London: The Johns Hopkins University.
- NIELSEN, K.
1997 From Society to Burial and From Burial to Society Some Modern Analogies. In: JENSEN, C. K. and NIELSEN, K. H. (eds.) *Burial and Society. The Chronological and Social Analysis of Archaeological Burial Data*. Aarhus: Aarhus University Press: 103-17.
- NIKOLAOU, K.
1977 On the Origins of Greek Geometric Pottery and Questions of Continuity. In: *Symposium on the Dark Ages in Greece*. New York: Hunter College: 21-31.
- NORDQUIST, G. C.
1987 *A Middle Helladic Village. Asine in the Argolid*. BOREAS: 16. Uppsala.
- NORDQUIST, G. C.
1990 Middle Helladic burials rites: Some speculations. In: HÄGG, R. And NORDQUIST, G. C. *Celebrations of Death and Divinity in the Bronze Age Argolid. Proceedings of the Sixth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 11-13 June, 1988. ActaInstAthenSueciae, Series in 4º, XL*. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 35-41.
- O'SHEA, J.
1981 Social Configuration and the Archaeological Study of Mortuary Practices: a case study. In: CHAPMAN, R. I. and RANDBORG, K. (eds.) *The Archaeology of Death. New Directions in Archaeology*, Cambridge, Cambridge University Press: 39-51.
- O'SHEA, J.
1984 *Mortuary Variability: an Archaeological Investigation*. Orlando: Academic Press.
- PADER, E.-J.
1982 *Symbolism, Social Relations and the Interpretation of Mortuary Remains*. BAR International Series 130, Oxford.
- PAPADOPOULOS, J. K. DAMIATA, B. N. and MARSTON, J. M.
2011 "Once More with the feeling: Jeremy Rutter's plea for the abandonment of the term Submycenaean revisited". In: GAUß, W.; LINDBLOMM, M.; SMITH, R. A. K. and WRIGHT, J. (eds.) *Our Cups Are Full: Pottery and Society in the Aegean Bronze Age. Papers presented to Jeremy B. Rutter on the occasion of his 65th birthday*. Archaeopress: Oxford: 187-202.
- PARKER-PEARSON, M.
1982 Mortuary Practices, Society and Ideology: an Ethnoarchaeological Study. In: HODDER, I. (ed.) *Symbolic and Structural Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press: 99-113.
- PARKER-PEARSON, M.
1993 The Powerful Death: Archaeological Relationships between the Living and the Death. *CAJ* 3: 203-29.

- PARKER-PEARSON, M.
1995 Return of the Living Dead: Mortuary Analysis and the New Archaeology Revisited", *Antiquity* 69: 1046-1048.
- PARKER-PEARSON, M.
1999 *The Archaeology of Death and Burial*. Stroud:Allan Sttun.
- PARKER, R.
1996 *Miasma. Pollution and Purification in Early Greek Religion*. New York: Oxford University Press.
- PATTERSON, C.
2006 'Citizen Cemeteries' in Classical Athens? *CQ* 56.1: 58-56.
- PELON, O.
1990 Les Tombes à tholos d'Argolide: architecture et rituel funéraire. In: HÄGG, R. and NORDUIST, G. C. *Celebrations of Death and Divinity in the Bronze Age Argolid. Proceedings of the Sixth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 11-13 June, 1988. ActaInstAthenSueciae, Series in 4^o, XL*. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 107-12.
- PETERSEN, J. H.
2007 *Cultural Interactions and Social Strategies on the Portic Shores Burial Customs in the Northern Black Sea Area ca. 550-270 BC*. The Danish National Research Foundation's Centre for Black Sea Studies, University of Aarhus. Submitted for the degree of Doctor of Philosophy, University of Aarhus.
- PIÉRART, M.
1986 Le Tradizioni Epiche e Il Loro Rapporto com la Questione Dorica: Argo e l'Argolide. In: MUSTI, D. (Ed.) *Le Origini dei Greci Dori e Mondo Egeo*. Roma, Bari: Editori Laterzo: 277-92.
- PIÉRART, M.
2000 Héros Fondateurs. Héros Civilisateurs. La Rivalité entre Argos et Athènes vue par Pausanias. In: *Héros et Héroïnes. Kernos, Suppl. 10*: 409-34.
- PIÉRART, M. et TOUCHAIS, G.
1996 *Argos. Une ville grecque de 6000 ans*. Paris: Méditerranée, CNRS editions.
- PIETERÓS, K.
2001 Ταφές και τεφοροδόχα αγγεία τύμβου της YE ΠΙΓ στο Άργος" IN: STAMPOLIDIS, N. Καύσεις στην Χαλκού και την Πρώιμη Εποχή του Σιδήρου: πρακτικά του Συμποσίου Ρόδος, 29 Απριλίου – 2 Μαΐου. Αθήνα: Πανεπιστήμιο Κρήτης / ΚΒ'ΕΠΚΑ : 99-120.
- De POLIGNAC, F.
1984 *La Naissance de la Cite Grecque. La Découverte*: Paris.
- De POLIGNAC, F.
1995 *Cult, Territory and The Origins of the Greek City-State*. J. Lloyd (trad) Chicago, London: The University of Chicago Press.
- De POLIGNAC, F.
1996a Entre les Dieus et les Morts. Statut Individuel et Rites Collectifs dans la Cité Archaïque. In: HÄGG, R. & MARINATOS, N. (eds) *The Role of Religion in the Early Greek Polis. Proceedings of the Third International Seminar on Ancient Greek Cult, organized by the Swedish Institute in Athens, 16-18 October, 1992. ActaInstAthenSueciae* 14, Stockholm: 31-40.
- De POLIGNAC, F.
1996b Rites Funéraires, Mariage et Communauté Politique. *Archéologie des rites et anthropologie historique. Métis* 11: 197-207.
- De POLIGNAC, F.
1998 Cité et Territoire à l'époque Géométrique: un modèle argien? In: PARIENTE, A. et TOUCHAIS, G. (eds.) *Argos et l'Argolide. Topographie et Urbanisme. Actes de la Table Ronde Internationale 28/4 – 1/5/1990 – Athènes, Argos. Recherches Franco-Helléniques III*: 145-58.
- De POLIGNAC, F.
2005 Perspectives et limites de l'analyse de l'incinération dans le monde grec. *KTEMA* 30, Strasbourg : 173-81.
- POPHAM, M. R. and LEMOS, I.
1996 *Lefkandi III. The Toumba Cemetery. The Excavations of 1981, 1984, 1986 and 1992-4. Plates. BSA. Suppl.* 29.
- POWELL, B. B.
1991 *Homer and the Origins of the Greek Alphabet*. Cambridge: Cambridge University Press.
- POWELL, B. B.
1997 From Picture to Myth, from Myth to Picture. In: LANGDON, S. (ed.) *New Light on a Dark Age. Exploring the Culture of Geometric Greece*. Columbia and London: University of Missouri Press, pp. 154-93.
- PRIORESCHI, P.
1990 *A History of Human Responses to Death: mythologies, rituals and ethnics*. Lewiston, New York: Edwin Mellon.

- PROTONOTARIOU-DEILAKI, E.
1990 Burial customs and funerary rites in the prehistoric Argolid. In: HÄGG, R. And NORDUIST, G. C. *Celebrations of Death and Divinity in the Bronze Age Argolid. Proceedings of the Sixth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 11-13 June, 1988. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4º, XL. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 69-83.
- PUCKLE, B. S.
1926 *Funeral Customs: their origin and development*. London: T. W. Laurie.
- PULLEN, D. J.
1990 Early Helladic burials at Asine and Early Bronze Age mortuary practices. In: HÄGG, R. And NORDUIST, G. C. *Celebrations of Death and Divinity in the Bronze Age Argolid. Proceedings of the Sixth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 11-13 June, 1988. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4º, XL. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 9-12.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R.
1922 *The Andaman Islanders*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R.
1952 *Structure and Function in Primitive Society*. Glencoe, Illinois: Free Press.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R.
1958 *Method in Social Anthropology: selected essays*. Chicago: University of Chicago Press.
- RANDBORG, K.
1989 The Archaeology of the Visual: Burials Past and Present. *DialArch*, Terza Serie, Anno 7, vol. 1: 85-96.
- RATINAUD-LACHKAR, I.
1999 Les Argiens et leurs Ancêtres. À Propos des Objets d'Époque Géométrique trouvés dans Quelques Tombes Mycéniennes. In: *Le Péloponnèse. Archéologie et Histoire. Actes de la Rencontre Internationale de Lorient (12-15 Mai 1998)*. Presses Universitaires de Rennes : 87-108.
- RATINAUD-LACHKAR, I.
2004 *Insoumise Asine? Pour une mise en perspective des sources littéraires et archéologiques relatives à la destruction d'Asiné par Argos en 715 avant notre ère. OpAth 29* : 73-88.
- RENFREW, C.
1984 *Approaches to Social Archaeology*. Cambridge: Harvard University of Press.
- RENFREW, C.
1985 *Towards Cognitive Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RIBEIRO, M. S.
2002 *Uma Abordagem Historiográfica da Arqueologia das Práticas Mortuárias*. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- ROES, A.
1933 *Greek Geometric Art. Its symbolism and its origin*. Oxford: Oxford University Press.
- ROES, A.
1970 Les Ex-voto de Bronze de l'Époque Géométrique. *RA Fasc. 2*: 195-208.
- ROHDE, E.
1925 *Psyche: The Cult of Souls and Belief in Immortality among the Greeks*. W. B. Hillis (trad.) New York.
- RUTTER, J. B.
1977 Late Helladic IIIC Pottery and Some Historical Implications. In: *Symposium on the Dark Ages in Greece*. New York: Hunter College: 1-20.
- RUTTER, J. B.
1978 A Plea for the Abandonment of the Term 'Submycenaean'. *TUAS 3*: 58-65.
- RUTTER, J. B.
1992 Cultural novelties in the post-palatial Aegean world: indices of vitality or decline? In: Ward, W. A. Ward, and JOUKOWSKY, M. S. (ed.) *The crisis years : the 12th century B.C. : from beyond the Danube to the Tigris*. Dubuque, IA: Kendall/Hunt Pub.: 61-78.
- RYSTEDT, E. and WELLS, B. (eds.)
2006 *Pictorial Pursuits: Figurative Painting on Mycenaean & Geometric Pottery. Papers from Two seminars at the Swedish Institute at Athens in 1999 & 2001. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4º, LIII. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag.
- SARIAN, H.
1969 Terres Cuites Géométriques d'Argos. *BCH 93*: 651-78.
- SARIAN, H.
1994/95 Morte e Sono na Arte Grega: notas de iconografia funerária. *Clássica*. V. 7/8. São Paulo: 63-74.
- SARIAN, H.
1996-1997 Culto Heróico, Cerimônias Fúnebres e a Origem dos Jogos Olímpicos. *Clássica*. v. 9/10. São Paulo: 45-60.
- SARKADY, J.
1975 Outlines of the Development of Greek Society in the Period between the 12th and 8th Centuries B.C. *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae* 23: 107-25.

- SAXE, A. A.
1970 *Social Dimensions of Mortuary Practices*. Ph.D. Michigan University: Ann Arbor Microfilm.
- SAXE, A. A.
1971 Social Dimensions of Mortuary Practices in a Mesolithic Population from Wadi Halfa, Sudan. In: BROWN, J. A. (ed.) *Approaches to the social dimension of mortuary practices*. *Memoirs of the Society for American Archaeology* 25, Issue as *American Antiquity* 36: 39-57.
- SAXE, A. A. and GALL, P. L.
1977 Ecological Determinants of Mortuary Practices: the Temuan of Malaysia. In: WOOD, W. (ed.) *Cultural-Ecological Perspectives on Southeast Asia: a Symposium*. Athens, Ohio: Ohio University, Center for International Studies: 74-82.
- SCHÄFER, J.
1983 Steps toward representational art in 8th-century vase painting. In: HÄGG, R. (ed.) *The Greek Renaissance of the Eighth Century B. C.: Tradition and Innovation. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981. ActaInstAthenSueciae, Series in 4^o, 30*. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 75-81.
- SCHIFFER, M. B.
1972 Archaeological Context and Systemic Context", *AmerAnt* 37.2: 156-65.
- SCHIFFER, M. B.
1976 *Behavioral Archaeology*. New York: Academic Press.
- SCHIFFER, M. B.
1995 *Behavioral Archaeology: First Principles*. Salt Lake City: University of Utah Press.
- SCHIFFER, M. B.
1999 *Artifacts and "Interpersonal" Communication*. London: Routledge.
- SCHNAPP-GOURBEILLON, A.
1982 Les funéraires de Patrocle. In : GNOLI, G. et VERNANT, Jean-Pierre (dir.) *La Mort, Les Morts dans les Sociétés Anciennes*. Cambridge: Cambridge University Press : 77-88.
- SCOTT, E.
1999 *The Archaeology of Infancy and Infant Death*. *BAR International Series* 819, Archaeopress: Oxford.
- SHANKS, M. and TILLEY, C.
1982 Ideology, symbolic power and ritual communication. In: HODDER, I. (ed.) *Symbolic and Structural Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SHANKS, M. and TILLEY, C.
1987 *Re-constructing Archaeology: Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SHAPIRO, W.
1988 Ritual kinship, ritual incorporation and the denial of death. *MAN* 23.2: 275-97.
- SIMON, C. G.
1997 The Archaeology of Cult in Geometric Greece. In: LANGDON, S. (ed.) *New Light on a Dark Age. Exploring the Culture of Geometric Greece*. Columbia and London: University of Missouri Press: 125-43.
- SKEAT, T. C.
1934 *The Dorians in Archaeology*. London.
- SMALL, D. B.
1999 The tyranny of the text: lost social strategies in current historical period archaeology in the classical Mediterranean. In: FUNARI, P. P. A.; HALL, M. and JONES, S. *Historical Archaeology. Back from the edge*. London, New York: Routledge: 122-36.
- SNODGRASS, A. M.
1962 Iron Age Greece and Central Europe. *AJA* Vol. 66, no. 4: 408-10.
- SNODGRASS, A. M.
1967 *Arms and armour of the Greeks*. Ithaca, New York: Cornell University Press.
- SNODGRASS, A. M.
1971 *The Dark Age of Greece. An Archaeological Survey of the Eleventh to the Eighth Centuries BC*. New York: Routledge.
- SNODGRASS, A. M.
1974 An Historical Homeric Society? *JHS* Vol. 94: 114-25.
- SNODGRASS, A. M.
1977 *Archaeology and the Rise of the Greek State*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SNODGRASS, A. M.
1980 Towards the Interpretation of the Geometric Figure-Scenes. *AM* 95: 51-8; tafeln 11-14.
- SNODGRASS, A. M.
1981 *Archaic Greece: the Age of Experiment*. Berkeley: University of California Press.
- SNODGRASS, A. M.
1982 Les Origines du Culte des Héros dans la Grèce Antique. In : GHERARDO, G.; VERNANT, J.-P. (direction) *La Mort, Les Morts dans Les Sociétés Anciennes*. Cambridge: Cambridge University Press: 107-119.
- SNODGRASS, A. M.
1987 *An Archaeology of Greece: the present state and future scope of a discipline*. Berkeley: University of California Press.

- SNODGRASS, A. M.
1988 The Archaeology of the Hero. *AION* 10: 19-26.
- SNODGRASS, A. M.
1991 Archaeology and the Study of the Greek City. In: RICH, J.; WALLACE, H. (eds.) *City and Country in the Ancient World*. London and New York: Routledge: 1-24.
- SNODGRASS, A. M.
1993 The Rise of the Polis. In: HANSEN, Mogens H. (ed.) *The Ancient Greek City-State. Symposium on the Occasion of the 250th Anniversary of the Royal Danish Academy of Sciences and Letters. July, 1-4, 1992. Historisk-filosofiske Meddelelser* 67. Copenhagen: 30-40.
- SNODGRASS, A. M.
1998 *Homer and the Artists. Text and Picture in Early Greek Art*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SNODGRASS, A. M.
2006 *Archaeology and the Emergence of Greece: collected papers on Early Greece and related topics (1965-2002)*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- SOURVINOU-INWOOD, C.
1981 To Die and Enter the House of Hades: Homer, before and after. In: WHALEY, J. (ed.) *Mirrors of Mortality. Studies in Social History of Death*. London: Europa: 15-39.
- SOURVINOU-INWOOD, C.
1983 A Trauma in Flux: Death in the 8th century and after. In: HÄGG, R. (ed.) *The Greek Renaissance of the Eight Century B. C.: Tradition and Innovation. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4^o, 30. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 33-48.
- SOURVINOU-INWOOD, C.
1995 "Reading" Greek Death. *To the end of the Classical Period*. Oxford.
- SOUZA, C. D.
2005 *Estruturas e Artefatos: o culto heróico em sítios gregos da Idade do Ferro (séc. XI ao VIII a. C.)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- SOUZA, C. D.
2010 *Práticas Mortuárias na Região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C. Tese de Doutorado*, 3 vols. Museu de Arqueologia e Etnologia / Universidade de São Paulo. São Paulo.
- SØRENSEN, M. L. S.
2004 Stating Identities: the use of objects in rich bronze age graves. In: CHERRY, J.; SCARRE, C. & SHENNAN, S. *Explaining Social Change: studies in honor of Colin Renfrew*. Macdonald Institute for Archaeological research, University of Cambridge. Oxford: Oxbow Books: 167-176.
- STARR, C. G.
1961 The Decline of the Early Greek Kings. *Historia* X: 129-38.
- STARR, C. G.
1962 *The Origins of Greek Civilization. 1100-650 B.C.* New York e London: W. W. Norton & Company.
- STYRENIUS, C.-G.
1962 The vases from the Submycenaean Cemetery on Salamis. *OpAth* 4: 103-123.
- STYRENIUS, C.-G.
1967 *Submycenaean Studies: Examination of finds from the Mainland Greece with a Chapter on Attic Protogeometric Graves*. Lund.
- STYRENIUS, C.-G.
2001 The Submycenaean Period Revisited. In: FISCHER, P. M. (ed.) *Contributions to the Archaeology and History of the Bronze and Iron Ages in the Eastern Mediterranean. Studies in honor fo Paul Åström. 2001*. Viena: 139-142.
- STRÖMBERG, A.
1993 *Male or Female? A methodological study of grave gifts as sex-indicators in Iron Age burials from Athens*. Jonsered: Paul Åströms Förlag.
- TACLA, A. B.
2007 *Sacred sites and power in West Hallstatt chiefdoms : the cases of Bourges, Vix, Châtillon-sur-Glâne and Hochdorf*. Oxford.
- TAINTER, J. A.
1975 Social Inference and Mortuary Practices: an experiment in numerical classification. *WorldArch* 7: 1-15.
- TAINTER, J. A.
1978 Mortuary Practices and the Study of Prehistoric Social Systems. In: SCHIFFER, M. B. (ed.) *Advances in Archaeological Methods and Theory*. Vol. 1 to 12 (1978/1989), New York: Academic Press, Vol. 1: 105-41.
- TAINTER, J. A.
1981 Replay to 'A Critique of Some Recent North American Mortuary Studies'. *AmerAnt* 46: 416-20.

- TAYLOR, W. W.
1948 *A Study of Archaeology. American Anthropological Association Memoir 69*, Menasha.
- THOMAS, C. G.
1966 *The roots of Homeric Kingship. Historia XV*, 4: 387-407.
- THOMAS, C. G. and CONANT, C.
1999 *Citadel to City-State. The transformation of Greece, 1200-700 B.C.E.* Bloomington: Indiana University Press.
- THOMATOS, M.
2006 *The Final Revival of the Aegean Bronze Age. BAR Internation Series.* Oxford: Archaeopress.
- TOMLINSON, R. A.
1972 *Argos and the Argolid: From the End of the Bronze Age to the Roman Occupation.* London: Routledge and Kegan Paul.
- TORRALVO, A. C.
2000 *Perati : ideologia funerária numa necrópole micênica.* Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor. São Paulo.
- TRIANAPHILLOU, S.
2001 *A Bioarchaeological Approach to Prehistoric Cemetery Populations from Western and Central Greek Macedonia.* Oxford: Oxford University Press.
- TRIGGER, B.
1989 *A History of Archaeological Thought.* Cambridge: Cambridge University Press.
- TRINKAUS, M.
1984 *Mortuary Ritual and Mortuary Remains. Current Anthropology.* Vol. 25, no. 5, December: 674-78.
- TYLOR, E. B.
1878 *Researches into the Early History of Mankind and the Development of Civilization.* Chicago: Chicago University Press, 1964 (reprint).
- UCKO, P.
1969 *Ethnography and the Archaeological Interpretation of Funerary Remains. WorldArch 1.2:* 262-80.
- VAN GENNER, A.
1908 *The Rites of Passage.* London: Routledge and Kegan Paul, 1960 (reprint).
- VERNANT, J.-P.
1965 *Mito e Pensamento entre os Gregos.* SARIAN, H. (trad.) 2ª. edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- VERNANT, J.-P.
1977 *As Origens do Pensamento Grego.* Trad. Brasileira.
- VERNANT, J.-P.
1981 *Death with two faces.* In: HUMPHREYS, S. C. and KING, H. (eds.) *Mortality and Immortality. The Anthropology and Archaeology of Death. Proceedings of a Meeting of the Research Seminar in Archaeology and Related Subjects held at the Institute of Archaeology, London University, in June 1980.* London: Academic Press : 285-91.
- VERNANT, J.-P.
1982a *La belle mort et le cadavre outrage.* In : GNOLI, G. et VERNANT, Jean-Pierre (dir.) *La Mort, Les Morts dans les Sociétés Anciennes.* Cambridge: Cambridge University Press : 45-76.
- VERNANT, J.-P.
1982b *Introduction.* In : GNOLI, G. et VERNANT, Jean-Pierre (dir.) *La Mort, Les Morts dans les Sociétés Anciennes.* Cambridge: Cambridge University Press : 5-16.
- VERNANT, J.-P.
1985 *A Morte nos Olhos: Figuração do Outro na Grécia Antiga.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- VERNANT, J.-P.
1989 *L'individu, la Mort, l'Amour.* Paris: Gallimard.
- VERNANT, J.-P.
1990 *Figures, Idoles, Masques.* Paris: Julliard.
- VERNANT, J.-P.
1991 *A 'beautiful death' and the disfigured corpse in Homeric epic".* In: ZEITLIN, F. I. and VERNANT, J.-P. (eds.) *Mortals and Immortals: collected essays.* Princeton: Princeton University Press: 50-74.
- VOVELLE, M.
1974 *Mourir Autrefois: Attitudes Collectives devant la Mort aux XVII et XVIII siècles.* Paris: Gallimard/Julliard.
- VOVELLE, M.
1976 *Les attitudes devant la mort: problèmes de méthode, approches et lectures différents. Annales, Economies, Sociétés, Civilisations 31 :* 120-32.
- WALLACE, P. A.
1977 *The Motherland of the Dorians.* In: *Symposium on the Dark Ages in Greece.* New York: Hunter College: 51-59.
- WEGLIAN, E.
2001 *Grave Goods Do Not a Gender Make: A case study from Singen am Hohentwiel, Germany.* In: ARNOLD, B. and WICKER, N. L. (ed.) *Gender and the Archaeology of Death.* California, Altamira Press : 137-55.

- WELLS, B.
1988 Early Greek building sacrifices. In: HÄGG, R.; MARINATOS, N. and NORDQUIST, G. C. (eds.) 1988. *Early Greek Cult Practice. Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 26-29 June, 1986. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°, 38. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 259-66.
- WELLS, B.
1990a The Asine Sima. *Hesperia*.
- WELLS, B.
1990b Death at Dendra. On mortuary practices in a Mycenaean community. In: HÄGG, R. And NORDQUIST, G. C. *Celebrations of Death and Divinity in the Bronze Age Argolid. Proceedings of the Sixth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 11-13 June, 1988. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°, XL. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 125-40.
- WITTLE, A.
1988 *Problems in Neolithic Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WHITLEY, J.
(Artigo não publicado). *Going out in Style: a geometric way of death*. Unpublished paper delivered to the Cambridge Research Seminar in Archaeology, January, 1983. Cortesia do autor.
- WHITLEY, J.
1988 Early States and Hero Cults: a re-appraisal. *JHS* Vol. 108: 173-82.
- WHITLEY, J.
1991a Social Diversity in Dark Age Greece. *BSA* Vol. 86: 341-365.
- WHITLEY, J.
1991b *Style and Society in Dark Age Greece. The Changing Face of a Pre-Literate Society 1100 - 700 B.C.* Cambridge: Cambridge University Press.
- WHITLEY, J.
1995 Tomb Cult and Hero Cult: the Uses of the Past in Archaic Greece. In: SPENCER, N. (ed.) *Time, Tradition and Society in Greek Archaeology. Bridging the "Great Divine"*. London, New York: 43-63.
- WHITLEY, J.
1996 Gender and Hierarchy in Early Athens. The strange case of the disappearance of the rich female grave. *Métis* 11: 209-32.
- WHITLEY, J.
2001 *The Archaeology of Ancient Greece*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WHITLEY, J.
2002 Objects with Attitude: Biographical Facts and Fallacies in the Study of Late Bronze Age and Early Iron Age Warrior Graves. *CAJ* Vol. 12, no. 2: 217-32.
- WHITLEY, J.
2004 Cycles of Collapse in Greek Prehistory: the house of the tiles at Lerna and the 'Heroon' at Lefkandi. In: CHERRY, J.; SCARRE, C. & SHENNAN, S. *Explaining Social Change: studies in honor of Colin Renfrew*. Macdonald Institute for Archaeological research, University of Cambridge. Oxford: Oxbow Books: 193-201.
- WIDE, S.
1910 Gräberfunde aus Salamis. *AM* 35: 17-36.
- WILLEMS, W. J. H.
1978 Burial Analysis: a new approach to an old problem. *BERICHTEN* 28: 81-98.
- WINTER, F. A.
An Historically Derived Model for the Dorian Invasion. In: *Symposium on the Dark Ages in Greece*. New York: Hunter College: 60-77.
- WOODBURN, J.
1980 Hunters and gatherers today and the reconstruction of the past, In: GELLNER, E. (ed.) *Soviet and Western Anthropology*. London: Duckworth: 95-117.
- WOODBURN, J.
1982 Egalitarian Societies. *Man* 17: 431-51.
- WRIGHT, J. C.
1995 From Chief to King in Mycenaean Society. *AEGAEUM* 11: 63-80; pls. XXVII-XXVIII.
- WRIGHT, J. C.
2001 The Spatial Configuration of Belief: The Archaeology of Mycenaean Religion. In: ALCOCK, S. E.; OSBORNE, R. (eds.) *Placing the Gods. Sanctuaries and Sacred Space in Ancient Greece*. Oxford: Clarendon Paperbacks: 37-78.
- ZEITLIN, F. I. and VERNANT, J.-P. (eds.)
1991 *Mortals and Immortals: collected essays*. Princeton: Princeton University Press.
- ZERNER, C.
1990 Ceramics and ceremony: Pottery and burials from Lerna in the Middle and early Late Bronze Ages. In: HÄGG, R. And NORDQUIST, G. C. *Celebrations of Death and Divinity in the Bronze Age Argolid. Proceedings of the Sixth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 11-13 June, 1988. ActaInstAthenSueciae*, Series in 4°, XL. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag: 23-34.

ANEXO – Listagem de contextos funerários catalogados.¹

Nº do Catálogo	Número do Túmulo	Referências Bibliográficas
Argos. Campanhas da EfA.		
(001)	T. Câmera Micênico V.	Vollgraff, W. BCH 28 (1904), p. 366; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 35
(002)	T. Câmera Micênico V.	Vollgraff, W. BCH 28 (1904), p. 366; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 35.
(003)	T. Câmera Micênico V.	Vollgraff, W. BCH 28 (1904), p. 366; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 35.
(004)	T. Câmera Micênico V.	Vollgraff, W. BCH 28 (1904), p. 366; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 35.
(005)	T. XIV.	Deshayes, J. <i>Études Péloponnésienes</i> IV, 1966, 40-45; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 26; Styrenius, C.-G., <i>Sybmecyanaean Studies</i> , 1967, p. 128-30.
(006)	T. XVII.	Deshayes, J. <i>Études Péloponnésienes</i> IV, 1966, 51-54; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 26; Styrenius, C.-G., <i>Sybmecyanaean Studies</i> , 1967, p. 50-54.
(007)	T. XVIII.	Deshayes, J. <i>Études Péloponnésienes</i> IV, 1966, 54; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 26; Styrenius, C.-G., <i>Sybmecyanaean Studies</i> , 1967, p. 54
(008)	T. XX.	Deshayes, J. <i>Études Péloponnésienes</i> IV, 1966, 55-56; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 26; Styrenius, C.-G., <i>Sybmecyanaean Studies</i> , 1967, p. 55-6
(009)	T. XXIV.	Deshayes, J. <i>Études Péloponnésienes</i> IV, 1966, 66-69; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 26; Styrenius, C.-G., <i>Sybmecyanaean Studies</i> , 1967, p. 64-9.
(010)	T. XXXIII.	Deshayes, J. <i>Études Péloponnésienes</i> IV, 1966, 98-101; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 26; Styrenius, C.-G., <i>Sybmecyanaean Studies</i> , 1967, p. 98-101.
(011)	T. 1	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; BCH 77 (1953), p. 258-63; Courbin, P. TGA, 1974, p. 11-3; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 41, 120; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 212; Charles, P. R. <i>Étude Anthropologique</i> , 1963; p. 61-62.

1 As descrições completas de cada contexto com informações sobre o tipo de sepultura e enterramento, idade e gênero, posição e orientação do corpo / sepultura, objetos que compõem o mobiliário funerário e datação encontram-se no Volume II da tese de doutorado, referente ao *corpus documental* – Catálogo (texto). Apresentamos aqui uma listagem com a equivalência entre os números dos túmulos catalogados durante a pesquisa (os quais aparecem nos capítulos desta publicação) e os números dos túmulos atribuídos pelos pesquisadores durante as escavações, indicando as referências bibliográficas utilizadas para reunir as informações contidas no catálogo e para a análise proposta dos contextos. Para acessar também tais informações sistematizadas no banco de dados em Excel e em FileMaker, vide: SOUZA, C. D. 2010. *Práticas Mortuárias na Região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C.* Tese de Doutorado, 3 vols. Museu de Arqueologia e Etnologia/ Universidade de São Paulo. São Paulo.

(012)	T. 6	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; BCH 77 (1953), p. 260; BCH 82 (1958), p. 282; Courbin, P. TGA, 1974, p. 14-22; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 41, 118, 120; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 211.
(013)	T. 7	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; Courbin, P. TGA, 1974, p. 23-4; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24; BCH 77 (1953), p. 260.
(014)	T. 8	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; Courbin, P. TGA, 1974, p. 23-5; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 211; BCH 77 (1953), p. 260; Charles, P. R. <i>Étude Anthropologique</i> , 1963, p. 61-62.
(015)	T. 9	BCH 77 (1953), p. 253-54; Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; Courbin, P. TGA, 1974, p. 25; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 137.
(016)	T. 10	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4.
(017)	T. 11	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4.
(018)	T. 12	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; BCH 77 (1953), p. 260; Courbin, P. TGA, 1974, p. 25; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 41, 140-41; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 212.
(019)	T. 13	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; BCH 77 (1953), p. 260; Courbin, P. TGA, 1974, p. 26-7; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 41, 140-41; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 211-12.
(020)	T. 14	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; BCH 77 (1953), p. 260; BCH 82 (1958), p. 277-78, 282; Courbin, P. TGA, 1974, p. 27-32; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 41, 116, 118, 120; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 211; Charles, P. R. <i>Étude Anthropologique</i> , 1963, p. 62.
(021)	T. 15	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; BCH 77 (1953), p. 263; Courbin, P. TGA, 1974, p. 32; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 41, 139.
(022)	T. 16	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; BCH 82 (1958), p. 278-81; Courbin, P. TGA, 1974, p. 32-4; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 41, 116.
(023)	T. 23	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; BCH 78 (1954), p. 178, 180; BCH 82 (1958), p. 283; Courbin, P. TGA, 1974, p. 34-35; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39, 140; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 201.
(024)	T. 25	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; BCH 78 (1954), p. 177-78; Courbin, P. TGA, 1974, p. 35-6; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 41, 140; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 212.
(025)	T. 26	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4.
(026)	T. 28	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; BCH 78 (1954), p. 177-81.
(027)	T. 29	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; BCH 78 (1954), p. 177-81.
(028)	T. 31	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; BCH 78 (1954), p. 177-81.
(029)	T. 32	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 6, 4; BCH 78 (1954), p. 177; Courbin, P. TGA, 1974, p. 36-37; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39, 104; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 200-01.
(030)	T. 33	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; 6,4.

(031)	T. 34	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3; 6,4.
(032)	T. 35	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3; 6,4.
(033)	T. 36	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3; 6,4.
(034)	T. 37	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 6,4; BCH 78 (1954), p. 177-81; Courbin, P. TGA, 1974, p. 38-39; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39, 116; Courbin, P. CGA, 1966, p. 164.
(035)	T. 38	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3; 6,4; BCH 78 (1954), p. 177-78; Courbin, P. TGA, 1974, p. 39-40; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 41, 140; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 213.
(036)	T. 39	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 6,4.
(037)	T. 40	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 6,4
(038)	T. 41	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 6,4.
(039)	T. 42	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 6,4.
(040)	T. 43	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 6,4; BCH 78 (1954), p. 180; BCH 82 (1958), p. 283; Courbin, P. TGA, 1974, p. 40; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 41, 140; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 212.
(041)	T. 45	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 6,4; BCH 78 (1954), p. 178; BCH 82 (1958), p. 283; Courbin, P. BCH 81 (1957), p. 322-86; Courbin, P. TGA, 1974, p. 40-1; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 40, 120, 124; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 208.
(042)	T. 51	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 6,4; BCH 78 (1954), p. 177; Courbin, P. RA (1977), p. 327; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(043)	T. 53	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 6,4; BCH 78 (1954), p. 178; Courbin, P. TGA, 1974, p. 41; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39, 141; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 201.
(044)	T. 60	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 6,4.
(045)	T. 63	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3; BCH 78 (1954), p. 177-81; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29, 112.
(046)	T. 66	BCH 78 (1954), p. 177; Courbin, P. TGA, 1974, p. 42; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39; Foley, A., SIMA 80 (1988), p. 201.
(047)	T. 69	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, Cahier des fouilles, Argos 2-C Arg 253.
(048)	T. 70	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, Cahier des fouilles, Argos 2-C Arg 253.
(049)	T. 71	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, Cahier des fouilles, Argos 2-C Arg 253.
(050)	T. 72	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, Cahier des fouilles, Argos 2-C Arg 253.
(051)	T. 73	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, Cahier des fouilles, Argos 2-C Arg 253; Id. Ibid., FPC 1,3; Courbin, P. CGA, 1966, p. 164.
(052)	T. 75	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, Cahier des fouilles, Argos 2-C Arg 253; Id. Ibid., FPC 1,3; BCH 79 (1955), p. 312-13; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 30, 112.
(053)	T. 80	BCH 82 (1958), p. 282; Courbin, P. TGA, 1974, p. 42-3; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 41, 105; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 211
(054)	T. 84bis	Courbin, P. TGA, 1974, p. 43; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 40; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 208.

(055)	T. 89	BCH 80 (1956), p. 376; BCH 82 (1958), p. 281-82; Courbin, P. TGA, 1974, p. 43-45; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39, 118; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 201.
(056)	T. 90	BCH 80 (1956), p. 376; BCH 82 (1958), p. 281; Courbin, P. TGA, 1974, p. 45-52; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39, 116; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 200.
(057)	T. 91	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1, 3; FPC 6, 1
(058)	T. 92	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1
(059)	T. 93	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3, Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 80 (1956), p. 376; BCH 82 (1958), p. 277; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24.
(060)	T. 100	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3, Id. Ibid. FPC 6,1.
(061)	T. 103	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3; BCH 80 (1956), p. 376; Courbin, P. RA (1977), p. 327; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(062)	T. 106	BCH 82 (1958), p. 281, 283; Courbin, P. TGA, 1974, p. 52-58; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39, 116, 120; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 201.
(063)	T. 107	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3, 6,4; BCH 82 (1958), p. 277; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24.
(064)	T. 116	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3, 6,4.
(065)	T. 121	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3, 6,4.
(066)	T. 124	BCH 82 (1958), p. 281; Courbin, P. TGA, 1974, p. 58-59; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39, 103.
(067)	T. 128	Courbin, P. TGA, 1974, p. 59-61; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39, 120; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 201
(068)	T. 129	BCH 82 (1958), p. 281; Courbin, P. TGA, 1974, p. 61-62; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39, 118.
(069)	T. 130	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3; BCH 82 (1958), p. 277; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 30, 112.
(070)	T. 131	Courbin, P. TGA, 1974, p. 62; Courbin, P. RA (1977), p. 327; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39, 144; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 201-02.
(071)	T. 134	BCH 81 (1957), p. 677; BCH 82 (1958), p. 284; Courbin, P. TGA, 1974, p. 62-3; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 202-03; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 34-35, 144.
(072)	T. 144	BCH 81 (1957), p. 651; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29, 112.
(073)	T. 145	BCH 81 (1957), p. 651; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29-30, 111.
(074)	T. 146	BCH 81 (1957), p. 647, 656; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29-30, 112.
(075)	T. 147	BCH 81 (1957), p. 651; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29-30, 102.
(076)	T. 148	BCH 81 (1957), p. 653; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29-30, 102.
(077)	T. 149	BCH 81 (1957), p. 655; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29-30, 102.
(078)	T. 150	Courbin, P. <i>Archives Manuscriptes</i> , EfA, FPC 1,3, BCH 81 (1957), p. 656; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29-30, 111.

(079)	T. 151	BCH 81 (1957), p. 647, 656; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29-30, 111.
(080)	T. 152	BCH 81 (1957), p. 656; Courbin, P. TGA, 1974, p. 63-4; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 207; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 37 e no. 101; Courbin, P. CGA, 1966, p. 71, 86, 127, 221, 223
(081)	T. 155	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3, BCH 81 (1957), p. 663; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29, 111.
(082)	T. 156	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3; BCH 81 (1957), p. 683.
(083)	T. 157	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3; BCH 81 (1957), p. 683.
(084)	T. 158	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3; BCH 81 (1957), p. 683.
(085)	T. 159	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3; BCH 81 (1957), p. 683.
(086)	T. 160	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3; BCH 81 (1957), p. 683.
(087)	T. 163	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3, Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 82 (1958), p. 283; BCH 82 (1958), p. 283-84; Courbin, P. TGA, 1974, p. 64-5; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 37, 105; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 207.
(088)	T. 164	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 83 (1959), p. 762-63; Courbin, P. TGA, 1974, p. 65-67; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 38, 116.
(089)	T. 165	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3; BCH 83 (1959), p. 762-63; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29.
(090)	T. 166	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3, BCH 83 (1959), p. 762-63; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29, 112.
(091)	T. 167	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3, BCH 83 (1959), p. 762-63; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29, 112
(092)	T. 168	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3, BCH 83 (1959), p. 762-63; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29.
(093)	T. 169	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 83 (1959), p. 762-63; Courbin, P. TGA, 1974, p. 68; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29, 116.
(094)	T. 170	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3, BCH 83 (1959), p. 762-63; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29, 112.
(095)	T. 171	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 83 (1959), p. 766; Courbin, P. TGA, 1974, p. 68-70; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 38, 120; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 207.
(096)	T. 172	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 83 (1959), p. 762; Courbin, P. TGA, 1974, p. 70-1; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 36, 121; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 202.
(097)	T. 173	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 83 (1959), p. 762; Courbin, P. TGA, 1974, p. 71-2; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 36, 120; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 202.
(098)	T. 175	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 83 (1959), p. 762; Courbin, P. TGA, 1974, p. 72-4; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 36, 120; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 202.
(099)	T. 176	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , Efa, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 83 (1959), p. 762-63; Courbin, P. TGA, 1974, p. 75-84; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 38, 118, 120; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 207-08.

(100)	T. 178	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; BCH 83 (1959), p. 762, 766; Courbin, P. CGA 1966, p. 247; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 207.
(101)	T. 179	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 83 (1959), p. 762, 766; Courbin, P. TGA, 1974, p. 84-5; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 36, 120; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 202.
(102)	T. 180	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; BCH 83 (1959), p. 762-63; Courbin, P. CGA 1966, p. 247; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 207; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24.
(103)	T. 181	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 83 (1959), p. 762, 766; Courbin, P. TGA, 1974, p. 85-6; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 37.
(104)	T. 184	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; BCH 83 (1959), p. 762, 766; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29, 112.
(105)	T. 186	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; BCH 83 (1959), p. 762-63; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 112.
(106)	T. 187	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; BCH 83 (1959), p. 762-63; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29.
(107)	T. 189	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 83 (1959), p. 757; Courbin, P. TGA, 1974, p. 86-7; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 37, 105; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 210-11.
(108)	T. 190	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 83 (1959), p. 757; Courbin, P. TGA, 1974, p. 87-93; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 37, 140; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 211.
(109)	T. 191	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 83 (1959), p. 758; Courbin, P. TGA, 1974, p. 93-6; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 37, 139.
(110)	T. 192	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3, BCH 83 (1959), p. 755-56, 768; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29, 111.
(111)	T. 193	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; BCH 83 (1959), p. 763; Courbin, P. TGA, 1974, p. 96-7; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24.
(112)	T. 195	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6,1; BCH 83 (1959), p. 768; BCH 95 (1971), p. 740; Courbin, P. TGA, 1974, p. 97; Courbin, P. RA (1977), p. 327; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 211; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 37, 144.
(113)	T. 196	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3, BCH 83 (1959), p. 768; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29, 112.
(114)	T. 197	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; 6,4, BCH 83 (1959), p. 768; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29, 102.
(115)	T. 198	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3, BCH 83 (1959), p. 768; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 29, 111.
(116)	T. 204	Courbin, P. <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, FPC 1,3; Id. Ibid. FPC 6, 4; Courbin, P. <i>Études Archéologiques</i> . 1963, p. 73; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 27, 110.
(117)	T. 206	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 833; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 142.
(118)	T. 208	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 833; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39.
(119)	T. 209	Argos 1 – 1966 (b); <i>Archives Manuscrites</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 833; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 210; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 142.

(120)	T. 210	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 833; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 142.
(121)	T. 211	<i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 833; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 39.
(122)	T. 213	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 834-35; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 142.
(123)	T. 214	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 834-35; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 142.
(124)	T. 217	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 834-35; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 121.
(125)	T. 218	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 834-35; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 123.
(126)	T. 220	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 834-35; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 123.
(127)	T. 261	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 828; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 121-22.
(128)	T. 263	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); Bommelaer, J-F BCH Suppl. VI (1980), p. 53-73; <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 844-45; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 40-1, 120; Hägg, R. AAA XIII (1980), 120-21; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 209.
(129)	T. 265	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); Bommelaer, J-F BCH Suppl. VI (1980), p. 53-73; <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 844-45; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 40-1, 120; Hägg, R. AAA XIII (1980), 120-21; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 209.
(130)	T. 266	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); Bommelaer, J-F BCH Suppl. VI (1980), p. 53-73; <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 844-45; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 40-1, 120; Hägg, R. AAA XIII (1980), 120-21; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 209.
(131)	T. 271	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 839-41; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24.
(132)	T. 278	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); Bommelaer, J-F BCH Suppl. VI (1980), p. 53-73; <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 844-45; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 40-1, 120; Hägg, R. AAA XIII (1980), 120-21; Foley, A. SIMA 80 (1988), p. 209.
(133)	T. 286	<i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 839-41.
(134)	T. 298	Garlan, Y. Rapport des fouilles, <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, Argos 1 – 1966 (b); Bommelaer, J-F BCH Suppl. VI (1980), p. 53-73; <i>Archives Manuscriles</i> , EfA, 1967, Arg 110; BCH 91 (1967), p. 838; Hägg, R. BOREAS 7:1, 1974, p. 24, 140; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nächtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.

(135)	T. 303	Sodini, J. P. <i>Archives Manuscripts</i> , EfA, 1967(a), Rapport, p. 35-37; BCH 92 (1968), p. 1044; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 24, 30.
(136)	T. 307	BCH 94 (1970), p. 766-71; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 24, 41, 139.
(137)	T. 309	BCH 94 (1970), p. 766-71; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 24, 41, 140; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 205.
(138)	T. 310	BCH 94 (1970), p. 766-71; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 24, 41; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 204.
(139)	T. 312	BCH 96 (1972), p. 162; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 24, 41; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 205; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(140)	T. 313	BCH 96 (1972), p. 162; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 24, 41; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 205; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(141)	T. 315	BCH 95 (1971), p. 740; BCH 96 (1972), p. 166; Courbin, P. <i>RA</i> (1977), p. 327; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 205; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(142)	T. 316	BCH 95 (1971), p. 740; BCH 96 (1972), p. 163-67; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 24, 41; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 205; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(143)	T. 317	BCH 95 (1971), p. 740; BCH 96 (1972), p. 163-67; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 24, 41; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 205; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(144)	T. 318	BCH 96 (1972), p. 167-68; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 205; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(145)	T. 319	BCH 95 (1971), p. 740; BCH 96 (1972), p. 168, 229-32; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 205; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.

Argos. Campanhas do SGA.

(146)	T. A. Bertzeletos.	BCH 77 (1953), p. 211; BCH 78 (1954), p. 411-26; Charitonidis, S. <i>Praktika</i> 1952, p. 413-26; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 33.
(147)	T. B. Bertzeletos.	BCH 77 (1953), p. 211; BCH 78 (1954), p. 411-26; Charitonidis, S. <i>Praktika</i> 1952, p. 413-26; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 33.
(148)	T. Δ. Bertzeletos.	BCH 77 (1953), p. 211; BCH 78 (1954), p. 411-26; Charitonidis, S. <i>Praktika</i> 1952, p. 413-26; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 33.
(149)	T. Karantanis, Deiras.	Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 16:2 (1960), p. 93; BCH 85 (1961), p. 675; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(150)	T. 3. Raptis.	Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 16:2 (1960), p. 93; BCH 85 (1961), p. 675; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(151)	T. 1. Phlessas.	Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 16:2 (1960), p. 93; BCH 85 (1961), p. 675; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(152)	T. 2. Phlessas.	Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 16:2 (1960), p. 93; BCH 85 (1961), p. 675; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.

(153)	T. 3. Phlessas.	Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 16:2 (1960), p. 93; BCH 85 (1961), p. 675; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(154)	T. 4. Phlessas.	Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 16:2 (1960), p. 93; BCH 85 (1961), p. 675; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(155)	T. 5. Phlessas.	Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 16:2 (1960), p. 93; BCH 85 (1961), p. 675; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(156)	T. A. Alexopoulos.	Verdelis, N. <i>ArchDelt</i> 17 (1961/1962) B, p. 55-56; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38 e n.104; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 200.
(157)	T. B. Alexopoulos.	Verdelis, N. <i>ArchDelt</i> 17 (1961/1962) B, p. 55-56; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 33 e n.104; Courbin, P. <i>RA</i> (1977), p. 327; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 200.
(158)	T. Γ. Alexopoulos.	Verdelis, N. <i>ArchDelt</i> 17 (1961/1962) B, p. 56; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38 e n.104; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 200.
(159)	T. Δ. Alexopoulos.	Verdelis, N. <i>ArchDelt</i> 17 (1961/1962) B, p. 56; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38 e n.104; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 200.
(160)	T. Katsaros. R. Danaou, 4.	Verdelis, N. <i>ArchDelt</i> 17 (1961/1962) B, p. 56; BCH 86 (1962), p. 710-20; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38.
(161)	T. Paulidis, R. Pheidonos, 20.	Verdelis, N. <i>ArchDelt</i> 17 (1961/1962) B, p. 56-57; BCH 86 (1962), p. 710-20; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 39.
(162)	T. 1. Giagos.	Verdelis, N. <i>ArchDelt</i> 18 (1963) B, p. 63; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 36; Courbin, P. <i>CGA</i> . 1966, p. 196.
(163)	T. 2. Giagos.	Verdelis, N. <i>ArchDelt</i> 18 (1963) B, p. 63; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 202; Courbin, P. <i>CGA</i> . 1966, p. 216-19, 233.
(164)	T. 1. Makris.	BCH 87 (1963), p. 751; <i>ArchDelt</i> 18 (1963) B1, p. 57; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 33, 37 e no. 100; Courbin, P. <i>RA</i> (1977), p. 327; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 207; Courbin, P. <i>CGA</i> . 1966, p. 226; Coldstream, J. N. <i>GGP</i> , 1968, p. 120.
(165)	T. 2. Makris.	BCH 87 (1963), p. 751; <i>ArchDelt</i> 18 (1963) B1, p. 58-9; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 33, 37 e no. 100; Courbin, P. <i>RA</i> (1977), p. 327; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 207.
(166)	T. 3. Makris.	BCH 87 (1963), p. 751; <i>ArchDelt</i> 18 (1963) B1, p. 59; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 33, 37 e no. 100; Courbin, P. <i>RA</i> (1977), p. 327; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 207.
(167)	T. 4. Makris.	BCH 87 (1963), p. 751; <i>ArchDelt</i> 18 (1963) B1, p. 60; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 33, 37 e no. 100; Courbin, P. <i>CGA</i> . 1966, p. 226-27; Coldstream, J. N. <i>GGP</i> , 1968, p. 118.
(168)	T. 5. Makris.	BCH 87 (1963), p. 751; <i>ArchDelt</i> 18 (1963) B1, p. 60; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 33, 37 e no. 100.
(169)	T. 6. Makris.	BCH 87 (1963), p. 751; <i>ArchDelt</i> 18 (1963) B1, p. 60; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 33, 37 e no. 100.
(170)	T. 33. Kouros. R. Tripoleos, 11.	Kanta, A. <i>AAA VIII</i> (1975), p. 259-75; Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 19 (1963), p. 60-63; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 27.
(171)	T. 35. Kouros. R. Tripoleos, 11.	Kanta, A. <i>AAA VIII</i> (1975), p. 259-75; Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 19 (1963), p. 60-63; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 27.
(172)	T. 36. Kouros. R. Tripoleos, 11.	Kanta, A. <i>AAA VIII</i> (1975), p. 259-75; Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 19 (1963), p. 60-63; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 27.
(173)	T. 37. Kouros. R. Tripoleos, 11.	Kanta, A. <i>AAA VIII</i> (1975), p. 259-75; Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 19 (1963), p. 60-63; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 27.
(174)	T. 38. Kouros. R. Tripoleos, 11.	Kanta, A. <i>AAA VIII</i> (1975), p. 259-75; Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 19 (1963), p. 60-63; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 27.
(175)	T. 39. Kouros. R. Tripoleos, 11.	Kanta, A. <i>AAA VIII</i> (1975), p. 259-75; Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 19 (1963), p. 60-63; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 27.

(176)	T. 41. Kouros. R. Tripoleos, 11.	Kanta, A. <i>AAA VIII</i> (1975), p. 259-75; Alexandri, O. <i>ArchDelt</i> 19 (1963), p. 60-63.
(177)	T. III 16. Hospital.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 19 (1964) B2, p. 123; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 46-47, 122.
(178)	T. III 20. Hospital.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 19 (1964) B2, p. 123; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 46-47, 123
(179)	T. α12. Hospital.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 19 (1964) B2, p. 125; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 46-47, 123.
(180)	T. α16. Hospital.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 19 (1964) B2, p. 125; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 46-47, 123.
(181)	T. α17. Hospital.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 19 (1964) B2, p. 125; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 46-47, 123.
(182)	T. Tsakiropoulos. R. Perouka, 20.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 126; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 28-29.
(183)	T. I. Konstantopoulos. R. Perouka, 66.	Kokkou-Vyridi, K. <i>AchEph</i> 1977, p. 171-94; Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 126; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 28, 112.
(184)	T. II. Konstantopoulos. R. Perouka, 66.	Kokkou-Vyridi, K. <i>AchEph</i> 1977, p. 171-94; Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 126; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 28, 112.
(185)	T. III. Konstantopoulos. R. Perouka, 66.	Kokkou-Vyridi, K. <i>AchEph</i> 1977, p. 171-94; Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 126; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 28, 112.
(186)	T. IV. Konstantopoulos. R. Perouka, 66.	Kokkou-Vyridi, K. <i>AchEph</i> 1977, p. 171-94; Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 126; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 28, 112.
(187)	T. I. Paraskevopoulos.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 126; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 209.
(188)	T. II. Paraskevopoulos.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 126; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38.
(189)	T. I. OTE.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 126; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38.
(190)	T. II. OTE.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 126; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38.
(191)	T. III. OTE.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 126-27; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38.
(192)	T. IV. OTE.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 127; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 208.
(193)	T. V. OTE.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 127; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38.
(194)	T. VI. OTE.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 127; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38.
(195)	T. Phassos.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 127; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 39.
(196)	T. XXIX. Ginásio.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 41, no. 130.
(197)	T. Ginásio. A.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 41, no. 130.
(198)	T. Ginásio. B.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 41, no. 130.
(199)	T. Ginásio. C.	Charitonidis, S. <i>ArchDelt</i> 21:2 (1966), p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 41, no. 130.
(200)	T. I. Presvelos-Bobos-Pagonis.	Krystalli, K. <i>ArchDelt</i> 22:2 (1967), p. 170; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 210.
(201)	T. II. Presvelos-Bobos-Pagonis.	Krystalli, K. <i>ArchDelt</i> 22:2 (1967), p. 170; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 210.

(202)	A. Presvelos-Bobos-Pagonis.	Krystalli, K. <i>ArchDelt</i> 22:2 (1967), p. 170; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(203)	Γ Presvelos-Bobos-Pagonis.	Krystalli, K. <i>ArchDelt</i> 22:2 (1967), p. 170; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(204)	Δ. Presvelos-Bobos-Pagonis.	Krystalli, K. <i>ArchDelt</i> 22:2 (1967), p. 170; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(205)	E. Presvelos-Bobos-Pagonis.	Krystalli, K. <i>ArchDelt</i> 22:2 (1967), p. 170; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(206)	T. VI. Tzoulos.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 22:2 (1967), p. 174; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(207)	T. I. Desminis.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 22:2 (1967), p. 177; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(208)	T. II. Desminis.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 22:2 (1967), p. 177; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(209)	T. III. Desminis.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 22:2 (1967), p. 177; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22.
(210)	T. III. Kypouropoulos.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 23:2 (1968), p. 127-28; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 36; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 204.
(211)	T. V. Kypouropoulos.	Papachristodoulou, I. <i>AAA</i> II (1969), p. 159; Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 24:2 (1969), p. 106; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 36.
(212)	T. VI. Kypouropoulos.	Papachristodoulou, I. <i>AAA</i> II (1969), p. 159-61; Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 24:2 (1969), p. 106; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 36; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 204.
(213)	T. III. Praça dos Stratonies.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 24:2 (1969), p. 107; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 36.
(214)	T. I. Karabelas.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 24:2 (1969), p. 107; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38.
(215)	T. II. Karabelas.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 24:2 (1969), p. 107; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38.
(216)	T. III. Karabelas.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 24:2 (1969), p. 107; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38.
(217)	T. IV. Karabelas.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 24:2 (1969), p. 107; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38.
(218)	T. V. Karabelas.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 24:2 (1969), p. 107; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 30, 38.
(219)	T. VI. Karabelas.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 24:2 (1969), p. 107; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38.
(220)	T. VII. Karabelas.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 24:2 (1969), p. 107; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38.
(221)	T. III. Skliris.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 24:2 (1969), p. 109; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 39.
(222)	T. IV. Skliris.	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 24:2 (1969), p. 109; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 39.
(223)	T. Kavouzis.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 25:2 (1970), p. 155; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 28.
(224)	T. Iliopoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 25:2 (1970), p. 155; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 39; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 204.
(225)	T. Zervos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 25:2 (1970), p. 155; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 28.

(226)	T. Livaditis.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>AAA</i> III (1970), p. 180-83; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 22, 38; Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 26:2 (1971), p. 74-76.
(227)	T. I. Panagos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 26:2 (1971), p. 76; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(228)	T. II. Panagos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 26:2 (1971), p. 76; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(229)	T. Ginásio.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 26:2 (1971), p. 78; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(230)	T. Teatro.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 26:2 (1971), p. 79; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(231)	T. Stavropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ASAtene</i> 60 (1982), p. 33-48. Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 26:2 (1971), p. 79; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada, cortesia do autor; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 213
(232)	T. 1. R. Danaou, 21. Papanikolaou.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 192; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(233)	T. 2. R. Danaou, 21. Papanikolaou.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 192; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(234)	T. 4. R. Danaou, 21. Papanikolaou.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 192; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 208; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(235)	T. 5. R. Danaou, 21. Papanikolaou.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 192, 194; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(236)	T. 6. R. Danaou, 21. Papanikolaou.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 194; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(237)	T. 7. R. Danaou, 21. Papanikolaou.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 194; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(238)	T. 1. R. Kolokotroni, 12. Kosmas.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 197; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(239)	T. 2. R. Kolokotroni, 12. Kosmas.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 197; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(240)	Túmulos sem Numeração. R. Zographou, 9. Georgas.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 198; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(241)	T. R. Zographou, 9. Georgas.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 198; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.

(242)	T. 2. R. Irakleos, 51. Xenakis.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 200; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(243)	T. 3. R. Irakleos, 51. Xenakis.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 200; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(244)	T. 4. R. Irakleos, 51. Xenakis.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 200; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(245)	T. 5. R. Irakleos, 51. Xenakis.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 200; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(246)	T. 6. R. Irakleos, 51. Xenakis.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 200; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(247)	T. 7. R. Irakleos, 51. Xenakis.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 200; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(248)	T. R. Irakleos, 50. Pilikingos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 201; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(249)	T. R. Irakleos, 54. Rikos. A.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 201; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(250)	T. R. Irakleos, 54. Rikos. B.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 201; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(251)	T. 1. R. Karatza, 16. Bozonelos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 205; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(252)	T. 2. R. Karatza, 16. Bozonelos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 205; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(253)	T. 3. R. Karatza, 16. Bozonelos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 205; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(254)	T. 4. R. Karatza, 16. Bozonelos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 27:2 (1972), p. 205; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(255)	T. R. Irakleos. Kapetanos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 95; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(256)	T. VII. R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Oi Týμβοι Του Αργους</i> . Athina, 1980, p. 38; Protonotariou-Deilaki, E. <i>ASAtene</i> 60 (1982), p. 33-48; Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 97, 99; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(257)	T. XIII. R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Oi Týμβοι Του Αργους</i> . Athina, 1980, p. 41; Protonotariou-Deilaki, E. <i>ASAtene</i> 60 (1982), p. 33-48; Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 97, 99; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.

(258)	T. XV. R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 42-43; Protonotariou-Deilaki, E. <i>ASAte</i> 60 (1982), p. 33-48; Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 97, 99; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(259)	T. XVI. R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 43.
(260)	T. XVII. R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 43; Protonotariou-Deilaki, E. <i>ASAte</i> 60 (1982), p. 33-48; Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 97, 99; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 213; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(261)	T. 31 (Cova simples II). R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 59.
(262)	T. 32 (Cova simples III). R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 59.
(263)	T. 46 (Pito IIα). R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 62.
(264)	T. 47 (Pito III). R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 62.
(265)	T. 48 (Pito IV). R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 62.
(266)	T. 49 (Pito V). R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 63.
(267)	T. 53. R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 64.
(268)	T. 54. R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 64.
(269)	T. 55. R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 64.
(270)	T. 56. R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 64.
(271)	T. 57. R. Perseus, 41. Theodoropoulos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 64.
(272)	T. 1. R. Karatza, 38. Ioannidis.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 111; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(273)	T. 2. R. Karatza, 38. Ioannidis.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 111; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(274)	T. I. R. Tripoleos, 10. Theophanopoulou.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 115; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(275)	T. II. R. Tripoleos, 10. Theophanopoulou.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 115; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.

(276)	T. III. R. Tripoleos, 10. Theophanopoulou.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 115; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(277)	T. IV. R. Tripoleos, 10. Theophanopoulou.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 115; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(278)	T. V. R. Tripoleos, 10. Theophanopoulou.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 115; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(279)	T. VI. R. Tripoleos, 10. Theophanopoulou.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 115; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(280)	T. VII. R. Tripoleos, 10. Theophanopoulou.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 115; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(281)	T. R. Aghiou Konstantinou, 7. Delavinias.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 117; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(282)	T. Rio Xerias. A.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 123; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(283)	T. Rio Xerias. B.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 123; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(284)	T. Pito. Dontas.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 125; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(285)	T. 1. Dontas.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 125; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(286)	T. 2. Dontas.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 125; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(287)	T. 3. Dontas.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 125; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(288)	T. 4. Dontas.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 125; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(289)	T. 1. Lynkitsos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28 (1973), p. 127; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 206; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(290)	T. 2. Lynkitsos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28 (1973), p. 127; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 206; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(291)	T. 3. Lynkitsos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28 (1973), p. 127, 129; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 206; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.

(292)	T. 4. Lynkitsos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28 (1973), p. 129; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(293)	T. Pito. Lynkitsos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 129; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 206-07; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(294)	T. Cratera. Lynkitsos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 129; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(295)	T. Kanellopoulos. A.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 132; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(296)	T. Kanellopoulos. B.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 132; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(297)	T. Kanellopoulos. C.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 132; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(298)	T. Pito. Trikaliotis.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973), p. 135; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(299)	T. I. Naskos.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 29:2 (1973 / 1974), p. 209-210; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(300)	T. Pito. Naskos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 29:2 (1973 / 1974), p. 219; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(301)	T. Tsouloucha.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 29:2 (1973 / 1974), p. 220; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 213; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(302)	T. Pito. Kalogeropoulos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 29:2 (1973 / 1974), p. 228; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(303)	T. Cratera. Kalogeropoulos.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 29:2 (1973 / 1974), p. 228; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(304)	T. Ânfora α. Tsoukriannis.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 29:2 (1973/1974), p. 228; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 200; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(305)	T. Pito α. Tsoukriannis.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 29:2 (1973/1974), p. 228; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 200; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(306)	T. Pito β. Tsoukriannis.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 29:2 (1973/1974), p. 228; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 200; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.

(307)	T. Pito γ. Tsoukriannis.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 29:2 (1973/1974), p. 228; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 200; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(308)	T. Pito δ. Tsoukriannis. A.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 29:2 (1973/1974), p. 228; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 200; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(309)	T. Pito δ. Tsoukriannis. B.	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 29:2 (1973/1974), p. 228; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 200; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(310)	T. I. Totsikas.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 21; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(311)	T. II. Totsikas.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 21; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(312)	T. III. Totsikas.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 21; Paléologou, H. <i>BCH Suppl.</i> 6 (1980), p. 75-84. Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 213; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(313)	T. VII. Totsikas.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 22; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(314)	T. Θ. Evstratiadis. R. do Teatro. A.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 21; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(315)	T. Θ. Evstratiadis. R. do Teatro. B.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>Οι Τύμβοι Του Άργους</i> . Athina, 1980, p. 21; Hägg, R. Tab. 43: Grabfunde von Argos, griechische Ausgrabungen (Nachtrag zu Tab. 43, oben S. 22 f.) – Obra não publicada.
(316)	T. I. R. Aspidos.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 35 (1980) [1987], p. 111-120, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(317)	T. II. R. Aspidos.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 35 (1980) [1987], p. 111-120, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(318)	T. Z. R. Atreos e R. Danaou. Poulis.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 36 (1981) [1988], p. 109-111, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(319)	T. Θ. R. Atreos e R. Danaou. Poulis.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 36 (1981) [1988], p. 109-111, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(320)	T. R. Danaou. Papoulesis. A.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 36 (1981) [1988], p. 109-111, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(321)	T. R. Danaou. Papoulesis. B.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 36 (1981) [1988], p. 109-111, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(322)	T. R. Danaou. Papoulesis. C.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 36 (1981) [1988], p. 109-111, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(323)	T. R. Danaou. Papoulesis. D.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 36 (1981) [1988], p. 109-111, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.

(324)	T. R. Danaou. Papoulesis. E.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 36 (1981) [1988], p. 109-111, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(325)	T. R. Danaou. Papoulesis. F.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 36 (1981) [1988], p. 109-111, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(326)	T. R. Danaou. Papoulesis. G.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 36 (1981) [1988], p. 109-111, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(327)	T. R. Danaou. Papoulesis. H.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 36 (1981) [1988], p. 109-111, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(328)	T. R. Atreos e R. Tripoleos. A.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 36 (1981) [1988], p. 111, 113, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(329)	T. R. Atreos e R. Tripoleos. B.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 36 (1981) [1988], p. 111, 113, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(330)	T. R. Kallergui. Paidakis.	Morou, E. <i>ArchDelt</i> 36 (1981) [1988], p. 113, <i>BCH</i> 113 (1989), p. 602.
(331)	T. I. R. Diomidous. Kotsiopolou.	<i>ArchDelt</i> 40 (1985) [1990], p. 86-91, <i>BCH</i> 116 (1992), p. 854.
(332)	T. II. R. Diomidous. Kotsiopolou.	<i>ArchDelt</i> 40 (1985) [1990], p. 86-91, <i>BCH</i> 116 (1992), p. 854.
(333)	T. III. R. Diomidous. Kotsiopolou.	<i>ArchDelt</i> 40 (1985) [1990], p. 86-91, <i>BCH</i> 116 (1992), p. 854.
(334)	T. R. Danaou, 27.	<i>ArchDelt</i> 40 (1985) [1990], p. 86-91, <i>BCH</i> 116 (1992), p. 854.
(335)	T. R. Irakleos, 35 e Aspís.	<i>ArchDelt</i> 40 (1985) [1990], p. 86-91, <i>BCH</i> 116 (1992), p. 854.
(336)	T. A. R. Miaouli. Goulermas.	<i>ArchDelt</i> 40 (1985) [1990], p. 86-91, <i>BCH</i> 116 (1992), p. 854.
(337)	T. B. R. Miaouli. Goulermas.	<i>ArchDelt</i> 40 (1985) [1990], p. 86-91, <i>BCH</i> 116 (1992), p. 854.
(338)	T. R. Belinou. A.	Banaka, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 88.
(339)	T. R. Belinou. B.	Banaka, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 88.
(340)	T. R. Belinou. C.	Banaka, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 88.
(341)	T. 1. R. Gounari. Nikolopoulos.	Spathari, E. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 90-91; <i>BCH</i> 122 (1998), p. 754.
(342)	T. 2. R. Gounari. Nikolopoulos.	Spathari, E. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 90-93; <i>BCH</i> 122 (1998), p. 754.
(343)	T. 3. R. Gounari. Nikolopoulos.	Spathari, E. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 92; <i>BCH</i> 122 (1998), p. 754.
(344)	T. 4. R. Gounari. Nikolopoulos.	Spathari, E. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 92; <i>BCH</i> 122 (1998), p. 754.
(345)	T. 2. R. Karpelopoulou.	Spathari, E. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 93; <i>BCH</i> 122 (1998), p. 754.
(346)	T. 3. R. Karpelopoulou.	Spathari, E. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 93; <i>BCH</i> 122 (1998), p. 754.
(347)	T. 4. R. Karpelopoulou.	Spathari, E. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 93; <i>BCH</i> 122 (1998), p. 754.
(348)	Túmulo s N. R. Messinias-Arkadias.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 95; <i>BCH</i> 122 (1998), p. 754.
(349)	T. I. R. G. Seferi e R. A. Konstantinou.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 97; <i>BCH</i> 122 (1998), p. 754.

(350)	T. II. R. G. Seferi e R. A. Konstantinou.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 97; BCH 122 (1998), p. 754.
(351)	T. III. R. G. Seferi e R. A. Konstantinou.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 97; BCH 122 (1998), p. 754.
(352)	T. IV. R. G. Seferi e R. A. Konstantinou.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 97; BCH 122 (1998), p. 754.
(353)	T. V. R. G. Seferi e R. A. Konstantinou.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 97; BCH 122 (1998), p. 754.
(354)	T. VI. R. G. Seferi e R. A. Konstantinou.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 97; BCH 122 (1998), p. 754.
(355)	T. R. Diomíðous.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 97-98; BCH 122 (1998), p. 754.
(356)	T. 1. R. Theophanopoulou.	Piteros, Ch. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 98; BCH 122 (1998), p. 754.
(357)	T. 2. R. Theophanopoulou.	Piteros, Ch. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 98; BCH 122 (1998), p. 754.
(358)	T. 3. R. Theophanopoulou.	Piteros, Ch. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 98; BCH 122 (1998), p. 754.
(359)	T. 4. R. Theophanopoulou.	Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 98; BCH 122 (1998), p. 754.
(360)	T. 5. R. Theophanopoulou.	Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 98-99; BCH 122 (1998), p. 754.
(361)	T. 6. R. Theophanopoulou.	Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 99; BCH 122 (1998), p. 754.
(362)	T. 7. R. Theophanopoulou.	Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 99; BCH 122 (1998), p. 754.
(363)	T. 1. R. Gounari, 45.	Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 99; BCH 122 (1998), p. 754.
(364)	T. 2. R. Gounari, 45.	Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 99; BCH 122 (1998), p. 754.
(365)	T. Praça Dimokratias. Mercado Central.	Piteros, Ch. <i>ArchDelt</i> 46 (1991) [1996], B1, p. 102-03; BCH 122 (1998), p. 754.
(366)	T. R. Polykleitou. Papaioannis. A.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 85; BCH 122 (1998), p. 754.
(367)	T. R. Polykleitou. Papaioannis. B.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 85; BCH 122 (1998), p. 754.
(368)	T. R. Polykleitou. Chrisoulas e Bousis.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 85-86; BCH 122 (1998), p. 754.
(369)	Túmulos s N. R. Polykleitou. Chrisoulas e Bousis.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 85-86; BCH 122 (1998), p. 754.
(370)	Túmulos s N. R. Polykleitou. Chrisoulas e Bousis.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 85-86; BCH 122 (1998), p. 754.
(371)	T. IX. R. Tripoleos.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 86-87; BCH 122 (1998), p. 754.
(372)	T. X. R. Tripoleos.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 86-87; BCH 122 (1998), p. 754.
(373)	T. XI. R. Tripoleos.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 86-87; BCH 122 (1998), p. 754.

(374)	T. XII. R. Tripoleos.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 86-87; BCH 122 (1998), p. 754.
(375)	T. XIII. R. Tripoleos.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 86-87; BCH 122 (1998), p. 754.
(376)	T. 6. R. Xenophontos e R. Diakou.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 89; BCH 122 (1998), p. 754.
(377)	T. 9. R. Xenophontos e R. Diakou.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 89; BCH 122 (1998), p. 754.
(378)	T. 10. R. Xenophontos e R. Diakou.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 89; BCH 122 (1998), p. 754.
(379)	T. 14. R. Xenophontos e R. Diakou.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 89; BCH 122 (1998), p. 754.
(380)	T. 17. R. Xenophontos e R. Diakou.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 89; BCH 122 (1998), p. 754.
(381)	T. 18. R. Xenophontos e R. Diakou.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 89; BCH 122 (1998), p. 754.
(382)	T. 26. R. Xenophontos e R. Diakou.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 89; BCH 122 (1998), p. 754.
(383)	T. 28. R. Xenophontos e R. Diakou.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 89; BCH 122 (1998), p. 754.
(384)	T. 36. R. Xenophontos e R. Diakou.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 89; BCH 122 (1998), p. 754.
(385)	T. 39. R. Xenophontos e R. Diakou.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 89; BCH 122 (1998), p. 754.
(386)	T. 16. R. Miaouli.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 90; BCH 122 (1998), p. 754.
(387)	T. 18. R. Miaouli.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 90; BCH 122 (1998), p. 754.
(388)	T. 19. R. Miaouli.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 90; BCH 122 (1998), p. 754.
(389)	T. R. Irakleos. A.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.
(390)	T. R. Irakleos. B.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.
(391)	T. R. Irakleos. C.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.
(392)	T. R. Irakleos. D.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.
(393)	T. R. Irakleos. E.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.
(394)	T. R. Irakleos. F.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.
(395)	T. R. Irakleos. G.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.
(396)	T. R. Irakleos. H.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.
(397)	T. R. Irakleos. I.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.
(398)	T. R. Irakleos. J.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.
(399)	T. R. Irakleos. K.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.

(400)	T. R. Irakleos. L.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.
(401)	T. R. Irakleos. M.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.
(402)	T. 32. R. Irakleos.	Psichogiou, O. <i>ArchDelt</i> 47 (1992) [1997], B1, p. 91; BCH 122 (1998), p. 754.
(403)	T. 1. R. Gordonos e R. Kolokotroni.	Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 128; BCH 123 (1999), p. 678.
(404)	T. 2. R. Gordonos e R. Kolokotroni.	Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 128; BCH 123 (1999), p. 678.
(405)	T. 3. R. Gordonos e R. Kolokotroni.	Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 128; BCH 123 (1999), p. 678.
(406)	T. R. Chatzi. A.	Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 132; BCH 123 (1999), p. 678.
(407)	T. R. Chatzi. B.	Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 132; BCH 123 (1999), p. 678.
(408)	T. R. Chatzi. C.	Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 132; BCH 123 (1999), p. 678.
(409)	T. 9. R. Karatza.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 133; BCH 123 (1999), p. 678.
(410)	T. 2. R. Vas. Sophias.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 134; BCH 123 (1999), p. 678.
(411)	T. 3. R. Vas. Sophias.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 134; BCH 123 (1999), p. 678.
(412)	T. 3. Katsoguiannos.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 138; BCH 123 (1999), p. 678.
(413)	T. 4. Katsoguiannos.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 138; BCH 123 (1999), p. 678.
(414)	T. 5. Katsoguiannos.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 138; BCH 123 (1999), p. 678.
(415)	T. 6. Katsoguiannos.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 138; BCH 123 (1999), p. 678.
(416)	T. I. R. Gounari.	Banaka, A. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 140; BCH 123 (1999), p. 678.
(417)	T. II. R. Gounari.	Banaka, A. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 140; BCH 123 (1999), p. 678.
(418)	T. III. R. Gounari.	Banaka, A. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 140; BCH 123 (1999), p. 678.
(419)	T. IV. R. Gounari.	Banaka, A. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 140; BCH 123 (1999), p. 678.
(420)	T. V. R. Gounari.	Banaka, A. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 140; BCH 123 (1999), p. 678.
(421)	T. Pito. R. Gounari.	Banaka, A. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 140; BCH 123 (1999), p. 678.
(422)	T. II. R. Gounari.	Banaka, A. <i>ArchDelt</i> 49 (1994) [1999], B1, p. 140; BCH 123 (1999), p. 678.
(423)	T. I. Tsioros.	Sarri, E. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 94; BCH 124 (2000), p. 799.
(424)	T. II. Tsioros.	Sarri, E. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 94; BCH 124 (2000), p. 799.

(425)	T. 1. Skliri.	Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 96; BCH 124 (2000), p. 799.
(426)	T. 1. Trincheira R. Gounari.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 96; BCH 124 (2000), p. 799.
(427)	T. 2. Trincheira R. Gounari.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 96; BCH 124 (2000), p. 799.
(428)	T. 3. Trincheira R. Gounari.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 96; BCH 124 (2000), p. 799.
(429)	T. 13. Trincheira R. Gounari.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 96-97; BCH 124 (2000), p. 799.
(430)	T. 19. Trincheira R. Gounari.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 96-97; BCH 124 (2000), p. 799.
(431)	T. 25. Trincheira R. Gounari.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 96-97; BCH 124 (2000), p. 799.
(432)	T. 26. Trincheira R. Gounari.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 96-97; BCH 124 (2000), p. 799.
(433)	T. 28. Trincheira R. Gounari.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 96; BCH 124 (2000), p. 799.
(434)	T. 29. Trincheira R. Gounari.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 96; BCH 124 (2000), p. 799.
(435)	T. 30. Trincheira R. Gounari.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 96-97; BCH 124 (2000), p. 799.
(436)	T. 31. Trincheira R. Gounari.	Psychoyos, O. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 96-97; BCH 124 (2000), p. 799.
(437)	T. 1. Michalaki.	Kolia, E. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 100; BCH 124 (2000), p. 799.
(438)	T. 2. Michalaki.	Kolia, E. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 100; BCH 124 (2000), p. 799.
(439)	T. 3. Michalaki.	Kolia, E. <i>ArchDelt</i> 50 (1995) [2000], B1, p. 100; BCH 124 (2000), p. 799.
(440)	T. 1. Manou.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 87-88; BCH 125 (2001), p. 827.
(441)	T. 2. Manou.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 88; BCH 125 (2001), p. 827.
(442)	T. 3. Manou.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 88; BCH 125 (2001), p. 827.
(443)	T. 4. Manou.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 88; BCH 125 (2001), p. 827.
(444)	T. 8. Manou.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 88; BCH 125 (2001), p. 827.
(445)	T. 9. Manou.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 88; BCH 125 (2001), p. 827.
(446)	T. 11. Manou.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 88; BCH 125 (2001), p. 827.
(447)	T. 4. Passias.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 88-89; BCH 125 (2001), p. 827.
(448)	T. 5. Passias.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 88-89; BCH 125 (2001), p. 827.
(449)	T. 6. Passias.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 88-89; BCH 125 (2001), p. 827.

(450)	T. 7. Passias.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 88-89; <i>BCH</i> 125 (2001), p. 827.
(451)	T. 8. Passias.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 88-89; <i>BCH</i> 125 (2001), p. 827.
(452)	T. 9. Passias.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 88-90; <i>BCH</i> 125 (2001), p. 827.
(453)	T. Pito A. Passias.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 89, no. 3; <i>BCH</i> 125 (2001), p. 827.
(454)	T. Pito B. Passias.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 89, no. 3; <i>BCH</i> 125 (2001), p. 827.
(455)	T. Pito C. Passias.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 89-90; <i>BCH</i> 125 (2001), p. 827.
(456)	T. Ânfora. Passias.	Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 88; <i>BCH</i> 125 (2001), p. 827.
(457)	T. Kondogianni.	Pandou, E. <i>ArchDelt</i> 51 (1996) [2001], B1, p. 180-81; <i>BCH</i> 125 (2001), p. 827.

Tirinto.

(458)	T. 1907/09, 1	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 128; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 83, 115; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(459)	T. 1907/09, 2	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 128; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 118; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(460)	T. 1907/09, 3	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 128; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 82, 111; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(461)	T. 1907/09, 4	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 128; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 82, 115; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(462)	T. 1907/09, 5	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 128; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 116; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(463)	T. 1907/09, 6	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 128; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 118; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(464)	T. 1907/09, 7	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 82, 115; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(465)	T. 1907/09, 8	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 82, 115; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(466)	T. 1907/09, 9	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 116; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(467)	T. 1907/09, 10	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 82, 115; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(468)	T. 1907/09, 11	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 82, 115; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(469)	T. 1907/09, 12	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 118; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(470)	T. 1907/09, 13	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 115; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(471)	T. 1907/09, 14	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(472)	T. 1907/09, 15	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 124; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.

(473)	T. 1907/09, 16	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 119; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 214; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(474)	T. 1907/09, 17	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 83, 115; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(475)	T. 1907/09, 18	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 83, 115; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(476)	T. 1907/09, 19	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 130; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 82, 138; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(477)	T. 1907/09, 20	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 128; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 143; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(478)	T. 1907/09, 21	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 130; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 139; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 217; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(479)	T. 1907/09, 22	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 131; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 142; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 217; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(480)	T. 1907/09, 23	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 131; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 214; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(481)	T. 1907/09, 24	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 131; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 139; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 217; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(482)	T. 1907/09, 25	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 131; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 143; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(483)	T. 1907/09, 26	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 131-32; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 215; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(484)	T. 1907/09, 27	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 214-15; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(485)	T. 1907/09, 28	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 215; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(486)	T. 1907/09, 29	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 138-39; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(487)	T. 1907/09, 30	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 214; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(488)	T. 1907/09, 31	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 140; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 214; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(489)	T. 1907/09, 32	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 138; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(490)	T. 1907/09, 33	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 133; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 215; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(491)	T. 1907/09, 34	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 133; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 143; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 214; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(492)	T. 1907/09, 35	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 133; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 139; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 214; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.

(493)	T. 1907/09, 36	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 133; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 141-42; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 214; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(494)	T. 1907/09, 37	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 133; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 142; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 215; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(495)	T. 1907/09, 38	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 133; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 142; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 215; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(496)	T. 1907/09, 39	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 134; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 142; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 215; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(497)	T. 1907/09, 40	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 134; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 104; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(498)	T. 1907/09, 41	Muller, W. und Oelmann, F. <i>Tiryns I</i> , 1912, p. 134; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76-85, 105; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 215; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(499)	T. 1924/1	Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(500)	T. 1925/1	<i>Geometrische</i> . 2007.; Coldstream, J. N. <i>GGP</i> , 1968, p. 121, 124, Pl. 25h.
(501)	T. 1926/1	Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p. 2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(502)	T. 1926/2	Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; <i>Geometrische</i> . 2007.
(503)	T. 1926/3	Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p. 2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(504)	T. 1926/4	Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(505)	T. 1926/6	Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; <i>Geometrische</i> . 2007.
(506)	T. 1926/7	Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(507)	T. 1926/8	Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(508)	T. 1926/9	Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(509)	T. 1927/1	Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, G. und Hiesel, G. <i>Tiryns VIII</i> , 1975, p. 27; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(510)	T. 1927/2	Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(511)	T. 1927/3	Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, G. und Hiesel, G. <i>Tiryns VIII</i> , 1975, p. 27; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(512)	T. 1927/4	Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> . 1971, p.2; Gercke, G. und Hiesel, G. <i>Tiryns VIII</i> , 1975, p. 27; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(513)	T. 1927/5	Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p. 17; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(514)	T. 1927/6	Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(515)	T. 1927/7	Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> . 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(516)	T. 1927 / V	Rudolph, W. <i>Tiryns VI</i> , 1973, p. 36-40; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 80, 82.
(517)	T. 1927 / VI	Rudolph, W. <i>Tiryns VI</i> , 1973, p. 40-49; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 80, 82.
(518)	T. 1927 / VIII	Rudolph, W. <i>Tiryns VI</i> , 1973, p. 55-59; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 80, 82.

(519)	T. 1957 / I	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 25; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76-77, 105; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 216; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(520)	T. 1957 / II	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 47-48; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 216; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(521)	T. 1957 / III	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 48-50; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 216; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(522)	T. 1957 / IV	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 47-48; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 216; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> . 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(523)	T. 1957 / V	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 26-27; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 82, 116; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(524)	T. 1957 / VI	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 27-28; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 82, 116; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(525)	T. 1957 / VII	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 28-30; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 82, 116; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(526)	T. 1957 / VIII	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 51-52; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 216; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(527)	T. 1957 / IX	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 53; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 216; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(528)	T. 1957 / X	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 30-31; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 119; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(529)	T. 1957 / XI	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 53; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 216; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(530)	T. 1957 / XII	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 53; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 216; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(531)	T. 1957 / XIII	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 6-10; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 102; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(532)	T. 1957 / XIV	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 53-54; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 143; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(533)	T. 1957 / XV	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 31-32; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 82, 116; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.

(534)	T. 1957 / XVI	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 32-34; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 216; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> . 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(535)	T. 1957 / XVII	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 24; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 106; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(536)	T. 1957 / XVIII	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 35; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 82, 116; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(537)	T. 1957 / XIX	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 24; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 106; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(538)	T. 1957 / XXII	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 40-41; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76-85; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 217; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> . 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(539)	T. 1957 / XXIII	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 35-40; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 135; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 217; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(540)	T. 1957 / XXIV	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 54; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 83, 137; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(541)	T. 1957 / XXV	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 42-46; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76-135; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 216; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> . 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(542)	T. 1957 / XXVI	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 41-42; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 83, 116; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(543)	T. 1957 / XXVII	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 46; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76-124; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(544)	T. 1957 / XXVIII	<i>BCH</i> 82 (1958), p. 707; Verdellis, N. <i>AM</i> 78 (1963), p. 10-24; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 80, 101-02; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> , 1971, p.2; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(545)	NW da Cidadela	Kunze, E. <i>ÖJH</i> XXXIX (1952), p. 55; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 140; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 215.
(546)	T. 1966/I	<i>ArchDelt</i> XXII B1 (1967), p. 180-81; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 85-6, 140; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(547)	T. 1966/II	<i>ArchDelt</i> XXII B1 (1967), p. 180-81; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 85-6, 140; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(548)	T. 1966/III	<i>ArchDelt</i> XXII B1 (1967), p. 180-81; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 85-6, 140; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(549)	T. 1966/IV	<i>ArchDelt</i> XXII B1 (1967), p. 180-81; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 85-6, 140; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(550)	T. 1966/V□	<i>ArchDelt</i> XXII B1 (1967), p. 180-81; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 85-6, 140; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(551)	T. 1966/VII	<i>ArchDelt</i> XXII B1 (1967), p. 180-81; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 85-6, 140; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(552)	T. 1966/VIII	<i>ArchDelt</i> XXII B1 (1967), p. 180-81; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 85-6, 140; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.

(553)	T. 1966/IX	<i>ArchDelt XXII B1</i> (1967), p. 180-81; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 85-6, 140; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(554)	T. 1966. Meringi	<i>ArchDelt XXII B1</i> (1967), p. 181; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 85; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(555)	T. 1968. Daskalakis.	Protonotariou-Deilaki, <i>ArchDelt XXIV B1</i> (1969), p. 104; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 83, 116.
(556)	T. 1968/M 31,50	<i>BCH</i> 97 (1973), p. 299; Jantzen, U. und Mitarbeiter <i>AA</i> (1969), p. 11; Muller, K. <i>Tiryns VIII</i> (1975), p. 137, 153; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 84; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 217.
(557)	T. 1969. Meringi	Protonotariou-Deilaki <i>ArchDelt XXV B1</i> (1970), p. 156-57; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 214; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(558)	T. Seção "P"	Gercke, P und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> . 1971, p. 17; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 138.
(559)	T. 1971/1. Rhevma	<i>AAA</i> 7 (1974), p. 18-19; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns VIII</i> , 1975, p. 27-8; Karo, G. <i>AM</i> 55 (1930), p. 120; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85, 118.
(560)	T. 1971/2. Rhevma	Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns VIII</i> , 1975, p. 11; Gercke, P. und Hiesel, G. <i>Tiryns V</i> . 1971, p. 1-3; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 85.
(561)	T. Leste da Casa M	Gercke, P. und Naumann, U. <i>AAA</i> VII (1974a), p. 18-20; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 84, 118.
(562)	T. Oeste da Cidadela	Gercke, P. und Naumann, U. <i>AAA</i> VII (1974a), p. 21; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76, 84-5.
(563)	T. 1972, 1	Gercke, P. und Naumann, U. <i>AAA</i> VII (1974b), p. 22, 24; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(564)	T. 1972, 2	Gercke, P. und Naumann, U. <i>AAA</i> VII (1974b), p. 23, 24; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(565)	T. 1972, 3	Gercke, P. und Naumann, U. <i>AAA</i> VII (1974b), p. 23, 24; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(566)	T. 1972, 4	Gercke, P. und Naumann, U. <i>AAA</i> VII (1974b), p. 23, 24; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(567)	T. 1972, 5	Gercke, P. und Naumann, U. <i>AAA</i> VII (1974b), p. 23, 24; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(568)	T. 1972, 6	Gercke, P. und Naumann, U. <i>AAA</i> VII (1974b), p. 23, 24; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(569)	T. 1972, 7	Gercke, P. und Naumann, U. <i>AAA</i> VII (1974b), p. 23, 24; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(570)	T. 1972, 8	Gercke, P. und Naumann, U. <i>AAA</i> VII (1974b), p. 23, 24; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(571)	T. 1972, 9	Gercke, P. und Naumann, U. <i>AAA</i> VII (1974b), p. 24; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 76; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(572)	T. 1974/1	<i>BCH</i> 79 (1975), p. 613-15; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(573)	T. 1974/2	<i>BCH</i> 79 (1975), p. 613-15; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.

(574)	T. 1974/3	<i>BCH 79</i> (1975), p. 613-15; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(575)	T. 1974/4	<i>BCH 79</i> (1975), p. 613-15; Kilian, K. <i>AA</i> 1978, p. 467-68; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(576)	T. 1974/6	<i>BCH 79</i> (1975), p. 613-15; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(577)	T. 1974/7	<i>BCH 79</i> (1975), p. 613-15; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(578)	T. 1974/8	<i>BCH 79</i> (1975), p. 613-15; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(579)	T. 1974/9	<i>BCH 79</i> (1975), p. 613-15; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(580)	T. 1974/10	<i>BCH 79</i> (1975), p. 613-15; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(581)	T. 1974/11	<i>BCH 79</i> (1975), p. 613-15; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(582)	T. 1974/12	<i>BCH 79</i> (1975), p. 613-15; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(583)	T. 1974/13	<i>BCH 79</i> (1975), p. 613-15; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(584)	T. 1974/14	<i>BCH 79</i> (1975), p. 613-15; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(585)	T. 1974 / 15	<i>BCH 79</i> (1975), p. 613-15; Gercke, P. <i>Geometrische</i> . 2007.
(586)	T. 1974 Ποço	<i>BCH 79</i> (1975), p. 613-15; <i>Geometrische</i> . 2007.; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(587)	T. 1975/1	<i>BCH 108</i> (1984), p. 759; <i>ArchDelt</i> 30.2 (1975) [1983], p. 60; Papadimitriou, A. <i>Tiryns</i> . 1987.
(588)	T. 1982 / 1	Catling, H. W. <i>ArchRep</i> 29 (1982-1983), p. 28; <i>Geometrische</i> . 2007.; <i>ELeftherotyria</i> 16.11.82.
(589)	2001 / A	<i>BCH 125</i> (2001), p. 832-33; Maran, J. and Papadimitriou, A. <i>AA</i> 2006, p. 121-22.
(590)	2001 / B	<i>BCH 125</i> (2001), p. 832-33; Maran, J. and Papadimitriou, A. <i>AA</i> 2006, p. 121-22.

Asine.

(591)	T. 1922/1	Frödin, O. and Persson, A. W. <i>Asine</i> , 1938, p. 192-194; Hägg, R., <i>OpAth</i> VI (1965), p. 118-33; Hägg, R., <i>OpAth</i> X (1971), p. 46-47; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 54, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 221.
(592)	T. 1922/2	Hägg, R., <i>OpAth</i> VI (1965), p. 134-38; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 105.
(593)	T. 1922/3	Hägg, R., <i>OpAth</i> X (1971), p. 45-46; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 55, 119; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 220-21.
(594)	T. 1922/LH 10	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 129, 158-60; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 53.
(595)	T. 1922/LH 12	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 129, 160-62; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 105; Mountjoy, P. <i>Asine III</i> , Fasc. 1, 1996, p. 62-64.

(596)	T. Necrópole Micênica I 1922	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 52; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 105.
(597)	T. Necrópole Micênica II. Câmara II:1	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 191-92; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 105.
(598)	T. Acrópole, 1926	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 37-38; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 105.
(599)	T. PG 1	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 129; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(600)	T. PG 2	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 129-30; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(601)	T. PG 3	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 130; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(602)	T. PG 4	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 130; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(603)	T. PG 5	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 130; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(604)	T. PG 6	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 130; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(605)	T. PG 7	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 130; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(606)	T. PG 8	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 130; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(607)	T. PG 9	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 130-31; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(608)	T. PG 10	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 131; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(609)	T. PG 11	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 131; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(610)	T. PG 12	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(611)	T. PG 13	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 102.
(612)	T. PG 14	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 102.
(613)	T. PG 15	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 102.
(614)	T. PG 16	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3-113.
(615)	T. PG 17	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(616)	T. PG 18	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(617)	T. PG 19	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 132; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(618)	T. PG 20	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 132-33; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(619)	T. PG 21	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 133; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(620)	T. PG 22	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 133; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 102.
(621)	T. PG 23	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 133-34; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.

(622)	T. PG 24	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 134; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(623)	T. PG 25	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 134-35; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(624)	T. PG 26	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 135; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(625)	T. PG 27	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 135; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(626)	T. PG 28	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 135-36; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(627)	T. PG 29	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 136; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(628)	T. PG 30	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 136; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(629)	T. PG 31	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 136; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 102.
(630)	T. PG 32	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 136; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(631)	T. PG 33	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 136; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 102.
(632)	T. PG 34	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 136-37; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(633)	T. PG 35	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 137; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(634)	T. PG 36	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 137; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(635)	T. PG 37	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 137-38; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(636)	T. PG 38	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 138; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(637)	T. PG 39	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 138; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(638)	T. PG 40	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 138; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(639)	T. PG 41	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 138-39; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(640)	T. PG 42	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 139; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49.
(641)	T. PG 43	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 139; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(642)	T. PG 44	Frödin, O. and Persson, A. <i>W. Asine</i> , 1938, p. 139; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 54, 122; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 221.
(643)	T. PG 45	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 139; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 113.
(644)	T. PG 46	Frödin, O. and Persson, A. <i>Asine</i> , 1938, p. 139; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 52-3, 102.
(645)	T. PG 47	Hägg, R., <i>OpAth X</i> (1971), p. 43-44; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 55, 119.
(646)	T. PG 48	Hägg, R., <i>OpAth X</i> (1971), p. 44-45; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 55, 119.

(647)	T. 1958 / G 4	Hägg, R., <i>OpAth X</i> (1971), p. 47-48; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49.
(648)	T. 1969/2	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 25:2 (1970), p. 158-59; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 54.
(649)	T. 1969/3	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 25:2 (1970), p. 158-59; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 54.
(650)	T. 1969/4	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 25:2 (1970), p. 158-59; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 54.
(651)	T. 1969/5	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 25:2 (1970), p. 158-59; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 54.
(652)	T. 1969/6	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 25:2 (1970), p. 158-59; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 54.
(653)	T. 1969/7	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 25:2 (1970), p. 158-59; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 54.
(654)	T. 1970-6	Styrenius, C.-G. <i>AAA IV</i> (1971), p. 147-48; Styrenius, C.-G. <i>ArchDelt</i> 26, B1 (1971), p. 113-14; Wells, B. <i>Asine II. Part 1. The Tombs</i> . 1976, p 11; <i>BCH</i> (1971), p. 874; Dietz, S., <i>S. Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85.
(655)	T. 1970-9	Styrenius, C.-G. <i>AAA IV</i> (1971), p. 147-48; Styrenius, C.-G. <i>ArchDelt</i> 26, B1 (1971), p. 113-14; Wells, B. <i>Asine II. Part 1. The Tombs</i> . 1976, p 11; <i>BCH</i> (1971), p. 874; Dietz, S., <i>S. Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85.
(656)	T. 1970-10	Styrenius, C.-G. <i>AAA IV</i> (1971), p. 147-48; Styrenius, C.-G. <i>ArchDelt</i> 26, B1 (1971), p. 113-14; Wells, B. <i>Asine II. Part 1. The Tombs</i> . 1976, p 11-13; <i>BCH</i> (1971), p. 874; Dietz, S. <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85.
(657)	T. 1970-13	Wells, B. <i>Asine II. Part 1. The Tombs</i> . 1976, p 20; Dietz, S. <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85.
(658)	T. 1970-14	Styrenius, C.-G. <i>AAA IV</i> (1971), p. 147-48; Styrenius, C.-G. <i>ArchDelt</i> 26, B1 (1971), p. 113-14; Wells, B. <i>Asine II. Part 1. The Tombs</i> . 1976, p 15-16; <i>BCH</i> (1971), p. 874; Dietz, S. <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85.
(659)	T. 1970-15	Styrenius, C.-G. <i>AAA IV</i> (1971), p. 147-48; Styrenius, C.-G. <i>ArchDelt</i> 26, B1 (1971), p. 113-14; Wells, B. <i>Asine II. Part 1. The Tombs</i> . 1976, p 16-19; <i>BCH</i> (1971), p. 874; Dietz, S. <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85.
(660)	T. 1972-2	Wells, B., <i>Asine II. Part 1. The Tombs</i> . 1976, p 20; Dietz, S., <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85.
(661)	T. 1972-3	Wells, B. <i>Asine II. Part 1. The Tombs</i> . 1976, p 20; Dietz, S. <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85.
(662)	T. 1972-4	Dietz, S. <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85.
(663)	T. B1	Hägg, R. <i>BOREAS</i> 4:1 (1973), p. 31; Hägg, R. "Asine. Barbouna Area" <i>ArchDelt</i> 28, B1 (1973), p 157; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 49, 56, 120; Dietz, S. <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85.
(664)	T. B2	Hägg, R. <i>BOREAS</i> 4:1 (1973), p. 38-9; Hägg, R. "Asine. Barbouna Area" <i>ArchDelt</i> 28, B1 (1973), p 157; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 4:2 (1978), p. 107; Dietz, S. <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85.
(665)	T. B3	Hägg, R. <i>BOREAS</i> 4:1 (1973), p. 34-7; Hägg, R. "Asine. Barbouna Area" <i>ArchDelt</i> 28, B1 (1973), p 157; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 4:2 (1978), p. 106; 120; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, 49, 54-55; Dietz, S. <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 221.

(666)	T. B4	Hägg, R. <i>BOREAS</i> 4:1 (1973), p. 37; Hägg, R. "Asine. Barbouna Area" <i>ArchDelt</i> 28, B1 (1973), p. 157; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, 1974, p. 49, 54-55; Dietz, S. <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 4:2 (1978), p. 120; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 221.
(667)	T. B9	Hägg, R. <i>BOREAS</i> 4:1 (1973), p. 79-80; Hägg, R. "Asine. Barbouna Area" <i>ArchDelt</i> 28, B1 (1973), p. 159; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 4:2 (1978), p. 116-17; Dietz, S. <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85.
(668)	T. B10	Hägg, R. <i>BOREAS</i> 4:1 (1973), p. 72-6; Hägg, R. "Asine. Barbouna Area" <i>ArchDelt</i> 28, B1 (1973), p. 159; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 4:2 (1978), p. 114; Dietz, S. <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84, 85.
(669)	T. B 24	Dietz, S., <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84-85.
(670)	T. B 26	Dietz, S., <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84-85.
(671)	T. B 36	Dietz, S., <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 84-85.
(672)	T. 1974/1	Dietz, S., <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 85, Plan. I.
(673)	T. 1974/2	Dietz, S., <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 85, Plan. I.
(674)	T. 1974/3	Dietz, S., <i>Asine II</i> , Fasc. 1, 1982, p. 85, Plan. II.
(675)	T. B51	Fossey, J. M. and Hägg, R. <i>Asine</i> , Fasc. 4, 1980, p. 23-25, 27.
(676)	T. B53	Fossey, J. M. and Hägg, R. <i>Asine</i> , Fasc. 4, 1980, p. 23-25, 27.
(677)	T. B 54	Fossey, J. M. and Hägg, R. <i>Asine</i> , Fasc. 4, 1980, p. 23-25, 27.

Micenas.

(678)	T. Nordeste da Porta dos Leões. A	Tsountas, Ch. <i>ArchEph</i> (1891), p. 27, 28; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 65-66, 68.
(679)	T. Nordeste da Porta dos Leões. B	Tsountas, Ch. <i>ArchEph</i> (1891), p. 27, 28; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 65-66, 68.
(680)	T. Nordeste da Porta dos Leões. C	Tsountas, Ch. <i>ArchEph</i> (1891), p. 27, 28; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 65-66, 68, 114-15.
(681)	T. Nordeste da Porta dos Leões. D	Tsountas, Ch. <i>ArchEph</i> (1891), p. 27, 28; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 65-66, 68.
(682)	T. Nordeste da Acrópole.	Tsountas, C. <i>Prakt</i> (1893), p. 8; Frickenhaus, A.; Muller, W. and Oelmann, F. <i>Tiryrs I</i> (1912), p. 134, 136, 159; Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 49 (1954), p. 265; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 68; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 218.
(683)	T. Porta dos Leões.	Perrot, G. et Chipiez, C. <i>Historie del'Art</i> , T. VII, 1898, p. 162; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 65-69.
(684)	T. Leste do T. de Clitemnestra. A	Evangelidis, D. <i>ArchEph</i> (1912), p. 127-41; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 69, 121; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 217.
(685)	T. Leste do T. de Clitemnestra. B	Evangelidis, D. <i>ArchEph</i> (1912), p. 127-41; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 69, 121; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 217; Coldstream, J. N. <i>GGP</i> , 1968, p. 141-44.
(686)	T. Leste do T. de Clitemnestra. C	Evangelidis, D. <i>ArchEph</i> (1912), p. 127-41; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 69, 121; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 217.
(687)	T. Porta dos Leões.	Wace, A. <i>BSA</i> 25 (1921/1923), p. 36; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66.
(688)	T. Na da Casa Sul.	Wace, A. <i>BSA</i> 25 (1921/1923), p. 89-90; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66.
(689)	Cratera do T. em Câmara Micênico 533.	Wace, A. <i>Archaeologia</i> 82 (1932), p. 115; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 218.

(690)	Fossa do T. em Câmara Micênico 533. B	Wace, A. <i>Archaeologia</i> 82 (1932), p. 114-15; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 218.
(691)	T. Sul da Casa da Fonte Perseia.	Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 49 (1954), p. 265; <i>BCH</i> 78 (1954), p. 113; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 69, 143.
(692)	T. Oeste do T. de Clitemnestra. Sul do Círculo Tumular B.	Papadimitriou, I. <i>Prakt</i> (1953), p. 209; Id. <i>Prakt</i> (1954), p. 265; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 68; <i>BCH</i> 79 (1955), p. 232.
(693)	T. G. I	Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 49 (1954), p. 265-66; <i>BCH</i> 78 (1954), p. 113; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 68, 141.
(694)	T. G. II	Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 49 (1954), p. 260-65; <i>BCH</i> 78 (1954), p. 113; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 68, 121.
(695)	T. XXXIX	Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 49 (1954), p. 258-59; <i>BCH</i> 78 (1954), p. 113; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 65-66, 111.
(696)	T. PG. 601	Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 49 (1954), p. 259-60; <i>BCH</i> 78 (1954), p. 113; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 68.
(697)	T. Leste do T. de Clitemnestra.	Papadimitriou, I. <i>Prakt</i> (1954), p. 268; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 69, 121; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 217-18; Coldstream, J. N. <i>GPP</i> , 1968, p. 141-44
(698)	T. PG. 602	Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 50 (1955), p. 240-41; <i>BCH</i> 79 (1955), p. 232; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 68, 103.
(699)	T. G. 603	Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 50 (1955), p. 241-45; <i>BCH</i> 79 (1955), p. 232; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 70, 117; Coldstream, J. N. <i>GPP</i> , 1968, p. 113-15.
(700)	T. G. 604	Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 50 (1955), p. 245-47; <i>BCH</i> 79 (1955), p. 232; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 70, 117; Coldstream, J. N. <i>GPP</i> , 1968, p. 113-17.
(701)	T. G. 605	Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 51 (1956), p. 128-29; <i>BCH</i> 80 (1956), p. 262-63; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 70, 121; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 218; Coldstream, J. N. <i>GPP</i> , 1968, p. 141-44.
(702)	T. PG. 606	Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 51 (1956), p. 129-30; <i>BCH</i> 80 (1956), p. 262-63; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 68, 114; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 218.
(703)	T. G. 607	Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 68 (1973), p. 87-91; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 70, 117; <i>BCH</i> 85 (1961), p. 664; Coldstream, J. N. <i>GPP</i> , 1968, p. 113-17.
(704)	T. Cidade Baixa, Nordeste do Tesouro de Atreu. A	Mylonas, G. <i>ArchDelt</i> 19.2(1) (1964), p. 132-33; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 68, <i>BCH</i> 88 (1964), p. 725; <i>ArchRep</i> 1963-1964, p. 8.
(705)	T. Cidade Baixa, Nordeste do Tesouro de Atreu. B	Mylonas, G. <i>ArchDelt</i> 19.2(1) (1964), p. 132-33; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 68, <i>BCH</i> 88 (1964), p. 725; <i>ArchRep</i> 1963-1964, p. 8.
(706)	T. Γ 21	Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 68 (1973), p. 91-92; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 68, 114; <i>BCH</i> 89 (1965), p. 715.
(707)	T. Γ 23	Taylor, W. <i>ArchDelt</i> 20 (1965), p. 165; Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 68 (1973), p. 92-93; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 66, 68, 103; <i>BCH</i> 89 (1965), p. 715.
(708)	T. Γ 31	Taylor, W. <i>ArchDelt</i> 20 (1965), p. 165; Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 68 (1973), p. 94-98; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 65, 66, 111; <i>BCH</i> 89 (1965), p. 715.
(709)	T. YE III Γ Casa de Tsountas	Mylonas, G. <i>Ergon</i> (1971), p. 136; <i>Prakt</i> (1971), p. 151-52; Desborough, V.R.d'A. <i>BSA</i> 68 (1973), p. 100; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 65-66, 111.

Náuplia.

(710)	T. Palamidi.	Wide, S. <i>AM</i> 35 (1910), p. 34; Graef, B. <i>Die antiken Vasen von der Akropolis zu Athen</i> . 1909, p. 22; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72; Styrenius, G. <i>Submycenaean Studies</i> . 1967, p. 134, fig. 51.
(711)	T. Colina Palamidi.	Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 74; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 220.
(712)	T. Pronoia A	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1953), p. 194; <i>BHC</i> 78 (1954); 119; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 219.
(713)	T. Pronoia B	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1953), p. 194; <i>BHC</i> 78 (1954); 119; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 219.
(714)	T. Pronoia C	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1953), p. 195; <i>BHC</i> 78 (1954); 119; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72.
(715)	T. I	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1953), p. 191-92; <i>BHC</i> 78 (1954); 119; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 74, 143; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 219.
(716)	T. II	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1953), p. 192-3; <i>BHC</i> 78 (1954); 119; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 74, 143.
(717)	T. III	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1953), p. 192-93; <i>BHC</i> 78 (1954); 119; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 74 143; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 219.
(718)	T. IV	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1953), p. 191-92; <i>BHC</i> 78 (1954); 119; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 74 143; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 219.
(719)	T. XI	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1954), p. 233; <i>BHC</i> 79 (1955); 236-39; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 219.
(720)	T. XII	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1954), p. 233; <i>BHC</i> 79 (1955); 236-39; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 219.
(721)	T. XIII	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1954), p. 234; <i>BHC</i> 79 (1955); 236-39; Courbin, P. <i>RA</i> (1977), p. 327; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 219.
(722)	T. XIV	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1954), p. 234; <i>BHC</i> 79 (1955); 236-39; Courbin, P. <i>RA</i> (1977), p. 327; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 141.
(723)	T. XV	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1954), p. 234; <i>BHC</i> 79 (1955); 236-39; Courbin, P. <i>RA</i> (1977), p. 327; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 141.
(724)	T. XVI	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1954), p. 233; <i>BHC</i> 79 (1955); 236-39; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 219-20.
(725)	T. XVII	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1954), p. 233; <i>BHC</i> 79 (1955); 236-39; Courbin, RA (1977), p. 327; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 220.
(726)	T. XVIII	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1954), p. 234; <i>BHC</i> 79 (1955); 236-39; Courbin, RA (1977), p. 327; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 220.
(727)	T. XX	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1954), p. 232-33; <i>BHC</i> 79 (1955); 236-39; Courbin, RA (1977), p. 327; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 141; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 220.

(728)	T. XXI	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1954), p. 234, 35; Orlandos, A. K. <i>Ergon</i> (1954), p. 34; BHC 79 (1955), p. 236-39; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 218.
(729)	T. Pronoia Triantaphyllos	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1954), p. 193-94; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72, 74-75, 105; Foley, A. <i>SIMA</i> 80 (1988), p. 218-19.
(730)	T. 33? Pronoia Triantaphyllos.	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1955), p. 234; BHC 80 (1956); 266; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72-73, 117; BCH 80 (1956), p. 265-67.
(731)	T. 34. Pronoia Triantaphyllos.	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1955), p. 234; BHC 80 (1956); 266; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72-73, 117; BCH 80 (1956), p. 265-67.
(732)	T. Pronoia Triantaphyllos.	Charitonides, S. <i>Prakt</i> (1955), p. 234-35; BHC 80 (1956); 266; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72-73, 117; BCH 80 (1956), p. 265-67.
(733)	T. Praça Evangelistria. A.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973) [1977], p. 91; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72; Hägg, R. Tab.47. Texto não-publicado.
(734)	T. Praça Evangelistria. B.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973) [1977], p. 91; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72; Hägg, R. Tab.47. Texto não-publicado.
(735)	T. Praça Evangelistria. C.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973) [1977], p. 91; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72; Hägg, R. Tab.47. Texto não-publicado.
(736)	T. Praça Evangelistria. D.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 28:2 (1973) [1977], p. 91; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 72; Hägg, R. Tab.47. Texto não-publicado.

Lerna / Myloi.

(737)	T. Mte Pontinos. A	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 23 (1954), p. 7; BCH 78 (1954), p. 119; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63, 139.
(738)	T. D 13	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 24 (1955), p. 27; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63, 123.
(739)	T. PA 3-2a, 3-2b e 3-2c	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 25 (1956), p. 147-74; Angel, J. L. <i>Lerna II. The People</i> . 1971, p. 66-67; BCH 80 (1956), p. 270; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64.
(740)	T. PA 3-3	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 25 (1956), p. 147-74; Angel, J. L. <i>Lerna II. The People</i> . 1971, p. 66-67; BCH 80 (1956), p. 270; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64.
(741)	T. PA 3-5	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 25 (1956), p. 147-74; Angel, J. L. <i>Lerna II. The People</i> . 1971, p. 66-67; BCH 80 (1956), p. 270; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64.
(742)	T. PA 5-1a, 5-1b e 5-1c	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 25 (1956), p. 147-74; Angel, J. L. <i>Lerna II. The People</i> . 1971, p. 66-67; BCH 80 (1956), p. 270; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64.
(743)	T. PB 1-1	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 25 (1956), p. 147-74; Angel, J. L. <i>Lerna II. The People</i> . 1971, p. 66-67; BCH 80 (1956), p. 270; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64.
(744)	T. PB 1-2	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 25 (1956), p. 147-74; Angel, J. L. <i>Lerna II. The People</i> . 1971, p. 66-67; BCH 80 (1956), p. 270; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64.

(745)	T. PB 1-4	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 25 (1956), p. 147-74; Angel, J. L. <i>Lerna II. The People</i> . 1971, p. 66-67; BCH 80 (1956), p. 270; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64.
(746)	T. PB 2-2	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 25 (1956), p. 147-74; Angel, J. L. <i>Lerna II. The People</i> . 1971, p. 66-67; BCH 80 (1956), p. 270; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64.
(747)	T. 105 Ler	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 25 (1956), p. 147-74; Angel, J. L. <i>Lerna II. The People</i> . 1971, p. 66-67; BCH 80 (1956), p. 270; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64, 139.
(748)	T. pito	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 25 (1956), p. 147-74; Angel, J. L. <i>Lerna II. The People</i> . 1971, p. 66-67; BCH 80 (1956), p. 270; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64, 139.
(749)	T. PA 4-1	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 25 (1956), p. 147-74; Angel, J. L. <i>Lerna II. The People</i> . 1971, p. 66-67; BCH 80 (1956), p. 270; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64, 139.
(750)	T. Mte Pontinos. B	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 25 (1956), p. 147-74; Angel, J. L. <i>Lerna II. The People</i> . 1971, p. 66-67; BCH 80 (1956), p. 270; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64, 139.
(751)	T. PA 6-1	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 25 (1956), p. 147-74; Angel, J. L. <i>Lerna II. The People</i> . 1971, p. 66-67; BCH 80 (1956), p. 270; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64, 141; De Vries, K. <i>Hesperia</i> 43 (1974), p. 80-104.
(752)	T. Pito I	Caskey, J. <i>Hesperia</i> 26 (1957), p. 148; BCH 81 (1957), p. 538; Hägg, R. <i>BOREAS</i> 7:1, 1974, p. 63-64, 139.
(753)	T. Lote Aloni	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 22:2 1967 / 1968, p. 182. Hägg, R. Tab. 46: Grabfunde von Lerna (Nachtrag zu Tab. 11, oben S. 63) – Arquivo pessoal não publicado.
(754)	T. Lote Kachrimani	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 22:2 1967 / 1968, p. 182. Hägg, R. Tab. 46: Grabfunde von Lerna (Nachtrag zu Tab. 11, oben S. 63) – Arquivo pessoal não publicado.
(755)	T. III. Lote Kyrimni	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 22:2 1967 / 1968, p. 182. Hägg, R. Tab. 46: Grabfunde von Lerna (Nachtrag zu Tab. 11, oben S. 63) – Arquivo pessoal não publicado.
(756)	T. IV. Lote Kyrimni	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 22:2 1967 / 1968, p. 182. Hägg, R. Tab. 46: Grabfunde von Lerna (Nachtrag zu Tab. 11, oben S. 63) – Arquivo pessoal não publicado.
(757)	T. V. Lote Kyrimni	Papachristodoulou, I. <i>ArchDelt</i> 22:2 1967 / 1968, p. 182. Hägg, R. Tab. 46: Grabfunde von Lerna (Nachtrag zu Tab. 11, oben S. 63) – Arquivo pessoal não publicado.
(758)	T. I.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 26:2 1971 / 1974, p. 83. Hägg, R. Tab. 46: Grabfunde von Lerna (Nachtrag zu Tab. 11, oben S. 63) – Arquivo pessoal não publicado.
(759)	T. II.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 26:2 1971 / 1974, p. 83. Hägg, R. Tab. 46: Grabfunde von Lerna (Nachtrag zu Tab. 11, oben S. 63) – Arquivo pessoal não publicado.
(760)	T. III.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 26:2 1971 / 1974, p. 83. Hägg, R. Tab. 46: Grabfunde von Lerna (Nachtrag zu Tab. 11, oben S. 63) – Arquivo pessoal não publicado.
(761)	T. IV.	Protonotariou-Deilaki, E. <i>ArchDelt</i> 26:2 1971 / 1974, p. 83. Hägg, R. Tab. 46: Grabfunde von Lerna (Nachtrag zu Tab. 11, oben S. 63) – Arquivo pessoal não publicado.
(762)	T. Lote Irmãos Gyphtopoulos. A	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 29:2 1973 / 1974, p. 247. Hägg, R. Tab. 46: Grabfunde von Lerna (Nachtrag zu Tab. 11, oben S. 63) – Arquivo pessoal não publicado.

(763)	T. Lote Irmãos Gyphopoulos. B	Kritzas, Ch. <i>ArchDelt</i> 29:2 1973 / 1974, p. 247. Hägg, R. Tab. 46: Grabfunde von Lerna (Nachtrag zu Tab. 11, oben S. 63) – Arquivo pessoal não publicado.
-------	-------------------------------	---

Argos. Campanhas do SGA.

(764)	T. Cratera. E. e A. Xizi.	BCH 127 (2003), p. 762-63; Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 52 (1997) [2002], B1, p. 133-34.
(765)	T. 2. D. Giarenti e E. Didachou	BCH 127 (2003), p. 762-63; Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 52 (1997) [2002], B1, p. 133-34.
(766)	T. 3. D. Giarenti e E. Didachou	BCH 127 (2003), p. 762-63; Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 52 (1997) [2002], B1, p. 133-34.
(767)	T. 1. Kabaniari	BCH 127 (2003), p. 762-63; Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 52 (1997) [2002], B1, p. 133-34.
(768)	T. 3. Kabaniari	BCH 127 (2003), p. 762-63; Papadimitriou, A. <i>ArchDelt</i> 52 (1997) [2002], B1, p. 133-34.
(769)	T. 3. Xintaropoulou.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 111.
(770)	T. 10. Xintaropoulou.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 111.
(771)	T. 11. Xintaropoulou.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 111.
(772)	T. 13. Xintaropoulou.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 111.
(773)	T. 18. Xintaropoulou.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 111.
(774)	T. 19. Xintaropoulou.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 111.
(775)	T. 24. Xintaropoulou.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 111-12.
(776)	T. Pito 2. B. Petropoulou e K. Xampla	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 112.
(777)	T. 1. B. Petropoulou e K. Xampla	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 114.
(778)	T. 4. B. Petropoulou e K. Xampla	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 112.
(779)	T. 5. B. Petropoulou e K. Xampla	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 112.
(780)	T. 6. B. Petropoulou e K. Xampla	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 112.
(781)	T. 8. B. Petropoulou e K. Xampla	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 112.
(782)	T. 9. B. Petropoulou e K. Xampla	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 114.
(783)	T. ânfora 10. B. Petropoulou e K. Xampla	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 114.
(784)	T. urna funerária 11. B. Petropoulou e K. Xampla	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 114

(785)	T. 1. Vlogiari.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 115, 117.
(786)	T. Pito 2. Vlogiari.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 117.
(787)	T. 4. Vlogiari.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 117.
(788)	T. 5. Vlogiari.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 117.
(789)	T. 7. Vlogiari.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 117.
(790)	T. 11. Vlogiari.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 117.
(791)	T. 12. Vlogiari.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 117.
(792)	T. 14. Vlogiari.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 117.
(793)	T. 15. Vlogiari.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 117.
(794)	T. 16. Vlogiari.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 117.
(795)	T. 2. G. Kleiassou.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 117-19.
(796)	T. 3. G. Kleiassou.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Banaka-Dimaki, A. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 117-19.
(797)	T. 1. R. Tripoleos.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Kolia, E. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 121.
(798)	T. 2. R. Tripoleos.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Kolia, E. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 121.
(799)	T. 3. R. Tripoleos.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Kolia, E. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 121.
(800)	T. 4. R. Tripoleos.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Kolia, E. <i>ArchDelt</i> 53 (1998) [2004], B1, p. 121.
(801)	T. 1. Boulmeti.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 137-38.
(802)	T. 2. Boulmeti.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 137-38.
(803)	T. 3. Boulmeti.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 137-38.
(804)	T. 4. Boulmeti.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 137-38.
(805)	T. 5. Boulmeti.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 137-38.
(806)	T. 6. Boulmeti.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 137-38.
(807)	T. Pito 7. Boulmeti.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 137-38.
(808)	T. Pito 8. Boulmeti.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 137-38.
(809)	T. Pito 9. Boulmeti.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 137-38.

(810)	T. Pito 10. Boulmeti.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 137-38.
(811)	T. Pito 11. Boulmeti.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Piteros, Kh. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 137-38.
(812)	T. 1. A. Kazantzi.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 142-44.
(813)	T. 2. A. Kazantzi.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 142-44.
(814)	T. 4. A. Kazantzi.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 142-44.
(815)	T. 5. A. Kazantzi.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 142-44.
(816)	T. 6. A. Kazantzi.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 142-44.
(817)	T. 7. A. Kazantzi.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 142-44.
(818)	T. 8. A. Kazantzi.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 142-44.
(819)	T. 9. A. Kazantzi.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 142-44.
(820)	T. 10. A. Kazantzi.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 142-44.
(821)	T. 11. A. Kazantzi.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 142-44.
(822)	T. X. e E. Dagre. Cista.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 145.
(823)	T. X. e E. Dagre. Pito.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 145.
(824)	T. X. e E. Dagre. Cova simples. A.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 145.
(825)	T. X. e E. Dagre. Cova simples. B.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 145.
(826)	T. X. e E. Dagre. Cova simples. C.	BCH 128-129 (2004-2005), p. 1315-18; Pappi, E. <i>ArchDelt</i> 54 (1999) [2005], B1, p. 145.

editoração, ctp, impressão e acabamento

10 anos | **imprensaoficial**
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. João Grandino Rodas

Vice-Reitor Prof. Dr. Helio Nogueira da Cruz

Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

Pró-Reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Pró-Reitoria de Graduação

Pró-Reitora: Profa. Dra. Telma Maria Tenorio Zorn

Pró-Reitoria de Pesquisa

Pró-Reitor: Prof. Dr. Marco Antonio Zago

Pró-Reitoria de Pós-Graduação

Pró-Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Diretora: Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano

Vice-Diretora: Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso

Conselho Deliberativo: Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano
Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso
Profa. Dra. Fabíola Andréa Silva
Prof. Dr. Astolfo Gomes de Mello Araujo
Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming
Prof. Dr. Camilo de Mello Vasconcellos
Prof. Dr. José Luiz de Moraes
Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata
Profa. Dra. Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos
Dra. Carla Gibertoni Carneiro
Dra. Célia Maria Cristina Demartini
Ms. Regina Helena Rezende Bechelli



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

PPGA – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia

